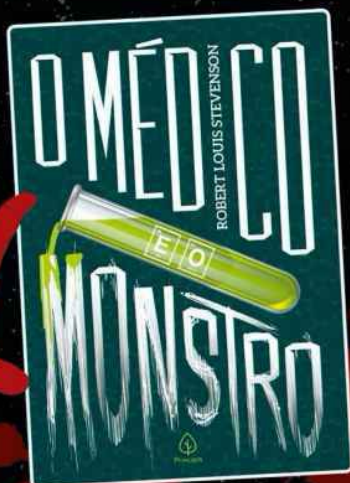


E-BOOK

MESTRES DO TERROR

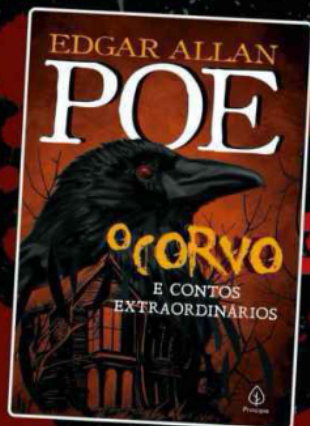
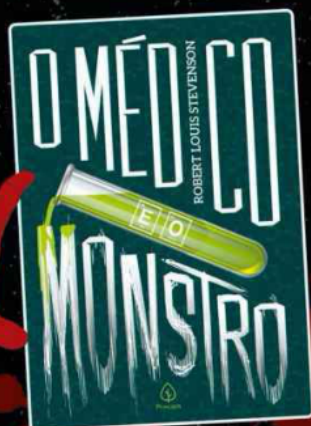


VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

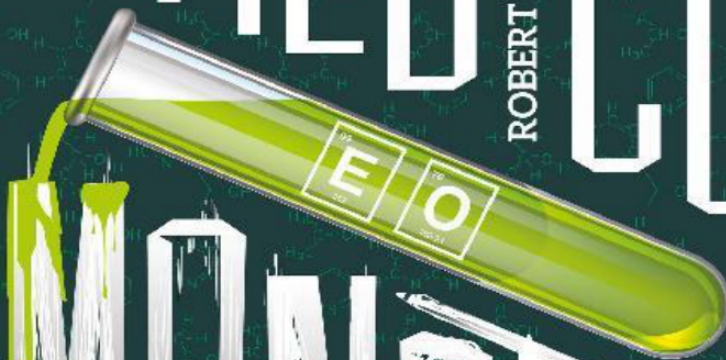
E-BOOK

MESTRES DO TERROR



OMÉD CO

ROBERT LOUIS STEVENSON



MINISTRO



Principis

Tradução Silvío Antunha

O MÉDICO

ROBERT LOUIS STEVENSON



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
Editora e Distribuidora Ltda.

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Produção: Ciranda Cultural

Tradução: Silvio Antunha

Projeto gráfico e revisão: Casa de Ideias

Ebook: Jarbas C. Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S847m Stevenson, Robert Louis, 1850-1894

O médico e o monstro [recurso eletrônico] / Robert Louis Stevenson ; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP : Principis, 2020.

96 p. ; ePUB ; 2,5 MB. – (Literatura Clássica Mundial)
Tradução de: The strange case of Dr Jekyll and Mr Hyde
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-049-1 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Antunha, Silvio. II.
Título. III. Série.
2020-1166

CDD 823.91
CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Ficção 823.91
2. Literatura inglesa : Ficção 821.111-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

1.

A história da porta



O sr. Utterson, advogado, era um homem sisudo que nunca sorria; frio, comedido e envergonhado na hora de falar; retraído nos sentimentos; também alto, magro, grisalho e tristonho. Apesar disso, ainda conseguia ser uma pessoa amável. Nos encontros com amigos e quando o vinho era de seu agrado, alguma coisa eminentemente humana brilhava em seus olhos; na verdade, era algo que jamais o acompanhava na conversa. Transparecia, em vez disso, não somente nos sinais silenciosos de seu rosto após o jantar, mas, com maior frequência e com maior vulto, nas atitudes de sua vida. Era austero consigo mesmo; bebia gim quando estava sozinho para testar o sabor das diferentes safras; e, embora gostasse de teatro, não passava pelas portas de um deles havia mais de vinte anos. Contudo, possuía comprovada tolerância com os outros, às vezes surpreendendo-se, quase sentindo inveja, da alta pressão dos ânimos envolvidos nas maldades dessas pessoas. E, em situações extremas, ele era mais inclinado a ajudar que a reprovar.

“Tenho um pendor pela heresia de Caim”, ele costumava dizer. “Deixo meu irmão se entregar ao diabo de forma peculiar: ‘por conta própria.’” Por causa desse temperamento, não raro era seu destino ser o último conhecido respeitável e a última boa influência na vida de homens desregrados. E para gente assim, tão logo chegavam a seu escritório, ele jamais demonstrava a menor sombra de mudança em sua conduta.

Sem dúvida era algo fácil para o sr. Utterson, pois, na melhor das hipóteses, ele era pouco comunicativo e até sua amizade parecia se basear na mesma generosa boa índole. É característica do homem modesto aceitar em seu círculo as amizades preparadas pelas mãos da oportunidade, e esse era o jeito do advogado. Seus amigos eram

parentes, gente do próprio sangue, ou pessoas que ele conhecia havia muito tempo. Seus relacionamentos afetivos, como as folhinhas de hera, desenvolviam-se com o tempo, não implicavam nenhuma aptidão do sr. Utterson em cultivá-los. Daí, sem dúvida, o laço que o unia ao sr. Richard Enfield, um parente distante, homem bom conhecedor da cidade. Para muitos, era difícil entender o que esses dois tinham a ver um com o outro, ou quais interesses poderiam compartilhar. Pessoas que os encontravam em sua caminhada aos domingos relatavam que eles não diziam nada, pareciam singularmente entediados e saudavam, obviamente com alívio, o aparecimento de algum amigo. Apesar de tudo, os dois homens atribuíam a maior importância a essas excursões, colocando-as como o momento mais precioso de cada semana e não como meras e eventuais ocasiões de prazer, pois resistiam inclusive a convites de negócios, para que pudessem desfrutá-las sem interrupções.

Acontece que, num desses passeios, eles se encaminharam para uma viela num movimentado bairro de Londres. Era uma rua pequena, que podia ser considerada tranquila, embora sediasse um comércio próspero nos dias úteis. Pelo que parecia, todos os moradores estavam se saindo bem, todos se rivalizavam na esperança de se sair ainda

melhor e investiam o excedente de seus ganhos em embelezamento, de modo que a fachada das lojas se mostrasse com ar convidativo ao longo da via, como se fossem fileiras de vendedoras sorridentes. Mesmo aos domingos, quando revelava seus encantos mais floridos e ficava com a passagem vazia, a rua brilhava em contraste com o bairro sujo, tal como o fogo numa floresta. E com suas persianas recém-pintadas, os metais bem polidos, a limpeza geral e a alegria digna de nota, instantaneamente captava e agradava o olhar dos transeuntes.

Duas portas depois de uma esquina, na mão esquerda indo para o leste, a linha era quebrada pela entrada de um pátio. Bem nesse ponto, o bloco de uma certa construção sinistra empurrava seu frontispício por cima da rua. Tinha dois andares de altura, não mostrava nenhuma janela e nada além de uma porta no andar inferior, com um frontão cego de parede desbotado na parte superior, carregando em cada detalhe as marcas de uma negligência prolongada e sórdida. A porta, não equipada nem com campainha nem com aldrava, era descorada e cheia de bolhas. Vagabundos encostavam-se no recuo e acendiam fósforos nos batentes. Crianças colocavam coisas nos degraus, um

estudante testava sua faca nos umbrais e fazia quase uma geração que ninguém aparecia para afastar esses visitantes aleatórios ou para consertar os estragos causados por eles.

O sr. Enfield e o advogado estavam do outro lado da viela, mas, quando ficaram de frente para a entrada, o primeiro ergueu a bengala e apontou.

– Já reparou naquela porta? – perguntou. Quando o companheiro respondeu afirmativamente, ele acrescentou: – Está conectada em minha mente com uma história muito esquisita.

– É mesmo? – estranhou o sr. Utterson, com uma ligeira mudança de voz. – Como assim?

– Bem, foi o seguinte – respondeu Enfield. – Eu voltava de alguma parte do fim do mundo, lá pelas três horas de uma madrugada de inverno rigoroso. Meu caminho passava por uma parte da cidade onde não havia nada a ser visto além de lâmpadas. Rua após rua, e todas as pessoas dormiam – rua após rua, todas iluminadas como se para uma procissão e tão vazias quanto uma igreja –, até que finalmente entrei naquele estado de espírito em que o homem escuta, escuta e começa a sentir vontade de avistar um policial. De repente, vi duas figuras: uma de um homenzinho que andava apressado para o leste, e a outra de uma menina de oito ou talvez dez anos de idade, que corria o máximo que podia por uma rua transversal. Muito bem, senhor, ambos acabaram se trombando quase que naturalmente na esquina. E então veio a parte horrível da coisa: o homem pisoteou calmamente o corpo da criança e deixou-a gritando no chão. Não dava para ouvir nada, mas era infernal de ver. Ele não parecia um homem, era mais como uma maldita carroça. Dei uma olhada, corri, agarrei o cavalheiro e o trouxe de volta para o local em que já havia um grupo reunido onde a criança gritava. Ele foi completamente frio e não ofereceu nenhuma resistência, mas olhou para mim com uma cara tão feia que me fez suar como se estivesse correndo. As pessoas que tinham chegado eram da própria família da garota. E, num curto espaço de tempo, o médico, a quem foi encaminhada, apareceu. Bem, a criança não estava mal, foi mais um susto, de acordo com os Sawbones. E, então, você deve ter suposto que tudo terminou assim, mas havia uma circunstância curiosa. Fiquei tomado de rancor pelo cavalheiro à primeira vista, assim como a família da criança, o que era simplesmente natural, mas foi o caso do médico o que me surpreendeu. Ele era um típico boticário, sem faixa etária ou cor da pele identificável, com forte sotaque de Edimburgo e tão emotivo quanto uma gaita de foles. Bem, senhor, ele era como qualquer um de nós. Cada vez que ele olhava

para o meu prisioneiro, eu via aquele Sawbones ficar doente e pálido de vontade de matá-lo. Eu sabia o que se passava na mente dele, assim como ele sabia o que se passava na minha. E, como matar estava fora de questão, fizemos nosso melhor papel. Dissemos ao homem que podíamos e faríamos um tal escândalo a respeito disso, que o nome dele ficaria emporcalhado de um lado a outro de Londres. Se ele tivesse algum amigo ou algum crédito, garantiríamos que ele haveria de perdê-los. E o tempo todo, enquanto o lançávamos no caldeirão fervente, mantivemos as mulheres afastadas dele o quanto pudemos, pois eram enfurecidas como harpias. Nunca vi um círculo de rostos com tanto ódio. E lá estava o homem no meio, com uma espécie de frieza obscura e sarcástica. Eu podia perceber que ele estava assustado; mas, tirando isso, senhor, realmente ele parecia Satanás. “Se vocês optarem por levar esse acidente às últimas consequências”, ele disse, “é claro que estarei perdido. Nenhum cavalheiro, mais do que eu, deseja evitar uma cena”, ele acrescentou. “Digam quanto vão querer de indenização.” Bem, exigimos cem libras dele para a família da criança. Ele claramente gostaria de dar o fora. Para nós, em tudo aquilo havia algo que cheirava a maldade. Por fim ele cedeu. O passo seguinte seria pegar o dinheiro. E onde você acha que ele nos levou, senão àquele lugar com a porta? Ele sacou uma chave e entrou. Em seguida, voltou com cerca de dez libras em ouro e um cheque do banco Coutts para o saldo restante, a ser pago ao portador, assinado com um nome que não posso mencionar, embora seja esse um dos pontos fortes da minha história; mas, enfim, pelo menos era um nome muito conhecido e muitas vezes publicado. A caligrafia dos números era grosseira, mas a assinatura era bem-feita demais para ser legítima. Tomei a liberdade de dizer ao cavalheiro que todo aquele negócio parecia apócrifo e que, na verdade, um homem não entrava pela porta de um porão às quatro da manhã e saía com um cheque de quase cem libras de outro homem, mas ele estava muito à vontade e zombou: “Calma, vou ficar com vocês até o banco abrir e pagar o cheque”. Assim, todos nós nos juntamos: eu, o médico, o pai da criança, o nosso amigo, e passamos o resto da noite no meu escritório. No dia seguinte, após o desjejum, fomos em grupo até o banco. Eu pessoalmente descontei o cheque, dizendo que tinha todos os motivos para acreditar ser uma falsificação. Nada disso, o cheque era legítimo.

– Puxa vida! – exclamou o sr. Utterson.

– Vejo que se sente como eu – disse o sr. Enfield. – Sim, é uma história ruim, pois o meu cavalheiro era um sujeito que não tinha nada a ver com ninguém, era um homem realmente condenável, e a

pessoa que assinou o cheque é o verdadeiro dono dos bens, também muito conhecido, um daqueles companheiros (o que é muito pior) que praticam o que chamam de caridade. É chantagem, acredito, algum homem honesto atolado até o nariz, que paga por alguma estripulia da juventude. Portanto, é de Casa do Chantagista que eu chamo o lugar com essa porta. Mesmo assim, como você sabe, isso está longe de explicar tudo – ele acrescentou.

Com essas palavras, ele entrou num ciclo de reflexão e só voltou à tona quando o sr. Utterson lhe perguntou de repente:

– Sabe se a escrivania onde ele guarda o cheque fica lá?

– Seria um lugar provável, não é? – respondeu o sr. Enfield. – Mas ele mora numa praça aqui perto e por acaso anotei seu endereço.

– E você nunca perguntou sobre... o local dessa porta? – indagou o sr. Utterson.

– Não, senhor, eu tive esse pudor – foi a resposta. – Eu me sinto muito mal em levantar questionamentos. É como fazer parte de algo bem ao estilo do dia do juízo final. Quando você faz uma pergunta, é como se atirasse uma pedra. Está sentado calmamente no alto do morro, atira uma pedra e depois outra. Então, um vizinho muito velho e sem graça (a última pessoa do mundo em quem você pensaria) é atingido na cabeça no próprio quintal da casa dele, e a sua família tem que mudar de nome. Não, senhor, eu faço disso uma regra minha: quanto mais parecida for com a Queer Street (a rua Estranha), menos perguntas eu faço.

– Certamente uma regra muito boa – elogiou o advogado.

– Mas estudei o lugar por conta própria – continuou o sr. Enfield. – Quase nem parece uma casa, não existe outra porta e ninguém entra ou sai de lá, a não ser o cavalheiro da minha aventura, de vez em quando. O local possui três janelas que dão para o pátio no primeiro andar, sem nenhuma embaixo. As janelas estão sempre fechadas, mas são limpas. E há uma chaminé que geralmente está fumegando, por isso alguém deve morar lá. Mas não é certeza, pois as construções são tão grudadas com esse pátio que é difícil dizer onde uma propriedade termina e onde começa a outra.

Os dois caminharam novamente por um tempo em silêncio e então:

– Enfield – disse o sr. Utterson –, essa sua regra é muito boa.

– Sim, acho que sim – retrucou Enfield.

– Então, por causa de tudo isso – continuou o advogado –, há um ponto a esclarecer: quero saber o nome desse homem que pisou na criança.

– Bem, não vejo nenhum mal nisso. Era um homem de nome Hyde

– disse o sr. Enfield.

– Hum! E que tipo de homem seria? – Utterson quis saber.

– Ele não é fácil de descrever. Há algo de errado com sua aparência. Ele é desagradável, caído, repulsivo. Nunca vi um homem tão repugnante e, no entanto, mal sei por quê. Ele deve ser desfigurado em alguma parte do corpo, pois provoca forte sensação de deformidade, embora eu não possa especificar o ponto. Não é um homem de aparência normal; mas, na verdade, eu não saberia apontar nada fora do padrão. Não, senhor, não posso fazer nenhum caso disso. Não consigo descrevê-lo e não é por falta de memória, pois declaro que posso vê-lo nesse momento.

O sr. Utterson caminhou outra vez em silêncio e obviamente sob o peso da ponderação.

– Tem certeza de que ele usou uma chave? – finalmente ele perguntou.

– Meu caro senhor... – começou Enfield, surpreso consigo mesmo.

– Sim, eu sei – disse Utterson. – Sei que deve parecer estranho, mas o fato é que, se eu não lhe pergunto o nome da outra pessoa, é porque já sei quem é. Veja, Richard, sua história deu em nada. Se você foi inexato em algum ponto, então é melhor corrigi-lo.

– Acho que você poderia ter me avisado – respondeu o companheiro, com um toque de mau humor. – Mas tenho sido pedantemente exato, como você diz. O sujeito tinha a chave e, além do mais, ainda a tem. Eu o vi usá-la não faz uma semana.

O sr. Utterson suspirou profundamente, mas não disse uma palavra. E o jovem logo prosseguiu:

– Essa é outra lição de que não se deve dizer nada – falou. – Estou envergonhado da minha língua comprida. Vamos fazer um acordo para nunca mais nos referirmos a isso.

– De todo o meu coração – disse o advogado. – Estamos de acordo quanto a isso, Richard.

2.

A busca pelo sr. Hyde



Naquela noite, com o espírito sombrio, o sr. Utterson voltou para sua casa de solteirão e foi jantar, mas comeu sem gosto. Aos domingos, quando terminava essa refeição, ele costumava se sentar perto da lareira, com um volume de algum texto religioso em sua mesa de leitura, até que o relógio da igreja vizinha soasse à meia-noite, quando então ia sóbrio e agradecido para a cama. Nessa noite, porém, assim que a toalha de mesa foi recolhida, ele pegou uma vela, entrou em seu escritório, onde abriu o cofre, tirou da parte mais funda um documento em cujo envelope se lia “Testamento do dr. Jekyll” e sentou-se, com a testa enrugada, para estudar seu conteúdo. O testamento era manuscrito, pois o sr. Utterson, embora tomasse conta desse documento agora que estava pronto, recusara-se a prestar o menor auxílio na sua elaboração, pois previa nada mais e nada menos, no caso da morte de Henry Jekyll, Doutor em Medicina, Doutor em Direito Civil, Doutor em Leis, Membro da Real Sociedade etc., que todos os seus bens passariam às mãos de seu “amigo e benfeitor Edward Hyde”. E que, em caso de “desaparecimento ou ausência inexplicável por qualquer período superior a três meses corridos” do dr. Jekyll, o dito Edward Hyde deveria se colocar no lugar do referido Henry Jekyll sem mais delongas e livre de quaisquer encargos ou obrigações, a não ser o pagamento de algumas pequenas despesas aos membros da residência do médico.

Fazia muito tempo que aquele documento horrorizava o advogado. Ofendia-o tanto como jurista quanto como apreciador dos lados sadios e costumeiros da vida, para quem ser imodesto era um capricho. Até então, a ignorância sobre o sr. Hyde era que alimentava sua indignação. Agora, depois dessa mudança repentina, era o conhecimento. Já bastante ruim quando se tratava apenas de um

sobrenome do qual ele não sabia absolutamente nada, ficava bem pior quando começou a ser revestido de atributos detestáveis. E, a partir dessa alteração, as nebulosidades inconsistentes, que havia muito tempo deixavam seu olhar perplexo, agora saltavam para a apresentação repentina e definida de um demônio.

– Achei que fosse loucura – ele disse, enquanto recolocava o desagradável papel em segurança no cofre –, mas agora começo a temer que seja uma desgraça.

Com isso, apagou a vela, vestiu um casaco e partiu na direção da Cavendish Square, aquele bastião da medicina, onde seu amigo, o grande dr. Lanyon, tinha consultório e recebia uma multidão de pacientes. “Se alguém souber de alguma coisa, será o Lanyon” – pensou.

O mordomo solene, que já o conhecia, recebeu-o sem submetê-lo a nenhuma espera. Apenas conduziu-o diretamente da porta para a sala de jantar, onde o dr. Lanyon estava sentado sozinho apreciando seu vinho. Tratava-se de um cavalheiro saudável, elegante, de rosto avermelhado, com uma mecha de cabelos prematuramente brancos e modos estouvados e resolutos. Ao ver o sr. Utterson, ele se ergueu da cadeira e lhe deu as boas-vindas com ambas as mãos. A simpatia, característica desse homem, era um tanto teatral aos olhos do outro, mas repousava sobre um sentimento genuíno. Afinal, eram velhos amigos, velhos companheiros, tanto de escola quanto de faculdade, respeitadores profundos de si mesmos e um do outro e, o que nem sempre acontece, homens que desfrutavam da companhia mútua.

Depois de uma breve conversa, o advogado introduziu o assunto tão desagradável que preocupava sua mente.

– Suponho, Lanyon – ele disse –, que você e eu devemos ser os dois amigos mais antigos de Henry Jekyll?

– Queria que meus amigos fossem mais jovens – brincou o dr. Lanyon. – Mas suponho que sim. O que houve? Faz tempo que não o vejo.

– É mesmo? – disse Utterson. – Pensei que vocês tivessem vínculos de interesse comum.

– Tivemos – foi a resposta –, mas isso foi há mais de dez anos, a partir de quando Henry Jekyll tornou-se demasiado fantasioso para mim. Ele começou a cometer erros, a pensar errado. E, embora eu naturalmente continuasse a ter interesse por ele, em nome dos velhos tempos, como dizem por aí, quase não tenho sabido nada a seu respeito. Tudo por causa daquele disparate não científico – acrescentou o médico, ruborizando de repente, a ponto de quase ficar

roxo –, que teria distanciado até mesmo os amigos leais Damão e Pítias, da lenda grega.

Esse pequeno desabafo temperamental foi de certo modo um alívio para o sr. Utterson. “Eles só discordaram sobre algum ponto da ciência” – pensou. E, sendo um homem sem paixões científicas (exceto em matéria de escrituras de compra, venda e transferência de propriedades), ele mesmo acrescentou para si: “não há nada que vá além disso”. Deu ao amigo alguns segundos para recuperar sua compostura e, em seguida, fez a pergunta que lhe interessava colocar.

– Conheceu um protegido dele, um certo Hyde? – perguntou.

– Hyde? – repetiu Lanyon. – Não. Nunca ouvi falar dele, desde a minha época.

Foram essas informações que o advogado levou consigo para a grande cama escura na qual se revirou de um lado para o outro, até que as horas da madrugada começaram a aumentar. Foi uma noite intranquila para sua mente laboriosa, debatendo-se na mais pura escuridão e cercado de dúvidas.

Às seis horas da manhã, quando bateram os sinos da igreja, que ficavam tão convenientemente próximos da moradia do sr. Utterson, ele ainda estava remoendo o problema. Até então, ele o tinha tocado apenas pelo lado intelectual, mas agora sua imaginação também estava envolvida, ou melhor, escravizada. E, enquanto virava e revirava na escuridão da noite e do quarto com cortinas, a história de Enfield passava por sua mente numa sequência de quadros iluminados. Ele observava o grande campo de luzes de uma cidade noturna, depois a figura de um homem andando rapidamente, em seguida uma criança correndo do médico. Então todos se encontravam e aquela carroça humana pisoteava a menina e ia embora, não obstante os gritos dela. Ou, ainda, ele via um quarto numa casa rica, onde seu amigo dormia, sonhava e sorria durante os sonhos. E daí a porta desse quarto se abria, as cortinas da cama eram arrancadas, o dorminhoco chamado e, ao seu lado, surgia uma figura com o poder de, mesmo naquela hora morta, obrigá-lo a se levantar e a fazer o que era ordenado. A figura nessas duas fases assombrou o advogado a noite toda. E se a qualquer momento ele adormecia, era apenas para vê-lo deslizar mais furtivamente pelas casas adormecidas ou para se locomover com uma rapidez quase estonteante pelos labirintos mais amplos da cidade iluminada e em cada canto de rua, para pisotear uma criança e deixá-la gritando. E ainda assim a figura não tinha nenhum rosto a ser reconhecido. Mesmo nos sonhos, não tinha rosto. Ou, se tivesse, esse rosto o confundia e derretia diante de seus olhos.

Foi assim que surgiu e cresceu rapidamente na mente do advogado uma curiosidade singularmente forte, quase desordenada, de contemplar as feições do verdadeiro sr. Hyde. Se pudesse fixar os olhos nele, achava que o mistério se iluminaria e talvez se desenrolasse completamente, como era o hábito de coisas misteriosas quando bem examinadas. Ele poderia ver alguma razão para a estranha preferência ou escravidão do seu amigo (chame-a como quiser) e até mesmo para a surpreendente cláusula do testamento. Pelo menos seria um rosto digno de ser visto. O rosto de um homem que não tinha compaixão, um rosto que só precisava se mostrar para levantar, na mente não impressionável de Enfield, um duradouro espírito de ódio.

A partir daquela noite, o sr. Utterson começou a ficar obcecado pela porta na viela de lojas. De manhã, antes do horário de expediente; ao meio-dia, quando os negócios eram muitos, e o tempo, escasso; e à noite, sob o luar embaçado pelas luzes e por todas as horas de solidão ou de ajuntamento na cidade, o advogado podia ser encontrado em seu posto preferido.

“Se ele é o sr. Hyde, aquele que se esconde, então serei o sr. Seek, aquele que procura” – pensou.

Finalmente sua paciência foi recompensada, numa noite bem seca, com o ar gelado e as ruas tão limpas quanto o chão de um salão de baile. As lâmpadas, inabaláveis a qualquer vento, desenhavam um padrão regular de luzes e sombras. Às dez horas, quando as lojas estavam fechadas, a viela ficava totalmente deserta e muito silenciosa, apesar do rosnado constante de Londres por todos os cantos, pequenos sons levados ao longe, sons domésticos das casas, claramente audíveis em ambos os lados da calçada. O rumor da aproximação de qualquer transeunte o antecedia por um bom tempo. O sr. Utterson estivera alguns minutos em seu posto, quando tomou ciência de um passo leve e estranho se aproximando. No decorrer de suas patrulhas noturnas, havia muito ele se acostumara com o efeito pitoresco com que o som dos passos de uma única pessoa, embora ainda muito distante, repentinamente se destacava do vasto e ruidoso zumbido da cidade. No entanto, sua atenção nunca tinha sido tão intensa e decisivamente atraída. Portanto, foi com forte e supersticiosa previsão de sucesso que ele se retirou para a entrada do pátio.

Os passos se aproximavam cada vez mais rápido, e o som aumentou de repente, quando viraram o fim da rua. O advogado, olhando para a entrada, logo pôde ver com que tipo de homem teria que lidar. Era pequeno e muito bem-vestido. Seu olhar, mesmo àquela

distância, de alguma forma contrariava fortemente a inclinação do observador. O homem seguiu diretamente para a porta, cruzando a calçada para economizar tempo. Quando chegou, tirou uma chave do bolso como se estivesse se aproximando de casa.

O sr. Utterson adiantou-se e tocou-o no ombro quando ele passou.

– É o sr. Hyde, certo?

O sr. Hyde encolheu-se de volta e respirou fundo, sibilante, mas seu medo foi apenas momentâneo. Embora não olhasse na cara do advogado, respondeu com suficiente frieza:

– Esse é o meu nome. O que deseja?

– Vejo que está entrando – respondeu o advogado. – Sou um velho amigo do dr. Jekyll, o sr. Utterson, de Gaunt Street. O senhor já deve ter ouvido falar do meu nome. E, ao encontrá-lo tão convenientemente, pensei se não poderia me receber.

– Não vai encontrar o dr. Jekyll, ele não está em casa – replicou o sr. Hyde, introduzindo a chave com violência na fechadura. E então, de repente, mas ainda sem olhar para cima: – Como me reconheceu? – perguntou.

– De sua parte – disse o sr. Utterson –, poderia me fazer um favor?

– Com prazer – o outro replicou. – E o que seria?

– Posso ver seu rosto? – perguntou o advogado.

O sr. Hyde pareceu hesitar e, então, como se fizesse alguma reflexão súbita, ficou de frente com certo ar de desafio. Os dois se encaram fixamente por alguns segundos.

– Agora já consigo reconhecê-lo de novo – disse o sr. Utterson. – Isso pode ser útil.

– Sim – respondeu o sr. Hyde –, foi bem assim que nos encontramos. E, a propósito, fique com meu endereço.

E lhe deu o número de uma rua em Soho. “Bom Deus” – pensou o sr. Utterson – “ele também deve estar pensando no testamento.” Mas guardou suas impressões para si mesmo e apenas grunhiu um agradecimento pelo endereço.

– E, então – insistiu o outro –, como me reconheceu?

– Pela descrição – foi a resposta.

– Quem fez a descrição?

– Temos amigos em comum – disse o sr. Utterson.

– Amigos em comum? – repetiu o sr. Hyde, um pouco rouco.

– Quem seriam eles?

– Jekyll, por exemplo – disse o advogado.

– Ele nunca falou do senhor – exclamou Edward Hyde, corando de raiva. – Não achei que o senhor mentisse.

– Convenhamos – disse o sr. Utterson –, essa não é uma linguagem adequada.

O outro rosnou alto, numa gargalhada selvagem. No momento seguinte, com extraordinária rapidez, destrancou a porta e desapareceu na casa.

O advogado demorou um pouco para se recuperar do quadro de inquietação em que o sr. Hyde o deixou. Então, lentamente começou a subir a rua, parando a cada passo ou dois, colocando a mão na testa como um homem em perplexidade mental. O problema com que ele assim se debatia enquanto andava era da mesma categoria de um daqueles que raramente era resolvido. O sr. Hyde era pálido e nanico, dava a impressão de deformidade sem qualquer malformação nomeável, tinha sorriso desagradável, havia se dirigido ao advogado com uma espécie de mistura assassina de timidez e ousadia e falava com voz rouca e sussurrante, um tanto entrecortada. Todos esses eram pontos contra ele, mas nem todos juntos poderiam explicar a desconfiança, o ódio e o medo até então desconhecidos com que o sr. Utterson o considerava.

– Deve ser outra coisa – murmurou o perplexo cavalheiro. – Há algo mais, se ao menos eu pudesse dar nome ao que é. Deus me perdoe, o indivíduo quase não parece humano! Digamos que ele possui algo de troglodítico! Quem sabe não seria como na velha história do dr. Fell, “não sei por quê, mas não gosto de você”? Ou talvez não passe do mero resplendor de uma alma imunda transpirando e transfigurando seu exterior de argila? Creio que é essa última hipótese. Ora, meu pobre e velho Harry Jekyll, se alguma vez eu li a assinatura de Satanás no rosto de alguém, foi no desse seu novo conhecido.

Logo ao virar na esquina da viela, havia uma praça repleta de casas antigas e bonitas, a maior parte delas atualmente eram propriedades caras, mas decadentes, transformadas em apartamentos e cômodos para homens de todos os tipos e condições: gravadores de mapas, arquitetos, advogados e agentes de atividades obscuras. Uma casa, no entanto, a segunda a partir da esquina, ainda estava ocupada por inteiro. Foi na porta dela – que ostentava ares de grande riqueza e conforto, embora no momento estivesse mergulhada na escuridão, exceto pela luz do vitrô basculante – que o sr. Utterson parou e bateu. Um criado idoso e bem-vestido abriu a porta.

– O dr. Jekyll está em casa, Poole? – perguntou o advogado.

– Vou ver, sr. Utterson – disse Poole, recebendo o visitante enquanto falava num salão grande e confortável, de teto baixo e

ladeado por bandeiras, aquecido (à moda de uma casa de campo) por uma lareira acesa e mobiliado com ricos gabinetes de carvalho. – O senhor poderia esperar aqui perto da lareira? Ou prefere que eu ilumine a sala de jantar?

– Aqui, obrigado. – Ele se aproximou e apoiou-se na alta grade guarda-fogo.

A sala na qual ele estava agora sozinho era uma fantasia de estimação do amigo, o médico. E o próprio Utterson costumava falar dela como o espaço mais agradável de Londres. Mas, naquela noite, um estremecimento percorreu sua corrente sanguínea. O rosto de Hyde pesava em sua memória. Ele sentia (o que era raro) náusea e desgosto pela vida. E na melancolia de seus humores parecia ler ameaças na luz bruxuleante da lareira, dançando nos armários polidos e no princípio incerto da sombra no telhado. Ficou envergonhado de sentir alívio quando Poole voltou para anunciar que o dr. Jekyll tinha saído.

– Eu vi o sr. Hyde entrar pela velha porta da sala de dissecação, Poole – ele comentou. – Isso é certo, mesmo quando o dr. Jekyll não está em casa?

– Não há nada de errado, caro sr. Utterson – respondeu o criado. – O sr. Hyde tem a chave.

– Seu patrão parece ter muita confiança no rapaz, Poole – retomou o outro, pensativo.

– Sim, senhor, com certeza – disse Poole. – Todos temos ordens para obedecer a ele.

– Será que já conheci o sr. Hyde? – perguntou Utterson.

– Ora, creio que não, senhor! Ele nunca janta aqui – respondeu o mordomo. – Na verdade, nós o vemos muito pouco nesse lado da casa. Na maioria das vezes, ele entra e sai pelo laboratório.

– Muito bem! Boa noite, Poole.

– Boa noite, sr. Utterson.

E o advogado partiu para casa com o coração muito pesado. “Pobre Harry Jekyll” – ele pensou – “a minha mente desconfia de que ele esteja se afogando em águas profundas! Ele era indomável quando jovem, mas isso foi há muito tempo, certamente. Mas, na lei de Deus, não há estatuto de limitações. Sim, deve ser isso. O fantasma de algum velho pecado, o câncer de alguma desculpa oculta: o castigo chegou claudicando, anos depois de a memória ter esquecido e de o amor-próprio ter tolerado a culpa.”

Assustado com tal pensamento, o advogado meditou um pouco sobre seu próprio passado, tateando em todos os cantos da memória

para ver se por acaso alguma caixinha de surpresas de alguma velha iniquidade não surgiria então. Seu passado era razoavelmente inocente. Poucos homens podiam ler as reviravoltas da vida com menos apreensão. Contudo, desceu humildemente ao pó pelas muitas coisas erradas que tinha feito, de onde ressurgiu com gratidão sóbria e terrível pelo muito que esteve tão perto de fazer, mas conseguiu evitar. Então, retornando ao seu antigo assunto, concebeu uma faísca de esperança. “Se esse mestre Hyde for estudado” – pensou ele – “deve ter seus próprios segredos, segredos negros pelo visto, segredos que em comparação com o pior do pobre Jekyll seriam como o sol. As coisas não podem continuar como estão. Sinto calafrios de pensar nessa criatura movendo-se furtivamente como um ladrão à cabeceira de Harry. Pobre Harry, que provação, que perigo! Pois se esse Hyde suspeitar da existência do testamento, pode ficar impaciente por causa da herança. Sim, preciso entrar em ação, basta Jekyll permitir” – acrescentou – “basta apenas Jekyll permitir”. Por mais uma vez ele viu passar na mente, tão claras como transparências, as estranhas cláusulas do testamento.

3.

O dr. Jekyll estava muito tranquilo



Duas semanas depois, por feliz coincidência, o médico deu um daqueles seus agradáveis jantares a uns cinco ou seis velhos amigos, todos homens inteligentes, respeitáveis e apreciadores de bons vinhos. No final, o sr. Utterson aproveitou e ficou para trás depois que os outros partiram. Não era nenhuma novidade, mas algo que já havia acontecido antes dezenas de vezes. Onde Utterson era querido, ele era muito benquisto. Os anfitriões adoravam reter o sóbrio advogado, quando os mais afoitos e os de língua solta já estavam com o pé na soleira. Gostavam de sentar um tempo em sua companhia discreta, treinando para a solidão, acalmando a mente no rico silêncio do homem depois dos excessos e da tensão da alegria. No caso dessa regra, o dr. Jekyll, homem de cinquenta anos, grande, bem constituído, de rosto liso, talvez com um toque de malícia, mas com todos os sinais de capacidade e de bondade, não era exceção. E agora, quando se sentava no lado oposto da lareira, era possível ver por sua conduta que ele nutria pelo sr. Utterson uma afeição sincera e calorosa.

– Ando querendo falar com você, Jekyll – começou o último.
– Sabe aquele seu testamento?

Um observador próximo poderia ter percebido que o assunto era desagradável, mas o médico aceitou-o com alegria.

– Meu pobre Utterson – ele disse –, você não deu sorte com esse seu cliente. Nunca vi um homem tão angustiado quanto você por causa do meu testamento, a não ser aquele pedante dissimulado do Lanyon, no que ele chamava de minhas heresias científicas. Ora, sei que ele é um bom sujeito, você não precisa franzir a testa, é um

excelente companheiro, e eu sempre quis desfrutar mais da pessoa dele. Mas é um presunçoso dissimulado para o resto, um pedante bronco e descarado. Jamais fiquei tão desapontado com alguém como com o Lanyon.

– Como você sabe, nunca o aprovei – prosseguiu Utterson, desconsiderando impiedosamente o novo tópico.

– O meu testamento? Sim, certamente que sei disso – respondeu o médico, um pouco bruscamente. – Você já me falou.

– Bem, vou lhe dizer novamente – continuou o advogado. – Fiquei sabendo de algumas coisas a respeito do jovem Hyde.

O grande e belo rosto do dr. Jekyll empalideceu até os lábios, e uma sombra obscureceu seus olhos.

– Não me interessa saber mais nada – disse ele. – Pensei que já tínhamos concordado em encerrar esse assunto.

– O que ouvi foi abominável – insistiu Utterson.

– Não pode fazer diferença nenhuma, você não entende minha posição – respondeu o médico, com certa incoerência. – Estou numa situação difícil, Utterson. Minha posição é muito estranha, muito estranha. É um daqueles assuntos que não podem ser remendados por uma simples conversa.

– Jekyll – disse Utterson –, você me conhece, sou um homem de confiança. Fale de peito aberto, sem medo. Não duvido que eu consiga tirar você desse embaraço.

– Meu caro Utterson – disse o médico –, isso é ótimo em você, isso é muitíssimo bom em você, e eu não encontro palavras para lhe agradecer. Acredito plenamente em você, eu confiaria em você acima de qualquer homem vivo, sim, até de mim mesmo, se pudesse escolher; mas, na verdade, não é o que você imagina, não é tão ruim assim. E, apenas para tranquilizar seu bom coração, vou lhe dizer uma coisa: no momento que quiser, posso me livrar do sr. Hyde. Dou minha mão à palmatória sobre isso. E lhe agradeço de novo e muitas vezes. Vou acrescentar apenas uma palavrinha, Utterson, que tenho certeza de que você vai levar em boa consideração: esse é um assunto reservado e eu lhe peço para sepultá-lo.

Utterson refletiu um pouco, olhando para o fogo.

– Não tenho dúvidas de que você esteja perfeitamente certo – disse finalmente, levantando-se.

– Bem, já que abordamos esse assunto, espero que pela última vez, há um ponto que eu gostaria que você entendesse – continuou o médico. – Tenho realmente grande interesse no pobre Hyde. Sei que você o viu, pois ele me contou. E receio que ele tenha sido ríspido;

mas, sinceramente, tenho interesse grande, muito grande, nesse jovem. E, se eu partir, Utterson, desejo que você me prometa que vai apoiá-lo e conceder todos os direitos a ele. Acho que você fará isso, sabendo de tudo. E tiraria um peso da minha mente se me promettesse.

– Não posso fingir que vou gostar dele – disse o advogado.

– Não lhe peço isso – implorou Jekyll, colocando a mão no braço do outro. – Só peço justiça, só lhe peço que o ajude por minha causa, quando eu já não estiver mais aqui.

Utterson soltou um suspiro irreprimível.

– Bem – ele disse –, eu prometo!

O caso do assassinato de Carew



Quase um ano depois, no mês de outubro de 18..., um crime de ferocidade singular assustou Londres. O episódio tornou-se ainda mais notório pela alta posição da vítima. Os detalhes eram escassos e surpreendentes. Uma empregada doméstica que vivia sozinha numa casa não muito longe do rio recolheu-se ao leito por volta das onze horas da noite. Embora uma camada de bruma rolasse sobre a cidade durante a madrugada, o início da noite estava sem nuvens. A viela que se via da janela da empregada estava sendo brilhantemente iluminada pela lua cheia. Parece que a mulher teve uma inspiração romântica, pois sentou-se na cama, que ficava bem embaixo da janela, e passou a meditar em sonhos. Nunca (ela costumava dizer em lágrimas quando narrava essa experiência), nunca se sentira mais em paz com todos os homens ou jamais pensou no mundo com tanta delicadeza.

Assim que se sentou, ela se deu conta de um cavalheiro idoso e bonito, de cabelos brancos, que se aproximava ao longo do caminho. E, avançando para encontrá-lo, vinha outro cavalheiro, pequenino, em quem a princípio ela prestou menos atenção. Quando começaram a falar (bem diante dos olhos da empregada), o homem mais velho curvou-se e abordou o outro de maneira muito elegante e cortês. Não parecia que o assunto da conversa fosse de grande importância. De fato, pelo que ela percebeu, às vezes era quase como se ele estivesse apenas perguntando sobre o caminho, mas o luar brilhou em seu rosto enquanto ele falava, e a moça ficou encantada ao vê-lo. Seu semblante parecia transpirar uma disposição para uma bondade inocente, bem à moda antiga, mas também algo mais elevado, como uma autoestima bem fundamentada. Logo o olhar da criada vagou para o outro e ela ficou surpresa ao reconhecer nele um certo sr. Hyde, que uma vez visitara seu patrão, e por cuja pessoa tinha concebido certa antipatia.

Esse senhor levava na mão uma bengala pesada que não o ajudava em nada. Ele não respondia a uma única palavra, parecia escutar com uma impaciência irrefreável e de repente explodiu numa grande chama de raiva. Bateu com o pé, brandiu a bengala e assim continuou (como a empregada descreveu) feito louco. O velho cavalheiro recuou um passo, com ar de muita surpresa e um pouco magoado. Então o sr. Hyde rompeu todos os limites e o golpeou até prostrá-lo na terra. E no momento seguinte, com a fúria de um gorila, pisoteou a vítima, descarregando-lhe uma tempestade de golpes, sob os quais os ossos eram quebrados audivelmente, e o corpo saltava sobre a calçada. Horrorizada por causa dessas visões e desses sons, a criada desmaiou.

Eram duas horas da manhã quando ela voltou a si e chamou a polícia. O assassino havia ido embora fazia muito tempo, mas a vítima ainda estava ali no meio da viela, incrivelmente mutilada. A vara com a qual a ação tinha sido feita, embora fosse de madeira rara muito dura e pesada, quebrou-se ao meio sob a violência daquela crueldade impiedosa. Metade da bengala despedaçada rolou para a sarjeta ao lado. A outra metade, sem dúvida, tinha sido levada pelo assassino. Uma bolsa e um relógio de ouro foram encontrados com a vítima, mas não havia cartões ou papéis, exceto um envelope selado e carimbado, que ele provavelmente levaria ao correio, contendo o nome e o endereço do sr. Utterson.

Esse fato foi comunicado ao advogado na manhã seguinte, antes de ele sair da cama. Tão logo tinha visto e tão logo as circunstâncias lhe foram narradas, ele murmurou um comentário solene:

– Não direi nada até ver o corpo. Isso pode ser muito sério. Tenham a bondade de esperar enquanto me visto.

E com o mesmo semblante grave apressou seu desjejum e dirigiu-se à delegacia, para onde o corpo tinha sido levado. Assim que entrou na cela, acenou com a cabeça.

– Sim – ele disse –, eu o reconheço. Lamento informar que é *sir* Danvers Carew.

– Senhor meu Deus, será possível? – espantou-se o policial.

E, em seguida, com o olhar iluminado pela experiência profissional, acrescentou:

– Isso vai fazer muito barulho. Talvez possa nos ajudar com o homem.

Então, narrou brevemente o que a criada tinha visto e mostrou a bengala quebrada. O sr. Utterson já havia ficado intrigado com a menção ao nome de Hyde, mas quando a bengala foi colocada diante dele não podia mais duvidar. Mesmo quebrada e destroçada como

estava, ele a reconheceu como uma bengala com que ele próprio havia presenteado Henry Jekyll muitos anos antes.

– O tal sr. Hyde é uma pessoa de baixa estatura? – ele perguntou.

– Particularmente pequeno e particularmente perverso, pelo que a empregada afirma – disse o policial.

O sr. Utterson refletiu. Depois, levantando a cabeça, disse:

– Se vier comigo no meu carro de aluguel – ofereceu –, acho que posso levá-lo até a casa dele.

Nessas alturas, por volta de nove horas da manhã, o céu ainda estava encoberto pelo primeiro *fog*, o primeiro nevoeiro da estação. Uma grande mortalha cor de chocolate, do ar poluído pelo carvão, pairava baixa no céu. Apesar disso, o vento constantemente carregava e levantava os vapores mais densos, de modo que, à medida que o coche rastejava de rua em rua, o sr. Utterson podia observar uma incrível quantidade de graduações de tons crepusculares, pois estava escuro como ao anoitecer e surgia um brilho marrom rico, fantástico, como a luz de alguma estranha conflagração. Então, por um momento, a neblina ficava completamente esgarçada e uma nesga de luz do dia refletia entre grinaldas vaporosas que rodopiavam.

O sombrio bairro de Soho, visto sob esses vislumbres cambiantes, com seus caminhos enlameados, os transeuntes desmazelados e suas lâmpadas que nunca se apagavam nem acendiam de novo para combaterem essa triste e reiterada invasão da escuridão, parecia, aos olhos do advogado, um arrabalde de alguma cidade em um pesadelo. Os pensamentos em sua mente, além disso, eram da tonalidade mais sombria. E, quando olhava para seu companheiro de viagem, ele ficava ciente daquele toque de terror com que a lei e os oficiais da lei às vezes podiam importunar a pessoa mais honesta.

Quando o coche se aproximou do endereço indicado, o nevoeiro levantou um pouco e mostrou a rua suja, um boteco decadente, um pequeno restaurante francês, uma venda de bugigangas e saladas baratas, muitas crianças esfarrapadas na beirada das portas e muitas mulheres de diferentes nacionalidades saindo, com as chaves na mão, em busca do desjejum matinal. E, no momento seguinte, a névoa voltou a se estabelecer sobre aquela área, tão castanha quanto ferrugem, separando o advogado de seu ambiente enegrecido. Ali ficava a casa do favorito de Henry Jekyll, a casa do herdeiro de um quarto de milhão de libras esterlinas.

Uma velha de rosto amarelado e cabelos grisalhos abriu a porta. Tinha cara de má, amenizada pela hipocrisia, mas seus modos eram excelentes. Sim, ela disse que era a residência do sr. Hyde, mas que ele

não se encontrava em casa. Tinha estado lá naquela noite, bem tarde, mas foi embora novamente menos de uma hora depois. Não havia nada de estranho nisso, pois seus hábitos eram muito irregulares e muitas vezes ele se ausentava por longos períodos. Por exemplo, fazia quase dois meses que não o via, até a noite anterior.

– Pois bem, queremos ver os aposentos dele – disse o advogado. Então a mulher apressou-se a declarar que seria impossível. – Acho melhor eu lhe dizer quem é essa pessoa – ele acrescentou. – Esse é o inspetor Newcomen, da Scotland Yard.

Uma espécie de alegria odiosa brilhou no rosto da mulher.

– Ah! – ela disse. – Ele está em apuros! O que foi que ele fez?

O sr. Utterson e o inspetor trocaram olhares.

– Ele não parece um personagem muito popular – observou o último. – E agora, minha boa senhora, permita a mim e ao cavalheiro darmos uma olhada por nossa conta.

Em toda a extensão da casa, que exceto pela velha senhora permanecia vazia, o sr. Hyde só usava dois cômodos, mobiliados com luxo e bom gosto. Uma despensa estava cheia de vinhos; a baixela era de prata; as toalhas de mesa, elegantes. Havia belos quadros pendurados nas paredes, com certeza presentes (como Utterson supôs) de Henry Jekyll, bom conhecedor do assunto, um verdadeiro *connoisseur*. Os tapetes eram de várias camadas, de cores agradáveis em degradê. Nesse momento, porém, os quartos carregavam marcas de terem sido recém e apressadamente saqueados, com roupas caídas pelo chão, os bolsos revirados de dentro para fora, e gavetas com chave deixadas escancaradas. Na lareira havia uma pilha de cinzas, como se muitos papéis tivessem sido queimados. Do meio dessas brasas, o inspetor desenterrou a ponta de um talão verde que resistira à ação do fogo. A outra metade da bengala foi encontrada atrás da porta. E como isso afiançava as suspeitas o policial declarou-se satisfeito. Uma visita ao banco, onde milhares de libras foram encontradas depositadas a crédito do assassino, completou seu contentamento.

– Pode confiar nisso, senhor – ele disse ao sr. Utterson. – Eu o tenho nas minhas mãos. Ele deve ter perdido a cabeça, ou jamais teria deixado a bengala e, principalmente, em hipótese alguma, queimaria o talão de cheques. Ora, o dinheiro é vida para aquele homem. Não temos nada a fazer senão esperar por ele no banco e espalhar folhetos de “procurado”.

Essa última providência, no entanto, não foi tão fácil de realizar, porque o sr. Hyde tinha poucos conhecidos, até mesmo o patrão da

empregada só o vira duas vezes, sua família não poderia ser identificada, ele nunca tinha sido fotografado, e as poucas pessoas que poderiam descrevê-lo divergiam amplamente como observadores comuns. Apenas num ponto estavam de acordo: a assombrosa e inexprimível sensação de deformidade com que o foragido impressionava seus espectadores.

O incidente da carta



Anoitecia quando o sr. Utterson seguiu caminho em direção à porta do dr. Jekyll, onde foi imediatamente recebido e conduzido por Poole pelas instalações da cozinha e por um quintal que outrora havia sido um jardim para o edifício indistintamente conhecido como prédio dos laboratórios ou das salas de dissecação. O doutor tinha comprado a casa dos herdeiros de um cirurgião renomado. E, como seus próprios gostos eram mais químicos que anatômicos, ele mudou a destinação do bloco no fundo do jardim. Era a primeira vez que o advogado seria recebido naquela parte da casa do amigo. Ele observava com curiosidade a estrutura suja, sem janelas, e olhava em volta com repugnante sensação de estranheza ao atravessar o espaço, antes cheio de estudantes ansiosos, agora abandonado e em silêncio, as mesas cheias de aparelhos químicos, o chão repleto de caixas e coberto com palha de empacotamento e a luz caindo vagamente pela cúpula embaçada.

Na outra ponta, um lance de escadas subia para uma porta coberta com um tecido grosso vermelho. Através dela, o sr. Utterson foi finalmente recebido no gabinete do médico. Era uma sala grande, equipada com prensas de vidro, decorada entre outras coisas com um espelho de cavalete e uma mesa de trabalho que fazia vista para o pátio, por três janelas empoeiradas e barradas com ferro. Fogo queimava na grelha. E uma lâmpada era mantida acesa na prateleira da chaminé, pois mesmo dentro das casas a névoa começava a ficar espessa. Ali, perto do calor, o dr. Jekyll estava sentado, parecendo mortalmente abatido. Ele não se levantou para receber o visitante, mas estendeu a mão fria e desejou-lhe boas-vindas com a voz alterada.

– E agora – disse o sr. Utterson, assim que Poole os deixou –, já ouviu as notícias?

O médico estremeceu.

– Estavam gritando na praça – ele disse. – Eu as ouvia da minha sala de jantar.

– Só uma palavra – disse o advogado. – Carew era meu cliente, assim como você. Quero saber o que estou fazendo. Você não é louco o suficiente para homiziar esse sujeito?

– Utterson, juro por Deus – gritou o médico –, juro por Deus que jamais voltarei a vê-lo. Empenho minha honra a você que terminei com ele nesse mundo. Tudo tem limite. E na verdade ele não quer minha ajuda. Você não o conhece como eu. Ele está em segurança, está bem resguardado. Anote minhas palavras, ele jamais voltará a ser visto.

O advogado escutou entristecido. Não gostava da maneira febril de o amigo falar.

– Você parece ter convicção sobre essa pessoa – comentou. – Então, espero que esteja certo. Se houver um processo, seu nome pode aparecer.

– Tenho certeza a respeito dele – respondeu Jekyll. – Posso embasamentos para tal certeza que não posso compartilhar com ninguém, mas há uma coisa em que você pode me aconselhar. Recebi uma carta e estou em dúvida se deveria mostrá-la à polícia. Gostaria de deixá-la em suas mãos, Utterson. Você pode julgar com sabedoria, estou certo. Tenho enorme confiança em você.

– Você teme, suponho, que isso possa levar à localização dele?
– perguntou o advogado.

– Não – respondeu o médico. – Não posso dizer que me importo com o que Hyde se tornará. Está tudo completamente acabado entre nós. Estou pensando em mim, pois esse assunto odioso já me deixou bastante exposto.

Utterson ruminou pensamentos por alguns instantes. Estava surpreso com o egoísmo do amigo; mas, ao mesmo tempo, sentia-se aliviado por ele.

– Bem – ele disse finalmente –, deixe-me ver a carta.

A carta, escrita de maneira estranha com a mão na posição vertical, estava assinada “Edward Hyde” e simplesmente solicitava ao dr. Jekyll, benfeitor do signatário a quem ele, havia muito tempo, retribuía milhares de atitudes generosas de modo tão indigno, que trabalhasse sem fazer alarde pela segurança dele, já que era possuidor dos meios de fuga necessários para colocá-lo em alguma dependência segura. O advogado gostou muito da carta, que esclarecia melhor aquela convivência que até então ele tinha conseguido entender. E ele

ainda se culpava por algumas suspeitas passadas.

– Você tem o envelope? – ele perguntou.

– Queimei – respondeu Jekyll –, antes de saber do que se tratava, mas não tinha selo nem carimbo postal. A nota foi entregue em mãos.

– Devo ficar com ela e guardá-la? – perguntou Utterson.

– Quero que julgue como se fosse eu – foi a resposta. – Perdi a confiança em mim mesmo.

– Bem, vou levar isso em consideração – respondeu o advogado. – E agora só mais uma palavra: foi Hyde quem ditou os termos em seu testamento sobre a questão do desaparecimento?

O médico pareceu tomado por uma sensação de vertigem. Cerrou a boca com força e concordou com a cabeça.

– Eu sabia – disse Utterson. – Ele queria assassinar você. Você conseguiu encontrar uma boa saída.

– Consegui encontrar muito mais que isso – respondeu o doutor solenemente. – Consegui aprender uma lição, Utterson. Ó Deus, que lição aprendi! – E por um momento cobriu o rosto com as mãos.

Ao sair, o advogado parou e trocou uma ou duas palavras com Poole.

– A propósito – falou –, uma carta foi entregue hoje. Lembra-se de como era o mensageiro?

Mas Poole mostrou-se convencido de que nada havia chegado senão pelo correio.

– Aliás, por falar nisso, apenas folhetos – acrescentou.

Essa informação renovava os temores do visitante. Com certeza a carta chegara à porta do laboratório. Possivelmente, na verdade, tinha sido escrita no gabinete. E, sendo assim, devia ser julgada de modo diferente e tratada com mais cautela. Os jornaleiros, quando ele saiu, estavam roucos de tanto gritar ao longo das calçadas:

– Extra, extra, edição especial. Assassinato chocante de um membro do parlamento.

Era como se fosse a oração fúnebre do amigo e cliente. E ele não podia evitar certa apreensão de que o bom nome do outro amigo não viesse a ser sugado pelo redemoinho do escândalo. Havia ao menos uma decisão sensível que ele precisaria tomar. E, embora autossuficiente como era por costume, ele começou a acalantar o desejo de se aconselhar. Não diretamente, mas quem sabe se jogasse uma isca talvez pudesse fisgar algo, imaginou.

Logo depois, sentou-se num dos lados da própria lareira, com o sr. Guest, seu chefe de escritório, no lado oposto e no meio do caminho, a uma distância bem calculada do fogo, com uma garrafa de

determinado vinho antigo que descansava ao abrigo do sol no porão de sua casa, havia muito tempo. O neveiro ainda pairava adormecido sobre a cidade sufocada, onde as lâmpadas cintilavam como furúnculos. E, pelo abafamento e pela sufocação dessas nuvens baixas, o movimento da vida na cidade continuava a rodar pelas grandes avenidas, com o som de um vento poderoso.

Mas a sala estava alegre com a luz da lareira. Dentro da garrafa, fazia tempo que os ácidos estavam sedimentados no fundo, a cor púrpura já suavizada com o tempo, assim como a luz que fica mais intensa nas janelas com vitrais; o brilho das tardes quentes de outono dos vinhedos nas encostas dos morros estava pronto para ser liberado e dispersar os neveiros londrinos.

Imperceptivelmente, o advogado desmoronou. Não havia nenhum homem de quem ele guardasse menos segredos que o sr. Guest. Nem sempre tinha a certeza de que os guardava tanto quanto ele gostaria. Guest muitas vezes ia a negócios à casa do médico. Conhecia Poole; este dificilmente poderia ter deixado de ouvir algo a respeito da familiaridade do sr. Hyde com a casa. Ele podia tirar conclusões. Então, talvez fosse interessante que visse a carta que colocava aquele mistério nos eixos. E, acima de tudo, será que Guest, sendo um grande estudante e crítico de caligrafia, consideraria a peça natural e indispensável? O funcionário, além disso, era um homem com discernimento e raramente lia um documento tão estranho sem manifestar alguma observação. Assim, com essas análises, o sr. Utterson poderia determinar seu futuro rumo.

– O que aconteceu com *sir* Danvers é um assunto triste – afirmou.

– Sim, senhor. Despertou uma grande dose de comoção no público – replicou Guest. – O outro homem, é claro, estava louco.

– Gostaria de ouvir sua opinião sobre isso – respondeu Utterson. – Tenho aqui um documento com a caligrafia dele. Isso fica entre nós, pois mal sei o que fazer a respeito. É um negócio feio, na melhor das hipóteses, mas dê uma olhada nisso. Aqui está, bem na sua cara, o autógrafo de um assassino.

Os olhos de Guest brilharam. Ele se sentou imediatamente e examinou com atenção.

– Não, senhor – ele disse. – Não se trata de um louco, mas tem uma caligrafia estranha.

– E por todos os relatos o dono da caligrafia também é muito estranho – acrescentou o advogado.

Nesse instante, um criado entrou trazendo uma nota.

– Veio do dr. Jekyll, senhor? – perguntou o funcionário. – Achei

que conhecia a letra dele. Alguma coisa particular, sr. Utterson?

– Só um convite para jantar. Por quê? Quer ver?

– Um momento. Obrigado, senhor. – O funcionário colocou as duas folhas de papel lado a lado e comparou criteriosamente o conteúdo de ambas. – Obrigado, senhor – disse por fim, devolvendo-as. – É uma assinatura muito interessante.

Houve uma pausa, durante a qual o sr. Utterson lutou consigo mesmo.

– Por que as comparou, Guest? – perguntou de repente.

– Bem, senhor – respondeu o secretário –, há uma semelhança bastante singular. As duas caligrafias são em muitos pontos idênticas, apenas diferem na inclinação.

– Bem interessante – disse Utterson.

– É, como o senhor diz, bem interessante – respondeu Guest.

– Eu não comentaria a respeito desse bilhete com ninguém, como você sabe – disse o patrão.

– Não, senhor – respondeu o funcionário. – Entendo.

Tão logo ficou sozinho naquela noite, o sr. Utterson trancou a nota no cofre, onde ficou guardada daquele instante em diante. “Puxa vida!” – ele pensou. – “Henry Jekyll fez uma falsificação para ajudar um assassino!” – E o sangue correu frio em suas veias.

6.

O notável incidente do dr. Lanyon



O tempo passou. Milhares de libras foram oferecidas em recompensa, pois a morte de *sir* Danvers foi ressentida como uma ofensa pública, mas o sr. Hyde desapareceu das vistas da polícia como se nunca tivesse existido. Muita coisa de seu passado foi desenterrada. Eram, na verdade, fatos vergonhosos: surgiram relatos da crueldade desse homem como alguém ao mesmo tempo insensível e violento, da sua vida vil, de seus estranhos companheiros, do ódio que parecia cercar sua carreira; mas, sobre seu paradeiro atual, nem sequer um boato. Desde que saíra da casa em Soho na manhã do assassinato, ele simplesmente sumira. E gradualmente, com o passar do tempo, o sr. Utterson começou a se recuperar da intensidade do susto e a ficar mais quieto consigo mesmo. A morte de *sir* Danvers, no seu modo de pensar, foi mais que compensada pelo desaparecimento do sr. Hyde. Agora que essa influência do mal tinha sido retirada, uma nova vida começou para o dr. Jekyll. Ele saiu de sua reclusão, renovou as relações com os amigos, tornou-se novamente um convidado assíduo e um anfitrião. E, como sempre foi conhecido pela caridade, não era menos distinto pela religiosidade. Estava sempre ocupado, passava um bom tempo ao ar livre, sentia-se bem. Seu rosto parecia aberto e iluminado pela consciência interior de servir. E por mais de dois meses o médico esteve em paz.

No dia 8 de janeiro, Utterson jantou na casa do médico, numa pequena festa. Lanyon também estava lá, e o anfitrião olhava de um para o outro, como nos velhos tempos, quando os três eram amigos inseparáveis. No dia 12, e depois novamente no dia 14, a porta se fechou para o advogado.

– O médico está confinado em casa – disse Poole –, e não quer ver ninguém.

No dia 15 ele tentou novamente e de novo foi recusado. Depois de se acostumar por dois meses a ver o amigo quase que diariamente, encontrava agora esse retorno à solidão pesando sobre seus humores. Na quinta noite, recebeu Guest para jantar. E, no sexto dia, foi ver o dr. Lanyon.

Dessa vez, pelo menos não lhe foi negado entrar, mas quando ingressou ficou chocado com a mudança ocorrida na aparência do médico. Ele tinha sua sentença de morte escrita legivelmente no rosto. O homem corado havia ficado pálido; seu vigor desaparecera. Ele estava visivelmente mais calvo e mais velho. E, no entanto, não foram esses sinais de rápida decadência física que chamaram a atenção do advogado, mas seu olhar e a qualidade de seus modos, que pareciam testemunhar algum terror profundo da mente. Era pouco provável que o médico tivesse medo da morte. E foi isso que levou Utterson a suspeitar de algo errado. “Sim” – pensou – “ele é médico, deve conhecer o próprio estado e sabe que seus dias estão contados. E essa consciência é mais do que ele pode suportar.” Mas, quando Utterson comentou sobre a má aparência dele, foi com ar de grandeza que Lanyon se declarou um homem condenado.

– Tive um baque do qual nunca vou me recuperar – disse. – Será questão de semanas. Bem, a vida foi agradável. Eu gostava de viver, sim, senhor, eu gostava. Às vezes penso que, se soubéssemos de tudo, deveríamos ficar mais felizes em fugir.

– Jekyll também está doente – observou Utterson. – Você o tem visto?

Mas o rosto de Lanyon mudou, e ele ergueu a mão trêmula.

– Não quero ver nem ouvir mais nada sobre o dr. Jekyll – disse em voz alta e hesitante. – Rompi completamente com essa pessoa. Imploro que me poupe de alusões a alguém que considero morto.

– Puxa vida – estranhou o sr. Utterson. – E então, depois de uma pausa prolongada, perguntou: – Posso fazer alguma coisa? Somos três velhos amigos, Lanyon. Não viveremos para fazer outras amizades.

– Nada pode ser feito – respondeu Lanyon. – Pergunte a ele mesmo.

– Ele não quer me ver – disse o advogado.

– Não estou surpreso com isso – foi a resposta. – Algum dia, Utterson, depois que eu morrer, talvez você possa vir a saber o certo e o errado disto. No momento não posso lhe contar. Enquanto isso, se puder sentar e conversar comigo sobre outras coisas, pelo amor de

Deus, fique e faça isso, mas, se não puder se manter afastado desse assunto amaldiçoado, então em nome de Deus vá embora, pois não posso suportá-lo.

Assim que chegou em casa, Utterson sentou-se e escreveu a Jekyll, queixando-se de ser excluído da casa dele e perguntando a causa da desventurada ruptura com Lanyon. No dia seguinte, recebeu uma longa resposta, muito pateticamente redigida em diversos pontos, e às vezes misteriosamente sombria e à deriva. A briga com Lanyon era incurável. “Não culpo nosso velho amigo”, Jekyll escreveu, “mas compartilho de sua opinião de que nós nunca mais devemos nos encontrar. Quero dizer que, de agora em diante, vou levar uma vida de extrema reclusão. Você não deve se surpreender nem duvidar da minha amizade, se a minha porta muitas vezes estiver fechada até mesmo para você. Deve permitir que eu siga meu próprio caminho obscuro; atraí sobre mim um castigo e um perigo que não posso nomear. Se sou o maior dos pecadores, também sou o maior dos sofredores. Jamais poderia pensar que essa terra continha um lugar para sofrimentos e terrores tão desanimadores. E você só pode fazer uma coisa, Utterson, para aliviar esse destino, que é respeitar o meu silêncio.”

Utterson ficou surpreso. A influência sombria de Hyde tinha sido retirada, o doutor havia retomado suas tarefas e amizades antigas. Uma semana antes, a perspectiva sorria com todas as promessas de uma temporada alegre e honrada. E agora, de um momento para o outro, amizade, paz de espírito e todo o conteúdo de sua vida estavam destruídos. Essa mudança tão grande e inesperada apontava para a loucura, mas, tendo em vista as maneiras e as palavras de Lanyon, deveria existir alguma razão mais profunda para isso.

Uma semana depois, o dr. Lanyon caiu de cama e em menos de quinze dias estava morto. Na noite seguinte ao funeral, em que se sentiu tristemente afetado, Utterson trancou a porta de seu escritório e, sentando-se ali à luz de uma melancólica vela, pegou e colocou diante de si um envelope escrito à mão pelo amigo morto e lacrado com o selo dele. “CONFIDENCIAL: para ser entregue EXCLUSIVAMENTE em mãos a G. J. Utterson. Em caso de seu falecimento, deve ser destruído sem ser lido”, assim era enfaticamente endereçado. E o advogado temia contemplar o conteúdo. “Enterrei um amigo hoje” – pensou – “e se isso me custar o outro?” Então condenou o medo como deslealdade e quebrou o lacre. Dentro havia outro envelope fechado, também lacrado, e marcado como “não deve ser aberto antes da morte ou do desaparecimento do dr. Henry Jekyll”.

Utterson não acreditou no que seus olhos liam. Sim, era “desaparecimento”. Novamente, como no louco testamento que havia muito tempo ele restituído ao seu autor, ali também constava a ideia de desaparecimento, além do nome de Henry Jekyll entre colchetes. Mas no testamento essa ideia surgira da sinistra sugestão de um homem, Hyde, sendo fixada ali com um terrível propósito muito bem definido. Escrito pela mão de Lanyon, o que deveria significar? Uma grande curiosidade veio sobre o depositário, para desconsiderar a proibição e mergulhar de uma só vez até o fundo daqueles mistérios, mas a honra profissional e a fé em seu amigo morto eram obrigações severas. Assim, o pacote foi depositado no canto mais recôndito de seu cofre particular.

Uma coisa era flagelar a curiosidade, outra era dominá-la. E, a partir daquele dia, era possível duvidar se Utterson continuava a desejar a companhia do amigo sobrevivente com a mesma disposição. Pensava nele com bondade, mas suas reflexões eram inquietantes e temerosas. Certamente continuaria a procurá-lo, mas talvez sentisse alívio quando lhe negavam a entrada na casa dele. Talvez, em seu coração, preferisse falar com Poole na soleira da porta, cercado pelo ar e pelos sons da cidade inteira, em vez de ser recebido naquele local de escravidão voluntária, para sentar-se e falar com seu insondável companheiro recluso. Poole não tinha, de fato, nenhuma notícia muito agradável para comunicar. O médico, ao que parecia, agora mais do que nunca, estava confinado ao gabinete na parte de cima do laboratório, onde às vezes, inclusive, dormia. Estava desanimado, tornara-se muito calado, não lia. Parecia que tinha algo em mente. Utterson ficou tão acostumado com o caráter invariável desses relatos que aos poucos reduziu a frequência das visitas.

O incidente na janela



Aconteceu de no domingo, quando o sr. Utterson fazia sua habitual caminhada com o sr. Enfield, o caminho deles mais uma vez passar pela viela. Assim que chegaram na frente da porta, ambos pararam para olhar.

– Bem, pelo menos essa história terminou – disse Enfield. – Nunca mais veremos o sr. Hyde.

– Espero que não – respondeu Utterson. – Já lhe contei que o vi uma vez e compartilhei da mesma repulsa que você sentiu?

– Uma coisa seria impossível sem a outra – respondeu Enfield.

– E, por falar nisso, que idiota você deve ter me considerado por não saber que esse caminho era a entrada dos fundos do laboratório do dr. Jekyll! Foi em parte por sua própria culpa que percebi isso, embora desconfiasse.

– Bom, você percebeu, não é? – disse Utterson. – Então podemos entrar no pátio para dar uma olhada nas janelas. Para dizer a verdade, estou inquieto com relação ao pobre Jekyll. E, mesmo de longe, sinto como se a presença de um amigo pudesse lhe fazer bem.

O pátio estava muito frio, um pouco úmido e encoberto pelo crepúsculo prematuro, embora o céu no alto ainda brilhasse com o pôr do sol. Das três janelas, a central estava meio aberta. E sentado ao lado dela, tomando ar com infinita tristeza na alma, como um prisioneiro desconsolado, Utterson viu o dr. Jekyll.

– Nossa, Jekyll! – gritou. – Tenho certeza de que você está melhor.

– Estou muito mal – respondeu o médico, em voz bem baixa –, muito mal. Não vou durar muito tempo, graças a Deus.

– Você fica muito tempo em casa – disse o advogado. – Deveria sair, ativar a circulação, como o sr. Enfield e eu fazemos. O sr. Enfield é meu primo, dr. Jekyll. Venha, agora. Pegue seu chapéu e dê uma

volta rápida conosco.

– Você é muito bom – o médico suspirou. – Gostaria muito, mas não, não, não, é completamente impossível. Não me atrevo; mas, de fato, Utterson, estou muito feliz em vê-lo. É realmente um grande prazer. Eu pediria a você e ao sr. Enfield que subissem, mas o local realmente não é adequado.

– Por isso, então – disse o advogado, de bom humor –, a melhor coisa que podemos fazer é ficar aqui embaixo e falarmos com você de onde estamos.

– É exatamente isso que eu estava prestes a propor – respondeu o médico, de repente.

Mas as palavras mal foram pronunciadas para que o sorriso lhe saísse do rosto e fosse substituído por uma expressão de horror e desespero tão abjeta que congelou até o sangue dos dois cavalheiros que estavam na rua. Eles viram a cena apenas por um vislumbre, pois a janela foi imediatamente empurrada para baixo, mas esse vislumbre foi suficiente. Fizeram a volta e deixaram o pátio sem dizerem uma única palavra. Também atravessaram a viela em silêncio. E não foi antes de chegarem a uma passagem próxima, onde mesmo num domingo ainda havia algum movimento, que o sr. Utterson finalmente virou e olhou para seu companheiro. Ambos estavam pálidos e havia terror estampado em seus olhos.

– Deus nos perdoe, Deus nos perdoe – repetia o sr. Utterson.

Muito sério, porém, Enfield apenas balançou a cabeça e continuou a caminhar em silêncio.

8.

A última noite



Certa noite, o sr. Utterson estava sentado ao lado da lareira, depois do jantar, quando se surpreendeu ao receber a visita de Poole.

– Deus o abençoe, Poole, o que o traz aqui? – Em seguida, dando uma segunda olhada nele, perguntou: – Por que está aflito, o doutor está doente?

– Oh, sr. Utterson – disse o homem –, há algo de errado.

– Sente-se. Tome um copo de vinho – disse o advogado. – Agora, sem pressa, fale claramente o que acontece.

– O senhor conhece bem o jeito dele – respondeu Poole – e como se fecha em si mesmo. Bom, ele está novamente trancado no gabinete. Não gosto nada disso, senhor, e preferia morrer se gostasse. Estou com medo, sr. Utterson.

– Então seja explícito, meu bom homem – pediu o advogado.

– Do que tem medo?

– Não aguento mais, estou com medo há uma semana – prosseguiu Poole, ignorando completamente a pergunta.

A aparência do criado corroborava amplamente suas palavras, e seu jeito mudou para pior. Exceto no momento em que anunciou seu pavor, ele não mais voltou a olhar o advogado de frente. Mesmo então, sentado com o copo no joelho, sem ter experimentado o vinho, seus olhos dirigiam-se a um canto do chão.

– Não aguento mais isso – repetiu.

– Vamos lá – disse o advogado –, vejo que você tem alguma boa razão, Poole. Sinto que há algo seriamente errado, tente me contar o que é.

– Acho que aconteceu alguma coisa errada – disse Poole, com voz rouca.

– Alguma coisa errada! – exclamou o advogado, bastante assustado

e irritando-se. – Que coisa errada? O que você quer dizer com isso?

– Não ousou dizer, senhor – foi a resposta. – Mas não poderia vir comigo e ver por si mesmo?

A única resposta do sr. Utterson foi se levantar, pegar o chapéu e o casaco. O advogado observou o tamanho do alívio que apareceu no rosto do mordomo e talvez tenha ficado mais admirado ainda porque o vinho não havia sido saboreado quando sinalizou para partirem.

Era uma característica noite de março – fria, deserta, com a lua pálida deitada de costas como se o vento a inclinasse por trás de uma nuvem esvoaçante da textura mais diáfana e sedosa. O vento tornava a conversa difícil, aumentava a circulação de sangue no rosto e, além disso, parecia ter varrido os transeuntes das ruas, que raramente ficavam tão vazias. Assim, o sr. Utterson pensou que nunca tinha visto aquela parte de Londres tão deserta. Ele gostaria que fosse ao contrário. Nunca na vida teve tanta consciência de um desejo tão intenso de ver e tocar criaturas semelhantes. Por mais preparado que estivesse para o combate, em sua mente carregava o pressentimento aniquilador de uma calamidade.

Quando chegaram, a praça estava tomada de vento e poeira, e os galhos finos das árvores açoitavam as grades do jardim. Poole, que durante todo o percurso tinha se mantido um ou dois passos à frente, de repente parou no meio do caminho e, apesar do clima impiedoso, tirou o chapéu e esfregou a testa com um lenço vermelho de bolso. Não obstante toda a afobação dessa correria, não era o suor do esforço que ele enxugava, mas a umidade de alguma angústia sufocante, porque seu rosto ficou branco, e sua voz, dura e entrecortada, quando falou:

– Bem, senhor, cá estamos. Deus queira que nada de mal tenha acontecido!

– Assim seja, Poole – concordou o advogado.

Logo em seguida, o criado bateu de maneira bem cautelosa. Enquanto a porta era aberta, uma voz perguntava de dentro:

– É você, Poole?

– Isso mesmo – respondeu Poole. – Abra a porta.

Quando entraram, o saguão estava brilhantemente iluminado pelo fogo alto na lareira, ao redor da qual todos os criados, homens e mulheres, encolhiam-se como um rebanho de ovelhas. Ao ver o sr. Utterson, a empregada começou a choramingar histericamente e o cozinheiro passou a clamar:

– Bendito Deus! É o sr. Utterson! – E adiantou-se como se quisesse abraçá-lo.

– O que houve? Por que estão todos aqui? – o advogado perguntou, irritado. – Isso não é correto, é lamentável. O patrão de vocês não ficaria nem um pouco satisfeito.

– Todos estão com medo – disse Poole.

Em seguida, o silêncio foi total e ninguém se manifestou. Então a criada levantou a voz e chorou copiosamente.

– Cale essa boca! – Poole disse a ela, com uma agressividade na voz que evidenciava sua própria tensão nervosa.

E, de fato, quando a moça levantou subitamente o tom das lamentações, todos começaram a falar e se voltaram para a porta interna com expressões de terrível expectativa no rosto.

– E, agora – continuou o mordomo, dirigindo-se ao garoto limpador de facas –, traga-me uma vela e vamos resolver isso de uma vez por todas.

Então ele pediu ao sr. Utterson que o seguisse e tomou o caminho para o quintal.

– Pois bem, senhor – orientou –, venha com o máximo de cuidado que puder. Quero que ouça, não quero que seja ouvido. E, veja bem, senhor, se por acaso ele lhe pedir para entrar, não faça isso de modo algum.

Os nervos do sr. Utterson, diante dessa recomendação inesperada, sofreram tamanho abalo que ele quase perdeu o equilíbrio. Apesar disso, logo recuperou a coragem e seguiu o mordomo rumo ao prédio do laboratório, passando pelo anfiteatro de cirurgia, com suas garrafas e caixotes de madeira, até o pé da escada. Ali, Poole fez-lhe sinal para ficar de lado e ouvir, enquanto ele próprio, acendendo a vela e fazendo um enorme e óbvio apelo à sua resolução, subiu os degraus e, um tanto indeciso, bateu com a mão no forro vermelho aveludado da porta do gabinete.

– O sr. Utterson, senhor, pede para vê-lo – ele falou.

Ao mesmo tempo, mais uma vez acenou com veemência para o advogado escutar.

– Diga a ele que não posso ver ninguém – queixou-se uma voz de dentro.

– Obrigado, senhor – disse Poole, com uma nota de triunfo na voz.

Levantando a vela, levou o sr. Utterson de volta ao pátio e entraram na grande cozinha, onde o fogo estava apagado e besouros saltavam no chão.

– Senhor – disse ele olhando o sr. Utterson nos olhos –, era a voz do meu patrão?

– Parece muito mudada – respondeu o advogado –, muito mais

fraca, mas parece a voz dele.

– Mudada? Bem. Sim, acho que sim – disse o mordomo. – Por acaso estou há vinte anos na casa desse homem, para me enganar a respeito de sua voz? Não, senhor. Meu patrão se foi com ela. Foi embora há oito dias, quando nós o ouvimos gritar pelo nome de Deus. E quem está lá dentro em vez dele, e por que lá permanece, é uma coisa que esbraveja contra os céus, sr. Utterson!

– Essa é uma história bem estranha, Poole, uma história muito esquisita, meu caro – disse o sr. Utterson, roendo as unhas. – Vamos supor que seja do jeito que você supõe, vamos supor que o dr. Jekyll tenha sido assassinado. O que poderia induzir o assassino a ficar no local? Isso não faz sentido, não é coerente com a razão.

– Bem, sr. Utterson, o senhor é um homem difícil de convencer, mas ainda vou conseguir – disse Poole. – A semana passada inteira (como deve saber), ele ou a coisa, ou o que quer que viva nesse gabinete, chorou dia e noite por causa de algum tipo de remédio cuja lembrança não conseguia trazer à sua mente. Às vezes era jeito dele, do meu patrão (quero deixar bem claro), escrever suas ordens numa folha de papel e jogá-la na escada. Não tivemos nada além disso na semana que passou. Nada além de papéis, a porta trancada e até as refeições deixadas ali para serem contrabandeadas para dentro quando ninguém estava olhando. Bem, senhor, todo dia, ou melhor, às vezes duas ou três vezes no mesmo dia, havia ordens e queixas, e eu era enviado voando a todos os químicos atacadistas da cidade. Cada vez que voltava trazendo os materiais, havia outro papel dizendo-me para devolvê-los, porque não eram puros. E outra ordem para que eu fosse a uma empresa diferente. Essa droga, senhor, seja lá para qual fim, é desejada amargamente.

– Você tem algum desses papéis? – perguntou o sr. Utterson.

Poole procurou no bolso e entregou uma anotação amarrotada, que o advogado, inclinando-se mais perto da vela, examinou cuidadosamente. Seu conteúdo era assim: “O dr. Jekyll apresenta seus cumprimentos aos srs. Maw. Ele afirma que a última amostra dos senhores é impura e completamente inútil para seu atual propósito. No ano de 18..., o dr. J. comprou uma quantidade bastante grande dos srs. M. Ele agora lhes pede para que procurem com o mais diligente cuidado e, caso alguma amostra da mesma qualidade seja encontrada, deve ser encaminhada imediatamente a ele. Despesa não é problema. A importância disso para o dr. J. dificilmente poderá ser exagerada”. Até ali, a nota tinha sido bastante bem escrita, mas então, com um súbito resmungo da caneta, a emoção do escritor se soltou:

“Pelo amor de Deus”, acrescentava, “encontrem para mim um pouco da antiga”.

– É uma anotação bem estranha – disse o sr. Utterson. – E então de repente: – Como conseguiu abri-la?

– O homem da Maw ficou furioso, senhor, e jogou-a de volta para mim como se fosse lixo – respondeu Poole.

– É, sem dúvida, a letra do doutor? – retomou o advogado.

– Achei que sim – respondeu o criado, aborrecido. E então, com outro tom de voz, acrescentou: – Mas pouco importa a letra? Eu o vi!

– Você o viu? – repetiu Utterson. E então?

– Isso! – disse Poole. – Foi assim. De repente, entrei no anfiteatro vindo pelo jardim. Parece que ele tinha descido para procurar essa droga, ou seja lá o que for, pois a porta do gabinete estava aberta e lá estava ele no fundo da sala, procurando algo no meio dos caixotes. Quando entrei, ele olhou para cima, deu uma espécie de grito e subiu as escadas voando para o gabinete. Foi só por um minuto que o vi, mas meus cabelos ficaram eriçados como espinhos. Senhor, se aquele era meu patrão, por que usava máscara no rosto? Se fosse meu patrão, por que gritaria como um rato e fugiria de mim? Já o servi bastante. E agora...

O homem fez uma pausa e passou a mão pelo rosto.

– São circunstâncias realmente muito estranhas – disse Utterson –, mas acho que começo a ver a luz do dia. Seu senhor, Poole, foi claramente atacado por uma dessas doenças que torturam e deformam o doente. Daí, pelo que eu saiba, a alteração de sua voz, a máscara e o isolamento que o levaram a evitar os amigos. Daí a ânsia de encontrar essa droga, por intermédio da qual a pobre alma conserva alguma esperança de recuperação final. Deus permita que ele não esteja enganado! Essa é a minha explicação, triste demais, Poole, eu sei. Terrível de considerar, mas é simples e natural. Isso explica tudo e nos livra de muitos alarmes desnecessários.

– Senhor, aquela coisa não é meu patrão, essa é a verdade – disse o mordomo, alternando a aparência para uma espécie de palidez manchada. – Meu patrão – ele olhou em volta e começou a sussurrar – é um homem alto e forte. Esse aí não passa de um anão – Utterson tentou protestar. – Oh, senhor – gritou Poole –, acha que não conheço meu senhor, depois de vinte anos? Acha que não sei onde sua cabeça alcança na porta do gabinete, onde o vi todas as manhãs da minha vida? Não, senhor, aquela coisa com a máscara jamais seria o dr. Jekyll. Só Deus sabe o que é, mas nunca foi o dr. Jekyll. A crença do meu coração é que um assassinato foi cometido.

– Se pensa assim, Poole – respondeu o advogado –, torna-se minha obrigação verificar. Por mais que eu deseje preservar os sentimentos do seu patrão, por mais que me incomode esse bilhete que parece provar que ele ainda está vivo, considerarei meu dever forçar essa porta.

– Ah, sr. Utterson, assim é que se fala! – exclamou o mordomo.

– E agora vem a segunda pergunta – retomou Utterson. – Quem vai fazer isso?

– Ora, o senhor e eu – foi a resposta intrépida.

– Muito bem – respondeu o advogado. – E o que quer que isso signifique, vou fazer minha parte para que você não seja derrotado.

– Há um machado no anfiteatro – continuou Poole –, e o senhor pode pegar o atizador da cozinha.

O advogado empunhou aquele instrumento rústico, mas pesado, e o equilibrou nas mãos.

– Sabe, Poole – ele disse, olhando para cima –, que você e eu estamos prestes a nos colocarmos numa posição de certo perigo?

– Realmente, pode considerar assim, senhor – respondeu o mordomo.

– É melhor, então, que devamos ser francos – disse o outro. – Nós dois pensamos além do que já dissemos. Vamos falar francamente. Você reconheceu essa figura mascarada que viu?

– Bem, senhor, foi tudo muito rápido, e a criatura estava tão dobrada que eu mal poderia jurar sobre o que vi – foi a resposta. – Mas o senhor quer saber se era o sr. Hyde? Sim, acho que sim! Veja, era quase do mesmo tamanho. Tinha o mesmo jeito rápido e leve dele. Além disso, quem mais poderia ter entrado pela porta do laboratório? Não esqueceu, senhor, que na ocasião do assassinato ele ainda tinha a chave com ele? Mas isso não basta. Não sei, sr. Utterson. Alguma vez encontrou o sr. Hyde?

– Sim, falei com ele uma vez – respondeu o advogado.

– Então você deve saber tão bem quanto qualquer um de nós que havia algo de estranho a respeito desse cavalheiro, algo que deixaria um homem apreensivo. Não sei como dizer isso adequadamente, senhor, a não ser assim: quem o viu sentiu um calafrio lhe percorrer a medula.

– Tenho a impressão de que senti algo como o que você descreve – revelou Utterson.

– Muito bem, senhor – continuou Poole. – Bem, quando essa coisa mascarada como um macaco saltou do meio dos produtos químicos e saiu voando no gabinete, um arrepio desceu minha espinha como

gelo. Ora, sei que isso não prova nada, sr. Utterson. Tenho estudo suficiente para saber disso, mas um homem tem seus sentimentos. E eu lhe dou minha palavra de honra, jurando sobre a Bíblia, de que era o sr. Hyde!

– Sim, sim – disse o advogado. – Meus temores inclinam-se para o mesmo lado. E, por falar no diabo, receio que existam temores bem fundamentados dessa conexão. Sim, é verdade, acredito em você. Acredito que o pobre Harry está morto. E acredito que o assassino (para qual propósito, só Deus pode dizer) ainda está à espreita no quarto da vítima. Bem, que nosso nome seja vingança. Chame o Bradshaw.

O laçao atendeu ao chamado, muito pálido e nervoso.

– Junte-se a nós, Bradshaw – disse o advogado. – Esse suspense, eu sei, está afetando todos vocês, mas agora é nossa intenção dar um fim a isso. Poole e eu vamos forçar a entrada no gabinete. Se tudo estiver bem, meus ombros são suficientemente largos para assumirem a culpa. Enquanto isso, para que não aconteça realmente nada, ou para que nenhum malfeitor tente escapar pelos fundos, você e o garoto devem levar um bom par de bastões e virar a esquina. Fiquem a postos na porta do laboratório. Vocês têm dez minutos para chegar às suas posições.

Quando Bradshaw saiu, o advogado olhou para o relógio.

– E agora, Poole, vamos fazer nossa jogada – disse.

Colocou o atizador embaixo do braço e seguiu em direção ao quintal. O nevoeiro encobria o luar e agora estava muito escuro. O vento, que só penetrava em sopros e rajadas naquela reentrância profunda do edifício, jogava a luz da vela de um lado para outro sobre os passos deles, até que se abrigaram no anfiteatro, onde se sentaram em silêncio para esperar. Londres zumbia solenemente ao redor, mas bem mais perto a quietude só era quebrada pelo som de passos que se moviam de um lado para o outro pelo chão do gabinete.

– Então ele vai ficar andando o dia todo, senhor – sussurrou Poole. – E também boa parte da noite. Só há uma parada quando chega uma nova amostra do fornecedor de produtos químicos. Ah! É loucura imaginar que esse inimigo possa ter descanso! Ah, senhor, há sangue sujo derramado em cada passo dele! Mas ouça novamente, um pouco mais perto. Coloque seu coração nos ouvidos, sr. Utterson, e diga-me se não é o passo do dr. Jekyll!

As passadas gemiam leves e estranhas, com certo balanço, pois avançavam bem devagar. De fato, eram diferentes do pesado roçar de Henry Jekyll. Utterson suspirou.

– Tem mais alguma coisa? – perguntou.

Poole acenou que sim.

– Uma vez – ele disse –, uma vez ouvi essa coisa chorar!

– Chorar? Como foi isso? – disse o advogado, consciente de um súbito arrepio de horror.

– Chorava feito uma mulher ou uma alma penada – disse o mordomo. – Saí com meu coração apertado, porque poderia ter chorado também.

Mas agora os dez minutos chegavam ao fim. Poole desenterrou o machado de sob uma pilha de palha. A vela foi colocada sobre a mesa mais próxima para iluminá-los no ataque. Com a respiração ofegante, eles se aproximaram de onde aquele passo paciente ainda subia e descia, subia e descia, no silêncio da noite.

– Jekyll! – Utterson gritou. – Exijo ver você. – Ele parou um momento, mas não houve resposta. – Estou lhe avisando claramente, você despertou nossas suspeitas. Preciso e vou ver você – ele continuou. – Se não for pelo bem, será pelo mal! Se não der seu consentimento, então será pela força bruta!

– Utterson – respondeu a voz –, tenha misericórdia, pelo amor de Deus!

– Ah, essa não é a voz do Jekyll, é do Hyde! – gritou Utterson.

– Derrube a porta, Poole!

Poole levantou o machado sobre o ombro e desferiu um golpe que sacudiu o prédio. A porta com forro vermelho saltou da fechadura e das dobradiças. Um grito sombrio, como se de puro terror animal, soou do gabinete. Várias vezes o machado foi novamente levantado e novos golpes foram desferidos contra a porta. Os painéis caíam e o batente soltava. Quatro vezes a pancada se repetiu, mas a madeira era dura, e os acessórios, de excelente fabricação. E não foi antes do quinto golpe que a fechadura estourou e a porta destróçada caiu para dentro, sobre o tapete.

Os atacantes, horrorizados com o próprio tumulto e com a quietude que veio em seguida, recuaram um pouco e espiaram. Lá estava o gabinete diante de seus olhos, sob a claridade silenciosa da lâmpada, uma bela chama brilhando e tagarelando na lareira, a chaleira chiando ao calor, uma gaveta ou duas abertas, papéis cuidadosamente arrumados em cima da mesa de trabalho e, mais perto do fogo, as coisas dispostas para o chá. A sala mais calma do mundo, você diria, e, a não ser pelas prensas de vidro cheias de produtos químicos, o lugar mais comum naquela noite em Londres.

Bem no centro de tudo jazia o corpo de um homem completamente

retorcido, ainda se contorcendo. Eles se aproximaram na ponta dos pés, viraram-no de costas e viram o rosto de Edward Hyde, vestido com roupas muito grandes para ele, roupas do tamanho do médico. Os traços de seu rosto ainda se moviam aparentando vida, mas a vida mesmo tinha desaparecido. E pelo frasco esmagado em sua mão e o forte cheiro de amêndoas suspenso no ar Utterson sabia que estava olhando para o corpo de um suicida.

– Chegamos tarde demais para salvar ou castigar – disse, consternado. Hyde foi embora por conta própria. Resta-nos apenas encontrar o corpo do seu patrão.

A maior parte do edifício era ocupada pelo anfiteatro, que preenchia quase todo o piso térreo e era iluminado por cima, e pelo gabinete, que formava um andar superior numa ponta e dava para o pátio. Um corredor ligava o anfiteatro à porta da rua, e assim o gabinete se comunicava separadamente por um segundo lance de escadas. Ali existiam alguns armários escuros e uma adega espaçosa. Todos agora seriam minuciosamente examinados. Os armários só precisaram de uma olhada, pois estavam vazios, e, pela poeira que soltava das portas, todos ficaram fechados por muito tempo. A adega, de fato, estava cheia de caixas de todos os tipos, a maior parte datando dos tempos do cirurgião antecessor de Jekyll. Porém, assim que abriram a porta, pelo caimento perfeito de uma teia de aranha que durante anos havia lacrado a entrada, eles se deram conta da inutilidade de uma busca adicional. Em nenhum lugar havia qualquer vestígio de Henry Jekyll, vivo ou morto.

Poole bateu nas tábuas de madeira do corredor.

– Ele deve estar enterrado por aqui – disse, escutando com atenção.

– Ou pode ter fugido – sugeriu Utterson, virando-se para examinar a porta na rua, que estava trancada.

E jogada perto das tábuas de madeira encontraram a chave, quase coberta de ferrugem.

– Isso não parece ter serventia, observou o advogado.

– Serventia! – repetiu Poole. – Não vê, senhor, que está quebrada? Parece até que um homem pisou nela.

– Sim – prosseguiu Utterson –, e as rachaduras também estão enferrujadas.

Os dois homens se entreolharam assustados.

– Isto está fora do meu alcance, Poole – disse o advogado. – Vamos voltar ao gabinete.

Subiram a escada em silêncio e depois de um eventual olhar

impressionado sobre o corpo morto continuaram a examinar mais detalhadamente o conteúdo do gabinete. Em cima de uma mesa havia vestígio de trabalho químico, com vários montículos de sal branco colocados em pires de vidro, como se tivessem sido preparados para uma experiência em que o infeliz foi impedido de realizar.

– Essa é a mesma droga que eu sempre trazia para ele – disse Poole. E no instante em que ele falava a chaleira ferveu fazendo um ruído ensurdecedor.

Isso os levou até a lareira, onde a poltrona estava arrumada de maneira bem aconchegante e as coisas para o chá estavam prontas sobre o braço do assento, até mesmo com açúcar na xícara. Havia vários livros numa prateleira. Um deles, ao lado do chá, estava aberto. Utterson ficou surpreso ao encontrar um exemplar de uma obra piedosa, pela qual Jekyll várias vezes havia expressado grande estima e anotado espantosas blasfêmias com a própria caligrafia.

Em seguida, durante a vistoria dos aposentos, os examinadores chegaram ao espelho de cavalete, em cujas profundezas olharam com terror involuntário, mas que estava tão revirado que apenas mostrava faíscas róseas dançando no teto, o fogo cintilando em uma centena de repetições ao longo da parte frontal das prensas de vidro e os próprios semelhantes pálidos e temerosos deles quando se inclinavam para olhar.

– Essa vidraça tem visto coisas estranhas, senhor – sussurrou Poole.

– Com certeza nenhuma mais estranha que ela própria – repetiu o advogado no mesmo tom. – Por que Jekyll, ou melhor dizendo... – ele começou a falar e parou na palavra com alarme, mas depois suprimiu a fraqueza. – O que Jekyll poderia querer com isso?

– Você vai descobrir! – disse Poole. Em seguida, voltaram para a mesa de trabalho. Na escrivaninha, no meio de um conjunto de papéis arrumados, um pacote enorme se destacava e exibia como destinatário, com a letra do médico, o nome do sr. Utterson. O advogado abriu-o, e vários invólucros caíram ao chão. O primeiro era um testamento, redigido nos mesmos termos excêntricos daquele devolvido seis meses antes, para servir de testamento em caso de morte e como ato de doação em caso de desaparecimento, mas, em lugar do nome de Edward Hyde, o advogado, com espanto indescritível, leu o nome de Gabriel John Utterson. Ele olhou para Poole, depois de volta para o papel, e, por fim, para o malfeitor morto esticado sobre o tapete.

– Minha cabeça gira – disse. – Ele passou todos esses dias possuído. Não tinha motivos para gostar de mim, deve ter se enfurecido ao ver-

se deslocado, mas não destruiu o documento.

Ele pegou o papel seguinte. Era uma breve nota manuscrita pelo médico, datada no topo.

– Oh, Poole! – gritou o advogado. – Ele estava vivo hoje, aqui, e não pode ter sido eliminado num espaço tão curto de tempo. Ainda deve estar vivo. Ou deve ter fugido! Mas, então, por que fugiria? E como? Nesse caso, podemos nos arriscar a declarar isso como suicídio? Ora, devemos tomar cuidado. Estou prevendo que talvez possamos envolver seu senhor em alguma catástrofe terrível.

– Por que não lê, senhor? – perguntou Poole.

– Porque estou com medo – respondeu o advogado, solenemente. – Deus permita que eu não tenha nenhum motivo para isso! – E, assim, aproximou o papel dos olhos e leu:

Meu caro Utterson,

Quando este bilhete cair em suas mãos, eu deverei ter desaparecido, sob que circunstâncias não tenho a perspicácia de prever, mas meu instinto e todas as circunstâncias da minha situação inominável me dizem que o fim é certo e deve ocorrer logo. Prossiga, então, mas primeiro leia a narrativa que Lanyon me avisou que colocaria em suas mãos. Se você desejar ouvir mais, volte-se para a confissão do seu indigno e infeliz amigo,

Henry Jekyll.

– Temos um terceiro envelope? – perguntou Utterson.

– Aqui está, senhor – disse Poole, entregando nas mãos dele um embrulho enorme selado em vários lugares.

O advogado o guardou no bolso.

– Não vou dizer nada sobre esses papéis. Se seu senhor fugiu ou estiver morto, podemos ao menos salvar sua honra. Agora são dez horas. Vou para casa ler esses documentos com toda calma, mas voltarei antes da meia-noite, quando chamaremos a polícia.

Saíram, trancando a porta do anfiteatro atrás deles. Utterson, mais uma vez deixando os criados reunidos em torno da lareira no salão, voltou a seu escritório para ler as duas narrativas sobre aquele mistério, que agora estava prestes a ser explicado.

A narrativa do dr. Lanyon



No dia 9 de janeiro, exatamente há quatro dias, recebi por entrega noturna um envelope registrado, endereçado à mão do meu colega e ex-companheiro de escola, Henry Jekyll. Fiquei muito surpreso com isso, pois não tínhamos o hábito de nos comunicar por correspondência. Eu tinha visto o homem, na verdade jantei com ele, na noite anterior. E não conseguia imaginar nada em nosso relacionamento que justificasse a formalidade do registro. O conteúdo aguçou minha curiosidade. A carta começava assim:

10 de dezembro de 18...

Caro Lanyon,

Você é um dos meus amigos mais antigos e, embora possamos ter diferido às vezes em questões científicas, não consigo me lembrar, pelo menos da minha parte, de qualquer quebra em nosso afeto. Jamais houve um dia em que, se você tivesse me dito “Jekyll, minha vida, minha honra, minha razão, dependem de você”, eu não teria sacrificado minha mão esquerda para ajudá-lo. Lanyon, minha vida, minha honra, minha razão, estão todas à sua mercê. Se você falhar comigo esta noite, estou perdido. Você poderia supor, depois dessa introdução, que vou lhe pedir que faça algo desonroso. Julgue por si mesmo.

Quero que adie todos os outros compromissos de hoje à noite, sim, mesmo se for convocado a comparecer ao palácio de um imperador, para tomar um carro de aluguel – a menos que sua carruagem esteja realmente à disposição na porta –, e com esta carta em mãos para consulta dirigir-se diretamente para minha casa. Poole, meu mordomo, tem ordens a cumprir. Você vai encontrá-lo aguardando sua chegada com um chaveiro. A porta do meu gabinete deve então ser forçada e você deve entrar sozinho. Abra a prensa de vidro (letra E) à esquerda,

quebrando a trava se estiver fechada. Retire, com todo o conteúdo que lá estiver, a quarta gaveta a partir do topo, ou (o que é a mesma coisa) a terceira gaveta de baixo para cima. Na extrema angústia que me aflige, tenho um medo mórbido de orientá-lo mal, mas mesmo se eu estiver errado você vai saber qual é a gaveta certa pelo seu conteúdo: alguns pós, um frasco e uma caderneta. Peça-lhe que leve essa gaveta consigo para Cavendish Square exatamente como está.

Essa é a primeira parte do serviço. Agora, quanto à segunda, você deve voltar, se por acaso partir imediatamente após o recebimento dessa mensagem, bem antes da meia-noite. Deixarei a você certa margem, não só pelo medo de um desses obstáculos que não podem ser impedidos nem previstos, mas porque a hora em que seus criados estiverem na cama deve ser preferível para o que ainda restará a fazer. À meia-noite, pois, preciso lhe pedir que fique sozinho em seu gabinete, admita na casa por conta própria um homem que se apresentará em meu nome e coloque em suas mãos a gaveta que terá trazido com você de meu gabinete. Então você terá feito a sua parte e conquistado totalmente minha gratidão. Cinco minutos depois, se insistir numa explicação, compreenderá a importância capital desses arranjos e também que, pela negligência de um deles, por mais fantásticos que possam parecer, você poderia vir a acusar sua consciência da minha morte ou do naufrágio da minha razão.

Por mais confiante que eu esteja de que você não vai desprezar esse apelo, meu coração desmorona e minhas mãos tremem só de imaginar tal possibilidade. Pense em mim nessa hora, num lugar estranho, trabalhando arduamente sob uma angustiante escuridão, sem o exagero de nenhuma fantasia, mas ainda bem consciente de que, se você me servir pontualmente, meus problemas vão se desenrolar como uma história que está sendo contada. Sirva-me, meu querido Lanyon, e salve seu amigo.

H. J.

P. S.: Eu já tinha selado essa anotação quando um novo terror atingiu minha alma. É possível que a agência postal falhe e essa carta não chegue em suas mãos antes de amanhã cedo. Nesse caso, querido Lanyon, execute minha missão quando lhe for mais conveniente durante o dia. E mais uma vez espere meu mensageiro à meia-noite. Pode então já ser tarde demais. E, se essa noite passar sem nada acontecer, você saberá que foi o último a saber de Henry Jekyll.

Com a leitura dessa carta, tive a certeza de que meu amigo estava louco, mas até que isso ficasse provado além de qualquer possibilidade

de dúvida senti-me obrigado a fazer o que ele pediu. Quanto menos entendia essa confusão, menos eu estava em posição de julgar sua importância. E um apelo redigido dessa maneira não poderia ser posto de lado sem uma grave responsabilidade. Levantei-me da mesa, entrei num cabriolé e fui direto para a casa de Jekyll. O mordomo esperava a minha chegada. Ele havia recebido pelo mesmo correio que eu uma carta registrada com instruções e imediatamente mandou chamar um chaveiro e um carpinteiro. Eles chegaram enquanto estávamos conversando, e todos fomos para o antigo anfiteatro cirúrgico do dr. Denman, a partir de onde (como você sem dúvida está ciente) é mais conveniente entrar no gabinete privativo de Jekyll. A porta era muito forte; a fechadura, excelente. O carpinteiro afirmou que se usasse a força teria grandes problemas e causaria muitos danos. O chaveiro estava quase desesperado, mas foi incansável, e, depois de duas horas de trabalho, a porta estava aberta. A prensa marcada foi destravada. Tirei a gaveta, enchi-a de palha, embrulhei-a num lençol e voltei para Cavendish Square.

Lá, realizei o exame do conteúdo. Os pós estavam bem preparados, mas não com a exatidão do dispensador químico, evidentemente de fabricação particular de Jekyll. Quando abri um dos embrulhos, encontrei o que parecia ser um simples sal cristalino de cor branca. O frasco para o qual voltei minha atenção em seguida estava cheio pela metade de um licor vermelho-sangue, altamente pungente ao olfato, que parecia conter fósforo e mais algum éter volátil. Quanto aos outros ingredientes, não me arrisquei a adivinhar. A caderneta era uma versão comum e continha pouca coisa, apenas uma série de datas, que cobriam um período de muitos anos, mas observei que os registros cessaram abruptamente havia pelo menos um ano. Aqui e ali havia um breve comentário anexado a uma data, em geral não mais que uma única palavra, “dobro”, que talvez tenha ocorrido umas seis vezes num total de várias centenas de registros. Além disso, bem no início da lista, uma única vez, seguida por várias marcas de exclamação, havia a expressão “fracasso total!!!”. Tudo isso, embora tenha aguçado minha curiosidade, pouco me dizia de algo definido. Ali estava um frasco de algum tipo de tintura, o papel de algum sal e o registro de uma série de experimentos que não levavam (como muitas das pesquisas de Jekyll) a nenhum fim de utilidade prática. Como a presença desses artigos em minha casa poderia afetar a honra, a sanidade ou a vida de meu volúvel amigo? Se o mensageiro dele podia ir a um lugar, por que não podia ir a outro? E, mesmo que ocorresse algum impedimento, por que esse senhor seria recebido por mim em

segredo? Quanto mais refletia, mais eu me convencia de que estava lidando com um caso de doença mental. E, embora eu tivesse dispensado meus criados para a cama, carreguei um revólver velho, para que pudesse assumir certa postura de autodefesa.

Nem bem as badaladas da meia-noite soaram sobre Londres, a aldrava foi suavemente batida na porta. Fui atender ao chamado e encontrei um homem pequeno agachado contra as colunas do pórtico.

– Veio em nome do dr. Jekyll? – perguntei.

Ele me disse que “sim” por meio de um gesto constrangido. Quando o convidei para entrar, ele não me obedeceu sem antes olhar para trás na escuridão da praça. Havia um policial não muito distante, aproximando-se com seu atento olhar taurino. Ao perceber isso, achei que meu visitante se assustou e resolveu se apressar.

Admito que esses detalhes me atingiram desagradavelmente. Conforme o segui na luz brilhante do consultório, mantive a mão preparada na minha arma. Naquele momento, por fim, tive a chance de vê-lo claramente. Jamais o vi antes, isso era certo. Ele era pequeno, como eu disse. Fiquei impressionado com a expressão chocante de seu rosto, uma notável combinação de grande atividade muscular com aparente enorme debilidade de constituição e, por último, mas não menos importante, com o estranho e subjetivo distúrbio causado pelo contorno. Isso tinha alguma semelhança com a incipiente rigidez da musculatura, acompanhada por um marcante rebaixamento da pulsação. Nesse momento, estabeleci alguma idiossincrática aversão pessoal e meramente me preocupei com a gravidade dos sintomas; mas, desde então, tenho razões para acreditar na existência de causas muito mais profundas na natureza humana, capazes de ativar articulações mais nobres que o princípio da antipatia.

Essa pessoa (que desde o primeiro momento de sua chegada despertou em mim o que só posso descrever como uma curiosidade abjeta) estava vestida de forma que tornaria uma pessoa comum ridícula. Suas roupas, é preciso dizer, embora fossem de tecido rico e sóbrio, eram demasiadamente grandes para ele em todas as medidas. As calças balançavam nas pernas e eram enroladas na bainha para não arrastarem no chão, o casaco descia muito abaixo da cintura, e o colarinho largo dançava solto em cima dos ombros. Estranho de relatar, esse conjunto disparatado estava longe de me fazer rir. Em vez disso, como havia algo de anormal e distorcido na essência da criatura que agora estava diante de mim, algo apreensivo, surpreendente e revoltante, essa nova disparidade apenas parecia se adequar e reforçar a pessoa visualmente. Então, ao meu interesse pela natureza e pelo

caráter do homem, agregou-se a curiosidade quanto à sua origem, sua vida, sua fortuna e seu status no mundo.

Essas observações, embora tivessem ocupado um espaço tão grande para serem estabelecidas, foram o trabalho de apenas alguns segundos. Meu visitante estava, de fato, ardendo em febre, numa excitação sombria.

– Você entendeu? – ele gritou. – Conseguiu?

Tão exaltada era sua impaciência que ele mesmo colocou a mão sobre o meu braço, tentando me sacudir. Eu o afastei, consciente, ao toque dele, de um certo arrepio gelado percorrendo meu sangue.

– Venha, senhor – eu disse. – Esqueceu-se de que ainda não tive o prazer de conhecê-lo. Sente-se, por favor.

Mostrei-lhe uma amostra, sentei-me em meu local habitual e o atendi imitando exatamente meu modo normal de tratar um paciente, tanto quanto me permitiram o horário, a natureza das minhas preocupações e o horror que eu sentia pelo meu visitante.

– Peço desculpas, dr. Lanyon – respondeu ele com bastante civilidade. – O que diz está muito bem fundamentado, e minha impaciência

desafiou minha polidez. Venho aqui a pedido de seu colega, o dr. Henry Jekyll, como parte de um negócio importante. E pelo que entendi... – ele fez uma pausa e colocou a mão no pescoço. Pude perceber, apesar de sua maneira contida, que ele lutava contra as abordagens da histeria. – Eu entendi, uma gaveta...

Mas, nesse momento, tive pena do suspense do meu visitante e um pouco, talvez, da minha crescente curiosidade.

– Aqui está, senhor – disse eu, apontando para a gaveta, deixada no chão, atrás de uma mesa e ainda coberta com o lençol.

Ele correu para lá, depois parou e colocou a mão no coração. Eu podia ouvir seus dentes rangerem com a ação convulsiva de suas mandíbulas. Seu rosto era tão horrível de ver que fiquei alarmado tanto pela vida quanto pela razão dele.

– Acalme-se – eu disse.

Ele me respondeu com um sorriso terrível e então, como se tomasse uma decisão em desespero, puxou o lençol. Ao ver os conteúdos, soltou um soluço alto de tão imenso alívio que fiquei petrificado. No momento seguinte, com a voz já bastante bem controlada, perguntou:

– Teria um copo graduado?

Levantei-me do meu lugar com alguma dificuldade e dei-lhe o que me pedia.

Ele me agradeceu com um aceno de cabeça. Sorrindo, mediu algumas quantidades mínimas da tintura vermelha e adicionou um dos pós. A mistura, que a princípio era de um matiz avermelhado, conforme os cristais derretiam, começou a assumir tons mais vivos, a efervescer audivelmente e a lançar para fora pequenas emanações de vapor. De repente, no mesmo instante, a ebulição cessou e o composto mudou para um roxo-escuro, que desvaneceu de novo mais lentamente para um verde-aquoso. Meu visitante, que tinha observado todas essas metamorfoses com olho afiado, sorriu, pôs o copo em cima da mesa, depois se virou e olhou para mim com ar ponderado.

– E agora – disse ele – vamos resolver o que resta. Você será sábio? Será comido? Você me deixará tomar esse copo que está na minha mão e sair de sua casa sem mais discussões? Ou a força da curiosidade terá demasiado comando sobre você? Pense antes de responder, pois será feito como você decidir. Conforme decidir, você será deixado como era antes, nem mais rico nem mais sábio, a menos que o sentido de serviço prestado a um homem em sofrimento mortal possa ser contado como uma espécie de riqueza da alma. Ou, se preferir assim escolher, um novo domínio de conhecimento e novas trilhas para a fama e para o poder estarão abertas a você, aqui nesta sala, no instante seguinte. E sua vista será explodida por um prodígio capaz de assombrar a incredulidade de Satanás.

– O senhor fala por enigmas – respondi, simulando uma frieza que estava longe de possuir verdadeiramente. – Talvez não irá se admirar que eu o escute sem grandes fingimentos de credulidade. Pois bem, fui longe demais no caminho dos serviços inexplicáveis para fazer uma pausa antes de ver o fim.

– Está certo – respondeu o visitante. – Lanyon, você se lembra dos seus votos: o que acontecerá em seguida está sob o juramento da nossa profissão. E agora, você que há tanto tempo está ligado às visões mais estreitas e materiais, você que negou a virtude da medicina transcendental, você que ridicularizou seus superiores, veja isso!

Ele levou o copo aos lábios e bebeu de um só gole. Seguiu-se um grito. Ele cambaleou, rodopiou, agarrou-se na mesa e se apoiou, arregalando os olhos injetados de sangue, ofegante e com a boca aberta. E, conforme eu olhava, achei que uma mudança ocorria. Ele pareceu inchar, seu rosto de repente enegrecer e seus traços pareciam derreter e se alterar. No momento seguinte, coloquei-me em pé com um salto, pulei contra a parede, com o braço levantado para me proteger daquele prodígio, e com a mente submersa em terror.

– Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! – gritei, repetidas vezes. Porque

ali, diante dos meus olhos, pálido, abalado, meio desmaiado, tateando à frente do corpo, como um homem restaurado da morte, estava Henry Jekyll!

O que ele me contou na hora seguinte não posso trazer à minha mente para colocar no papel. Vi o que vi, ouvi o que ouvi e a minha alma sentiu náuseas disso. Ainda agora, quando essa visão já desapareceu dos meus olhos, eu me pergunto se acredito e não consigo responder. Minha vida foi abalada até as raízes. O sono me abandonou. O terror mais mortal me segue em todas as horas do dia e da noite. Sinto que meus dias estão contados e que vou morrer. E ainda vou morrer incrédulo. Quanto à turbulência moral que esse homem desencadeou em mim, mesmo com lágrimas de penitência, não posso, mesmo na memória, pensar nela sem começar a sentir horror. Utterson, vou dizer apenas uma coisa e se você puder dar crédito a isso em sua mente será mais que suficiente. A criatura que entrou na minha casa naquela noite era, pela própria confissão de Jekyll, conhecida pelo nome de Hyde e perseguida em todos os cantos da terra como o assassino de Carew.

Hastie Lanyon

O depoimento completo de Henry Jekyll sobre o caso



Nasci no ano 18... para herdar uma grande fortuna, dotado acima de tudo de excelentes qualidades, habilidoso por natureza, aficionado a respeitar os sábios e os bons entre os meus semelhantes, eu era, portanto, como se poderia supor, detentor de todas as garantias de um futuro honrado e distinto. Na verdade, o pior dos meus defeitos seria uma certa exuberância impaciente de disposição, como a que faz a felicidade de muita gente, mas que eu achava difícil de conciliar com meu imperioso desejo de carregar a cabeça erguida e de usar uma aparência mais que vulgarmente sisuda diante do público. Por causa disso, acontece que passei a esconder meus prazeres. E então, quando cheguei aos anos de reflexão, comecei a olhar em torno de mim e a fazer um balanço dos meus progressos e da minha posição no mundo; eu já estava comprometido com uma profunda duplicidade de vida. Muitos homens teriam até se orgulhado dessas irregularidades de que eu me sentia culpado, mas a partir das altas visões que tinha colocado diante de mim eu as olhava e as escondia com uma sensação de vergonha quase mórbida.

Assim, foi essa natureza mais exigente das minhas aspirações do que qualquer degradação particular em minhas falhas que me tornou o que eu era e que, como uma trincheira ainda mais profunda do que na maioria dos homens, cortou em mim aqueles domínios do bem e do mal que dividem e compõem a natureza dual do homem. Nesse caso, fui levado a refletir profunda e inveteradamente sobre aquela dura lei da vida, que está na raiz da religião e que é uma das fontes mais abundantes de angústia.

Embora tão profundamente contraditório, eu não era, de modo

algun, hipócrita. Ambos os meus lados eram muito sinceros. Eu não era mais eu mesmo quando deixava de lado os escrúpulos e mergulhava na vergonha do que quando trabalhava, à luz do dia, para o avanço do conhecimento ou o alívio da tristeza e do sofrimento. Acontece que a direção dos meus estudos científicos me conduziu inteiramente ao mundo místico e transcendental, reagindo e derramando forte luz sobre essa consciência da guerra perene entre os membros do meu corpo. A cada dia, e de ambos os lados da minha inteligência, moral e intelectual, eu me aproximava sempre mais dessa verdade, cuja descoberta parcial me condenava a um terrível naufrágio: esse homem não é realmente um, mas verdadeiramente dois. Digo dois, porque o estado de meu próprio conhecimento não passa desse ponto. Outros seguirão, outros me superarão na mesma linha. E arrisco o palpite de que o homem será finalmente conhecido pelo mero arranjo de múltiplas personalidades, incongruentes e independentes.

Eu, da minha parte, pela natureza da minha vida, avancei infalivelmente numa direção e numa única direção. Foi pelo lado moral e por mim mesmo que aprendi a reconhecer a dualidade completa e primitiva do homem. Vi que, das duas naturezas que competiam no campo da minha consciência, mesmo que eu pudesse ser considerado corretamente uma coisa ou outra, seria apenas porque eu era radicalmente ambas; e desde cedo, mesmo antes do curso das minhas descobertas científicas ter começado a sugerir a possibilidade mais evidente de tal milagre, aprendi a considerar com prazer, como um devaneio amado, o pensamento da separação desses elementos. Se cada um, eu dizia a mim mesmo, pudesse ser alojado em identidades separadas, a vida seria aliviada de tudo o que é insuportável. O injusto, libertado de suas aspirações, poderia seguir seu caminho e se lastimar de seu gêmeo mais correto. E o justo poderia andar firme e seguro em seu caminho ascendente, fazendo as coisas boas em que acha prazer, não mais exposto à desgraça e à penitência pelas mãos desse demônio estranho. Era maldição para a humanidade que esses temperamentos incongruentes estivessem assim ligados no ventre agoniado da consciência, onde esses gêmeos polares deveriam permanecer lutando continuamente. Como então dissociá-los?

Eu estava muito distante em minhas reflexões quando, como já disse, uma luz lateral começou a brilhar sobre o objeto na minha mesa no laboratório.

Comecei a perceber mais profundamente o que jamais havia sido afirmado, a imaterialidade trêmula, a transitoriedade nebulosa desse

corpo aparentemente tão sólido com que andamos vestidos. Descobri que certos agentes teriam o poder de sacudir e trazer de volta essa vestimenta carnal, assim como uma ventania pode agitar as cortinas de um pavilhão. Por duas boas razões, não entrarei profundamente nesse ramo científico da minha confissão. Primeiro, porque fui feito para aprender que a desgraça e o desgaste de nossa vida estão presos para sempre sobre os ombros do homem e que quando é feita uma tentativa de rejeitá-los eles retornam para nós com uma pressão ainda mais estranha e impressionante. Segundo, porque, como minha narrativa tornará, infelizmente, muito evidente, minhas descobertas estavam incompletas. Bastaria, pois, que eu não apenas reconhecesse meu corpo natural pela mera aura e refulgência de alguns dos poderes que constituíam meu espírito, mas que conseguisse compor uma droga pela qual esses poderes deveriam ser destronados de sua supremacia, com uma segunda forma e o semblante substituídos, não menos naturais para mim, porque seriam a expressão e carregariam o selo dos elementos inferiores da minha alma.

Hesitei muito antes de colocar essa teoria sob o teste da prática. Sabia muito bem que me arriscava a morrer, pois qualquer droga que tão poderosamente controlasse e sacudisse a própria fortaleza da identidade poderia, ao menor escrúpulo de uma dose muito forte, ou à mínima importunidade no momento da exposição, apagar completamente aquele tabernáculo imaterial que eu procurava transformar, mas a tentação de uma descoberta tão singular e profunda finalmente superou as sugestões alarmistas.

Havia muito tempo eu preparava a fórmula da minha poção. De uma só vez, comprei de uma firma de químicos por atacado uma grande quantidade de um sal específico que eu sabia, pelas minhas experiências, ser o último ingrediente necessário. E na calada de uma noite amaldiçoada fiz a composição dos elementos e os vi ferverem e fumegarem juntos no copo. Quando a ebulição cessou, num forte arroubo de coragem, bebi a poção.

As dores mais violentas ocorreram: o mor dos ossos, náuseas mortais e um horror espiritual que não pode ser excedido nem na hora do nascimento ou da morte. Então essas agonias começaram rapidamente a diminuir e voltei a mim como se saísse de uma grave doença. Havia algo estranho nas minhas sensações, algo indescritivelmente novo e, por causa da própria novidade, incrivelmente doce. Sentia-me mais jovem, mais leve, mais feliz no meu corpo. Embora estivesse consciente da minha imprudência inebriante, imagens sensoriais desordenadas passavam como uma

correnteza, disparadas em correria na minha fantasia, como a solução para os limites da obrigação, como uma liberdade desconhecida, mas não inocente da alma. Conheci a mim mesmo, no primeiro sopro dessa nova vida, como sendo mais perverso, dez vezes mais perverso, vendido como escravo ao meu demônio original. E a lembrança desse momento me abraçou e me encantou como o vinho. Estendi as mãos, exultante no frescor dessas sensações. E, no ato, de repente percebi que tinha perdido estatura.

Não havia espelho, naquele tempo, no meu quarto. Esse que está ao meu lado enquanto escrevo foi trazido para cá mais tarde e a propósito dessas transformações. A noite ia alta, mas bem distante da manhã, e a madrugada, apesar de ainda escura, estava quase pronta para dar origem ao dia. Os moradores da minha casa estavam trancados nas mais rigorosas horas de sono. Decidi, entusiasmado como estava com a esperança e o triunfo, arriscar seguir em minha nova forma até meu quarto. Atravessei o pátio, com as constelações me observando. Imaginei, admirado, que seria a primeira criatura desse tipo que a vigilância delas jamais havia captado. Prossegui furtivamente pelos corredores, como um estranho em minha própria casa, e, chegando ao meu quarto, vi pela primeira vez a aparência de Edward Hyde.

Aqui vou falar apenas em teoria, para dizer não o que sei, mas o que suponho ser o mais provável. O lado maligno da minha natureza – para o qual eu tinha então transferido a eficácia da aparência – era menos robusto e menos desenvolvido que o lado bom que eu acabara de destronar. Novamente, no curso da minha vida, da qual nove décimos tinham sido uma vida de esforço, virtude e controle, esse lado tinha sido muito menos exercitado e estava muito menos esgotado. Foi por isso, eu acho, que Edward Hyde surgiu menor, mais magro e mais jovem que Henry Jekyll. Ao mesmo tempo em que o bem brilhava no semblante de um, o mal estava escrito de forma ampla e clara na face do outro. O mal, além disso (que ainda devo acreditar ser o lado letal do homem), tinha deixado nesse corpo a marca da deformidade e da decadência. E, no entanto, quando olhei para aquele ídolo feio refletido no espelho, tive consciência de não sentir nenhuma repugnância, mas, em vez disso, fiz um sinal de boas-vindas. Esse também era eu. Parecia natural e humano. Aos meus olhos, exibia uma imagem mais viva do espírito, parecia mais direta e simples que o semblante imperfeito e dividido que até então eu me acostumara a chamar de meu. E nisso, até aquele momento, sem dúvida eu estava certo. Observei que, quando usava a aparência de Edward Hyde, no

início ninguém podia se aproximar de mim sem uma visível inquietação da carne. Isso, como vejo, era porque todos os seres humanos, quando nos encontramos com eles, estão misturados entre o bem e o mal. Edward Hyde, sozinho nas fileiras da humanidade, era puro mal.

Permaneci apenas um momento diante do espelho. A segunda e conclusiva experiência ainda não havia sido tentada. Restava ver se eu teria perdido minha identidade além da redenção e se precisaria fugir, antes da luz do dia, de uma casa que já não era mais a minha. Voltei apressado para o meu gabinete, mais uma vez preparei e bebi a taça, mais uma vez sofri as dores da dissolução e voltei a mim mesmo com o caráter, a estatura e o rosto de Henry Jekyll.

Naquela noite, eu tinha chegado à encruzilhada fatal. Se tivesse abordado minha descoberta com um espírito mais nobre, se tivesse arriscado o experimento enquanto ainda estava sob o império de aspirações generosas ou piedosas, tudo deveria ter acontecido de outra forma. E dessas agonias de morte e nascimento eu viria como anjo em vez de demônio. A droga não tinha ação discriminatória, não era nem diabólica nem divina, mas sacudiu as grades da prisão do meu caráter. E, como os cativos de Filipos, o que estava dentro correu para fora. Nessa ocasião, minha virtude adormeceu. Meu demônio, despertado pela ambição, estava alerta e esperto para aproveitar a ocasião. E a coisa projetada foi Edward Hyde. Assim, embora eu agora tivesse dois personagens, bem como duas aparências, uma era totalmente má e a outra continuava sendo o velho Henry Jekyll, aquele ser composto incongruente de cuja reforma e melhoria eu já tinha aprendido a não ter esperanças. Assim, a mudança foi totalmente para o pior.

Mesmo nessa época, eu ainda não tinha conquistado minha aversão à insipidez de uma vida de estudo. Às vezes, eu ainda estava alegremente disposto. E como meus prazeres eram (para dizer o mínimo) indignos, e eu não era apenas conhecido e altamente considerado, mas amadurecia em direção ao homem idoso, essa incoerência da minha vida ficava cada dia mais indesejável. Foi por esse lado que meu novo poder me tentou até que caí na escravidão. Tive apenas que beber a taça, tirar de uma vez o corpo do notável professor e assumir, como uma capa grossa, o de Edward Hyde. Sorri diante dessa noção, que na época me pareceu ser bem-humorada. Assim, fiz meus preparativos com o cuidado mais judicioso. Assumi e mobiliei a casa no Soho, na qual Hyde foi rastreado pela polícia. E contratei como governanta uma criatura que conhecia bem e sabia que era silenciosa e sem escrúpulos. Por outro lado, anunciei a meus

criados que um certo sr. Hyde (a quem descrevi) deveria ter plena liberdade e poder sobre minha casa na praça. E para enfrentar os percalços eu mesmo me apresentei e me tornei alguém familiar, em meu segundo personagem. Em seguida, redigi o testamento, que você tanto contestou, de modo que, se alguma coisa me acontecesse na pessoa do dr. Jekyll, eu poderia entrar na herança de Edward Hyde sem perda pecuniária. E assim fortalecido, como eu supunha, de todos os lados, comecei a aproveitar as estranhas imunidades de minha posição.

Antes, os homens contratavam capangas para executarem seus crimes, enquanto eles mesmos e suas reputações ficavam protegidos e abrigados. Fui o primeiro a fazer isso por prazer. Fui o primeiro a poder, assim, enfrentar os olhos do público com uma carga respeitável de genialidade e, num instante, como uma criança em idade escolar, despojar-me desse empréstimo para mergulhar de cabeça no mar da liberdade. Para mim, entretanto, no meu manto impenetrável, a segurança era completa. Pense nisso: eu nem sequer existia! Bastava-me escapar pela porta do meu laboratório e ter apenas um segundo ou dois para misturar e engolir a dose que eu sempre deixava pronta. E o que quer que tivesse feito Edward Hyde sumiria como a mancha de um sopro no espelho. E aí, em seu lugar, na tranquilidade do lar, ajeitando a lâmpada de meia-noite em seu escritório, um homem que poderia se dar ao luxo de rir de qualquer suspeita seria Henry Jekyll.

Os prazeres que me apressei a buscar sob meu disfarce foram, como já disse, indignos. E eu dificilmente usaria um termo mais forte; mas, nas mãos de Edward Hyde, logo começaram a tender para a monstruosidade. Quando voltava desses passeios, muitas vezes eu estava mergulhado numa espécie de encantamento pela minha depravação vicária. Esse semelhante que retirei da minha própria alma e que liberei a seu bel-prazer era um ser inerentemente maligno e vilão. Cada um de seus atos e pensamentos estava centrado em seu próprio ego. Ele se embriagava de prazer com uma avidez bestial e passava de um grau de tormento para outro, implacável como um homem de pedra. Henry Jekyll às vezes ficava horrorizado diante dos atos de Edward Hyde, mas era uma situação fora do alcance das leis ordinárias, que insidiosamente relaxava o controle da consciência. Afinal, o culpado era Hyde, exclusivamente. Jekyll não era tão ruim. Acordava de novo para suas boas qualidades aparentemente irrepreensíveis. Ele até se apressava, quando possível, para desfazer o mal feito por Hyde. E assim sua consciência adormecia.

Não tenho planos de adentrar os detalhes da infâmia com a qual eu

assim era conivente (porque mesmo agora eu dificilmente admito que cometi isso), a não ser para indicar as advertências e os passos sucessivos pelos quais meu castigo se aproximava. Envolvi-me num acidente que, como não trouxe nenhuma consequência, não tenho mais que mencionar. Um ato de crueldade com uma criança despertou contra mim a ira de um transeunte, a quem reconheci outro dia na pessoa de seu parente. O médico e a família da criança se juntaram a ele. Houve momentos em que temi pela minha vida. E por fim, para pacificar o ressentimento tão justo deles, Edward Hyde teve que levá-los até a porta e pagá-los com um cheque assinado em nome de Henry Jekyll, mas esse perigo foi facilmente eliminado do futuro, com a abertura de uma conta em outro banco em nome do próprio Edward Hyde.

Cerca de dois meses antes do assassinato de *sir* Danvers, saí para uma de minhas aventuras. Voltei a uma hora tardia e acordei no dia seguinte na cama, com sensações um tanto estranhas. Era em vão que eu olhava ao meu redor. Em vão que via o mobiliário decente e as altas proporções do meu quarto na praça. Em vão reconhecia o padrão das cortinas da cama e o desenho no quadro de mogno. Algo continuava insistindo que eu não estava onde eu estava, que não tinha acordado onde parecia estar, mas no pequeno quarto em Soho onde estava acostumado a dormir no corpo de Edward Hyde. Sorri para mim mesmo e, psicologicamente, comecei a investigar devagar os elementos dessa ilusão; ocasionalmente, ao mesmo tempo em que fazia isso, caía de volta num cochilo confortável de manhã. Eu ainda estava muito empenhado nisso, quando, num momento mais desperto, meus olhos caíram sobre uma das minhas mãos. Então, as mãos de Henry Jekyll (como você observou muitas vezes) eram as de um profissional na forma e no tamanho: eram grandes, firmes, brancas e elegantes, mas a mão que vi com bastante clareza naquela hora, à luz do dia, em plena manhã em Londres, descansando meio fechada sobre a roupa de cama, era magra, cheia de veias, deformada, de uma palidez sombria e intensamente sombreada por causa dos pelos crescidos. Era a mão de Edward Hyde.

Devo ter ficado olhando para ela por quase meio minuto, mergulhado como estava na mera estupidez do encantamento, antes do horror despertar em meu peito tão súbita e assustadoramente como o estrondo de címbalos. Saltando da minha cama, corri para o espelho. À vista do que meus olhos encontraram, meu sangue se transformou em algo estranhamente fino e gelado. Sim, fui para a cama como Henry Jekyll e acordei como Edward Hyde. “Como explicar isso”

– perguntei a mim mesmo; depois, com outro sobressalto de horror – “como poderia remediar isso?” Era bem no meio da manhã. Os criados estavam de pé. Todas as minhas drogas estavam no gabinete. Seria uma longa viagem por dois lances de escadas, pelo corredor de trás, pela quadra aberta e pelo anfiteatro de anatomia, que eu então avistava paralisado de horror.

De fato, seria possível cobrir meu rosto, mas de que me valia isso se eu era incapaz de ocultar a alteração na estatura? Então, com uma poderosa sensação de suavidade e alívio, veio de volta à minha mente a lembrança de que os criados já estavam acostumados com as idas e vindas do meu segundo eu. Logo me vesti, na medida do possível, com roupas do meu próprio tamanho, depois saí pela casa. Bradshaw espantou-se e recuou ao ver o sr. Hyde em tão adiantada hora, numa roupa tão estranha. Dez minutos mais tarde, o dr. Jekyll voltou à sua própria forma e estava sentado, com a fronte carregada, fingindo que fazia o desjejum.

Meu apetite era nenhum. Esse inexplicável incidente, essa inversão da minha experiência anterior, parecia, como o dedo babilônico na parede, estar soletrando as palavras do meu julgamento. Então comecei a refletir mais seriamente que nunca sobre as questões e possibilidades da minha dupla existência. Aquela parte de mim, que eu tinha o poder de projetar, ultimamente tinha sido muito exercida e nutrida. Parecia que nos últimos tempos o corpo de Edward Hyde tinha crescido em estatura, como se (quando eu usava essa forma) estivesse consciente de uma maré de sangue mais generosa. Comecei a desconfiar do perigo de que, se isso fosse muito prolongado, o equilíbrio de minha natureza pudesse ser permanentemente derrubado, o poder da mudança voluntária ser perdido e o caráter de Edward Hyde tornado irrevogavelmente meu.

Nem sempre o poder da droga tinha se mostrado por igual. Uma vez, bem no começo da minha carreira, falhou completamente. Desde então, fui obrigado, em mais de uma ocasião, a dobrar e uma vez, com infinito risco de morte, a triplicar a quantidade. E essas raras incertezas haviam lançado até então a única sombra sobre meu contentamento. Agora, no entanto, e à luz do acidente daquela manhã, fui levado a observar que, se no começo a dificuldade era jogar fora o corpo de Jekyll, ela tinha, enfim, gradual e decididamente se transferido para o outro lado. Todas as coisas, portanto, pareciam apontar para isso: que eu estava lentamente perdendo o controle de meu primeiro ego, melhor e original, e lentamente incorporando o segundo, pior.

Eu agora sentia que teria que escolher entre esses dois. Minhas duas naturezas tinham a memória em comum, mas todas as outras faculdades eram mais desigualmente partilhadas. Jekyll, normalmente composto, agora estava com percepções mais sensíveis, possuía um entusiasmo ganancioso, projetava e compartilhava os prazeres e as aventuras de Hyde. Mas Hyde era indiferente a Jekyll, ou só se lembrava dele como o bandido da montanha se lembra da caverna na qual se esconde da perseguição. Jekyll tinha mais o interesse de um pai. Hyde tinha mais a indiferença de um filho. Apostar minha sorte em Jekyll seria renunciar aos apetites que secretamente me satisfaziam havia muito tempo e no qual, ultimamente, eu começara a me esbaldar. Ceder a Hyde seria morrer para milhares de interesses e aspirações e tornar-me, de um só golpe e para sempre, desprezado e sem amigos. O acordo podia parecer desigual, mas havia ainda outra consideração em jogo, pois enquanto Jekyll sofria comichões no calor da abstinência Hyde nem sequer teria consciência de tudo o que tinha perdido. Por mais estranhas que fossem minhas circunstâncias, os termos desse debate eram tão antigos e comuns como o ser humano, muito dos mesmos estímulos e contratempos que se apresentavam a qualquer pecador tentado e indeciso. E comigo aconteceu, como acontece com a vasta maioria dos meus amigos, que escolhi a melhor parte, mas não tive forças para ficar com ela.

Sim, eu preferia o médico idoso e descontente, cercado por amigos e acalentando esperanças honestas. Desisti resolutamente da liberdade, da juventude comparativa, do passo leve, dos impulsos saltadores e dos prazeres secretos de que desfrutava sob o disfarce de Hyde. Fiz essa escolha talvez com alguma reserva inconsciente, pois não desisti da casa no Soho, nem destruí as roupas de Edward Hyde, que ainda estavam prontas em meu gabinete. Por dois meses, no entanto, fui fiel à minha determinação. Durante dois meses, levei uma vida de tal seriedade como nunca antes tinha alcançado, gozando das compensações de uma consciência aprovadora. Mas o tempo começou finalmente a obliterar o frescor do meu alerta. Os louvores da consciência começaram a se transformar numa maldição. Comecei a ser torturado por aflições e anseios, como se Hyde lutasse pela liberdade. E, finalmente, numa hora de fraqueza moral, eu mais uma vez preparei e engoli a poção transformadora.

Não suponho, quando um bêbado raciocina consigo mesmo sobre seu vício, que ele seja quinhentas vezes afetado pelos perigos que corre por sua insensibilidade física bruta. Nem eu tinha, por mais que considerasse minha posição, atinado suficientemente para a total

insensibilidade moral e a insensata prontidão para o mal, as características principais de Edward Hyde. No entanto, foi por isso que fui punido. Meu demônio, por muito tempo enjaulado, saía rugindo. Eu tinha consciência, mesmo quando tomava a poção, de uma propensão mais desenfreada, mais furiosa, para a maldade. Deve ter sido isso, suponho, que agitou em minha alma aquela tempestade de impaciência com que recebi as atitudes de civilidade da minha infeliz vítima. Declaro, pelo menos diante de Deus, que nenhum homem dotado de sanidade moral poderia ser culpado desse crime por uma provocação tão lamentável. E que eu não atingia espírito mais razoável que aquele de uma criança doente que quebra um brinquedo, pois voluntariamente me despojava de todos os instintos equilibradores pelos quais mesmo o pior de nós continua a andar com alguma firmeza entre as tentações. E, no meu caso, a tentação, por menor que fosse, significava cair.

Instantaneamente, o espírito demoníaco despertava em mim e se enfurecia. Num transporte de alegria, eu maltratava meu corpo sem resistência, saboreando cada golpe com prazer. E não era antes de o cansaço começar a vencer que, de repente, no auge do meu delírio, eu fosse atingido no coração por uma frágil emoção de horror. Como uma névoa dispersa, vi minha vida sendo confiscada. Fugi da cena desses excessos, ao mesmo tempo glorioso e trêmulo, com minha concupiscência pela maldade satisfeita e estimulada e meu amor pela vida pendurado na viga mais alta. Corri para a casa do Soho e (para ter dupla certeza) destruí meus papéis. De lá saí por ruas com lâmpadas acesas, no mesmo êxtase mental dividido, regozijando-me por meus crimes, imaginando com veemência outros no futuro, ainda me apressando e perscrutando em meu rastro pelos passos do vingador. Hyde tinha uma canção em seus lábios enquanto preparava a poção e, quando a bebia, brindava ao homem morto. As dores da transformação não o fizeram chorar, antes que Henry Jekyll, com lágrimas de gratidão e remorsos, caísse de joelhos com as mãos levantadas para Deus.

O véu da autoindulgência foi estendido da cabeça aos pés. Vi minha vida como um todo. Segui-a desde os dias da infância, quando andava de mãos dadas com meu pai. E pelos laços de autonegação da minha vida profissional chegava sempre de novo, com a mesma sensação de irrerealidade, aos terrores medonhos da noite. Eu poderia ter gritado. Procurei, com lágrimas e orações, abafar a multidão de imagens e sons horrendos com que minha memória me invadia. E ainda, entre as petições, a cara feia da minha iniquidade

contemplava minha alma. Quando a agudeza desse remorso começava a desaparecer, sucedia-se uma sensação de alegria. O problema da minha conduta estava resolvido. A partir disso, a existência Hyde era impossível. Quer quisesse ou não, eu agora estava confinado à melhor parte da minha existência. Oh, como me alegrava pensar nisso! Com que humildade prestimosa abracei de novo as restrições da vida natural! Com que sincera renúncia tranquei a porta pela qual tantas vezes tinha entrado e saído, e enterrei a chave sob meus calcanhares!

No dia seguinte, veio a notícia de que o assassinato tinha sido esquecido, que a culpa de Hyde era patente para todo mundo e que a vítima era um homem de alta estima pública. Não era apenas um crime, era uma loucura trágica. Acho que fiquei feliz ao saber disso. Acho que fiquei feliz por ter meus melhores impulsos assim apoiados e guardados pelos terrores da força. Jekyll era agora a cidade do meu refúgio. Caso Hyde se expusesse por um instante, as mãos de todos os homens se levantariam para capturá-lo e destruí-lo.

Decidi redimir o passado em minha conduta futura. E posso dizer com honestidade que minha resolução deu frutos na forma de algum bem. Como você mesmo sabe, com toda a seriedade nos últimos meses do ano passado, trabalhei para aliviar o sofrimento. Você sabe que muita coisa foi feita para os outros e que os dias passaram calmamente, quase felizes para mim. Não posso dizer sinceramente que essa vida benéfica e inocente me cansava, muito pelo contrário; acho que todos os dias gostava disso mais completamente, mas eu ainda estava amaldiçoado com minha dualidade de propósito, e, quando o primeiro momento da minha penitência se desfez, meu lado inferior, por tão longo tempo favorecido e tão recentemente acorrentado, começou a clamar por licenciosidade. Não que eu sonhasse ressuscitar Hyde. A simples ideia disso me apavorava até o delírio. Não, era minha própria pessoa, mais uma vez tentada a brincar com minha consciência. E foi como um pecador secreto comum que finalmente sucumbi diante dos assaltos da tentação.

Todas as coisas chegam a um fim. A medida mais ampla é finalmente preenchida. Essa breve condescendência com a maldade acabou destruindo o equilíbrio da minha alma. E, no entanto, eu não me assustei. A queda parecia natural, como um retorno aos velhos tempos, antes que eu fizesse a descoberta. Era um belo dia claro de janeiro, molhado embaixo dos pés, porque o gelo derretia, mas sem nuvens por sobre a cabeça. O Regent's Park estava cheio de pardais do inverno e dos doces perfumes da primavera. Sentei-me ao sol num banco. O animal dentro de mim lambia os beijos da memória. O lado

espiritual um pouco adormecido prometia penitência subsequente, mas ainda não se mexia para começar. Afinal, refleti, eu era como os meus vizinhos. Então, sorri ao me comparar com os outros homens, ao comparar minha benevolência ativa com a preguiçosa crueldade da negligência deles. E no exato momento desse pensamento glorioso e vão tive uma vertigem, uma náusea horrível, acompanhada do tremor mais mortal. Isso passou, mas quase desmaiei. Em seguida, quando por sua vez a fraqueza diminuiu, comecei a perceber uma mudança no temperamento dos meus pensamentos: maior ousadia, desprezo pelo perigo, dissolução dos vínculos da obrigação. Olhei para baixo. Minhas roupas pendiam sem forma em meus membros encolhidos. A mão sobre meu joelho estava cheia de veias e era peluda. Mais uma vez eu era Edward Hyde. Um instante antes eu tinha certeza do respeito de todos os homens, ricos, queridos. A toalha esperava por mim, na mesa da minha sala de jantar em casa, mas agora eu era um rejeito comum da humanidade, caçado, sem moradia, um assassino conhecido, condenado à força.

Minha razão vacilou, mas não me falhou completamente. Mais de uma vez observei que, em minha segunda personalidade, minhas faculdades pareciam aguçadas até certo ponto, e meu espírito mais tensamente elástico. Assim acontecia que, onde Jekyll talvez sucumbisse, Hyde se elevava à importância do momento. Minhas drogas estavam numa das prensas do meu gabinete. Como poderia alcançá-las? Esse era o problema que (esmagando minhas têmporas com as mãos) eu me preparava para resolver. Eu tinha fechado a porta do laboratório. Se tentasse entrar pela casa, meus próprios criados me entregariam à força. Vi que precisava seguir por outro lado e pensei em Lanyon.

Como poderia alcançá-lo? Como persuadi-lo? Supondo que escapasse da captura nas ruas, como conseguiria entrar em sua presença? E como eu, um visitante desconhecido e desagradável, prevaleceria sobre o famoso médico para convencê-lo a saquear o escritório de seu colega, o dr. Jekyll? Então, me lembrei da minha personalidade original. Parte dela permanecia em mim: eu poderia escrever com minha própria mão. E, uma vez acesa essa pequena centelha, o caminho que eu deveria seguir iluminou-se de ponta a ponta.

Então, arrumei minhas roupas o melhor que pude e, parando um coche que passava, dirigi-me a um hotel na Portland Street, cujo nome me lembrei. Diante da minha aparência (realmente muito cômica, por mais trágico que fosse o destino daquelas roupas), o motorista não

consegui conter o riso. Rangi os dentes para ele, com uma rajada de fúria diabólica, e o sorriso murchou em seu rosto; felizmente para ele e mais ainda para mim, pois, no instante seguinte, eu certamente o arrancaria de seu poleiro. Na hospedaria, quando entrei, olhei ao redor com semblante tão acabrunhado que os atendentes estremeceram. Não trocaram nenhum olhar na minha presença.

Mas obedientemente seguiram minhas ordens, conduziram-me a um quarto privativo e me trouxeram o material para escrever. Hyde correndo perigo de vida era uma criatura nova para mim, alguém abalado pela raiva desmedida, atado ao passo do assassinato, ansioso para infligir dor. No entanto, era uma criatura astuta. Dominava sua fúria com grande esforço de vontade. Redigiu duas cartas importantes, uma para Lanyon e outra para Poole. E para que pudessem receber evidências reais de postagem enviou-as com instruções de que deveriam ser registradas.

Dali em diante, ele permaneceu sentado o dia todo perto da lareira na sala privativa, roendo as unhas. Lá jantou, sentado sozinho com seus medos, com o garçom visivelmente vacilante diante de seu olhar. Então, quando chegou a noite, chamou na esquina um coche fechado, para ser levado de um lado para outro pelas ruas da cidade. Ele, quero dizer eu, mas não consigo dizer eu, aquele filho do inferno não tinha nada de humano. Nada subsistia nele, senão o medo e o ódio. Foi quando, finalmente, achando que o motorista começava a suspeitar, desceu do coche e se aventurou a pé, vestido com suas roupas desajustadas, como um objeto marcado para observação, no meio dos caminantes noturnos. Essas duas paixões básicas cresciam dentro dele furiosas como uma tempestade. Ele andava rápido, caçado por seus medos, tagarelando consigo mesmo, passeando por ruas menos frequentadas, contando os minutos que ainda o separavam da meia-noite. Uma vez uma mulher falou com ele, para lhe oferecer, eu acho, uma lamparina. Ele a esbofeteou no rosto, e ela fugiu.

Quando cheguei por mim mesmo na casa de Lanyon, o horror de meu velho amigo talvez tenha me afetado um pouco, não sei. Era menos que uma gota no mar de abominações de que eu me recordava nessas horas. Uma mudança tinha ocorrido em mim. Não era mais o medo da força, era o horror de ser Hyde que me atormentava. Recebi a condenação de Lanyon, em parte, como um sonho. Foi em parte como em sonho que voltei para minha própria casa e me enfiei na cama. Dormi por causa do cansaço do dia, com um sono intenso e profundo, que nem os pesadelos que me retorciam conseguiram interromper. Acordei de manhã, abalado, enfraquecido, mas

reanimado. Eu ainda odiava e temia o pensamento do animal bruto adormecido dentro de mim e não tinha, é claro, esquecido os terríveis perigos do dia anterior, mas estava mais uma vez em casa, em minha própria casa, perto das minhas drogas, e a gratidão pela minha fuga brilhava tão forte em minha alma que quase rivalizava com o brilho da esperança.

Caminhava tranquilamente pelo pátio depois do desjejum, desfrutando a friagem do ar com prazer, quando fui tomado novamente por aquelas sensações indescritíveis que anunciavam a mudança. Eu teria apenas o tempo de buscar abrigo em meu gabinete, antes de mais uma vez me enfurecer e congelar com as paixões de Hyde. Nessa ocasião, precisei de uma dose dupla para me lembrar de mim mesmo. Infelizmente, seis horas depois, quando me sentei para ficar olhando tristemente a lareira, as dores voltaram e a droga teve de ser readministrada. Em suma, a partir daquele dia, parecia ser apenas por intermédio de grande esforço, como na ginástica, e apenas sob o estímulo imediato da droga, que eu era capaz de usar o semblante de Jekyll. A todas as horas do dia e da noite, eu podia ser tomado pelo estremecimento premonitório, principalmente quando dormia, ou mesmo quando cochilava por um momento na minha cadeira. Era sempre como Hyde que eu despertava.

Sob a tensão desse desastre continuamente iminente e da insônia que agora me condenava até mesmo além do que eu pensava ser possível a um homem suportar, me tornei, em minha própria pessoa, uma criatura devorada e esvaziada pela febre, languidamente enfraquecida tanto no corpo quanto na mente, ocupada apenas por um pensamento: o horror do meu outro ego. Mas quando dormia, ou quando a virtude do remédio desaparecia, eu saltava quase sem transição (pois as dores da transformação se tornavam cada dia menos marcadas) para me apossar de uma fantasia repleta de imagens de terror, uma alma fervente, com ódio sem causa e um corpo que não parecia ser suficientemente forte para conter as energias furiosas da vida. Os poderes de Hyde pareciam ter crescido com a doença de Jekyll. E certamente o ódio que os dividia agora era igual em cada lado. Com Jekyll, era uma coisa de instinto vital. Ele tinha então visto a completa deformidade daquela criatura que compartilhava com ele alguns dos fenômenos da consciência e era coerdeiro com ele até a morte. Além desses laços de comunidade, que em si compunham a parte mais pungente de sua angústia, ele pensava em Hyde, com toda sua energia de vida, como algo não somente infernal, mas inorgânico.

Essa era a coisa mais chocante, tanto que o limo da cova parecia

soltar gritos e vozes, tanto que a poeira amorfa gesticulava e pecava, tanto que o que estava morto e não tinha forma devia usurpar as funções da vida. E novamente isso, tanto que aquele horror insurgente estava mais interligado a ele que uma esposa, mais perto que um olho, estava preso em sua carne, onde ouvia seu murmurar e sentia sua luta para nascer. E em cada hora de fraqueza e na confiança de sono prevalecia contra ele e o destituía da vida.

O ódio de Hyde por Jekyll era de uma ordem diferente. Seu pendor para a força o levava continuamente a cometer suicídio temporário e a retornar à sua estação subordinada de uma parte, em vez de uma pessoa, mas ele odiava a necessidade, detestava o desânimo em que Jekyll estava agora caído. E ressentia-se da aversão com que ele próprio era considerado. Daí as macaquices que ele fazia para mim, rabiscando com minhas próprias mãos blasfêmias nas páginas dos meus livros, queimando as cartas e destruindo o retrato de meu pai. E de fato, se não fosse pelo seu medo da morte, ele teria se arruinado havia muito tempo só para me envolver na desgraça, mas seu amor pela vida é maravilhoso e vou mais longe: eu, que adoecia e congelava só de pensar nele, quando me lembro da abjeção e paixão desse apego, e quando sei como ele teme meu poder de cortá-lo por meio do suicídio, descobria que meu coração sentia pena dele.

É inútil e me falta terrivelmente o tempo para prolongar essa descrição. Ninguém jamais sofreu tantos tormentos, basta dizer isso. E, mesmo assim, o hábito não trouxe o alívio, mas certa insensibilidade da alma, certa aquiescência do desespero. Meu castigo poderia ter continuado por anos, não fosse a última calamidade que agora caiu e que finalmente me separou de meu próprio rosto e da minha própria natureza. Minha provisão de sais, que não tinha sido renovada desde a data do primeiro experimento, começou a ficar baixa. Solicitei um novo suprimento e preparei a poção. A ebulição veio em seguida, com a primeira mudança de cor, mas não a segunda. Bebi e não houve eficácia. Você confirmará com Poole como vasculhei Londres em vão. Agora estou convencido de que meu primeiro suprimento era impuro e de que essa impureza desconhecida é que emprestava sua eficácia à poção.

Aproximadamente uma semana se passou e agora estou terminando esse depoimento sob a influência do último dos pós velhos. Essa, então, é a última vez, a não ser que ocorra um milagre, que Henry Jekyll possa pensar seus próprios pensamentos, ou ver seu próprio rosto no espelho (agora mui tristemente alterado). Tampouco devo demorar muito tempo para terminar minha história, pois se

minha narrativa até agora escapou da destruição foi por uma combinação de grande prudência e boa sorte. Se o sofrimento da mudança me pegar ainda escrevendo, Hyde vai rasgar tudo em pedaços, mas, se transcorrer algum tempo depois de eu ter encerrado, o maravilhoso egoísmo dele e a circunscrição do momento provavelmente mais uma vez salvarão o que foi redigido da ação de seu rancor animalesco.

E, de fato, o castigo que está se fechando sobre nós dois já o transformou e o esmagou. Em meia hora, a partir de agora, quando eu voltar a induzir essa odiosa personalidade, sei que me sentarei na minha cadeira, estremecendo e chorando, ou continuarei com o êxtase mais tenso, atingido pelo medo de ouvir, andando de um lado para o outro nesta sala (meu último refúgio terreno), dando ouvidos a cada som ameaçador. Hyde morrerá na forca? Ou vai encontrar coragem para se libertar no último momento? Só Deus sabe. Sou um descuidado. Essa é a verdadeira hora da minha morte e o que está por vir preocupa mais outra pessoa que a mim. Assim, portanto, enquanto descanso a pena e prossigo para selar minha confissão, dou um fim à vida do infeliz Henry Jekyll.

EDGAR ALLAN
POE

O CORVO

E CONTOS
EXTRAORDINÁRIOS



EDGAR ALLAN
POE

O CORVO

E CONTOS
EXTRAORDINARIOS

TRADUÇÃO
FERNANDO PESSOA (O CORVO)
E MARCELO BARBÃO



Principis

Texto

Edgar Allan Poe

Tradução

Fernando Pessoa (O corvo) e

Marcelo Barbão

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C Cerino

Imagens

Redshinestudio/Shutterstock.com; Steven Bourelle/Shutterstock.com; Loulouka1/

Shutterstock.com; HorenkO/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P743c Poe, Edgar Allan

O corvo e contos extraordinários [recurso eletrônico] / Edgar Allan Poe ; traduzido por Fernando Pessoa, Marcelo Barbão. - Jandira, SP : Principis, 2020.

44 p. ; ePub ; 3,5 MB. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: The raven and extraordinary tales

Inclui índice. ISBN: 978-65-555-2052-1 (Ebook)

1. Literatura americana. 2. Contos. 3. Edgar Allan Poe. I. Pessoa, Fernando. II. Barbão, Marcelo. III. Título. IV. Série.

2020-1143

CDD 813

CDU 821.111(73)-3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura americana : Contos 813
2. Literatura americana : Contos 821.111(73)-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



O CORVO

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.
“Uma visita”, eu me disse, “está batendo a meus umbrais.
É só isto, e nada mais”.

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro,
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.
Como eu qu’ria a madrugada, toda a noite aos livros dada
P’ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,
Mas sem nome aqui jamais!

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo
Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!
Mas, a mim mesmo infundido força, eu ia repetindo,
“É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;
Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais.
É só isto, e nada mais”.

E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,
“Senhor”, eu disse, “ou senhora, decerto me desculpais;
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,
Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais,
Que mal ouvi...” E abri largos, franqueando-os, meus umbrais.

Noite, noite e nada mais.

A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,
Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.

Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,

E a única palavra dita foi um nome cheio de ais

Eu o disse, o nome dela, e o eco disse aos meus ais.

Isso só e nada mais.

Para dentro estão volvendo, toda a alma em mim ardendo,

Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.

“Por certo”, disse eu, “aquela bulha é na minha janela.

Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais”.

Meu coração se distraía pesquisando estes sinais.

“É o vento, e nada mais.”

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,

Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais.

Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento,

Mas com ar solene e lento pousou sobre os meus umbrais,

Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais,

Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura
Com o solene decoro de seus ares rituais.
“Tens o aspecto tosquiado”, disse eu, “mas de nobre e ousado,
Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernais!
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais”.
Disse o corvo, “Nunca mais”.
Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,
Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.
Mas deve ser concedido que ninguém terá havido
Que uma ave tenha tido pousada nos meus umbrais,
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,
Com o nome “Nunca mais”.
Mas o corvo, sobre o busto, nada mais dissera, agosto,
Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento
Perdido, murmurei lento, “Amigo, sonhos, mortais
Todos, todos já se foram. Amanhã também te vais”.
Disse o corvo, “Nunca mais”.
A alma súbito movida por frase tão bem cabida,
“Por certo”, disse eu, “são estas vozes usuais,
Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono
Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,
E o bordão de desesp’rança de seu canto cheio de ais
Era este “Nunca mais”.

Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,
Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;

E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira
Que qu'ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,
Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais,
Com aquele “Nunca mais”.

Comigo isto percorrendo, mas nem sílaba dizendo
À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,
Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando
No veludo onde a luz punha vagas sobras desiguais,
Naquele veludo onde ela, entre as sobras desiguais,
Reclinar-se-á nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso
Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.
“Maldito!”, a mim disse, “deu-te Deus, por anjos concedeu-te
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!”.

Disse o corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta, ou demônio, ou ave preta!
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,
A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo,
A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atraís
Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atraís!

Disse o corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta, ou demônio, ou ave preta!
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais.
Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

“Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!”, eu disse. “Parte!
Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!
Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,
Libertar-se-á... nunca mais!



o gato preto

Para a narrativa estranha e simples que estou prestes a escrever, não espero nem peço que acreditem em mim. De fato, eu seria louco em esperar algo assim, em um caso no qual meus sentidos rejeitam o que testemunharam. No entanto, louco não estou, e com certeza não estou sonhando. Mas amanhã vou morrer e hoje preciso aliviar minha alma. Meu objetivo agora é apresentar ao mundo, de maneira clara, sucinta e sem comentários, uma série de simples eventos domésticos. Por suas consequências, esses eventos me aterrorizaram, torturaram e, por fim, destruíram. Mesmo assim não tentarei explicá-los. Se para mim eles foram horríveis, para muitos parecerão não tanto terríveis quanto *barroques*. Mais tarde, talvez, possa ser encontrada alguma inteligência que consiga explicar meu fantasma, alguma inteligência mais calma, mais lógica e muito menos excitável do que a minha, que perceberá, nas circunstâncias que temerosamente vou detalhar, nada mais que uma sucessão vulgar de causas e efeitos naturais.

Desde minha infância, fui conhecido pela docilidade e bondade de meu caráter. Meu coração terno era tão evidente que me fazia alvo das brincadeiras de meus companheiros. Eu gostava especialmente de animais, e meus pais me permitiam ter uma grande variedade de bichos de estimação. Com estes eu passava a maior parte do meu tempo, e meus momentos mais felizes eram quando os alimentava e acariciava. Essa peculiaridade de caráter cresceu comigo e, quando fiquei adulto, era uma das minhas principais fontes de prazer. Para aqueles que já amaram um cão fiel e sagaz, dificilmente preciso explicar a natureza ou a intensidade do carinho que se recebe em troca. Há algo no amor abnegado e

sacrificado de um animal que vai diretamente ao coração daquele que teve a oportunidade de experimentar a falsa amizade e a frágil fidelidade do *Homem*.

Casei-me cedo e por sorte minha esposa compartia essas mesmas preferências. Observando minha predileção por animais domésticos, ela não perdia a oportunidade de conseguir os mais agradáveis. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um bom cachorro, coelhos, um pequeno macaco e *um gato*.

Este último era um animal extraordinariamente grande e belo, inteiramente negro e esperto a um grau espantoso. Ao falar de sua inteligência, minha esposa, que no fundo não era nem um pouco supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular, que considerava que todos os gatos negros eram bruxas disfarçadas. Não que ela alguma vez tivesse falado isso a *sério* (e menciono o assunto só porque acabei de lembrar isso agora).

Plutão (esse era o nome do gato) era meu animal de estimação favorito e companheiro de brincadeiras. Só eu o alimentava e ele me acompanhava onde quer que eu fosse pela casa. Era com dificuldade que conseguia impedi-lo de me seguir pelas ruas.

Nossa amizade durou, dessa maneira, por vários anos, durante os quais o meu temperamento geral e caráter, por causa do Demônio da Intemperança, tinha (coro ao confessar isso) se alterado radicalmente para pior. Fui ficando, dia após dia, mais temperamental, mais irritável, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Eu me permitia usar linguagem destemperada com minha esposa. Finalmente, até fui violento com ela. Meus bichos, é claro, sofreram com a mudança no meu caráter. Não apenas os negligenciava como também os maltratava. Por Plutão, no entanto, eu ainda mantinha uma consideração suficiente para me impedir de maltratá-lo, algo que não tinha escrúpulos em fazer com os coelhos, o macaco ou mesmo o cachorro quando, por acidente ou por afeição, eles ficavam no meu caminho. Mas minha doença foi crescendo dentro de mim, pois que doença é comparável ao álcool!

E finalmente até mesmo Plutão, que agora estava envelhecendo, e portanto tinha ficado um pouco rabugento, começou a sentir as consequências do meu mau humor.

Uma noite, voltando para casa, muito embriagado, de uma das minhas perambulações pela cidade, parecia que o gato evitava minha presença. Eu o agarrei; mas, com medo da minha violência, ele mordeu levemente a minha mão. A fúria de um demônio

imediatamente me possuiu. Eu não me conhecia mais. Minha alma original parecia, de repente, fugir do meu corpo e uma maldade mais do que diabólica, nutrida pelo gim, excitou cada fibra do meu corpo. Tirei do bolso do colete um canivete, abri, agarrei o pobre animal pelo pescoço e arranquei deliberadamente um dos seus olhos! Sinto vergonha, queimo por dentro, estremeço, enquanto escrevo essa maldita atrocidade.

Quando a razão retornou com a manhã – quando eu tinha me recuperado do desregramento noturno – experimentei um sentimento meio de horror, meio de remorso, pelo crime do qual era culpado, mas foi, na melhor das hipóteses, um sentimento fraco e ambíguo, que não tocou profundamente minha alma. Eu novamente mergulhei nos excessos e logo afoguei no vinho toda a lembrança do ato.

Nesse meio tempo, o gato se recuperou lentamente. A órbita do olho perdido apresentava, é verdade, uma aparência assustadora, mas ele já não parecia sentir dor. Percorria a casa como de costume, mas, como era de se esperar, fugia extremamente aterrorizado quando eu me aproximava. Ainda tinha um pouco do meu velho coração, a ponto de, a princípio, ficar angustiado por essa evidente aversão por parte de uma criatura que já tinha me amado tanto. Mas este sentimento logo deu lugar à irritação. E então chegou, para minha queda final e irrevogável, o espírito da PERVERSIDADE.

A filosofia não leva em conta esse espírito. No entanto, assim como tenho certeza de que minha alma existe, sei que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades ou sentimentos primários e indivisíveis que orientam o caráter do homem. Quem não se viu, centenas vezes, cometendo uma ação vil ou estúpida simplesmente porque sabia que não deveria? Não temos uma tendência permanente, enfrentando nosso bom senso, a quebrar aquilo que é a *Lei*, só pelo prazer de quebrá-la? Esse espírito de perversidade, digo eu, se apresentou em minha queda final. Foi esse insondável anseio da alma *de se atormentar* – ser violenta contra sua própria natureza, de fazer o mal apenas pelo mal – que me instigou a continuar e finalmente consumir a maldade que eu infligira ao animal inofensivo. Certa manhã, a sangue frio, coloquei um laço em seu pescoço e pendurei-o no galho de uma árvore. Balancei-o enquanto as lágrimas escorriam dos meus olhos e com o mais amargo remorso em meu coração. Eu o enforquei *porque* sabia que tinha me amado e *porque* sentia que não tinha me dado motivo para matá-lo. Eu o enforquei *porque* sabia que, ao fazer isso, estava cometendo um

pecado, um pecado mortal que colocaria em perigo minha alma imortal e a colocaria, se tal coisa fosse possível, fora do alcance da infinita misericórdia do Deus Mais Misericordioso e Mais Terrível.

Na noite do dia em que este ato cruel foi realizado, fui despertado do sono pelo grito de incêndio. As cortinas da minha cama estavam em chamas. A casa inteira estava pegando fogo. Foi com grande dificuldade que minha esposa, uma criada e eu fugimos do desastre. A destruição foi completa. Todos os meus bens foram perdidos e eu me resignei ao desespero a partir de então.

Não vou procurar estabelecer uma sequência de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade que havia cometido. Mas estou detalhando uma cadeia de fatos e não desejo deixar de fora sequer um possível vínculo incompleto. No dia seguinte ao incêndio, visitei as ruínas. As paredes, com exceção de uma, tinham caído. Essa exceção era uma parede divisória, não muito grossa, que ficava no meio da casa, e na qual se apoiava a cabeceira da minha cama. O reboco tinha em grande parte, resistido à ação do fogo, o que atribuí ao fato de ter sido recentemente aplicado. Na frente dessa parede, reunia-se uma multidão, e muitas pessoas pareciam estar examinando uma área específica com grande atenção e detalhe. As palavras “estranho!”, “singular!” e outras expressões similares atizaram minha curiosidade. Eu me aproximei e vi, como se estivesse gravado em baixo relevo sobre a superfície branca, a figura de um *gato* gigantesco. A impressão tinha sido feita com uma precisão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda ao redor do pescoço do animal.

Quando vi pela primeira vez essa aparição, pois dificilmente poderia considerá-la outra coisa, minha surpresa e meu terror foram extremos. Mas finalmente a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrei-me, tinha sido pendurado em um jardim adjacente à casa. Dado o alarme de fogo, este jardim foi imediatamente tomado pela multidão e alguma dessas pessoas deve ter cortado o animal da árvore e jogado, através de uma janela aberta, no meu quarto. Isso provavelmente foi feito com o objetivo de me acordar. A queda de outras paredes tinha comprimido a vítima da minha crueldade na massa do reboco recém-aplicado cujo cal, com as chamas, e o *amoníaco* da carcaça, havia produzido a imagem que eu estava vendo.

Embora essa explicação tivesse satisfeito minha razão, apesar de não inteiramente minha consciência, a respeito do estranho episódio que acabei de detalhar, não deixou de impressionar profundamente minha imaginação. Durante meses não pude me livrar do fantasma do

gato e, durante esse período, voltou ao meu espírito um tipo de sentimento que parecia, mas não era, remorso. Cheguei a ponto de lamentar a perda do animal e de procurar, entre os lugares vis que habitualmente frequentava, por outro da mesma espécie, e de aparência um pouco semelhante, para ocupar seu lugar.

Uma noite, enquanto estava sentado, meio bêbado, em uma taberna mais do que infame, minha atenção foi repentinamente atraída por um objeto negro repousando sobre a tampa de um dos imensos barris de gim, ou de rum, que constituía a principal mobília do lugar. Fiquei olhando fixamente para o topo desse barril por alguns minutos, e o que agora me causava surpresa era o fato de não ter percebido antes a mancha negra que estava sobre ele. Eu me aproximei e toquei com a mão. Era um gato preto muito grande, quase tão grande quanto Plutão, e parecido com ele em todos os aspectos, exceto um: Plutão não tinha pelos brancos em nenhuma parte do corpo; mas esse gato tinha uma grande, embora indefinida, mancha branca, cobrindo quase toda a região do peito. Ao tocá-lo, ele imediatamente se levantou, ronronou alto, esfregou-se contra a minha mão e pareceu encantado com a minha atenção. Esta, então, era a criatura que eu estava procurando. Imediatamente me ofereci para comprá-lo do taberneiro, mas o homem respondeu que não era dele, não sabia nada sobre o gato, nunca o tinha visto antes.

Continuei minhas carícias e, quando me preparei para ir para casa, o animal demonstrou disposição para me acompanhar. Permiti que fizesse isso ocasionalmente inclinando-me e dando tapinhas nele enquanto prosseguia. Quando cheguei em casa, ele já estava domesticado e se tornou imediatamente o favorito da minha esposa.

De minha parte, logo descobri uma antipatia por ele crescendo dentro de mim. Foi exatamente o oposto do que eu havia antecipado, mas, não sei como ou porquê, seu evidente carinho por mim me desgostava e aborrecia. Aos poucos, esses sentimentos de repulsa e irritação cresceram até chegar à amargura do ódio. Eu evitava a criatura, mas uma certa vergonha e a lembrança de meu antigo ato de crueldade me impediam de maltratá-lo. Durante algumas semanas, não ataquei nem o tratei com violência, mas gradualmente, muito gradualmente, cheguei a olhá-lo com aversão indizível e a fugir silenciosamente de sua presença odiosa, como se fosse o hálito de uma peste.

O que aumentou, sem dúvida, o meu ódio pelo animal foi a descoberta, na manhã seguinte à sua chegada em casa, que, como

Plutão, ele também era caolho. Essa circunstância, porém, só agradou ainda mais minha esposa que, como já disse, possuía, em alto grau, aquele sentimento de humanidade que outrora fora meu traço distintivo e a fonte de muitos dos meus prazeres mais simples e puros.

Minha aversão a esse gato, no entanto, parecia aumentar no mesmo grau que seu carinho por mim. Seguiu meus passos com uma persistência que seria difícil fazer o leitor compreender. Sempre que eu me sentava, ele se agachava embaixo da minha cadeira, ou subia em meus joelhos, me cobrindo com suas carícias repugnantes. Se eu me levantasse para caminhar, ficava entre os meus pés e assim quase me derrubava ou, enfiando suas longas e afiadas garras na minha roupa, subia, dessa maneira, até o meu peito. Nessas ocasiões, embora eu desejasse matá-lo com um golpe, era impedido de fazê-lo em parte pela lembrança do meu antigo crime, mas principalmente, deixe-me confessar de uma vez, pelo medo absoluto que sentia do animal.

Esse pavor não era exatamente um temor do mal físico e, no entanto, não conseguia definir de outra forma. Estou quase com vergonha de reconhecer (sim, mesmo nessa cela de criminoso, quase me envergonho de reconhecer) que o terror e o horror que o animal me inspirava tinham sido intensificados por uma das quimeras mais insensatas que seria possível conceber. Minha esposa tinha chamado minha atenção, mais de uma vez, para a forma da marca de pelos brancos, da qual já falei, e que constituía a única diferença visível entre o estranho animal e o que eu tinha matado. O leitor se lembrará de que essa mancha, embora grande, era originalmente bastante indefinida, mas, aos poucos, em um grau quase imperceptível e que por muito tempo minha razão lutou para rejeitar como fruto da imaginação, foi assumindo, detalhadamente, um rigoroso contorno preciso. Era agora a representação de um objeto que estremeço só de citar (e por isso, acima de tudo, detestava, temia e teria me livrado daquele monstro *se tivesse tido coragem*) representava a imagem de uma hedionda FORCA! Uma coisa medonha, o triste e terrível motor do horror e do crime, da agonia e da morte!

E agora eu me sentia realmente mais miserável que todas as misérias humanas. E *um animal*, cujo semelhante eu tinha matado com desprezo, *um animal* causava em *mim* (em mim, um homem moldado à imagem do Deus Supremo) tamanha e insuportável angústia! Ai! Nem de dia nem de noite conhecia mais a bênção do descanso! Durante o dia, a criatura não me deixava sozinho em nenhum momento e de noite despertava, de hora em hora, de sonhos de indescritível medo e

encontrava o hálito quente da *coisa* em meu rosto e seu imenso peso, um pesadelo encarnado do qual não tinha forças para me livrar, deitado eternamente sobre meu *coração*!

Sob a pressão de tormentos como esses, a débil reminiscência do bem dentro de mim sucumbiu. Os pensamentos malignos eram meus únicos companheiros, os pensamentos mais sombrios e malignos. O mau-humor do meu temperamento habitual aumentou e passou a um ódio de todas as coisas e de toda a humanidade.

E minha submissa e paciente esposa, coitada, era quem mais sofria com as explosões repentinas, frequentes e incontroláveis da fúria à qual agora eu me entregava cegamente.

Um dia ela me acompanhou, em alguma tarefa doméstica, ao porão do antigo prédio que nossa pobreza nos obrigava a habitar. O gato me seguiu pelas escadas íngremes e quase me derrubou, o que me deixou louco. Erguendo um machado e esquecendo, em minha ira, o pavor infantil que até então tinha me impedido de agir, desferi um golpe contra o animal que, naturalmente, teria sido instantaneamente fatal se o tivesse atingido como eu desejava. Mas esse golpe foi impedido pela mão da minha esposa. Impelido, por essa interferência, a uma raiva mais que demoníaca, soltei meu braço de suas mãos e enterrei o machado em sua cabeça. Ela caiu morta no lugar, sem um gemido.

Cometido este hediondo assassinato, entreguei-me imediatamente, e com toda a determinação, à tarefa de esconder o corpo. Sabia que não podia removê-lo da casa, de dia ou de noite, sem o risco de ser visto pelos vizinhos. Comecei a pensar em muitos planos. Por um momento pensei em cortar o cadáver em fragmentos minúsculos e destruí-los no fogo. Em outro, resolvi cavar uma tumba para ela no chão do porão. Outra vez, pensei em lançá-la no poço no quintal ou embalá-la em uma caixa, como se fosse uma mercadoria, com os arranjos habituais, e assim conseguir uma forma de tirá-la da casa. Finalmente, descobri o que considereei um expediente muito melhor do que qualquer um desses. Decidi emparedá-la no porão, como diziam que os monges da Idade Média emparedavam suas vítimas.

Para um propósito como este, o porão podia ser bem adaptado. Havia muito espaço entre as paredes e, recentemente, elas tinham sido totalmente rebocadas com uma argamassa vagabunda, que a umidade da atmosfera impedira de endurecer. Além disso, em uma das paredes havia uma saliência, causada por uma falsa chaminé, ou lareira, que havia sido preenchida para se assemelhar ao vermelho do resto do porão. Não duvidei de que poderia deslocar facilmente os tijolos desse

ponto, inserir o cadáver e deixar tudo como antes, para que nenhum olho pudesse detectar qualquer coisa suspeita.

E nesse cálculo não me enganei. Usando um pé-de-cabra, desloquei facilmente os tijolos e, tendo cuidadosamente encostado o corpo na parede interna, deixei-o nessa posição, enquanto, com poucas dificuldades, recoloquei toda a estrutura como estava originalmente. Tendo adquirido argamassa e areia, com todas as precauções possíveis, preparei um reboco que não podia ser distinguido do antigo e, com isso, levantei cuidadosamente a nova parede. Quando terminei, fiquei satisfeito por estar tudo certo. A parede não apresentava a menor aparência de ter sido modificada. O lixo no chão foi recolhido com o maior cuidado. Olhei em volta, triunfante, e disse para mim mesmo: “Aqui, pelo menos, meu trabalho não foi em vão”.

Meu próximo passo foi procurar o animal que havia sido a causa de tanta desgraça; pois eu tinha, finalmente, decidido matá-lo. Se eu tivesse sido capaz de encontrá-lo, no momento, não poderia haver dúvida de seu destino, mas parecia que o animal astuto tinha ficado alarmado com a violência da minha raiva anterior e não quis se apresentar com meu estado de espírito atual. É impossível descrever ou imaginar a profunda sensação de alívio que a ausência da criatura detestada ocasionou em meu peito. Não apareceu durante a noite e assim, pela primeira vez desde que tinha entrado na casa, dormi profunda e tranquilamente. Sim, dormi mesmo com o peso do assassinato em minha alma!

O segundo e o terceiro dia passaram e a causa do meu tormento não tinha retornado. Voltei a respirar como um homem livre. O monstro, aterrorizado, havia fugido daquela casa para sempre! Nunca mais iria ver aquele animal! Minha felicidade era suprema! A culpa do meu ato sombrio me perturbou, mas pouco. Algumas poucas perguntas foram feitas, mas estas foram prontamente respondidas. Até uma busca na casa foi organizada, mas, claro, nada foi encontrado. Via minha felicidade futura como algo seguro.

No quarto dia após o assassinato, veio um grupo de policiais inesperadamente à casa e realizou novamente uma inspeção minuciosa. Seguro, no entanto, que o lugar onde havia ocultado o corpo era impenetrável, não senti nenhuma inquietude. Os oficiais me pediram para acompanhá-los na busca. Não deixaram nenhum recanto ou parte sem revisar. Finalmente, pela terceira ou quarta vez, desceram ao porão. Não estremei nem um músculo. Meu coração batia calmamente como o daquele que repousa na inocência.

Caminhei pelo porão de ponta a ponta. Cruzei os braços sobre o peito e andava tranquilo de um lado para o outro. A polícia estava completamente satisfeita e preparada para partir. A alegria em meu coração era forte demais para ser contida. Estava louco para dizer pelo menos uma palavra, como prova de triunfo, e para garantir ainda mais a minha inocência.

– Senhores – disse finalmente, enquanto o grupo subia os degraus – fico feliz em ter dissipado suas suspeitas. Desejo toda a saúde e apresento mais uma vez meus respeitos. A propósito, senhores, esta é uma casa muito bem construída. – No desejo incontrolável de dizer algo com naturalidade, mal sabia o que estava falando.

– Posso dizer que é uma casa construída com grande *solidez*. Essas paredes... já estão indo, senhores?... Essas paredes estão solidamente construídas – e aqui, em meio a um frenesi de bravatas, bati forte, com a bengala que segurava na minha mão, naquela mesma região atrás da qual estava o cadáver da minha esposa.

Mas que Deus me proteja e me livre das presas do demônio! Assim que a reverberação dos meus golpes mergulhou no silêncio, foi respondida por uma voz vinda de dentro do túmulo! Uma queixa, a princípio abafada e fraca, como o soluço de uma criança, que rapidamente se transformou em um longo grito alto e contínuo, totalmente anômalo e inumano, um uivo, um grito de lamento, meio de horror e meio de triunfo, que só poderia ter brotado do inferno, conjuntamente das gargantas dos condenados em sua agonia e dos demônios que exultam na desgraça.

É loucura falar dos meus próprios pensamentos. Desfalecendo, cambaleei para a parede oposta. Por um instante o grupo na escada permaneceu imóvel, resultado do terror e do espanto. Em seguida, uma dúzia de braços fortes atacaram a parede. Ela caiu rapidamente. O cadáver, já bastante deteriorado e manchado de sangue coagulado, apareceu de pé para os espectadores. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha escancarada e o olho solitário de fogo, estava sentado o horrível animal que tinha me levado ao assassinato e cujo grito havia me denunciado ao carrasco. Eu tinha emparedado o monstro dentro do túmulo!



A QUEDA DA CASA DE USHER

*Son coeur est un luth suspendu;
Sitôt qu'on le touche il résonne.*¹

De Béranger

Durante todo o dia abafado, escuro e silencioso do outono, quando as nuvens pairavam opressivamente baixas no céu, cruzei sozinho, a cavalo, por uma região do campo singularmente lúgubre e finalmente me encontrei, à medida que caíam as sombras da noite, com a visão da melancólica Casa de Usher. Não sei como, mas, com o primeiro vislumbre da construção, uma sensação de tristeza insuportável invadiu meu espírito. Chamo de insuportável, pois o sentimento não foi aliviado por nenhuma dessas sensações meio agradáveis, porque são poéticas, com as quais a mente normalmente recebe até mesmo as mais severas imagens naturais do que é desolado ou terrível. Olhava para a cena à minha frente, a casa e as características simples da paisagem do domínio, as paredes nuas, as janelas que pareciam olhos vazios, o pouco capim e alguns poucos troncos de árvores decompostas, com uma profunda depressão da alma, que não consigo comparar com nenhuma sensação terrena mais apropriadamente do que com os delírios do usuário de ópio: o amargo lapso na vida cotidiana, a horrível queda do véu. Havia uma frieza, um abatimento, um mal-estar do coração, uma irremediável tristeza mental que nenhum estímulo da imaginação poderia desviar e transformar em algo sublime. O que era, parei para pensar, o que me incomodava tanto na contemplação da Casa de Usher? Era um mistério insolúvel.

Nem eu poderia lidar com as fantasias sombrias que se apinhavam em mim enquanto eu pensava naquilo. Fui forçado a recorrer à conclusão insatisfatória de que, embora, sem dúvida, *haja* combinações de objetos naturais muito simples com o poder de nos afetar, a análise desse poder está entre considerações além do nosso alcance. Era possível, refleti, que um mero arranjo diferente das particularidades da cena, dos detalhes da imagem, fosse suficiente para anular ou, talvez, aniquilar sua capacidade de causar essa impressão triste e, agindo com base nessa ideia, puxei meu cavalo para a beirada íngreme de um lago negro e sinistro que reluzia placidamente nas proximidades da residência, e olhei, com um tremor ainda mais arrepiante do que antes, e contemplei as imagens remodeladas e invertidas da vegetação cinzenta e dos troncos horripilantes das árvores e das janelas vazias que pareciam olhos.

Mesmo assim, nesta mansão melancólica, eu estava planejando ficar hospedado por algumas semanas. Seu proprietário, Roderick Usher, tinha sido um dos meus melhores companheiros na infância, mas muitos anos tinham se passado desde o nosso último encontro. Uma carta, no entanto, havia chegado há pouco tempo para mim em uma parte distante do país (uma carta dele) que, em seu tom urgente, não admitia nenhuma outra resposta a não ser minha presença. A carta dava evidências de uma agitação nervosa. O remetente falava de uma aguda doença física, de um distúrbio mental que o oprimia e de um sincero desejo de me ver, como seu melhor e, na verdade, seu único amigo pessoal, com o objetivo de ter, pela alegria da minha presença, algum alívio de seu mal. Foi a maneira pela qual descreveu isso, e muito mais, um pedido feito aparentemente com todo o *coração* que não me deu espaço para hesitação. Portanto, obedeci imediatamente ao que ainda considerava uma intimação muito singular.

Embora, quando éramos meninos, tivéssemos desfrutado de alguma intimidade, ainda assim eu realmente conhecia pouco meu amigo. Sempre foi muito reservado. Eu estava ciente, entretanto, de que sua família muito antiga era conhecida, desde tempos imemoriais, por uma sensibilidade peculiar de temperamento, exibindo-se, por muito tempo, em muitas obras de arte elevadas, e manifestadas ultimamente em repetidas ações de caridade generosas, mas discretas, bem como de uma devoção apaixonada pelas complexidades, talvez até mais do que pelas belezas ortodoxas e facilmente reconhecíveis, da ciência musical. Também conhecia o fato notável de que a estirpe Usher, toda honrada

pelo tempo como era, não havia criado, em nenhum período, qualquer ramo duradouro; em outras palavras, que toda a família se limitava à linha de descendência direta e sempre, com uma variação muito insignificante e temporária, tinha sido assim. Essa deficiência, pensei, enquanto revisava mentalmente a perfeita combinação das características da propriedade com o caráter atribuído a seus habitantes, reflexionando sobre a possível influência que a primeira, ao longo de tantos séculos, poderia ter exercido sobre os segundos. Essa ausência, talvez, de um ramo colateral, e a consequente transmissão sem desvios, de pai para filho, do patrimônio junto com o nome foi que, com o tempo, identificou tanto os dois a ponto de fundirem o título original da propriedade com a pitoresca e equívoca denominação de “Casa de Usher”, nome que parecia incluir, na mente dos camponeses que a usavam, tanto a família quanto a mansão.

Disse que o único efeito da minha experiência um tanto infantil, a de olhar através do lago, foi aprofundar a primeira impressão singular. Não pode haver dúvida de que a consciência do rápido aumento da minha superstição (por que não devo chamá-la assim?) servia apenas para aumentá-la ainda mais. Tal, eu sei há muito tempo, é a lei paradoxal de todos os sentimentos que têm o terror como base. E pode ter sido só por essa razão que, quando voltei a erguer os olhos para a casa, a partir de sua imagem no lago, crescia em minha mente uma estranha fantasia, uma fantasia tão ridícula que, na verdade, só a menciono para mostrar a força vívida das sensações que me oprimiam. Minha imaginação estava tão excitada a ponto de realmente acreditar que toda a mansão e o terreno ao redor estavam presos dentro de uma atmosfera peculiar própria, uma atmosfera que não tinha afinidade com o ar do céu, mas que subia das árvores murchas, das paredes cinzentas e do lago silencioso, um vapor pestilento e místico, opaco, pesado, pouco discernível, de cor de chumbo.

Sacudindo do meu espírito o que *deveria* ser um sonho, verifiquei mais de perto o aspecto real do edifício. Sua principal característica parecia ser a excessiva antiguidade. A descoloração do tempo era grande. Minúsculos fungos espalhavam-se por todo o exterior, pendurados em um emaranhado de redes nas beiradas. No entanto, não havia nenhuma dilapidação extraordinária. Nenhuma parte da alvenaria havia caído e parecia haver uma inconsistência estranha entre a perfeita adaptação das partes e a condição de desintegração das pedras individuais. Havia muita coisa que me lembrava a aparente

integridade de velhos trabalhos de madeira que tinham apodrecido por longos anos em alguma cripta negligenciada, sem serem perturbados pelo ar exterior. Além dessa indicação de extensa decadência, no entanto, a estrutura dava pouco sinal de instabilidade. Talvez o olhar atento de um observador pudesse ter descoberto uma fissura quase imperceptível que, estendendo-se do telhado do prédio até a frente, descia pela parede em zigue-zague, até se perder nas águas sombrias do lago.

Percebendo essas coisas, cruzei uma pequena calçada até a casa. Um servo que me esperava pegou meu cavalo e cruzei a arcada gótica do salão. Um criado, de passo furtivo, conduziu-me, em silêncio, por muitas passagens escuras e intrincadas até o estúdio de seu mestre. Muito do que encontrei no caminho contribuía, não sei como, para acentuar os sentimentos vagos que já contei. Apesar de os objetos à minha volta, as esculturas nos tetos, as tapeçarias sombrias nas paredes, a escuridão de ébano dos pisos e os troféus heráldicos fantasmagóricos que rangiam ao meu passo, não passaram de coisas às quais eu estava acostumado desde a infância, embora não hesitasse em reconhecer como tudo aquilo era familiar, ainda me perguntava se não eram estranhas as fantasias que as imagens comuns estavam provocando em mim. Em uma das escadas, conheci o médico da família. Seu semblante, pensei, tinha uma expressão que era uma mistura de vil astúcia e perplexidade. Ele me cumprimentou com receio e continuou seu caminho. O criado agora abriu uma porta e me conduziu à presença de seu mestre.

A sala em que me encontrei era muito grande e alta. As janelas eram compridas, estreitas e pontiagudas, e tão afastadas do chão de carvalho negro que eram completamente inacessíveis por dentro. Brilhos fracos de luz avermelhada atravessavam os vidros gradeados e serviam para tornar bastante distintos os objetos mais proeminentes ao redor. O olho, no entanto, lutava em vão para alcançar os ângulos mais remotos do aposento, ou os recessos do teto abobadado e desgastado. Cortinas escuras pendiam das paredes.

O mobiliário geral era profuso, desconfortável, antigo e esfarrapado. Muitos livros e instrumentos musicais estavam espalhados, mas não davam vitalidade à cena. Senti que respirava uma atmosfera de tristeza. Um ar de melancolia severa, profunda e irrepreensível pairava no ar e impregnava tudo.

À minha entrada, Usher levantou-se de um sofá no qual estivera

deitado e me cumprimentou com uma calorosa vivacidade que tinha muito, pensei no começo, de cordialidade exagerada, do esforço obrigado do homem do mundo *ennuyé*.² Uma olhada, no entanto, para seu semblante, me convenceu de sua perfeita sinceridade. Nós nos sentamos e, por alguns momentos, enquanto não falou, eu o observei com um sentimento meio de pena e meio de espanto. Certamente, nenhum homem tinha mudado tão terrivelmente em tão pouco tempo, quanto Roderick Usher! Foi com dificuldade que pude admitir a identidade do homem à minha frente como o companheiro de minha primeira infância. No entanto, o caráter de seu rosto sempre foi notável. Uma aparência cadavérica; os olhos grandes, claros e incomparavelmente luminosos. Lábios ligeiramente finos e muito pálidos, mas de uma curva extraordinariamente bela, um nariz de um delicado tipo hebraico, mas com uma largura de narina incomum em formações semelhantes. Um queixo finamente moldado, revelador, em sua falta de proeminência, de uma falta de energia moral, cabelos de maciez e tenacidade mais parecido a uma teia de aranha. Esses traços, com um desenvolvimento excessivo da região frontal, constituíam um semblante que não poderia ser facilmente esquecido. E agora, no mero exagero do caráter predominante desses traços e da sua expressão habitual, tinham mudado tanto que duvidei com quem estava falando. A agora horripilante palidez da pele e o milagroso brilho dos olhos, acima de tudo, me assustaram e até me assombraram. O cabelo sedoso também tinha crescido de forma desatenta, e como, em sua textura transparente desordenada, flutuava em vez de cair sobre o rosto, eu não conseguia, nem mesmo com esforço, conectar sua expressão desgrenhada com qualquer ideia de humanidade simples.

Nas maneiras do meu amigo, fui imediatamente surpreendido por uma incoerência, uma inconsistência, e logo descobri que isso surgia de uma série de esforços fracos e fúteis para superar um aturdimento habitual, uma agitação nervosa excessiva. Para algo dessa natureza, eu estava preparado, não tanto por sua carta, quanto pelas reminiscências de certos traços de menino e por conclusões deduzidas de sua peculiar conformação física e temperamento. Sua ação era alternadamente vivaz e sombria. Sua voz variava rapidamente de uma indecisão trêmula (quando os espíritos animais pareciam totalmente suspensos) a uma espécie de concisão energética, aquela enunciação abrupta, pesada, sem pressa e com o som oco daquela fala gutural pesada, equilibrada e perfeitamente modulada, que pode ser observada no bêbado perdido, ou no fumador irrecuperável de ópio, durante os

períodos de sua mais intensa excitação.

Foi assim que ele falou sobre o objetivo da minha visita, de seu sincero desejo de me ver e do consolo que esperava que eu traria. Contou, um pouco mais, sobre o que achava que era a natureza de sua doença. Era, disse ele, um mal de sua constituição e de família, e estava desesperado para encontrar um remédio, uma simples afecção nervosa, acrescentou imediatamente, que sem dúvida logo passaria. A doença se apresentava como uma série de sensações não naturais. Algumas, quando ele as detalhou, me interessaram e me desconcertaram, embora, talvez, os termos e a maneira geral da narrativa tivessem seu peso. Sofria muito com uma agudeza mórbida dos sentidos, só conseguia engolir a comida mais insípida, só podia usar roupas de certa textura, os perfumes de todas as flores eram opressivos, seus olhos eram torturados até mesmo por uma luz fraca e havia apenas sons peculiares, dos instrumentos de corda, que não o inspiravam horror.

Descobri que era um escravo preso a uma espécie estranha de terror. “Vou perecer”, disse ele, “devo perecer nesta loucura deplorável. Desse modo e não de outro, vou conhecer minha ruína. Temo os eventos do futuro, não em si mesmos, mas em seus resultados. Estremeço ao pensar em qualquer incidente, mesmo o mais trivial, que possa influenciar essa intolerável agitação da alma. Não tenho, de fato, nenhuma aversão ao perigo, exceto em seu efeito absoluto: o terror. Nessa condição irritante – lastimável – sinto que mais cedo ou mais tarde chegará o momento em que terei que abandonar a vida e a razão ao mesmo tempo, em alguma luta com o terrível fantasma, o MEDO”.

Fiquei conhecendo, além disso, em intervalos, e através de dicas quebradas e ambíguas, outra característica singular de sua condição mental. Estava acorrentado a certas impressões supersticiosas em relação à casa em que morava e por isso, por muitos anos, nunca se aventurou a sair. Influências cuja força hipotética descreveu em termos muito obscuros aqui para serem repetidos. Uma influência que algumas peculiaridades da simples forma e substância de sua mansão familiar tiveram, através de um longo sofrimento, ele disse, sobre seu espírito. Um efeito que a constituição das paredes e torreões cinzentos, e do lago escuro que refletia tudo isso, tinha, finalmente, trazido sobre a *morale* de sua existência.

Ele admitia, no entanto, embora com hesitação, que grande parte da melancolia peculiar que assim o afligia poderia ser atribuída a uma

origem mais natural e muito mais palpável: à grave e prolongada doença, de fato à certeza de que a morte se aproximava, de uma irmã muito amada (sua única companhia por longos anos, seu último e único parente na Terra). A morte dela, contou ele, com uma amargura que nunca esquecerei, iria deixá-lo (ele, o desesperançado e frágil) como o último representante da antiga estirpe dos Usher. Enquanto falava, *lady* Madeline (pois assim ela se chamava) passou devagar por uma parte remota do aposento e, sem ter notado minha presença, desapareceu. Eu a observei com um total assombro, não desprovido de pavor e ainda assim achei impossível explicar tais sentimentos. Uma sensação de estupor me oprimia, enquanto meus olhos seguiam seus passos quando se retirava. Quando uma porta, por fim, se fechou atrás dela, meu olhar procurou instintiva e ansiosamente o semblante do irmão, mas ele havia enterrado o rosto entre as mãos, e só pude perceber que em seus dedos esqueléticos, por onde escorriam lágrimas apaixonadas, havia uma palidez incomum.

A doença de *lady* Madeline há muito desconcertava a habilidade de seus médicos. Uma apatia estabelecida, um desgaste gradual da pessoa e afecções frequentes, embora transitórias, de um caráter parcialmente cataléptico, eram o diagnóstico incomum. Até então, ela aguentava a pressão de sua doença e não tinha chegado finalmente a ficar de cama, mas, no final da noite da minha chegada à casa, ela sucumbiu (como seu irmão me disse à noite com agitação inexprimível) ao poder debilitante da doença. E fiquei sabendo que o vislumbre que tive de sua pessoa provavelmente seria o último, que *lady* Madeline, pelo menos enquanto estivesse viva, não seria mais vista por mim.

Durante os vários dias seguintes, seu nome não foi mencionado nem por Usher nem por mim e durante esse período estive ocupado em esforços sinceros para aliviar a melancolia de meu amigo. Pintávamos e líamos juntos, ou eu escutava, como num sonho, as improvisações estranhas de seu violão. E assim, à medida que uma intimidade cada vez maior me permitia entrar sem reservas nos recônditos de seu espírito, mais amargamente percebia a inutilidade de toda tentativa de alegrar uma mente que as trevas, como se constituísse uma qualidade positiva inerente, dominava todos os objetos do universo moral e físico em uma radiação incessante de melancolia.

Sempre levarei comigo a lembrança das muitas horas solenes que passei sozinho com o mestre da Casa de Usher. No entanto, eu iria

falhar em qualquer tentativa de transmitir uma ideia do caráter exato dos estudos, ou das ocupações, nas quais ele me envolvia, ou me guiava. Um idealismo excitado e altamente destemperado lançava um brilho sulfuroso sobre tudo. Suas longas canções fúnebres improvisadas soarão eternamente em meus ouvidos. Entre outras coisas, mantenho dolorosamente na memória uma certa perversão e amplificação singular do ar exaltado da última valsa de Von Weber. Das pinturas que brotavam de sua elaborada fantasia, e que ganhavam, a cada pincelada, uma obscuridade diante da qual eu estremecia, ainda mais porque estremecia sem saber o motivo, dessas pinturas (vívidas como as imagens que estão agora diante de mim), eu em vão tentaria induzir mais do que uma pequena porção compreendida dentro dos limites das meras palavras escritas. Pela simplicidade absoluta, pela nudez de seus desenhos, ele atraía e prendia a atenção. Se alguma vez um mortal pintou uma ideia, esse mortal foi Roderick Usher. Pelo menos para mim, nas circunstâncias que me rodeavam naquele momento, elas surgiam a partir das puras abstrações que o hipocondríaco planejava lançar sobre sua tela, uma intensidade intolerável de espanto, cuja sombra nunca tinha sentido nem na contemplação das fantasias, certamente brilhantes apesar de muito concretas, de Fuseli.

Uma das concepções fantasmagóricas do meu amigo, partilhando não tão rigidamente o espírito da abstração, pode ser descrita, embora com dificuldades, em palavras. Um pequeno quadro apresentava o interior de uma cripta ou túnel imensamente longo e retangular, com paredes baixas, lisas, brancas e sem interrupção ou adorno. Certos pontos acessórios do desenho serviram bem para transmitir a ideia de que essa escavação estava em uma profundidade muito abaixo da superfície da Terra. Não era possível observar nenhuma saída em qualquer parte de sua vasta extensão, e nenhuma tocha, ou outra fonte artificial de luz era discernível, no entanto, vários raios intensos se espalhavam e banhavam tudo em um esplendor fantasmagórico e incoerente.

Já falei dessa condição mórbida do nervo auditivo que tornava toda a música intolerável ao enfermo, com exceção de certos efeitos dos instrumentos de cordas. Foi, talvez, o estreito limite a que ele assim se confinou ao violão, que deu origem, em grande parte, ao caráter fantástico de suas obras. Mas a facilidade fervorosa de seus improvisos não podia ser explicada. Deveriam estar, e estavam, nas notas, bem como nas palavras de suas fantasias estranhas (pois ele não raramente

se acompanhava de improvisações verbais rimadas), o resultado daquela intensa calma mental e concentração a que anteriormente aludi. Observável apenas em momentos particulares da mais alta excitação artificial. Eu me lembro facilmente das palavras de uma dessas rapsódias. Fiquei, talvez, mais impressionado quando ele a apresentou, porque, na base ou correnteza subterrânea mística do seu significado, imaginei que percebia, e pela primeira vez, uma plena consciência por parte de Usher, do vacilar de sua elevada razão sobre seu trono. Os versos, intitulados “O Palácio Assombrado”, eram mais ou menos, se não forem precisos, assim:

I.

No mais verde dos nossos vales,
Onde bons anjos habitam,
Erguia-se um palácio
nobre e majestoso.
Domínio do rei Pensamento
Ali ele ficava!
Nunca um serafim bateu suas asas
Sobre uma construção tão justa.

II.

Bandeiras amarelas, gloriosas, douradas,
Em seu telhado tremulavam
(Tudo isso aconteceu no passado
Há muito tempo)
E todo o vento que brincava,
Naqueles doces dias,
Ao longo das muralhas
Um odor alado espalhava.

III.

Andarilhos naquele vale feliz
Através de duas janelas luminosas viam
Espíritos dançando
Ao ritmo bem afinado de um alaúde,
Em volta de um trono, onde sentado
(Porfirogênito!)
Envolto em uma glória merecida,
O soberano do reino era visto.

IV.

E brilhava com pérolas e rubis
A porta do palácio

Através da qual fluía um rio
Sempre cintilante,
Os Ecos cujo doce dever
Era apenas cantar
Em vozes de beleza suprema,
A sagacidade e sabedoria do rei.

V.

Mas criaturas malignas, vestidas de tristeza,
Assaltaram os domínios do monarca
(Ah, dor e luto, pois nunca mais
Amanhecerá sobre ele, desolado!)
E, ao redor do palácio, a glória
Que brilhava e florescia
É apenas uma história esquecida
De velhos tempos sepultados.

VI.

E os viajantes dentro daquele vale,
Pelas janelas com luz vermelha, veem
Vastas formas que se movem fantasticamente
Sob uma melodia dissonante
Enquanto, como um rápido rio medonho,
Através da porta pálida,
Uma multidão medonha que foge para sempre
E ri, mas o sorriso morreu.

Lembro bem que sugestões vindas dessa balada nos levavam a uma linha de pensamento na qual ficava manifesta uma opinião de Usher, que não menciono tanto por causa de sua novidade (pois outros homens também pensaram isso), mas para explicar a obstinação com que a defendia. Essa opinião, em sua forma geral, era a da sensibilidade de todas as coisas inorgânicas. Mas, em sua fantasia perturbada, a ideia assumiu um caráter mais ousado e ultrapassou, sob certas condições, o reino do inorgânico. Não tenho palavras para expressar toda a extensão ou o *abandono* sincero de sua persuasão. A crença, no entanto, estava conectada (como já sugeri) com as pedras cinzentas da casa de seus antepassados.

As condições da sensibilidade tinham estado aqui, ele imaginou, satisfeitas no método de colocação dessas pedras, na ordem de seu arranjo, assim como na dos muitos *fungos* que se espalharam por elas, e das árvores murchas que estavam ao redor, acima de tudo, na longa e imperturbável persistência desse arranjo e em sua duplicação nas

águas paradas do lago. Essa evidência, a da sensibilidade, podia ser vista, ele disse (e começo aqui a contar o que ele dizia), na gradual, mas certa, condensação de uma atmosfera própria sobre as águas e as paredes. O resultado foi descoberto, ele acrescentou, naquela silenciosa, ainda que importuna e terrível influência que durante séculos moldou os destinos de sua família, e que fez *dele* o que eu agora estava vendo: o que ele era. Tais opiniões não precisam de comentários, e eu não farei nenhum.

Nossos livros, aqueles que, durante anos, tinham formado uma porção nada pequena da existência intelectual do inválido, estavam, como se poderia supor, em estrita conformidade com esse caráter espectral. Nós nos debruçamos juntos sobre obras como *Ververt et Chartreuse* de Gresset, *Belfagor* de Maquiavel, *O Céu e o Inferno* de Swedenborg, a *Viagem Subterrânea* de Nicholas Klimm de Holberg, a *Quiromancia* de Robert Flud, de Jean D'Indaginé e *De la Chambre*, a *Jornada na Distância Azul* de Tieck e a *Cidade do Sol* de Campanella. Um dos volumes favoritos era uma pequena edição in-oitavo do *Directorium Inquisitorium* do dominicano Eymeric de Gironne e havia passagens em Pomponius Mela sobre os antigos sátiros africanos e os egipás, sobre os quais Usher ficava sonhando por horas. Seu principal deleite, no entanto, estava na leitura de um livro extremamente raro e curioso em formato gótico: o manual de uma igreja esquecida, o *Vigiliae Mortuorum secundum Chorum Ecclesiae Maguntinae*.

Não podia deixar de pensar no estranho ritual desta obra e de sua provável influência sobre o hipocondríaco quando, uma noite, tendo-me informado abruptamente que *lady* Madeline não estava mais entre nós, ele declarou sua intenção de preservar seu cadáver por uma quinzena (antes de seu enterro final), em uma das numerosas criptas dentro das paredes principais do edifício. A razão mundana, no entanto, atribuída a esse procedimento singular, era algo que não me sentia à vontade para questionar. O irmão foi levado a essa resolução (assim ele me contou) pela consideração do caráter incomum da doença da falecida, de certas investigações indiscretas e ávidas por parte de seus médicos, e da situação remota e exposta do cemitério da família. Não negarei que, quando me lembrei do semblante sinistro da pessoa que encontrei na escadaria, no dia da minha chegada, não desejava me opor ao que considerava, na melhor das hipóteses, inofensivo e de nenhuma maneira uma precaução estranha.

A pedido de Usher, eu pessoalmente o auxiliei nos arranjos para o

sepultamento temporário. Tendo colocado o corpo no caixão, só nós dois o levamos a seu descanso. A cripta em que o colocamos (e que estava fechada há tanto tempo que nossas tochas, meio sufocadas em sua atmosfera opressiva, davam poucas oportunidades de investigação) era pequena, úmida e inteiramente fechada para a entrada de luz. Encontrava-se a grande profundidade, exatamente embaixo da parte do edifício em que estava meu dormitório. Tinha sido usada, aparentemente, em remotos tempos feudais, para os piores propósitos de masmorra e, em dias posteriores, como um local de depósito de pólvora, ou alguma outra substância altamente inflamável, pois parte de seu piso, e todo o interior de um longo corredor através do qual entramos, estava cuidadosamente revestido de cobre. A porta, de ferro maciço, também tinha sido protegida de maneira semelhante. Seu imenso peso causava um som desagradável e agudo ao girar sobre suas dobradiças.

Tendo depositado nosso triste fardo sobre um cavalete dentro desse espaço de horror, retiramos parcialmente a tampa do caixão que estava desatarraxada e olhamos para o rosto da morta. Uma impressionante semelhança entre o irmão e a irmã chamou minha atenção, e Usher, adivinhando, talvez, meus pensamentos, murmurou algumas poucas palavras e fiquei sabendo que a falecida e ele eram gêmeos, e que simpatias de uma natureza pouco compreensível sempre tinham existido entre eles. Nossos olhares, no entanto, não descansaram por muito tempo sobre a morta, pois não podíamos olhar para ela sem assombro. A doença que tinha matado *lady* Madeline no auge da juventude deixara, como de costume em todos os males de caráter estritamente cataléptico, a caricatura de um leve rubor no peito e no rosto e aquele sorriso suspeito e persistente nos lábios que é tão terrível na morte. Recolocamos e parafusamos a tampa e, tendo fechado a porta de ferro, voltamos, com dificuldade, para os dormitórios pouco menos sombrios da parte superior da casa.

E agora, depois de alguns dias de tristeza amarga, era possível observar uma mudança nas características da desordem mental do meu amigo. Seus modos habituais tinham desaparecido. Suas ocupações comuns eram negligenciadas ou esquecidas. Ele vagava de um aposento a outro com passos apressados, desiguais e sem objetivo. A palidez de seu semblante assumira, se isso era possível, uma tonalidade ainda mais espectral e a luminosidade de seus olhos havia desaparecido por completo. Não se ouvia mais a rouquidão outrora ocasional de seu tom. Agora um gaguejar trêmulo, como se estivesse

sentindo muito terror, caracterizava habitualmente sua fala. Houve momentos, na verdade, em que achei que sua mente incessantemente agitada estava lidando com algum segredo opressivo, e ele lutava para conseguir a coragem necessária para revelá-lo. Às vezes, era obrigado a atribuir tudo isso aos inexplicáveis caprichos da loucura, pois eu o observava olhando para o nada por longas horas, numa atitude de profunda atenção, como se estivesse ouvindo algum som imaginário. Não era de admirar que sua condição me aterrorizasse, que me contagiasse. Sentia que rastejava sobre mim, de forma lenta, mas certa, as estranhas influências de suas próprias superstições fantásticas e contagiosas.

Foi, sobretudo, ao me recolher à cama no final da noite do sétimo ou oitavo dia após termos colocado *lady* Madeline dentro da masmorra, que experimentei o pleno poder de tais sensações.

O sono não chegou perto da minha cama e as horas passavam lentamente. Lutei para afastar o nervosismo que tinha me dominado. Eu me esforçava para acreditar que muito, se não tudo que sentia, era devido à influência desconcertante da sombria mobília do quarto: das cortinas escuras e esfarrapadas que, forçadas ao movimento pelo sopro de uma tempestade crescente, deslocavam-se de um lado para o outro das paredes, e farfalhavam desagradavelmente ao redor das decorações da cama. Mas meus esforços foram infrutíferos. Um tremor irreprímível impregnou gradualmente meu corpo e, por fim, havia no meu coração um íncubo de alarme sem nenhuma causa. Tentando sacudir essa sensação com suspiros e lutas, ergui o corpo, me apoiei nos travesseiros e, olhando diretamente para a escuridão intensa do quarto, ouvi (não sei porque, exceto que um instinto me levou a isso) certos sons baixos e indefinidos que vinham, através das pausas da tempestade, em longos intervalos, não sabia de onde. Tomado por um sentimento intenso de horror, inexplicável e insuportável, vesti minhas roupas com pressa (pois sabia que não ia mais dormir essa noite) e me esforcei para sair da condição lastimável em que havia caído caminhando rapidamente de um lado para o outro dentro do quarto.

Tinha dado apenas algumas voltas dessa maneira quando uns passos leves em uma escada adjacente chamaram minha atenção. Tinha reconhecido que era Usher. Um instante depois, ele bateu suavemente na minha porta e entrou, carregando uma vela. Seu semblante era, como de hábito, cadavérico, mas, além disso, havia uma espécie de hilária loucura em seus olhos, uma histeria

evidentemente contida em todo o seu comportamento. Seu jeito me assustava, mas qualquer coisa era preferível à solidão que tinha aguentado por tanto tempo, e até acolhia sua presença como um alívio.

– E você não viu? – ele perguntou abruptamente, depois de ter olhado ao redor por alguns momentos em silêncio. – Você ainda não viu? Pois espere! Vai ver. – Assim falando e tendo cuidadosamente protegido sua vela, correu para uma das janelas e a abriu deixando a tempestade entrar livremente.

A fúria impetuosa da rajada que entrou quase nos derrubou. Era, de fato, uma noite tempestuosa, mas severamente bela, e singular em seu terror e beleza. Um redemoinho aparentemente tinha ganhado força em nossa vizinhança pois havia frequentes e violentas alterações na direção do vento e a densidade excessiva das nuvens (que estavam tão baixas a ponto de tocar os

torreões da casa) não impediam que percebêssemos a grande velocidade com a qual voavam de todos os pontos, uma contra a outra, sem se afastarem. Disse que mesmo a densidade extraordinária delas não impedia que percebêssemos isso, contudo não tínhamos nenhum vislumbre da lua ou das estrelas, nem havia relâmpagos. Mas as superfícies inferiores das imensas massas de vapor agitado, bem como todos os objetos terrestres imediatamente à nossa volta, estavam brilhando sob a luz sobrenatural de uma exalação gasosa levemente luminosa e nitidamente visível, que pairava sobre e envolvia a mansão.

– Você não deve, você não deve ver isso! – falei, estremecendo, para Usher, enquanto eu o conduzia, com uma suave violência, da janela para uma poltrona. – Esses espetáculos, que nos deixam perplexos, são apenas fenômenos elétricos pouco incomuns ou pode ser que tenham sua origem espectral no miasma do lago. Vamos fechar essa janela, o ar está frio e perigoso para sua saúde. Aqui está um dos seus romances favoritos. Vou ler, e você vai me ouvir, assim vamos passar esta noite terrível juntos.

O volume antigo que eu tinha pegado era o *Mad Trist* de sir Launcelot Canning. Eu o chamei de favorito do Usher mais como um gracejo triste do que sincero pois, na verdade, há pouco em sua prolixidade grosseira e sem imaginação que poderia ter interessado o idealismo elevado e espiritual de meu amigo. Era, no entanto, o único livro imediatamente à mão e me permiti uma vaga esperança de que a excitação que agora agitava o hipocondríaco pudesse encontrar alívio

(pois a história da desordem mental está cheia de anomalias semelhantes), mesmo no exagero de insensatez do que ia ler. Poderia ter julgado, de fato, pelo ar exagerado de vivacidade com que ele ouvia, ou parecia ouvir, as palavras da história, poderia muito bem ter me parabenizado pelo sucesso da minha tentativa.

Eu havia chegado àquela parte bem conhecida da história em que Ethelred, o herói de Trist, tendo procurado em vão entrar de forma pacífica na morada do eremita, entra pela força. Aqui, todos lembrarão, as palavras da narrativa correm assim:

E Ethelred, que era por natureza valente de coração, e que agora era muito poderoso por causa da potência do vinho que havia bebido, não esperou mais para negociar com o eremita que, na verdade, era obstinado e malicioso mas, sentindo a chuva em seus ombros e temendo o aumento da tempestade, ergueu sua maçã sem rodeios e, com golpes, abriu rapidamente as tábuas da porta para que coubesse sua mão e agora, puxando com firmeza, rachou, quebrou e destruiu tudo em pedaços, tanto que o barulho da madeira seca e oca alarmou e reverberou por toda a floresta.

No término dessa frase levei um susto e, por um momento, parei, pois (embora eu tenha concluído que a minha fantasia excitada tinha me enganado) pareceu-me que, de alguma parte muito remota da mansão, tinha chegado, indistintamente, aos meus ouvidos, o que poderia ter sido, em uma natureza muito semelhante, o eco (com certeza, abafado e enfadonho) do som estridente e rasgado que *sir* Launcelot descrevera tão enfaticamente. Foi, sem dúvida, apenas a coincidência que chamou minha atenção pois, em meio ao barulho das janelas e os ruídos comuns misturados da tempestade ainda crescente, o som, por si só, não tinha nada, com certeza, que pudesse me interessar ou perturbar. Continuei com a história:

Mas o bom herói Ethelred, agora entrando pela porta, ficou furioso e espantado ao não ver nenhum sinal do malévolo eremita. No seu lugar havia um dragão escamoso e prodigioso, com uma língua de fogo, sentado guardando um palácio de ouro, com um piso de prata e na parede havia um escudo de latão reluzente com essa legenda escrita:

Quem entrar aqui, um conquistador deverá ser.

Quem matar o dragão, o escudo ganhará.

E Ethelred ergueu sua maçã e golpeou a cabeça do dragão, que

caiu diante dele, soltando seu bafo pestilento com um rugido tão horrendo, duro e penetrante que Ethelred teve de tampar os ouvidos com a mão por causa do barulho terrível, como nunca tinha ouvido antes.

Mais uma vez parei abruptamente, e agora com uma sensação de violento espanto – pois não poderia haver dúvida alguma de que, desta vez, eu realmente tinha ouvido (embora de que direção vinha era impossível dizer) um grito ou rangido baixo e aparentemente distante, mas áspero, prolongado e incomum. A contrapartida exata do que minha fantasia tinha atribuído ao grito sobrenatural do dragão, conforme descrito pelo romancista.

Oprimido, como eu certamente estava, com a ocorrência desta segunda e mais extraordinária coincidência, por mil sensações conflitantes, nas quais espanto e terror extremo eram predominantes, ainda mantive presença de espírito suficiente para evitar instigar, com qualquer observação, a sensibilidade nervosa do meu companheiro. Eu não tinha certeza se ele havia notado os sons em questão, embora, com certeza, uma estranha alteração tinha ocorrido durante os últimos minutos em seu comportamento. De uma posição em frente à minha, havia gradualmente girado sua cadeira para sentar-se com o rosto voltado para porta do quarto; e assim eu conseguia, apenas parcialmente, ver suas feições, embora percebesse que seus lábios tremiam como se estivesse murmurando algo inaudível. Sua cabeça tinha caído sobre o peito, mas eu sabia que ele não estava dormindo, já que seus olhos estavam bem abertos quando olhei de relance. O movimento de seu corpo também estava em desacordo com essa ideia pois ele ia de um lado para o outro com um balanço suave, porém constante e uniforme. Tendo rapidamente tomado conhecimento de tudo isso, retomei a narrativa de *sir* Launcelot, que assim prosseguia:

E agora, o herói, tendo escapado da terrível fúria do dragão, lembrando-se do escudo de latão e da quebra do encantamento que estava sobre ele, tirou a carcaça do caminho à sua frente e aproximou-se corajosamente sobre o pavimento de prata do castelo até onde estava o escudo na parede que, no entanto, não esperou sua chegada e caiu a seus pés no chão de prata, com um poderoso e terrível ruído.

Assim que essas palavras passaram pelos meus lábios, como se, no momento, um escudo de latão tivesse caído pesadamente sobre um piso de prata, percebi uma reverberação distinta, oca, metálica e

estridente, mas aparentemente abafada. Muito nervoso, levantei-me de um salto, mas Usher continuou se balançando da mesma forma. Corri até a cadeira em que ele estava sentado. Seus olhos estavam fixos à sua frente e, em todo seu semblante, reinava uma rigidez de pedra. Mas, quando coloquei minha mão em seu ombro, todo seu corpo estremeceu e um sorriso doentio se formou em seus lábios. Vi que ele falava em um murmúrio baixo, apressado e ininteligível, como se estivesse inconsciente da minha presença. Curvando-me mais perto, finalmente compreendi o horrendo significado de suas palavras.

– Não está ouvindo? Sim, eu ouvi e *tenho* ouvido isso. Faz muito, muito tempo, muitos minutos, muitas horas, muitos dias que estou ouvindo, mas não me atrevi. Ah, tenha pena de mim, miserável que sou! Não me atrevi, não me *atrevi a falar! Nós a colocamos viva no túmulo!* Não disse que meus sentidos eram apurados? *Agora* eu lhe digo que ouvi seus primeiros movimentos fracos no caixão cavernoso. Eu os ouvi há muitos, muitos dias, mas não ousei, *não me atrevi a falar!* E agora, esta noite, Ethelred, ha, ha!

A destruição da porta do eremita, o grito de morte do dragão e o barulho do escudo! Na verdade o caixão sendo rasgado e a grade das dobradiças de ferro de sua prisão. Sua luta dentro do arco de cobre da cripta! Para onde devo fugir? Ela não estará aqui em breve? Não virá correndo para me censurar pela minha pressa? Não ouvi seus passos na escada? Não distingo aquela batida pesada e horrível de seu coração? Louco! – Aqui ele se levantou furiosamente e gritou essas palavras, como se no esforço tivesse entregado sua própria alma: – *Louco! Digo que ela agora está do outro lado da porta!*

Como se na energia sobre-humana de sua voz houvesse sido encontrada a potência de um feitiço, a enorme porta para a qual o orador apontava, começou lentamente a recuar, naquele mesmo instante, suas mandíbulas pesadas e de ébano. Foi obra da rajada de vento, mas do outro lado daquelas portas *estava* parada a figura sublime e amortalhada de *lady* Madeline de Usher. Havia sangue em suas roupas brancas e a evidência de uma amarga luta em cada parte de seu corpo descarnado. Por um momento, ela permaneceu tremendo e cambaleando de um lado para o outro, então, com um gemido baixo, caiu pesadamente sobre o corpo de seu irmão, e em sua violenta e agora final agonia mortal, levou-o ao chão já cadáver e vítima dos terrores que havia antecipado.

Daquele quarto e daquela mansão, fugi horrorizado. A tempestade ainda caía em toda a sua ira quando me vi atravessando a velha

entrada. De repente, brilhou no caminho uma luz selvagem e me virei para ver de onde um brilho tão incomum poderia vir, pois atrás de mim só havia a vasta casa e suas sombras. O esplendor era da lua cheia, poente e avermelhada, que agora brilhava vividamente sobre aquela fissura antes imperceptível que havia citado antes, estendendo-se do telhado do prédio, em

zigue-zague, até a base. Enquanto eu olhava, essa fissura rapidamente se alargou, veio o sopro feroz do redemoinho e todo o globo do satélite revelou-se diante dos meus olhos. Meu espírito vacilou quando vi as poderosas paredes caindo em pedaços. Houve um longo e tumultuoso grito, como a voz de mil águas, e o profundo e úmido lago a meus pés engoliu sombria e silenciosamente sobre os fragmentos da *“Casa de Usher”*.

1. Seu coração é um alaúde suspenso; Tão logo o tocamos ele ressoa. (N. T.)

2. Entediado.

. Watson, Dr. Percival, Spallanzani e especialmente o Bispo de Landaff. Ver “Ensaios Químicos”, v. v.



A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA

A “Morte Vermelha” há muito tempo devastava o país. Nenhuma peste jamais fora tão fatal ou tão hedionda. O sangue era sua encarnação e seu selo: o vermelho e o horror do sangue. Havia dores agudas e súbita tontura e, em seguida, profusa hemorragia pelos poros, finalizando com a morte. As manchas escarlates no corpo e especialmente no rosto da vítima significavam a marca da praga e impediam toda ajuda e simpatia das outras pessoas. E toda a contaminação, progresso e término da doença duravam meia hora.

Mas o Príncipe Próspero era feliz, destemido e sagaz. Quando seus domínios estavam bastante despovoados, ele convocou à sua presença mil amigos sadios e irreverentes entre os cavaleiros e damas de sua corte, e com estes retiraram-se para a profunda reclusão de uma de suas abadias fortificadas. Era uma estrutura ampla e magnífica, criação do próprio gosto excêntrico e augusto do príncipe. Uma muralha forte e alta a cercava. Essa muralha tinha portões de ferro. Os cortesãos, tendo entrado, trouxeram forjas e martelos, e soldaram as trancas. Resolveram não deixar nenhuma forma de entrar nem sair aos repentinos impulsos de desespero ou do frenesi. A abadia tinha muitas provisões. Com tais precauções, os cortesãos poderiam desafiar o contágio. O mundo externo poderia cuidar de si mesmo. Enquanto isso, era tolice chorar ou pensar. O príncipe tinha providenciado tudo que era necessário para o prazer. Havia bufões, improvisadores, bailarinos, músicos; havia beleza e vinho. Dentro havia tudo isso e segurança. Do lado de fora estava a “Morte Vermelha”.

Foi no final do quinto ou sexto mês de sua reclusão, e enquanto a peste se enfurecia cada vez mais no exterior, que o príncipe Próspero resolveu entreter seus mil amigos com um baile de máscaras da mais incomum magnificência.

Era uma cena voluptuosa, aquela festa mascarada. Mas primeiro deixe-me falar dos cômodos em que era realizada. Eram sete, uma suíte majestosa. Em muitos palácios, no entanto, essas suítes formam uma galeria longa e reta, pois as portas duplas deslizam quase até as paredes de cada lado, de modo que não haja impedimentos para visualizar toda a extensão. Aqui o caso era muito diferente, como poderia ser esperado do amor do príncipe pelo bizarro. Os aposentos estavam dispostos tão irregularmente que a visão envolvia pouco mais que um de cada vez. Havia uma curva acentuada a cada vinte ou trinta metros e, a cada curva, um novo efeito. À direita e à esquerda, no meio de cada parede, uma janela gótica alta e estreita dava para um corredor fechado que seguia a suíte sinuosa. Essas janelas eram de vitrais cuja cor variava de acordo com o tom predominante das decorações do aposento para o qual ela se abria. Se a da extremidade leste estava pintada, por exemplo, de azul, vividamente azuis eram suas janelas. O segundo quarto era roxo em seus ornamentos e tapeçarias, e aqui as vidraças eram roxas. O terceiro era totalmente verde, assim como os batentes das janelas. O quarto estava mobiliado e iluminado de laranja, o quinto de branco, o sexto de violeta. O sétimo aposento estava coberto com tapeçaria de veludo preto que pendia do teto e das paredes, caindo em dobras pesadas sobre um tapete do mesmo material e tonalidade. Mas, só neste aposento, a cor das janelas não combinavam com as decorações. Os vitrais aqui eram escarlates – uma cor de sangue profundo. Embora houvesse uma profusão de ornamentos dourados espalhados de um lado ao outro ou pendurados do teto, em nenhum dos sete aposentos havia nenhuma lâmpada ou candelabro. Não havia luz de nenhum tipo emanando das lâmpadas ou velas dentro do conjunto de aposentos. Mas nos corredores que atravessavam toda a suíte, havia, diante de cada janela, um pesado tripé, com um braseiro de fogo, que projetava seus raios através do vidro escurecido e iluminava com intensidade o aposento. E assim eram produzidas uma multidão de aparições berrantes e fantásticas. Mas no aposento ocidental ou negro, o efeito da luz do fogo que fluía sobre as cortinas escuras através das vidraças tingidas de sangue era extremamente medonho e produzia uma expressão tão selvagem sobre o semblante dos que entravam que havia

poucos convidados que ousavam colocar os pés no recinto.

Também havia neste aposento, que estava contra a parede oeste, um gigantesco relógio de ébano. Seu pêndulo balançava de um lado para o outro com um som fraco, pesado e monótono, e quando o ponteiro do minuto completava seu circuito e a hora deveria ser atingida, vinha das entranhas do relógio um som claro, alto, profundo e extremamente musical, mas de uma nota tão peculiar e enfática que, a cada lapso de hora, os músicos da orquestra eram obrigados a fazer uma pausa, momentaneamente, em sua apresentação, para ouvir o som; e assim os que estavam dançando valsa eram forçados a parar suas evoluções. Havia um breve desconcerto de todo o alegre grupo e, enquanto os toques do relógio ressoavam, observava-se que os mais agitados ficavam pálidos, e os mais idosos e tranquilos passavam as mãos na testa, como se estivessem confusos ou meditando. Mas quando os ecos cessavam completamente, uma leve risada impregnava a reunião, os músicos se entreolhavam e sorriam como se estivessem nervosos e loucos, e faziam promessas em sussurros, um para o outro, que a próxima vez que o relógio tocasse não iria produzir neles nenhuma emoção semelhante. Mas então, após o lapso de sessenta minutos (que abrange três mil e seiscentos segundos do Tempo que voa), havia mais um toque do relógio, o mesmo desconcerto, tremor e meditação de antes.

Mas, apesar dessas coisas, era uma festa divertida e magnífica. Os gostos do príncipe eram peculiares. Ele tinha um bom olho para cores e efeitos. Desdenhava os caprichos da mera moda. Seus planos eram ousados e ardentes, e suas concepções tinham um bárbaro esplendor. Alguns pensariam que estava louco. Seus seguidores não concordavam. Era necessário ouvi-lo, vê-lo e tocá-lo para ter certeza de que não estava.

Ele tinha se ocupado pessoalmente, em grande parte, da decoração dos sete aposentos, por ocasião desta grande *fête* e foi seu próprio gosto orientador que tinha dado caráter aos mascarados. Tenha certeza que eram grotescos. Havia muito brilho e purpurina, e atrevimento e fantasmas – muito do que foi visto depois em “Hernani”. Havia figuras arabescas com membros e móveis inadequados. Havia fantasias delirantes como as do louco. Havia muito do belo, muito do libertino, muito do bizarro, algo do terrível, e nem um pouco daquilo que poderia ter criado desgosto. Para lá e para cá nos sete aposentos havia, de fato, uma multidão de sonhos. E esses se contorciam e assumiam o tom dos aposentos, fazendo com

que a música selvagem da orquestra parecesse o eco de seus passos. E, pouco tempo depois, tocava o relógio de ébano que ficava no corredor do veludo. Então, por um momento, tudo fica parado e tudo fica em silêncio, exceto a voz do relógio. Os sonhos ficaram rigidamente congelados em seus lugares. Mas os ecos do relógio desaparecem, duraram apenas um instante, e uma risada leve, meio abafada flutua atrás deles quando vão desaparecendo.

E agora, mais uma vez, a música ganha volume e os sonhos vivem, e se contorcem mais alegremente do que nunca, assumindo o tom das muitas janelas pintadas através das quais fluem os raios dos tripés. Mas no aposento que fica mais a oeste dos sete, nenhum dos mascarados se aventura a entrar; porque a noite está terminando e de lá flui uma luz mais vermelha pelas vidraças cor de sangue. A escuridão da zibelina amedronta e para quem pisa sobre o tapete escuro, o relógio de ébano próximo tem um repique abafado, mais solenemente enfático do que qualquer outro que atinja os ouvidos daqueles que se entregam aos prazeres nos outros aposentos mais distantes.

Mas esses outros aposentos estavam densamente lotados e neles pulsava febrilmente o coração da vida. E o festejo continuou rodopiante, até que finalmente começaram as doze badaladas da meia-noite no relógio. Então a música parou, como se alguém tivesse dado um comando, as evoluções dos valsistas foram aquietadas e tudo parou desconfortavelmente como antes. Mas agora o relógio devia bater doze vezes e por isso, talvez, os pensamentos do grupo de participantes da festa foram mais demorados e profundos. E assim, também, talvez tenha acontecido que, antes que os últimos ecos da última batida tivessem acabado totalmente, muitos indivíduos na multidão tiveram tempo para perceber a presença de uma figura mascarada que não tinha chamado atenção de ninguém antes. E o boato dessa nova presença se espalhava em sussurros ao redor, levantando ao longo de toda a festa um murmúrio expressivo primeiro de desaprovação e surpresa, finalmente, de terror, de horror e de nojo.

Em um conjunto de fantasmas como os que pinteí, pode-se supor que nenhuma aparência comum poderia ter excitado essa sensação. Na verdade, a liberdade de máscaras da noite era quase ilimitada, mas a figura em questão tinha superado a de Herodes e ultrapassado os limites do próprio decoro indefinido do príncipe. Havia acordes nos corações dos mais imprudentes que não podem ser tocados sem causar emoção. Mesmo com os totalmente perdidos, para quem a vida e a

morte são brincadeiras iguais, há questões que não devem ser tocadas. Toda a festa, de fato, parecia agora sentir profundamente que no traje e porte do estranho não existia nem humor, nem civilidade. A figura era alta e magra, e estava coberta da cabeça aos pés com as vestes da sepultura. A máscara que ocultava o rosto era tão parecida com o semblante de um cadáver endurecido que o escrutínio mais próximo deve ter tido dificuldade em detectar o engano. No entanto, tudo isso poderia ter sido suportado, até mesmo aprovado, pelos loucos foliões em volta. Mas o mascarado tinha ido longe demais ao se fantasiar de Morte Vermelha. Sua vestimenta estava coberta de sangue e sua testa larga, assim como todo o rosto, estava manchada pelo horror escarlate.

Quando os olhos do Príncipe Próspero caíram sobre esta imagem espectral (que, com um movimento lento e solene, como se quisesse sustentar mais plenamente o seu papel, andou de um lado para o outro entre os valsistas), era visto como se estivesse convulsionando, no primeiro momento com um forte tremor, de terror ou aversão, mas, no seguinte, sua testa estava vermelha de raiva.

– Quem ousa? – perguntou com voz rouca aos cortesãos que estavam perto dele. – Quem se atreve a insultar-nos com esta zombaria blasfema? Agarre-o e arranque sua máscara para que saibamos quem devemos pendurar, ao nascer do sol, das muralhas!

O Príncipe Próspero estava no aposento oriental ou azul quando pronunciou estas palavras. Elas ressoaram pelos sete quartos em voz alta e clara, pois o príncipe era um homem corajoso e robusto, e a música foi abafada com um movimento de sua mão.

No salão azul estava o príncipe, com um grupo de cortesãos pálidos ao seu lado. A princípio, enquanto ele falava, houve um leve movimento apressado desse grupo na direção do intruso que naquele momento também estava próximo, e agora, com passo deliberado e imponente, aproximava-se mais do locutor. Mas com um certo temor sem nome que a louca aparência do mascarado tinha inspirado em toda a festa, ninguém quis levantar uma mão para agarrá-lo de modo que, desimpedido, passou a um metro do príncipe e, enquanto todo o grupo, como se com um impulso, se encolhia do centro dos quartos para as paredes, ele seguiu seu caminho sem ser interrompido, mas com o mesmo passo solene e medido que o distinguia desde o começo, do aposento azul para o púrpura, do púrpura para o verde, do verde para o laranja, deste para o branco, e até mesmo para o violeta, antes que um movimento decidido tivesse sido feito para detê-lo. Foi então

que o Príncipe Próspero, enlouquecido de raiva e vergonha de sua própria covardia momentânea, correu apressadamente pelos seis quartos, apesar de que ninguém o seguiu pois um terror mortal tinha se apoderado de todos. Ele ergueu uma adaga desembainhada e se aproximou, em rápida impetuosidade, a um metro da figura que caminhava, quando esta, tendo atingido a extremidade do aposento de veludo, virou-se subitamente e confrontou seu perseguidor. Houve um grito agudo e o punhal caiu brilhando sobre o carpete, e sobre este caiu instantaneamente morto o Príncipe Próspero. Então, juntando a coragem selvagem do desespero, uma multidão de foliões imediatamente correu para o aposento negro e, agarrando o mascarado, cuja figura alta tinha ficado ereta e imóvel à sombra do relógio de ébano, retrocedeu horrorizada ao descobrir que a roupa mortuária e a máscara de cadáver, que tinham puxado com uma grosseria violenta, não possuía nenhuma forma tangível.

E agora tinham reconhecido a presença da Morte Vermelha. Ela veio como um ladrão na noite. E um a um caíram os foliões nos corredores cheios de sangue de seu festejo e morreram na posição desesperada de sua queda. E a vida do relógio de ébano desapareceu com a do último dos convidados da festa. E as chamas dos tripés se apagaram. E Escuridão, Decadência e a Morte Vermelha mantiveram um domínio ilimitado sobre todos.



OS ASSASSINATOS NA RUA MORGUE

Que música as sereias cantaram, ou que nome Aquiles adotou
quando se escondeu entre as mulheres, apesar de questões
intrigantes, não estão além de qualquer conjectura.

Sir Thomas Browne

As características intelectuais que são classificadas como analíticas são, em si mesmas, pouco suscetíveis de análise. Nós as apreciamos apenas por meio de seus resultados. Sabemos, entre outras coisas, que são sempre uma fonte de deleite para quem as possui. Assim como o homem forte sente prazer em sua capacidade física, deliciando-se com esses exercícios que ativam seus músculos, também o analista encontra seu prazer nessa atividade moral que consiste em *resolver algo*. Ele obtém prazer até mesmo das ocupações mais triviais, nas quais emprega seu talento. Gosta de enigmas, de charadas, de hieróglifos, exhibe em suas soluções um grau de *perspicácia* que parece sobrenatural para o entendimento comum. Seus resultados, causados pela própria alma e essência do método, têm, na verdade, todo o ar da intuição.

A faculdade de resolução é possivelmente muito fortalecida pelo estudo da matemática, e, especialmente pelo ramo mais alto que, injustamente, e meramente por causa de suas operações retrógradadas, foi chamado, *por excelência*, de análise. No entanto, calcular não é em si mesmo analisar. Um jogador de xadrez, por exemplo, faz um sem recorrer ao outro. Acontece que o jogo de xadrez, em seus efeitos sobre o caráter mental, é muito pouco entendido. Não estou

escrevendo agora um tratado, mas simplesmente o prefácio de uma narrativa um tanto peculiar com observações aleatórias, vou, portanto, aproveitar a ocasião para afirmar que o máximo grau de reflexão é posto à prova pelo modesto jogo de damas de forma mais intensa e benéfica que por toda a elaborada frivolidade do xadrez. Neste último, onde as peças têm movimentos diferentes e *únicos*, com valores diversos e variáveis, o que é apenas complexo é equivocado (um erro não incomum) para o que é profundo. A atenção é aqui chamada a entrar em ação. Se for enfraquecida por um instante e uma desatenção for cometida, o resultado é uma perda ou derrota. Os movimentos possíveis, sendo não apenas variados mas intrincados, multiplicam as chances de tais descuidos e em nove de dez casos é o jogador mais concentrado e não o mais inteligente que ganha. No jogo de damas, ao contrário, onde os movimentos são simples e têm pouca variação, as probabilidades de inadvertência são diminuídas e a mera atenção é comparativamente pouco usada, muitas vantagens são obtidas por cada um dos adversários de uma perspicácia superior. Para ser menos abstrato, vamos supor um jogo de damas em que as peças sejam reduzidas a quatro damas e onde, é claro, não se deve esperar nenhuma desatenção. É óbvio que aqui a vitória pode ser decidida (sendo os jogadores iguais) apenas por algum movimento de *recherché*,⁴ resultado de algum forte esforço do intelecto. Privado de recursos comuns, o analista se lança no espírito de seu oponente, identifica-se com ele, e não raramente vê assim, de relance, os únicos métodos (às vezes absurdamente simples) de levá-lo ao erro ou precipitar por um cálculo malfeito.

Uíste é conhecido por sua influência sobre o que se chama poder de cálculo e os homens da mais alta ordem de intelecto são conhecidos por terem um prazer aparentemente inexplicável ao jogá-lo, ao mesmo tempo em que evitam o xadrez como frívolo. Sem dúvida, não há nada de natureza semelhante que sobrecarregue tanto a faculdade da análise. O melhor jogador de xadrez da cristandade pode ser pouco mais que o melhor jogador de xadrez, mas a proficiência em uíste implica capacidade de sucesso em todos os empreendimentos mais importantes em que a mente luta contra a mente. Quando digo proficiência quero dizer aquela perfeição no jogo que inclui uma compreensão de *todas* as fontes de onde pode derivar uma vantagem. Não são apenas múltiplas, mas multiformes, e encontram-se frequentemente entre os recessos do pensamento, totalmente inacessíveis ao entendimento comum.

Observar atentamente é lembrar com clareza, e, até agora, o jogador de xadrez concentrado conseguirá ir bem no uíste enquanto as regras de Hoyle⁵ (elas próprias baseadas no mero mecanismo do jogo) são suficientes e geralmente compreensíveis. Assim, ter uma boa memória e seguir as regras são pontos normalmente vistos como a soma total para um bom jogo. Mas é em questões além dos limites da mera regra que a habilidade do analista fica evidente. Ele faz, em silêncio, uma série de observações e inferências. Da mesma forma, talvez, façam seus companheiros e a diferença na extensão da informação obtida reside não tanto na validade da inferência como na qualidade da observação.

O conhecimento necessário é *o que* observar. Nosso jogador não se limita em absoluto ao seu próprio jogo nem, apesar de o jogo ser o objetivo, rejeita deduções de elementos externos. Ele examina o semblante de seu parceiro, comparando-o cuidadosamente com o de cada um de seus oponentes. Considera o modo de classificar as cartas em cada mão, muitas vezes calculando os trunfos e figuras, pelos olhares dados pelos jogadores às suas próprias cartas. Observa cada variação de rosto à medida que o jogo progride, reunindo um fundo de pensamento a partir das diferenças na expressão da certeza, da surpresa, do triunfo ou do desgosto. Da maneira como recolhe uma vaza, ele julga se a pessoa que está pegando pode fazer outra em seguida. Reconhece o blefe pela maneira como a carta é colocada sobre a mesa. Uma palavra casual ou inadvertida, a queda acidental ou o giro de uma carta, com a ansiedade ou descuido que acompanham sua ocultação, a contagem das vazas, com a ordem de seu arranjo, constrangimento, hesitação, impaciência ou ansiedade, tudo indica, para sua percepção aparentemente intuitiva, indícios do verdadeiro estado das coisas. Depois das primeiras duas ou três rodadas, ele sabe perfeitamente o conteúdo de cada mão e, a partir de então, coloca suas cartas com a precisão absoluta de propósito, como se o resto do grupo tivesse mostrado suas cartas.

O poder analítico não deve ser confundido com grande engenhosidade porque, embora o analista seja necessariamente engenhoso, o homem engenhoso é com frequência notavelmente incapaz de analisar. O poder construtivo ou combinatório pelo qual a engenhosidade geralmente se manifesta e ao qual os frenologistas (erroneamente acredito) designaram um órgão separado, supondo ser uma faculdade primitiva, tem sido visto com frequência naqueles cujo intelecto está perto da idiotice, a ponto de ter atraído a observação

dos moralistas. Entre a engenhosidade e a capacidade analítica, existe uma diferença muito maior, na verdade, do que entre a fantasia e a imaginação, mas de um caráter muito estritamente análogo. Verifica-se, de fato, que os engenhosos são sempre fantasiosos e os *verdadeiramente* imaginativos sempre são analíticos.

A narrativa que se segue representará para o leitor algo assim como um comentário sobre as proposições que acabaram de ser apresentadas.

Residindo em Paris durante a primavera e parte do verão de 18..., fiquei amigo do *monsieur* C. Auguste Dupin. Esse jovem cavalheiro era excelente, de fato, era de uma família ilustre, mas, por uma série de eventos adversos, havia sido reduzido a tal pobreza que a energia de seu caráter sucumbiu à desgraça, levando-o a se afastar do mundo, e não se preocupar com a recuperação de suas fortunas. Por cortesia de seus credores, ainda restava em seu poder uma pequena parte do patrimônio e, com a renda resultante disso, conseguia, por meio de uma economia rigorosa, suprir as necessidades da vida, sem se preocupar com supérfluos. Os livros, na verdade, eram seu único luxo e em Paris eles são facilmente obtidos.

Nosso primeiro encontro foi em uma obscura biblioteca na rua Montmartre, onde a casualidade de ambos estarmos em busca do mesmo volume muito raro e muito notável, serviu para nos aproximar. Nós nos encontramos várias vezes. Eu estava profundamente interessado na pequena história familiar que ele detalhou para mim com toda a franqueza que um francês se entrega sempre que o assunto é ele mesmo. Fiquei espantado também com a vasta extensão de sua leitura e, acima de tudo, senti minha alma se acender dentro de mim pelo fervor exaltado e a frescura vívida de sua imaginação. Buscando em Paris as coisas que então almejava, senti que a companhia de tal homem seria para mim um tesouro inestimável e confidenciei esse sentimento a ele. Chegamos finalmente ao arranjo de que deveríamos morar juntos durante minha estadia na cidade e como minha situação financeira eram bem menos complicada do que a dele, pude alugar e mobiliar em um estilo que combinava com a melancolia um pouco fantástica de nosso temperamento comum uma mansão abandonada e devorada pelo tempo, há muito deserta por causa de superstições que não nos interessaram, quase em ruínas, em uma parte retirada e desolada de Faubourg St. Germain.

Se a rotina de nossa vida nesse lugar fosse conhecida pelo mundo, deveríamos ser considerados loucos, embora, talvez, loucos de

natureza inofensiva. Nosso isolamento era absoluto. Não recebíamos visitantes. De fato, a localização de nosso retiro tinha sido cuidadosamente mantida em segredo dos meus antigos amigos e há muitos anos Dupin deixara de conhecer ou ser conhecido em Paris. Vivíamos para nós mesmos.

Era uma aberração de meu amigo (como mais eu deveria chamar isso?) estar enamorado da noite e eu concordei com essa *bizarrerie*, como em todas as outras, entregando-me aos seus estranhos caprichos com um perfeito *abandono*. A divindade negra não estava sempre conosco, mas poderíamos falsificar sua presença. Nas primeiras luzes da manhã fechávamos as pesadas persianas da nossa velha casa, acendíamos algumas velas que, fortemente perfumadas, emitiam apenas raios mortiços e fracos. Com a ajuda delas, ocupávamos nossas almas em sonhos, lendo, escrevendo ou conversando, até sermos advertidos pelo relógio da chegada da verdadeira escuridão. Então saíamos pelas ruas de braços dados, continuando os tópicos do dia, ou perambulando por toda parte até muito tarde, procurando, entre as luzes e sombras selvagens da populosa cidade, aquela infinidade de excitação mental que a observação silenciosa pode proporcionar.

Nessas ocasiões, não pude deixar de observar e admirar (embora a rica idealidade que ele era dotado a isso me conduzisse, como era de se esperar) uma habilidade analítica peculiar em Dupin. Ele também parecia sentir prazer em seu exercício, se não exatamente em sua exibição, e não hesitava em confessar o prazer que sentia com isso. Vangloriava-se comigo, com uma risada discreta, que a maioria dos homens, para ele, tinha janelas em seus peitos e estava acostumado a acompanhar tais afirmações com provas diretas e muito surpreendentes do conhecimento íntimo que tinha sobre mim. Suas maneiras nesses momentos eram frias e abstratas, seus olhos vagos de expressão enquanto sua voz, geralmente um rico tenor, se elevava a um som agudo que soaria petulante, se não fosse a mediação deliberada e precisa de suas palavras. Ao observá-lo nesses estados de ânimo, muitas vezes fiquei meditando sobre a antiga filosofia da Alma Dividida e me divertia com a fantasia de um duplo Dupin: o criador e o analista.

Não se pode supor, pelo que acabei de dizer, que estou detalhando qualquer mistério ou escrevendo algum romance. O que descrevi no francês era apenas o resultado de uma inteligência excitada ou talvez doentia. Mas do caráter de suas observações nos períodos em questão, um exemplo transmitirá melhor a ideia.

Estávamos passeando uma noite por uma rua comprida e suja nas proximidades do Palais Royal. Estando ambos, aparentemente, ocupados com nossos pensamentos, nenhum falou uma sílaba por quinze minutos, pelo menos. De repente Dupin pronunciou estas palavras:

– Ele é um sujeito muito pequeno, é verdade, e estaria melhor no *Théâtre des Variétés*.

– Não há dúvida disso – respondi inconscientemente, e não percebendo, a princípio (tanto eu estava absorto em minhas reflexões) a maneira extraordinária com que o interlocutor concordava com minhas meditações. Um instante depois, percebi e meu espanto foi profundo.

– Dupin – disse eu, gravemente –, isso está além da minha compreensão. Não hesito em dizer que estou espantado e mal posso acreditar em meus sentidos. Como era possível que soubesse que eu estava pensando em...?

Fiz uma pausa aqui para averiguar, sem sombra de dúvida, se ele realmente sabia em quem eu estava pensando.

– Em Chantilly – disse ele. – Por que você fez uma pausa? Você estava pensando que a pequena estatura dele o incapacitava para a tragédia.

Era precisamente esse o assunto das minhas reflexões.

Chantilly era um *quondam*⁶ sapateiro da rua St. Denis que, tendo ficado louco pelo palco, tinha tentado o *rôle* de Xerxes, na tragédia de Crébillon, e foi notoriamente ridicularizado.

– Diga-me, pelo amor de Deus – exclamei –, o método, se é que existe um método, com o qual você foi capaz de sondar minha alma neste assunto. Na verdade, fiquei ainda mais surpreso do que estaria disposto a expressar.

– Foi o fruteiro – respondeu meu amigo – que o levou à conclusão de que o remendador de solas não tinha altura suficiente para Xerxes *et id genus omne*.⁷

– O fruteiro! Você me surpreende. Não conheço nenhum fruteiro, seja quem for.

– O homem que deu um encontrão com você quando entramos na rua, pode ter sido há quinze minutos.

Lembrei-me de que, na verdade, um fruteiro, carregando sobre a cabeça uma grande cesta de maçãs, quase tinha me derrubado, por acidente, quando viramos da rua C para a via em que nos encontrávamos, mas o que isso tinha a ver com Chantilly eu não

conseguia entender.

Não havia nenhuma partícula de *charlatanerie* em Dupin.

– Vou explicar – disse ele – e para que você possa compreender tudo claramente, primeiro vamos refazer o curso de suas meditações, desde o momento em que falei com você até o reencontro com o fruteiro em questão. Os elos maiores da corrente correm assim: Chantilly, Orion, Dr. Nichols, Epicuro, Estereotomia, o calçamento de pedras, o fruteiro.

Há poucas pessoas que, em algum período de suas vidas, não se divertiram ao refazer os passos pelos quais determinadas conclusões de suas próprias mentes foram alcançadas. A ocupação é muitas vezes cheia de interesse e aquele que tenta fazê-la pela primeira vez fica surpreso com a aparentemente ilimitada distância e incoerência entre o ponto de partida e o objetivo final. Qual, então, deve ter sido meu espanto quando ouvi o francês falar o que tinha acabado de dizer e quando não pude deixar de reconhecer que ele havia falado a verdade. Ele continuou:

– Estávamos falando de cavalos, se me lembro bem, antes de sair da rua C... Este foi o último assunto que discutimos. Ao cruzarmos para esta rua, um fruteiro, com uma grande cesta sobre a cabeça, passou rapidamente por nós, empurrou-o sobre uma pilha de pedras de pavimentação colocadas em um local onde a rua está sendo consertada. Você pisou em um dos fragmentos soltos, escorregou, estirou levemente o tornozelo, pareceu aborrecido ou mal-humorado, murmurou algumas palavras, virou-se para olhar a pilha e prosseguiu em silêncio. Eu não estava particularmente atento ao que você fazia, mas a observação tornou-se, ultimamente, uma espécie de necessidade para mim.

– Você manteve os olhos no chão, olhando com uma expressão suscetível para os buracos e sulcos na calçada (de modo que vi que você ainda estava pensando nas pedras) até chegarmos ao pequeno beco chamado Lamartine, que foi pavimentado, a título experimental, com os blocos sobrepostos e rebitados. Aqui seu semblante iluminou-se e, percebendo que seus lábios se moviam, não pude duvidar que murmurava a palavra “estereotomia”, um termo muito pretensiosamente aplicado a essa espécie de pavimento. Eu sabia que você não poderia dizer a si mesmo “estereotomia” sem ser levado a pensar em átomos e, portanto, nas teorias de Epicuro e como, quando discutimos este assunto há não muito tempo, mencionei a você de que maneira curiosa, mas totalmente desconhecida, as suposições vagas

daquele nobre grego encontraram confirmação na recente cosmogonia das nebulosas, senti que você não poderia evitar lançar os olhos para cima, para a grande nebulosa de Orion, e certamente esperava que fizesse isso. Você olhou para cima e agora eu estava certo de que tinha seguido corretamente seus passos. Mas naquele amargo ataque contra Chantilly, que apareceu no “*Musée*” de ontem, o escritor satírico, fazendo algumas alusões infames à mudança de nome do sapateiro ao calçar o coturno, citou um verso latino sobre o qual sempre conversamos. Estou falando da linha

*Perdedit antiquum litera sonum.*⁸

– Eu havia dito que era uma referência a Órion, antes escrito como Urion e, de certa agressividade relacionada com essa explicação, eu sabia que você não poderia ter esquecido. Ficou claro, portanto, que você não deixaria de combinar as duas ideias de Órion e Chantilly. Que as combinou, percebi pelo caráter do sorriso que passou por seus lábios. Você pensou na imolação do pobre sapateiro. Até esse momento estava andando curvado, mas então vi como se erguia. Estava seguro de que refletia sobre a figura diminuta de Chantilly. Nesse ponto, interrompi suas meditações para observar que como, na verdade, era um sujeito muito pequeno, aquele Chantilly, e estaria melhor no *Théâtre des Variétés*.

Não muito depois desse episódio, estávamos examinando uma edição vespertina da *Gazette des Tribunaux*, quando os seguintes parágrafos chamaram nossa atenção.

ESTRANHOS ASSASSINATOS. Esta manhã, por volta das três horas, os moradores do Quartier St. Roch foram despertados do sono por uma sucessão de gritos tremendos, vindos, aparentemente, do quarto andar de uma casa na rua

Morgue, onde moravam sozinhas madame L'Espanaye e sua filha *mademoiselle* Camille L'Espanaye. Depois de algum atraso, ocasionado por uma tentativa infrutífera de entrar na casa, a porta foi derrubada por um pé-de-cabra e oito ou dez vizinhos entraram acompanhados por dois *gendarmes*. A essa altura, os gritos tinham cessado, mas quando o grupo subiu o primeiro lance de escadas, duas ou mais vozes ásperas e furiosas foram percebidas e pareciam vir da parte superior da casa. Quando chegaram ao segundo andar, esses sons também cessaram e tudo ficou perfeitamente quieto. O grupo se dividiu e verificou cada aposento. Ao chegarem a um grande aposento traseiro no quarto andar (cuja porta estava

trancada com a chave por dentro, por isso foi aberta à força), encontraram um espetáculo que causou comoção em todos os presentes, deixando-os horrorizados e espantados.

O aposento estava na maior desordem, os móveis quebrados e jogados em todas as direções. Havia apenas uma cama sendo que o colchão tinha sido removido e jogado no meio do quarto. Em uma cadeira havia uma navalha manchada de sangue. Na lareira havia dois ou três tufo compridos e grossos de cabelos grisalhos, também cobertos de sangue, e pareciam ter sido arrancados pelas raízes. Sobre o chão foram encontradas quatro moedas de ouro, um brinco de topázio, três grandes colheres de prata, três menores de *métal d'Alger* e duas bolsas contendo quase quatro mil francos em ouro. As gavetas de uma cômoda, que ficava num canto, estavam abertas e tinham sido, aparentemente, remexidas, embora ainda houvesse muitas peças de roupa nelas. Um pequeno cofre de ferro foi encontrado debaixo da *cama* (não debaixo do colchão). Estava aberto, com a chave ainda na fechadura. Não tinha nada além de algumas cartas antigas e outros papéis de pouca importância.

De madame L'Espanaye nenhum vestígio foi visto aqui; mas uma quantidade incomum de fuligem tinha sido observada na lareira, uma busca foi feita na chaminé e (horrível de relatar!) o cadáver da filha, de cabeça para baixo, tinha sido arrastado para lá e enfiado para cima pela abertura estreita por uma distância considerável. O corpo ainda estava bem quente. Ao examiná-lo, muitas escoriações foram percebidas, sem dúvida ocasionadas pela violência com a que tinha sido empurrado e abandonado. No rosto havia muitos arranhões severos e, na garganta, contusões escuras e marcas profundas de unhas, como se a falecida tivesse sido estrangulada.

Depois de uma investigação minuciosa de todas as partes da casa, sem mais descobertas, o grupo entrou em um pequeno pátio pavimentado na parte de trás do edifício, onde estava o cadáver da velha senhora, com a garganta totalmente cortada de modo que, quando tentaram levantá-la, a cabeça se soltou do tronco. O corpo, assim como a cabeça, estava terrivelmente mutilado a ponto de dificilmente reter qualquer forma humana.

Para este horrível mistério ainda não há, acreditamos, nenhuma pista.

O jornal do dia seguinte tinha esses detalhes adicionais.

A tragédia na rua Morgue. Muitos indivíduos foram interrogados

em relação a este caso extraordinário e assustador. (A palavra “caso” ainda não tem, na França, essa leveza de importância que nos transmite), “Mas nada conseguiu lançar luz sobre ele. Damos abaixo todo o testemunho material obtido.

Pauline Dubourg, lavadeira, declara que conhecia as duas mortas há três anos, tendo trabalhado para elas durante esse período. A velha senhora e sua filha pareciam se dar bem, eram muito carinhosas uma com a outra. Pagavam muito bem. Não podia falar nada em relação ao seu modo ou meio de vida. Acreditava que madame L. lia a sorte para viver. Diziam que tinha dinheiro guardado. Nunca tinha encontrado pessoas na casa quando vinha retirar ou entregar as roupas. Tinha certeza de que não tinham empregados. Não parecia haver mobília em nenhuma parte da casa, exceto no quarto andar.

Pierre Moreau, vendedor de tabaco, declara que costumava vender pequenas quantidades de fumo e rapé para madame L'Espanaye durante quase quatro anos. Nasceu no bairro e sempre morou lá. A falecida e sua filha ocupavam a casa em que os cadáveres foram encontrados há mais de seis anos. Anteriormente vivia um joalheiro, que alugava os quartos superiores para várias pessoas. A casa era propriedade de madame L. Tinha ficado insatisfeita com o uso indevido do imóvel por seu inquilino e foi ela mesma morar lá, recusando-se a alugar qualquer parte. A velha senhora dava sinais de senilidade.

A testemunha tinha visto a filha umas cinco ou seis vezes durante os seis anos. As duas viviam uma vida extremamente reclusa, imaginava que tinham dinheiro. Tinha ouvido dizer entre os vizinhos que madame L. lia a sorte, mas não acreditava nisso. Nunca tinha visto ninguém entrar pela porta a não ser a velha e sua filha, um rapaz de recados uma ou duas vezes, e um médico umas oito ou dez vezes.

Muitos outros vizinhos testemunharam a mesma coisa. Ninguém foi mencionado como frequentador da casa. Não se sabia se havia algum parente vivo de madame L. e sua filha. As persianas das janelas da frente raramente eram abertas. As do fundo estavam sempre fechadas, com exceção do grande aposento dos fundos, no quarto andar. A casa era muito boa, não muito antiga.

Isidore Muset, *gendarme*, declara que foi chamado à casa por volta das três horas da manhã e encontrou cerca de vinte ou trinta

peessoas no portão tentando entrar. Forçou a abertura, por fim, com uma baioneta, não com um pé de cabra. Teve pouca dificuldade para abrir, por ser um portão duplo ou dobrável, e não estava preso no chão nem no alto. Os gritos continuaram até que o portão foi aberto e então cessaram de repente. Pareciam ser gritos de alguma pessoa (ou pessoas) em grande agonia. Eram altos e prolongados, não curtos e rápidos. A testemunha chegou primeiro até as escadas. Ao chegar ao primeiro patamar, ouviu duas vozes altas e bravas: uma voz rouca, a outra muito estridente, uma voz muito estranha. Podia distinguir algumas palavras da primeira voz, que falava em francês. Foi positivo ao confirmar que não era a voz de uma mulher. Conseguiu distinguir as palavras “*sacré*” e “*diable*”. A voz estridente era de um estrangeiro. Não podia ter certeza absoluta se era a voz de um homem ou de uma mulher. Não foi possível entender o que dizia, mas acreditava que o idioma fosse o espanhol. O estado do quarto e dos corpos foi descrito por essa testemunha da mesma forma que fizemos ontem.

Henri Duval, vizinho e comerciante de prata, declara que foi um dos primeiros a entrar na casa. Corroborar o testemunho de Muset em geral. Assim que forçaram a entrada, fecharam a porta, para impedir a multidão, que se juntou muito depressa, apesar do adiantado da hora. A voz estridente, acha esta testemunha, era a de um italiano. Tinha certeza de que não era francês. Não podia ter certeza de que era a voz de um homem. Poderia ser a de uma mulher. Não está familiarizado com a língua italiana. Não foi possível distinguir as palavras, mas estava convencido pelo tom de que o falante era italiano. Conhecia madame L. e sua filha. Conversava com as duas com frequência. Tinha certeza de que a voz estridente não era de nenhuma das falecidas.

Odenheimer, restaurateur. Esta testemunha ofereceu voluntariamente seu testemunho. Não falando francês, foi interrogado usando um intérprete. É nativo de Amsterdã. Estava passando pela casa na hora dos gritos. Eles duraram vários minutos, provavelmente dez. Eram longos e altos, muito horríveis e angustiantes. Foi um dos que entrou no prédio. Corroborou as declarações anteriores em todos os aspectos menos um. Tinha certeza de que a voz estridente era de um homem, de um francês. Não foi possível distinguir as palavras pronunciadas. Eram fortes e rápidas, desiguais, aparentemente com medo e com raiva. A voz era

áspera, não tanto aguda, mas áspera. Não poderia chamar de uma voz estridente. A voz rouca dizia repetidamente “*sacré*”, “*diable*” e uma vez “*mon Dieu*”.

Jules Mignaud, banqueiro da firma de Mignaud et Fils, rua Deloraine. É o Mignaud mais velho. Madame L’Espanaye tinha algumas propriedades. Tinha aberto uma conta em sua casa bancária na primavera do ano 18... (oito anos antes). Fazia depósitos frequentes de pequenas quantias. Nunca tinha retirado nada até três dias antes de sua morte, quando fez pessoalmente uma retirada na quantia de 4.000 francos. Essa quantia foi paga em ouro e um caixa levou o dinheiro até a casa.

Adolphe Le Bon, caixa de Mignaud et Fils, declara que no dia em questão, ao meio-dia, acompanhou madame L’Espanaye até sua residência com os 4.000 francos colocados em duas sacolas. Ao abrir a porta, *mademoiselle* L. apareceu e tirou das mãos uma das sacolas, enquanto a velha dama se encarregava da outra. Ele então se despediu e partiu. Não viu nenhuma pessoa na rua no momento. É uma rua lateral, muito solitária.

William Bird, alfaiate, declara que estava no grupo que entrou na casa. É inglês. Vive em Paris há dois anos. Foi um dos primeiros a subir as escadas. Ouviu as vozes em disputa. A voz rouca era de um francês. Tinha entendido várias palavras, mas agora não conseguia se lembrar de todas. Ouviu distintamente “*sacré*” e “*mon Dieu*”. Havia um som no momento, como se várias pessoas estivessem lutando, como se algo fosse arrastado. A voz estridente era muito alta – mais alta que a ríspida. Tem certeza de que não era a voz de um inglês. Parecia ser a de um alemão. Poderia ser a voz de uma mulher. Não entende alemão.

Quatro das testemunhas acima mencionadas, sendo perguntadas, declararam que a porta do quarto no qual foi encontrado o corpo de *mademoiselle* L. estava trancado por dentro quando o grupo chegou. Tudo estava em profundo silêncio, nenhum gemido ou ruído de qualquer tipo. Ao forçar a porta, ninguém foi visto. As janelas, tanto do quarto dos fundos como da frente, estavam fechadas e firmemente trancadas por dentro. Uma porta entre os dois quartos estava fechada, mas não trancada. A porta que comunicava o aposento da frente com o corredor estava trancada, com a chave do lado de dentro. Um quartinho na frente do quarto andar, no começo do corredor, estava com a porta entreaberta. Esse

cômodo estava cheio de camas velhas, caixas e assim por diante. Estes tinham sido cuidadosamente removidos e revistados. Não havia uma polegada de qualquer parte da casa que não tivesse sido cuidadosamente revisada. Varreduras foram feitas para cima e para baixo nas chaminés. A casa era de quatro andares, com sótão (*mansardes*). Um alçapão no teto estava muito bem pregado, não parecia ter sido aberto há anos. As testemunhas não concordam com o tempo decorrido entre a audição das vozes em disputa e a abertura da porta do quarto. Alguns falam que foram apenas três minutos, outras que foram cinco. A porta foi aberta com dificuldade.

Alfonzo Garcio, agente funerário, declarou que reside na rua Morgue. É nativo da Espanha. Foi um dos que entrou na casa. Não subiu as escadas. É nervoso e ficou apreensivo com as consequências da agitação. Ouviu as vozes em disputa. A voz rouca era de um francês. Não foi possível entender o que dizia. A voz estridente era de um inglês, tem certeza disso. Não entende o idioma inglês, mas julga pela entonação.

Alberto Montani, confeiteiro, declara que foi um dos primeiros a subir as escadas. Ouviu as vozes em questão. A voz rouca era de um francês. Distinguiu várias palavras. Parecia estar censurando a outra. Não conseguiu distinguir as palavras da voz aguda, que falava rápido e irregularmente. Acha que era a voz de um russo. Corrobora o testemunho geral. É italiano. Nunca conversou com um nativo da Rússia.

Várias testemunhas, recordou, afirmaram que as chaminés de todos os aposentos do quarto andar eram estreitas demais para permitir a passagem de um ser humano. Foram passados “limpa-chaminés”, escovas cilíndricas geralmente usadas para isso. Essas escovas foram passadas para cima e para baixo em cada chaminé da casa. Não há passagem traseira pela qual alguém poderia ter descido enquanto o grupo subia as escadas.

O corpo de *mademoiselle* L'Espanaye estava tão firmemente preso na chaminé que só pôde ser baixado com a força unificada de quatro ou cinco membros do grupo.

Paul Dumas, médico, declara que foi chamado para ver os corpos ao amanhecer. Ambas estavam, então, deitadas no colchão no quarto onde *mademoiselle* L. tinha sido encontrada.

O cadáver da jovem estava muito machucado e escoriado. O fato de

ter sido enfiado na chaminé seria suficiente para explicar essas escoriações. A garganta estava muito machucada. Havia vários arranhões profundos logo abaixo do queixo, junto com uma série de manchas vívidas que evidentemente eram as marcas de dedos. O rosto estava terrivelmente descolorido e os olhos saíam das órbitas. A língua tinha sido parcialmente cortada. Um grande hematoma foi descoberto na boca do estômago, produzido, aparentemente, pela pressão de um joelho. Na opinião do doutor Dumas, *mademoiselle* L'Espanaye foi estrangulada até a morte por alguma pessoa ou pessoas desconhecidas. O cadáver da mãe estava terrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna e do braço direitos estavam quebrados em maior ou menor grau. A tíbia esquerda estava muito estilhaçada, assim como todas as costelas do lado esquerdo. Todo o corpo estava terrivelmente machucado e descolorido. Não era possível dizer como as lesões foram infligidas. Um taco pesado de madeira ou uma larga barra de ferro (uma cadeira) qualquer arma grande, pesada e robusta teria produzido tais resultados, se empunhada pelas mãos de um homem muito forte. Nenhuma mulher poderia ter infligido os golpes com qualquer arma. A cabeça da falecida, quando vista pela testemunha, estava completamente separada do corpo e também estava quebrada. A garganta evidentemente fora cortada com um instrumento muito afiado, provavelmente com uma navalha.

Alexandre Etienne, cirurgião, foi chamado junto com o dr. Dumas para ver os corpos. Corroborou o testemunho e as opiniões deste.

Nada mais importante foi obtido, apesar de várias outras pessoas terem sido interrogadas. Um assassinato tão misterioso e tão desconcertante em todos seus detalhes nunca tinha sido cometido antes em Paris, se é que um assassinato tinha sido realmente cometido. A polícia está totalmente perplexa, algo incomum em assuntos dessa natureza. Não há, no entanto, nenhuma pista.

A edição vespertina do jornal afirmava que ainda havia muita confusão no Quartier Saint Roch, que as premissas em questão tinham sido cuidadosamente checadas, e novos interrogatórios de testemunhas realizados, mas nada de novo havia aparecido. Um parágrafo final, no entanto, mencionava que Adolphe Le Bon tinha sido preso e encarcerado, embora nada parecesse acusá-lo, além dos fatos já detalhados.

Dupin parecia singularmente interessado no progresso desse caso, pelo menos foi o que julguei por seus modos, pois não fez comentários. Foi somente após o anúncio de que Le Bon havia sido preso, que ele pediu minha opinião sobre os assassinatos.

Eu só poderia concordar com toda Paris ao considerá-los um mistério insolúvel. Não vi meios pelos quais seria possível rastrear o assassino.

– Não devemos julgar os meios – disse Dupin – por esta investigação. A polícia parisiense, tão louvada por sua perspicácia, é esperta, mas não muito. Não há método em seus procedimentos, além do método do momento. Eles fazem um vasto desfile de medidas, mas não é pouco frequente que sejam tão mal-adaptados aos objetivos propostos, a ponto de nos lembrar do pedido de *monsieur Jourdain* por seu *robe-de-chambre pour mieux entendre la musique*.⁹ Os resultados alcançados por eles não são raramente surpreendentes, mas, na maior parte, são provocados por simples diligência e atividade. Quando essas qualidades são insuficientes, seus esquemas falham. Vidocq, por exemplo, era bom fazendo adivinhações e um homem perseverante. Mas sem uma mente treinada, errava muitas vezes pela própria intensidade de suas investigações. Prejudicou sua visão segurando o objeto muito perto. Conseguia ver, talvez, um ou dois pontos com uma nitidez incomum, mas ao fazer isso necessariamente perdia de vista o conjunto da questão como um todo. Assim, existe um problema em ser tão profundo. A verdade nem sempre está em um poço. Ao contrário, no que diz respeito ao conhecimento mais importante, acredito que ele é invariavelmente superficial. A profundidade está nos vales onde a procuramos, e não nos cumes das montanhas onde ela é encontrada. Os modos e fontes desse tipo de erro são bem exemplificados na contemplação dos corpos celestes. Olhar para uma estrela de relance, vê-la de lado, girar em direção a ela as porções exteriores da retina (mais suscetíveis a impressões fracas de luz do que o interior), é contemplar a estrela de forma diferente, é ter a melhor apreciação de seu brilho, um brilho que se torna embaçado na medida em que voltamos nossa visão completamente para ele. Um número maior de raios recai sobre o olho no último caso, mas, no primeiro, há a capacidade mais refinada de compreensão. Pela profundidade indevida, nos desconcertamos, confundimos e debilitamos o pensamento, e é possível fazer com que até Vênus desapareça do firmamento por um escrutínio muito sustentado, concentrado ou direto.

– Quanto a esses assassinatos, façamos alguns exames nós mesmos, antes de formarmos uma opinião a respeito deles. Uma investigação vai nos divertir – pensei que era um termo estranho, aplicado assim, mas não disse nada – e, além disso, Le Bon certa vez me prestou um serviço pelo qual sou grato a ele. Iremos e veremos as premissas com nossos próprios olhos. Eu conheço G..., o Chefe da Polícia e não terei dificuldade em obter a permissão necessária.

A permissão foi obtida e seguimos imediatamente para a rua Morgue. Esta é uma daquelas passagens miseráveis que se interpõem entre a rua Richelieu e a rua Saint Roch. Foi no final da tarde que chegamos lá pois este quarteirão está a uma grande distância de onde residimos. A casa foi facilmente encontrada pois ainda havia muitas pessoas olhando para as persianas fechadas do outro lado da rua. Era uma casa parisiense típica, com um portão, uma casinha envidraçada com uma porta deslizante, indicando um *loge de concière*. Antes de entrarmos, subimos a rua, entramos em um beco e depois, novamente, passamos pela parte de trás do prédio enquanto Dupin examinava toda a vizinhança, bem como a casa, com uma minúcia de atenção cujo objetivo não conseguia entender.

Refazendo nossos passos, voltamos para a frente da casa, tocamos a campainha e, depois de mostrar nossas credenciais, fomos admitidos pelos policiais responsáveis. Subimos as escadas, entramos no quarto onde o corpo de *mademoiselle* L'Espanaye tinha sido encontrado e onde ainda estavam as duas mortas. A desordem no quarto, como é natural, tinha sido respeitada. Não via nada além do que tinha sido dito na “*Gazette des Tribunaux*”. Dupin examinou cada coisa, inclusive os corpos das vítimas. Em seguida, entramos nos outros aposentos e no pátio. Um *gendarme* nos acompanhou o tempo todo. O exame nos ocupou até o anoitecer, quando partimos. A caminho de casa, meu companheiro entrou por um momento no escritório de um dos jornais parisienses.

Disse que os caprichos do meu amigo eram múltiplos e que *je les ménageais*¹⁰ (pois não há tradução que exprima o sentido dessa frase com exatidão). Ele agora se recusou a falar qualquer coisa sobre o assunto do assassinato até o meio-dia seguinte. Foi quando me perguntou, de repente, se eu tinha observado qualquer coisa *peculiar* na cena da atrocidade.

Havia algo em sua maneira de enfatizar a palavra “peculiar” que me fez estremecer, sem saber o motivo.

– Não, nada *peculiar* – falei. – Nada além, pelo menos, do que nós

dois vimos no artigo.

– A *Gazette* – ele respondeu – não penetrou, infelizmente, no horror insólito da coisa. Mas descarte as opiniões preguiçosas desse jornal. Parece que esse mistério é considerado insolúvel, pela mesma razão que deveria levá-lo a ser considerado como fácil de solução, quero dizer, pelo caráter *outré* de suas características. A polícia está confusa pela aparente ausência de motivo (não pelo assassinato em si) e por sua atrocidade. Também estão intrigados pela aparente impossibilidade de conciliar as vozes ouvidas na disputa com os fatos de que ninguém foi descoberto escada acima, apenas a assassinada *mademoiselle* L'Espanaye, e que não havia meios de saída sem passar pelo grupo que estava subindo. A desordem total do quarto, o cadáver enfiado com a cabeça para baixo na chaminé, a terrível mutilação do corpo da velha senhora. Essas considerações com as que acabamos de mencionar e outras que não preciso mencionar foram suficientes para paralisar a ação dos investigadores policiais, mostrando completamente sua tão louvada falta de perspicácia. Cometeram o erro grosseiro, mas comum, de confundir o insólito com o obscuro. Mas é por esses desvios do plano do comum que a razão abre caminho, se é que o faz, em sua busca pela verdade. Em investigações como as que estamos agora buscando, não se deve perguntar tanto “o que ocorreu”, mas “o que ocorreu que nunca tinha ocorrido antes”. Em uma palavra, a facilidade com a qual chegarei, ou cheguei, à solução desse mistério, está na razão direta de sua aparente insolubilidade aos olhos da polícia.

Olhei para ele em mudo espanto.

– Estou aguardando agora – continuou, olhando para a porta do nosso apartamento. – Estou esperando uma pessoa que, embora talvez não seja o autor dessa carnificina, deve estar de alguma forma implicada em sua execução. É provável que seja inocente da pior parte dos crimes cometidos. Espero que esteja certo nesta suposição pois sobre isso construo minha esperança de desvendar o enigma inteiro. Espero o homem aqui, nesta sala, a qualquer momento. É verdade que ele pode não aparecer, mas a probabilidade é que virá. Se vier, será necessário detê-lo. Aqui estão as pistolas e ambos sabemos como usá-las quando a ocasião exigir.

Peguei as pistolas, mal sabendo o que estava fazendo ou se acreditava no que ouvia, enquanto Dupin continuava, como se fizesse um monólogo. Já falei de sua maneira abstraída nesses momentos. Seu discurso era dirigido para mim; mas sua voz, embora não estivesse

alta, tinha aquela entonação comumente usada para falar com alguém a grande distância. Seus olhos, vazios de expressão, olhavam apenas para a parede.

– Que as vozes ouvidas brigando – disse ele – pelo grupo nas escadas não eram as vozes das próprias mulheres foi totalmente comprovado pelas evidências. Isso elimina todas as dúvidas sobre a questão de saber se a velha senhora poderia ter primeiro matado a filha e depois cometido suicídio. Falo dessa possibilidade apenas como uma questão de método, a força de madame L’Espanaye teria sido totalmente insuficiente para cumprir a tarefa de empurrar o cadáver de sua filha pela chaminé como foi encontrado e a natureza das feridas em sua própria pessoa exclui inteiramente a ideia de suicídio. O assassinato, então, foi cometido por algum terceiro e as vozes deste terceiro foram aquelas ouvidas na discussão. Deixe-me chamar sua atenção agora, não para o testemunho completo a respeito daquelas vozes, mas ao que era *peculiar* nesses depoimentos. Você observou alguma coisa peculiar neles?

Comentei que, enquanto todas as testemunhas concordavam que a voz rude era a de um francês, havia muita discordância em relação à estridente ou, como um indivíduo chamou, a voz áspera.

– Esse é o testemunho em si – disse Dupin –, mas não a peculiaridade dos depoimentos. Você não observou nada diferente. No entanto, *havia* algo a ser observado. As testemunhas, conforme você observou, concordaram sobre a voz rouca, foram unânimes. Mas no que diz respeito à voz estridente, a peculiaridade não é que eles tivessem discordado, mas que, quando um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês tentaram descrevê-

-la, cada um se referiu à voz *de um estrangeiro*. Cada um tem certeza de que não era a voz de alguém de seu próprio país. Cada um a compara, não à voz de um indivíduo de qualquer nação cuja língua ele conhece, mas ao contrário. O francês supõe que seja a voz de um espanhol e “poderia ter distinguido algumas palavras se *tivesse conhecimento de espanhol*”. O holandês afirma que era um francês, mas sabemos que “*não entendendo francês, esta testemunha foi questionada usando um intérprete*”. O inglês achou que era a voz de um alemão e “*não entende alemão*”. O espanhol “tem certeza” de que era um inglês, mas “julga pelo tom”, *pois não tem*

conhecimento de inglês. O italiano acredita que a voz era de um russo, mas “*nunca conversou com um nativo da Rússia*”. Um segundo francês difere, além disso, do primeiro, e é positivo de que a voz é de um

italiano, mas, *não sendo conhecedor dessa língua*, foi, como o espanhol, “convencido pelo tom”. Agora, aquela voz deve ter sido muito estranha, para chegar a produzir depoimentos *como esses*! Uma voz cujos *tons*, até mesmo os moradores de cinco grandes divisões da Europa não conseguiram reconhecer nada familiar! Você dirá que pode ter sido a voz de um asiático ou de um africano. Nem asiáticos nem africanos são abundantes em Paris, mas, sem negar essa possibilidade, vou apenas chamar sua atenção para três pontos. A voz é descrita por uma testemunha como “não tão estridente”. É apresentada por outras duas como “rápida e *desigual*”. Nenhuma palavra, nenhum som que se assemelhe a palavras, foi por qualquer testemunha mencionada como reconhecível.

– Eu não sei – continuou Dupin – que impressão posso ter causado, até agora, em seu entendimento, mas não hesito em dizer que deduções legítimas mesmo dessa parte do testemunho, a parte que respeita as vozes ásperas e agudas, são em si mesmas suficientes para gerar uma suspeita que deveria orientar todos os progressos posteriores na investigação do mistério. Eu disse “deduções legítimas”, mas isso não expressa totalmente o sentido que quero dar. Planejei implicar que as deduções são as *únicas* apropriadas e que a suspeita surge *inevitavelmente* delas como o único resultado possível. Qual é a suspeita, no entanto, não vou dizer ainda. Eu apenas desejo que você tenha em mente que, para mim, foi suficientemente forte para dar uma forma definida, uma certa tendência, às minhas investigações no aposento.

– Vamos nos transportar agora, em fantasia, para aquele aposento. O que devemos primeiro procurar aqui? Os meios de saída empregados pelos assassinos. Não é demais dizer que nenhum de nós acredita em eventos sobrenaturais. Madame e *mademoiselle* L’Espanaye não foram assassinadas por espíritos. Os autores do ato foram materiais e escaparam materialmente. Então como? Felizmente, há apenas um modo de raciocinar sobre o ponto, e esse modo *deve* nos levar a uma conclusão definitiva. Vamos examinar, um por um, os possíveis meios de fuga. É claro que os assassinos estavam no quarto onde *mademoiselle* L’Espanaye foi encontrada, ou pelo menos no quarto ao lado, quando o grupo subiu as escadas. É só nesses dois aposentos que precisamos procurar saídas. A polícia verificou todo o chão, os tetos e a alvenaria das paredes, em todas as direções. Nenhum esconderijo poderia ter escapado de sua vigilância. Mas, não confiando nos olhos *deles*, examinei com meus próprios. Não havia,

então, nenhum esconderijo. As duas portas que levavam dos quartos para o corredor estavam trancadas, com a chave do lado de dentro. Vamos nos voltar para as chaminés. Essas, embora de largura comum, até uns 2,5 ou 3 metros acima da lareira, não admitem, em toda a sua extensão, o corpo de um grande felino. Como a impossibilidade de saída, por meios já declarados, é assim absoluta, devemos voltar às janelas. Pela sala da frente, ninguém poderia ter escapado sem que a multidão na rua tivesse visto. Os assassinos *devem* ter passado, então, pelo quarto dos fundos. Agora, chegando a esta conclusão de uma maneira tão inequívoca como estamos, não devemos, como pensadores, rejeitá-la por causa das aparentes impossibilidades. Só nos resta provar que essas aparentes “impossibilidades”, na realidade, não são reais.

– Há duas janelas no aposento. Uma delas está desobstruída de mobília e totalmente visível. A parte inferior da outra está escondida da vista pela cabeceira da cama pesada que está encostada nela. A primeira foi encontrada firmemente fechada por dentro. Resistiu aos violentos esforços daqueles que tentaram levantá-la. Um grande buraco tinha sido perfurado em sua estrutura à esquerda, e um prego muito grosso estava encaixado nele, quase até a cabeça. Ao examinar a outra janela, um prego semelhante foi visto encaixado e uma tentativa vigorosa de levantá-la também falhou. A polícia se sentiu totalmente satisfeita de que a fuga não tinha sido por essa direção. E, portanto, era totalmente desnecessário tirar os pregos e abrir as janelas.

– Meu exame foi um pouco mais detalhado, e foi assim pela razão que acabo de dar: porque eu sabia que era preciso provar que havia um equívoco nas aparentes impossibilidades.

– Comecei a pensar assim, *a posteriori*. Os assassinos escaparam por uma dessas janelas. Sendo assim, eles não poderiam ter fechado as janelas por dentro, pois elas foram encontradas fechadas, a consideração que interrompeu, por causa da sua obviedade, a busca da polícia nesse terreno. No entanto, as janelas *foram* fechadas. Elas *deveriam*, então, ter o poder de se trancarem sozinhas. Não havia escapatória dessa conclusão. Eu me aproximei da janela desobstruída, retirei o prego com alguma dificuldade e tentei levantar a janela. Ela resistiu a todos meus esforços, como eu havia previsto. Havia uma mola oculta, compreendi então, e essa corroboração da minha ideia me convenceu de que minhas premissas, pelo menos, estavam corretas, por mais misteriosas que ainda parecessem as circunstâncias

dos pregos. Uma busca cuidadosa logo trouxe à luz a mola oculta. Eu a apertei e, satisfeito com a descoberta, abster-me de erguer a janela.

– Agora voltei a colocar o prego no lugar e observei atentamente. Uma pessoa que passasse por essa janela poderia tê-la fechado e a mola teria funcionado, mas o prego não poderia ter sido recolocado. A conclusão era simples e novamente estreitava o campo das minhas investigações. Os assassinos devem ter escapado pela outra janela. Supondo, então, que as molas de cada janela fossem iguais, como era provável, deveria existir uma diferença entre os pregos, ou pelo menos entre as maneiras que estavam fixos. Subindo na cama, olhei sobre a cabeceira minuciosamente para a segunda janela. Passei a mão pela parte posterior, descobri prontamente e pressionei a mola que, como imaginei, era idêntica à outra. Agora olhei para o prego. Era tão sólido quanto o outro, e aparentemente se encaixava da mesma maneira, enfiado quase até a cabeça.

– Você dirá que fiquei intrigado, mas, se pensar assim, deve ter entendido mal a natureza das deduções. Para usar uma frase esportiva: eu não tinha cometido “uma falta”. O rastro nunca se perdera nem por um instante. Não houve falha em nenhum elo da corrente. Eu tinha seguido o segredo até o resultado final e esse resultado era o prego. Já falei que tinha, em todos os aspectos, a mesma aparência de seu vizinho na outra janela, mas esse fato era uma absoluta nulidade (por mais conclusiva que parecesse ser) quando comparada com a consideração de que aqui, neste ponto, terminava o novelo. “Deve ter algo errado com o prego”, pensei. Eu o toquei e a cabeça, com cerca de seis milímetros da haste, saiu em meus dedos. O resto dele tinha ficado no orifício onde havia sido quebrado. A fratura era antiga (pois suas bordas estavam enferrujadas) e aparentemente foi realizada com o golpe de um martelo, que tinha embutido parcialmente, no topo da janela inferior, a cabeça do prego. Agora, com cuidado, recoloquei essa parte da cabeça no buraco de onde tinha tirado, e a semelhança com um prego perfeito era completa – a fissura era invisível. Pressionando a mola, gentilmente levantei a janela por alguns centímetros; a cabeça subiu com ela, permanecendo firme em seu marco. Fechei a janela e a aparência do prego inteiro era novamente perfeita.

– O enigma, neste ponto, estava resolvido. O assassino tinha escapado pela janela acima da cama. Fechando-se sozinha depois da fuga (ou fechada propositalmente), ficou presa pela mola e foi a resistência desta mola que confundiu a polícia por causa do prego.

Então foi considerado desnecessário continuar investigando.

– A próxima pergunta é como foi a descida. Até esse ponto, tinha ficado satisfeito na caminhada que fizemos ao redor do prédio. A cerca de um metro e meio do batente em questão, corre um cano do para-raios. Desse cano teria sido impossível alcançar a janela, muito menos entrar por ela. Observei, no entanto, que as venezianas do quarto andar eram de um tipo peculiar chamado pelos carpinteiros parisienses de *ferrades*, um tipo raramente empregado hoje em dia, mas frequentemente visto em casas muito antigas em Lyon e Bordeaux. São formadas por uma porta comum (uma única folha, não de batente duplo), exceto que a metade inferior é feita com treliças proporcionando assim um excelente suporte para as mãos. No presente caso, essas persianas têm um metro de largura. Quando as vimos na parte de trás da casa, ambas estavam meio abertas, isto é, estavam em um ângulo reto em relação à parede. É provável que a polícia, assim como eu, tenha examinado a parte de trás do prédio, mas, se assim for, ao olhar para essas *ferrades* na linha de sua largura (como devem ter feito), não perceberam essa grande envergadura, ou, em todos os casos, não deram a devida atenção. De fato, tendo uma vez se convencido de que não poderiam ter saído por este quarteirão, naturalmente fizeram aqui um exame muito superficial. Ficou claro para mim, no entanto, que se a persiana correspondente à janela na cabeceira da cama, se abrisse totalmente para a parede, estaria a meio metro do cano do para-raios. Também era evidente que, pelo esforço de um grau muito incomum de atividade e coragem, uma entrada pela janela, a partir do cano do para-raios, poderia ser realizada. Alcançando a distância de setenta centímetros (agora vamos imaginar a persiana aberta em toda sua extensão), um ladrão poderia ter se segurado firmemente na treliça. Soltando-se do para-raios, colocando os pés firmemente contra a parede e saltando corajosamente, ele poderia ter balançado a persiana até fechá-la e, se imaginarmos a janela aberta na hora, poderia até mesmo ter entrado no quarto.

– Espero que se lembre de que falei de um grau *muito incomum* de vigor como requisito para o sucesso em uma proeza tão perigosa e tão difícil. Quero mostrar, primeiro, que a coisa pode ter sido realizada, mas, em segundo lugar e *principalmente*, desejo deixar marcada em sua compreensão o *extraordinário*, o caráter quase sobrenatural da agilidade de quem poderia tê-lo realizado.

– Você dirá, sem dúvida, usando termos judiciais, que “para provar meu caso”, eu deveria subestimar, em vez de insistir em uma

estimativa completa da atividade requerida nesta questão. Esta pode ser a prática na lei, mas não é o uso da razão. Meu objetivo final é apenas a verdade. Meu propósito imediato é levá-lo a colocar em justaposição essa rapidez *muito incomum* que acabei de falar com aquela voz estridente (ou dissonante) *desigual* e *muito peculiar*, sobre cuja nacionalidade não se encontraram duas pessoas que concordassem e em cujo enunciado nenhuma palavra pôde ser detectada.

Ao ouvir essas palavras, uma concepção vaga e meio formada do que Dupin queria dizer passou pela minha mente. Eu parecia estar à beira da compreensão sem conseguir compreender totalmente. Os homens, às vezes, se encontram à beira de lembranças sem poder, no final, recordar. Meu amigo continuou com seu discurso.

– Verá – disse ele – que mudei a questão do modo de saída para o de ingresso. Foi meu projeto transmitir a ideia de que as duas coisas foram feitas da mesma maneira, no mesmo ponto. Vamos agora voltar para o interior do quarto. Vamos rever o que tínhamos lá. Dizem que as gavetas da cômoda foram remexidas, embora ainda houvesse muitas peças de roupas dentro delas.

A conclusão aqui é absurda. É um mero palpite muito tolo e nada mais. Como podemos saber que as peças encontradas nas gavetas não eram tudo que elas originalmente continham? Madame L'Espanaye e sua filha viviam uma vida extremamente reclusa, não recebiam visitas, raramente saíam, não precisavam de muitas roupas. As encontradas eram pelo menos de tão boa qualidade quanto qualquer uma que essas damas poderiam possuir. Se um ladrão fosse levar alguma, por que não levou as melhores? Por que não levou todas? Em uma palavra, por que abandonou quatro mil francos em ouro para carregar umas roupas? O ouro *foi* abandonado. Quase toda a quantia mencionada por *monsieur* Mignaud, o banqueiro, foi encontrada, em sacolas, no chão. Quero que, portanto, descarte de seus pensamentos a ideia errônea de *motivo*, engendrada no cérebro da polícia por aquela parte da evidência que fala do dinheiro entregue na porta da casa. Coincidências dez vezes mais notáveis que essa (a entrega do dinheiro e o homicídio cometido dentro de três dias depois da entrega) acontecem a todos nós a cada hora de nossas vidas, sem atrair sequer um aviso momentâneo. Coincidências, em geral, são grandes obstáculos no caminho dessa classe de pensadores que ignoram completamente a teoria das probabilidades, teoria à qual o

conhecimento humano deve suas mais gloriosas conquistas e suas mais belas descobertas. No presente caso, se o ouro tivesse desaparecido, o fato de ter sido entregue três dias antes teria sido pouco mais do que uma coincidência. Teria sido corroborativo dessa ideia de motivo. Mas nas circunstâncias reais do caso, se quisermos supor que o ouro era o motivo do crime, devemos também imaginar que o perpetrador é bastante idiota a ponto de ter abandonado seu ouro e seu motivo juntos.

– Tendo bem presentes os pontos para os quais chamei sua atenção, aquela voz peculiar, aquela agilidade incomum e aquela ausência surpreendente de motivo em um assassinato tão singularmente atroz como esse, vamos olhar para a própria carnificina. Aqui está uma mulher estrangulada até a morte por força manual e empurrada para uma chaminé de cabeça para baixo. Assassinos comuns não empregam modos de assassinato como este. No mínimo, eles descartam os assassinados. Na maneira de empurrar o cadáver pela chaminé, você deve admitir que havia algo excessivamente *outré*, algo totalmente irreconciliável com nossas noções comuns de ação humana, mesmo quando supomos que os atores sejam os mais depravados dos homens. Pense, também, quanta força é necessária para poder empurrar o corpo por tal abertura tão violentamente que a força unida de várias pessoas foi necessária para puxá-lo!

– Vamos voltar agora para outras indicações do emprego desse vigor espantoso. Na lareira havia grossas mechas (muito grossas) de cabelo humano grisalho. Tinham sido arrancados pelas raízes. Você está ciente da grande força necessária para arrancar da cabeça dessa forma vinte ou trinta fios de cabelo juntos. Você viu os tufos em questão, assim como eu. Suas raízes (uma visão horrenda!) estavam cheias de fragmentos de couro cabeludo, prova segura do poder prodigioso que fora exercido na remoção de talvez meio milhão de fios de cada vez. A garganta da velha senhora não estava apenas cortada, mas a cabeça totalmente separada do corpo: o instrumento foi uma mera navalha. Desejo que você também olhe para a ferocidade brutal dessas ações. Nem falo das contusões no corpo de madame L'Espanaye. *Monsieur* Dumas e seu digno assistente, *monsieur* Etienne, declararam que foram feitas por algum instrumento contundente e até agora esses senhores estão muito corretos. O instrumento contundente foi claramente o pavimento de pedra no pátio, sobre o qual a vítima caiu da janela que dava para a cama. Essa ideia, por mais simples que pareça agora, não foi considerada pela

polícia pela mesma razão que não consideraram a largura das persianas porque, pela questão dos pregos, suas percepções estavam hermeticamente fechadas contra a possibilidade de que as janelas foram abertas.

– Se agora, além de todas essas coisas, você refletiu adequadamente sobre a estranha desordem do quarto, chegamos a ponto de combinar as ideias de uma agilidade impressionante, uma força sobre-humana, uma ferocidade brutal, uma carnificina sem motivo, uma *grotesquerie* horrorosa totalmente alheia à humanidade e uma voz estrangeira aos ouvidos dos homens de muitas nações, desprovida de toda palavra distinta ou inteligível. Qual é o resultado, então? Que impressão deixei em sua imaginação?

Senti um arrepio quando Dupin me fez a pergunta.

– Um louco – falei – fez isso: algum louco maníaco, que fugiu de uma vizinha *Maison de Santé*.

– Em alguns aspectos – ele respondeu –, sua ideia não é irrelevante. Mas as vozes dos loucos, mesmo em seus paroxismos mais selvagens, nunca combinam com aquela voz peculiar ouvida nas escadas. Os loucos são de alguma nação, e sua linguagem, embora incoerente em suas palavras, tem sempre a coerência das sílabas. Além disso, o cabelo de um louco não é como o que tenho agora na mão. Tirei esse pequeno tufo dos dedos rigidamente apertados de madame L’Espanaye. Diga-me o que acha deles.

– Dupin! – falei muito nervoso – Esse cabelo é muito incomum, isso não é cabelo *humano*.

– Não afirmei que era – disse ele –, mas antes de decidirmos este ponto, desejo que você olhe para o pequeno esboço que tracei aqui neste papel. É um desenho *fac-símile* do que foi descrito em uma parte do testemunho como “contusões escuras e marcas profundas de unhas” na garganta de *mademoiselle* L’Espanaye e em outro (pelos senhores Dumas e Etienne) como uma série de “manchas lívidas, evidentemente a impressão de dedos”.

– Você vai perceber – continuou meu amigo, espalhando o papel sobre a mesa na nossa frente – que este desenho dá a ideia de um aperto firme e fixo. Não há escorregão aparente. Cada dedo reteve, possivelmente até a morte da vítima, o aperto temeroso em que originalmente se encaixava. Agora, tente colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas respectivas impressões que está vendo.

Fiz a tentativa em vão.

– Possivelmente não estamos fazendo a coisa direito – disse ele. – O

papel está espalhado em uma superfície plana, mas a garganta humana é cilíndrica. Aqui está um pedaço de madeira, cuja circunferência é aproximadamente igual à da garganta. Enrole o desenho em torno dele e tente o experimento novamente.

Fiz isso, mas a dificuldade era ainda mais óbvia do que antes.

– Isso – falei – não é a marca de uma mão humana.

– Leia agora – respondeu Dupin – esta passagem de Cuvier.

Era um minucioso relato anatômico e com descrições gerais do grande orangotango amarelado das Ilhas Índias Orientais. A estatura gigantesca, a força e a agilidade prodigiosas, a ferocidade selvagem e as tendências imitativas desses mamíferos são bem conhecidas de todos. Entendi os horrores do assassinato de repente.

– A descrição das digitais – disse eu, ao terminar de ler

– está de acordo com esse desenho. Não acho que nenhum animal além de um orangotango da espécie aqui mencionada poderia ter deixado as marcas que você desenhou. Esse tufo de pelos loiros também é idêntico ao da fera de Cuvier. Mas não consigo entender as particularidades desse mistério aterrador. Além disso, *duas* vozes foram ouvidas na discussão e uma delas era inquestionavelmente a voz de um francês.

– Verdade e você se lembrará de uma expressão atribuída quase unanimemente, nos interrogatórios, a essa voz: a expressão “*mon Dieu!*”. Isso, nessas circunstâncias, foi justamente caracterizado por uma das testemunhas (Montani, o confeiteiro) como uma expressão de protesto ou queixa. Nestas duas palavras, portanto, coloquei minhas esperanças de uma solução completa do enigma. Um francês estava ciente do assassinato. É possível, na verdade, é muito mais do que provável, que ele fosse inocente de toda participação nos sangrentos acontecimentos. O orangotango pode ter escapado dele que o seguiu até o quarto, mas, sob as circunstâncias terríveis que se seguiram, não conseguiu recapturá-lo. Ainda está à solta. Não vou prosseguir com essas suposições, pois não tenho o direito de chamá-las de algo mais que isso, já que os vestígios de reflexão em que se baseiam não têm profundidade suficiente para serem apreciadas pelo meu intelecto, e não pretendo que sejam compreensíveis para outra pessoa. Vamos chamá-las de conjecturas e tratá-las assim. Se o francês em questão é de fato, como suponho, inocente desta atrocidade, este anúncio que deixei ontem à noite, quando voltávamos para casa, na redação do “Le Monde” (um jornal dedicado aos negócios marítimos, e muito lido por marinheiros), irá trazê-lo à nossa residência.

Ele me entregou um jornal e eu li isso:

CAPTURADO – No Bois de Boulogne, no início da manhã do dia... (*na manhã do assassinato*), um orangotango muito grande, cor dourada, da espécie de Bornéu. O proprietário (que deve ser um marinheiro, pertencente a um navio maltês) pode recuperar o animal, após identificá-lo satisfatoriamente e pagar alguns encargos decorrentes de sua captura e manutenção. Apresentar-se no nº... rua... Faubourg Saint Germain... terceiro andar.

– Como é possível – perguntei – que você soubesse que o homem era marinheiro e pertencia a um navio maltês?

– Eu *não* sei – disse Dupin. – Não *tenho certeza* disso. Aqui, no entanto, há um pequeno pedaço de fita, que por sua forma e por sua aparência gordurosa, evidentemente foi usada para amarrar o cabelo em uma daquelas longas tranças de que os marinheiros gostam tanto. Além disso, esse é um nó que poucas pessoas além dos marinheiros sabem fazer, e é peculiar dos malteses. Encontrei a fita ao pé do cano do para-raios. Não poderia ter pertencido a nenhuma das falecidas. Então se, afinal de contas, estiver errado na minha indução sobre esta corda, que o francês era um marinheiro pertencente a um navio maltês, não terei feito nenhum mal em dizer o que afirmei no anúncio. Se eu estiver errado, ele simplesmente vai pensar que fui enganado por alguma circunstância e nem se importará em perguntar. Mas se estiver certo, um grande ponto será marcado. Ciente, embora inocente do assassinato, o francês certamente hesitará em responder ao anúncio e exigir o orangotango. Ele raciocinará assim: “Sou inocente; sou pobre; meu orangotango tem grande valor (para alguém em minhas circunstâncias, vale uma fortuna) por que deveria perdê-lo por apreensões vazias de perigo? Está aí, ao meu alcance. Foi encontrado no Bois de Boulogne, a uma grande distância da cena daquela carnificina. Como alguém poderia suspeitar que um animal teria feito aquilo? A polícia está perdida, não conseguiram encontrar a menor prova. Se rastreamos o animal, seria impossível provar que eu sabia do assassinato ou me implicar na culpa por causa desse conhecimento. Acima de tudo, *sou conhecido*. O anunciante me indica como dono do animal. Não tenho certeza até onde vai seu conhecimento. Se não reivindico uma propriedade de tão grande valor, que sabem que é minha, tornarei o animal, pelo menos, alvo de suspeitas. Não é prudente atrair a atenção para mim ou para a fera. Vou responder ao anúncio, pegar o orangotango e mantê-lo trancado até que este assunto tenha acabado.”

Neste momento, ouvimos um passo na escada.

– Esteja pronto – disse Dupin – com suas pistolas, mas não as use nem as mostre até receber um sinal meu.

A porta da frente da casa tinha sido deixada aberta e o visitante havia entrado, sem tocar, avançando vários degraus na escada. Agora, no entanto, ele parecia hesitar. Na verdade, ouvimos que ele descia. Dupin se moveu rapidamente para a porta, quando ouvimos que ele voltava a subir. Não recuou uma segunda vez, mas avançou com decisão e bateu na porta dos nossos aposentos.

– Entre – disse Dupin, em um tom alegre e saudável.

Um homem entrou. Era um marinheiro, evidentemente, uma pessoa alta, robusta e de aspecto musculoso, com uma certa expressão atrevida, não totalmente desagradável. Seu rosto, muito queimado pelo sol, estava meio escondido por suíças e *mustachio*. Carregava um enorme porrete de carvalho, mas parecia estar desarmado. Curvou-se desajeitadamente e disse-nos “boa noite” em francês. Embora com um sotaque de Neufchatel, ainda era suficientemente indicativo de uma origem parisiense.

– Sente-se, meu amigo – disse Dupin. – Suponho que tenha vindo por causa do orangotango. Dou minha palavra, quase o invejo pela posse dele, um animal muito belo e sem dúvida muito valioso. Quantos anos acha que tem?

O marinheiro respirou fundo, com o ar de um homem aliviado de algum fardo intolerável, e então respondeu, num tom seguro:

– Não tenho como dizer, mas ele não pode ter mais do que quatro ou cinco anos. Ele está aqui?

– Oh não, não tínhamos como mantê-lo aqui. Está em um estábulo na rua Dubourg, aqui perto. Você pode pegá-lo amanhã de manhã. Claro que pode identificar a propriedade?

– Pode ter certeza, senhor.

– Vou ficar triste de me separar dele – disse Dupin.

– Claro que não terá todo esse trabalho por nada, senhor – disse o homem. – Não podia esperar isso. Estou disposto a pagar uma recompensa por ter encontrado o animal, isto é, algo razoável.

– Bem – respondeu meu amigo –, tudo isso é muito justo, com certeza. Deixe-me pensar! O que posso querer? Oh! Vou dizer. Minha recompensa será esta. Você me dará toda informação que tiver sobre esses assassinatos na rua Morgue.

Dupin disse as últimas palavras em um tom muito baixo e muito silencioso. Com a mesma calma, caminhou em direção à porta,

trancou-a e colocou a chave no bolso. Tirou a pistola e colocou-a, sem a menor agitação, sobre a mesa.

O rosto do marinheiro ficou vermelho como se estivesse se sufocando. Levantou-se e segurou o porrete, mas no momento seguinte caiu de novo em sua cadeira, tremendo violentamente e com o semblante branco como a própria morte. Não falou nenhuma palavra. Do fundo do meu coração, senti pena dele.

– Meu amigo – disse Dupin, num tom amável –, você está alarmado desnecessariamente, de verdade. Não queremos causar-lhe nenhum mal. Dou minha palavra como cavalheiro e como francês, de que não pretendemos prejudicá-lo. Sei perfeitamente que você é inocente das atrocidades na rua Morgue. Isso não quer dizer, no entanto, que você não está de alguma forma implicado nelas. Pelo que já disse, deve saber que tenho informações sobre esse assunto, meios que você nunca poderia ter sonhado. Agora a coisa está assim. Você não fez nada que poderia ter evitado. Nada, certamente, que o torne culpado. Nem foi culpado de roubo, algo que poderia ter feito com impunidade. Não tem nada a esconder. Não tem motivo para ocultar nada. Por outro lado, está obrigado por todos os princípios de honra a confessar tudo que sabe. Um homem inocente agora está preso, acusado por esse crime, do qual você pode apontar o autor.

O marinheiro havia recuperado sua presença de espírito, em grande medida, enquanto Dupin pronunciava essas palavras; mas seu ar decidido havia desaparecido.

– Então que Deus me ajude – disse ele, depois de uma breve pausa –, direi tudo o que sei sobre esse caso, mas não espero que acredite em metade do que vou contar. Seria realmente um tolo se acreditasse nisso. Mesmo assim, sou inocente e vou contar a verdade sobre o que sei.

O que ele declarou foi, em essência, isto: tinha feito recentemente uma viagem ao arquipélago indonésio. Um grupo, do qual ele fez parte, desembarcou em Bornéu e fez uma excursão pelo interior, a passeio. Ele e um companheiro tinham capturado o orangotango. Este companheiro morreu e o animal terminou sendo exclusivamente dele. Depois de grande dificuldade, ocasionada pela ferocidade indomável do cativo durante a viagem para casa, ele finalmente conseguiu alojá-lo com segurança em sua própria residência em Paris onde, para não atrair a curiosidade desagradável de seus vizinhos, manteve o animal cuidadosamente isolado, até que se recuperasse de uma ferida na pata, feita por uma lasca a bordo do navio. Sua intenção final era vendê-lo.

Voltando para casa de uma noite de farra com outros marinheiros, ou melhor, na manhã do assassinato, ele encontrou o animal em seu quarto de dormir, pois tinha escapado de um armário, onde, ele pensava, estaria confinado. Com uma navalha na mão, e totalmente ensaboado, o animal estava sentado diante de um espelho, tentando fazer a barba, algo que, sem dúvida, antes havia observado seu dono fazer através do buraco da fechadura do armário. Aterrorizado com a visão de uma arma tão perigosa nas mãos de um animal tão feroz e tão capaz de usá-la, o homem, por alguns momentos, não sabia o que fazer. Estava acostumado, no entanto, a acalmar a criatura, mesmo em seus momentos de grande ferocidade, usando um chicote, e foi a isso que recorreu agora. Ao vê-lo, o orangotango saltou imediatamente pela porta do quarto, desceu as escadas e, através de uma janela, infelizmente escapou para a rua.

O francês o seguiu desesperado. O macaco, com a navalha ainda na mão, ocasionalmente parava para olhar para trás e gesticulava para o perseguidor, deixando que este quase o alcançasse, só para escapar correndo de novo. Desta forma, a perseguição continuou por um longo tempo. As ruas estavam profundamente calmas, já que eram quase três horas da manhã. Ao passar por um beco nos fundos da rua Morgue, a atenção do fugitivo foi detida por uma luz que brilhava da janela aberta do quarto de madame L'Espanaye, no quarto andar de sua casa. Correndo para o edifício, percebeu o cano do para-raios e trepando com uma agilidade incrível, agarrou a persiana, que estava totalmente aberta contra a parede e, dessa forma, conseguiu se balançar diretamente sobre a cabeceira da cama. Tudo isso aconteceu em menos de um minuto. Com o chute do orangotango ao entrar no quarto, a janela voltou a se abrir.

O marinheiro, enquanto isso, estava ao mesmo tempo feliz e preocupado. Ele tinha fortes esperanças de agora recapturar o animal, pois dificilmente este poderia escapar da armadilha em que se enfiara, exceto pelo para-raios, onde poderia ser agarrado ao descer. Por outro lado, havia muitos motivos para sentir ansiedade pelo que ele poderia fazer na casa. Este último pensamento impeliu o homem a seguir o fugitivo. É possível subir por um cano o para-raios sem dificuldade, especialmente para um marinheiro, mas, quando ele estava à altura da janela, que ficava à sua esquerda, não conseguiu continuar. O máximo que conseguiu foi se aproximar para ver o interior do quarto. Ao olhar, ele quase caiu pelo horror que sentiu. Foi nesse momento que aqueles gritos medonhos tomaram a noite, assustando os moradores

da rue Morgue. Madame L'Espanaye e sua filha, preparadas para dormir, aparentemente estavam ocupadas em arrumar alguns papéis no baú de ferro já mencionado, que tinha sido colocado no meio do quarto. Estava aberto e seu conteúdo espalhado pelo chão. As vítimas deviam estar sentadas de costas para a janela e, no tempo decorrido entre o ingresso do animal e os gritos, parece provável que ele não tenha sido imediatamente percebido. O bater da persiana naturalmente teria sido atribuído ao vento.

Quando o marinheiro olhou para dentro, o gigantesco animal tinha agarrado madame L'Espanaye pelo cabelo (que estava solto, já que ela estivera se penteando), e passava a navalha pelo rosto dela, imitando os movimentos de um barbeiro. A filha jazia prostrada e imóvel: tinha desmaiado. Os gritos e lutas da velha senhora (durante os quais o cabelo foi arrancado da cabeça) tiveram o efeito de mudar os propósitos provavelmente pacíficos do orangotango pela ira. Com um determinado movimento de seu braço musculoso, quase cortou a cabeça da mulher. A visão do sangue inflamou sua raiva. Rangendo os dentes e soltando fogo pelos olhos, ele voou sobre o corpo da garota e enfiou suas temíveis garras na garganta dela, retendo seu aperto até que ela expirasse. Seus olhares errantes e selvagens caíram neste momento sobre a cabeceira da cama, na qual o rosto de seu dono, paralisado pelo horror, era apenas discernível. A fúria da fera, que sem dúvida ainda se lembrava do temido chicote, instantaneamente se transformou em medo. Consciente de que merecia punição, parecia desejoso de esconder seus atos sangrentos e pulava pelo quarto em uma agonia de agitação nervosa. Derrubou e quebrou a mobília enquanto se movia, arrancando o colchão da cama. Concluindo, agarrou primeiro o cadáver da filha e empurrou-o pela chaminé, como foi encontrado, então pegou o da velha senhora e imediatamente atirou pela janela de cabeça para baixo.

Quando o macaco se aproximou da janela com seu fardo mutilado, o marinheiro se encolheu de medo no para-raios e, deslizando ao invés de descer, correu imediatamente para casa – temendo as consequências da carnificina e abandonando, em seu terror, todo interesse sobre o destino do orangotango. As palavras ouvidas pelo grupo na escadaria eram as exclamações de horror e temor do francês misturadas com os gritos do animal.

Quase não tenho nada para acrescentar. O orangotango deve ter escapado do quarto pelo cano pouco antes de terem aberto a porta. Deve ter fechado a janela quando passou por ela. Foi posteriormente

capturado pelo próprio dono, que obteve por ele uma soma muito grande no *Jardin des Plantes*. Le bon foi imediatamente libertado, após nossa narrativa das circunstâncias (com alguns comentários de Dupin) ao Chefe do Departamento de Polícia. Esse funcionário, por mais que simpatizasse com meu amigo, não podia esconder completamente o desgosto pelo giro que o caso tinha tomado, e soltou um ou dois comentários sarcásticos, dizendo que cada pessoa deveria cuidar de seus próprios negócios.

– Deixe-o falar – afirmou Dupin, que não achou necessário responder. – Deixe que ele discursar; vai aliviar sua consciência, estou satisfeito por tê-lo derrotado em seu próprio terreno. No entanto, que tenha falhado na solução deste mistério não é algo espantoso como ele supõe pois, na verdade, nosso amigo, o chefe de polícia, é de alguma forma astuto demais para ser profundo. Não há fundamentos em sua sabedoria. Tudo é cabeça e nada de corpo, como as imagens da Deusa Laverna ou, na melhor das hipóteses, muita cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas é um bom sujeito, afinal. Gosto dele especialmente por um golpe de mestre, pelo qual alcançou sua reputação de alguém engenhoso. Estou falando do jeito que ele tem “*de nier ce qui est, et d’expliquer ce qui n’est pas.*”¹¹

. Estranho, incomum.

. Referência a Edmond Hoyle, que escreveu diversos livros com regras de diversos jogos. (N.T.)

. Latim: significa ex; era um ex-sapateiro. (N.T.)

. Nem nada do gênero.

. A primeira letra perdeu o som antigo.

. Seu roupão para entender melhor a música.

. Eu os tolerava.

. “Negar o que é e explicar o que não é.” – Rousseau – Nouvelle Heloise. (N. A.)



O POÇO E O PÊNDULO

Impia tortorum longos hic turba furores

Sanguinis innocui, non satiata, aluit.

Sospite nunc patria, fracto nunc funeris antro,

*Mors ubi dira fuit vita salusque patent.*¹²

(Quadra composta para os portões de um mercado a ser erguido no local do Clube dos Jacobinos em Paris.)

Eu estava cansado, completamente esgotado daquela longa agonia, e quando finalmente me soltaram e me permitiram sentar, percebi que meus sentidos estavam me deixando. A sentença (a terrível sentença de morte) foi a última das distintas palavras que chegou aos meus ouvidos. Depois disso, o som das vozes inquisitoriais parecia imerso em um sonhador zumbido indeterminado. Transmitiu à minha alma a ideia de rotação, talvez de sua associação fantasiosa com o rumor de uma roda de moinho. Isso durou apenas um breve período; depois não ouvi mais nada. No entanto, por um tempo, eu vi, e com que exagero terrível! Vi os lábios dos juízes vestidos de preto. Eles me pareceram brancos, mais brancos do que a folha sobre a qual traço essas palavras, e finos até parecerem grotescos. Finos com a intensidade de sua expressão de firmeza, de resolução imutável, de severo desprezo pela tortura humana. Vi que os decretos do que para mim era o Destino ainda estavam saindo daqueles lábios. Eu os vi se contorcendo com uma locução mortal. Vi formarem as sílabas do meu nome e estremeci porque nenhum som chegava até mim. Também vi, por alguns momentos de horror delirante, a ondulação suave e quase imperceptível das cortinas negras que envolviam as paredes do aposento. E então minha visão caiu sobre as sete velas altas sobre a mesa. No início, tinham o aspecto da caridade e pareciam anjos

brancos e esbeltos que me salvariam, mas depois, de repente, uma náusea mortal tomou meu espírito, e senti cada fibra em minha estrutura vibrar como se tivesse tocado o fio de uma pilha galvânica, enquanto as formas de anjos se tornavam espectros sem sentido, com cabeças de fogo, e vi que deles não receberia nenhuma ajuda. E então penetrou em minha imaginação, como uma nota musical profunda, o pensamento do doce descanso que deveria sentir no túmulo. O pensamento veio gentil e furtivamente, e aparentemente muito antes de atingir a plena apreciação, mas, assim como meu espírito se distanciou adequadamente para senti-lo e entretê-lo, as figuras dos juízes desapareceram, magicamente, da minha frente. As velas altas afundaram no nada, suas chamas se apagaram totalmente, o negro das trevas me envolveu, todas as sensações pareciam engolidas em uma louca queda da alma para o inferno. Então o universo não foi mais que silêncio, quietude e noite.

Eu desmaiei, mas não posso dizer que toda a consciência foi perdida. O que restava aqui não vou tentar definir ou mesmo descrever. No entanto, nem tudo estava perdido. No sono mais profundo... não! Em delírio... não! Em um desmaio... não! Na morte... não! Mesmo no túmulo nem tudo está perdido. Ou não há imortalidade para o homem. Despertando do mais profundo sono, quebramos a teia de algum sonho. No entanto, um segundo depois (tão frágil que a teia pode ser), não nos lembramos do que sonhamos. No retorno à vida depois do desmaio há dois estágios: primeiro, o do sentido da existência mental ou espiritual, em segundo lugar, o sentido da existência física. Parece provável que se chegamos ao segundo estágio e conseguimos recordar as impressões do primeiro, elas conteriam muitas impressões de lembranças do abismo transposto. E o que é esse abismo? Como distinguiremos suas sombras das que existem no túmulo? Mas se as impressões do que chamei de primeiro estágio não são, sempre que quisermos, lembradas, por acaso, depois de um longo intervalo, elas não reaparecem espontaneamente, enquanto imaginamos maravilhados de onde poderão ter surgido? Aquele que nunca desmaiou, não é ele que encontra estranhos palácios e rostos selvagememente familiares em brasas que brilham, não é ele que contempla flutuando no ar as tristes visões que muitos não conseguem ver, não é ele que medita sobre o perfume de alguma nova flor? Não é ele cujo cérebro fica desorientado com o significado de alguma cadência musical que nunca antes chamou

sua atenção?

Em meio a esforços frequentes e pensativos, em meio a sérias lutas para reunir alguma lembrança do estado de aparente nulidade em que minha alma mergulhou, houve momentos em que vislumbrei o sonho. Houve breves, muito breves períodos em que invoquei lembranças que a razão lúcida de uma época posterior me assegura relacionarem-se apenas àquela condição de aparente inconsciência. Essas sombras da memória mostram, indistintamente, figuras altas que me erguiam e me empurravam em silêncio (para baixo, sempre para baixo) até que uma tontura medonha me oprimia com a mera ideia de que essa queda seria interminável. Eles também colocaram um vago horror em meu coração, por causa da monstruosa calma que me invadia. Então vem uma sensação de movimento repentino por todas as coisas, como se aqueles que me empurravam (um cortejo horrível!)

tivessem ultrapassado, em sua descida, os limites do ilimitado e tivessem parado diante do desgaste de seu esforço. Depois disso, chamo

a atenção para a horizontalidade e a umidade, e então tudo é loucura, a loucura de uma memória que se ocupa de coisas proibidas.

De repente, voltou à minha alma o movimento e o som, o movimento tumultuado do coração e, nos meus ouvidos, o som de sua batida. Sucedeu uma pausa em que tudo ficou vazio. Outra vez, som, movimento e toque, uma sensação de formigamento que permeia meu corpo. Depois, a mera consciência da existência, sem pensamento, uma condição que durou muito tempo. De repente, pensei, e tremi de terror, e fiz um sério esforço para compreender meu verdadeiro estado. A isso sucedeu um forte desejo de cair na insensibilidade. Em seguida, um renascimento vigoroso da alma e um esforço bem-sucedido para me mover. E agora uma memória completa do julgamento, dos juízes, das cortinas negras, da sentença, da náusea, do desmaio. Então todo o esquecimento de tudo que se seguiu; de tudo que um dia posterior e muito esforço obstinado me permitiram recordar vagamente.

Até agora, não tinha aberto meus olhos. Senti que estava deitado de costas, solto. Estendi minha mão e ela caiu pesadamente sobre algo úmido e duro. Eu a deixei ali por vários minutos, enquanto tentava imaginar onde estava e o que poderia ser. Queria, mas não ousava abrir os olhos. Temia dar minha primeira olhada em objetos ao meu redor. Não era que eu temesse olhar para coisas horríveis, mas ia

ficando com medo de que não houvesse nada para ver. Finalmente, com um profundo desespero no coração, abri de um golpe os olhos. Meus piores pensamentos, então, foram confirmados. A escuridão da noite eterna me cercou. Lutava para respirar. A intensidade da escuridão parecia oprimir e me sufocar. A atmosfera estava intoleravelmente pesada. Eu ainda permaneci em silêncio e fiz um esforço para exercitar minha razão. Lembrei dos procedimentos inquisitoriais e tentei, a partir daquele ponto, deduzir minha condição real. A sentença havia sido pronunciada e pareceu que um intervalo de tempo muito longo tinha decorrido desde então. No entanto, nem por um momento supus estar realmente morto. Tal suposição, não obstante o que lemos na ficção, é totalmente inconsistente com a existência real, mas onde e em que estado eu me encontrava? Os condenados à morte, eu sabia, pereciam geralmente nos autos de fé, e um deles foi executado na mesma noite do dia em que fui julgado. Teriam me mandado de novo para a minha masmorra, para esperar o sacrifício próximo, algo que demoraria muitos meses? Logo vi que era impossível. Naquele momento havia uma demanda imediata de vítimas. Além disso, meu calabouço, assim como todas as celas de condenados de Toledo, tinha chão de pedra e a luz não estava totalmente excluída.

Uma ideia temerosa repentinamente encheu de sangue meu coração e, por um breve período, recaí uma vez mais na insensibilidade. Ao me recuperar, imediatamente me levantei, tremendo convulsivamente em cada fibra. Agitei meus braços descontroladamente em volta de mim, em todas as direções. Não sentia nada, mas estava com medo de dar um passo, para não ser impedido pelas paredes de um túmulo. O suor escorria de todos os poros e formava grandes gotas frias na minha testa. A agonia do suspense ia ficando intolerável e eu cautelosamente seguia em frente, com os braços estendidos e os olhos tensos em suas órbitas, na esperança de captar um leve raio de luz. Continuei por muitos passos, mas ainda assim tudo era escuridão e vazio. Respirei mais livremente. Parecia evidente que o meu não era, pelo menos, o mais hediondo dos destinos.

E agora, enquanto continuava a andar cautelosamente para frente, cresciam na minha memória mil rumores vagos dos horrores de Toledo. Havia muitas narrativas estranhas sobre as masmorras, que eu sempre tinha considerado fábulas, mas ainda assim eram estranhas e horríveis demais para repetir, exceto num sussurro. Fui deixado para morrer de fome neste mundo subterrâneo das trevas ou que destino,

talvez ainda mais terrível, me esperava? Que o resultado seria a morte e uma morte ainda mais amarga do que o normal, eu conhecia muito bem o caráter de meus juízes para duvidar. O modo e a hora eram tudo que me ocupavam ou distraíam.

Minhas mãos estendidas encontraram alguma obstrução sólida. Era uma parede, aparentemente de pedra, muito lisa, viscosa e fria. Eu a segui pisando com toda a desconfiança cuidadosa que certas narrativas antigas tinham me inspirado. Este processo, no entanto, não me dava meios de averiguar as dimensões da minha masmorra. Eu não poderia fazer seu circuito, e voltar ao ponto de onde tinha partido, sem estar consciente do fato, sendo a parede tão perfeitamente uniforme. Procurei, portanto, a faca que estava no meu bolso quando havia sido levado para a câmara inquisitorial, mas tinha desaparecido. Minhas roupas tinham sido trocadas por um camisolão de tecido grosseiro. Tinha pensado em forçar a lâmina em alguma fresta minúscula da alvenaria, de modo a identificar o meu ponto de partida. A dificuldade, no entanto, não era trivial, embora, na desordem da minha fantasia, parecesse a princípio insuperável. Rasguei uma parte da bainha do camisolão e coloquei o fragmento no comprimento total, e em ângulo reto com a parede. Ao tatear meu caminho ao redor da prisão, não poderia deixar de encontrar esse pano ao completar o circuito. Pelo menos foi o que pensei: não contava com a extensão da masmorra ou com minha própria fraqueza. O chão estava úmido e escorregadio. Cambaleei para frente por algum tempo, quando tropecei e caí. Minha fadiga excessiva me induziu a permanecer prostrado e o sono logo me dominou.

Ao acordar e estender um braço, encontrei ao meu lado um pão e um jarro com água. Estava muito exausto para refletir sobre essa circunstância, mas comi e bebi com avidez. Pouco depois, retomei minha exploração pela prisão e, com muito esforço, finalmente cheguei ao fragmento de pano. Até o período em que caí, havia contado cinquenta e dois passos e, ao voltar a andar, contei quarenta e oito mais até chegar ao pano. Havia, então, cem passos e, admitindo um metro a cada dois passos, presumi que a masmorra tivesse um perímetro de cinquenta metros. Tinha me encontrado, no entanto, com muitos ângulos na parede, por isso não conseguia imaginar a forma da cripta (pois não podia deixar de supor que fosse isso).

Não tinha nenhum objetivo e muito menos esperança, com essas investigações, mas uma curiosidade vaga me levou a continuar. Deixando a parede, resolvi atravessar a área do recinto.

A princípio, procedi com extrema cautela, pois o chão, embora aparentemente de material sólido, era traiçoeiro como o musgo. Por fim, porém, tomei coragem e não hesitei em dar um passo firme, esforçando-me para cruzar uma linha o mais reta possível. Tinha avançado uns dez ou doze passos dessa maneira, quando o resto da bainha rasgada do meu camisolão se enredou entre as minhas pernas. Pisei nele e caí violentamente de frente.

Na confusão que acompanhava minha queda, não compreendi imediatamente uma circunstância um tanto surpreendente, que poucos segundos depois, e enquanto ainda estava caído no chão, chamou minha atenção. Era que meu queixo descansava no chão da prisão, mas meus lábios e a parte superior da minha cabeça, embora aparentemente menos elevada que o queixo, não tocavam em nada. Ao mesmo tempo, minha testa parecia banhada em um vapor pegajoso, e o cheiro peculiar de fungos podres entrou por minhas narinas. Estiquei o braço e estremeci ao perceber que tinha caído à beira de um poço circular, cuja extensão, é claro, não tinha como averiguar no momento. Tateando a alvenaria logo abaixo da extremidade, consegui desalojar um pequeno fragmento e deixá-lo cair no abismo. Por muitos segundos, escutei suas reverberações enquanto batia nos lados do abismo em sua descida. Finalmente houve um mergulho soturno na água, seguido de ecos ruidosos. Ao mesmo tempo, ouvi um som que lembrava uma abertura e o rápido fechamento de uma porta no alto, enquanto um leve brilho de luz iluminou instantaneamente a escuridão e, de repente, desapareceu.

Vi claramente a desgraça que tinha sido preparada para mim e agradei pelo oportuno acidente que tinha me permitido escapar. Mais um passo antes da minha queda e o mundo não me veria mais. E a morte que tinha acabado de evitar era desse mesmo caráter que considerava fabulosa e frívola nos contos que falavam da Inquisição. Para as vítimas de sua tirania, reservavam dois tipos de morte: uma passando pelas mais terríveis agonias físicas, outra acompanhada dos mais hediondos sofrimentos morais. O último tinha sido reservado para mim. De tanto sofrer, meus nervos tinham enfraquecido, chegando a tremer ao som da minha própria voz, e me tornei, em todos os aspectos, a vítima apropriada para os tipos de tortura que me aguardavam.

Com todos os membros tremendo, voltei para a parede, resolvendo ali perecer em vez de arriscar os terrores dos poços, dos quais minha imaginação agora retratava muitos em várias posições sobre a

masmorra. Em outras condições mentais, eu poderia ter tido coragem de acabar com a minha miséria de uma só vez com um mergulho em um desses abismos, mas agora eu era o pior dos covardes. Tampouco poderia esquecer o que havia lido sobre esses poços: que a rápida extinção da vida não fazia parte de seu plano horrível.

A agitação do meu espírito me manteve acordado por muitas horas até finalmente voltar a dormir. Ao despertar, encontrei ao meu lado, como antes, um pão e um jarro de água. Uma sede ardente me consumia e esvaziei o jarro de uma vez. Devo ter sido drogado pois mal bebi fiquei irresistivelmente sonolento. Um sono profundo caiu sobre mim (um sono como o da morte). Por quanto tempo durou, é claro que não sei, mas quando voltei a abrir os olhos, os objetos ao meu redor estavam visíveis. Por um brilho sulfuroso, cuja origem não pude determinar a princípio, era capaz de ver a extensão e o aspecto da prisão.

Tinha me enganado muito com seu tamanho. Todo o circuito de suas paredes não excedia vinte e cinco metros. Por alguns minutos, esse fato me ocasionou uma grande quantidade de preocupações inúteis e realmente vãs! Como não seria de menor importância, sob as terríveis circunstâncias que me cercavam, as meras dimensões da minha masmorra? Mas minha alma tinha um interesse inexplicável por ninharias e me ocupei em esforços para explicar o erro que cometi em minhas medidas. A verdade finalmente me iluminou. Na minha primeira tentativa de exploração, tinha contado cinquenta e dois passos, até o momento em que caí. Devia então estar a um ou dois passos do fragmento do pano. Na verdade, quase tinha realizado o circuito inteiro da masmorra. Então dormi e, ao despertar, devo ter retornado sobre meus passos, supondo assim que o perímetro era quase o dobro do que realmente era. Minha confusão mental impediu-me de observar que comecei minha volta pela parede à esquerda e terminei com a parede à direita.

Também tinha me enganado em relação à forma do recinto. Ao passar a mão pelas paredes, tinha encontrado muitos ângulos e deduzi que havia uma grande irregularidade tão potente é o efeito da escuridão total sobre a pessoa que desperta da letargia ou do sono! Os ângulos eram simplesmente pequenas depressões ligeiras, ou nichos, a intervalos irregulares. A forma geral da prisão era quadrada. O que eu tinha tomado como alvenaria parecia agora ser ferro, ou algum outro metal, em placas enormes, cujas suturas ou articulações ocasionavam as depressões. Toda a superfície desta cela metálica estava rudemente

pintada em todos os dispositivos hediondos e repulsivos que a superstição sepulcral dos monges tinha dado origem. As figuras de demônios em aspectos ameaçadores, com formas de esqueleto, e outras imagens ainda mais temerárias, se espalhavam e desfiguravam as paredes. Observei que os contornos dessas monstruosidades eram bem diferentes, mas que as cores pareciam desbotadas e borradas, como se fossem os efeitos de uma atmosfera úmida. Também notei o chão, que era de pedra. No centro, se abria o poço circular de cujas mandíbulas eu havia escapado, mas não havia nenhum outro na masmorra.

Tudo isso eu vi indistintamente e com muito esforço pois minha condição pessoal havia mudado muito durante o repouso. Eu agora estava deitado de costas e com o corpo inteiro em uma espécie de estrutura baixa de madeira. Eu estava bem amarrado nela por uma longa alça que lembrava uma correia. Passava muitas vezes sobre meus membros e corpo, deixando em liberdade apenas minha cabeça e meu braço esquerdo de forma que eu poderia, com muito esforço, agarrar a comida de um prato de barro que estava ao meu lado no chão. Vi, para meu horror, que o jarro tinha sido removido. Digo para meu horror pois estava tomado por uma sede intolerável. Essa sede parecia ser o desígnio que meus perseguidores estimulavam, pois a comida no prato era carne muito temperada.

Olhando para cima, examinei o teto da minha prisão. Estava a dez ou doze metros de altura e era parecido com as paredes laterais. Em um de seus painéis, uma figura muito singular atraiu a minha atenção. Era a figura pintada do Tempo como é comumente representado, exceto que, em vez de uma foice, segurava o que, em um olhar casual, parecia ser a imagem retratada de um enorme pêndulo, como visto em relógios antigos. Havia algo, no entanto, na aparência dessa imagem que me fez considerá-la com mais atenção. Enquanto olhava diretamente para cima (pois sua posição estava imediatamente acima da minha) imaginei tê-la visto em movimento. Um instante depois, essa visão foi confirmada. Seu movimento era breve e, claro, lento. Fiquei olhando por alguns minutos com um pouco com medo, mas cheio de admiração. Cansado de observar seu movimento monótono, volvei meus olhos para os outros objetos na cela.

Um leve ruído atraiu minha atenção e, olhando para o chão, vi vários ratos enormes caminhando. Tinham saído do poço, que podia ver à minha direita. Enquanto eu olhava, eles vinham em tropa, apressadamente, com olhos vorazes, atraídos pelo cheiro da carne.

Exigiu muito esforço e atenção afugentá-los do prato de comida.

Poderia ter passado meia hora, talvez até uma hora (pois não conseguia marcar perfeitamente o tempo) antes de poder voltar a olhar para cima. O que vi então me confundiu e surpreendeu.

O balanço do pêndulo aumentara de extensão em quase um metro. Como consequência natural, sua velocidade também era muito maior. Mas o que mais me perturbou foi a ideia de que tinha baixado perceptivelmente. Observei agora, com que horror é desnecessário dizer, que sua extremidade inferior era formada por uma meia-lua de aço reluzente, com cerca de trinta centímetros de comprimento de uma ponta à outra, com chifres curvados para cima e a extremidade inferior evidentemente tão afiada quanto a de uma navalha. Embora afiado como uma navalha, o pêndulo parecia maciço e pesado, afunilando desde a borda até finalizar em uma estrutura sólida e larga. Estava preso a uma pesada barra de bronze e todo o mecanismo sibilava quando cruzava o ar.

Eu não podia mais duvidar do destino preparado para mim pela engenhosidade em tortura dos monges. Os agentes inquisitoriais souberam que eu tinha percebido o poço cujos horrores tinham sido destinados a um não conformista tão ousado como eu, o poço, típico do inferno, e considerado pelos rumores como a Última Thule de todos os castigos da Inquisição. Eu tinha evitado o mergulho neste poço por um mero acidente e sabia que a surpresa, ou uma armadilha de tormentos, formava uma parte importante de todo o grotesco das mortes nas masmorras. Ao não ter caído, não era parte do plano demoníaco jogar-me no abismo e assim (não tendo alternativa) um final diferente e mais suave me esperava. Mais suave! Dei um meio sorriso em minha agonia quando pensei sobre a aplicação de tal termo.

Que uso para contar as longas horas de horror mais que mortais, durante as quais contei as passagens do pêndulo oscilando! Centímetro por centímetro, linha por linha, com uma descida que só era apreciável em intervalos que pareciam anos. Descendo cada vez mais! Passaram-se dias, pode ser que muitos tenham passado, antes que balançasse tão perto de mim para me abanar com seu hálito acre. O cheiro do aço afiado entrava à força em minhas narinas. Eu orei, cansei de pedir ao Céu com minha oração para que descesse mais rapidamente. Fui ficando cada vez mais louco e lutei para me levantar e encontrar o balanço da temível cimitarra. E então caí, de repente, calmo e fiquei sorrindo para a morte brilhante, como uma criança

olhando para algum brinquedo bonito.

Houve outro intervalo de total insensibilidade. Foi breve pois, ao me perder em meus pensamentos, notei que não havia descida perceptível no pêndulo. Mas pode ter sido longo pois eu sabia que havia demônios que tomavam nota do meu desmaio e que poderiam ter detido o balanço por prazer. Quando me recuperei, também me senti muito doente e fraco, como se sofresse de uma longa inanição. Mesmo em meio às agonias daquele período, a natureza humana ansiava por comida. Com esforços dolorosos, estendi meu braço esquerdo até onde minhas amarras permitiam, e peguei um pouco do que tinha sido poupado pelos ratos. Quando coloquei uma porção em meus lábios, correu pela minha mente um meio pensamento de alegria e de esperança. Mas por que teria esperança? Era, como falei, um pensamento incipiente, o homem tem muitos que nunca são completados. Senti que era de alegria e de esperança, mas também senti que havia perecido em sua formação. Em vão, esforcei-me para aperfeiçoá-lo, para recuperá-lo. O longo sofrimento quase tinha aniquilado todos meus poderes mentais comuns. Eu era um imbecil, um idiota.

O balanço do pêndulo estava em ângulo reto com meu corpo estendido. Vi que a meia-lua tinha sido projetada para atravessar a região do coração. Cortaria o pano do meu manto, voltaria a repetir a operação, outra vez e outra vez. Apesar do balanço terrivelmente amplo (cerca de nove metros ou mais) e o vigor sibilante de sua descida serem suficientes para romper essas paredes de ferro, ainda assim tudo que ela faria, por vários minutos, seria cortar minha roupa. E com esse pensamento, parei. Não me atrevi a ir além dessas reflexões. Eu me mortifiquei com uma pertinácia de atenção como se, ao fazer isso, pudesse evitar a descida do aço. Obriguei-me a refletir sobre o som da meia-lua quando atravessasse a roupa, sobre a peculiar sensação de estremecimento que a fricção do tecido produz nos nervos. Ponderei sobre toda essa frivolidade até o limite da minha resistência.

A lâmina descia de forma constante. Senti um prazer louco ao comparar sua descida com a velocidade lateral. Para a direita, para a esquerda, de um lado para o outro, com o grito de um espírito condenado. Em meu coração com o ritmo furtivo do tigre! Eu alternadamente ria e uivava quando uma ou outra ideia se tornava predominante.

Descia, certa e implacavelmente descia! Vibrava a sete centímetros

meu peito! Eu lutava furiosamente para liberar meu braço esquerdo. Estava livre apenas do cotovelo para baixo. Com a mão, eu conseguia alcançar o prato ao meu lado e trazer a comida até minha boca, com grande esforço, mas não mais do que isso. Se conseguisse romper as amarras acima do cotovelo, teria agarrado e tentado parar o pêndulo. Seria o mesmo que tentar segurar uma avalanche!

Descia, ainda incessantemente, ainda implacavelmente! Eu ofegava e lutava em cada vibração. Encolhia-me convulsivamente a cada balanço. Meus olhos seguiam sua corrida para cima e para baixo com a ansiedade do desespero mais sem sentido. Eles se fechavam espasmodicamente na descida, embora a morte fosse um alívio. Oh, que indescritível! Ainda assim, eu estremecia em cada nervo ao pensar em como o ligeiro afundamento da máquina precipitaria aquele machado afiado e reluzente no meu peito. Era a esperança que levava a coragem a estremecer e o corpo a encolher. Era a esperança – a esperança que triunfa no desespero – que sussurra para os condenados à morte, mesmo nas masmorras da Inquisição.

Vi que cerca de dez ou doze oscilações trariam o aço ao contato com meu camisolão e, com essa observação, de repente meu espírito sentiu toda a calma do desespero. Pela primeira vez durante muitas horas, ou talvez dias, consegui pensar. Percebi agora que a amarra, ou correia, era a única coisa que me prendia. Não estava atado por nenhuma outra corda. O primeiro golpe da meia-lua em forma de navalha em qualquer parte da correia iria cortá-la e eu poderia me soltar usando minha mão esquerda. Mas que terrível, nesse caso, seria a proximidade do aço! O resultado da menor luta terminaria sendo mortal! Era improvável, além disso, que os asseclas do torturador não tivessem previsto e pensado nessa possibilidade! Era provável que a corda cruzasse meu peito na trilha do pêndulo? Temendo desmaiar e assim frustrar minha última esperança, ergui minha cabeça para obter uma visão desobstruída do meu peito. A correia envolvia meus membros e corpo em todas as direções, exceto no caminho da meia-lua destruidora.

Mal tinha baixado minha cabeça de volta à sua posição original, quando surgiu em minha mente o que não posso descrever mais do que a metade incompleta daquela ideia de libertação à qual aludi anteriormente e que apenas uma parte flutuava indeterminada na minha mente quando trouxe a comida até meus lábios ardentes. Todo o pensamento estava agora presente. débil, pouco sensato, pouco

definido, mesmo assim inteiro. Prossegui imediatamente, com a energia nervosa do desespero, para tentar sua execução.

Por muitas horas, os ratos tinham pululado ao redor da estrutura baixa sobre a qual eu estava. Eles eram selvagens, corajosos, vorazes; seus olhos vermelhos me encaravam como se esperassem apenas que eu ficasse imóvel para me atacarem.

– A que comida – pensei – eles tinham sido acostumados no poço?

Eles tinham devorado, apesar de todos os meus esforços para evitar, tudo menos um pequeno pedaço do conteúdo do prato. Tinha usado minha mão como um leque sobre o prato e, por fim, a uniformidade inconsciente do movimento a privou de qualquer efeito. Em sua voracidade, os animais frequentemente enfiavam suas presas afiadas em meus dedos. Com as partículas da comida oleosa e condimentada que agora sobrava, esfreguei bem a correia onde podia alcançá-la, depois, erguendo a mão do chão, fiquei totalmente quieto.

A princípio, os animais vorazes ficaram assustados e aterrorizados com a mudança – com o fim do movimento. Eles recuaram, alarmados; muitos procuraram o poço. Mas isso durou só um momento. Não tinha contado em vão com sua voracidade. Observando que permanecia imóvel, um ou dois dos mais ousados saltaram sobre a estrutura e sentiram o cheiro na correia. Pareceu o sinal para uma corrida geral. A partir do poço, novos contingentes vieram correndo. Eles se agarravam à madeira, invadiram e saltaram centenas em cima de mim. O movimento medido do pêndulo não os incomodava para nada. Evitando seus golpes, se ocuparam da correia untada. Pressionaram, subiram em mim como um enxame. Eles se contorciam na minha garganta, seus focinhos frios buscavam os meus. Eu estava meio sufocado pela pressão deles. Um nojo, impossível de descrever, inchava meu peito e gelava, com um sufoco pesado, meu coração. Mais um minuto e senti que a luta terminaria. Claramente percebi que a correia ia afrouxando. Sabia que em mais de um lugar já devia estar solta. Mas, com uma resolução sobre-humana, permaneci imóvel.

Nem eu tinha errado em meus cálculos, nem tinha sofrido em vão. Por fim, senti que estava livre. A correia estava solta sobre meu corpo. Mas a passagem do pêndulo já pressionava meu peito. Tinha cortado o pano do camisolão. Tinha cortado a roupa que usava por baixo. Duas vezes tinha balançado e uma aguda sensação de dor atravessou todos meus nervos. Mas o momento de fuga havia chegado. Com um movimento de minha mão, meus libertadores fugiram de forma

tumultuada. Com um movimento constante, cauteloso, lateral, contido e lento escorreguei do alcance da correia e do alcance da cimitarra. Por enquanto, pelo menos, eu estava livre.

Livre! E nas garras da Inquisição! Eu mal tinha saído do meu horrível leito de madeira sobre o chão de pedra da prisão, quando o movimento da máquina infernal cessou e eu a vi sendo levantada, por alguma força invisível, até o teto. Esta foi uma lição que tomei muito a sério. Todos os meus movimentos estavam sendo, sem dúvida, observados. Livre! Eu havia apenas escapado da morte sob a forma de uma tortura, para ser entregue a uma morte ainda pior que a anterior. Com esse pensamento, olhei nervosamente para as barreiras de ferro que me cercavam. Algo incomum, uma mudança que, a princípio, não tinha conseguido apreciar distintamente, claramente tinha acontecido naquele calabouço. Por muitos minutos de uma abstração sonhadora e trêmula, eu me ocupei em conjeturas vãs e desconexas. Durante esse período, tomei conhecimento, pela primeira vez, da origem da luz sulfurosa que iluminava a cela. Vinha de uma fissura de cerca de meia polegada de largura, que se estendia inteiramente ao redor da prisão na base das paredes, que por isso parecia e estava completamente separada do chão. Eu tentei, mas claro que foi em vão, olhar através da abertura.

Quando desisti da tentativa, entendi repentinamente o mistério da alteração na masmorra. Tinha observado que, embora os contornos das figuras nas paredes fossem suficientemente claros, as cores pareciam borradas e indefinidas. Essas cores tinham agora assumido um brilho surpreendente e mais intenso, que dava aos retratos espectrais e diabólicos um aspecto que poderia ter assustado até mesmo nervos mais firmes do que os meus. Os olhos demoníacos, de uma vivacidade selvagem e medonha, me observavam de mil direções, sendo que antes nenhum era visível, e brilhavam com o esplendor sinistro de um fogo que não conseguia forçar minha imaginação a considerar irreal.

Irreal! Quando respirei, veio às minhas narinas o cheiro do vapor de ferro aquecido! Um odor sufocante invadiu a cela! Havia um brilho profundo a todo momento nos olhos que espiavam minhas agonias! As imagens horríveis e sanguíneas foram ficando cada vez mais vermelhas. Eu perdi o fôlego! Lutava para respirar! Não havia dúvidas sobre o objetivo dos meus algozes. Oh! Os mais implacáveis! Oh! Os mais demoníacos dos homens! Recuei para o centro da cela. Em meio ao pensamento da destruição ardente que se impunha, a ideia do

frescor do poço tomou conta da minha alma como um bálsamo. Corri para a beira mortal. Olhei para baixo. O clarão do teto iluminava todas as partes. No entanto, por um momento louco, meu espírito se recusou a compreender o significado do que via. Por fim, fui forçado a entender, aquilo penetrou em minha alma, queimou minha razão estremecida. Oh! Gostaria de poder me expressar! Horror! Qualquer horror menos isso! Com um grito, me afastei da margem e enterrei meu rosto nas mãos. Chorando amargamente.

O calor aumentava rapidamente e mais uma vez olhei para cima, estremecendo com um ataque de febre. Houve uma segunda mudança na cela e agora tinha a ver com a forma. Como antes, lutei para, no começo, apreciar ou entender o que estava acontecendo. Mas não fiquei com dúvidas por muito tempo. A vingança da Inquisição foi acelerada pela minha dupla fuga, e o Rei dos Terrors não queria perder mais tempo. O quarto era quadrado. Vi que dois de seus ângulos de ferro eram agora agudos, os outros dois, consequentemente, obtusos. A assustadora diferença aumentou rapidamente com um som baixo e estrondoso. Em um instante, o aposento mudou sua forma para a de um losango. Mas a alteração não parou aqui, nem esperava ou desejava que parasse. Eu poderia ter apertado as paredes vermelhas contra meu peito como uma vestimenta de paz eterna.

– Morte – falei –, qualquer morte que não seja o poço!

Idiota! Como eu podia ignorar que era para dentro do poço que o ferro ardente queria me impelir? Poderia resistir à sua incandescência? Ou, mesmo que conseguisse, poderia suportar sua pressão? E agora, cada vez mais achatado ficava o losango, com uma rapidez que não me dava tempo para contemplação. Seu centro e, claro, sua maior largura, vinha logo acima da boca do poço. Eu recuei, mas as paredes se fechavam me pressionando e não havia como resistir. Por fim, para o meu corpo queimado e contorcido, não havia mais um centímetro de apoio no chão firme da prisão. Não lutei mais, mas a agonia da minha alma encontrou vazão em um grande grito final de desespero. Senti que cambaleava à beira do poço. Desviei os olhos...

Houve um zumbido dissonante de vozes humanas! Houve uma explosão alta como de muitas trombetas! Houve um rangido áspero de mil trovões! As paredes de fogo recuaram! Um braço estendido pegou o meu quando estava caindo, desmaiando, no abismo. Era o do General Lasalle. O exército francês havia entrado em Toledo. A

Inquisição estava nas mãos de seus inimigos.

. Aqui por muito tempo os impiedosos torturadores nutriram o insaciável furor da turba pelo sangue dos inocentes. Agora que a pátria está a salvo, e o antro fúnebre foi destruído, onde antes havia morte surgem vida e bem-estar.



MANUSCRITO ENCONTRADO EM UMA GARRAFA

Qui n'a plus qu'un moment à vivre.

*N'a plus rien à dissimuler.*¹³

Philippe Quinault, *Atis*

Do meu país e da minha família, tenho pouco a contar. Um tratamento injusto e a grande quantidade de anos me tiraram de um e me afastaram do outro. Minha herança me proporcionou uma educação acima da média, e uma mentalidade contemplativa me permitiu usar com método tudo que os primeiros estudos muito diligentemente acumularam. Acima de tudo, o estudo dos moralistas alemães me deu grande deleite, não por qualquer imprudente admiração da loucura eloquente deles, mas pela facilidade com que meus hábitos de pensamento rígido me permitiram detectar suas falsidades. Muitas vezes fui reprovado pela aridez do meu gênio, uma deficiência de imaginação me foi imputada como crime e o pirronismo das minhas opiniões sempre me tornou notório. De fato, temo que um forte prazer pela filosofia física tenha tingido minha mente com um erro muito comum dessa época, refiro-me ao hábito de fazer referência, mesmo as menos suscetíveis de tal relação, aos princípios dessa ciência. No geral, nenhuma pessoa poderia ser menos responsável do que eu por me afastar das fronteiras severas da verdade pelo fogo-fátuo da superstição. Julguei apropriado ter premissas assim, para que a incrível história que tenho a contar não seja considerada o delírio de uma imaginação desenfreada, em vez da experiência positiva de uma mente para quem os devaneios da

fantasia são letra morta e nulidade.

Depois de muitos anos em viagens ao exterior, naveguei no ano 18..., partindo do porto de Batávia, na rica e populosa ilha de Java, em uma viagem ao arquipélago das ilhas Sunda. Fui como passageiro, não tendo nenhum outro motivo além de um tipo de inquietação nervosa que me assombrava como um demônio.

Nosso barco era um belo navio de cerca de quatrocentas toneladas, de cobre e construído com teca de Malabar, em Bombaim. Estava carregado com algodão e óleo das ilhas Laquedivas. Também tínhamos a bordo fibra de coco, jagra,¹⁴ ghee,¹⁵ sementes de cacau e algumas caixas de ópio. O acondicionamento foi feito de maneira desajeitada e o navio, conseqüentemente, escorava.

Partimos com um leve sopro de vento a favor, e por muitos dias seguimos a costa oriental de Java, sem qualquer outro incidente para reduzir a monotonia do nosso curso do que o encontro ocasional com alguns dos pequenos barcos do arquipélago ao qual nos encaminhávamos.

Certa noite, debruçado sobre a amurada, observei uma nuvem isolada e muito estranha ao noroeste. Era notável, tanto por sua cor quanto por ser a primeira que víamos desde a nossa partida de Batávia. Observei-a atentamente até o pôr do sol, quando se espalhou de repente para o leste e para o oeste, girando no horizonte com uma faixa estreita de vapor e parecendo uma longa linha de praia. Minha atenção logo foi atraída pela aparência vermelho-escura da lua e o caráter peculiar do mar. Este último estava passando por uma mudança rápida e a água parecia mais transparente do que o normal. Embora eu pudesse distinguir bem o fundo, ainda assim, quando lancei a sonda, descobri que havia quinze braças de profundidade. O ar agora se tornava intoleravelmente quente e estava carregado com exalações espirais semelhantes às que surgiam do ferro aquecido. Quando a noite chegou, cada sopro de vento desapareceu, uma calma mais completa é impossível conceber. A chama de uma vela queimava na popa sem o menor movimento perceptível e um longo fio cabelo, que eu segurava entre dois dedos, não detectou nenhuma vibração. No entanto, como o capitão disse que não percebia nenhuma indicação de perigo, e como estávamos à deriva perto da costa, ordenou que as velas fossem enroladas e a âncora liberada. Nenhuma vigilância foi montada, e a tripulação, composta principalmente por malaaios, deitou no convés. Eu descí, não sem um pressentimento forte do mal. De fato, toda a aparência me garantia que estava sentindo a presença de um

Simum.¹⁶ contei ao capitão meus temores, mas ele não prestou atenção ao que eu disse e me deixou sem se dignar a dar uma resposta. Meu desconforto, no entanto, me impediu de dormir e por volta da meia-noite fui para o convés. Quando coloquei meu pé no último degrau da escada, fui surpreendido por um zumbido alto, como aquele ocasionado pelo rápido movimento de uma roda de moinho, e antes que pudesse averiguar o seu significado, senti que o navio estremecia. No instante seguinte, muita espuma nos arremessou contra as vigas e, avançando sobre nós da proa para a popa, varreu todo o convés de ponta a ponta.

A extrema fúria da rajada significou, em grande medida, a salvação do navio. Embora completamente submerso pela água, no entanto, quando seus mastros tinham voado pela borda, o barco saiu, depois de um minuto, do mar e, cambaleando por algum tempo sob a terrível pressão da tempestade, finalmente se endireitou.

Por qual milagre eu escapei da destruição, é impossível dizer. Atordoado pelo choque da água, eu me encontrei, após me recuperar, preso entre o poste e o leme. Com grande dificuldade, fiquei de pé e, olhando ao redor, ainda tonto, achei que tínhamos nos chocado contra os recifes, era absolutamente fantástico e inacreditável o redemoinho de montanhas de água e espuma em que estávamos. Depois de um tempo, ouvi a voz de um velho sueco, que havia embarcado conosco no momento em que saíamos do porto. Gritei com toda a minha força e ele veio cambaleando até a popa. Logo descobrimos que éramos os únicos sobreviventes do acidente. Todos no convés, com exceção de nós mesmos, tinham sido arrastados para o mar. O capitão e os companheiros deviam ter morrido enquanto dormiam, pois as cabines estavam cheias de água. Sem ajuda, poderíamos fazer pouco pelo navio, e nossos esforços foram inicialmente paralisados pela certeza de que iríamos afundar. Nosso cabo tinha, é claro, partido como barbante na primeira investida do furacão ou teríamos sido instantaneamente soterrados. Avançamos com velocidade assustadora pelo mar e a água saltava sobre nós. A estrutura da nossa popa foi totalmente destruída e, em quase todos os aspectos, tínhamos sofrido danos consideráveis, mas, para nossa extrema alegria, encontramos as bombas funcionando e não havia grandes mudanças em nosso lastro. A fúria principal da explosão já havia passado e sentimos pouco perigo vindo da violência do vento, mas esperávamos ansiosamente sua parada total com desânimo por acreditar que, na destruição em que estávamos, inevitavelmente morreríamos com a violenta onda que viria a seguir.

Mas essa justa apreensão não aconteceu de maneira nenhuma. Durante cinco dias e noites inteiros, durante os quais nossa única subsistência era uma pequena quantidade de jagra, obtido com grande dificuldade da proa, o barco voava a um ritmo que desafiava a compreensão, com rápidas e sucessivas rajadas do vento que, sem igualar a violência da Simum, ainda eram mais terríveis do que qualquer tempestade que já havia visto. Nosso curso nos primeiros quatro dias foi, com variações insignificantes, sul-sudeste e devemos ter corrido pela costa da Nova Holanda. No quinto dia, o frio tornou-se extremo, embora o vento viesse de um ponto mais para o norte. O sol surgiu com um brilho amarelo doentio e subiu poucos graus acima do horizonte, mas não emitia luz intensa. Não havia nuvens aparentes, mas o vento aumentava e soprava com uma fúria incerta e instável. Por volta do meio-dia, tanto quanto poderíamos imaginar, nossa atenção foi novamente atraída pela aparição do sol. Não emitia luz propriamente dita, mas um brilho fraco e sombrio, sem reflexo, como se todos os seus raios estivessem polarizados. Pouco antes de afundar no mar inchado, seu clarão central se apagou repentinamente, como se algum poder inexplicável acabasse de apagá-lo. E não passava de um aro desbotado quando afundou no oceano insondável.

Esperamos em vão pela chegada do sexto dia, um dia que para mim não chegou e para o sueco, não chegou jamais. Daí em diante, fomos envolvidos pela escuridão irregular, de modo que não poderíamos ver um objeto a vinte passos do navio. A noite eterna continuou a nos envolver, sem nem mesmo o alívio brilho do mar fosfórico ao qual tínhamos nos acostumado nos trópicos. Observamos também que, embora a tempestade continuasse a se enfurecer com violência inabalável, não havia mais como descobrir a aparência habitual de arrebentação, ou espuma, que até então nos havia atingido. Tudo ao nosso redor era horror, uma escuridão espessa e um deserto negro e escaldante de ébano. O terror supersticioso penetrou gradualmente no espírito do velho sueco e minha própria alma estava envolta em silencioso assombro. Negligenciamos todo cuidado com o navio, pois era pior que inútil, e nos protegendo da melhor forma possível no toco do mastro, olhávamos tristes para o imenso oceano. Não tínhamos meios de calcular o tempo, nem podíamos deduzir nossa posição. Estávamos, no entanto, bem conscientes de ter avançado mais para o sul do que qualquer navegador anterior e ficamos muito surpresos por não termos encontrado os impedimentos usuais do gelo. Nesse ínterim, todo momento ameaçava ser nosso último com ondas grandes

como montanhas precipitando-se para nos enterrar. As ondas superavam tudo que eu imaginava ser possível e é um milagre que não tivéssemos sido instantaneamente enterrados. Meu companheiro falou da leveza da nossa carga e me lembrou das excelentes qualidades do nosso navio, mas não pude deixar de sentir a inutilidade absoluta de sentir esperança e preparei-me melancolicamente para a morte que achei que nada poderia evitar e não demoraria mais de uma hora, pois, a cada nó que o navio avançava, as ondas daqueles horrendos mares se tornavam mais violentas. Às vezes lutávamos para respirar a uma altitude além da do albatroz, às vezes ficávamos tontos com a velocidade de nossa descida em algum inferno de águas, onde o ar ficava estagnado e nenhum som perturbava o sono do Kraken.¹⁷

Estávamos no fundo de um desses abismos, quando um grito rápido do meu companheiro cortou, angustiado, a noite.

– Veja! Veja! – gritou ele em meus ouvidos. – Deus Todo Poderoso! Veja! Veja! – Enquanto ele falava, tomei consciência de um clarão fraco e sombrio de luz vermelha que escorria pelos lados do vasto abismo onde estávamos e lançava um brilho incisivo sobre o convés. Levantando meus olhos, contemplei um espetáculo que congelou meu sangue. A uma altura fantástica, logo acima de nós e à beira da descida íngreme, pairava um navio gigantesco de, talvez, quatro mil toneladas. Embora erguida no alto de uma onda mais de cem vezes a sua própria altura, seu tamanho aparente ultrapassava o de qualquer navio de linha ou da Companhia das Índias Orientais. Seu enorme casco era de um negro profundo e sombrio, sem nenhum dos costumeiros adornos de um navio. Uma única fileira de canhões de bronze projetava-se de suas portas abertas e lançava de suas superfícies polidas o fogo de inumeráveis lanternas de batalha, que balançavam de um lado para outro em suas cordas. Mas o que mais nos inspirou horror e espanto foi que o navio se agitou sob a pressão das velas na fúria daquele mar sobrenatural e daquele furacão ingovernável. Quando descobrimos pela primeira vez o barco, só era possível ver seus arcos, que se levantavam lentamente do fosso sombrio e horrível atrás de si. Por um momento de intenso terror, ele parou no vertiginoso pináculo, como se contemplasse sua própria sublimidade, depois tremeu, cambaleou e desceu.

Neste instante, não sei que súbito autocontrole dominou meu espírito. Cambaleando para o mais longe que pude, esperei sem medo o desastre que estava a ponto de nos esmagar. Nosso próprio navio estava desistindo de lutar e mergulhava de cabeça para o mar. O

choque da massa que descia atingiu nosso barco, conseqüentemente, naquela parte de sua estrutura que já estava submersa, e o resultado inevitável foi me lançar, com violência irresistível, sobre o cordame do estranho navio.

Quando caí, o navio virou de bordo, girou e pela confusão que se seguiu atribuo que não tenha sido notado pela tripulação. Com pouca dificuldade, avancei sem ser percebido até a escotilha principal que estava parcialmente aberta e logo encontrei uma oportunidade de me esconder no porão. Por que fiz isso, mal posso explicar. Uma sensação indefinida de espanto, quando vi pela primeira vez os tripulantes do navio, tinha tomado conta do meu espírito, talvez tenha sido o que me levou a me ocultar. Não estava disposto a confiar em indivíduos que ofereciam, depois de uma olhada superficial que eu havia dado, tantos pontos de vaga novidade, dúvida e apreensão. Por isso, achei adequado encontrar um esconderijo no porão. Fiz isso removendo uma pequena parte de tábuas, de modo a me proporcionar um conveniente esconderijo entre as enormes vigas do navio.

Eu mal havia concluído meu trabalho quando uns passos no porão me obrigaram a fazer uso dele. Um homem passou pelo meu esconderijo com um andar fraco e instável. Não pude ver seu rosto, mas tive a oportunidade de observar sua aparência geral. Havia nele uma evidência de sua idade avançada e sua fraqueza. Seus joelhos tremiam sob a carga dos anos e todo o seu corpo estremecia ao tentar ficar de pé. Ele murmurava para si mesmo, em um tom baixo e quebrado, algumas palavras de um idioma que não pude entender, tateando em um canto entre uma pilha de instrumentos de aparência singular e velhas cartas de navegação. Seus modos eram uma mistura selvagem do mau humor da segunda infância e da solene dignidade de um Deus. Ele finalmente foi para o convés e não o vi mais.

Uma sensação, para a qual não tenho nome, tomou posse de minha alma, uma sensação que não admitirá nenhuma análise, para a qual as lições dos tempos passados são inadequadas e pela qual temo que o próprio futuro não vai me oferecer nenhuma chave. Para uma mente constituída como a minha, a última consideração é uma desgraça. Eu nunca, sei que nunca, irei ficar satisfeito com a natureza das minhas concepções. No entanto, não é maravilhoso que essas concepções sejam indefinidas, já que têm origem em fontes completamente novas. Um novo sentido, uma nova entidade foi incorporada à minha alma.

Já faz muito tempo que pisei no convés desse navio terrível e os raios do meu destino estão, acho, se juntando em um foco. Homens incompreensíveis! Envolvidos em meditações de um tipo que não posso adivinhar, passam por mim sem me notar. Esconder-me é uma loucura total da minha parte, pois essas pessoas não me veem. Agora mesmo passei diretamente diante dos olhos do imediato, não faz muito tempo que me aventurei na cabine particular do capitão e tirei daí os materiais com que escrevo isso e o anterior. De vez em quando continuarei este diário. É verdade que posso não encontrar uma oportunidade de transmiti-lo ao mundo, mas não vou deixar de tentar. No último momento, incluirei o manuscrito em uma garrafa, e vou jogá-lo no mar.

Ocorreu um incidente que me deu novos motivos para meditação. Essas coisas são a operação do acaso desgovernado? Eu tinha me aventurado no convés e me jogado para baixo, sem atrair nenhuma atenção, entre uma pilha de cordas e velhas velas no fundo de um bote. Enquanto meditava sobre a singularidade do meu destino, distraidamente ia pintando com um pincel cheio de alcatrão as pontas de uma vela cuidadosamente dobrada que estava perto de mim em um barril. A vela está agora pendurada no alto do navio, e os toques impensados do pincel estão espalhados formando a palavra DESCOBERTA.

Fiz muitas observações ultimamente sobre a estrutura do navio. Embora bem armado, não é, penso eu, um barco de guerra. Suas cordas, construção e equipamento geral, tudo negava uma suposição desse tipo. O que ele não é posso facilmente perceber, mas é impossível dizer o que ele é. Não sei como isso acontece, mas ao examinar seu modelo estranho e a incomum disposição do mastro, seu enorme tamanho e suas enormes velas, seu arco severamente simples e sua antiquada popa, passou ocasionalmente pela minha mente uma sensação de coisas familiares, e sempre se mistura uma sombra indistinta de recordação, uma lembrança inexplicável de velhas crônicas e épocas estrangeiras de muito tempo atrás.

Estive olhando para as madeiras do navio. Está feito com um material que não conheço. Há um caráter peculiar sobre a madeira que me parece não combinar com o propósito ao qual foi destinada. Refiro-me à sua extrema porosidade, considerada independentemente da condição criada pelos vermes que é uma consequência da navegação nestes mares e tirando a podridão que acompanha a idade. Vai parecer talvez uma observação um pouco curiosa demais, mas essa

madeira teria todas as características do carvalho espanhol, se o carvalho espanhol fosse dilatado por qualquer meio não natural.

Ao ler a sentença acima, lembrei de um curioso dito de um velho navegador holandês castigado pelo tempo: “É tão seguro”, ele costumava dizer, quando havia alguma dúvida sobre sua veracidade, “tão seguro quanto a existência de um mar onde os navios crescem como o corpo vivo do marinheiro.”

Cerca de uma hora atrás, me atrevi a passar entre um grupo da tripulação. Eles não prestaram nenhuma atenção em mim e, embora eu estivesse no meio de todos eles, pareciam totalmente inconscientes da minha presença. Como o que eu tinha visto no porão, todos exibiam as marcas de uma avançada idade. Seus joelhos tremiam de enfermidade, seus ombros estavam dobrados com decrepitude, suas peles enrugadas sacudiam ao vento, suas vozes eram baixas, trêmulas e quebradas, seus olhos brilhavam com reuma dos anos e seus cabelos grisalhos escorriam terrivelmente na tempestade. Ao redor deles, em todas as partes do convés, estavam espalhados instrumentos matemáticos da construção mais antiquada e obsoleta.

Mencionei há pouco um mastro quebrado. A partir desse momento o navio, mesmo arrebatado pelo vento, continuou seu curso fantástico para o sul, com todos os farrapos abertos do alto do mastro até as mais baixas e afundando a todo momento a ponta de seu elegante joanete no inferno de água mais terrível que um homem pode imaginar. Acabo de deixar o convés, onde acho impossível manter o equilíbrio, embora a tripulação pareça não ter problema com isso. Parece um milagre que a nossa enorme massa não seja engolida de uma vez e para sempre. Estamos certamente condenados a flutuar no limiar da Eternidade, sem dar um mergulho final no abismo. Cruzamos milhares de vezes as ondas mais estupendas que já vi, nos afastamos com a facilidade da gaivota e as águas colossais erguem suas cabeças acima de nós como demônios das profundezas, mas como demônios confinados a simples ameaças e proibidos de nos destruir. Sou levado a atribuir essas fugas frequentes à única causa natural que poderia explicar esse efeito. Devo supor que o navio esteja sob a influência de alguma corrente forte ou impetuosa.

Vi o capitão cara a cara e em sua própria cabine, mas, como eu esperava, ele não prestou nenhuma atenção em mim. Embora em sua aparência não tenha, para um observador casual, nada que indique que é diferente de qualquer homem, há uma sensação de reverência e espanto irreprimíveis misturados com a

sensação de admiração com que olhava para ele. Em estatura, tem quase a minha altura, isto é, cerca de um metro e setenta. Possui um corpo bem-feito e compacto, nem robusto nem destacado em nada. Mas é a singularidade da expressão que reina sobre sua face, é a intensa, a maravilhosa, a estremeceadora evidência da velhice, tão absoluta, tão extrema, que excita em meu espírito uma sensação, um sentimento inexprimível. Sua testa, embora pouco enrugada, parece carregar a marca de muitos anos. Seus cabelos grisalhos são registros do passado e seus olhos mais acinzentados são sibilas do futuro. O chão da cabine estava cheio de estranhas pastas encadernadas com dobradiças de ferro e instrumentos estragados de ciência, além de mapas esquecidos, há muito obsoletos. Sua cabeça estava curvada sobre as mãos, e ele se debruçava, com um olhar impetuoso e inquieto, sobre um papel que assumi ser uma missão e que, em todo caso, tinha a assinatura de um monarca. Ele murmurou para si mesmo, assim como o primeiro marinheiro que vi no porão, algumas palavras confusas e irritadas em uma língua estrangeira e, embora o orador estivesse perto de meu cotovelo, sua voz parecia alcançar meus ouvidos à distância de um quilômetro e meio.

O navio e tudo nele estavam imbuídos de um espírito velho. A tripulação desliza para lá e para cá como os fantasmas há séculos enterrados, seus olhos têm um significado ansioso e desconfortável e quando seus dedos brilham sob o resplendor estranho das lanternas de batalha, sinto como nunca antes senti, embora durante toda minha vida tenham me interessado as antiguidades e absorvi as sombras das colunas caídas em Balbeque, Tadmor e Persépolis, até que minha própria alma se tornou uma ruína.

Quando olho em volta, sinto vergonha das minhas antigas apreensões. Se eu estremeci com a tempestade que até agora nos acompanhou, como não ficar horrorizado com o confronto entre o vento e o oceano, que as palavras tornado e simum transmitem apenas uma ideia limitada e imprecisa? Tudo na vizinhança imediata do navio é a escuridão da noite eterna e um caos de água sem espuma, mas a uma légua de cada lado podemos ver, indistintamente e com intervalos, estupendas muralhas de gelo, elevando-se no céu desolado e parecendo as paredes do universo.

Como eu imaginava, o navio prova estar em uma corrente se essa denominação pode propriamente ser dada a uma maré que, uivando e guinchando entre o gelo branco, avança para o sul com uma velocidade que parece a vertiginosa queda de uma catarata.

Imaginar o horror de minhas sensações é, presumo, totalmente impossível, contudo a curiosidade de penetrar nos mistérios dessas regiões terríveis predomina até mesmo sobre o meu desespero e me reconciliará com o aspecto mais hediondo da morte. É evidente que estamos indo em direção a algum conhecimento emocionante, um segredo que jamais será comunicado e cuja conquista significa destruição. Talvez essa corrente nos leve ao próprio polo sul. Devo confessar que uma suposição aparentemente tão ousada tem todas as probabilidades de ser verdade.

A tripulação caminha no convés com um passo inquieto e trêmulo, mas há em seus semblantes uma expressão mais da ansiedade da esperança do que da apatia do desespero.

Enquanto isso, o vento ainda está em nossa popa e, como estamos com todas as velas abertas, o navio às vezes é levantado do mar. Ah, horror dos horrores! O gelo se abre repentinamente à direita e à esquerda, e estamos rodopiando vertiginosamente, em imensos círculos concêntricos, rodeando as bordas de um gigantesco anfiteatro, cujo alto das paredes se perde na escuridão e na distância. Mas pouco tempo me resta para refletir sobre meu destino, os círculos se reduzem rapidamente, mergulhamos no redemoinho e em meio a um estrondoso, berrante e trovejante oceano e tempestade, o navio está balançando. Oh, Deus! E está afundando.

NOTA: O “Manuscrito Encontrado em uma Garrafa”, foi originalmente publicado em 1831, e só muitos anos depois conheci os mapas de Mercator, nos quais o oceano é representado como se corresse, por quatro bocas, para o Golfo Polar (Norte) para ser absorvido nas entranhas da Terra. O próprio Polo sendo representado por uma rocha negra, elevando-se a uma altura prodigiosa.

. Aquele a quem não resta senão um momento de vida. Nada mais tem a esconder.

. Açúcar escuro, não refinado.

. Espécie de manteiga usada na culinária indiana.

. Vento muito quente que sopra do centro da África em direção ao norte. (N.T.)

. No folclore nórdico, era uma lula gigante que destruía navios. (N.T.)



O BARRIL DE AMONTILLADO

Eu tinha suportado as mil injustiças de Fortunato da melhor maneira possível, mas quando ele se aventurou no insulto, prometi vingança. Quem conhece a natureza da minha alma, não vai supor, no entanto, que proferi uma ameaça. *De alguma forma*, eu seria vingado, isso era um ponto definitivamente resolvido. Mas a decisão devia evitar a ideia de risco. Não devo apenas punir, mas punir com impunidade. Um erro não é retificado quando a retribuição atinge também o reparador. Nem é retificado, da mesma forma, se o vingador não mostra para quem o ofendeu que aquilo é uma vingança.

Deve ser entendido que nem por palavra nem por ação dei a Fortunato motivo para duvidar da minha boa vontade. Continuei, como era meu costume, a sorrir e ele não percebeu que meu sorriso *agora* estava pensando em sua imolação.

Ele tinha um ponto fraco, esse Fortunato, embora em outros aspectos fosse um homem a ser respeitado e até mesmo temido. Orgulhava-se de seu conhecimento de vinho. Poucos italianos têm o verdadeiro espírito virtuoso. Em sua maior parte, o entusiasmo é adotado para se adequar ao tempo e às oportunidades, para enganar os milionários britânicos e austríacos. Com quadros e pedras preciosas, Fortunato, assim como seus contrerrâneos, era um charlatão, mas, em relação aos vinhos antigos, ele era sincero. A esse respeito não diferi dele materialmente: eu era hábil nas safras italianas e comprava em grande quantidade sempre que podia.

Foi por volta do anoitecer, uma tarde, durante a loucura suprema

do carnaval, que encontrei meu amigo. Ele me abordou com simpatia excessiva, pois tinha bebido muito. O homem estava vestido de bufão. Tinha colocado uma vestimenta apertada e listrada, e na cabeça havia um gorro cônico com guizos. Fiquei tão feliz em vê-lo que achei que nunca iria parar de apertar sua mão.

Disse a ele:

– Meu querido Fortunato, que bom encontrá-lo. Como você está bem hoje! Recebi um barril que dizem ser Amontillado e tenho minhas dúvidas.

– Como? – disse ele. – Amontillado? Um barril? Impossível!

E no meio do carnaval!

– Tenho minhas dúvidas – respondi. – E fui ingênuo o suficiente de pagar o preço total do Amontillado sem consultá-lo no assunto. Não o encontrava e estava com medo de perder uma barganha.

– Amontillado!

– Tenho minhas dúvidas.

– Amontillado!

– E quero eliminá-las.

– Amontillado!

– Como você está ocupado, estou indo me encontrar com Luchesi. Se alguém pode dar uma opinião crítica, é ele. Poderá me dizer...

– Luchesi não consegue distinguir um Amontillado de um xerez.

– E ainda alguns tolos dizem que o gosto dele é equivalente ao seu.

– Então, vamos.

– Para onde?

– Para sua adega.

– Meu amigo, não. Não quero me aproveitar da sua boa vontade. Percebo que está ocupado. Luchesi...

– Não tenho nenhum compromisso. Venha.

– Meu amigo, não. Não é só o compromisso, mas a tosse severa que percebo que você tem. As adegas são insuportavelmente úmidas. Estão incrustadas com salitre.

– Vamos mesmo assim. A tosse não é nada. Amontillado! Você deve ter sido enganado. Quanto a Luchesi, ele não consegue distinguir um xerez de um Amontillado.

Assim falando, Fortunato tomou meu braço. Coloquei uma máscara de seda preta e usando uma *roquelaire*¹⁸ sobre os ombros, permiti que

me conduzisse apressado para meu *palazzo*.

Não havia criados em casa, tinham escapado para se divertir no carnaval. Eu havia dito que não deveria voltar até a manhã seguinte e havia dado ordens explícitas para não saírem da casa. Essas ordens eram suficientes, eu bem sabia, para assegurar o desaparecimento imediato de todos assim que virasse as costas.

Tirei de seus castiçais duas velas e, dando uma para Fortunato, fiz com que passasse por vários aposentos até o arco que levava à adega. Desci por uma longa e sinuosa escadaria, pedindo que fosse cauteloso ao me seguir. Chegamos finalmente ao fim da escada e paramos juntos no chão úmido das catacumbas dos Montresor.

O andar do meu amigo era instável e os guizos em seu boné tilintavam quando caminhava.

– O barril – disse ele.

– Está mais adiante – respondi –, mas observe as teias brancas que brilham nessas paredes da caverna.

Ele se virou para mim e olhou nos meus olhos com dois olhos translúcidos que destilavam sua embriaguez.

– Salitre? – perguntou, finalmente.

– Salitre – respondi. – Há quanto tempo está com essa tosse?

– Cof! Cof! Cof! Cof! Cof! Cof!...

O violento acesso de tosse não permitiu que meu pobre amigo conseguisse responder por muitos minutos.

– Não é nada – finalmente falou.

– Venha – eu disse, com decisão –, vamos voltar. Sua saúde é preciosa. Você é rico, respeitado, admirado, amado; está feliz, como eu já fui. Devem sentir sua falta. Isso não tem importância. Vamos voltar; você vai ficar doente e não posso ser responsável. Além disso, está o Luchesi...

– Chega – disse ele. – A tosse não é nada; isso não vai me matar. Não vou morrer de tosse.

– Verdade, verdade – respondi. – E, de fato, não era minha intenção alarmá-lo desnecessariamente, mas você deveria tomar todo o cuidado. Um trago deste Medoc nos defenderá da umidade.

Abri uma garrafa que tirei de uma longa fila de seus companheiros que jaziam no chão.

– Beba – falei, entregando-lhe o vinho.

Ele o levou aos lábios com um olhar malicioso. Fez uma pausa e acenou para mim com familiaridade, enquanto seus guizos tilintavam.

- Bebo – disse ele – pelos enterrados que repousam ao nosso redor.
- E eu à sua longa vida.
- Ele novamente pegou meu braço e prosseguimos.
- Essas criptas – disse ele – são extensas.
- Os Montresor – respondi – eram uma grande e numerosa

família.

- Esqueci quais eram suas armas.
- Um enorme pé humano de ouro num campo azul; o pé esmaga uma serpente levantada cujas presas estão incrustadas no calcanhar.
- E o lema?
- *Nemo me impune lacessit*.¹⁹
- Muito bom! – ele disse.

O vinho brilhava em seus olhos e os guizos tilintaram. Minha própria fantasia tinha sido estimulada pelo Medoc. Tínhamos passado pelas paredes de ossos empilhados, com barris e tonéis misturados, nos recônditos mais íntimos das catacumbas. Parei de novo e, dessa vez, tomei coragem de agarrar Fortunato por um braço acima do cotovelo.

– O salitre! – falei. – Veja, está aumentando. Está pendurado como musgo sobre a cripta. Estamos debaixo do leito do rio. As gotas de umidade escorrem entre os ossos. Venha, vamos voltar antes que seja tarde demais. Sua tosse...

– Não é nada – falou. – Vamos continuar. Mas primeiro, outro trago do Medoc.

Abri e servi a ele uma garrafa de De Grâve. Ele esvaziou de uma vez. Seus olhos brilharam com uma luz intensa. Riu e jogou a garrafa para cima com um gesto que não entendi.

Olhei para ele com surpresa. Ele repetiu o movimento um tanto quanto grotesco.

- Você não compreende? – perguntou.
- Não – respondi.
- Então você não é da irmandade.
- Como?
- Você não é maçom.
- Sim, sim – disse –, sou, sim.
- Você? Impossível! Um maçom?
- Um maçom – respondi.
- Um sinal – disse ele.
- É esse – respondi, tirando uma espátula debaixo das dobras da minha *roquelaire*.

– Está brincando – ele exclamou, recuando alguns passos.
– Mas vamos prosseguir para o Amontillado.

– Que seja – falei, guardando a ferramenta sob o manto e novamente oferecendo-lhe o meu braço. Ele se apoiou pesadamente. Continuamos nossa rota em busca do Amontillado. Passamos por uma série de arcos baixos, descemos, seguimos em frente e descemos novamente, chegamos a uma cripta profunda, na qual a impureza do ar fazia nossas tochas brilharem cada vez mais fracas.

Na extremidade mais remota da cripta havia outra menos espaçosa. Suas paredes estavam forradas de restos humanos, amontoados até o teto, à moda das grandes catacumbas de Paris. Três lados dessa cripta interior ainda estavam ornamentados dessa maneira. Na quarta, os ossos tinham caído e jaziam dispersos pelo chão, formando em um ponto um monte de certo tamanho. Dentro da parede assim exposta pelo deslocamento dos ossos, percebemos um recesso ainda mais profundo, com profundidade de cerca de um metro e meio, de largura um metro, de altura uns dois. Parecia ter sido construído para nenhum uso especial, formando apenas o intervalo entre dois dos colossais suportes do teto das catacumbas e terminava em uma de suas paredes de granito sólido.

Foi em vão que Fortunato, erguendo sua fraca tocha, tentou espiar as profundezas do recesso. A luz fraca não nos permitia ver seu final.

– Prossiga – eu disse. – Aqui está o Amontillado. Quanto a Luchesi...

– Ele é um ignorante – interrompeu meu amigo, andando inseguro para a frente, enquanto eu o seguia imediatamente em seus calcanhares. Em um instante ele tinha chegado à extremidade do nicho e, encontrando seu progresso impedido pela rocha, ficou estupidamente confuso. Em apenas um momento eu o havia acorrentado ao granito. Em sua superfície havia dois grampos de ferro, distantes um do outro cerca de 60 centímetros, na horizontal. Em um deles estava pendurada uma corrente curta, do outro um cadeado. Passar a corrente sobre sua cintura foi apenas o trabalho de alguns segundos. Ele estava muito surpreso para resistir. Retirando a chave, recuei do recesso.

– Passe sua mão – falei – pela parede. Você não pode deixar de sentir o salitre. Na verdade, é *muito* úmido. Mais uma vez, deixe-me *implorar* para você voltar. Não? Então devo deixá-lo. Mas primeiro devo prestar todas as pequenas atenções que posso.

– O Amontillado! – gritou meu amigo, ainda não recuperado de seu

espanto.

– É verdade – respondi –, o Amontillado.

Enquanto dizia essas palavras, fui até a pilha de ossos que citei antes. Colocando-os de lado, logo apareceram algumas pedras de construção e argamassa. Com esses materiais e com a ajuda da minha espátula, comecei a fechar a entrada do nicho.

Mal havia colocado a primeira fileira de tijolos quando descobri que a intoxicação de Fortunato havia em boa parte passado. A primeira indicação que tive foi um gemido baixo vindo do fundo do nicho. Não era o grito de um homem embriagado. Houve então um longo e obstinado silêncio. Eu coloquei a segunda fileira e a terceira e a quarta, então ouvi as vibrações furiosas da corrente. O barulho durou vários minutos, durante os quais, para que eu pudesse ouvi-lo com mais satisfação, parei de trabalhar e sentei-me sobre os ossos. Quando por fim o tilintar diminuiu, retomei a espátula e terminei sem interrupção a quinta, a sexta e a sétima fileira. A parede estava agora quase no mesmo nível do meu peito. Parei de novo e, segurando a tocha sobre a obra de alvenaria, lancei alguns raios débeis sobre a figura lá dentro.

Uma sucessão de gritos altos e estridentes, saindo repentinamente da garganta da forma encadeada, me fizeram retroceder violentamente. Por um breve momento, hesitei, tremi. Desembainhando meu sabre, comecei a tatear sobre o recesso, mas um pensamento me tranquilizou. Coloquei minha mão no tecido sólido das catacumbas e fiquei satisfeito. Reaproximei-me da parede. Respondi aos gritos dele. Repeti como um eco, superei-os em volume e força. Fiz isso e aos poucos ele foi ficando quieto.

Já era meia-noite e minha tarefa estava chegando ao fim. Tinha completado a oitava, a nona e a décima fileira. Terminei uma parte da décima-primeira e última; só faltava uma única pedra a ser encaixada e cimentada. Lutei com seu peso, coloquei-a parcialmente em sua posição destinada. Mas agora veio do nicho uma risada baixa que arrepiou os pelos da minha nuca. Foi sucedida por uma voz triste, que tive dificuldade em reconhecer como a do nobre Fortunato. A voz dizia:

– Ha! Ha! Ha! He! He! Uma piada muito boa, de fato. Uma excelente brincadeira. Vamos rir muito com ela no *palazzo*. He! He! He! Enquanto bebemos um vinho. He! He! He!

– O Amontillado! – falei.

– He! He! He! He! He! He! Sim, o Amontillado. Mas não está

ficando tarde? Não estarão nos esperando no *palazzo*, minha esposa e o resto? Vamos embora.

– Sim – eu disse –, vamos embora.

– *Pelo amor de Deus, Montressor!*

– Sim – falei. – Pelo amor de Deus!

Mas a essas palavras não ouvi nenhuma resposta. Fiquei impaciente. Chamei em voz alta:

– Fortunato!

Nenhuma resposta. Chamei de novo:

– Fortunato!

Continuei sem resposta. Enfiei uma tocha pela abertura que havia e deixei que caísse dentro. Em resposta apenas um tilintar dos guizos. Senti uma náusea por causa da umidade das catacumbas. Apressei-me para terminar meu trabalho. Forcei a última pedra em sua posição e cimentei tudo. Contra a nova alvenaria, reergui a antiga muralha de ossos. Por meio século, nenhum mortal os perturbou. *In pace requiescat!*

. Tipo de capa. (N.T.)

. Ninguém me fere impunemente.



O RETRATO OVAL

O castelo no qual meu criado tinha se aventurado a fazer uma entrada forçada, em vez de permitir que eu, gravemente ferido como estava, passasse uma noite ao relento, era uma daquelas construções que misturam a melancolia e grandeza que há tanto tempo se levantavam nos Apeninos, tanto na realidade quanto na imaginação da senhora Radcliffe. Até onde sabíamos, tinha sido recente e temporariamente abandonado. Nós nos estabelecemos em um dos quartos menores e menos suntuosamente mobiliados. Ficava em uma torre remota do castelo. Sua decoração era rica, mas estava esfarrapada e envelhecida. Suas paredes estavam decoradas com tapeçaria e enfeitadas com múltiplos e variados troféus heráldicos, juntamente com um número insolitamente grande de pinturas modernas muito espirituosas em molduras de rico arabesco dourado. Meu delírio incipiente fazia com que eu me interessasse muito por aqueles quadros, espalhados por todas as paredes, além dos muitos recantos que a arquitetura bizarra do castelo criava, de modo que pedi a Pedro que fechasse as pesadas venezianas do quarto, já era noite, para acender

as velas de um candelabro alto junto à cabeceira da minha cama e abrisse bem as cortinas de veludo preto com franjas que cercavam a cama. Queria tudo isso para poder me resignar, se não conseguisse dormir, pelo menos a contemplar aqueles quadros, e à leitura de um pequeno volume que havia encontrado sobre o travesseiro e que pretendia analisá-los e descrevê-los.

Por muito tempo li o livro e devotadamente olhei para eles. Rápida e gloriosamente as horas voaram e chegou a meia-noite profunda. A

posição do candelabro me desagradava e, esticando com dificuldade minha mão, em vez de perturbar meu criado adormecido, coloquei-o de modo a lançar sua luz sobre o livro.

Mas a ação produziu um efeito totalmente imprevisto. Os raios de luz das numerosas velas (pois eram muitas) agora iluminaram um nicho do aposento que até então estivera mergulhado na sombra profunda por uma das colunas da cama. Vi assim, com uma luz intensa, um quadro que não tinha notado antes. Era o retrato de uma jovem que começava a amadurecer para a vida adulta. Olhei para a pintura apressadamente e então fechei meus olhos. Por que fiz isso eu mesmo não entendi no começo. Mas, enquanto minhas pálpebras permaneceram assim fechadas, repassei em minha mente a razão de tê-las fechado. Foi um movimento impulsivo para ganhar tempo e pensar. Ter certeza de que minha visão não tinha me enganado, acalmar-me, subjugar minha fantasia e permitir um olhar mais sóbrio e seguro. Em poucos instantes, olhei de novo fixamente para a pintura.

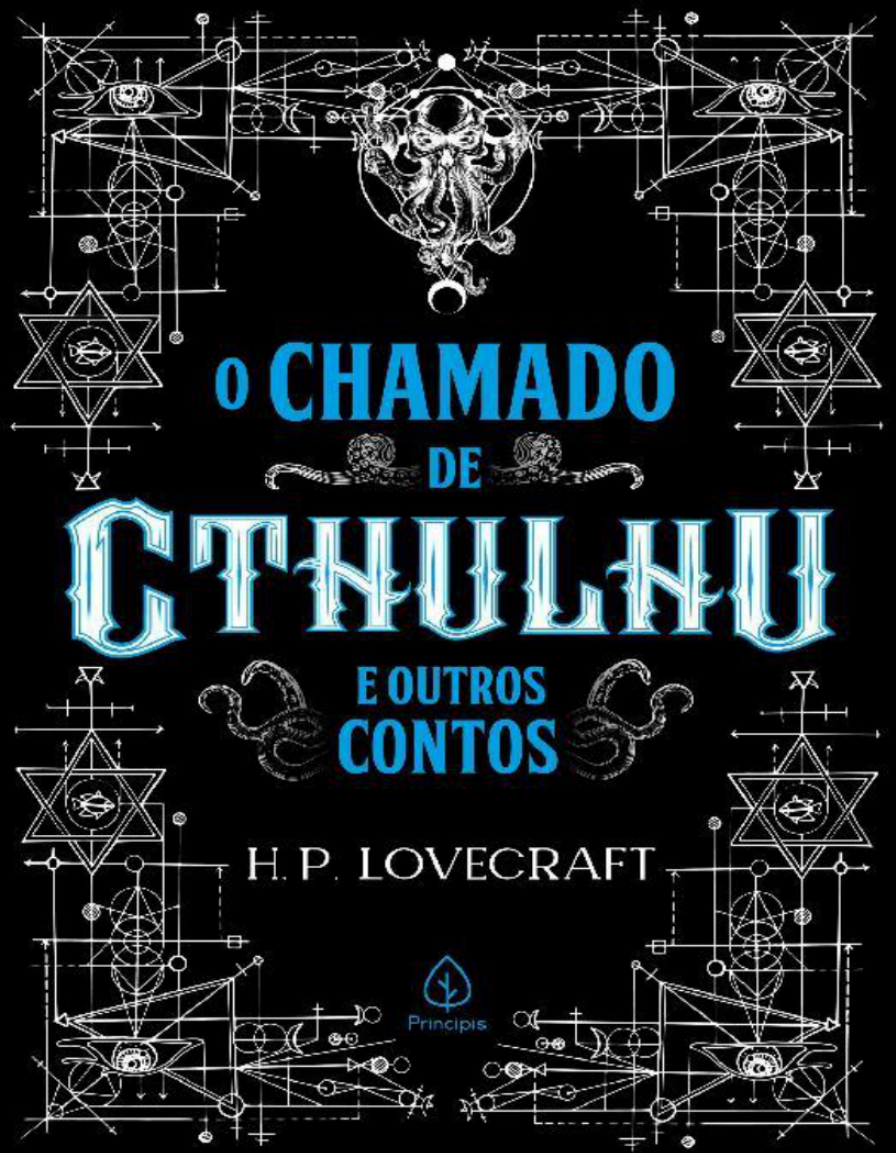
Que eu agora via com nitidez não podia e não iria duvidar pois o primeiro lampejo das velas naquela tela pareceu dissipar o estupor sonolento que estava roubando meus sentidos e me devolveu imediatamente à vigília.

O retrato, já contei, era de uma jovem garota. Era somente a cabeça e os ombros, feito no que é tecnicamente denominado uma vinheta, muito no estilo dos bustos favoritos de Sully. Os braços, o seio e até as pontas dos cabelos radiantes se fundiam imperceptivelmente na vaga, mas profunda, sombra que formava o fundo do retrato. A moldura era oval, ricamente dourada e filigranada em estilo *Mouresque*. Em termos de arte, nada poderia ser mais admirável do que o quadro em si. Mas não poderia ter sido nem a execução do trabalho nem a beleza imortal do semblante, que tão súbito e tão veementemente havia me tocado. Menos do que tudo, poderia ter sido que minha fantasia, abalada pela meia sonolência, tivesse confundido a cabeça com a de uma pessoa viva. Vi de imediato que as peculiaridades do desenho, da vinheta e da moldura devem ter dissipado instantaneamente tal ideia, devem ter impedido até mesmo sua confusão momentânea. Pensando seriamente nesses pontos, permaneci por uma hora talvez, meio sentado, meio reclinado, com a visão voltada para o retrato. Por fim, satisfeito com o verdadeiro segredo do efeito, me enfiei novamente dentro da cama. O feitiço do quadro era sua absoluta aparência de vida que, a princípio, tinha me surpreendido, finalmente confundido, subjugado e terminou me aterrorizando. Com profundo e reverente respeito coloquei o

candelabro em sua posição anterior. Com a causa da minha profunda agitação tendo sido, assim, afastada de minha visão, busquei avidamente o volume que discutia as pinturas e suas histórias. Voltando ao número que designava o retrato oval, li as palavras vagas e pitorescas que se seguem:

“Era uma donzela da mais rara beleza, e tão amável quanto cheia de alegria. E terrível foi a hora em que ela viu, amou e se casou com o pintor. Ele, apaixonado, estudioso, austero e já tendo uma noiva em sua Arte. Ela, uma donzela da mais rara beleza e tanto amável quanto cheia de alegria; toda luz e sorrisos, e brincalhona como um jovem gamo. Amando e cuidando de todas as coisas, odiando apenas a Arte que era sua rival, temendo apenas a paleta, os pincéis e outros instrumentos desagradáveis que a privavam do rosto de seu amante. Portanto, foi uma coisa terrível para essa dama ouvir o pintor falar de seu desejo de retratar sua jovem esposa. Mas ela era humilde e obediente, e sentou-se mansamente por muitas semanas no escuro e alto aposento da torre, onde a luz pingava pelo teto apenas sobre a tela pálida. Mas ele, o pintor, se orgulhava de seu trabalho, que se prolongava por horas e durante muitos dias. Era um homem apaixonado, violento e mal-humorado, que se perdia em devaneios; de modo que não queria ver que a luz que iluminava tão mal aquela torre solitária murchava a saúde e a vivacidade de sua esposa, que definhava, algo visível para todos, menos para ele. No entanto, ela continuava a sorrir, sem reclamar, porque via que o pintor (que tinha grande renome) sentia um ardente e fervoroso prazer em sua tarefa e trabalhava dia e noite para pintar a mulher que amava, mas que ia ficando cada dia mais desanimada e fraca. E na verdade alguns que viram o retrato falaram de sua semelhança em voz baixa, como de uma poderosa maravilha, e uma prova não menos do talento do pintor do que de seu profundo amor por ela, que retratava de maneira tão extraordinária. Mas por fim, à medida que o trabalho se aproximava de sua conclusão, não admitia mais ninguém na torre pois o pintor havia ficado louco com o ardor de seu trabalho e desviava os olhos da tela apenas para contemplar o rosto de sua esposa. E ele não queria ver que as cores que espalhava sobre a tela eram tiradas das bochechas da mulher que se sentava ao seu lado. E depois de muitas semanas, mas faltando pouco a fazer, exceto algumas pinceladas na boca e uma coloração no olho, o espírito da dama oscilava, vacilante como a chama no interior da lâmpada. E então a pincelada foi dada, a coloração foi colocada e por um momento, o pintor ficou em êxtase

diante do trabalho que havia feito. Um tempo depois, ainda olhando para ele, tremeu, muito pálido e horrorizado, gritou em voz alta: “Esta é realmente a própria Vida!” E de repente, virou-se para olhar sua amada: ela estava morta!



o CHAMADO

DE

CTHULHU

E OUTROS
CONTOS

H. P. LOVECRAFT



Principis



O CHAMADO
DE
CTHULHU
E OUTROS
CONTOS

HP. LOVECRAFT

TRADUÇÃO: DANIELLE SALES



Principis

Texto

H. P. Lovecraft

Tradução

Danielle Sales

Preparação:

Lindsay Viola

Revisão

Beluga Editorial

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook:

Jarbas C. Cerino

Imagens

IADA/Shutterstock.com;

Vera Petruk/Shutterstock.com;

Sergj/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L897c Lovecraft, H. P., 1890-1937

O chamado de Cthulhu e outros contos [recurso eletrônico] / H. P. Lovecraft ; traduzido por Danielle Sales. - Jandira, SP : Principis, 2020.

240 p. ; ePub ; 4,5 MB. – (Literatura Clássica Mundial)
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-051-4 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Contos. I. Sales, Danielle. II. Título. III. Série.
2020-1153

CDD 823.91
CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

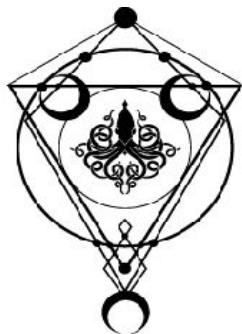
1. Literatura inglesa : Contos 823.91
2. Literatura inglesa : Contos 821.111-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



O CHAMADO DE CTHULHU

(Encontrado entre os papéis do falecido Francis Wayland Thurston, de Boston)

“No que tange a tais grandes poderes ou seres, pode-se conceber uma sobrevivência... Uma sobrevivência de um período extremamente remoto, quando a consciência talvez se manifestasse por meio de formas e linhas há muito desaparecidas, antes da maré crescente da humanidade... Formas das quais somente a poesia e a lenda guardam uma lembrança fugaz, chamei-as de deuses, monstros, seres míticos de todos os tipos e espécies...” – Algernon Blackwood

I.

O horror no barro

A coisa mais misericordiosa do mundo, penso eu, é a incapacidade da mente humana de correlacionar todo o seu conteúdo. Vivemos em uma ilha plácida de ignorância no meio dos mares negros do infinito, e isso não significa que devemos ir muito longe. As ciências, cada uma esforçando-se em sua própria direção, até agora nos prejudicaram pouco, mas algum dia a junção de todo esse conhecimento fragmentado levará a visões aterrorizantes da realidade e de nossa assustadora posição, quando enlouqueceremos diante da revelação ou

fugiremos da luz mortífera para a paz e a segurança de uma nova era das trevas.

Os teosofistas presumiram a espantosa grandeza do ciclo cósmico, em que nosso mundo e nossa raça humana formam nada mais que incidentes efêmeros. Eles sugeriram estranhos sobreviventes em termos que fariam nosso sangue congelar se não fossem mascarados por um otimismo insípido. Mas eles não foram responsáveis pelo único vislumbre de éons proibidos que me arrepiam quando penso no assunto e me enlouquecem em sonhos. Esse vislumbre, como todos os vislumbres assustadores da verdade, brotou de uma junção acidental de coisas separadas; nesse caso, um velho artigo de jornal e as anotações de um professor já falecido. Espero que ninguém mais o faça. Certamente, se eu viver, nunca fornecerei um elo sequer para uma corrente tão horrenda. Acredito que o professor também pretendia manter silêncio sobre o que sabia, e teria destruído suas anotações se a morte não tivesse se apoderado dele subitamente.

Meu conhecimento sobre o tema começou no inverno de 1926-27, com a morte do meu tio-avô George Gammell Angell, professor emérito de Línguas Semíticas da Universidade Brown, em Providence, Rhode Island. O professor Angell era amplamente conhecido como uma autoridade em inscrições antigas e frequentemente tinha seus serviços utilizados por chefes de importantes museus, de modo que seu falecimento, aos 92 anos de idade, é lembrado por muitas pessoas. Localmente, o interesse foi intensificado pela obscuridade da causa de sua morte. O professor caiu enquanto voltava de barco de Newport. Tombou repentinamente, conforme testemunhas disseram, depois de esbarrar fortemente em um homem negro de aparência de marinheiro que

tinha vindo de um dos estranhos pátios escuros na encosta íngreme que servia de atalho entre a orla e a casa do falecido, na rua Williams. Os médicos foram incapazes de encontrar qualquer problema aparente, mas concluíram, depois de debaterem a causa, que alguma lesão cardíaca obscura, induzida pela rápida escalada de uma colina tão íngreme por um homem tão idoso, foi responsável por seu fim. Na época, não vi razão para discordar desse consenso, mas ultimamente estou inclinado a imaginar – e mais do que imaginar.

Como herdeiro e testamenteiro de meu tio-avô, que morrera sem deixar esposa nem filhos, esperava-se que eu examinasse seus documentos com alguma seriedade, e foi com esse propósito que enviei todo o seu conjunto de arquivos e caixas para os meus aposentos em Boston. Uma grande parte do material que correlacionei

será publicado mais tardiamente pela American Archaeological Society, mas havia uma caixa extremamente intrigante, e me senti muito avesso a que outros olhos a vissem. Ela estava trancada e eu não encontrava a chave, até que me ocorreu examinar o chaveiro que o professor carregava sempre no bolso. Então, na verdade, consegui abri-la, mas, quando o fiz, tive de transpor uma barreira ainda maior e mais difícil. Qual seria o significado

do estranho baixo-relevo em argila e das anotações, das divagações e dos recortes desconexos que encontrei? Será que meu tio-avô, em seus últimos anos, tornou-se crédulo das imposturas mais superficiais? Resolvi procurar o excêntrico escultor responsável por essa aparente perturbação da paz de espírito de um idoso.

O baixo-relevo era um retângulo áspero com menos de 2,5 centímetros de espessura e cerca de 12,7 por 15,7 centímetros de área; obviamente, tinha origem moderna. Os entalhes, no entanto, estavam longe de apresentar uma atmosfera moderna, pois, embora os caprichos do cubismo e do futurismo sejam diversos e selvagens, eles nem sempre reproduzem essa regularidade enigmática que se esconde nas escritas pré-históricas. E a maior parte desses detalhes parecia certamente ser algum tipo de escrita, mas minha memória, apesar da grande familiaridade com os papéis e as coleções de meu tio-avô, não conseguia de alguma forma identificar essa espécie em particular, nem mesmo sugerir suas afiliações mais remotas.

Acima desses hieróglifos aparentes havia um entalhe evidentemente pictórico, embora sua execução impressionista proibisse uma ideia muito clara sobre sua natureza. Parecia ser uma espécie de monstro, ou um símbolo representando um monstro, de uma maneira que só uma mente doentia poderia conceber. Se eu disser que minha imaginação um pouco extravagante produziu imagens simultâneas de um polvo, um dragão e uma caricatura humana, não serei infiel ao espírito da coisa. Uma cabeça carnuda e tentacular se sobrepujava de um corpo grotesco e escamoso com asas rudimentares, mas a silhueta era o que tornava a criatura ainda mais assustadora. Por trás da figura havia uma vaga sugestão de um pano de fundo arquitetônico ciclópico.

A anotações que acompanhavam esse estranho objeto, além de uma pilha de recortes de imprensa, continham a mais recente caligrafia do professor Angell, e não fingiam um estilo literário. O que parecia ser o documento principal estava intitulado “O CULTO A CTHULHU” em caracteres meticulosamente desenhados para evitar a leitura errônea de uma palavra tão inédita. O manuscrito foi dividido

em duas seções, a primeira das quais foi intitulada “1925 – Sonho e Obra de H. A. Wilcox, rua Thomas 7, Providence, RI”, e a segunda, “Relato do Inspetor John R. Legrasse, rua Bienville 121, Nova Orleans, Louisiana, Congresso da

A. A. S. em 1908. – Notas sobre o Insp. e Depoimento do Professor Webb”. Os outros artigos do manuscrito eram todos notas breves, algumas delas relatos dos estranhos sonhos de diferentes pessoas, alguns deles citações de livros e revistas teosóficas (notavelmente de *Atlantis* e *Lemúria*, de W. Scott-Elliot), e o restante comentava sobre sociedades secretas e cultos misteriosos que sobrevivem há tempos, com referências a passagens em fontes mitológicas e antropológicas como *O ramo de ouro*, de Frazer, e *O Culto da Bruxa na Europa Ocidental*, de Margareth Murray. Os recortes aludiam em grande parte às doenças mentais bizarras e aos surtos de loucura ou de histeria coletiva na primavera de 1925.

A primeira metade do manuscrito principal contava uma história muito peculiar. Parece que, no dia 1º de março de 1925, um jovem magro e moreno, de aspecto neurótico e exaltado, havia procurado o professor Angell trazendo o singular baixo-relevo de barro, que estava então extremamente úmido e fresco, em mãos. Seu cartão tinha o nome de Henry Anthony Wilcox, e meu tio-avô o reconheceu como o filho mais novo de uma excelente família que ele conhecia pouco, que estudara escultura na Escola de Design de Rhode Island e morava sozinho no Edifício Fleur-de-Lys, perto dessa instituição. Wilcox era um conhecido jovem precoce, de grande excentricidade, e desde a infância despertara a atenção de todos pelas estranhas histórias e sonhos inusitados que costumava contar. Ele mesmo dizia sofrer de uma “hipersensibilidade psíquica”, mas o povo sério da antiga cidade comercial o tratava meramente como “estranho”. Nunca se misturava muito com os de sua espécie, havia negado gradualmente a visibilidade social e agora era conhecido apenas por um pequeno grupo de estetas de outras cidades. Até mesmo o Providence Art Club, preocupado em preservar seu conservadorismo, achava-o um caso totalmente perdido.

Na ocasião da visita, de acordo com o manuscrito do professor, o jovem escultor recorreu abruptamente ao conhecimento arqueológico do seu anfitrião para identificar os hieróglifos no baixo-relevo. Falava de uma maneira sonhadora e empolada, que sugeria uma certa pose e falta de simpatia; e meu tio-avô demonstrou certa nitidez ao responder, pois o frescor conspícuo da tabuleta indicava falta de parentesco com a arqueologia. A réplica do jovem Wilcox, que

impressionou meu tio-avô o suficiente para fazê-lo recordar-se dela mais tarde e registrá-la literalmente, palavra por palavra, era de um viés fantasticamente poético que deve ter permeado toda a sua conversa, e que desde então achei altamente característico dele. Ele disse: “É recente, de fato, porque eu a criei na noite passada, depois de sonhar com cidades estranhas; e os sonhos são mais antigos do que as reminiscências de Tiro, ou a contemplativa Esfinge, ou a Babilônia cercada por jardins”.

Foi então que ele começou um relato desconexo que, de repente, tocou uma lembrança adormecida e conquistou o interesse febril de meu tio-avô. Houve um ligeiro tremor de terra na noite anterior, o mais considerável na Nova Inglaterra durante alguns anos, e a imaginação de Wilcox foi profundamente afetada. Ao se deitar, ele teve um sonho sem precedentes com grandes cidades ciclópicas feitas de blocos titânicos e grandes monólitos, todos cheios de uma gosma verde e sinistra com o horror latente. Os hieróglifos cobriam as paredes e os pilares, e de algum ponto indeterminado havia surgido uma voz que não era uma voz; uma sensação caótica que só a fantasia poderia transmutar em som, mas que ele tentou processar pela mistura quase impronunciável de letras: “Cthulhu fhtagn”.

Essa desordem verbal foi a chave para a lembrança que empolgou e perturbou o professor Angell. Ele questionou o escultor com rigor científico e estudou com intensidade quase frenética o baixo-relevo em que o jovem se encontrava trabalhando, com frio e vestido apenas com suas roupas de dormir, até que a vigília o pegasse de surpresa desconcertantemente. Meu tio-avô culpou sua velhice, segundo Wilcox, por sua lentidão em reconhecer hieróglifos e desenhos pictóricos. Muitas de suas perguntas pareciam muito fora de propósito para seu visitante, especialmente aquelas que tentavam conectá-lo com estranhos cultos ou sociedades, e Wilcox não conseguia entender as repetidas promessas de silêncio que lhe foram oferecidas em troca da admissão em alguma seita mística ou pagã amplamente difundida. Quando o professor Angell se convenceu de que o escultor era realmente ignorante de qualquer culto ou sistema de conhecimento críptico, impôs cerco ao visitante com exigências de relatos futuros de sonhos. Isso resultou em bons frutos regularmente, porque, depois da primeira entrevista, o manuscrito registrava visitas diárias do jovem, durante as quais ele relacionava fragmentos surpreendentes de paisagens noturnas cujo mote era sempre alguma terrível visão ciclópica de uma pedra escura e gotejante, com uma voz ou uma inteligência subterrânea soando monotonamente como impactos

indescritíveis, exceto pelos sussurros. Os dois sons repetidos com mais frequência são aqueles representados pelas letras “Cthulhu” e “R’lyeh”.

Em 23 de março, o manuscrito continuou, mas Wilcox não apareceu. Investigações em seus aposentos revelaram que ele havia sido atingido por um tipo obscuro de febre e levado para a casa de sua família na rua Waterman. Ele berrara durante toda a noite, despertando vários outros artistas no prédio, e manifestara desde então apenas alternâncias entre inconsciência e delírio. Meu tio telefonou imediatamente para a família e, daquele momento em diante, acompanhou o caso de perto, ligando frequentemente para o escritório do dr. Thobey, na rua Thayer. A mente febril do jovem, aparentemente, meditava sobre coisas estranhas, e o médico estremeceu enquanto falava delas. Não era apenas uma repetição do que ele havia sonhado anteriormente, mas versavam selvagememente sobre uma coisa gigantesca, de “metros de altura”, que alternava entre andar e se arrastar. Em momento algum ele descreveu completamente esse ser, mas ocasionais palavras frenéticas, repetidas pelo dr. Tobey, convenceram o professor de que ele deveria ser idêntico à monstruosidade sem nome que ele procurara retratar em sua escultura. A referência a esse objeto, acrescentou o médico, era invariavelmente um prelúdio da entrega do jovem à letargia. Sua temperatura, curiosamente, não estava muito acima do normal, mas toda a sua condição sugeria mais uma febre verdadeira do que um problema mental.

No dia 2 de abril, por volta das três da tarde, todos os vestígios da doença de Wilcox cessaram repentinamente. Ele se sentou na cama, espantado por se encontrar em casa e completamente ignorante em relação ao que acontecera em sonho ou realidade desde a noite de 22 de março. Depois que o médico declarou que estava bem, ele retornou aos seus aposentos em três dias, no entanto não conseguiu mais ser de algum valor para o professor Angell. Todos os vestígios de sonhos estranhos tinham desaparecido com a sua recuperação, e meu tio não manteve nenhum registro de seus pensamentos noturnos depois de uma semana de relatos inúteis e irrelevantes de visões completamente usuais.

Aqui termina a primeira parte do manuscrito, mas as referências a algumas das anotações dispersas me deram muito o que pensar – tanto, de fato, que apenas o ceticismo arraigado formador de minha filosofia poderia explicar minha contínua desconfiança em relação ao artista. As anotações em questão eram descritivas dos sonhos de várias

peessoas cobrindo o mesmo período em que o jovem Wilcox recebeu suas estranhas visitas. Meu tio, ao que parece, instituíra rapidamente um corpo prodigiosamente extenso de investigações entre quase todos os amigos que ele podia questionar, solicitando relatos noturnos de seus sonhos e as datas de quaisquer visões notáveis surgidas naquela época. As atitudes ante seu pedido parecem ter sido variadas, mas ele deve, no mínimo, ter recebido mais respostas do que qualquer homem comum poderia ter tratado sem o auxílio de uma secretária. Essa correspondência original não foi preservada, mas suas anotações formavam um resumo completo e realmente significativo. As pessoas comuns, envolvidas na sociedade e nos negócios locais – o tradicional “sal da terra” da Nova Inglaterra – deram uma resposta quase sempre completamente negativa, embora casos esparsos de impressões noturnas inquietas mas sem forma apareçam aqui e ali, sempre entre 23 de março e 2 de abril – o período de delírio do jovem Wilcox. Os homens das ciências foram um pouco menos afetados, embora quatro casos de descrição vaga sugeriram vislumbres fugidios de paisagens estranhas, e em um caso mencionou-se um medo de algo sobrenatural.

As respostas mais pertinentes vieram dos artistas e dos poetas, e sei que o pânico teria se espalhado se tivessem sido capazes de comparar suas anotações. Da maneira como estava, faltando-lhes as cartas originais, eu quase suspeitava que o compilador tivesse feito perguntas tendenciosas ou tivesse editado a correspondência para refletir o que ele havia deliberadamente decidido ver. É por isso que continuei a sentir que Wilcox, de algum modo consciente dos antigos dados que meu tio possuía, quisesse se aproveitar do veterano cientista. As respostas dos estetas contaram uma história perturbadora. De 28 de fevereiro a 2 de abril, grande parte deles sonhara com coisas muito bizarras, sendo a intensidade dos sonhos imensamente mais forte durante o período do delírio do escultor. Mais de um quarto relataram cenas e sons parecidos com os que Wilcox descrevera; e alguns confessaram o medo agudo da gigantesca coisa sem nome visível nos últimos sonhos. Um caso, descrito enfaticamente nas anotações, foi particularmente triste. O sujeito, um arquiteto amplamente conhecido com inclinações para a teosofia e o ocultismo, ficou violentamente insano na data em que o jovem Wilcox adoeceu, vindo a falecer vários meses depois, após gritar incessantemente que fosse salvo de um habitante foragido do inferno. Se meu tio tivesse se referido a esses casos pelo nome, em vez de simplesmente pelo número, eu poderia tentar alguma corroboração e iniciado uma investigação pessoal, mas, da maneira como tudo aconteceu, consegui descobrir apenas alguns

deles. Todos, no entanto, comprovavam as anotações na íntegra. Muitas vezes me perguntei se todos os que foram objeto do questionamento do professor pareciam tão confusos quanto esse grupo. É bom que nenhuma explicação jamais chegue até eles.

Os recortes de materiais da imprensa, como eu sugeri, versavam sobre casos de pânico, mania e excentricidade durante o mesmo período. O professor Angell deve ter colocado um departamento apenas para fazer os recortes, pois o número de notas era enorme, e as fontes estavam espalhadas ao redor do mundo. Havia uma sobre um suicídio noturno em Londres, quando um adormecido solitário saltou de uma janela depois de dar um grito horripilante. Também havia uma carta para o editor de um jornal na América do Sul, em que um fanático deduz um futuro terrível de acordo com visões que teve. Um despacho da Califórnia descreve uma colônia de teosofistas vestindo macacões brancos em massa e aguardando alguma “realização gloriosa” que nunca chega, enquanto os recortes da Índia falam cautelosamente de graves conflitos entre nativos no final de março. As orgias vodus se

multiplicavam no Haiti, e os postos avançados africanos relatavam murmúrios sinistros. Oficiais americanos nas Filipinas achavam que certas tribos estavam incômodas nessa época, e os policiais de Nova York se viram cercados por levantinos histéricos na noite de 22 para 23 de março. O oeste da Irlanda também estava cheio de boatos e lendas, e um fantástico pintor chamado Ardois-Bonnot exibiu uma obra blasfêmia chamada “Dream Landscape” no salão de primavera de Paris em 1926. E tão numerosos eram os problemas registrados em hospícios que somente um milagre poderia ter impedido a classe médica de notar paralelismos estranhos e chegar a conclusões mistificadas. Em geral, havia um monte de estranhos recortes e, dito isso, neste momento mal posso conceber o racionalismo insensível com o qual os pus de lado.

No entanto, fiquei convencido de que o jovem Wilcox sabia dos assuntos mais antigos mencionados pelo professor.

II.

O relato do inspetor Legrasse

Os assuntos mais antigos, que haviam tornado o sonho e o baixo-relevo do escultor tão significativos para o meu tio, formavam o tema

da segunda metade de seu longo manuscrito. Uma vez antes, parece, o professor Angell tinha visto os contornos infernais daquela monstruosidade sem nome, indagado sobre os hieróglifos desconhecidos, e ouvido as sinistras sílabas que só podem ser traduzidas como “Cthulhu”, e tudo isso em uma conexão tão assustadora e horrível, que não é de admirar que ele perseguisse o jovem Wilcox com perguntas e demandas por mais informações.

A experiência anterior ocorrera em 1908, dezessete anos antes, quando a American Archaeological Society realizou seu congresso anual em St. Louis. O professor Angell, por sua autoridade e suas realizações, teve um papel proeminente em todas as deliberações e foi um dos primeiros a ser abordado pelos vários estranhos que aproveitaram o local para fazer perguntas e sugerir problemas a fim de que especialistas pudessem solucioná-los.

O chefe desses forasteiros, foco de interesse de todo o congresso, era um homem de meia-idade e aparência comum que viajara desde Nova Orleans para obter informações especiais que não podiam ser obtidas de nenhuma fonte local. Seu nome era John Raymond Legrasse, e era inspetor da polícia. Viajava com ele o assunto de sua visita: uma estatueta de pedra grotesca, repulsiva e aparentemente muito antiga, cuja origem ele não conseguia determinar. Não pense que o inspetor Legrasse tinha o menor interesse em arqueologia. Pelo contrário, seu desejo de esclarecimento foi motivado por considerações puramente profissionais.

A estatueta, o ídolo, o fetiche ou o que quer que fosse havia sido capturado alguns meses antes nos pântanos arborizados ao sul de Nova Orleans durante uma operação policial em um suposto ritual vodu, e tão singulares e hediondos eram os ritos ligados a ela, que a polícia não podia deixar de perceber que havia encontrado um culto maligno totalmente desconhecido e infinitamente mais diabólico do que o mais obscuro dos círculos voduns africanos. De sua origem, além dos contos erráticos e inacreditáveis extorquidos dos membros capturados, absolutamente nada poderia ser descoberto, daí a ansiedade da polícia por qualquer conhecimento que pudesse ajudá-los a entender o símbolo assustador e, por meio dele, rastrear o culto até sua fonte.

O inspetor Legrasse não estava preparado para o que viria por conta de seu relato. Uma única visão do objeto tinha sido o suficiente para fazer com que os homens da ciência se reunissem num estado de excitação tensa, e eles não perderam tempo em se aglomerar em torno dele para contemplar a figura diminuta cuja total estranheza e ar de

antiguidade genuinamente abissal insinuavam tão poderosamente panoramas desconhecidos e antigos. Nenhuma escola de escultura reconhecida tinha criado esse objeto terrível, mas séculos e até milhares de anos pareciam registrados em sua superfície opaca e esverdeada de pedra indefinível.

O objeto, que passava devagar pelas mãos de cada homem para que pudesse ser feito um estudo atento e cuidadoso, tinha entre sete e oito polegadas de altura e um acabamento artístico requintado. Representava um monstro de contornos vagamente antropóides, mas com uma cabeça parecida com um polvo, cujo rosto era uma massa de antenas, de corpo escamoso e aspecto emborrachado, garras prodigiosas nas patas traseiras e dianteiras, além de asas longas e estreitas nas costas. Essa coisa, que parecia instintiva e com uma malignidade assustadora e sobrenatural, tinha uma corpulência um tanto inchada e se agachava maldosamente sobre um bloco ou pedestal retangular coberto de caracteres indecifráveis. As pontas das asas tocavam a parte de trás do bloco e o corpo ocupava o centro, enquanto as garras compridas e curvadas das patas traseiras agarravam-se à borda da frente e se estendiam por um quarto do caminho em direção ao pedestal.

A cabeça do cefalópode estava inclinada para a frente, de modo que as extremidades dos tentáculos faciais roçavam o dorso das enormes patas dianteiras que seguravam os joelhos elevados. O aspecto do todo era anormalmente real, ainda mais temeroso, porque sua fonte era totalmente desconhecida. Sua idade vasta, impressionante e incalculável era inconfundível; contudo, nenhum elo mostrava qualquer tipo de arte que remetesse à juventude da civilização – ou mesmo a qualquer outro momento histórico. O próprio material de que era feito era um mistério, pois a pedra lisa, preto-esverdeada, com suas manchas e estrias douradas ou iridescentes não se assemelhava a nada familiar na geologia ou na mineralogia. Os caracteres ao longo da base eram igualmente desconcertantes; e nenhum membro presente, apesar de representar metade do conhecimento especializado mundial neste campo, poderia ter a menor noção até mesmo de seu parentesco linguístico mais remoto. Os hieróglifos, assim como o tema e o material, pertenciam a algo horivelmente remoto e distinto da humanidade como a conhecemos; algo assustadoramente sugestivo de ciclos de vida antigos e profanos nos quais nosso mundo e nossas concepções não se aplicam.

E, no entanto, quando os participantes do congresso balançaram a cabeça e confessaram a derrota diante do problema do inspetor, havia

um homem no local com um toque de familiaridade bizarro com aquela forma e escrita monstruosas, e, naquele momento, contou o pouco que sabia com alguma timidez. Essa pessoa era o falecido William Channing Webb, professor de antropologia na Universidade de Princeton, um explorador de pouca importância. O professor Webb fora contratado, quarenta e oito anos antes, em uma excursão pela Groenlândia e Islândia, em busca de algumas inscrições rúnicas que ele não conseguiu encontrar e, ainda no alto da costa ocidental da Groenlândia, havia encontrado uma tribo singular ou culto de esquimós degenerados cuja religião, uma forma curiosa de culto ao diabo, o deixou petrificado e gelado com sua deliberada sede de sangue e horror. Era uma fé de que outros esquimós pouco sabiam, e que eles mencionaram com calafrios, dizendo que era proveniente de éons muitíssimo antigos, quando o mundo nem mesmo havia sido criado. Além de ritos inomináveis e sacrifícios humanos, havia certos rituais estranhos dirigidos a um supremo demônio e ancestral, chamado *tornasuk*; e o professor Webb fez uma transcrição fonética de um velho *angekok*, ou velho bruxo-sacerdote, expressando os sons em alfabeto romano da melhor maneira possível. Mas agora era de primordial importância o fetiche que esse culto adorava, e em torno do qual dançavam quando a aurora surgia sobre os penhascos de gelo. Era, segundo declarou o professor, um baixo-relevo muito grosseiro de pedra, que compreendia uma imagem medonha e uma inscrição enigmática. E, até onde ele sabia, era um paralelo mal-acabado em todos os aspectos essenciais do artefato discutido naquele congresso.

Esses dados, recebidos com suspense e assombro pelos membros do congresso reunidos, revelaram-se duplamente incitantes para o inspetor Legrasse, e ele começou imediatamente a fazer perguntas ao informante. Tendo copiado em papel um rito oral feito pelos adoradores que seus homens haviam prendido no pântano, ele suplicou ao professor que se lembrasse, com o máximo de detalhes possível, das sílabas ditas pelos diabólicos esquimós. Seguiu-se então uma comparação exaustiva de detalhes e um momento de verdadeiro silêncio quando ambos, o detetive e o cientista, concordaram com uma frase comum a dois rituais diabólicos geograficamente muito distantes. O que, em substância, tanto os bruxos esquimós quanto os sacerdotes do pântano da Louisiana tinham cantado para seus ídolos afins era algo muito parecido com o que segue (as divisões das palavras sendo adivinhadas a partir de rupturas comuns na frase quando cantadas em voz alta):

“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.”

Legrasse havia se adiantado em relação ao Professor Webb, pois vários de seus prisioneiros mestiços haviam repetido para ele o que celebrantes mais velhos haviam lhes transmitido. A tradução desse trecho era alguma coisa como:

“Na casa em R’lyeh, o defunto Cthulhu aguarda sonhando.”

E, nesse momento, em resposta a uma demanda geral e urgente, o inspetor Legrasse relatou com detalhes sua experiência com os adoradores do pântano, contando uma história à qual meu tio atribuía um profundo significado. A narrativa parecia um sonho louco dos criadores de mitos e dos teosofistas, e revelava um surpreendente grau de imaginação cósmica entre mestiços e párias que se poderia menos esperar possuí-la.

Em 1º de novembro de 1907, chegou à polícia de Nova Orleans um chamado urgente para ir até os pântanos e às lagoas ao sul. Os posseiros que ali habitavam, em sua maioria primitivos, mas bons descendentes dos homens de Lafitte, estavam sob terror absoluto por conta de alguma coisa desconhecida que lhes havia surgido durante a noite. Tratava-se de algum tipo de magia vodu, mas o vodu de um tipo mais terrível do que eles jamais haviam conhecido, e algumas de suas mulheres e crianças haviam desaparecido desde que os tambores malévolos haviam começado sua incessante batida no interior das florestas negras assombradas, onde nenhum habitante se aventurava chegar. Houve gritos insanos e urros angustiantes, cantos arrepiantes e chamadas demoníacas dançantes; e o mensageiro assustado acrescentou que os moradores não aguentavam mais aquilo.

Assim, um grupo de vinte policiais, que encheu duas carruagens e uma viatura, partira no final da tarde tendo o posseiro trêmulo como guia. Eles desceram ao fim do trecho de estrada transitável e, por quilômetros, andaram em silêncio pela terrível floresta de ciprestes onde a luz do sol nunca chegava. Raízes horrorosas e laços de enforcamento malignos feitos de musgo espanhol os assediavam e, de vez em quando, uma pilha de pedras úmidas ou fragmentos de uma parede apodrecida intensificavam a insinuação de alguma habitação mórbida, uma depressão que cada árvore malformada e cada mancha embolorada de fungos se combinavam para criar. Por fim, o povoado de posseiros, um amontoado miserável de cabanas, surgiu adiante, e os moradores histéricos correram na direção do grupo balançando suas lanternas. A batida abafada de tambor agora estava levemente audível muito, muito à frente, e um grito estridente surgia em intervalos infrequentes quando o vento mudava. Um clarão avermelhado também parecia filtrar-se através

da vegetação rasteira e pálida além das avenidas intermináveis da noite da floresta. Relutantes até mesmo em ficarem sozinhos novamente, cada um dos posseiros intimidados se recusou a avançar mais um centímetro na direção da cena de adoração profana, então o inspetor Legrasse e seus dezenove colegas mergulharam rumo às arcadas negras de horror em que nenhum deles jamais havia pisado antes.

A região agora invadida pela polícia tinha reputação tradicionalmente malévola, substancialmente desconhecida e inexplorada pelos homens brancos. Havia lendas sobre um lago oculto jamais vislumbrado pelos mortais, em que habitava uma enorme coisa branca, sem forma e cheia de pólipos, com olhos luminosos, e os invasores sussurravam que demônios com asas de morcego voavam de cavernas subterrâneas para adorá-la à meia-noite. Eles disseram que a coisa já estava lá antes de D'Iberville, antes de La Salle, antes dos índios e antes mesmo das bestas e pássaros das florestas. Era um pesadelo, e vê-lo era como morrer. Mas tudo isso fazia os homens sonharem e, assim, eles se afastavam.

A orgia vodú estava, de fato, na periferia daquela abominável área, mas aquela localização já era ruim o suficiente; daí, talvez, o próprio lugar da adoração tenha aterrorizado os posseiros mais do que os sons e os incidentes chocantes.

Apenas a poesia ou a loucura podiam fazer justiça aos pedidos ouvidos pelos homens de Legrasse enquanto atravessavam o pântano negro em direção ao clarão vermelho e aos sons de tambores abafados. Existem qualidades vocais peculiares aos homens e qualidades vocais peculiares às bestas, e é terrível ouvir uma saindo da boca da outra. A fúria animal e a libertinagem orgiástica aqui se elevavam a alturas sinistras por meio de uivos e gritos extasiados que rasgavam e reverberavam através daqueles bosques iluminados como tempestades pestilentas das profundezas do inferno. De vez em quando, os uivos cessavam e, a partir do que parecia um coro de vozes roucas e bem treinadas, surgia na canção aquela frase hedionda ou talvez um feitiço:

“Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn.”

Então os homens, tendo atingido um ponto onde havia menos árvores, subitamente puderam observar o espetáculo em si. Quatro deles cambalearam, um desmaiou e dois foram acometidos por um grito frenético que a louca cacofonia da orgia, felizmente, amorteceu. Legrasse jogou água do pântano no rosto do homem desmaiado e todos ficaram tremendo e quase hipnotizados de horror.

Em uma clareira natural do pântano, havia uma ilha gramada de talvez um acre, livre de árvores e razoavelmente seca. Dela saía a horda mais indescritível de anormalidade humana que somente um Sime ou um Angarola poderiam pintar. Sem roupas, esses seres híbridos

zurravam, berravam e se contorciam circulando uma monstruosa fogueira, no centro da qual, revelado por ocasionais rachaduras na cortina de chamas, havia um grande monólito de granito com uns oito pés de altura, em cima do qual, incongruente com sua pequena estatura, descansava a nociva estatueta esculpida. De um amplo círculo de dez estruturas montadas em intervalos regulares com o monólito cravado de chamas como centro suspenso, de cabeça para baixo, pendiam os corpos estranhamente desfigurados dos posseiros indefesos que haviam desaparecido. Era de dentro desse círculo que a roda de adoradores saltava e rugia, da direita para a esquerda, no interminável Bacanal entre o círculo dos corpos e o círculo de fogo.

Pode ter sido apenas imaginação e podem ter sido apenas ecos que induziram um dos homens, um espanhol impressionado, a imaginar que ele ouvira respostas antifônicas ao ritual de algum ponto distante e não iluminado, mais profundamente dentro daquele bosque cheio de antigas lendas e horror. Mais tarde, conheci e questionei esse homem, Joseph D. Galvez, e ele provou ter imaginação fértil. De fato, ele chegou ao ponto de sugerir o leve bater de grandes asas, um vislumbre de olhos brilhantes e um enorme volume branco além das árvores mais remotas – mas suponho que ele estivesse ouvindo muita superstição dos nativos.

Na verdade, a pausa horrorizada dos homens foi de duração comparativamente breve. O dever veio em primeiro lugar e, embora houvesse quase cem celebrantes na multidão, a polícia recorreu a suas armas de fogo e mergulhou decididamente no meio daquele caos nauseante. Por cinco minutos, o ruído e o caos resultantes foram além de qualquer descrição. Houve golpes selvagens, tiros disparados e fugas, mas, no fim, Legrassse conseguiu contar cerca de quarenta e sete prisioneiros soturnos, aos quais ele forçou a se vestir com pressa e se alinhar entre duas filas de policiais. Cinco dos adoradores estavam mortos e dois foram levados gravemente feridos em macas improvisadas por seus companheiros de crime. A imagem do monólito, é claro, foi cuidadosamente removida e levada de volta por Legrassse.

Examinados na delegacia após uma viagem intensa e cansativa, todos os prisioneiros provaram ser homens de um tipo muito baixo, mestiços e mentalmente perturbados. A maioria eram marinheiros, e

um punhado de negros e mulatos, em grande parte índios ocidentais ou portugueses de Brava, em Cabo Verde, davam uma cor de vodú para o culto heterogêneo. Mas antes que muitas perguntas fossem feitas, ficou claro que algo muito mais profundo e antigo do que o fetichismo negro estava envolvido. Degradadas e ignorantes como eram, as criaturas possuíam surpreendente coerência com a ideia central de sua fé repugnante.

Eles adoravam, assim diziam, os Grandes Anciões que viveram muito antes de existirem homens e que vieram do céu para o novo mundo recém-criado. Aqueles Anciões já haviam desaparecido, dentro da terra e no fundo do mar, mas seus corpos mortos contaram seus segredos em sonhos para os primeiros homens, que formaram um culto que nunca cessou. Era esse culto que os prisioneiros seguiam, e disseram que eles sempre existiram e sempre existirão, escondidos em lugares distantes e escuros em todo o mundo até o tempo em que o alto sacerdote Cthulhu saísse de sua casa escura na poderosa cidade submersa de R'lyehs para dominar a Terra novamente. Algum dia ele faria o chamado, quando as estrelas estivessem na posição correta, e o culto secreto estaria sempre esperando para libertá-lo.

Enquanto isso, nada mais deveria ser dito. Havia um segredo que nem sob tortura era revelado. A humanidade não estava absolutamente sozinha entre os seres conscientes da Terra, pois formas surgiam da escuridão para visitar os poucos fiéis. Mas estes não eram os Grandes Anciões. Nenhum homem jamais viu os Anciões. O ídolo esculpido era o grande Cthulhu, mas ninguém poderia dizer se os outros eram ou não exatamente como ele. Ninguém mais sabia ler os antigos escritos agora, mas os fatos eram contados de boca em boca. Os cânticos rituais não eram segredo – ele nunca era dito em voz alta, mas apenas sussurrado. O cântico significava apenas isso: “Em sua casa em R'lyeh, o falecido Cthulhu aguarda sonhando”.

Apenas dois dos prisioneiros foram considerados são o suficiente para serem enforcados, e os demais foram enviados para várias instituições. Todos negaram fazer parte dos assassinatos rituais e afirmaram que a morte tinha ocorrido por conta de Alados Negros que tinham vindo de sua imemorable assembleia na floresta assombrada. No entanto, jamais houve um relato coerente sobre esses aliados misteriosos. O que a polícia conseguiu descobrir sobre eles veio principalmente de um mestiço muito idoso chamado Castro, que alegou ter navegado por portos estranhos e conversado com líderes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro lembrou-se de pedaços de lendas medonhas que

acabaram com as especulações dos teosofistas e fizeram o homem e o mundo parecerem recentes e momentâneos. Houve éons em que outras Coisas reinaram sobre a Terra, e elas foram responsáveis pela construção de grandes cidades. Ele afirmou que o chinês imortal havia lhe dito que os restos Delas ainda podiam ser encontrados como pedras ciclópicas em ilhas no Pacífico. Todas essas Coisas morreram muito antes de os homens chegarem à Terra, mas havia artes que poderiam fazê-los reviver quando as estrelas voltassem às posições certas no ciclo da eternidade. Elas, de fato, vieram das estrelas e trouxeram Suas imagens com Elas.

Esses Grandes Anciões, continuou Castro, não eram feitos de carne e osso. Eles tinham forma – a imagem em forma de estrela não provava isso? –, mas ela não era feita de matéria. Quando as estrelas estavam na posição correta, podiam mergulhar de mundo em mundo pelos céus, mas, quando as estrelas estavam na posição errada, não eram capazes de viver. Embora não mais vivessem, nunca morriam. Todos jaziam em casas de pedra na grande cidade de R'lyeh, preservados pelos feitiços do poderoso Cthulhu e aguardando uma ressurreição gloriosa, quando as estrelas e a Terra pudessem mais uma vez estar prontas para Eles. No entanto, naquela época, alguma força externa deveria ajudar a liberar seus corpos. Os feitiços que os preservavam intactos também impediam que eles fizessem um movimento inicial, e eles só podiam ficar acordados no escuro pensando, enquanto milhões de anos iam se passando. Eles sabiam tudo o que estava ocorrendo no universo, mas seu modo de falar era transmitido como pensamento. Mesmo agora eles conversavam em seus túmulos. Quando, após eras infinitas, os primeiros homens chegaram aqui, os Grandes Anciões falaram com os sensatos entre eles por meio de seus sonhos, pois apenas dessa maneira a linguagem deles alcançaria as mentes carnis dos mamíferos.

Então, sussurrou Castro, aqueles primeiros homens formaram o culto aos pequenos ídolos que os Grandes Anciões haviam mostrado, os ídolos trazidos há muito tempo de estrelas escuras. Esse culto nunca morreria até que as estrelas voltassem a ficar em suas posições corretas, e os sacerdotes secretos então tirariam o grande Cthulhu de Seu túmulo para reviver com Seus súditos e retomar Seu domínio sobre a Terra. Era fácil saber qual seria esse tempo, pois a humanidade se tornaria como os Grandes Anciões: livre e selvagem e além do bem e do mal, com leis e moral jogadas de lado e todos os homens gritando, matando seus semelhantes e se divertindo com alegria. Então os Anciões liberados lhes ensinariam novas formas de

gritar e matar, deleitar-se e divertir-se, e toda a Terra se inflamaria com um holocausto de êxtase e liberdade. Enquanto isso, o culto, por meio de ritos apropriados, manteria viva a memória daqueles caminhos antigos e profetizaria seu retorno.

Nos tempos mais antigos, os homens escolhidos conversavam com os Anciões sepultados por meio de sonhos, mas então algo aconteceu. A grande cidade de pedra R'lyeh, com seus monólitos e sepulturas, havia afundado sob as ondas; e as águas profundas, cheias do mistério primordial pelo qual nem mesmo o pensamento poderia passar, cortaram a comunicação espectral. Mas a memória nunca morre, e os sumos sacerdotes disseram que a cidade se levantaria novamente quando as estrelas estivessem na posição correta. Então os espíritos negros surgiram da Terra, mofados e sombrios, e cheios de rumores se recolheram em cavernas esquecidas no fundo do mar. Mas deles o velho Castro não ousou dizer muito. Ele cortou sua fala apressadamente, e nenhuma persuasão ou sutileza poderiam convencê-lo do contrário. Também se recusou a mencionar o tamanho dos Anciões. Sobre o local do culto, achava que o centro dele estava em meio aos desertos da Arábia, onde Irem, a Cidade dos Pilares, sonha escondida e intocada. O culto não tinha relação com a bruxaria europeia e era praticamente desconhecido para além de seus membros. Nenhum livro jamais o sugeriu, embora os chineses imortais dissessem que havia dois significados no *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred que os iniciados poderiam ler como quisessem, especialmente este dístico muito discutível:

“O que não morreu pode viver eternamente,
E com éons estranhos até a morte pode morrer.”

Legrasse, profundamente impressionado e um pouco desorientado, perguntou em vão sobre as afiliações históricas do culto. Aparentemente, Castro dissera a verdade quando afirmou que era totalmente secreto. As autoridades da Universidade de Tulane não puderam esclarecer nada sobre o culto ou a imagem, e agora o detetive havia chegado às mais altas autoridades do país e se deparado com nada menos que a história sobre a Groenlândia do professor Webb.

O interesse febril despertado pelo relato de Legrasse no congresso, corroborado pela estatueta, foi ecoado na correspondência subsequente daqueles que lá compareceram, embora tenha havido pouca menção nas publicações formais da sociedade. A cautela é o primeiro cuidado daqueles que estão acostumados a enfrentar o charlatanismo e a impostura ocasionais. Por um tempo, Legrasse

emprestou a imagem para o professor Webb, mas, com sua morte, ela foi devolvida e permanece em sua posse, como vi há pouco tempo. É realmente um objeto terrível e inequivocamente semelhante à escultura dos sonhos do jovem Wilcox.

A empolgação de meu tio-avô com a história do escultor não me surpreendeu, pois que pensamentos surgiram ao ouvir, depois de um conhecimento do que Legrasse havia aprendido do culto, de um jovem sensível que sonhara não só com a figura e o exato hieróglifo da imagem encontrada no pântano e da tabuleta do diabo da Groenlândia, mas tinham surgido em seus sonhos precisamente pelo menos três das palavras da fórmula ditas pelos diabolistas esquimós e mestiços louisianos?

A prontidão imediata do professor Angell nessa investigação foi eminentemente natural, embora, em particular, eu tenha suspeitado de que o jovem Wilcox tivesse ouvido falar do culto de alguma forma indireta e inventado uma série de sonhos para aumentar e continuar o mistério às custas do meu tio. As narrativas oníricas e os recortes coletados pelo professor foram, evidentemente, uma forte corroboração disso, mas o racionalismo de minha mente e a extravagância de todo o assunto me levaram a adotar o que achava ser as conclusões mais sensatas. Então, depois de estudar cuidadosamente o manuscrito novamente e correlacionar as anotações teosóficas e antropológicas com a narrativa de Legrasse sobre o culto, fiz uma viagem a Providence a fim de encontrar o escultor e repreender-lhe por ter se aproveitado de um homem erudito e idoso.

Wilcox ainda morava sozinho no Edifício Fleur-de-Lys, na rua Thomas, uma imitação vitoriana hedionda da arquitetura bretã do século XVII que ostenta sua fachada de estuque entre as adoráveis casas coloniais na montanha e sob a sombra do mais refinado campanário georgiano dos Estados Unidos. Encontrei-o trabalhando em seus aposentos e imediatamente deduzi, pelo que estava espalhado pelo local, que seu gênio era de fato profundo e autêntico. Ele será visto, creio eu, daqui a algum tempo, como um dos grandes decadentistas, pois cristalizou no barro e um dia há de espelhar no mármore aqueles pesadelos e fantasias que Arthur Machen evoca em prosa, e Clark Ashton Smith torna visível na literatura e na pintura.

Escurecido e frágil, além de apresentar aspecto um tanto desleixado, Wilcox se virou languidamente quando bati na porta e me perguntou o que estava acontecendo sem se levantar. Quando eu lhe disse quem eu era, ele demonstrou algum interesse, pois meu tio despertou sua curiosidade ao sondar-lhe sobre seus estranhos sonhos,

mas nunca explicou o motivo do estudo. Eu não me estendi a esse respeito, mas busquei com alguma sutileza trazê-lo para o meu lado. Em pouco tempo, convenci-me de sua absoluta sinceridade, pois ele falava dos sonhos de uma maneira inconfundível. Os sonhos e seus resíduos inconscientes haviam influenciado sua arte profundamente, e ele me mostrou uma estátua mórbida cujos contornos quase me fizeram tremer com a potência de sua negra sugestão. Ele não conseguia se lembrar de ter visto o original dessa coisa, exceto em seu próprio sonho com o baixo-relevo, mas os contornos se formaram de modo imperceptível sob suas mãos. Era, sem dúvida, a forma gigante que vira em seu delírio. Ele realmente não sabia nada sobre culto secreto, exceto pelo catecismo implacável de meu tio, e mais uma vez me esforcei para pensar em alguma maneira pela qual ele poderia ter recebido aquelas estranhas impressões.

Ele falou de seus sonhos de uma maneira estranhamente poética, fazendo-me enxergar com terrível vivacidade a úmida cidade ciclópica feita de pedras verdes cuja geometria, disse ele estranhamente, estava toda errada – e ouvir com assustada expectativa o chamado incessante, em parte mental, que vinha do subterrâneo: “Cthulhu fhtagn”,

“Cthulhu fhtagn”. Essas palavras faziam parte daquele ritual medonho que falava da vigília onírica de Cthulhu morto em seu jazigo de pedra em R’lyeh, e me senti profundamente comovido apesar de minhas crenças racionais. Certamente, Wilcox ouvira falar do culto casualmente e logo o esquecera em meio às suas muitas leituras e sua imaginação igualmente esquisitas. Mais tarde, em virtude de sua pura impressividade, encontrou expressão subconsciente nos sonhos, no baixo-relevo e na terrível estátua que agora vejo, de modo que sua impostura sobre meu tio tinha sido muito inocente. Aquele jovem era de um tipo ao mesmo tempo levemente afetado e levemente mal-educado, do qual eu nunca poderia gostar, mas agora eu estava disposto o suficiente para admitir tanto sua genialidade quanto sua honestidade. Eu me despedi dele amigavelmente e lhe desejei todo o sucesso que seu talento lhe reservava.

A questão do culto continuava a me fascinar, e às vezes eu me imaginava famoso por minhas pesquisas sobre sua origem e suas conexões. Visitei Nova Orleans, conversei com Legrasse e outros membros do antigo grupo de busca, vi a imagem assustadora e até mesmo conversei com os prisioneiros mestiços que conseguiram sobreviver. O velho Castro, infelizmente, estava morto há alguns anos.

O que eu ouvia agora em primeira mão, embora não passasse de uma confirmação detalhada do que meu tio escrevera, novamente me animou, pois tinha certeza de que estava no caminho de uma religião muito real, muito secreta e muito antiga, cuja descoberta me tornaria um antropólogo importante. Minha atitude ainda era de materialismo absoluto, como eu gostaria que ainda fosse, e desconsiderei com perversidade quase inexplicável a coincidência entre as anotações sobre os sonhos e os estranhos recortes coletados pelo professor Angell.

Uma coisa de que comecei a suspeitar, e que agora temo saber, é que a morte do meu tio estava longe de ser natural. Ele caiu em uma rua estreita que levava a uma antiga zona portuária repleta de mestiços estrangeiros, depois de um encontrão descuidado com um marinheiro negro. Não me esqueci do sangue misturado e das atividades marítimas entre os membros do culto em Louisiana, e não ficaria surpreso ao saber de métodos secretos e agulhas venenosas tão implacáveis e tão antigas quanto os ritos e crenças ocultos. Legrasse e seus homens, é verdade, foram deixados em paz, mas, na Noruega, um certo marinheiro que viu determinadas coisas está morto. Será que as investigações mais profundas de meu tio depois de encontrar os dados do escultor chegaram a ouvidos sinistros? Acho que o professor Angell morreu porque sabia demais, ou porque, provavelmente, estava prestes a saber demais. Talvez o mesmo aconteça comigo, pois também sei de muita coisa agora.

III.

A loucura do mar

Se os céus alguma vez quiserem me proporcionar uma bênção, eles me trarão um apagamento total dos resultados de um mero acaso que fixou meu olhar em um certo pedaço de papel na prateleira da estante. Não era nada que eu perceberia naturalmente no decorrer de meu dia a dia, pois era um número antigo de um jornal australiano, o *Sydney Bulletin*, de 18 de abril de 1925. Ele escapara até mesmo do departamento de recortes, que na época coletou material avidamente para a pesquisa do meu tio.

Eu havia abandonado minhas investigações sobre o que o professor Angell chamava de “Culto a Cthulhu” e estava visitando um amigo em Paterson, Nova Jersey, que era curador de um museu local e

mineralogista de destaque. Um dia, examinando os espécimes colocados nas prateleiras de armazenamento em uma sala dos fundos do museu, meu olhar foi capturado por uma foto estranha em um dos papéis velhos sob as pedras. Era o *Sydney Bulletin* que mencionei anteriormente, pois meu amigo tinha grandes contatos em todas as partes do mundo concebíveis, e a imagem mostrava uma pedra horrorosa quase idêntica àquela que Legrasse encontrara no pântano.

Limpei ansiosamente a folha para verificar seu precioso conteúdo e examinei o item detalhadamente. Fiquei desapontado ao perceber que o tamanho não era suficiente para um exame mais minucioso. O que sugeria, no entanto, foi de grande significado para minha busca negligenciada, e então agi imediatamente. Junto da imagem, havia o seguinte texto:

MISTERIOSA EMBARCAÇÃO ENCONTRADA NO MAR

O navio Vigilant chega rebocando um iate equipado e indefeso da Nova Zelândia.

Um sobrevivente e um homem morto foram encontrados a bordo.

Relato de batalha desesperada e mortes no mar.

Marinheiro resgatado se recusa a dar

detalhes sobre a estranha experiência.

Ídolo estranho encontrado em sua posse.

Será instaurado um inquérito.

O cargueiro *Vigilant*, da Morrison Co., vindo de Valparaíso, chegou esta manhã ao cais do Porto de Darling, levando a reboque o combalido e desabilitado, mas fortemente equipado, iate *Alert*, de Dunedin, NZ, que foi avistado em 12 de abril na latitude sul 34°21', longitude Oeste 152°17' com um homem vivo e um morto a bordo.

O *Vigilant* deixou Valparaíso em 25 de março e em 2 de abril foi levado consideravelmente ao sul de seu curso normal por conta de tempestades e ondas monstruosas. Em 12 de abril, o navio foi avistado à deriva e, embora aparentemente desertado, continha um sobrevivente em estado semidelirante e um homem que evidentemente estava morto havia mais de uma semana. O homem vivo estava segurando um horrível ídolo de pedra de origem desconhecida, com cerca de trinta centímetros de altura, sobre cuja natureza as autoridades da Universidade de Sidney, a Royal Society e o Museu de College Street, todos professam completa perplexidade, e que o sobrevivente diz ter achado na cabine do iate, em um pequeno santuário esculpido em padrão comum.

Esse homem, depois de recuperar seus sentidos, contou uma história extremamente estranha de pirataria e abate. Seu nome era

Gustaf Johansen, um norueguês com alguma inteligência que havia sido segundo imediato da escuna de dois mastros *Emma*, de Auckland, que zarpara de Callao no dia 20 de fevereiro com uma tripulação de onze homens. *Emma*, disse ele, sofreu um atraso por ter sido lançada ao sul de seu curso original pela grande tempestade de 1º de março e, em 22 de março, na latitude sul 49°51' e longitude oeste 128°34', encontrou o *Alert*, composto por uma tripulação esquisita e de aparência maligna, composta por mestiços e canacas. O capitão Collins se recusou a acatar as ordens de recuar, e então a tripulação estranha começou a atirar selvagemmente e sem aviso contra a escuna com uma bateria particularmente pesada de canhão que fazia parte do equipamento do iate. Os homens do *Emma* responderam ao combate, disse o sobrevivente, e, embora a escuna comesçasse a afundar, eles conseguiram se aproximar até o inimigo e abordá-lo, lutando com a tripulação selvagem no convés da navegação e sendo obrigados a matá-los todos, por estarem em número ligeiramente superior e também por conta de sua maneira de lutar particularmente repugnante e desesperada, embora um pouco desajeitada.

Três dos homens do *Emma*, incluindo o capitão Collins e o primeiro imediato Green, foram mortos; e os oito restantes, comandados pelo segundo imediato Johansen, começaram a navegar o iate capturado, indo em sua direção original para ver se existia algum motivo para o seu pedido de volta. No dia seguinte, eles atracaram em uma pequena ilha, apesar de se saber que não existe nenhuma ilha nessa parte do oceano; e seis dos homens de alguma forma morreram em terra, embora Johansen seja estranhamente reticente sobre essa parte de sua história e fale apenas que todos caíram de um abismo rochoso. Mais tarde, ao que parece ele e um companheiro embarcaram no iate e tentaram

controlá-lo, mas foram castigados pela tempestade de 2 de abril. Daquele dia até seu resgate no dia 12, o homem pouco se lembra e nem mesmo sabe quando William Briden, seu companheiro, morreu. A morte de Briden não revela nenhuma causa aparente, e foi provavelmente devido à ansiedade que sentia ou à exposição ao sol escaldante. Telegramas de Dunedin relatam que o *Alert* era bastante conhecido como uma embarcação comercial e tinha uma má reputação ao longo da orla. Era de propriedade de um curioso grupo de mestiços cujos encontros frequentes e viagens noturnas à floresta atraíam pouca curiosidade, e partiu com grande rapidez logo depois da tempestade e tremores de terra de 1º de março. Nosso correspondente em Auckland atribuiu ao *Emma* e sua equipe uma

excelente reputação, e Johansen foi descrito como um homem sóbrio e digno. O almirantado instituirá uma investigação sobre o assunto a partir de amanhã, na qual serão envidados todos os esforços para induzir Johansen a falar mais sobre o que tem feito até o momento.

Isso era tudo o que a matéria de jornal dizia, além de trazer aquela imagem. Que turbilhão de ideias se iniciou em minha mente! Ali estavam novos tesouros de informações sobre o Culto a Cthulhu, com evidências de que ele tinha interesses estranhos não apenas na terra, mas também no mar. Que motivo levou a tripulação mestiça a ordenar o retorno do *Emma* enquanto navegavam com seu ídolo hediondo? Qual era a ilha desconhecida na qual seis membros da equipe do *Emma* haviam morrido e sobre a qual o segundo imediato Johansen era tão reservado? O que a investigação do vice-almirantado revelou, e o que se sabia do culto nocivo em Dunedin? E, o mais impressionante de tudo, que ligação profunda e mais do que natural entre as datas era essa que dava um significado maligno e agora inegável às várias reviravoltas dos acontecimentos tão cuidadosamente observadas por meu tio?

No dia 1º de março (nosso dia 28 de fevereiro, de acordo com Linha Internacional de Data), chegaram o terremoto e a tempestade. De Dunedin, o *Alert* e sua equipe barulhenta se lançaram ansiosamente como se tivessem sido imperiosamente convocados para algo e, do outro lado da terra, poetas e artistas começaram a sonhar com uma estranha e úmida cidade ciclópica, enquanto um jovem escultor moldava, a partir de seu sonho, a forma do temido Cthulhu. Em 23 de março, a tripulação do *Emma* desembarcou em uma ilha desconhecida e deixou seis homens mortos; e nessa data os sonhos de um homem sensível assumiram uma vivacidade acentuada e obscureceram-se com o medo inspirado pela perseguição maligna de um monstro gigante, enquanto um arquiteto enlouqueceu e um escultor caiu de repente em delírio!

E quanto a essa tempestade de 2 de abril – a data em que todos os sonhos da cidade úmida cessaram e Wilcox saiu ileso da escravidão da estranha febre? O que dizer de tudo isso – e das insinuações sobre os Antigos Anciões, nascidos nas estrelas e enterrados no fundo do mar; seu culto fiel e seu domínio sobre os sonhos? Eu estava prestes a descobrir horrores cósmicos que vão além da compreensão dos homens? Se assim for, esses horrores devem ser apenas da mente, pois de alguma maneira o dia 2 de abril havia posto um fim a qualquer ameaça monstruosa que estivesse preparando um cerco às almas de toda a humanidade.

Naquela noite, depois de enviar alguns telegramas apressadamente e me organizar para o dia seguinte, dei adeus a meu anfitrião e peguei um trem para São Francisco. Em menos de um mês eu estava em Dunedin, onde, no entanto, descobri que pouco se conhecia sobre os estranhos adeptos do culto que haviam permanecido nas antigas tabernas portuárias. A ralé do porto era comum demais para que pudesse ser feita alguma menção especial a ela, embora houvesse uma conversa vaga sobre

uma viagem que esses mestiços haviam feito, durante a qual se notaram um som abafado de tambores e uma chama vermelha nas colinas distantes. Em Auckland, fiquei sabendo que Johansen havia retornado com seus cabelos completamente brancos, que antes eram loiros, após um interrogatório superficial e inconclusivo em Sydney. Depois disso, vendeu sua casa de campo na rua West e tomou um navio com sua esposa, tendo como destino sua antiga casa em Oslo. Contou aos amigos não mais do que dissera aos oficiais do almirantado sobre sua grande vivência no mar, e tudo o que eles podiam fazer era me dar seu endereço em Oslo.

Depois, fui a Sydney e conversei sem sucesso com marinheiros e membros do tribunal do vice-almirantado. Vi o *Alert*, que tinha sido vendido e agora estava em uso comercial, no Circular Quay em Sydney Cove, mas não descobri nada a respeito do grande vulto sem definição. A imagem agachada, com sua cabeça de cefalópode, corpo de dragão, asas escamosas e pedestal hieroglífico, foi preservada no Museu de Hyde Park, e eu a estudei bem por muito tempo, achando que era um objeto de acabamento extremamente refinado, com o mesmo mistério absoluto, antiguidade terrível e estranheza sobrenatural do material que eu havia notado no espécime menor de Legrasse. Os geólogos, disse-me o curador, acharam aquele um enigma monstruoso, pois juraram que o mundo não possuía outra rocha como aquela. Então pensei, com um arrepio, no que o velho Castro dissera a Legrasse sobre os Grandes Anciões: “Eles vieram das estrelas e trouxeram Suas imagens com Eles”.

Abalado por uma revolução mental como eu nunca antes havia sido acometido, resolvi visitar o segundo imediato Johansen em Oslo.

Ao chegar em Londres, fui reembarcado imediatamente para a capital norueguesa, e em um dia de outono aportei nos ancoradouros à sombra de Egeberg. Descobri que o endereço de Johansen ficava na antiga cidade do rei Harald Hardrada, que manteve vivo o nome de Oslo durante todos os séculos em que a cidade maior passou disfarçada de “Christiania”. Fiz uma breve viagem de táxi e, com o

coração palpitante, bati à porta de uma construção antiga e elegante, com a frente rebocada. Uma mulher de rosto triste, vestida de preto, respondeu à minha convocação e fiquei decepcionado quando ela me disse, com um inglês hesitante, que Gustaf Johansen estava morto.

Ele não havia sobrevivido ao seu retorno, disse sua esposa, porque os feitos no mar em 1925 haviam acabado com ele. Ele não lhe contara mais do que dissera ao público, mas deixara um longo manuscrito – sobre “questões técnicas”, como ele dizia – escrito em inglês, evidentemente para salvaguardá-la do perigo de uma leitura casual. Durante um passeio por uma rua estreita perto do porto de Gotemburgo, um monte de papéis jogado de uma janela de um sótão o derrubara no chão. Dois marinheiros de Lascar o ajudaram imediatamente a ficar de pé, mas, antes que a ambulância pudesse chegar, ele já estava morto. Os médicos não encontraram uma causa adequada para sua morte e fizeram apenas duas anotações: problemas cardíacos e constituição enfraquecida.

Agora eu sentia um terror sombrio em minhas entranhas que nunca me deixará até que eu também possa descansar, “acidentalmente” ou não. Após persuadir a viúva de que minha conexão com os “assuntos técnicos” de seu marido era suficiente para me dar o direito ao manuscrito, levei-o e comecei a lê-lo no barco que me levava de volta a Londres. Era algo simples e desconexo – o esforço de um marinheiro ingênuo em um diário criado após os fatos – em que ele se esforçava para recordar, dia após dia, aquela última viagem horrível. Não posso transcrevê-lo textualmente em toda a sua nebulosidade e redundância, mas contarei o suficiente sobre sua essência para mostrar por que o som da água contra as laterais da embarcação se tornou tão insuportável para mim a ponto de eu precisar tampar meus ouvidos com algodão.

Johansen, graças a Deus, não sabia de tudo, mesmo após ver a cidade e a Coisa, mas nunca mais voltarei a dormir calmamente quando pensar nos horrores que se escondem incessantemente por trás da vida no tempo e no espaço, e dessas blasfêmias malditas de antigas estrelas que sonham no fundo do mar, conhecidas e adoradas por um culto infernal ansioso para soltá-las no mundo sempre que outro terremoto levantar sua monstruosa cidade de pedra novamente ao contato com o ar e a luz do Sol.

A viagem de Johansen começara exatamente como ele relatara ao vice-almirantado. O *Emma*, em lastro, havia zarpado de Auckland no dia 20 de fevereiro, e havia sentido toda a força daquela tempestade por conta de um terremoto que deve ter levantado do fundo do mar os

horrores que povoavam os sonhos dos homens. Mais uma vez sob controle, o navio estava fazendo um bom progresso quando foi confrontado pelo *Alert* em 22 de março, e eu pude sentir o pesar do imediato quando ele escreveu sobre o bombardeio do navio e seu subsequente naufrágio. Ele falava dos mestiços demoníacos do *Alert* com horror significativo. Havia alguma qualidade peculiarmente abominável sobre eles que fazia com que sua destruição parecesse quase um dever, e Johansen mostrou surpresa em relação à acusação de crueldade contra sua tripulação durante o inquérito judicial. Então, levados pela curiosidade em seu iate capturado sob o comando de Johansen, os homens avistaram um grande pilar de pedra saindo do mar e, na latitude sul 47°9', longitude oeste 126°43', achou uma linha costeira de lama e gosma misturadas, com pedras ciclópicas recobertas por nada menos do que poderia ser a substância tangível que cobriria o supremo terror da Terra – o cadáver da pavorosa cidade de R'lyeh, que foi construída incontáveis éons antes da história pelas formas vastas e abomináveis vindas de estrelas sombrias. Lá estavam o grande Cthulhu e suas hordas, escondidos em túmulos viscosos e enviando finalmente, após eras incalculáveis, os pensamentos que espalhavam medo nos sonhos de homens sensíveis e faziam clamores imperiosos aos fiéis para que seguissem uma jornada de libertação e restauração. Johansen não suspeitava de tudo disso, mas Deus sabe que ele viu o bastante!

Suponho que apenas um único topo de montanha, a horrenda cidadela coroada de monólitos em que o grande Cthulhu foi enterrado, emergiu das águas. Quando penso na extensão de tudo o que pode estar pairando lá embaixo, quase desejo me matar imediatamente. Johansen e seus homens ficaram impressionados com a majestade cósmica da Babilônia gotejante onde habitavam demônios mais antigos, e devem ter adivinhado, sem orientação alguma, que aquilo não podia ser de qualquer planeta sadio. A perplexidade ante o tamanho inacreditável dos blocos de pedra esverdeados, pela altura estonteante do grande monólito esculpido e a identidade estupefaciente das colossais estátuas e baixos-relevos com a estranha imagem encontrada no santuário do *Alert* é obviamente visível em cada linha da descrição assustada do imediato.

Mesmo sem saber o que era o futurismo, Johansen alcançou algo muito próximo disso quando falou da cidade, pois, em vez de descrever qualquer estrutura ou construção definida, ele apenas deu suas impressões gerais de grandes ângulos e superfícies de pedra, grandes demais para pertencer a qualquer coisa própria ou adequada a

essa terra, em um panorama impiedoso cheio de horríveis imagens e hieróglifos. Menciono o que disse sobre as angulações porque sugere algo que Wilcox me contou sobre seus terríveis sonhos. Ele dissera que a geometria do lugar que via em seus sonhos era anormal, não euclidiana e sugeria esferas e dimensões à parte das nossas. Agora, um marinheiro iletrado sentia a mesma coisa enquanto fitava a terrível realidade.

Johansen e seus homens atracaram em uma encosta de lama naquela monstruosa Acrópole e subiram por enormes blocos de pedra escorregadios que não poderiam ser obra de um mortal. O próprio sol, no céu, parecia distorcido quando visto através do miasma polarizante que saía dessa perversão encharcada de mar, e a ameaça e o suspense deformantes espreitavam maliciosamente naqueles ângulos loucos de rocha entalhada, onde um segundo olhar mostraria uma superfície côncava onde antes se via uma superfície convexa.

Algo muito parecido com o medo havia chegado a todos os exploradores antes mesmo de encontrarem qualquer coisa além de pedra, lodo e ervas daninhas. Cada um teria fugido se não receasse o desprezo dos outros, e então procuraram, sem muito entusiasmo (e em vão, como se provou) por algum souvenir que pudesse ser levado embora.

Foi Rodriguez, o português, que subiu no sopé do monólito e gritou que o encontrara. O restante o seguiu e olhou com curiosidade para a imensa porta esculpida com o agora familiar baixo-relevo de dragão e cabeça de lula. Johansen disse que era como uma grande porta de galpão; e todos sentiam que se tratava de uma porta por causa do lintel ornamentado, do umbral e das jambas em volta, embora não conseguissem decidir se era plana como um alçapão ou inclinada como uma porta de um porão. Como Wilcox teria dito, a geometria do lugar estava toda errada. Não se podia ter certeza de que o mar e o solo eram horizontais, portanto, a posição relativa de tudo o mais parecia fantasmagoricamente variável.

Briden empurrou a pedra em várias direções, sem ter resultado. Então Donovan passou a mão delicadamente ao redor das bordas, pressionando cada ponto separadamente enquanto prosseguia. Ele subia interminavelmente pela grotesca muralha de pedra – isto é, a pessoa chamaria isso de escalada se a porta não estivesse afinal na horizontal

– e os homens se perguntavam como qualquer porta no universo poderia ser tão vasta. Então, muito suave e lentamente, o grande painel – de cerca de quatro mil metros quadrados – começou a ceder

em sua

parte superior, e eles viram que ficara equilibrado. Donovan deslizou ou de alguma forma se jogou para baixo ou ao longo da jamba e se juntou aos seus companheiros, e todos observaram a estranha recessão do portal monstruosamente esculpido. Nessa fantasia de distorção prismática, a porta se movia anormalmente na diagonal, de modo que todas as leis da física e da perspectiva pareciam equivocadas.

A abertura era negra, com uma escuridão quase palpável. Essa tenebridade era de fato uma qualidade positiva, pois ela obscurecia as paredes internas, e de fato explodiu como fumaça para fora do local onde havia passado éons aprisionada, escurecendo visivelmente o Sol enquanto se esgueirava para o céu encolhido e minguate em asas membranosas agitadas. O odor proveniente das profundidades recém-abertas era intolerável e, por fim, Hawkins pensou ter ouvido um som desagradável e notável lá embaixo. Todos escutaram e continuaram ouvindo o som quando Ele chegou pesadamente e, babando, mostrou sua gelatinosa imensidão verde através da porta negra no ar exterior contaminado daquela cidade envenenada de loucura.

A caligrafia do pobre Johansen quase desapareceu quando ele escreveu sobre esse assunto. Dos seis homens que nunca chegaram ao navio, ele acha que dois morreram de puro medo naquele instante amaldiçoado. A Coisa era indescritível – não há língua que possa mostrar tais abismos de loucura imemorial e estridente, tais contradições de toda a matéria, força e ordem cósmica. Uma montanha que caminhava ou se arrastava pelo chão. Deus! Qual foi a maravilha que, do outro lado da Terra, fez um grande arquiteto enlouquecer e o pobre Wilcox delirar de febre naquele instante telepático? A Coisa dos ídolos, a semente verde e pegajosa das estrelas, despertou para reivindicar seu reinado. As estrelas estavam na posição correta novamente, e o que um antigo culto não conseguiu fazer de propósito, um bando de marinheiros inocentes fez por acaso. Depois de milhares de anos, o grande Cthulhu estava solto de novo no mundo e ávido por prazer.

Três homens foram arrastados por suas garras flácidas antes que alguém se virasse. Que descansem em paz, se é que existe alguma paz no universo. Eles eram Donovan, Guerrero e Ångstrom. Parker escorregou enquanto os outros três corriam freneticamente por sobre intermináveis planos de rochas incrustadas de algas, tentando chegar até o barco, e Johansen jura que foi engolido por um ângulo de pedra esculpida que não deveria estar ali; um ângulo agudo, mas que se comportava como se fosse obtuso. Assim, somente Briden e Johansen

chegaram ao barco e subiram desesperadamente no *Alert*, enquanto a monstruosidade montanhosa se debatia sobre as pedras escorregadias e se agitava à beira do mar.

Como o navio ainda tinha vapor, apesar de toda a tripulação se encontrar em terra, foram necessários alguns instantes de trabalho febril, subindo e descendo entre o timão e os motores, para colocar o *Alert* em movimento. Lentamente, em meio aos horrores distorcidos daquela cena indescritível, a embarcação começou a agitar as águas letais, enquanto na pedra esculpida daquele costão alienígena. A Coisa titânica das estrelas babava e urrava como Polifemo fez ao amaldiçoar o navio em fuga de Ulisses. Depois, mais ousado que o célebre Ciclope, o grande Cthulhu deslizou com sua gosma na direção da água e começou a perseguir a embarcação com vastas braçadas de energia cósmica. Briden olhou para trás e enlouqueceu, soltando gargalhadas estridentes até que a morte o levasse numa noite na cabine, enquanto Johansen vagava delirando pelo navio.

Mas Johansen não havia desistido ainda. Sabendo que a Coisa certamente poderia ultrapassar o *Alert* até que o vapor estivesse totalmente a pleno, ele fez uma desesperada aposta e, ajustando o motor para a velocidade máxima, correu como um raio no convés e inverteu a roda do leme. Formou-se então um poderoso turbilhão de espuma nas águas salgadas e, à medida que o vapor subia a níveis cada vez mais altos, o bravo norueguês direcionou seu navio para colidir com a criatura gelatinosa que estava acima da espuma impura como a popa de um galeão demoníaco. A horrível cabeça de lula, com os tentáculos que se contorciam, quase chegou ao gurupés da robusta embarcação, mas Johansen continuou navegando implacavelmente. Houve um estouro como se fosse uma bexiga explodindo, um material viscoso como um peixe-lua cortado ao meio, um fedor de mil tumbas abertas e um som que nem mesmo um cronista conseguiria transpor para o papel. Por um instante, o navio foi sufocado por uma nuvem verde acre e cegante, e logo não havia mais do que uma borbulha peçonhenta à popa, onde (Deus no céu!) os pedaços dispersos daquele rebento inominável estavam se reorganizando para voltar à sua odiosa forma original, enquanto sua distância aumentava a cada segundo à medida que o *Alert* ganhava ímpeto crescente.

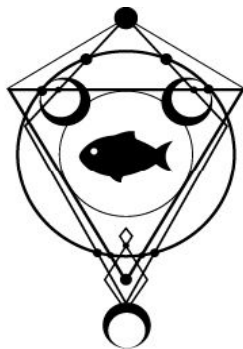
Isso foi tudo. Depois, Johansen apenas meditou sobre o ídolo na cabine e cuidou de alguns assuntos relacionados a provisões para ele e o maníaco que ria ao seu lado. Ele não tentou navegar logo após essa primeira fuga ousada, pois a reação havia retirado algo de sua alma. Então veio a tempestade de 2 de abril e uma nebulosidade pairou

sobre sua consciência. Houve uma sensação de turbilhonamento espectral através de golfos líquidos do infinito, de passeios vertiginosos por meio de universos cambaleantes na cauda de um cometa e de mergulhos histéricos do precipício à Lua e da Lua de volta ao precipício, todos animados por um coro dos deuses anciões distorcidos e pelos demônios com asas de morcego zombeteiros que habitam o Tártaro.

Desse sonho veio o resgate – o *Vigilant*, o tribunal do vice-almirantado, as ruas de Dunedin e a longa viagem de volta para a antiga casa no Egeberg. Ele não podia dizer nada – pensariam que ele estava louco. Ele escreveria sobre o que sabia antes de morrer, mas sua esposa não poderia saber de nada. A morte lhe seria uma bênção caso ela pudesse apagar aquelas lembranças.

Esse foi o documento que li e o coloquei na caixa de lata ao lado do baixo-relevo e dos papéis do professor Angell. Este será meu registro – este teste de minha própria sanidade, onde está reunido o que eu espero que nunca mais seja reunido novamente. Eu vi tudo o que o universo tem em termos de horror, e desde esse dia até mesmo os céus da primavera e as flores do verão sempre serão um veneno para mim. Não acho que minha vida será longa. Assim como a vida de meu tio e como a do pobre Johansen, assim será comigo. Eu sei de coisas demais e o culto ainda vive.

Cthulhu ainda vive também, suponho, naquele abismo de pedra que o protegeu desde que o Sol era jovem. Sua maldita cidade está afundada mais uma vez, pois o *Vigilant* navegou sobre o local após a tempestade de abril, mas seus mensageiros na Terra ainda berram, se agitam e matam em volta de monólitos coroados por ídolos em lugares solitários. Ele deve ter ficado preso quando afundou junto de seu abismo negro, ou então o mundo estaria agora gritando de medo e frenesi. Quem sabe o final desta história? O que subiu pode afundar e o que afundou pode voltar. A repulsa espera e sonha nas profundezas, e a decadência se espalha sobre as cidades desprotegidas dos homens. Será chegada a hora – mas não devo e não posso pensar nisso! Rezo para que, se eu não sobreviver a este manuscrito, meus executores possam colocar a cautela antes da audácia e tenham cuidado para que outros olhos nunca mais possam encontrá-lo.



DAGON

Escrevo sob uma tensão mental considerável, já que esta noite não mais serei. Sem dinheiro, e com o estoque da droga que torna minha vida suportável quase no fim, não suporto mais esta tortura; e vou me jogar, pela janela do sótão, caindo sobre esta triste rua esquelética. Não pense, por conta de minha escravidão em relação à morfina, que sou fraco ou degenerado. Quando estiver lendo estas páginas rabiscadas às pressas, você poderá descobrir, embora talvez nunca compreenda totalmente, por que anseio pelo esquecimento ou pela morte.

Aconteceu em mar aberto, em um dos trechos menos frequentados do vasto Oceano Pacífico, quando uma das grandes guerras estava em seu início, e as forças marítimas da Alemanha ainda não haviam se afundado completamente em sua posterior degradação, de modo que nossa embarcação se tornou um prêmio legítimo, enquanto nós, da tripulação, fomos tratados com toda a justiça e consideração que nos eram devidas como prisioneiros navais. Tão liberal, de fato, era a disciplina de nossos captores, que, cinco dias após sermos levados, consegui escapar sozinho em um pequeno barco, levando água e provisões para um bom período.

Quando finalmente me encontrei à deriva e livre, não tinha a menor ideia do que me cercava. Como eu nunca havia sido um navegador muito experiente, só poderia imaginar vagamente, por conta do Sol e das estrelas, que eu me localizava um pouco ao Sul do Equador. Eu não tinha ideia de minha longitude, e não havia nenhuma

ilha ou costa à vista. O tempo permaneceu bom, e por incontáveis dias vaguei sem rumo sob o Sol escaldante, esperando por algum navio de passagem ou para ser lançado às margens de alguma terra habitável. Mas nem o navio nem a terra apareceram, e comecei a me desesperar em meio à solidão da imensa vastidão de um azul interminável.

A mudança aconteceu enquanto eu dormia. Talvez eu nunca venha a saber os detalhes, pois, embora agitado e cheio de sonhos, tive um sono contínuo. Quando acordei pela última vez, descobri ter sido tragado por um lamacento e infernal lodo negro que se estendia à minha volta em monótonas ondulações até onde meus olhos alcançavam e onde meu barco estava enterrado a certa distância.

Embora se possa imaginar que minha primeira sensação seria de espanto diante de uma transformação tão prodigiosa e inesperada de cenário, fiquei, na verdade, mais horrorizado do que surpreso, pois havia no ar e no solo apodrecido algo sinistro que me arrepiou até o âmagô.

A região estava podre por conta das carcaças de peixe em decomposição e de outras coisas difíceis de descrever que pude ver se projetando da lama desagradável presente naquela planície interminável. Talvez não seja possível transmitir em poucas palavras a indizível repugnância que habitava no silêncio absoluto e na vasta imensidão. Não havia nada que pudesse ser ouvido e nada que pudesse ser visto, a não ser um longo caminho de lodo negro; contudo, eram a própria perfeição da quietude e a homogeneidade da paisagem que me oprimiam com um medo nauseante.

O Sol ardia em um céu desprovido de nuvens que me parecia quase negro em sua impiedade, como se refletisse o pântano escuro embaixo de meus pés. Conforme eu me arrastava para dentro do barco encalhado, percebi que apenas uma teoria poderia explicar minha posição. Por conta de um tipo de erupção vulcânica sem precedentes, uma parte do leito oceânico deve ter sido lançada à superfície, expondo regiões que por incontáveis milhões de anos haviam se escondido sob profundidades aquáticas imensuráveis. Tão grande era a extensão da nova terra que emergira sob mim, que eu não conseguia detectar o menor ruído de ondulação do oceano que surgisse, por mais que me esforçasse. Não havia nem mesmo aves marinhas para devorar o que estivesse morto ali.

Durante várias horas, sentei-me e fiquei pensando e ruminando no barco, que estava caído de lado e oferecia uma leve sombra quando o Sol se movia pelos céus. À medida que o dia avançava, o solo perdia um pouco de sua viscosidade e parecia que ele secaria o suficiente

para que eu pudesse seguir viagem em pouco tempo. Naquela noite dormi pouco e, no dia seguinte, preparei um farnel com comida e água, a fim de me preparar para uma viagem terrestre em busca do mar desaparecido e de um possível resgate.

Na terceira manhã, encontrei o solo seco o suficiente para caminhar por cima dele com facilidade. O odor dos peixes era enlouquecedor, mas eu estava preocupado com coisas mais graves para me importar com coisas tão pequenas, e parti corajosamente rumo a um objetivo desconhecido. Durante todo o dia eu segui firmemente para o Oeste, guiado por um monte distante mais alto que qualquer outro tipo de elevação no deserto. Acampeei naquela noite e, no dia seguinte, continuei viajando em direção ao monte, embora esse objeto parecesse quase tão distante do que quando o avistei pela primeira vez. Na quarta noite, alcancei a base do monte, que se revelou muito mais alta do que aparentava a distância; um vale interposto, que o deixava mais nítido em relação à superfície geral. Como estava muito cansado para subir, dormi à sombra da colina.

Não sei por que meus sonhos foram tão agitados naquela noite, mas, antes que a fantasmagórica lua minguante se elevasse muito acima da planície oriental, eu já havia despertado com uma transpiração fria e estava decidido a não mais dormir. As visões que eu havia experimentado eram muito fortes para que eu pudesse suportá-las novamente.

E foi sob o brilho da lua que percebi como eu havia sido imprudente ao viajar durante o dia. Sem o ardor do sol que se punha naquele instante, minha jornada teria me custado bem menos energia; de fato, agora me sentia bastante capaz de subir o monte que me intimidara ao pôr do sol. Peguei meu farnel e comecei a subir em direção ao cume do monte.

Eu já disse que a monotonia permanente da planície ondulante era uma fonte de vago horror para mim, mas acredito que meu horror foi maior quando ganhei o cume do monte e olhei para o outro lado, avistando um imensurável vale cujos recessos escuros a Lua ainda não havia se erguido o suficiente para iluminar. Eu me senti no limiar do mundo, espiando, por cima da borda, um caos insondável de escuridão eterna. Em meio a meu terror, tive curiosas reminiscências do Paraíso Perdido, e da escalada hedionda de Satã pelos reinos desiguais das trevas.

Quando a Lua se ergueu mais alto no céu, comecei a perceber que as encostas do vale não eram tão íngremes quanto eu imaginara. As saliências e os afloramentos de rochas facilitavam bastante a descida,

e, depois de alguns metros abaixo, o declive se tornava muito gradual. Instigado por um impulso que definitivamente não consigo analisar, desci com dificuldade pelas rochas e permaneci em uma suave encosta que havia abaixo, contemplando as profundezas estíguas, onde nenhuma luz havia penetrado ainda.

De repente, minha atenção foi capturada por um grande e singular objeto presente na vertente oposta que se erguia abruptamente cerca de noventa metros à minha frente; um objeto que brilhava de maneira pálida diante dos recém-nascidos raios da lua ascendente. Inicialmente imaginei que era apenas um pedaço gigantesco de pedra, mas eu estava pouco consciente de que seu contorno e sua posição não eram apenas o resultado de um trabalho da natureza. Um exame minucioso me encheu de sensações que não posso expressar, pois, apesar de sua enorme magnitude e de sua posição num abismo que ficara escondido no fundo do mar desde que o mundo era jovem, percebi, sem sombra de dúvida, que o estranho objeto era um monólito bem formado, cuja presença maciça havia conhecido o acabamento e talvez a adoração de criaturas vivas e pensantes.

Atordoado e assustado, porém sentindo uma certa emoção proveniente do deleite comum a cientistas ou arqueólogos, examinei o ambiente mais de perto. A lua, agora perto do zênite, brilhava intensa e misteriosamente acima dos grandiosos penhascos que ladeavam o abismo, e revelava um grande curso de água sinuoso, até se perder de vista em ambas as direções, que quase lambia meus pés enquanto eu me encontrava ali parado. Do outro lado do abismo, as pequenas ondas banhavam a base do ciclópico monólito; em cuja superfície eu podia agora distinguir inscrições e entalhes. A escrita se encontrava em um sistema de hieróglifos desconhecido por mim e diferente de tudo o que eu já vira nos livros, consistindo, em sua maior parte, de símbolos aquáticos convencionalizados como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias e afins. Vários personagens obviamente representavam objetos marinhos desconhecidos para o mundo moderno, mas cujas formas em decomposição eu havia observado na planície erguida do oceano.

No entanto, os entalhes decorativos foram o que mais me fascinaram. Claramente visíveis em toda a água, por conta de seu enorme tamanho, havia uma série de baixos-relevos que causariam inveja a um Doré. Creio que essas imagens deveriam representar pessoas – ou, pelo menos, um certo tipo delas, embora as criaturas fossem apresentadas como peixes se divertindo nas águas de alguma gruta marinha ou venerando santuários monolíticos que também

pareciam estar submersos. De seus rostos e formas não me atrevo a falar em detalhes, pois sua mera recordação me faz querer desmaiar. Grotescos além da imaginação de um Poe ou de um Bulwer, eles eram, em geral, incrivelmente humanos, apesar das mãos e dos pés com membranas, lábios largos e flácidos, olhos esbugalhados e vítreos, e outras características ainda menos agradáveis de se lembrar. Curiosamente, eles pareciam ter sido esculpidos de forma desproporcional em relação ao seu pano de fundo, pois uma das criaturas foi representada no momento em que matava uma baleia um pouco maior que ela. Observei seu grotesco e estranho tamanho, mas rapidamente achei que eles eram apenas os deuses imaginários de alguma tribo primitiva pescadora ou navegante, alguma tribo cujo último descendente perecera eras antes que o primeiro ancestral do homem de Piltdown ou de Neandertal tivesse nascido. Impressionado com esse vislumbre inesperado de um passado além da imaginação

do antropólogo mais ousado, fiquei ali refletindo enquanto a lua lançava reflexos estranhos no canal calmo diante de mim.

Então de repente eu a vi. Fazendo apenas um ligeiro movimento para marcar sua ascensão à superfície, a coisa deslizou à vista sobre as águas escuras. Vasta, semelhante a Polifemo e repugnante, ela disparou como um fantástico monstro de um pesadelo para o monólito, sobre o qual lançou seus gigantescos braços escamosos enquanto abaixava sua horrenda cabeça e dava vazão a certos sons ritmados. Achei que estava enlouquecendo.

Da minha subida frenética pela encosta e pelo penhasco, e da minha jornada delirante de volta ao barco encalhado, lembro-me pouco. Acredito que cantei muito e ri estranhamente quando não conseguia cantar. Tenho lembranças vagas de uma grande tempestade algum tempo depois que cheguei ao barco. De qualquer forma, sei que ouvi trovões e outros ruídos que a natureza pronuncia apenas em seus modos mais terríveis.

Quando saí das trevas, estava em um hospital de São Francisco, para onde fui trazido pelo capitão de um navio americano que encontrara meu barco no meio do oceano. Em meu delírio, eu havia falado muito, mas descobri que minhas palavras receberam pouca atenção. Meus salvadores não sabiam nada sobre qualquer terra no Pacífico, nem julguei necessário insistir em algo que eu sabia que eles não podiam acreditar. Certa vez, procurei um célebre etnólogo e o entretive com perguntas peculiares sobre a antiga lenda filistina de Dagon, o Deus-peixe, mas logo percebi que ele era irremediavelmente

convencional e não o pressionei com mais perguntas.

É à noite, especialmente quando a lua está gibosa e minguante, que vejo aquela coisa. Tentei a morfina, mas a droga causou apenas um alívio temporário e me atraiu para suas garras como um escravo sem esperança. Portanto, agora posso terminar com tudo, depois de ter escrito um relato completo para a informação ou a diversão desdenhosa dos meus semelhantes. Muitas vezes me pergunto se tudo não poderia ter sido pura fantasmagoria – uma mera aberração proveniente da febre de quando me deitava e delirava no barco descoberto após minha fuga do navio de guerra alemão. Isso é o que sempre me pergunto, mas todas as vezes vem até mim uma visão horivelmente vívida em resposta. Não consigo pensar no fundo do mar sem estremecer com as coisas sem nome que podem, nesse exato momento, estar rastejando e se esponjando em seu leito escorregadio, adorando seus antigos ídolos de pedra e esculpindo suas próprias imagens detestáveis em obeliscos submarinos de granito encharcado de água. Sonho com um dia em que eles possam se erguer acima das ondas para arrastar até o fundo do mar, com suas garras fétidas, os remanescentes de nossa frágil humanidade já exausta pela guerra; o dia em que a terra afundará e o fundo do oceano escuro vai se erguer em meio a um pandemônio universal.

O fim está próximo. Ouço um barulho na porta, como se houvesse um imenso corpo escorregadio arrastando-se nela. Ela não me encontrará. Meu Deus, aquela mão! A janela! A janela!



A MÚSICA DE ERICH ZANN

Apesar de ter examinado os mapas da cidade com grande cuidado, nunca mais encontrei a Rue d'Auseil. E não examinei apenas mapas modernos, pois sei que os nomes dos lugares mudam. Pelo contrário, mergulhei profundamente em todas as antiguidades do lugar; e explorei pessoalmente todas as regiões, de qualquer nome, que pudessem corresponder à rua que eu conhecia como Rue d'Auseil. Mas, apesar de tudo o que fiz, continua sendo um fato humilhante não conseguir encontrar a casa, a rua ou mesmo a localidade onde, durante os últimos meses de minha pobre vida como estudante de metafísica na universidade, ouvi a música de Erich Zann.

Minha memória está cada vez pior, mas isso não me admira, pois minha saúde, física e mental, esteve gravemente perturbada durante todo o período em que residi na Rue d'Auseil, e lembro-me de que não levei nenhum de meus poucos conhecidos até lá. Mas o fato de eu não conseguir encontrar o local novamente é algo singular e perplexo, pois ficava a meia hora de caminhada da universidade e se distinguia por peculiaridades que dificilmente poderiam ser esquecidas por qualquer um que estivesse lá. Eu jamais conheci uma pessoa que tenha visto a Rue d'Auseil.

A Rue d'Auseil ficava do outro lado de um rio escuro, ladeado por depósitos de tijolos com janelas de vidro embaçado, sobre o qual havia uma pesada ponte de pedra escura. Tudo era sempre sombrio ao

longo daquele rio, como se a fumaça das fábricas vizinhas bloqueasse o Sol perpetuamente. O rio também era fedorento, com os maus cheiros que eu nunca vi em outro lugar, e que um dia poderiam me ajudar a encontrá-lo novamente, já que eu os reconheceria imediatamente. Além da ponte havia ruas estreitas de paralelepípedos com parapeitos; e então vinha a subida, a princípio gradual, mas incrivelmente íngreme quando a Rue d'Auseil começava.

Nunca vi uma rua tão estreita e íngreme como a Rue d'Auseil. Era quase um penhasco, impossível para o trânsito de veículos, e apresentava em vários lugares lances de degraus, e ao final, em seu topo, havia uma parede coberta de hera. Sua pavimentação era irregular, às vezes com lajes de pedra, às vezes paralelepípedos e, às vezes, terra nua com vegetação cinza-esverdeada. As casas eram altas, com telhados pontiagudos, incrivelmente velhas e loucamente inclinadas para trás, para a frente e para os lados. Ocasionalmente, um par de casas opostas, ambas inclinadas para a frente, quase se encontravam dos dois lados da rua formando um arco, que certamente não deixava a luz chegar até o chão abaixo delas. Havia algumas pequenas pontes suspensas que ligavam as casas uma a outra.

Os habitantes daquela rua me impressionaram de maneira peculiar. A princípio, achei que era por todos serem silenciosos e reticentes, mas depois concluí que era pelo fato de todos serem muito velhos. Não sei como vim morar numa rua dessas, mas já não era eu mesmo quando me mudei para lá. Vivi em muitos lugares pobres, sempre despejado por falta de dinheiro, até que finalmente encontrei a casa na Rue d'Auseil, mantida pelo paralítico Blandot. Era a terceira casa do alto da rua e, de longe, a mais alta de todas.

Meu quarto ficava no quinto andar; o único quarto ali habitado, já que a casa estava quase vazia. Na noite em que cheguei, ouvi uma música estranha vinda do sótão pontiagudo sobre minha cabeça e, no dia seguinte, perguntei o que era aquilo ao velho Blandot. Ele me disse que era um velho violista alemão, um homem mudo e estranho que assinava como Erich Zann e que tocava em uma orquestra de teatro barato à noite.

Disse ainda que o desejo de Zann de tocar à noite, após seu retorno do teatro, era a razão pela qual havia escolhido aquele sótão isolado, cuja única janela de empena era o único ponto na rua da qual se podia ver por cima do muro na direção do declive e no panorama além.

Depois disso, passei a ouvir Zann todas as noites e, embora ele me mantivesse acordado, eu ficava sempre assombrado pela estranheza de

sua música. Mesmo sabendo pouco da arte, eu ainda estava certo de que nenhuma de suas harmonias tinha alguma relação com a música que eu ouvira antes, e concluí que ele era um compositor de gênio altamente original. Quanto mais o escutava, mais ficava fascinado, até que, depois de uma semana, resolvi conhecê-lo.

Certa noite, quando Zann voltava do trabalho, eu o interceptei no corredor e lhe disse que gostaria de conhecê-lo e de vê-lo tocar. Ele era uma pessoa pequena, magra e curvada, com roupas surradas, olhos azuis, rosto grotesco, parecido com um sátiro, e tinha a cabeça quase careca; e, enquanto eu proferia minhas primeiras palavras a ele, parecia irritado e assustado. Minha camaradagem óbvia, no entanto, finalmente o fez baixar a guarda, e ele, relutante, fez um gesto para que eu o seguisse até as escadas escuras, rangentes e frágeis do sótão. Seu quarto, um dos únicos dois existentes no íngreme sótão, ficava no lado oeste, na direção do muro alto que limitava a extremidade superior da rua. Seu quarto era muito grande, e parecia maior por causa de sua extraordinária nudez e desarrumação. Como mobília, havia apenas uma estreita cama de ferro, um lavatório encardido, uma pequena mesa, uma grande estante de livros, um suporte de partituras de ferro e três cadeiras antiquadas. Havia diversas folhas com notações musicais empilhadas em desordem no chão. As paredes eram de tábuas nuas e provavelmente nunca conheceram gesso, enquanto a abundância de poeira e teias de aranha faziam o lugar parecer mais deserto do que habitado. Evidentemente, o mundo da beleza de Erich Zann jazia em algum cosmo distante da imaginação.

Fazendo-me sinal para sentar, o homem mudo fechou a porta, girou o grande ferrolho de madeira e acendeu uma vela para aumentar a luz da que ele trouxera consigo. Tirou a viola de gamba de seu estojo comido pelas traças e, tomando-o, sentou-se na mais desconfortável das cadeiras. Ele não utilizou o suporte de partituras, mas também não me ofereceu escolha e tocou de memória, encantando-me por mais de uma hora com acordes que eu nunca ouvira antes e que talvez fossem inventados por ele. Descrever sua natureza exata é impossível para alguém não versado em música. Sua música era uma espécie de fuga, com passagens recorrentes da qualidade mais cativante, mas para mim era notável pela ausência de qualquer uma das notas estranhas que eu tinha ouvido do meu quarto abaixo em outras ocasiões.

Eu me lembrava daquelas notas assombrosas, que muitas vezes assobiava e murmurava para mim mesmo, sem muito ritmo; então, quando o músico largou seu arco, perguntei-lhe se poderia tocar algumas delas. Assim que iniciei meu pedido, seu rosto enrugado de

sátiro perdeu a placidez entediada que apresentara durante a execução e pareceu mostrar a mesma mistura curiosa de raiva e medo que eu havia notado quando inicialmente o abordei. Por um momento estive inclinado a usar da persuasão, considerando os caprichos da senilidade, e até tentei elevar o humor estranho do meu anfitrião, assobiando alguns dos acordes que eu ouvira na noite anterior. No entanto, não segui esse caminho, pois, quando o músico mudo reconheceu o que eu estava assobiando, seu rosto ficou repentinamente distorcido com uma expressão completamente indescritível, e sua mão direita, alongada e fria, estendeu-se para tampar minha boca e silenciar minha imitação grosseira. Ao fazer isso, demonstrou ainda mais sua excentricidade lançando um olhar assustado para a janela, como se tivesse medo de algum intruso; um olhar duplamente absurdo, já que o sótão era alto e inacessível, acima de todos os telhados adjacentes, sendo aquela janela o único ponto na rua íngreme, como o porteiro havia me dito, a partir do qual se podia ver por cima do muro no cume.

O olhar do velho trouxe à mente a observação de Blandot e, com certo capricho, senti o desejo de contemplar o panorama amplo e vertiginoso dos telhados iluminados pelo luar e das luzes da cidade além do topo da colina, que, de todos os moradores da Rue d'Auseil, só esse músico rabugento poderia ver. Fui até a janela e teria deixado de lado as cortinas indefinidas, quando, com uma raiva assustadora ainda maior do que antes, o inquilino mudo estava novamente em cima de mim, dessa vez acenando com a cabeça em direção à porta enquanto ele, muito nervoso, esforçava-se para me arrastar até lá com as duas mãos. Agora completamente chateado com meu anfitrião, ordenei-lhe que me libertasse e disse-lhe que sairia imediatamente. Ele me soltou e, quando viu meu desgosto e ofensa, sua própria raiva pareceu diminuir. O músico me segurou com força novamente, mas dessa vez de maneira amigável, forçando-me a sentar-me numa cadeira, e então com uma expressão de melancolia a atravessar a mesa abarrotada, onde ele escreveu algumas palavras a lápis no francês forjado de um estrangeiro.

A nota que ele finalmente me entregou foi um apelo por tolerância e perdão. Zann disse que estava velho, solitário e afligido por medos estranhos e distúrbios nervosos ligados à sua música e a outras coisas. Ele gostara de eu ter ouvido sua música, desejava que eu voltasse e pediu que não me importasse com suas excentricidades. Mas ele não conseguia tocar suas estranhas harmonias para outras pessoas, não suportava ouvi-las sendo tocadas por elas e também não

suportava que mexessem nas coisas que estavam em seu quarto. Ele não sabia, até termos entabulado nossa conversa no corredor, que eu conseguia ouvi-lo tocar do meu quarto, e agora me perguntava se eu iria combinar com Blandot de ocupar um quarto inferior onde eu não pudesse ouvi-lo durante a noite. Ele iria, conforme escreveu, custear a diferença no aluguel.

Enquanto me sentava decifrando o francês execrável, senti-me mais tolerante com o velho. Ele era vítima do sofrimento físico e nervoso, assim como eu, e meus estudos metafísicos me ensinaram a ser bondoso. No silêncio, um leve som veio da janela – o vento noturno talvez tenha feito os vidros sacudirem – e, por algum motivo, comecei a me assustar como ocorrera anteriormente com Erich Zann. Então, quando terminei de ler, apertei a mão dele e parti como um bom amigo. No dia seguinte, Blandot me deu um quarto mais caro no terceiro andar, entre os apartamentos de um agiota idoso e o quarto de um respeitável estofador. Não havia ninguém no quarto andar.

Não demorou muito para que eu descobrisse que a ânsia de Zann por minha companhia não era tão grande quanto parecia quando ele me persuadiu a me mudar para o quinto andar. Ele não me pediu para visitá-lo e, quando o chamei, ele pareceu desconfortável e tocou desanimadamente. Isso acontecia sempre à noite: ele dormia durante o dia e não recebia quem quer que fosse. Meu apreço por ele não aumentou, embora o quarto do sótão e a música estranha parecessem me causar um estranho fascínio. Eu tinha um desejo inexplicável de olhar por aquela janela, por cima do muro, para o declive invisível e para os telhados e as cumeeiras brilhantes que deveriam haver lá. Certa vez fui até o sótão durante as horas em que ele estava no teatro, mas a porta estava trancada.

A única coisa que eu conseguia escutar era a música noturna do velho mudo. No começo, eu ia na ponta dos pés até o quinto andar, depois tomei coragem para subir a última escada rangente até o sótão. Ali, no corredor estreito, do lado de fora da porta trancada, com o buraco da fechadura coberto, eu ouvia frequentemente sons que me enchiam de um indefinível pavor – o pavor de espantos vagos e dos mistérios ocultos. Não que os sons fossem medonhos, porque não o eram, mas eles mantinham vibrações que sugeriam coisas alheias a este planeta e, em certos intervalos, assumiam uma qualidade sinfônica que eu dificilmente poderia imaginar como produzida por uma única pessoa. Certamente, Erich Zann era um gênio de força selvagem. Com o passar das semanas, a música tornou-se mais violenta, enquanto o velho músico adquiria um crescente desalento e

um furtivismo lamentável de contemplar. Ele agora se recusava a me receber sempre e me evitava quando nos encontrávamos na escada.

Então, uma noite, enquanto ouvia à porta, escutei o som de uma viola se transformar em uma babel caótica de sons, um pandemônio que me levaria a duvidar de minha própria sanidade abalada se não tivesse vindo por trás daquela porta trancada uma prova lamentável de que o horror era real – o horrível e inarticulado grito que só um mudo pode pronunciar, e que surge apenas em momentos do mais terrível medo ou angústia. Bati repetidamente na porta, mas não obtive resposta. Depois, esperei no corredor escuro, tremendo de frio e medo, até ouvir o fraco esforço do músico tentando se levantar do chão com a ajuda de uma cadeira. Por acreditar que ele estivesse voltando à consciência depois de um desmaio, bati na porta novamente, ao mesmo tempo em que dizia que era eu quem o estava chamando. Ouvi Zann cambalear até a janela e fechar as rótulas e a guilhotina, depois ir até a porta, que ele abriu para mim. Dessa vez, seu prazer em me ver era real, pois seu rosto distorcido brilhava de alívio enquanto ele puxava meu casaco como uma criança agarra as saias da mãe.

Tremendo pateticamente, o velho me obrigou a sentar em uma cadeira enquanto afundava em outra, ao lado da qual sua viola e seu arco estavam descuidadamente no chão. Ele ficou sentado e imóvel por algum tempo, balançando a cabeça estranhamente, mas dando uma paradoxal impressão de escuta intensa e assustada. Posteriormente, ele pareceu estar satisfeito e, ao mover-se para uma cadeira do outro lado da mesa, escreveu uma breve nota, entregou-a a mim e voltou para a mesa, onde começou a escrever rápida e incessantemente. Nessa nota, ele implorava, misericordiosamente e por causa de minha própria curiosidade, que eu esperasse onde eu estava enquanto ele preparava um relato completo, em alemão, de todas as maravilhas e terrores que o atormentavam. Eu esperei, e o lápis do velho mudo correu pelo papel velozmente.

Foi talvez uma hora depois, enquanto eu ainda esperava e enquanto as folhas febrilmente escritas pelo velho músico continuavam a se acumular, que vi Zann começar a se assustar como se tivesse sido impactado por um horrível sobressalto. Inacreditavelmente, ele estava olhando para a janela com cortinas e, estremecendo, escutava algo. Então eu também ouvi o som, que, embora não fosse horrível, mas sim uma nota musical extremamente baixa e infinitamente distante, sugerindo uma pessoa que tocava em uma das casas vizinhas ou em alguma morada para além do muro alto sobre o qual eu nunca

consegui olhar. O efeito sobre Zann foi terrível, pois, ao deixar cair o lápis, subitamente se levantou, agarrou sua viola e começou a rasgar a noite com a música mais selvagem proveniente de seu arco, a não ser através da porta trancada.

Seria inútil descrever Erich Zann tocando naquela noite terrível. Era mais horrível do que qualquer coisa que eu já tinha ouvido, porque agora eu podia ver a expressão do seu rosto, e podia perceber que dessa vez o motivo era um medo total. Ele estava tentando fazer barulho para afastar ou afogar algo; o que, eu não podia imaginar, por mais apavorante que parecesse ser. A execução tornou-se fantástica, delirante e histérica, mas mantiveram-se até o fim as qualidades do supremo gênio que aquele senhor possuía. Eu reconheci os acordes (era uma dança húngara selvagem popular nos teatros), e eu percebi por um momento que esta era a primeira vez que eu ouvia Zann interpretar o trabalho de outro compositor.

Cada vez mais alto e cada vez mais selvagem, cresciam o uivo e o lamento daquela viola desesperada. O músico pingava um suor estranho e se retorcia como um macaco, sempre olhando freneticamente para a janela acortinada. Em seus acordes arrebatados, eu quase podia ver sombras de sátiros e bacantes dançando e girando loucamente através de abissais nuvens, fumaça e relâmpagos. E então pensei ter ouvido uma nota mais estridente e firme que não era proveniente da viola; era uma nota calma, deliberada, intencional e zombeteira que vinha longe, do oeste.

Nesse momento, as rótulas começaram a tremer em meio a um vento noturno uivante que surgira do lado de fora, como se em resposta à louca música que acontecia lá dentro. A viola uivante de Zann agora se superava, emitindo sons que eu nunca imaginei que um instrumento daqueles pudesse emitir. As rótulas sacudiram mais alto, desprenderam-se e começaram a bater contra a janela. Então o vidro se partiu diante dos impactos persistentes, e o vento frio entrou rapidamente no recinto, fazendo oscilarem as velas e farfalharem as folhas de papel onde Zann começara a escrever seu horrível segredo. Olhei para Zann e vi que ele estava em transe. Seus olhos azuis estavam esbugalhados, vidrados e tresloucados, e a execução frenética se tornara uma orgia cega, mecânica e irreconhecível que nenhuma pena poderia sugerir.

Uma rajada súbita, mais forte que as outras, levou o manuscrito até a janela. Corri atrás das folhas em desespero, mas elas se foram antes que eu as alcançasse. Então, lembrei-me do meu velho desejo de olhar por esta janela, a única janela na Rue d'Auseil da qual se podia ver a

encosta além do muro e a cidade abaixo. Estava muito escuro, mas as luzes da cidade sempre estavam brilhando, e eu esperava vê-las lá no meio da chuva e do vento. No entanto, quando olhei da mais alta de todas as janelas, enquanto as velas tremulavam e a louca viola uivava com o vento da noite, não vi nenhuma cidade lá embaixo e nenhuma luz amigável brilhava nas ruas familiares, mas apenas a escuridão do espaço ilimitado, um espaço inimaginável vivo, com movimento e música, que não se assemelhava com qualquer coisa na face da Terra. E enquanto eu olhava aterrorizado, o vento apagou ambas as velas daquele antigo sótão, deixando-me em uma escuridão selvagem e impenetrável, com caos e pandemônio diante de mim, e a loucura demoníaca daquela viola atrás de mim.

Cambaleei de volta no escuro, sem meios de acender a luz. Bati contra a mesa, derrubei uma cadeira e, finalmente, fui tateando em direção ao lugar onde a escuridão urrava com a música estridente. Eu poderia ao menos tentar salvar a mim e a Erich Zann, quaisquer que fossem os poderes opostos. Achei que alguma coisa fria havia tocado em mim e gritei, mas meu grito não podia superar o som da monstruosa viola. De repente, no meio da escuridão, o arco da viola me atingiu, e então eu soube que estava perto do músico. Tateei à frente, toquei a parte de trás da cadeira de Zann e então procurei seu ombro e o sacudi para tentar trazê-lo de volta aos sentidos.

Ele não respondeu, e ainda assim a viola continuou zunindo sem parar. Coloquei minha mão na cabeça dele e consegui cessar o movimento mecânico que ela fazia, e disse alto em seu ouvido que ambos devíamos fugir das coisas desconhecidas da noite. Mas ele não me respondeu nem diminuiu o frenesi de sua música inexprimível, enquanto em todo o sótão estranhas correntes de vento pareciam dançar na escuridão babélica. Quando minha mão tocou sua orelha, estremeci, embora não soubesse o motivo; não sabia por que até sentir seu rosto imóvel, gelado, enrijecido e sem fôlego, cujos olhos vítreos se projetavam inutilmente no vazio. E então, por algum milagre, encontrando a porta e a grande trava de madeira, me arrastei rapidamente para longe daquela coisa de olhos vítreos no escuro e do uivo macabro daquela maldita viola cuja fúria aumentou mesmo quando eu me retirava do local.

Pulei, flutuei, voei pelas escadas sem fim da casa escura, corri loucamente pelas ruas estreitas, íngremes e antigas povoadas de degraus e cercadas de casas decadentes, pulei degraus e pedras na direção das ruas mais baixas e do pútrido e profundo rio, ofegante

pela grande ponte escura em direção às ruas e bulevares mais amplos e saudáveis conhecidos. Todas essas são impressões terríveis que permanecem comigo. Eu me lembro de que não havia vento, que a Lua estava apagada e que todas as luzes da cidade piscavam.

Apesar das minhas buscas e investigações mais cuidadosas, nunca consegui encontrar a Rua d'Auseil. Mas não lamento, nem por isso, nem pela perda dos abismos inimagináveis das folhas escritas, o que por si só poderia ter explicado a música de Erich Zann.



DE **O HORROR DUNWICH**

“Górgonas, Hidras e Quimeras – histórias terríveis de Celeno e as Harpias – podem se reproduzir no imaginário da superstição – mas eles estavam lá antes disso. São transcrições, tipos – os arquétipos estão em nós e são eternos. De que outra forma a recitação daquilo que sabemos ser falso, em vigília, poderia causar-nos temor? Será que naturalmente concebemos o terror de tais objetos por sua capacidade de nos infligir danos corporais? Oh, de maneira nenhuma! Esses terrores são de longa data. Eles datam além do corpo – ou, na ausência do corpo, eles teriam sido os mesmos... Que o tipo de medo aqui tratado seja puramente espiritual, que ganhe força na proporção em que se apresenta destituído de um objeto na Terra, que predomina no período de nossa infância sem pecado, são dificuldades cuja solução pode fornecer um provável entendimento de nossa condição antemundana e, ao menos, um vislumbre da preexistência.” – Charles Lamb: “Bruxas e Outros Temores Noturnos”

I.

Quando um viajante no centro-norte de Massachusetts pega a bifurcação errada na junção da estrada de Aylesbury, logo depois da Dean’s Corners, ele se depara com um país solitário e curioso. Ali, a vegetação torna-se mais alta, e os muros de pedra cercados por espinheiros pressionam cada vez mais os sulcos da estrada empoeirada e curva. As árvores dos frequentes cinturões florestais parecem muito

grandes, e as ervas silvestres, os arbustos e as gramíneas atingem um tamanho raramente encontrado em regiões habitadas. Ao mesmo tempo, os campos plantados parecem singularmente poucos e estéreis, enquanto as casas esparsas têm um aspecto surpreendentemente uniforme de antiguidade, miséria e decadência. Mesmo sem entender o motivo, o visitante hesita em pedir informações às figuras retorcidas e solitárias vistas de vez em quando em degraus escorregadios ou nas pradarias inclinadas e cheias de pedras. Essas figuras são tão silenciosas e furtivas, que a pessoa chega a sentir-se, de algum modo, confrontada por coisas proibidas, com as quais seria melhor não ter contato. Quando uma elevação na estrada deixa as montanhas à vista sobre as florestas profundas, a sensação de estranheza e desconforto aumenta. Os cumes são muito arredondados e simétricos para dar uma sensação de conforto e naturalidade, e às vezes o céu mostra com nitidez os estranhos círculos de altos pilares de pedra com os quais a maioria deles é coroada.

Desfiladeiros e vales de profundidade enigmática interceptam o caminho, e as pontes de madeira bruta sempre parecem de segurança duvidosa. Quando a estrada desce novamente, há trechos de pântano de que instintivamente não gostamos e, na verdade, quase os tememos à noite, quando bacuraus invisíveis conversam e os vaga-lumes saem em profusão anormal para dançar ao som dos estridentes ritmos de sapos-

-boi barulhentos. A linha fina e brilhante dos trechos mais altos do Miskatonic sugere a movimentação de uma serpente que se aproxima dos sopés das colinas em forma de cúpula, entre as quais se eleva.

À medida que as colinas se aproximam, é possível ver mais seus lados arborizados do que os cumes com seus topos coroados de pedra. Essas encostas são tão escuras e íngremes que nosso primeiro instinto é manter distância delas, mas não há como escapar. Do outro lado de uma ponte coberta, vê-se uma pequena aldeia amontoada entre o córrego e a encosta vertical da Round Mountain, e ficamos maravilhados com os aglomerados de telhados apodrecidos que indicam um período arquitetônico anterior ao de toda a região vizinha. Não é reconfortante ver, sob um olhar mais atento, que a maioria das casas está deserta e caindo aos pedaços, e que a igreja quebrada agora abriga o único estabelecimento comercial da aldeia. É difícil confiar no túnel tenebroso da ponte, embora não haja como evitá-lo. Depois de atravessá-la, é difícil evitar a impressão de um odor fraco e maligno na rua da aldeia, assim como de mofo e decadência de séculos. É sempre um alívio afastar-se do local e seguir a estrada

estreita em torno da base das colinas e atravessar a região plana até chegar à estrada de Aylesbury. Depois, às vezes, descobre-se ter passado por Dunwich.

Pessoas de fora visitam Dunwich o mais raramente possível e, desde que passou por uma temporada de horror, todas as placas apontadas para lá foram retiradas. O cenário, julgado por qualquer padrão estético comum, destaca-se pela beleza; mesmo assim, ainda não há afluxo de artistas ou turistas de verão. Dois séculos atrás, quando se falava de sangue de bruxa, adoração a Satanás e estranhas presenças na floresta, era costume apresentar razões para evitar a localidade. Nesta nossa época sensata; desde que o horror de Dunwich em 1928 fora abafado por aqueles que tinham o bem-estar da cidade e do mundo no coração, as pessoas evitam-no sem saber exatamente por quê. Talvez uma das razões (embora não possa ser aplicada a estranhos com pouca informação) é que os nativos agora são repulsivamente decadentes, tendo ido longe no caminho de retrocesso tão comum em muitos remansos da Nova Inglaterra. Eles acabaram formando uma raça só deles, com os estigmas mentais e físicos de degeneração e endogamia bem definidos. A média de sua inteligência era lamentavelmente baixa, enquanto sua história cheirava a vícios e assassinatos, incestos e atos de violência e perversidade quase inomináveis. A velha aristocracia, representando as duas ou três famílias ricas que vieram de Salem em 1692, manteve-se um pouco acima do nível geral de decadência, embora muitas linhagens tenham afundado tão profundamente em seu sórdido populacho que apenas determinados nomes permanecem como uma chave para a origem que eles desgraçam. Alguns dos Whateley e dos Bishop ainda enviavam seus filhos mais velhos para Harvard e Miskatonic, embora raramente estes retornassem às mansões emboloradas em que nasceram, assim como tantos ancestrais.

Ninguém, mesmo aqueles que sabem dos fatos a respeito do horror recente, pode dizer exatamente qual é o problema com Dunwich, embora lendas antigas falem de ritos profanos e conclaves indígenas, no meio dos quais eles invocavam formas proibidas das sombras das grandes colinas arredondadas, e faziam orações orgiásticas selvagens que eram respondidas por estalos e estrondos vindos do chão. Em 1747, o reverendo Abijah Hoadley, recém-chegado à Igreja Congregacional na vila de Dunwich, pregou um memorável sermão sobre a presença próxima de Satanás e seus diabretes, em que ele disse:

– Deve ser permitido que essas Blasfêmias de um infernal Trem de

Daemons sejam assuntos de um conhecimento muito comum para serem negados; as amaldiçoadas Vozes de Azazel e de Buzrael, de Belzebu e Belial, sendo ouvidas agora dos Subterrâneos por uma Contagem de Testemunhas vivas e confiáveis. Eu mesmo, não faz mais do que quinze dias, captei muito claramente um Discurso sobre os Poderes das forças do mal no Monte atrás de minha casa; em que havia sons de Chocalho e Rumores, Gemidos, Gritos e Assobios, como nenhuma Coisas desta Terra poderia ter levantado e que deve ter vindo daquelas Cavernas que somente a Magia Negra pode descobrir, e somente o Diabo destrancou.

O senhor Hoadley desapareceu logo depois de fazer este sermão, mas o texto, impresso em Springfield, ainda existe. Ruídos nas montanhas continuaram a ser relatados ano após ano, e ainda são um enigma para geólogos e fisiógrafos.

Outras tradições falam de odores desagradáveis perto dos círculos de pilares de pedra que coroam as colinas, e de presenças aéreas que podem ser fracamente ouvidas em determinadas horas, a partir de pontos determinados no fundo de enormes vales, enquanto outras ainda tentam explicar o Canteiro do Diabo: uma encosta sombria e destruída na qual nenhuma árvore, arbusto ou grama crescerão algum dia. Os nativos têm um medo mortal dos inúmeros bacuraus que aumentam o som nas noites quentes. Diz-se que os pássaros são psicopompos que aguardam a alma dos moribundos e que dão gritos sinistros em sintonia com a respiração ofegante do moribundo. Se eles conseguem capturar a alma em fuga quando ela deixa o corpo, voam instantaneamente para longe, rindo em gargalhadas demoníacas, mas, se falham, gradualmente diminuem seus sons até chegarem a um silêncio de desapontamento.

Essas histórias, é claro, são obsoletas e ridículas, porque vêm de tempos muito antigos. Dunwich é de fato absurdamente velha; mais antiga do que qualquer uma das comunidades dentro de 50 quilômetros. Ao sul da aldeia ainda se pode espiar as paredes do porão e a chaminé da antiga casa dos Bishop, construída antes de 1700, enquanto as ruínas do moinho na queda-d'água, construído em 1806, formam a peça mais moderna da arquitetura vista. A indústria não floresceu aqui, e o movimento fabril do século XIX teve curta duração. Os mais antigos de todos são os grandes círculos com colunas de pedra rústica nas encostas das montanhas, mas em geral são atribuídos mais aos nativos do que aos colonos. Depósitos de crânios e ossos, encontrados dentro desses círculos e ao redor da considerável rocha retangular na Sentinel Hill, sustentam a crença popular de que esses

lugares já foram os locais de sepultamento dos Pocumtucks, embora muitos etnologistas, desconsiderando a completa improbabilidade de tal teoria, persistam em acreditar que tais restos mortais sejam de pessoas de origem caucasiana.

II.

Foi no vilarejo de Dunwich, em uma casa rural grande e parcialmente habitada, situada em uma encosta a quatro milhas da aldeia e a uma milha e meia de qualquer outra habitação, que Wilbur Whateley nasceu às cinco da manhã, no segundo domingo de fevereiro de 1913. Essa data foi lembrada porque era a Candelária, que as pessoas em Dunwich curiosamente chamavam por outro nome; e porque houve ruídos nas colinas, e todos os cães do campo latiram persistentemente durante a noite anterior. Menos digno de nota era o fato de que a mãe era uma das decadentes Whateleys, uma mulher albina de 35 anos, um tanto disforme e pouco atraente, que vivia com um pai idoso e meio louco, sobre os quais os mais terríveis contos de feitiçaria haviam sido atribuídos em sua juventude. Lavinia Whateley não tinha marido conhecido, mas, de acordo com os costumes da região, não fez nenhuma tentativa de negar a criança; em relação à paternidade, os moradores do campo poderiam especular sobre o assunto à vontade – e assim o fizeram. Pelo contrário, ela parecia estranhamente orgulhosa da criança de face escura e de aparência de bode, que contrastava fortemente com seu albinismo doentio e seus olhos cor-de-rosa, e murmurava diversas profecias estranhas sobre os poderes extraordinários e o fabuloso futuro do menino.

Lavinia vivia murmurando essas coisas, pois era uma criatura solitária dada a vagar entre tempestades nas colinas e a ler os grandes livros malcheirosos que seu pai herdara durante dois séculos dos Whateley e que estavam caindo aos pedaços rapidamente por conta do tempo e por causa das traças. Ela nunca frequentara a escola, mas se apropriara de forma desordenada de vários fragmentos de conhecimentos antigos ensinados pelo Velho Whateley. A remota fazenda sempre fora temida por causa da reputação do Velho Whateley como praticante de magia negra, e a inexplicável morte violenta da senhora Whateley quando Lavinia tinha 12 anos de idade não ajudara a tornar o lugar popular. Isolada entre influências estranhas, Lavinia gostava de ter selvagens e grandiosos devaneios e

ocupações singulares; seu lazer também não era muito prejudicado por cuidados domésticos em uma casa da qual todos os padrões de ordem e limpeza haviam desaparecido há muito tempo.

Houve um grito hediondo que ecoou mais alto que os ruídos das colinas e dos cachorros latindo na noite em que Wilbur nasceu, mas nenhum médico ou parteira conhecido presenciou sua chegada. Os vizinhos não souberam nada sobre ele até uma semana depois, quando o Velho Whateley dirigiu seu trenó pela neve até a vila de Dunwich e discursou incoerentemente para um grupo de desocupados no armazém geral de Osborn. O velho parecia ter passado por alguma mudança; um elemento adicional de furtividade no cérebro nebuloso que sutilmente o transformava de objeto a sujeito de medo, embora não fosse o tipo de homem que costuma ser perturbado por nenhum evento familiar comum. Em meio a tudo isso, ele mostrou uma ponta de orgulho, mais tarde observada em sua filha, e o que ele disse sobre a paternidade da criança foi lembrado por muitos de seus ouvintes anos depois:

– Eu não ligo pro que as pessoa pensa – E se o minino de Lavinny parecesse com o pai dele, ele seria muito diferente d'ocês. As pessoa daqui não são as única pessoa qui existe no mundo. Lavinny leu e viu coisas qui ocês nem imagina. Tenho certeza qui o marido dela é tão bom como qualqué otro qui se pode achá desse lado de Aylesbury; e se ocês conhecesse tanto as colinas como eu, ocês não ia vê em nenhuma igreja um casamento mió que o dela. Escute bem o qui eu vô dizê: um dia ocês ainda vão ouvi o filho da Lavinny gritá o nome do pai do alto da Sentinel Hill!

As únicas pessoas que viram Wilbur durante o primeiro mês de sua vida foram o velho Zechariah Whateley, um dos Whateley que ainda não havia morrido, e a esposa de Earl Sawyer, Mamie Bishop. A visita de Mamie foi feita apenas por curiosidade, e seus relatos subsequentes fizeram jus às suas observações, mas Zechariah veio para entregar um par de vacas Alderney que o Velho Whateley havia comprado de seu filho Curtis. Isso marcou o início de uma compra de gado por parte da pequena família de Wilbur, que só terminou em 1928, quando o horror de Dunwich surgiu e desapareceu; no entanto, em nenhum momento o estábulo dos Whateley, em ruínas, parecia cheio de gado. Chegou um período em que as pessoas estavam tão curiosas a ponto de contar o rebanho que pastava precariamente na encosta íngreme acima da velha casa de fazenda, e nunca conseguiam encontrar mais do que dez ou doze espécimes anêmicos e abatidos. Evidentemente alguma praga ou enfermidade, talvez surgida do pasto insalubre ou

dos fungos e madeiras doentes do celeiro imundo, causaram uma grande mortalidade entre os animais de Whateley. Feridas e machucados estranhos, com o aspecto de incisões, pareciam afligir o gado, e alguns viajantes imaginaram, em uma ou duas ocasiões durante os meses anteriores, ter visto feridas semelhantes na garganta do velho barbado e grisalho e de sua filha albina desmazelada e de cabelo ondulado.

Na primavera, após o nascimento de Wilbur, Lavinia retomou os costumeiros passeios pelas colinas, carregando nos braços desproporcionais a criança de rosto escuro. O interesse público nos Whateley diminuiu depois que a maioria das pessoas do campo viu o bebê, e ninguém se incomodou em comentar sobre o rápido desenvolvimento que aquele recém-chegado parecia exibir todos os dias. O crescimento de Wilbur foi de fato fenomenal, pois em três meses ele alcançou um tamanho e poder muscular que normalmente não são encontrados em bebês com menos de 1 ano de idade. Seus movimentos e até mesmo seus sons vocais mostravam um controle e uma deliberação altamente peculiares em uma criança, e ninguém estava realmente despreparado quando, aos 7 meses, começou a andar sem ajuda, com vacilações que outro mês foi suficiente para remover.

Foi um pouco depois desse período, no Halloween, que houve um grande incêndio à meia-noite no topo da Sentinel Hill, onde a antiga pedra retangular ficava em meio ao túmulo de ossos antigos. Uma conversa considerável foi iniciada quando Silas Bishop (dos Bishop íntegros) mencionou ter visto o menino subindo vigorosamente na colina à frente de sua mãe cerca de uma hora antes de o incêndio ser notado. Silas estava cercando uma novilha perdida, mas quase esqueceu sua missão quando espionou as duas figuras à luz fraca de sua lanterna. Eles dispararam quase silenciosamente no meio da vegetação rasteira, e o observador atônito chegou a pensar que estavam totalmente despidos. Depois disso, ele não pôde ter certeza sobre o menino, que poderia estar usando algum tipo de cinto com franjas e um par de calções ou calças escuras. Wilbur nunca mais foi visto vivo e consciente sem estar usando roupas abotoadas, e seu desarranjo e desalinho sempre pareciam enchê-lo de raiva e alarme. Seu contraste com a mãe e o avô esqueléticos a esse respeito era considerado notável, até que o horror de 1928 sugeriu razões mais válidas para esse tipo de comportamento.

De acordo com os boatos do mês de janeiro seguinte, o “pirralho escuro de Lavinny” havia começado a falar com apenas 11 meses de idade. Esse fato foi notável tanto por causa de sua diferença em

relação aos sotaques comuns da região quanto por apresentar um grau de articulação que seria motivo de orgulho para muitas crianças de 3 ou

4 anos de idade. O menino não era falante, mas, quando o fazia, parecia refletir algum elemento indescritível, inteiramente estranho a Dunwich e seus habitantes. A estranheza não residia no que ele dizia, nem mesmo nas expressões simples que usava, mas parecia vagamente ligada à sua entonação ou aos órgãos internos que produziam os sons falados. O aspecto de seu rosto também era notável por sua maturidade, pois, embora herdasse a falta de queixo de sua mãe e seu avô, seu nariz firme e bem formado unia-se à expressão de seus grandes olhos escuros, quase latinos, para dar-lhe um ar de maturidade e inteligência quase sobrenatural. Ele era, no entanto, excessivamente feio, apesar de sua aparência brilhante. Havia algo quase animalesco, semelhante a um bode, em seus lábios espessos, sua pele amarelada de poros dilatados, seu cabelo ondulado grosseiro e orelhas estranhamente alongadas. As pessoas passaram a odiá-lo ainda com mais força do que odiavam a mãe e o avô, e todas as conjecturas sobre ele foram temperadas com referências aos antigos feitiços do Velho Whateley e a como as colinas uma vez tremeram quando ele gritou o terrível nome de Yog-Sothoth no meio de um círculo de pedras com um grande livro aberto nas mãos diante de si. Os cães detestavam o menino, e ele era sempre obrigado a tomar várias medidas para se defender deles.

III.

Enquanto isso, o Velho Whateley continuou a comprar gado sem aumentar de maneira perceptível o tamanho de seu rebanho. Ele também cortava madeira e começou a consertar as partes não usadas de sua casa: uma construção espaçosa e de teto pontiagudo, cuja extremidade traseira estava totalmente enterrada na encosta rochosa, e cujos três quartos no térreo, no mínimo, tinham sido suficientes para si e para sua filha. O velho devia ter reservas prodigiosas de força que o capacitavam a realizar um trabalho tão duro e, apesar de ainda balbuciar frases estranhas às vezes, sua carpintaria parecia mostrar que sabia fazer cálculos com precisão. Ele começou assim que Wilbur nascera, quando um dos muitos galpões de ferramentas foi posto de repente em ordem, recoberto de ripas e equipado com uma nova

fechadura robusta. Agora, ao restaurar a parte superior abandonada da casa, ele mostrava que ainda era um artesão minucioso. Sua mania mostrava-se apenas no fato de ter pregado tábuas em todas as janelas da área recuperada, embora muitos declarassem que era algo estranho incomodar-se com isso. Menos inexplicável era a instalação de outro cômodo no andar de baixo para seu novo neto – uma sala que vários visitantes viram, embora jamais fosse permitido às pessoas acessar o andar de cima do quadro. Esse cômodo teve sua parede coberta por estantes altas e firmes; ao longo das quais ele começou gradualmente a organizar, em ordem aparentemente cuidadosa, todos os livros antigos apodrecidos e partes de livros que durante sua juventude tinham sido empilhados promiscuamente em cantos estranhos de vários cômodos.

– Eu usei bem eles – dizia enquanto tentava consertar, com uma cola preparada no fogão de cozinha enferrujado, uma página de letras pretas rasgada. – Mas o minino vai fazê miór uso deles. O menino deve se acostumá com os livro o mais rápido possível, porque vai se a única educação que ele vai tê.

Quando Wilbur tinha 1 ano e 7 meses de idade (em setembro de 1914), sua estatura e suas realizações eram quase alarmantes. Ele crescera tanto quanto uma criança de 4 anos e era um falador fluente e incrivelmente inteligente. Corria livremente pelos campos e pelas colinas e acompanhava a mãe em todas as suas andanças. Em casa, ele se debruçava diligentemente sobre as estranhas fotos e mapas dos livros de seu avô, enquanto o Velho Whateley o instruía e o catequizava em longas tardes silenciosas. A essa altura, a reforma da casa havia terminado, e aqueles que a olhavam de fora se perguntavam por que uma das janelas superiores fora transformada em uma sólida porta de tábuas. Era uma janela que ficava na parte da empena que ficava leste, perto da colina; e ninguém poderia imaginar por que uma rampa de madeira havia sido construída a partir do chão. Sobre o período de conclusão do trabalho, as pessoas notaram que a antiga casa de ferramentas, firmemente trancada e sem janelas, desde o nascimento de Wilbur, havia sido abandonada novamente. A porta se abriu sem ninguém notar e, quando Earl Sawyer lá entrou depois de uma visita para falar sobre venda de gado do Velho Whateley, ficou bastante desconcertado com o odor singular dentro do local; ele nunca havia sentido tal fedor, como declarou, em toda a sua vida, exceto perto dos círculos indígenas nas colinas, e esse cheiro horrível não poderia vir de qualquer coisa sã ou que pertencesse a este mundo. Mas as casas e galpões de Dunwich nunca foram notáveis por sua

imaculabilidade olfativa.

Nos meses seguintes não ocorreram eventos visíveis, mas todos juraram que havia um aumento lento, porém constante, dos misteriosos ruídos das colinas. Na Noite de Valpurgis de 1915, houve tremores que até mesmo o povo de Aylesbury sentiu, enquanto o Halloween seguinte produziu um estrondo subterrâneo sinistramente sincronizado com explosões de chamas (“bruxarias dos Whateley”) no cume da Sentinel Hill. Wilbur crescia estranhamente, de modo que parecia um menino de 10 anos quando entrou em seu quarto ano de vida. Agora, ele lia avidamente por conta própria, mas falava muito menos do que antes. Uma taciturnidade resolvida o absorvia e, pela primeira vez, as pessoas começaram a falar especificamente do rompanete olhar do mal em seu rosto com uma expressão de bode. Ele às vezes murmurava um jargão desconhecido e cantava em ritmos bizarros que gelavam o ouvinte com uma sensação de terror inexplicável. A aversão que os cães tinham em relação a ele finalmente se tornara uma grande questão, e ele era obrigado a carregar uma pistola para que pudesse atravessar o campo em segurança. O uso ocasional da arma por parte de Wilbur não aumentou sua popularidade entre os donos de guardiões caninos.

Os poucos que visitavam a casa costumavam encontrar Lavinia sozinha no térreo, enquanto gritos e passos estranhos ressoavam no andar superior. Ela nunca diria o que seu pai e o menino estavam fazendo lá em cima, embora certa vez tenha empalidecido e demonstrado um grau anormal de medo quando um vendedor de peixe ambulante tentou adentrar a porta trancada que levava à escada. O vendedor disse aos desocupados da loja em Dunwich Village que achava ter ouvido os passos de um cavalo no andar de cima. Os desocupados refletiam, pensando na porta, na pista e no gado que desaparecia tão rapidamente. Elas então estremeceram ao lembrar histórias sobre a juventude do Velho Whateley e sobre as coisas estranhas que são chamadas da terra quando um boi é sacrificado em uma época apropriada para certos deuses pagãos. Por algum tempo notou-se que os cães tinham começado a demonstrar raiva e medo em todo o lugar de Whateley tão violentamente quanto odiavam e temiam o jovem Wilbur pessoalmente.

A guerra chegou em 1917, e Squire Sawyer Whateley, como presidente do comitê de recrutamento local, teve um trabalho árduo para encontrar uma cota de homens jovens em Dunwich aptos a serem enviados para um campo de treinamento. O governo, alarmado com esses sinais de decadência regional, enviou vários oficiais e médicos

especialistas para investigar a situação e conduzir uma pesquisa que os leitores de jornais da Nova Inglaterra ainda se lembram. A publicidade dada a essa investigação colocou os repórteres no caminho dos Whateley e fez com que o *Boston Globe* e o *Arkham Advertiser* imprimissem histórias vistosas nas manchetes de domingo sobre a precocidade do jovem Wilbur, a magia negra do Velho Whateley, as prateleiras de livros estranhos, o segundo andar trancado da propriedade, a antiga fazenda, a estranheza de toda a região e os ruídos nas colinas. Wilbur tinha 4 anos e meio e parecia um rapaz de 15 anos. Seus lábios e suas bochechas estavam cobertos por uma penugem espessa e sua voz começara a mudar.

Earl Sawyer foi até a casa dos Whateley com repórteres e operadores de câmera, e chamou a atenção deles para o cheiro estranho que agora parecia escorrer dos espaços superiores fechados. Era, ele disse, exatamente como o cheiro que encontrara no galpão de ferramentas abandonado quando a casa finalmente foi consertada; e como os leves odores que ele às vezes pensava ter sentido perto dos círculos de pedra nas montanhas. O povo de Dunwich leu as histórias publicadas e riu de seus erros óbvios. Eles também se perguntavam por que as pessoas que escreviam aquelas matérias faziam tanto caso do fato de que o Velho Whateley sempre pagava por seu gado com barras de ouro extremamente antigas. Os Whateley tinham recebido seus visitantes com um sem disfarçar o desagrado, embora não ousassem dar publicidade adicional a esses meios de comunicação com uma violenta resistência ou se recusando em falar.

IV.

Por uma década, os anais dos Whateley afundam indistintamente em meio à vida geral de uma comunidade mórbida, de pessoas habituadas aos seus próprios modos estranhos e endurecida em relação às suas orgias da Noite de Walpurgis e do Halloween. Duas vezes por ano eles acendiam fogueiras no topo da Sentinel Hill, época em que os rumores nas montanhas se repetiam com violência cada vez maior, enquanto em todas as estações havia movimentos estranhos e portentosos na casa de fazenda solitária. Com o decorrer do tempo, as pessoas professavam ouvir sons no andar superior trancado, mesmo quando toda a família estava no andar de baixo, e se perguntavam quão rapidamente ou quão demoradamente uma vaca ou boi

costumavam ser sacrificados. Falou-se de uma queixa à Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra os Animais; mas nada aconteceu, já que os habitantes de Dunwich nunca querem chamar a atenção do mundo exterior para si mesmos.

Por volta de 1923, quando Wilbur era um garoto de dez anos cuja mente, voz, estatura e seu rosto barbado lhe davam a impressão de maturidade, um segundo grande cerco de carpintaria foi iniciado na velha casa. Estava tudo dentro do andar superior trancado e, a partir de pedaços de madeira descartada, as pessoas concluíram que o jovem e seu avô derrubaram todas as divisórias e até removeram o assoalho do sótão, deixando apenas um vasto vazio aberto entre o andar de baixo e o telhado pontiagudo. Eles haviam derrubado também a grande chaminé central e encaixado na faixa enferrujada uma frágil chaminé de estanho do lado de fora.

Na primavera após este evento, o Velho Whateley notou o crescente número de bacuraus que saía de Cold Spring Glen para chilrear sob sua janela à noite. Ele pareceu considerar a circunstância como algo de grande significado e disse aos desocupados de Osborn que achava que sua hora estava chegando:

– Eles assobia em sintonia com a minha respiração – ele disse – e eu acho que eles tão pronto para buscar minha alma. Eles sabem que tô indo embora, e não querem dexá ela escapá. Ocêis vão sabê, garotos, se eles me pegaro o não. Se me pegá, vão ficá cantano e rino té o raíá do dia. Se não pegá, vão ficá quietinho e tranquilo. Eles e as alma que eles caça por aí tem umas baita briga.

Na noite de Lammas, em 1924, o dr. Houghton, de Aylesbury, foi convocado apressadamente por Wilbur Whateley, que amarrara seu único cavalo na escuridão e telefonara do armazém de Osborn na aldeia. Ele encontrou o Velho Whateley em um estado muito grave, com palpitação e uma respiração estertorante que indicava um fim não muito distante. A filha albina disforme e o neto de barba estranha estavam ao lado da cama, enquanto do abismo vazio acima vinha uma sugestão inquietante de ondas rítmicas, como se fossem ondas em uma praia. O médico, no entanto, ficou perturbado principalmente pelos pássaros noturnos tagarelando do lado de fora; uma legião aparentemente ilimitada de testemunhas que gritavam sua interminável mensagem em repetições sincronizadas diabolicamente conforme os suspiros ofegantes do moribundo. Era estranho e antinatural, “parecida, pensou o dr. Houghton”, com todas as pessoas da região em que ele entrara tão relutantemente em resposta ao chamado urgente.

Por volta de uma hora, o Velho Whateley ganhou consciência e sua respiração ofegante foi interrompida para que pudesse dizer algumas palavras ofegantes ao neto:

– Mais espaço, Willy, mais espaço logo. Ocê tá crescendo – mais aquilo cresce mais e mais rápido. Vai tá pronto logo para servi você. Abra os portões para Yog-Sothoth com o longo canto que ocê vai achá na página 751 do livro completo, e então risque um fósforo na prisão. O fogo da terra não pode queimá aquilo.

Ele estava obviamente louco. Depois de uma pausa, durante a qual o bando de bacuraus ajustou seus gritos ao novo ritmo, algumas indicações dos ruídos estranhos das colinas vinham de longe, ele acrescentou mais uma ou duas frases:

– Dê de cumê pr'ele, Willy, e atente pra quantidade; mas não deixe que cresça rápido demais pro lugar, porque se ele arrombá o escondirijo ou saí pra rua antes de você abri caminho pra Yog-Sothoth, não vai resolvê nada. Só as criatura do além pode fazê aquilo se multiplicá e dá certo... Só as criatura do além, os ancião que quiere voltá...

Mas o discurso deu lugar aos suspiros novamente, e Lavinia gritou ao ver como os bacuraus seguiram a mudança. Tudo isso continuou por mais de uma hora, quando veio o estertor final. O dr. Houghton baixou as pálpebras sobre os olhos cinzentos brilhantes do velho enquanto o tumulto de pássaros desaparecia imperceptivelmente até silenciar. Lavinia soluçou, mas Wilbur apenas riu enquanto os ruídos da colina começaram a roncar devagar.

– Não pegaram ele – balbuciou com o vozeirão grave.

A essa altura, Wilbur já era um estudioso com grande erudição na área à qual se dedicava e era discretamente conhecido por manter correspondência com muitos bibliotecários em lugares distantes onde livros raros, proibidos e antigos eram guardados. Ele era cada vez mais odiado e temido em torno de Dunwich por conta de certos desaparecimentos de crianças que o deixavam como suspeito, mas sempre foi capaz de silenciar os questionamentos por meio do medo ou pelo uso dessa reserva de ouro dos velhos tempos que ainda, como na época de seu avô, era enviada regularmente e em grandes quantidades para a compra de gado. Agora, ele tinha um aspecto extremamente maduro, e sua altura, tendo atingido o limite para um adulto normal, parecia inclinada a ir além. Em 1925, num dia em que um acadêmico correspondente da Universidade do Miskatonic partiu pálido e intrigado, ele tinha quase um metro e noventa de altura.

Ao longo dos anos, Wilbur tratou a mãe albina, meio deformada,

com crescente desprezo, proibindo-a por fim de ir às colinas com ele na Noite de Valpurgis e no Halloween e, em 1926, a pobre criatura disse a Mamie Bishop que tinha medo dele.

– Ele tem mais mistérios do que eu saberia explicá, Mamie – disse.

– E nesses últimos tempo têm acontecido cousas que nem eu sei. Juro por Deus, eu não sei o que ele qué nem o que tá tentano fazê.

Naquele Halloween, os barulhos da colina soaram mais alto do que nunca, e o fogo queimou na Sentinel Hill, como de costume, mas as pessoas prestavam mais atenção aos gritos rítmicos de vastas revoadas de bacuraus anormalmente tardios que pareciam estar reunidos na escura propriedade dos Whateley. Depois da meia-noite, suas notas estridentes irromperam em uma espécie de cachinada demoníaca que preencheu todo o campo, e eles só se acalmaram quando amanheceu. Então desapareceram, voando para o sul, onde deveriam estar se não fosse um mês de atraso. Ninguém poderia ter certeza do que isso significava até acontecimentos posteriores. Nenhum dos camponeses parecia ter morrido, mas a pobre Lavinia Whateley, a albina retorcida, nunca mais foi vista.

No verão de 1927, Wilbur consertou dois galpões no pátio e começou a mover seus livros e objetos para eles. Logo depois, Earl Sawyer disse aos desocupados do armazém de Osborn que estava sendo feito mais trabalho de carpintaria na fazenda dos Whateley. Wilbur estava fechando todas as portas e janelas do térreo e parecia estar tirando partições, como ele e o avô haviam feito no andar de cima, quatro anos antes. Ele estava morando em um dos galpões, e Sawyer achou que ele parecia incomumente preocupado e trêmulo. As pessoas geralmente suspeitavam que ele sabia alguma coisa sobre o desaparecimento de sua mãe, e pouquíssimas delas se aproximavam de sua vizinhança agora. Sua altura aumentara para mais de dois metros, e ele não mostrava sinais de cessar seu desenvolvimento.

V.

O inverno seguinte trouxe um evento não menos estranho do que a primeira viagem de Wilbur para fora da região de Dunwich.

A correspondência com a Biblioteca de Harvard, a Biblioteca Nacional da França, em Paris, o Museu Britânico, a Universidade de Buenos Aires e a Biblioteca da Universidade do Miskatonic, em Arkham, não conseguiu garantir o empréstimo de um livro que ele queria

desesperadamente; assim, por fim, partiu em pessoa, pobre, sujo, barbudo e com um dialeto grosseiro, para consultar o exemplar que estava em Miskatonic, que era o mais próximo dele geograficamente. Com quase dois metros e meio de altura e carregando uma valise nova e barata do armazém de Osborn, este gárgula escuro e com feições de bode apareceu um dia em Arkham em busca do temido volume guardado à chave na biblioteca da faculdade: o medonho *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred, na versão latina de Olaus Wormius, impressa na Espanha no século XVII. Ele nunca tinha visto uma cidade antes, mas não tinha a menor ideia de como encontrar o caminho para a universidade, onde, de fato, ele passou descuidadamente pelo grande cão de guarda de dentes brancos que latia com fúria e inimizade anormais, e puxou freneticamente a correia.

Wilbur tinha consigo a inestimável, porém imperfeita, cópia da versão em inglês do dr. Dee, que seu avô legara a ele, e, ao receber o acesso à cópia em latim, ele imediatamente começou a cotejar os dois textos com o objetivo de descobrir determinada passagem, na página 751 do seu próprio volume defeituoso. A educação lhe obrigava a contar ao bibliotecário; o mesmo erudito Henry Armitage (mestre pela Universidade do Miskatonic, Ph.D. pela Universidade de Princeton, doutor pela Universidade Johns Hopkins) que um dia visitara a fazenda e que agora lhe fazia muitas perguntas com tamanha polidez. Ele admitiu estar procurando um tipo de fórmula ou encantamento contendo o nome assustador Yog-Sothoth, e havia ficado surpreso em encontrar discrepâncias, duplicações e ambiguidades que tornavam sua tarefa longe de ser fácil. Enquanto copiava a fórmula que finalmente escolhera, o dr. Armitage olhou involuntariamente por cima do ombro para as páginas abertas; a da esquerda continha, na versão latina, ameaças monstruosas à paz e à sanidade do mundo.

“Nem se deve pensar”, dizia o texto como Armitage mentalmente o traduziu, “que o homem seja o mais velho ou o último dos mestres da Terra, ou que as formas de vida e substância caminhem sozinhas. Os Anciões foram, os Anciões são e os Anciões serão. Não nos espaços que conhecemos, mas entre eles. Eles caminham serenos e primitivos, sem dimensões, e nos são invisíveis. Yog-Sothoth conhece o portal. Yog-Sothoth é o portal. Yog-Sothoth é a chave e o guardião do portal. Passado, presente, futuro, todos são um em Yog-Sothoth. Ele sabe onde os Anciões surgiram da antiguidade, e onde Eles irromperão novamente. Sabe por onde Eles caminharam nos campos da Terra, e por onde Eles ainda caminham, e por que ninguém pode contemplá-

los enquanto caminham. Por seu cheiro, os homens às vezes sentem-nos de perto, mas de seu semblante ninguém pode saber, salvo apenas pelas características daqueles que geraram com a humanidade; e há muitos tipos entre essas pessoas, tão variadas entre elas quanto o verdadeiro eidolon humano e a forma sem aspecto nem substância que Eles são. Eles caminham invisíveis e sujos em lugares solitários onde as Palavras foram ditas e os Ritos uivados através das Estações. O vento sussurra com Suas vozes, e a terra murmura com a consciência Deles. Eles derrubam a floresta e esmagam a cidade, mas ambas não sabem o que as está golpeando. Kadath conheceu-os na estação do frio, mas que homem conhece Kadath? O deserto de gelo do sul e as ilhas afundadas do Oceano contêm pedras com seu símbolo gravado, mas quem viu a cidade profundamente congelada ou a torre fechada por muito tempo enfeitada com algas e cracas? O Grande Cthulhu é primo desses seres, mas ele só pode vê-los por meio de uma névoa difusa. Iã! Shub-Niggurath! Como uma imundície, vós os conhecereis. A mão Deles está nas vossas gargantas, e vós não Os vedes; e a sua morada é uma com o Vosso limiar bem guardado. Yog-Sothoth é a chave para o portal, onde as esferas se encontram. O Homem reina agora onde eles reinaram uma vez. Eles logo reinarão onde o homem reina agora. Depois do verão há o inverno, e depois do inverno há o verão. Eles esperam pacientes e poderosos, pois aqui eles reinarão novamente.”

O dr. Armitage, associando o que estava lendo àquilo que ouvira falar de Dunwich e das terríveis presenças do lugar, além do que ouvira falar a respeito de Wilbur Whateley e sua aura obscura e hedionda que se estendia de um nascimento duvidoso a uma nuvem de provável matricídio, sentiu uma onda de medo tangível como o frio de um túmulo. O gigante com feições de bode inclinado diante dele parecia uma cria de outro planeta ou dimensão, como algo parcialmente humano e ligado a abismos negros de essência e entidade que se estendem como fantasmas titânicos para além de todas as esferas de força e matéria, espaço e tempo. Pouco depois, Wilbur levantou a cabeça e começou a falar daquela maneira estranha e ressonante que sugeria órgãos produtores de som, ao contrário do que acontecia com os homens normais.

– Sinhô Armitage – disse ele –, prciso levá esse livro pra casa. Tem umas côsa aqui que eu prciso fazê numas condições impossíveis de consegui aqui drento, e seria um pecado dexá a burocracia me impedi. Dixa eu levá o livro e eu juro que ninguém nunca vai ficá sabeno. Nem prciso dizê que vô tomá o maior cuidado. Não fui eu que dexe

esse meu livro do dotô Dee no estado que tá...

Ele parou de falar quando viu uma firme negação no rosto do bibliotecário, e suas próprias feições de cabra ficaram astuciosas. Armitage, pronto para lhe dizer que poderia fazer uma cópia das partes de que precisava, pensou de repente nas possíveis consequências e se controlou. Havia muita responsabilidade em dar a esse ser a chave para tais esferas blasfemas. Whateley viu como as coisas estavam e tentou responder calmamente.

– Tudo bem se você se sente desse jeito. Talvez Harvard não seja tão exigente quanto você.

E, sem dizer mais nada, ele se levantou e saiu do prédio, curvando-se para poder passar em cada porta.

– Então tudo bem, se é isso que o sior pensa. Talvez em Harvard os bibliotecário não seja tão cheio de nove-horas quanto o sior.

E, sem dizer mais nada, ergueu-se e saiu do prédio, sempre se abaixando ao atravessar o vão das portas.

Armitage ouviu o latido selvagem do grande cão de guarda e ficou olhando pela janela o andar de gorila de Whateley enquanto ele cruzava a parte visível do campus. Pensou nos relatos selvagens que ouvira e recordou as antigas histórias dominicais do *Advertiser*, assim como as coisas que ele havia aprendido com os rústicos e moradores de Dunwich durante sua única visita ao local. Coisas invisíveis, que não são deste mundo, ou pelo menos não deste mundo tridimensional, corriam fétidas e horríveis através dos vales da Nova Inglaterra, e penetravam obscenamente nos cumes das montanhas. Ele tinha certeza disso há muito tempo. Agora, ele parecia sentir a presença próxima de alguma parte terrível desse horror intrusivo e vislumbra um avanço infernal nos domínios do pesadelo ancestral e antes inerte. Ele trancou o *Necronomicon* com um arrepio, mas o quarto ainda tinha um fedor profano e não identificável.

– Como uma imundície, vós os conhecereis – ele afirmou. Sim, o odor era o mesmo que o deixara enauseado na casa dos Whateley menos de três anos antes. Pensou em Wilbur, com sua aparência acabrunhada e ameaçadora, e riu ironicamente dos rumores da aldeia sobre sua paternidade.

– Consaguinidade? – Armitage murmurou meio em voz alta para si mesmo. – Meu Deus, que simplórios! Mostre-lhes O Grande Deus Pan de Arthur Machen e eles pensarão que é um mero escândalo de Dunwich! Mas que tipo de coisa, que influência disforme amaldiçoada dentro ou fora deste mundo tridimensional, era o pai de Wilbur Whateley? Nascido na Candelária, nove meses depois da Noite de

Walpurgis de 1912, quando a conversa sobre os estranhos ruídos subterrâneos chegou até Arkham. O que andou nas montanhas naquela Noite de Walpurgis? Como o horror de Roodmas se fixou no mundo em carne e sangue meio-humanos?

Durante as semanas seguintes, o dr. Armitage começou a coletar todos os dados possíveis sobre Wilbur Whateley e as presenças sem forma em torno de Dunwich. Entrou em contato com o dr. Houghton, de Aylesbury, que havia atendido o Velho Whateley da última vez em que estivera doente e encontrou muito a ponderar nas últimas palavras do avô, conforme citado pelo médico. Uma visita a Dunwich Village não revelou muita novidade, mas um exame minucioso do *Necronomicon*, daquelas partes que Wilbur procurara tão avidamente, parecia fornecer novas e terríveis pistas sobre a natureza, os métodos e os desejos do estranho mal que tão vagamente ameaçava este planeta. Conversas com vários estudantes de tradição arcaica em Boston e cartas para muitos outros nos mais variados lugares deram-lhe um crescente espanto que foi passando lentamente por vários graus de alarme até chegar a um estado de medo espiritual realmente agudo. Enquanto o verão se aproximava, ele sentiu vagamente que algo deveria ser feito sobre os terrores ocultos do vale do alto Miskatonic, e sobre o ser monstruoso conhecido pelos humanos como Wilbur Whateley.

VI.

O próprio horror de Dunwich ocorreu entre Lammas e o equinócio de 1928, e o dr. Armitage esteve entre aqueles que testemunharam seu monstruoso prólogo. Ele ouvira falar, entretanto, da grotesca viagem de Whateley a Cambridge e seus frenéticos esforços para pegar o *Necronomicon* emprestado da Biblioteca Widener ou fazer uma cópia dele. Esses esforços foram em vão, uma vez que Armitage emitiu alertas da mais aguda intensidade para todos os bibliotecários responsáveis a respeito do temido volume. Wilbur ficara chocantemente nervoso em Cambridge; ansioso pelo livro, mas quase igualmente ansioso por voltar para casa, como se temesse os resultados de estar longe por muito tempo.

No início de agosto, veio o resultado quase esperado e, nas primeiras horas do dia 3, o dr. Armitage foi despertado repentinamente pelos selvagens e ferozes gritos do cão de guarda no

campus da faculdade. Profundos e terríveis, os grunhidos rosnados e meio loucos continuaram, sempre em volume ascendente, mas com pausas terrivelmente significativas. Então, ouviu-se um grito proveniente de uma garganta totalmente diferente, um grito que despertou metade dos que dormiam em Arkham e assombraria seus sonhos para sempre, um grito que poderia vir do fato de não ter nascido neste mundo ou de ser totalmente terrestre.

Armitage, apressando-se em colocar a roupa e correndo pela rua, pelo gramado, até os prédios da faculdade, viu que havia outras pessoas mais à sua frente e ouviu os ecos de um alarme contra ladrões que ainda soava na biblioteca. Uma janela aberta mostrava uma lua negra e vazia. O que havia chegado de fato até ali conseguira sair, pois os latidos e os gritos foram rapidamente se transformando em um rosnado baixo e gemido, que inconfundivelmente vinham de dentro do local. Algum instinto alertou Armitage de que aquilo que estava acontecendo não era algo que olhos fracos devessem ver, então ele afastou a multidão com autoridade enquanto destrancava a porta do vestíbulo. Entre os que estavam no local, ele viu o professor Warren Rice e o dr. Francis Morgan, homens a quem ele contara algumas de suas conjecturas e dúvidas, e fez sinal para que os dois o acompanhassem para dentro da biblioteca. Os sons internos, com exceção de um ruído atento e monótono do cão, haviam, àquela altura, diminuído bastante, mas Armitage percebera agora, com um sobressalto repentino, que um coro barulhento de bacuraus entre os arbustos tinha começado uma cantoria extremamente rítmica, como se em uníssono com os últimos suspiros de um homem agonizante.

O prédio estava impregnado de um cheiro horrível que o dr. Armitage conhecia muito bem, e os três homens correram pelo corredor até a pequena sala de leitura de genealogia, de onde vinham os gemidos baixos. Por um segundo ninguém se atreveu a acender a luz, então Armitage munuiu-se de coragem e ligou o interruptor. Um dos três, não se sabe ao certo qual deles, gritou em voz alta ao ver o que se esparramava diante deles entre mesas desordenadas e cadeiras viradas. O professor Rice declarou ter perdido totalmente a consciência por um instante, embora não tivesse tropeçado ou caído.

A coisa que estava meio dobrada e de lado em uma poça fétida de icor amarelo-esverdeado e muco pegajoso era de quase três metros de altura, e o cão rasgara toda a roupa e um pouco da pele. Não estava completamente morta, mas se contorcia silenciosa e espasmodicamente, enquanto de seu peito se erguia um monstruoso uníssono com os bacuraus cantando do lado de fora. Pedacos de couro

de sapato e fragmentos de roupas estavam espalhados pela sala, e perto da janela havia um saco de lona vazio que evidentemente havia sido atirado ali. Perto da mesa central, havia um revólver caído, um cartucho amassado e não descarregado, o que explicaria, mais tarde, porque não havia sido disparado. A coisa em si, no entanto, eliminou todas as outras imagens no local. Seria banal e não totalmente correto dizer que nenhuma pena humana poderia descrevê-la, mas pode-se dizer com propriedade que ela não poderia ser visualizada vividamente por qualquer pessoa cujas ideias de aspecto e contorno estejam intimamente ligadas às formas de vida comuns deste planeta e das três dimensões conhecidas. Era em parte humana, sem dúvida, com as mãos e a cabeça muito parecidas com as dos homens, e feições de bode e com pouco queixo, que era um símbolo dos Whateleys. O torso e as partes inferiores do corpo, no entanto, eram teratologicamente fabulosos, de modo que apenas roupas grossas poderiam alguma vez ter permitido que ele caminhasse sobre a Terra sem ser contestado ou morto.

Acima da cintura, a criatura era semiantropomórfica, embora seu peito, onde as patas do cachorro ainda se mantinham vigilantes, tivesse o couro de um crocodilo ou jacaré, com seu aspecto reticulado. O dorso era salpicado de amarelo e preto, e vagamente sugeria a cobertura escamosa de certas cobras. Abaixo da cintura, porém, havia o pior, pois nessa parte cessara toda a semelhança humana e iniciou-se a pura fantasia. A pele estava recoberta por grossos pelos pretos e, no abdômen, projetava-se uma frágil porção de longos tentáculos cinza-esverdeados, com bocas vermelhas de sucção. Seu arranjo era estranho e parecia seguir as simetrias de alguma geometria cósmica desconhecida na Terra ou no sistema solar. Em cada um dos lados do quadril, em uma espécie de órbita rosada e ciliada, estava o que parecia ser um olho rudimentar; enquanto, em vez de uma cauda, pendia uma espécie de tromba ou tentáculo com marcas anulares roxas, e com muitas evidências de ser uma boca ou garganta não desenvolvida. Seus membros, exceto pela pelagem preta, pareciam mais ou menos com as patas traseiras dos gigantescos sáurios pré-históricos e, por fim, terminavam em patas com veias irregulares que não eram cascos nem garras. Quando a criatura respirava, a cauda e os tentáculos ritmicamente mudavam de cor, como se fosse um fenômeno circulatório ancestral daquela coisa não humana. Nos tentáculos, essa respiração era observável como um escurecimento da coloração esverdeada; enquanto, na cauda, o fenômeno manifestava-se como uma aparência amarelada que se alternava com um branco-

esverdeado doentio nos espaços entre os anéis roxos. Não havia nenhum sangue genuíno, apenas o icor amarelo-esverdeado fétido que escorria pelo chão para além do raio do muco pegajoso e deixava uma curiosa descoloração atrás dele.

Quando a presença dos três homens pareceu despertar a moribunda criatura, ela começou a balbuciar sem virar ou levantar a cabeça. O dr. Armitage não fez nenhum registro escrito de suas falas, mas afirma com confiança que nem uma palavra em inglês foi proferida. A princípio, as sílabas desafiavam toda correlação com qualquer discurso conhecido, mas, por último, surgiram alguns fragmentos desarticulados, evidentemente retirados do *Necronomicon*, aquela monstruosa blasfêmia em busca da qual a criatura havia perecido. Esses fragmentos, como Armitage relembra, eram algo como “N’gai, n’ghaa’ghaa, bugg-shoggog, y’hah; Yog-Sothoth, Yog-Sothoth...”. Eles se arrastaram para o nada enquanto os bacuraus gritavam em um crescendo rítmico de antecipação profana.

A criatura cessou de estar ofegante, e o cachorro levantou a cabeça em um uivo longo e lúgubre. Ocorreu uma mudança sobre o rosto amarelo e com feições de bode da criatura prostrada, e os grandes olhos pretos baixaram de maneira aterrorizante. Do lado de fora da janela, o som estridente dos bacuraus cessou repentinamente e, por cima dos murmúrios da multidão reunida, veio o som de um zumbido de pânico e agitação. Contra a Lua, vastas nuvens de observadores emplumados voavam freneticamente como se estivessem em busca de uma presa.

De repente, o cachorro levantou-se abruptamente, deu um latido assustado e saltou agitado pela janela em que havia entrado. Um grito ecoou da multidão, e o dr. Armitage gritou para os homens do lado de fora que ninguém deveria entrar até a polícia ou o médico-legista chegarem. Ele estava grato pelo fato de as janelas serem altas demais para permitir qualquer tipo de observação dentro da casa, e puxou as cortinas escuras cuidadosamente sobre cada uma delas. A essa altura, dois policiais haviam chegado, e o dr. Morgan, encontrando-os no vestíbulo, instava-os, por sua própria conta, a adiar a entrada na fétida sala de leitura, até que o examinador chegasse e a criatura prostrada pudesse ser encoberta.

Enquanto isso, mudanças assustadoras estavam ocorrendo no chão. Não é necessário descrever o tipo e a velocidade de encolhimento e desintegração que ocorreu diante dos olhos do dr. Armitage e do professor Rice; mas é permissível dizer que, além da aparência externa do rosto e das mãos, o elemento realmente humano em Wilbur

Whateley deve ter sido muito pequeno. Quando o médico-legista chegou, havia apenas uma massa esbranquiçada sobre as tábuas pintadas, e o odor monstruoso quase desaparecera. Aparentemente, Whateley não tinha crânio ou esqueleto ósseo; pelo menos, em qualquer sentido verdadeiro ou estável. Ele tinha tomado algo de seu desconhecido pai.

VII.

No entanto, tudo isso foi apenas o prólogo do horror de Dunwich. Oficiais desorientados cumpriram as formalidades, detalhes anormais foram devidamente mantidos longe da imprensa e do público, e homens foram enviados para Dunwich e Aylesbury a fim de procurar propriedades e notificar qualquer um que pudesse ser herdeiro do falecido Wilbur Whateley. Eles encontraram o campo em grande agitação, tanto por causa dos rumores crescentes sob as colinas abobadadas, como também por causa do odor inconfundível e dos sons agitados que ecoavam cada vez mais da grande concha vazia formada pela casa dos Whateley. Earl Sawyer, que cuidava dos cavalos e do gado na ausência de Wilbur, desenvolvera um doloroso quadro agudo de nervosismo. Os oficiais inventaram desculpas para não entrar no lugar abandonado e ficaram contentes em limitar a pesquisa aos aposentos do falecido (os galpões recém-reformados) a uma única visita. Eles arquivaram um ponderoso relatório no tribunal de Aylesbury, e tem sido dito que os litígios relativos ao herdeiro ainda estão em progresso entre os inumeráveis Whateley, decadentes e não decadentes do vale superior do Miskatonic.

Um manuscrito quase interminável em caracteres estranhos, escrito em um enorme livro-razão e julgado uma espécie de diário por causa do espaçamento e das variações de tinta e caligrafia, apresentou um quebra-cabeça desconcertante para aqueles que o encontraram no antigo cômodo que servia como escritório de seu dono. Após uma semana de debates, foi enviado para a Universidade do Miskatonic, com a coleção de livros estranhos do falecido, para estudo e possível tradução, mas até mesmo os melhores linguistas logo perceberam que não era fácil resolver a questão com facilidade. Nenhum vestígio do ouro antigo com o qual Wilbur e o Velho Whateley sempre pagaram suas dívidas foi descoberto até hoje.

Foi na escuridão de 9 de setembro que o horror correu solto pelo

vilarejo. Os ruídos das colinas haviam sido muito pronunciados à noite, e os cachorros latiram freneticamente a noite toda. Os madrugadores notaram, no dia 10, um cheiro peculiar no ar. Por volta das sete horas, Luther Brown, o garoto contratado por George Corey, entre Cold Spring Glen e o vilarejo, voltou apressadamente de sua viagem matinal a Ten-Acre Meadow com as vacas. Ele estava quase convulsionado de medo quando tropeçou na cozinha e, no pátio do lado de fora, o rebanho não menos amedrontado estava patinando e mugindo,

seguindo o menino de volta com o mesmo pânico que compartilhavam com ele. Entre arquejos, Luther tentou balbuciar sua história para a senhora Corey:

– Lá encima do vale! Senhora Corey, alguma côsa andô por lá! Tem um chêro de trovão, e todas os arbusto e as arverzinha foro arrancado como se uma casa tivesse andado por cima de tudo. E isso nem é o pior. Tem umas pegada no chão. Siora Corey, são umas pegada gigante, do tamanho dum barril, fundas como se um elefante tivesse pisado lá, mas parece que a côsa tinha bem mais do que quatro pata! Olhei pra uma ou duas antes de saí correno, e vi que encima delas tinha umas linha saindo do mesmo lugar, como se o chão tivesse sido batido com umas enorme folha de palmera, duas ou três vez maior do que uma folha normal, e o cheiro era horrívio, que nem perto da casa velha do Bruxo Whateley...

O garoto vacilou nesse ponto e pareceu tremer de novo com o susto que o mandara de volta para casa. A senhora Corey, incapaz de extrair mais informações do rapaz, começou a telefonar para os vizinhos. Assim teve início o pânico que anunciava os grandes terrores. Quando ela recebeu Sally Sawyer, governanta de Seth Bishop, o vizinho mais próximo dos Whateley, ela começou a ouvir em vez de falar, pois o menino de Sally, Chauncey, que dormia mal, subira o morro em direção aos Whateley e voltara aterrorizado depois de dar uma olhada no local e no pasto onde as vacas do senhor Bishop tinham passado a noite toda.

– É verdade, senhora Corey – disse a voz trêmula de Sally pelo telefone. – O Chancey, ele votô contando tudo e não conseguia respirá! Disse que a casa velha dos Whateley tá toda no chão, com as tábua espaiada como se alguém com uma dinamite tivesse exprodido lá dentro; só restô o assoaio, que tá todo coberto por um tipo de piche com chêro horrívio que fica pingano das borda pro chão onde as talba das parede foro exprodida. E parece que tem umas marca horrivis no pátio, também, umas marca redonda enorme, maior do que um barril,

cheia da mesma coisa pegajosa que tá dentro da casa exprodida. O Chancey disse que elas segue na direção do pasto, onde um pedaço maior que um celeiro tá afundado, e os muro de pedra foro tudo pro chão. E ele disse, sinhora Corey, ele disse que mesmo assustado ele foi vê como tava as vaca do Seth; e encontrô elas no alto do pasto perto do Cantero do Diabo num estado horrive. A metade simplismente sumiu, e a otra metade tava com sangue seco e umas ferida igual às que tinha o gado do Whateley quando o pirralho moreno da Lavinny nasceu. O Seth, agora ele saiu pra vê como tão os bicho, mas aposto que não vai chegá muito perto da casa do Bruxo Whateley! O Chancey não tomô o cuidado de vê pra onde ia os rasto da grama amassada depois que saiu do pasto, mas ele acha que o caminho apontava na direção da estrada da vila.

E o garoto continuou:

– Escute o que eu tô dizeno, sinhora Corey, tem alguma cõsa solta que não devia tá, e eu acho que aquele Wilbur Whateley, que teve o fim que merecia, tá por trás do surgimento dessa cõsa. Ele mesmo não era humano. Eu sempre digo isso pra todo mundo; e acho que ele e o Velho Whateley deve de tê criado naquela casa pregada com as talbas uma otra cõsa menos humana ainda. Sempre existiro essas cõsa invisívio em Dunwich – essas cõsa viva que não são humana e não fazem bem pra gente humana. “O graoun” era uma noite de conversa fiada, em direção à manhã em que Cha’ncey herdou os pássaros tão espalhafatosos em Col’ Spring Glen que não conseguia dormir normalmente. Então ele pensou que tinha outro resquício em direção ao Bruxo Whateley, um corte mais gentil ou rasgão de madeira, como se uma caixa grande estivesse sendo aberta. Com isso e isso, ele não dormiu nada até o nascer do sol, e “assim que ele acordou esta manhã”, mas ele precisa ir até Whateley e ver qual é o problema. Ele vê o suficiente, eu digo, Mis’ Corey! Isso não significa nada de bom, e eu acho que todos os homens devem criar uma festa e fazer alguma “cõsa”. Eu sei algo horrível sobre isso, e sinto que meu tempo está próximo, embora apenas Gawd saiba o que é. Aqueles barulho na terra duraro a noite toda, e de manhã, o Cha’ncey, ele escutô os bacurau cantá tão alto em Col’ Spring Glen que não conseguiu durmi a noite toda. Depois ele imaginô tê ovido um otro som mais fraco vîno da casa do Bruxo Whateley, madera seno quebrada ou rachada, como se uma caxa tivesse seno aberta em algum lugar lá longe. Ora, com tudo isso ele não consiguiu durmi antes do dia raiá, e assim que levantô hoje de manhã precisô ir até a casa do Whateley pra vê qual era o problema. Ele viu o suficiente, sinhora Corey! Essa cõsa não tá bem-intencionada,

e eu acho que os home devio se juntá num grupo e fazê algo. Sei que alguma côsa terrível tá solta e sinto que minha hora tá chegando, mas só Deus sabe o que é. O Luther viu pra donde ia essas trilha enorme? Não? Bom, senhora Corey, se elas tavo pro lado do vale e inda não chegaro até a casa da sinora, acho que essa côsa deve de tê ido pra dentro do vale. Pelo menos era pra lá que os rasto tava apontano. Eu sempre disse que Col' Spring Glen não é um lugar sadio nem decente. Os bacurau e os vaga-lume de lá nunca agiro como se fosse as criatura de Deus, e eu sempre ovi umas história sobre côsas estranhas que corre por aquela região num lugar entre a queda d'água e Bear's Den.

Naquele meio-dia, três quartos dos homens e meninos de Dunwich estavam se reunindo nas estradas e nos prados entre as recém-construídas

ruínas dos Whateley e Cold Spring Glen, examinando com horror as pegadas enormes e monstruosas, as vacas mutiladas dos Bishop, os ruídos estranhos e nauseantes da casa e a vegetação malcuidada e emaranhada dos campos e das estradas. O que quer que houvesse se soltado sobre o mundo decaiu certamente naquela grande e sinistra ravina, pois todas as árvores nas margens estavam dobradas e quebradas, e uma grande avenida tinha sido entalhada na vegetação rasteira do precipício. Era como se uma casa, lançada por uma avalanche, tivesse deslizado pelo declive quase vertical. Não veio nenhum som lá de baixo, apenas um odor distante e indefinível, e não é de admirar que os homens preferissem ficar na borda argumentando em vez de descer e barrar o horror desconhecido e ciclópico em seu próprio covil. Três cachorros que estavam com o grupo latiram furiosamente no início, mas pareciam intimidados e relutantes quando chegaram perto do vale. Alguém telefonou para a imprensa, para o *Aylesbury Transcript*, mas o editor, acostumado com os relatos selvagens de Dunwich, não fez mais do que escrever um parágrafo bem-humorado sobre o assunto, um item logo depois reproduzido pela Associated Press.

Naquela noite, todos foram para seus lares, e todas as casas e galpões estavam barricados o mais fortemente possível. Não é preciso dizer que nenhum gado permaneceu em pasto aberto. Por volta das duas da madrugada, um odor horrível e o latido selvagem dos cães acordaram toda a casa de Elmer Frye, na extremidade leste de Cold Spring Glen, e todos concordaram que podiam ouvir uma espécie de som abafado que vinha de algum lugar do lado de fora. A senhora Frye propôs telefonar para os vizinhos, e Elmer estava prestes a ligar quando o ruído de madeira lascada explodiu. Aparentemente, veio do

galpão e foi rapidamente seguido por gritos hediondos e um barulho de passos por entre o gado. Os cães babavam e agachavam-se perto dos pés das pessoas daquela família entorpecida pelo medo. A senhora Frye acendeu uma lanterna pela força do hábito, mas sabia que ir até o quintal escuro significaria a morte. As crianças e as mulheres choramingavam, mas não conseguiam gritar por algum instigante e obscuro instinto de defesa que lhes dizia que suas vidas dependiam do silêncio que fizessem. Por fim, o barulho do gado diminuiu até chegar a um gemido lamentável, e em seguida houve um grande estalo, um estrondo e uma crepitação. Os Frye, amontoados na sala de estar, não ousaram mover-se até que os últimos ecos morressem em Cold Spring Glen. Então, em meio aos tristes gemidos do estábulo e do canto demoníaco dos bacuraus no vale, Selina Frye cambaleou até o telefone e espalhou as notícias que conseguiu dar sobre a segunda fase do horror.

No dia seguinte, todas as pessoas do campo encontravam-se em pânico e intimidadas; grupos tímidos e sem comunicação iam e vinham onde a coisa diabólica havia ocorrido. Dois trechos gigantescos de destruição estendiam-se do vale até a propriedade dos Frye, monstruosas pegadas cobriam os trechos nus do solo e um lado do antigo celeiro vermelho desabara completamente. Do gado, apenas um quarto deles podia ser encontrado e identificado. Alguns animais encontravam-se em fragmentos curiosos, e tudo o que sobreviveu teve que ser sacrificado. Earl Sawyer sugeriu que se pedisse ajuda a Aylesbury ou Arkham, mas outros afirmavam que isso de nada adiantaria. O velho Zebulon Whateley, de uma linhagem que pairava a meio caminho entre a integridade e a decadência, fazia sugestões sombrias sobre ritos que deviam ser praticados nos topos das colinas. Ele veio de uma família na qual a tradição corria forte, e suas lembranças dos cantos nos grandes círculos de pedra não estavam totalmente conectadas com Wilbur e seu avô.

A escuridão caiu sobre um vilarejo passivo demais para organizar uma defesa eficiente. Em alguns casos, famílias intimamente ligadas se uniam e assistiam a tudo na penumbra sob o mesmo teto, mas, em geral, havia apenas uma repetição da barricada da noite anterior, e um inútil e ineficaz gesto de carregar mosquetes e montar forcados com cuidado. Nada, no entanto, ocorreu, exceto alguns ruídos das colinas, e, quando chegou o dia, muitos esperavam que o novo horror tivesse ido embora tão rapidamente quanto havia chegado. Algumas almas ousadas propuseram uma expedição ofensiva no vale, embora

não se atrevessem a dar um exemplo real à maioria ainda relutante.

Quando chegou a noite novamente, repetiram a barricada, embora houvesse menos aglomeração de famílias. De manhã, ambas as famílias, Frye e Bishop, relataram que os cães ficaram agitados, havia sons vagos e um odor vindo de longe, enquanto os primeiros exploradores notaram com horror um novo conjunto de marcas monstruosas na estrada que contornava a Sentinel Hill. Assim como antes, os lados da estrada mostravam prejuízos indicativos do volume incrivelmente estupendo do horror, enquanto a formação das marcas parecia representar uma passagem em duas direções, como se a montanha em movimento tivesse vindo de Cold Spring Glen e retornado a ele pelo mesmo caminho. Na base da colina, uma faixa de troncos esmagados de nove metros de altura subia abruptamente, e os exploradores engasgaram quando viram que, mesmo nos lugares mais perpendiculares, não havia um desvio sequer na trilha inexorável. Qualquer que fosse o horror, poderia escalar um penhasco pedregoso de quase completa verticalidade e, quando os exploradores subiram para o cume da colina por rotas mais seguras, viram que a trilha terminava (ou melhor, invertia-se) naquele mesmo ponto.

Era ali que os Whateley costumavam acender suas fogueiras infernais e entoar seus rituais diabólicos na pedra retangular na Noite de Walpurgis e no Halloween. Agora, aquela mesma pedra formava o centro de um vasto espaço açoitado pelo horror montanhoso, enquanto sobre sua superfície levemente côncava havia um depósito grosso e fétido da mesma viscosidade de aderência observada no chão da casa arruinada de Whateley quando o horror de lá escapou. Os homens se entreolharam e começaram a murmurar. Então eles desceram a colina. Aparentemente, o horror desceu por uma rota quase igual à de sua ascensão. Especular era inútil. Razão, lógica e ideias normais em relação à motivação tornaram-se confusas. Apenas o velho Zebulon, que não estava com o grupo, poderia ter feito justiça à situação ou sugerido uma explicação plausível.

A noite de quinta-feira começou como as outras, mas terminou menos feliz. Os bacuraus no vale gritaram com uma persistência tão incomum, que muitos não conseguiram dormir e, por volta das três da manhã, todos os telefones do grupo tocaram tremulamente. Aqueles que tiraram o telefone do gancho ouviram uma voz louca de susto gritar: “Ajudem, oh, meu Deus!...”. E alguns acharam que um som estridente seguiu essa exclamação. Não havia mais nada. Ninguém ousou fazer nada, e ninguém sabia, até de manhã, de onde tinha vindo a chamada. Então todos os que receberam a ligação começaram a

conversar e descobriram que apenas os Frye não atenderam. A verdade apareceu uma hora depois, quando um grupo de homens armados reuniu-se às pressas em direção à moradia dos Frye, na cabeceira do vale. Viu-se algo horrível, mas dificilmente seria uma surpresa. Havia mais rastros e pegadas monstruosos, mas não havia mais nenhuma casa. Ela desabara como uma casca de ovo e, entre as ruínas, nada de vivo ou morto poderia ser encontrado. Havia apenas um odor e uma viscosidade pegajosa. Os Elmer Frye haviam sido dizimados de Dunwich.

VIII.

Nesse ínterim, uma fase do horror mais silenciosa, porém ainda mais espiritualmente dolorosa, vinha se desenrolando, obscura, por trás da porta fechada de um aposento forrado de prateleiras de livros em Arkham. O curioso registro manuscrito ou diário de Wilbur Whateley, entregue à Universidade do Miskatonic para tradução, causou muita preocupação e desconcerto entre os especialistas em idiomas antigos e modernos; seu próprio alfabeto, apesar de uma semelhança geral com o árabe fortemente enigmático usado na Mesopotâmia, era absolutamente desconhecido para qualquer autoridade disponível no assunto. A conclusão final dos linguistas era de que o texto representava um alfabeto artificial, dando o efeito de uma cifra, embora nenhum dos métodos usuais de solução criptográfica parecesse fornecer qualquer pista, mesmo quando aplicado com base em todas as línguas que o autor pudesse ter usado. Os livros antigos retirados dos aposentos de Whateley, embora muito interessantes e em vários casos prometendo abrir novas e terríveis linhas de pesquisa entre filósofos e homens da ciência, não ajudaram em nada nessa questão. Um deles, um tomo pesado com um fecho de ferro, estava escrito em outro alfabeto desconhecido, este de um tipo muito diferente, assemelhando-se ao sânscrito mais do que qualquer outra coisa. O antigo livro-razão foi finalmente entregue ao dr. Armitage, tanto por conta de seu interesse peculiar por assuntos ligados aos Whateley, quanto por seu amplo conhecimento linguístico e habilidade nas fórmulas místicas da Antiguidade e da Idade Média.

Armitage suspeitava de que o alfabeto poderia ser algo esotérico usado por certos cultos proibidos em tempos remotos e que herdaram muitas formas e tradições dos magos sarracenos. Essa questão, no

entanto, ele não considerou vital, já que seria desnecessário conhecer a origem dos símbolos se, como ele suspeitava, eles fossem usados como uma cifra em uma língua moderna. Ele estava convicto de que, considerando a grande quantidade de texto envolvido, o escritor dificilmente teria desejado usar outra língua que não a sua, a não ser, talvez, em determinadas fórmulas especiais e encantamentos. Consequentemente, ele atacou o manuscrito com a suposição preliminar de que a maior parte dele estaria em inglês.

O dr. Armitage sabia, pelas repetidas falhas de seus colegas, que o enigma era profundo e complexo, e que nenhuma solução simples poderia merecer um julgamento. Durante todo o final de agosto, ele aprendeu tudo o que podia sobre criptografia, aproveitando os recursos mais completos de sua própria biblioteca e vasculhando noite após noite entre os arcanos da *Polygraphia* de Tritêmio, do *De Furtivis Literarum Notis*, de Giambattista Porta, do *Trait. des Chiffres* de De Vigenère, do *Cryptomenysis Patefact* de Falconer, dos tratados do século XVIII de Davy e Thicknesse, e de autoridades razoavelmente modernas como Blair, von Marten e o *Kryptographik* de Klüber. Ele intercalava estudo dos livros e ataques ao próprio manuscrito e, com o tempo, convenceu-se de que estava lidando com o mais sutil e engenhoso criptograma, no qual diversas listas separadas de caracteres são organizadas como a tabela de multiplicação, e a mensagem construída com palavras-chave arbitrárias e conhecidas apenas por iniciados. As autoridades mais antigas no assunto pareciam mais úteis do que as mais recentes, e Armitage concluiu que o código do manuscrito era muito antigo e sem dúvida deveria ter passado por uma longa lista de exploradores místicos. Várias vezes ele parecia estar bem perto da solução, apenas para ser afastado dela por algum obstáculo imprevisto. Então, quando setembro se aproximava, suas dúvidas começaram a desanuviar. Certas letras, como as usadas em determinadas partes do manuscrito, surgiram de maneira clara e inequívoca; e ficou óbvio que o texto de fato estava escrito em inglês.

Na noite de 2 de setembro, a última grande barreira foi eliminada e o dr. Armitage leu pela primeira vez uma passagem contínua dos anais de Wilbur Whateley. Na verdade, era um diário, como todos haviam pensado, e fora redigido em um estilo que mostrava claramente a erudição oculta e a ignorância em geral do ser estranho que o escreveu. Quase toda a primeira passagem longa que Armitage decifrou, uma entrada datada de 26 de novembro de 1916, revelou-se altamente surpreendente e inquietante. Foi escrita, lembrou ele, por uma criança de 3 anos e meio que parecia um rapaz de 12 ou 13 anos.

“Hoje aprendi o Aklo para o Sabaoth”, continuou, “o que não gostei, pois podia ser respondido da colina, e não do ar. Que no andar de cima mais à frente de mim do que eu pensava que seria, e não é como ter muito cérebro da terra. Disparou com Jack, o collie de Elam Hutchins, quando ele foi me morder, e Elam disse que me mataria se ele fosse drogado. Eu acho que ele não vai. O vovô me manteve dizendo a fórmula do Dho na noite passada, e eu acho que vi o centro da cidade nos dois polos magnéticos. Eu irei para esses polos quando a terra estiver limpa, se eu não conseguir romper com a fórmula Dho-Hna quando eu a comprometer. Aqueles do ar me disseram no Sabbat que levarão anos até que eu possa limpar a terra, e eu acho que vovô estará morto então, então terei que aprender todos os ângulos dos aviões e todas as fórmulas entre o Yr e o Nhhngr. Os de fora ajudarão, mas não podem tomar corpo sem sangue humano. Parece que no andar de cima vai ter o elenco certo. Eu posso ver um pouco quando eu faço o sinal Voorish ou sopro o pó de Ibn Ghazi, e está próximo a eles em Véspera de Maio na Colina. O outro rosto pode desgastar alguns. Eu me pergunto como ficarei quando a terra for dizimada e não houver seres humanos nela. Aquele que veio com o Aklo Sabaoth disse que eu posso ser transfigurado, e há muito do lado de fora para se trabalhar”.

A manhã encontrou o dr. Armitage suando frio de terror e em um frenesi de concentração. Ele não havia largado o manuscrito a noite toda e estava sentado à sua mesa sob a luz elétrica, virando página após página, apertando as mãos o mais rápido que conseguia, a fim de decifrar o texto enigmático. Ele telefonara nervosamente para a esposa avisando que não estaria em casa e, quando ela lhe trouxe um café da manhã, ele mal conseguia se servir. Ele havia lido o dia todo, de vez em quando se detendo enlouquecedoramente em determinados trechos, quando uma reaplicação da chave complexa do pictograma tornou-se necessária. Seu almoço e seu jantar foram trazidos até ele, mas comeu pouco. No meio da noite seguinte, ele cochilou em sua cadeira, mas logo acordou de um emaranhado de pesadelos quase tão medonho quanto as verdades e ameaças à existência humana que ele havia descoberto.

Na manhã de 4 de setembro, o professor Rice e o doutor Morgan insistiram em vê-lo por um tempo e partiram tremendo, com a pele acinzentada. Naquela noite, ele foi para a cama, mas teve um sono quebrado. Na quarta-feira – no dia seguinte –, ele retornou ao manuscrito e começou a tomar notas copiosas tanto das seções atuais

quanto daquelas que já havia decifrado. Na madrugada daquela noite, dormiu um pouco em uma poltrona em seu escritório, mas estava trabalhando no manuscrito novamente antes do amanhecer. Algum tempo antes do meio-dia, seu médico, o doutor Hartwell, ligou pedindo para vê-lo e insistiu que ele parasse de trabalhar. Ele se recusou a fazê-lo, insinuando que era da maior importância para ele completar a leitura do diário e dar uma explicação plausível em seu devido tempo.

Naquela noite, assim que o crepúsculo caiu, ele terminou sua terrível leitura e afundou-se exausto na cadeira. Sua esposa, ao trazer o jantar, encontrou-o meio que em um estado de coma, mas ele estava consciente o suficiente para alertá-la com um grito agudo quando viu seus olhos vagarem na direção das anotações que ele havia feito. Levantando-se fracamente, ele juntou os papéis rabiscados e os selou em um grande envelope, que ele imediatamente colocou no bolso interno do casaco. Ele tinha força suficiente para chegar em casa, mas estava tão claramente necessitando de ajuda médica que o doutor Hartwell foi convocado imediatamente. Enquanto o médico o colocava na cama, ele só conseguia murmurar repetidas vezes: – Mas o que, em nome de Deus, podemos fazer?

O dr. Armitage dormiu, mas ficou parcialmente delirante no dia seguinte. Não deu explicações a Hartwell, mas, em seus momentos mais calmos, falou da necessidade imperativa de uma longa conferência com Rice e Morgan. Seus devaneios mais estranhos foram realmente surpreendentes, incluindo apelos frenéticos de que algo na casa de tábuas fosse destruído, e referências fantásticas a algum plano para a extirpação de toda a raça humana e toda a vida animal e vegetal da Terra por alguma terrível raça anciã de seres de outra dimensão. Ele gritava que o mundo estava em perigo, já que as Coisas Ancestrais desejavam desnudá-lo e arrastá-lo do Sistema Solar e do cosmos material para algum outro plano ou fase da entidade de onde havia se afastado, vigintilhões de éons atrás. Em outras ocasiões, ele pedia o temido *Necronomicon* e o *Daemonolatrea* de Remigius, nos quais ele parecia esperançoso em encontrar alguma fórmula para verificar o perigo que conjurava.

– Parem-nos, parem-nos! – ele gritava. – Aqueles Whateley quiseram deixá-los entrar, e o pior ainda está por vir! Diga ao Rice e ao Morgan que devemos fazer algo; é um tiro no escuro, mas sei como fazer o pó... Ele não tem sido alimentado desde o segundo dia de agosto, quando Wilbur veio aqui morrer, e nesse ritmo...

Mas Armitage tinha um físico sadio, apesar de seus 73 anos e

curou-se naquela noite sem ter febre. Acordou tarde na sexta-feira, com a cabeça lúcida, embora sóbrio em virtude de um medo imenso e um tremendo senso de responsabilidade. No sábado à tarde, ele se sentiu capaz de ir até a biblioteca e convocar Rice e Morgan para uma conferência, e o resto daquele dia e da noite os três homens torturaram seus cérebros com as mais selvagens especulações e debates desesperados. Volumes de livros estranhos e terríveis foram retirados das prateleiras e de locais seguros de armazenamento; e diagramas e fórmulas foram copiados com pressa febril e em abundância espantosa. Não havia ceticismo. Todos os três tinham visto o corpo de Wilbur Whateley deitado no chão de uma sala daquele mesmo prédio, e depois disso nenhum deles podia se sentir inclinado a tratar o diário apenas como o delírio de um louco.

As opiniões estavam divididas quanto a notificar a Polícia do Estado de Massachusetts, e a parte que se negava a fazê-lo venceu no fim. Havia coisas envolvidas neste caso em que simplesmente não se podia acreditar caso não se tivesse visto uma amostra, como de fato ficou claro durante certas investigações subsequentes. Tarde da noite, a reunião se desfez sem que tivessem chegado a um plano definido, mas durante todo o domingo Armitage esteve ocupado comparando fórmulas e misturando produtos químicos obtidos no laboratório da faculdade. Quanto mais ele refletia sobre o diário infernal, mais ficava inclinado a duvidar da eficácia de qualquer agente material para eliminar a entidade que Wilbur Whateley havia deixado para trás: a entidade ameaçadora da vida na Terra que, sem que ele soubesse, iria eclodir em poucas horas e se tornar o memorável horror de Dunwich.

A segunda-feira fora uma repetição do domingo com o dr. Armitage, pois a tarefa exigia uma infinidade de pesquisas e experiências. Outras consultas ao monstruoso diário trouxeram várias mudanças de planos, e ele sabia que, mesmo no final, ainda haveria uma grande incerteza. Na terça-feira, ele tinha um plano de ação definido e tentaria uma viagem até Dunwich em uma semana. Então, na quarta-feira, veio o grande choque. Um pequeno artigo da *Associated Press* estava secretamente guardado em um canto do *Arkham Advertiser*, dizendo que o uísque contrabandeado de Dunwich havia criado um monstro. Armitage, meio atordoado, só conseguiu telefonar para Rice e Morgan. Eles conversaram no meio da noite e, no dia seguinte, fizeram um turbilhão de preparativos. Armitage sabia que estava lidando com poderes terríveis, mas percebeu que não havia outra maneira de anular o envolvimento mais profundo e maligno que outros haviam feito antes dele.

IX.

Na manhã de sexta-feira, Armitage, Rice e Morgan partiram de carro para Dunwich, chegando à aldeia por volta da uma da tarde. O dia estava agradável, mas, mesmo sob a luz mais intensa do Sol, uma espécie de medo silencioso e fenomenal pairava sobre as colinas estranhamente abobadadas e os desfiladeiros profundos e sombrios da região atingida. De vez em quando, no topo de uma montanha, podia-se vislumbrar um círculo de pedras desbotadas contra o céu. Do ar de espanto silencioso no armazém de Osborn, eles sabiam que algo hediondo havia acontecido e logo souberam da aniquilação da casa e da família Elmer Frye. Andaram por Dunwich durante toda a tarde, questionando os nativos a respeito de tudo o que ocorrera e vendo o terror local com seus próprios olhos: as ruínas da propriedade dos Frye com seus traços persistentes da viscosidade pegajosa, os rastros blasfemos no pátio dos Frye, o gado ferido dos Bishop e as enormes extensões de vegetação destruída em vários lugares. A trilha para cima e para baixo da Sentinel Hill tinha um significado quase cataclísmico para Armitage, e ele olhou longamente para a sinistra pedra semelhante a um altar no cume da colina.

Por fim, os visitantes, informados de que um grupo da Polícia Estadual havia chegado de Aylesbury naquela manhã em resposta aos primeiros relatos telefônicos sobre a tragédia dos Frye, decidiram procurar os oficiais e comparar suas anotações, na medida do possível. No entanto, não conseguiram concluir seu intento, já que não encontraram nem sinal dos policiais. Havia cinco deles em um carro, mas agora ele estava vazio perto das ruínas no pátio dos Frye. Os nativos, todos os quais haviam conversado com os policiais, pareciam a princípio tão perplexos quanto Armitage e seus companheiros. Então o velho Sam Hutchins pensou em alguma coisa e ficou pálido, cutucando Fred Farr e apontando para o buraco úmido e profundo que se abria por perto.

– Oh, Deus! – exclamou. – Falei pra eles não descere o vale, e nunca achei que alguém fosse fazê isso com as marca e aquele chero e os bacurau gritano lá embaixo na escuridão do meio-dia...

Um arrepio percorreu nativos e visitantes, e todas as orelhas pareciam tensas, como se estivessem fazendo parte de uma espécie de escuta inconsciente e instintiva. Armitage, que agora já havia realmente encarado o horror e sua destruição monstruosa, tremeu com a responsabilidade que sentia ser dele. A noite logo cairia, e foi então

que a blasfêmia montanhosa arrastou-se pela trilha. *Negotium perambulans in tenebris*... O velho bibliotecário ensaiou as fórmulas que havia memorizado e segurou o papel que continha a alternativa que ele ainda não havia memorizado. Ele viu que sua lanterna elétrica estava funcionando. Rice, ao lado dele, tirou de uma valise um pulverizador de metal do tipo usado no combate a insetos, enquanto Morgan pegou o rifle

de grande porte no qual ele confiava, apesar dos avisos de seu colega de que nenhuma arma material seria de grande ajuda.

Armitage, tendo lido o hediondo diário, sabia dolorosamente bem que tipo de manifestação esperar, mas ele não piorou o susto que o povo de Dunwich tomaria dando dicas ou pistas. Ele esperava que pudesse vencer este horror sem qualquer revelação para o mundo sobre a coisa monstruosa que havia escapado. Quando as sombras aumentaram, os nativos começaram a dispersar-se para suas casas, na ansiedade de se protegerem dentro delas, apesar da evidência atual de que todas as fechaduras e os ferrolhos humanos eram inúteis diante de uma força que era capaz de dobrar árvores e esmagar casas quando quisesse. Eles balançaram a cabeça ao ver o plano dos visitantes de ficar de guarda nas ruínas da casa dos Frye perto do vale e, quando saíram, tinham pouca expectativa de ver os vigilantes novamente um dia.

Havia rumores sob as colinas naquela noite, e os bacuraus cantavam ameaçadoramente. De vez em quando um vento varria Cold Spring Glen, trazendo um toque de inefável odor ao pesado ar da noite. Todos os três observadores já haviam sentido aquele odor fétido anteriormente, quando viram a morte de uma coisa que havia passado quinze anos e meio como um ser humano. Mas o terror esperado não apareceu. O que quer que estivesse lá embaixo no vale estava ganhando tempo, e Armitage disse a seus colegas que tentar atacá-lo no escuro seria o mesmo que cometer suicídio.

A manhã chegou pálida, e os sons noturnos cessaram. Fazia um dia cinzento e sombrio, com um chuvisco de vez em quando, e as nuvens mais pesadas pareciam acumular-se além das colinas a noroeste.

A população de Arkham estava indecisa sobre o que fazer. Buscando abrigo das chuvas cada vez mais torrenciais sob uma das poucas construções não destruídas dos Frye, eles se perguntavam se era sábio esperar ou se seria melhor adotar um estilo agressivo e descer para o vale em busca de sua presa monstruosa e sem nome. O aguaceiro cresceu em peso, e trovões soaram em horizontes distantes. Relâmpagos cintilavam no céu e, em seguida, um raio partiu-se em

dois, como se descesse até o próprio vale amaldiçoado. O céu ficou muito escuro e os observadores esperavam que a tempestade se mostrasse intensa, porém curta, para que depois o tempo clareasse.

Ainda estava horrivelmente escuro quando, pouco mais de uma hora depois, uma confusão de vozes babélicas soou na estrada. Logo surgiu um grupo assustado com mais de uma dúzia de homens, que corriam, gritavam e até choramingavam histericamente. Alguém na liderança começou a soluçar algumas palavras, e os homens de Arkham tiveram um sobressalto violento quando essas palavras assumiram uma forma coerente.

– Meu Deus, meu Deus! – exclamou a voz. – Aquela cõsa tá andano de novo, e dessa vez à luz do dia! Tá solta, solta e agora mesmo ta vino na nossa direção, e só Deus sabe quando vai nos alcançá!

O interlocutor arquejou e ficou em silêncio, mas outra pessoa prosseguiu com a mensagem.

– Uma meia hora atrás o telefone do Zeb Whateley tocô e era a senhora Corey, esposa do George, que mora perto do cruzamento. Ela disse que o garoto contratado, o Luthero tava trazeno o gado pra longe da tempestade depois daquele relampeio todo quando viu as arves se entortano na cabecera do vale, no outro lado, e sentiu o mesmo chero horrívio que sentiu quando encontrô aquelas marca na manhã da segunda-feira. E ela contô que ele disse que também ouviu um zunido mais alto do que as arve e os arbusto podia fazê, e de repente as arve da estrada começaram a se curvâ pro lado e ele ouviu umas pancada e um mexido terrívio na lama. Mas escuta bem, o Luther não viu nada, só as arve e os arbusto se entortano. Depois mais pra frente onde o riacho do Bishop passa por baixo da estrada ele ouviu uns estalo e uns rangido terrívio na ponte e disse que o som era de madeira rachano e quebrano. E todo esse tempo ele não viu nada, só as arve e os arbusto se entortano. E quando o zunido se afastô pela estrada em direção à casa do Bruxo Whateley e da Sentinel Hill, o Luther, ele teve a corage de subi até o lugar onde tinha ouvido os baruios pela primeira vez e de olhá pro chão. Tava tudo água e lama, e o céu tava escuro, e a chuva tava apagando as trilhas rápido, mas na boca do vale, onde as arve tinham se movido, ele ainda conseguiu vê algumas daquelas pegadas medonhas do tamanho dum barril igual que ele tinha visto na segunda.

Neste ponto, o primeiro interlocutor animado interrompeu.

– Mas agora o problema não é esse, isso foi só o começo. O Zeb aqui tava chamando as pessoas e todo mundo tava escutando quando tocô o telefone e era o Seth Bishop. A Sally, a criada dele, tava quase tendo

um troço; ela tinha acabado de vê as arve se entortá na bera da estrada, e disse que tava ovino um som pastoso, que nem a respiração e os passo dum elefante ino na direção da casa. Aí ela se levantô e de repente sentiu um chero medonho, e disse que o Chancey começô a gritá que era o mesmo chêro que tinha sentido nas ruína da casa dos Whateley na manhã de segunda. E os cachorro tava tudo latindo e ganindo. E depois ela soltô um grito medonho e disse que o celêro na bêra da estrada tinha acabado de desmoroná, só que o vento da tempestade não tinha força suficiente pra fazê isso. Todo mundo fico escutano, e deu pra ovi várias pessoa assustada na linha. E de repente a Sally, ela gritô de novo e disse que a cerca da frente tinha se espatifado, mas não se via nenhum sinal do que podia tê feito aquilo. Aí todo mundo na linha pôde escutá o Chancey e o velho Seth Bishop gritano também, e a Sally começou a dizê que alguma côsa pesada tinha acertado a casa; não um raio nem nada paricido, mas alguma côsa pesada que tava bateno sem pará na frente da casa, mesmo que não desse pra vê nada pelas janela. E aí...aí...

O desespero no rosto dos habitantes foi ficando cada vez mais profundo. Armitage, abalado, nem conseguia pedir à pessoa que continuasse a falar.

– Aí... A Sally, ela gritô, “Socorro, a casa tá caindo...”, e na linha a gente pôde ovi o estrondo dum disabamento e uma grande gritaria... que nem na casa do Elmer Frye, só que pior...

O homem fez uma pausa e outra pessoa na multidão falou:

– Isso é tudo, não se oviu mais nenhum pio no telefone depois disso. Ficô tudo quieto. Nós que ovimo tudo entramo nos camião Ford e nas carreta e juntamo o maior número de home forte que a gente encontrou na casa dos Corey e viemo pra cá vê o que os senhores acha melhor a gente fazê. Mas eu acho que esse é o julgamento do Senhor pras nossa maldade, que nenhuma criatura mortal é capaz de detê.

Armitage viu que era chegada de tomar a frente e falou decisivamente para o grupo hesitante de pessoas rústicas assustadas:

– Devemos segui-lo, rapazes. – Ele tentou o máximo possível fazer de sua voz reconfortante. – Acredito que há uma chance de colocá-lo fora de ação. Vocês, homens, sabem que aqueles Whateley eram bruxos; bem, isso é uma coisa de feitiçaria, e devem lidar com ele da mesma maneira. Eu vi o diário de Wilbur Whateley e estudei alguns dos estranhos livros antigos que ele costumava ler; acho que sei o tipo certo de feitiço que deve ser recitado para fazer a coisa desaparecer. É claro que não se pode ter certeza, mas sempre há uma chance. Ele é invisível, como eu pensava, mas há um pó neste pulverizador de longa

distância que pode fazê-lo ficar visível por um segundo. Vamos tentar usá-lo mais tarde. É uma coisa assustadora demais para poder seguir viva, mas não é tão ruim quanto o que Wilbur teria nos deixado se vivesse por mais tempo. Vocês nunca saberão do que o mundo escapou. Agora só precisamos lutar contra essa coisa e não podemos deixá-la se multiplicar. Isso pode, no entanto, causar muitos danos, então não devemos hesitar em livrar a comunidade desse ser. Devemos segui-lo, e precisamos começar indo até o local que acaba de ser destruído. Vamos deixar alguém liderar o caminho. Eu não conheço muito bem as estradas daqui, mas acho que há um atalho entre os lotes. O que acham?

Os homens ficaram agitados por um momento, e então Earl Sawyer falou baixinho, apontando com um dedo sujo na chuva constante.

– Eu acho que o sinhô pode chegá até a casa do Seth Bishop mais depressa cortano caminho pelos pasto mais baixo aqui, passano o riacho e subino pela mina do Carrier e o pátio de lenha mais na frente. Assim o sinhô vai saí na estrada bem perto das terra do Seth; é só caminhá mais um poco pro otro lado.

Armitage, acompanhado de Rice e Morgan, começou a andar na direção indicada, e a maioria dos nativos seguiu devagar. O céu estava ficando mais claro e havia sinais de que a tempestade se dissipara. Quando Armitage, inadvertidamente, pegou o caminho errado, Joe Osborn avisou-o e começou a caminhar na frente para mostrar a direção certa. A coragem e a confiança iam aumentando, embora o crepúsculo da colina cheia de árvores quase perpendiculares que ficava no fim do atalho e em meio a fantásticas árvores antigas a que tinham de se agarrar como se subissem uma escada com a ajuda de corrimãos colocasse essas qualidades em cheque.

Finalmente, chegaram a uma estrada lamacenta quando o Sol nascia. Estavam um pouco além da propriedade de Seth Bishop, mas árvores tortas e rastros terrivelmente inconfundíveis mostravam o que havia se passado ali. Apenas alguns momentos foram necessários para examinar as ruínas ao redor da curva. Era o mesmo incidente ocorrido na casa dos Frye, e nada de morto ou vivo foi encontrado nas ruínas desmoronadas que antes tinham sido a casa e o galpão dos Bishop. Ninguém quis ficar em meio ao odor e à viscosidade, por isso todos se voltaram instintivamente para a fila de pegadas horrendas que levavam à casa destruída dos Whateley e às encostas coroadas pelo altar da Sentinel Hill.

Quando os homens passaram pelo local onde Wilbur Whateley morara, estremeceram visivelmente e pareciam novamente misturar

hesitação e zelo. Não era brincadeira rastrear algo tão grande quanto uma casa e que ainda por cima não se podia ver, mas que tinha toda a malevolência terrível de um daemon. Em frente à base da Sentinel Hill, a trilha afastava-se da estrada e havia novas árvores dobradas e arbustos amassados visíveis ao longo da larga faixa que marcava a antiga rota de ida e volta do monstro até o cume.

Armitage usou um telescópio de bolso de alcance considerável e observou o lado verde e íngreme da colina. Depois entregou o instrumento a Morgan, cuja visão era mais aguçada. Depois de um momento de observação, Morgan deu um brusco grito, passando o objeto para Earl Sawyer e indicando um certo ponto na encosta com o dedo. Sawyer, desajeitado como a maioria das pessoas que não estão acostumadas a utilizar tais artefatos, se atrapalhou um pouco, mas finalmente ajustou as lentes com a ajuda de Armitage. Quando fez isso, seu grito foi menos contido do que o de Morgan.

– Deus Todo-poderoso, a grama e os arbustos estão em movimento! Está subindo devagar e rastejando-se até o topo agora, só Deus sabe para quê!

Então o vírus do pânico pareceu se espalhar entre os exploradores. Uma coisa era perseguir a entidade sem nome, mas outra bem diferente era encontrá-la. Usar de magia poderia ser algo bom; porém, e se não fosse? Vozes dentro da cabeça de Armitage começaram a questioná-lo se realmente sabia algo sobre aquela coisa, e nenhuma resposta parecia satisfazê-lo. Todos pareciam sentir-se próximos às fases proibidas da natureza e do ser, totalmente fora da experiência sensata da humanidade.

X.

No final, os três homens de Arkham (o velho dr. Armitage, de barba branca, o professor Rice, de cabelos grisalhos e entroncado, e o jovem e esbelto dr. Morgan) subiram a montanha sozinhos. Depois de muitas instruções pacientes sobre o foco e o uso, eles deixaram o telescópio com o grupo assustado que permaneceu na estrada e, enquanto subiam, eram vigiados de perto por aqueles entre os quais o telescópio passava. A subida era difícil, e Armitage precisou de ajuda mais de uma vez. Bem acima do grupo, uma grande faixa tremeu quando a criatura infernal passou novamente a mover-se como um caracol. Ficou óbvio, então, que os perseguidores estavam se aproximando.

Curtis Whateley, da linhagem íntegra, estava segurando o telescópio quando o grupo de Arkham se desviou radicalmente da trilha. Ele disse à multidão que os homens estavam evidentemente tentando chegar a um pico secundário que dava para a trilha em um ponto consideravelmente à frente de onde os arbustos se curvavam. Isso, de fato, provou-se verdade, e o grupo foi visto ganhando a pequena elevação pouco tempo depois que a blasfêmia invisível passou.

Então Wesley Corey, que pegara o telescópio, gritou que Armitage estava ajustando o pulverizador que Rice estava segurando e que algo estava prestes a acontecer. A multidão moveu-se desconfortavelmente, esperando que o pulverizador desse ao horror invisível alguma visibilidade. Dois ou três homens fecharam os olhos, mas Curtis Whateley puxou o telescópio para trás e forçou a visão ao máximo. Ele viu que Rice, do ponto de vista que tinha, por cima e por trás da entidade, tinha uma excelente chance de espalhar o potente pó com ótimo resultado.

Aqueles que estavam sem o telescópio viram apenas o lampejo de uma nuvem cinza (do tamanho de um prédio moderadamente grande) perto do topo da montanha. Curtis, que havia segurado o instrumento, soltou-o com um grito estridente na estrada que continha lama até os tornozelos. Ele cambaleou, e teria caído no chão se dois ou três outros não o segurassem. Tudo o que ele podia fazer era gemer, quase que de maneira inaudível:

– Oh, oh, meu Deus... aquilo... aquilo...

Houve um pandemônio de perguntas, e apenas Henry Wheeler pensou em resgatar o telescópio caído e limpá-lo, pois havia ficado todo sujo de lama. Curtis estava além de toda a coerência, e até respostas isoladas eram demais para ele.

– Maior do que um celêro... todo feito dumas corda se retorcenoo... com o formato dum ovo de galinha maior do que qualqué otra côsa, com várias dúzia de perna, como barris que se fechô a cada passo... nada de sólido; todo molenga que nem geleia, feito dumas corda que se agito bem junto umas das otra... com uns olhos enorme e esbugalhado por toda parte... dez ou vinte boca ou tromba saino de toda parte nos lado, do tamanho duma chaminé cada boca, e todas se mexeno e se abrinno e fechano... todo cinza, com uns anel roxo ou azul... e meu Deus do céu, aquela cara feia por cima...!

Essa memória final, o que quer que fosse, provou ser demais para o pobre Curtis; e ele desmoronou completamente antes que pudesse dizer mais alguma coisa. Fred Farr e Will Hutchins levaram-no para a

beira da estrada e o deitaram na grama úmida. Henry Wheeler, tremendo, virou o telescópio resgatado na montanha para ver o que podia ser feito. Através das lentes podia-se discernir três figuras minúsculas, aparentemente correndo em direção ao cume tão rápido quanto a inclinação íngreme permitia. Apenas isso; nada mais. Então todo mundo notou um ruído estranhamente inoportuno no vale profundo que ficava atrás, e até na vegetação rasteira da própria Sentinel Hill. Era o canto de inúmeros bacuraus e, em seu grito estridente, parecia haver uma nota de expectativa tensa e maligna.

Earl Sawyer pegou o telescópio e informou que as três figuras estavam no topo da colina, praticamente no nível do altar de pedra, mas a uma distância considerável. Uma figura, ele disse, parecia levantar as mãos acima da cabeça a intervalos rítmicos e, quando Sawyer mencionou essa circunstância, a multidão pareceu ouvir um som meio musical distante, como se um canto alto estivesse acompanhando os gestos. A estranha silhueta naquele pico remoto deve ter sido um enorme espetáculo grotesco e impressionante, mas nenhum observador estava de bom humor para fazer qualquer tipo de apreciação estética.

– Achu que ele tá dizeno u feitiçu – sussurrou Wheeler quando puxou o telescópio de volta para si. Os bacuraus cantavam descontroladamente, em um ritmo irregular singularmente curioso, muito diferente do que acompanhava o ritual visível.

De repente, o Sol pareceu diminuir sem a intervenção de qualquer nuvem que pudesse ser vista no céu. Foi um fenômeno muito peculiar e claramente observado por todos. Um som estrondoso parecia fermentar sob as colinas, misturado com um barulho estranho vindo do céu. Um relâmpago cintilou no ar, e a multidão em dúvida procurou em vão pelos presságios da tempestade. O canto do povo de Arkham agora se tornara inconfundível, e Wheeler viu através do telescópio que todos estavam levantando os braços em uma espécie de encantamento rítmico. De alguma propriedade distante vieram os latidos frenéticos de cães.

A mudança na qualidade da luz do dia aumentou, e a multidão olhou maravilhada para o horizonte. Uma escuridão purpúrea, nascida de nada mais que um aprofundamento espectral no azul do céu, pressionava as colinas retumbantes. Então o relâmpago brilhou de novo, um pouco mais do que antes, e a multidão imaginou que havia certa nebulosidade ao redor do altar de pedra no alto. Ninguém, no entanto, estava usando o telescópio naquele instante. Os bacuraus continuaram com a pulsação irregular, e os homens de Dunwich se

prepararam com tensão contra uma ameaça imponderável com a qual a atmosfera parecia sobrecarregada.

Sem aviso, vieram aqueles sons vocais profundos, rachados e estridentes que nunca deixariam a memória do grupo que os ouviu. Eles não nasceram de qualquer garganta humana, pois os órgãos humanos não podem produzir tais perversões acústicas. Em vez disso, alguém diria que eles vieram de uma cova, se a fonte deles não fosse tão inconfundivelmente do altar de pedra no pico da montanha. É quase um erro chamar aquilo de sons, já que muito de seu timbre horripilante e infragrave falava a lugares sombrios da consciência e do terror do que aos ouvidos. No entanto, é preciso fazê-lo, já que sua forma era indiscutivelmente, embora de forma vaga, a de palavras semiarticuladas. Eles eram barulhentos (como os estrondos e o trovão acima dos quais ecoavam) e, ainda assim, não vinham de nenhum ser visível. E, como a imaginação poderia sugerir uma fonte conjectural no mundo dos seres invisíveis, a multidão amontoada na base da montanha se amontoava ainda mais e estremecia como se esperasse por um golpe.

– Ynaiih... ygnaiih... thflthkh'ngha... Yog-Sothoth... – dizia a horrível voz rouca que parecia vir do espaço. – Y'bthnk... h'ehye, n'grkdl'lh...

O impulso de falar pareceu vacilar nesse momento, como se alguma luta psíquica assustadora estivesse acontecendo. Henry Wheeler olhou para o telescópio, mas viu apenas a silhueta das três figuras humanas grotescas no pico, todas movendo furiosamente seus braços em gestos estranhos enquanto o encantamento aproximava-se de seu auge. De quais abismos escuros de Aqueronte, de quais profundidades inexploradas de consciência extracósmica obscura e latente vinham aqueles guinchos de trovão semiarticulados? Pouco depois, começaram a reunir força e coerência renovadas à medida que cresciam em total e absoluto frenesi.

– Eh-ya-ya-ya-yahaah – e'yayayayaaaa... ngh'aaaaa... ngh'aaaa... h'yuh... h'yuh... SOCORRO! SOCORRO!... pp- pp- pp- PAI! PAI! YOG-SOTHOTH!...

Isso foi tudo. O grupo pálido na estrada, ainda se recuperando das sílabas indiscutivelmente em inglês que haviam soado como um trovão no vazio frenético ao lado daquele impressionante altar de pedra, nunca mais as ouviria. Em vez disso, eles se sobressaltaram por conta do terrível estrondo que parecia rasgar as colinas; o repentino e cataclísmico estrépido, cuja fonte, seja ela da terra ou do céu, nenhum ouvinte jamais foi capaz de identificar. Um único relâmpago partiu do

zênite púrpura para o altar de pedra, e uma grande onda de força inenarrável e odor indescritível desceu da colina para todo o campo. Árvores, grama e vegetação rasteira eram fustigadas; e a multidão assustada na base da montanha, enfraquecida pelo cheiro letal que parecia prestes a asfixiá-los, quase foi atirada de seus pés. Cachorros uivavam a distância, a grama verde e a folhagem murchavam curiosamente até atingir um amarelo-cinza doentio, e sobre o campo e a floresta espalhavam-se os corpos de bacuraus mortos.

O odor sumiu rapidamente, mas a vegetação nunca mais voltou ao normal. Até hoje, há algo estranho e profano em relação ao crescimento da vegetação em torno dessa colina assustadora. Curtis Whateley

ainda estava recuperando a consciência quando os homens de Arkham desceram lentamente a montanha sob os raios de uma luz do Sol mais brilhante e imaculada. Eles estavam sérios e quietos, e pareciam abalados por lembranças e reflexos ainda mais terríveis do que aqueles que haviam reduzido o grupo de nativos a um estado de tremor acanhado. Em resposta a uma confusão de perguntas, eles apenas balançaram a cabeça e reafirmaram um fato de importância vital.

– A coisa se foi para sempre – disse Armitage. – Ela foi dividida em pedaços a partir do que originalmente foi feita e nunca poderá existir novamente. Era uma impossibilidade em um mundo normal. Apenas uma pequena fração de seu ser era composta por algo que conhecemos. Parecia-se com seu pai, e em boa parte voltou para ele em algum plano ou dimensão vagos, fora de nosso universo material; algum abismo vago, do qual apenas os rituais mais malditos da blasfêmia humana poderiam tê-lo chamado por um momento nas colinas.

Houve um breve silêncio e, naquela pausa, os sentidos dispersos do pobre Curtis Whateley começaram a voltar, de modo que ele colocou as mãos na cabeça com um gemido. A memória pareceu se recompor de onde parou, e o horror da visão que o prostrara invadiu-o novamente.

– Oh, oh, meu Deus, aquele rosto, aquele rosto pela metade... Aquele rosto com os olhos vermelhos e um cabelo albino enrugado, um sem queixo, como o Whateleys... Era um tipo de polvo, centopeia, como uma aranha, mas ele tinha o rosto de um homem em cima disso, e parecia o do Bruxo Whateley, só que eram metros e metros...

Ele fez uma pausa exausta, enquanto todo o grupo de nativos olhava perplexo, não totalmente cristalizado em um novo terror. Apenas o velho Zebulon Whateley, que vagamente se lembrava de

coisas antigas, mas que até então estivera em silêncio, falou em voz alta.

– Há quinze anos – ele divagou –, escutei o véi Whateley dizê qui, um dia, nós ia ouvi o filho de Lavinny chamando u nomi du pai no topo da Sentinel Hill...

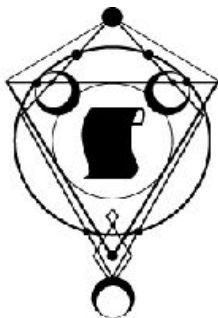
Mas Joe Osborn o interrompeu para questionar os homens de Arkham novamente:

– O que foi isso, e como o jovem Bruxo Whateley chamou isto de “o ar de onde vem”?

Armitage escolheu suas palavras com muito cuidado:

– Foi, bem, foi principalmente uma espécie de força que não pertence à nossa dimensão no espaço; um tipo de força que age e cresce e se molda por outras leis que não as do nosso tipo de natureza. Não temos motivo pra invocar essas coisas de longe, e somente pessoas e cultos muito maus tentam fazer isso. O próprio Wilbur Whateley tinha um pouco disso em si, o suficiente para transformá-lo em um demônio precoce, e culminar com a visão terrível de sua morte. Vou queimar seu diário amaldiçoado e, se vocês forem sábios, vão dinamitar aquele altar de pedra lá em cima, e derrubarão todos os anéis de pedras eretas nas outras colinas. São essas coisas que trouxeram para cá os seres dos quais os Whateley tanto gostavam, seres invocados a fim de eliminar a raça humana e arrastar a Terra para algum lugar sem nome e algum propósito sem nome. Mas quanto a essa coisa que acabamos de enviar de volta, os Whateley a criaram para desempenhar um papel terrível nos feitos que estavam por vir. Cresceu rápido e ficou enorme pela mesma razão que Wilbur cresceu rápido e ficou grande, mas ficou ainda maior por conter mais elementos de estranheza em si. Você não precisa perguntar como Wilbur o invocou do nada. Porque ele não o invocou. Ele era seu irmão gêmeo, mas que se parecia mais o pai do que ele.

Significa “daquilo (ser, coisa, dificuldade) que vagueia nas trevas”. (N.R.)



A SOMBRA FORA DO TEMPO

I.

Depois de vinte e dois anos de pesadelo e terror, salvos apenas por uma convicção desesperada na fonte mítica de certas impressões, não estou disposto a garantir a verdade daquilo que acho que encontrei na Austrália Ocidental na noite de 17 para 18 de julho de 1935. Há razões para esperar que minha experiência tenha sido total ou parcialmente uma alucinação; para a qual, de fato, muitas causas existiram. E, no entanto, seu realismo era tão horrível que às vezes me parecia impossível encontrar esperança. Se a coisa aconteceu, então o homem deve estar preparado para aceitar noções do cosmo e de seu próprio lugar no vórtice fervilhante do tempo, cuja simples menção é paralisante. Ele também deve ser colocado em guarda contra um perigo específico que esta à espreita, embora nunca vá conseguir engolir toda a raça humana, mas que pode impor horrores monstruosos e inacreditáveis a determinados membros aventureiros dela. É por essa última razão que insisto, com toda a força do meu ser, que todas as tentativas de desenterrar os fragmentos dessa alvenaria desconhecida e primordial que minha expedição começou a investigar sejam abandonadas.

Supondo que eu estivesse são e acordado, minha experiência

naquela noite foi como algo que nunca tinha acontecido com ninguém antes. Além disso, era uma confirmação assustadora de tudo o que eu procurara descartar como mito e sonho. Felizmente, não há provas dela, pois, no meu medo, perdi o objeto impressionante que, se real e trazido daquele abismo nocivo, seria uma prova irrefutável. Quando me deparei com o horror, estava sozinho; e até agora não contei a ninguém sobre o assunto. Eu nunca poderia impedir que os outros cavassem em sua direção, mas o acaso e as areias transitórias até agora os impediram de encontrá-lo. Agora preciso formular um relato definitivo, não apenas para o meu próprio equilíbrio mental, mas para advertir aqueles que o levem a sério.

Estas páginas, cujas partes iniciais serão familiares a leitores próximos da imprensa em geral e da imprensa científica, estão escritas na cabine do navio que está me levando para casa. Serão dadas a meu filho, o professor Wingate Peaslee, da Universidade do Miskatonic: o único membro da minha família que se aproximou de mim após minha estranha amnésia, que aconteceu há muito tempo, e o homem mais bem-informado sobre os fatos específicos do meu caso. De todas as pessoas vivas, ele é a menos provável a ridicularizar o que contarei sobre aquela noite fatídica. Eu não lhe disse nada oralmente antes de partir, porque acho que é melhor que ele tenha a revelação escrita. Ler e reler o que escrevi permitirá que ele tenha uma imagem mais convincente do que minha língua confusa poderia transmitir. Ele pode fazer o que quiser com este relato; mostrando-o, com os comentários adequados, a todos aqueles que possam usá-lo para fazer o bem. É para o bem de leitores que não estão familiarizados com as fases anteriores do meu caso que prefiro a revelação em si com um resumo bastante amplo da situação anterior.

Meu nome é Nathaniel Wingate Peaslee, e aqueles que se lembram dos relatos de jornal de uma geração atrás (ou as cartas e artigos em revistas de psicologia de seis ou sete anos atrás) saberão quem e o que eu sou. A imprensa foi preenchida com os detalhes da minha estranha amnésia de 1908 a 1913, e muito foi dito sobre as tradições de horror, loucura e feitiçaria que se escondem atrás da antiga cidade de Massachusetts, que ainda é a cidade em que resido. No entanto, eu gostaria de informar que não há nada de louco ou sinistro na minha hereditariedade e em minha infância. Este é um fato muito importante em vista da sombra que veio de repente de fontes externas. Pode ser que séculos de reflexão sombria tivessem dado à arruinada Arkham, assombrada por sussurros, uma vulnerabilidade peculiar em relação a essas sombras; embora isso pareça duvidoso à luz desses outros casos

que mais tarde vim a estudar. Contudo, o ponto principal é que meus próprios ancestrais e antecedentes são completamente normais. O que veio, veio de outro lugar; onde, até agora, hesito em afirmar categoricamente.

Sou o filho de Jonathan e Hannah (Wingate) Peaslee, ambos de antigas famílias de Haverhill. Nasci e fui criado em Haverhill, na antiga casa da Boardman Street, perto da Golden Hill. Não fui para Arkham até entrar na Universidade do Miskatonic aos 18 anos de idade. Isso foi em 1889. Depois da minha graduação, estudei economia em Harvard e voltei a Miskatonic, em 1895, como professor de Economia Política. Por treze anos, minha vida transcorreu de maneira tranquila e feliz. Casei-me com Alice Keezar, de Haverhill, em 1896, e meus três filhos, Robert K., Wingate e Hannah, nasceram em 1898, 1900 e 1903, respectivamente. Em 1898, tornei-me professor associado e, em 1902, professor catedrático. Em nenhum momento tive o menor interesse em ocultismo ou paranormalidade.

Foi na quinta-feira, 14 de maio de 1908, que veio a amnésia estranha. A coisa foi repentina, embora mais tarde eu tenha percebido que certas visões breves e cintilantes algumas horas antes (visões caóticas que me perturbaram muito porque não tinham precedentes) devem ter formado sintomas premonitórios. Minha cabeça estava doendo e eu tinha um sentimento singular, totalmente novo para mim, de que outra pessoa estava tentando se apossar de meus pensamentos.

O colapso ocorreu por volta das dez e vinte, enquanto eu estava dando uma aula de Economia Política VI, história e tendências atuais da economia, para os calouros e alguns segundanistas. Comecei a ver formas estranhas diante dos meus olhos e a sentir que estava em um lugar grotesco, além da sala de aula. Meus pensamentos e minha fala começaram a se distanciar do assunto, e os alunos viram que algo estava gravemente errado. Então, eu caí inconsciente em minha cadeira, em um estupor do qual ninguém poderia me tirar. Minhas faculdades legítimas voltaram a ver a luz do dia de nosso mundo normal depois de cinco anos, quatro meses e treze dias.

É claro que tudo o que sei a respeito fiquei sabendo por outras pessoas. Não demonstrei nenhum sinal de consciência por dezesseis horas e meia, embora tivesse sido levado para minha casa na rua Crane, no número 27, e recebido o melhor atendimento médico. Às três da manhã de 15 de maio, meus olhos se abriram e comecei a falar, mas logo os médicos e minha família ficaram completamente assustados com a maneira como eu me expressava e com minha linguagem. Ficou claro que eu não tinha lembrança de quem eu era ou

do meu passado, embora por algum motivo eu parecesse ansioso em esconder dos outros essa falta de conhecimento. Meus olhos contemplavam estranhamente as pessoas ao meu redor, e os movimentos dos meus músculos faciais eram totalmente desconhecidos.

Até meu jeito de falar parecia estranho e não familiar. Utilizei minhas cordas vocais desajeitadamente, e minha dicção tinha uma qualidade curiosamente empolada, como se eu tivesse aprendido laboriosamente a língua inglesa a partir de livros. A pronúncia era barbaramente estranha, enquanto o idioma parecia incluir tanto fragmentos de curiosos arcaísmos quanto expressões totalmente incompreensíveis. Das últimas expressões, uma em particular foi bastante lembrada pelo médico mais jovem, vinte anos depois. Pois, naquele período tardio, tal frase começou a ter uma real manifestação (primeiro na Inglaterra e depois nos Estados Unidos) e, embora de muita complexidade e novidade indiscutível, reproduzia nos mínimos detalhes as palavras mistificadoras do estranho paciente de Arkham de 1908.

Minha força física retornou imediatamente, embora eu precisasse de uma grande quantidade de reabilitação para fazer uso de minhas mãos, minhas pernas e meus aparatos corporais em geral. Por causa disso e de outras deficiências inerentes ao lapso mnemônico, fiquei por algum tempo sob cuidados médicos rigorosos. Quando vi que minhas tentativas de ocultar o lapso haviam falhado, admiti isso abertamente e fiquei ansioso por informações de todos os tipos. De fato, pareceu aos médicos que eu havia perdido o interesse em minha personalidade assim que aceitei o caso da amnésia como algo natural. Eles notaram que meus principais esforços eram dominar certos pontos da história, da ciência, da arte, da linguagem e do folclore (alguns deles um tanto abstrusos e alguns bem infantis) que, de uma forma estranha, em muitos casos, permaneceram fora da minha consciência.

Ao mesmo tempo, eles notaram que eu tinha um domínio inexplicável de muitos tipos quase desconhecidos de conhecimento; um domínio que eu parecia querer esconder em vez de exhibir. Eu inadvertidamente me referia, com uma garantia casual, a eventos específicos em épocas obscuras fora do alcance da história normalmente aceita, fazendo com que tudo parecesse uma piada quando percebia a surpresa das pessoas. E eu tinha uma maneira de falar do futuro que, por duas ou três vezes, causa medo real. Esses clarões misteriosos logo pararam, embora alguns observadores tenham

atribuído esse desaparecimento mais a uma certa cautela furtiva da minha parte do que por uma diminuição do estranho conhecimento por trás deles. De fato, eu parecia anormalmente ávido por absorver a língua, os costumes e as perspectivas da época em que eu vivia, como se eu fosse um viajante estudioso de uma terra distante e estrangeira.

Assim que pude, comecei a frequentar a biblioteca da faculdade a qualquer hora e logo comecei a fazer essas estranhas viagens e cursos especiais em universidades americanas e europeias, que provocaram tantos comentários ao longo dos anos. Não sofria em nenhum momento com a falta de contato com eruditos, pois meu caso me elevava à condição de uma celebridade entre os psicólogos da época. Fui estudado como um exemplo típico de personalidade secundária, mesmo que parecesse confundir os professores de vez em quando com algum sintoma bizarro ou algum traço esquisito de uma cautelosa brincadeira velada.

Tive poucas amizades verdadeiras, no entanto. Algo em meu aspecto e em minha fala parecia provocar medo e aversão em todos que conheci, como se eu fosse um ser infinitamente afastado de tudo o que é normal e saudável. Essa ideia de um horror sombrio e oculto, ligado a abismos incalculáveis e à ideia de algum tipo de distância, era estranhamente generalizada e persistente. Minha própria família não era exceção. Desde o momento em que estranhamente despertei, minha esposa me olhava com extremo horror e aversão, jurando que eu era algum alienígena que usurpava o corpo de seu marido. Em 1910, ela obteve um divórcio legal, e nunca consentiu em me ver, mesmo depois do meu retorno à normalidade, em 1913. Esses sentimentos foram compartilhados por meu filho mais velho e minha filha pequena, e nunca mais os vi desde então.

Apenas meu segundo filho, Wingate, parecia capaz de superar o terror e a repulsa que minha mudança despertou. Ele realmente sentia que eu era um estranho, mas, do alto de seus apenas 8 anos de idade, ele se apegava à fé de que eu retornaria ao normal algum dia. Quando isso realmente aconteceu, ele me procurou, e os tribunais me deram sua guarda. Nos anos seguintes, ele me ajudou com os estudos aos quais me dediquei e hoje, aos 35 anos de idade, é professor de psicologia na Miskatonic. Mas não me admiro com o horror que causei; pois, certamente, a mente, a voz e a expressão facial do ser que despertou em 15 de maio de 1908 não eram mais as de Nathaniel Wingate Peaslee.

Não vou tentar contar muito da minha vida no período de 1908 a 1913, uma vez que os leitores podem colher todos os elementos

essenciais externos (como eu mesmo tive que fazer) de arquivos de jornais antigos e revistas científicas. Fui encarregado de minhas próprias finanças e passei a utilizá-las lentamente e com sabedoria em viagens e estudos por vários centros de aprendizagem. Minhas viagens, no entanto, eram singulares ao extremo; envolvendo longas visitas a lugares remotos e desolados. Em 1909, passei um mês no Himalaia e, em 1911, despertei muita atenção por causa de uma viagem de camelo aos desertos desconhecidos da Arábia. O que aconteceu nessas viagens, eu nunca fui capaz de entender. Durante o verão de 1912, fretei um navio e naveguei no Ártico, ao norte de Spitzbergen, para depois mostrar sinais de decepção. Mais tarde, naquele ano, passei semanas sozinho, além dos limites de explorações anteriores ou subsequentes, nos vastos sistemas de cavernas calcárias do oeste da Virgínia: labirintos sombrios tão complexos, que ninguém foi capaz de seguir meus passos.

Minhas jornadas nas universidades foram marcadas por uma assimilação de conteúdo anormalmente rápida, como se a personalidade secundária tivesse uma inteligência muito superior à minha. Descobri, também, que minha velocidade de leitura e estudo individual era fenomenal. Eu poderia dominar todos os detalhes de um livro apenas virando suas folhas, e minha habilidade de interpretar com rapidez figuras complexas era muito impressionante. Às vezes apareciam notícias quase desagradáveis sobre meu poder de influenciar os pensamentos e os atos dos outros, embora eu parecesse tomar cuidado para minimizar as exibições dessa faculdade.

Outros indecorosos relatos diziam respeito à minha intimidade com líderes de grupos ocultistas e estudiosos suspeitos de conexão com bandos inomináveis e detestáveis de hierofantes do mundo antigo. Esses rumores, embora nunca tenham sido provados na época, foram, sem dúvida, estimulados pelo teor de algumas de minhas leituras; pois a consulta de livros raros em bibliotecas não pode ser feita secretamente. Há uma prova tangível, na forma de notas nas margens dos livros, de que eu tenha lido minuciosamente coisas como os *Cultes des Goules*, de Comte d'Erlette, *De Vermis Mysteriis*, de Ludvig Prinn, o *Unaussprechlichen Kulten* de von Junzt, os fragmentos sobreviventes do enigmático *Livro de Eibon* e o temido *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred. Então, também é inegável que uma nova e maligna onda de seitas secretas estabeleceu-se na época da minha estranha mutação.

No verão de 1913, comecei a mostrar sinais de enfado e a sinalizar que em breve passaria por mais uma transformação. Falei sobre

devolver lembranças da minha vida anterior, embora a maioria das pessoas não acreditasse nisso, já que todas as minhas lembranças eram casuais e poderiam ter sido apanhadas em meus antigos documentos particulares. Por volta de meados de agosto, voltei a Arkham e reabri minha casa, há muito fechada, na rua Crane. Lá instalei um mecanismo do mais curioso aspecto, construído aos poucos por diferentes fabricantes de aparelhos científicos na Europa e na América, guardado cuidadosamente à vista de qualquer um inteligente o suficiente para analisá-lo. Aqueles que o viram, um operário, uma criada e a nova governanta, dizem que era uma estranha mistura de varas, rodas e espelhos, embora tivesse apenas dois metros de altura, trinta centímetros de largura e trinta centímetros de espessura. O espelho central era circular e convexo. Tudo isso é confirmado por tais fabricantes de peças que podem ser localizados.

Na noite de sexta-feira, 26 de setembro, dispensei a empregada e a governanta até o meio-dia do dia seguinte. As luzes da casa ficaram acesas até tarde, e um homem magro, moreno e curiosamente de aparência estrangeira chegou em um automóvel. As luzes foram vistas pela última vez por volta da uma da manhã. Às duas e quinze da manhã, um policial observou o local na escuridão, mas com o carro do estranho ainda estacionado próximo ao meio-fio. Às quatro horas, o carro já não estava mais lá. Foi às seis horas que uma voz hesitante e estranha pediu ao dr. Wilson que ligasse para minha casa e me acordasse de um desmaio peculiar. Essa ligação (de longa distância) foi mais tarde atribuída a um telefone público na North Station, em Boston, mas nenhum sinal do estrangeiro magro foi encontrado.

Quando o médico chegou à minha casa, encontrou-me inconsciente na sala de estar, em uma poltrona com uma mesa à frente. No tampo da mesa polida havia arranhões onde algum objeto pesado descansara. A estranha máquina havia desaparecido, e nada mais foi ouvido depois disso. Sem dúvida, o estrangeiro moreno e magro o havia pegado. Na grade da biblioteca havia cinzas abundantes evidentemente deixadas pela queima de todos os pedaços de papel que eu havia escrito desde o advento da amnésia. O dr. Wilson achou minha respiração muito peculiar, mas depois de uma injeção hipodérmica ela voltou ao normal.

Às onze e quinze do dia 27 de setembro, eu me mexi vigorosamente, e meu rosto, que até então parecia uma máscara, começou a mostrar sinais de expressão. O dr. Wilson observou que a expressão não era a da minha personalidade secundária, mas parecia muito semelhante ao meu eu normal. Por volta das onze e meia

murmurei algumas sílabas muito curiosas; sílabas que pareciam não estar relacionadas com nenhuma fala humana. Eu também parecia lutar contra alguma coisa. Então, pouco depois do meio-dia, quando a criada e a governanta retornaram, comecei a murmurar em inglês:

– ...dos economistas ortodoxos daquele período, Jevons exemplifica a tendência predominante em direção à correlação científica. Sua tentativa de ligar o ciclo comercial de prosperidade e depressão com o ciclo físico das manchas solares talvez seja o ápice de...

Nathaniel Wingate Peaslee tinha voltado; um espírito que ainda estava naquela manhã de quinta-feira de 1908, com toda a turma de economia observando a mesa gasta na plataforma.

II.

Meu retorno à vida normal foi um processo doloroso e difícil. A perda de mais de cinco anos cria mais complicações do que se imagina e, no meu caso, havia inúmeras questões a serem ajustadas. O que ouvi sobre minhas ações desde 1908 surpreendeu e me perturbou, mas tentei ver o assunto da maneira mais filosófica possível. Ao recuperar a custódia do meu segundo filho, Wingate, finalmente me estabeleci com ele na casa da rua Crane e me esforcei para voltar a dar aulas; minha antiga cátedra foi gentilmente oferecida pela universidade novamente.

Comecei a trabalhar em fevereiro de 1914 e dei aulas por apenas um ano. Naquela época, percebi o quanto minha experiência me abalou. Embora perfeitamente são, eu esperava, e sem nenhuma falha em minha personalidade original, eu não tinha a excitação dos velhos tempos. Sonhos vagos e ideias estranhas me assombraram continuamente e, quando a eclosão da Guerra Mundial direcionou minha mente para a história, eu me vi pensando em períodos e eventos da maneira mais estranha possível. Minha concepção de tempo (minha capacidade de distinguir entre consecutividade e simultaneidade)

parecia sutilmente desordenada, de modo que comecei a formar noções quiméricas sobre viver em uma era e projetar a consciência por toda a eternidade para ter o conhecimento das eras passadas e futuras.

A guerra me deu estranhas impressões de lembrar algumas de suas consequências distantes, como se eu soubesse como ela acabaria e pudesse vê-la em retrospectiva, à luz de informações futuras. Todas

essas quase memórias vinham com muita dor e com a sensação de que alguma barreira psicológica artificial fora colocada contra elas. Quando eu contava, de forma difusa, minhas impressões a outras pessoas, encontrava respostas variadas. Algumas pessoas olhavam desconfortavelmente para mim, mas os homens do departamento de matemática falavam de novos desdobramentos das teorias da relatividade, então discutidas apenas em círculos especializados, que mais tarde se tornariam tão famosas. O dr. Albert Einstein, eles disseram, estava reduzindo rapidamente o tempo para o *status* de uma simples dimensão.

Mas os sonhos e os sentimentos perturbadores venceram, de modo que tive que abandonar meu trabalho em 1915. Certas impressões estavam assumindo uma forma irritante, dando-me a persistente noção de que minha amnésia havia formado algum tipo de troca profana; que a personalidade secundária fora de fato uma força intrusa de regiões desconhecidas e que minha própria personalidade sofrera deslocamento. Assim, fui levado a especulações vagas e assustadoras sobre o paradeiro do meu eu verdadeiro durante os anos em que o outro ficou em meu corpo. O conhecimento curioso e a conduta estranha do falecido inquilino do meu corpo me perturbaram cada vez mais à medida que eu aprendia mais detalhes com pessoas, jornais e revistas. As estranhezas que haviam confundido os outros pareciam harmonizar-se terrivelmente com algum pano de fundo do conhecimento obscuro que se inflamava nos abismos do meu subconsciente. Comecei a procurar febrilmente cada fragmento de informação sobre os estudos e as viagens daquele outro eu durante os anos sombrios.

Nem todos os meus problemas eram tão abstratos assim. Havia os sonhos, e estes pareciam aumentar em vivacidade e concretude. Sabendo como a maioria iria levá-los em conta, raramente os mencionei a outras pessoas além do meu filho ou certos psicólogos de confiança, mas acabei iniciando um estudo científico de outros casos para ver como essas visões típicas e atípicas poderiam se dar entre as vítimas de amnésia. Meus resultados, auxiliados por psicólogos, historiadores, antropólogos e especialistas em saúde mental com grande experiência, e por um estudo que incluiu todos os registros de personalidades duplas, de lendas de possessão demoníacas até a realidade médica atual, mais me incomodaram do que me consolaram.

Logo descobri que meus sonhos não tinham, de fato, contrapartida na esmagadora maioria dos verdadeiros casos de amnésia. Restava, no entanto, um minúsculo número de relatos que durante anos me

desconcertou e me chocou pelo paralelismo com a minha própria experiência. Alguns deles eram pedaços de folclore antigo; outros eram histórias de casos dos anais da medicina; um ou dois eram anedotas obscuramente enterradas em histórias comuns. Assim, parecia que, embora o meu tipo especial de aflição fosse prodigiosamente raro, havia ocorrências dele em longos intervalos desde o início da história humana. Alguns séculos podem conter um, dois ou três casos; outros, nenhum, ou pelo menos nenhum cujo registro tenha sobrevivido.

A essência dos relatos era sempre a mesma: uma pessoa de atenção aguda, tomada por uma estranha vida secundária e que levava, durante um período maior ou menor, uma existência totalmente estranha tipificada inicialmente por estranheza vocal e corpórea e, mais tarde, por uma aquisição indiscriminada de dados históricos, científicos, artísticos e antropológicos, uma aquisição realizada com entusiasmo febril e com poder de absorção totalmente anormal. Então, havia um súbito retorno da consciência, atormentada de forma intermitente para sempre com sonhos vagos e insólitos, sugerindo que fragmentos de alguma memória medonha elaboradamente se apagassem. E a estreita semelhança desses pesadelos com os meus (mesmo em alguns dos menores detalhes) não deixava dúvidas em minha mente sobre sua natureza significativamente típica. Um ou dois dos casos tinham uma aura adicional de familiaridade fraca e blasfema, como se eu já tivesse ouvido falar deles por meio de algum canal cósmico mórbido e medonho demais para contemplar.

Em três casos, houve menção específica a uma máquina tão desconhecida quanto a minha antes da segunda mudança.

Outro aspecto que me preocupou durante a minha investigação foi a frequência um pouco maior de casos em que um vislumbre breve e indescritível dos pesadelos típicos era concedido a pessoas não acometidas por uma amnésia bem definida. Essas pessoas, em sua maioria, tinham uma mente medíocre ou, pior ainda, eram tão primitivas, que dificilmente poderiam ser pensadas como veículos de grande erudição ou de aquisições mentais sobrenaturais. Por um segundo, elas eram tomadas por uma força alienígena e depois tinham um lapso momentâneo e breve de horrores não humanos.

Houve pelo menos três desses casos nos últimos cinquenta anos; o último há apenas quinze anos. Alguma coisa estivera Tateando cegamente através do tempo a partir de algum abismo insuspeito na natureza? Seriam esses casos frágeis experiências monstruosas e sinistras de um tipo e autoria totalmente além da crença sã? Tais eram

algumas das especulações sem forma em minhas horas de fraqueza, fantasias encorajadas pelos mitos que meus estudos revelaram. Eu não podia duvidar de que certas lendas persistentes de antiguidade imemorial, aparentemente desconhecidas das vítimas e dos médicos ligados a casos recentes de amnésia, formavam um espantoso e impressionante desdobramento de lapsos de memória como os meus.

Da natureza dos sonhos e das impressões que estavam surgindo com grande clamor, eu ainda temo falar. Eles pareciam ter rudimentos de loucura, e às vezes eu acreditava que estava enlouquecendo de verdade. Havia algum tipo especial de ilusão que afligia aqueles que haviam sofrido lapsos de memória? É possível que os esforços da mente subconsciente para preencher um vazio desconcertante com pseudomemórias possam dar origem a estranhos caprichos imaginativos. Isso, na verdade (embora uma teoria folclórica alternativa finalmente me parecesse mais plausível), era a crença de muitos dos alienistas que me ajudaram em minha busca por casos paralelos e que compartilhavam minha perplexidade com as semelhanças exatas por vezes descobertas. Eles não chamavam a condição de insanidade verdadeira, mas a classificavam entre os distúrbios neuróticos. O meu proceder ao tentar localizá-lo e analisá-lo, em vez de procurar em vão desprezá-lo ou esquecê-lo, foi sinceramente endossado como correto, de acordo com os melhores princípios psicológicos. Eu valorizava especialmente o conselho de médicos que me estudaram enquanto estava possuído por minha outra personalidade.

Meus primeiros distúrbios não eram visuais, mas se referiam aos assuntos mais abstratos que mencionei. Havia também um sentimento de horror profundo e inexplicável a meu próprio respeito. Desenvolvi um medo estranho de ver minha própria forma, como se meus olhos achassem algo completamente estranho e inconcebivelmente repugnante. Ao olhar para baixo e contemplar minha forma humana familiar, com roupas cinzas ou azuis, eu sempre sentia um alívio curioso, embora, para obter esse alívio, eu tivesse que vencer um medo infinito. Eu evitava espelhos o máximo possível e sempre me barbeava no salão.

Demorou muito para eu correlacionar qualquer um desses sentimentos de frustração com as impressões visuais fugazes que começaram a se desenvolver. A primeira dessas correlações tinha a ver com a estranha sensação de uma restrição externa e artificial na minha memória. Senti que os fragmentos de visão que experimentava tinham um significado profundo e terrível, e uma conexão assustadora

comigo mesmo, mas que alguma influência intencional me impedia de entender esse significado e essa conexão. Então veio aquela estranheza sobre o elemento do tempo e, com ele, esforços desesperados para colocar os vislumbres fragmentários de sonhos no padrão cronológico e espacial.

Os vislumbres em si eram, a princípio, muito mais estranhos do que assustadores. Eu parecia estar em uma enorme câmara abobadada, cujas imensas colunas de pedra estavam quase perdidas nas sombras acima. Em qualquer época ou lugar que esta cena pudesse acontecer, o princípio do arco era conhecido e usado tão amplamente quanto pelos romanos. Havia janelas redondas colossais e portas altas em arco, e pedestais ou mesas tão altos quanto um quarto comum. Vastas prateleiras de madeira escura cobriam as paredes, segurando o que pareciam ser volumes imensos com estranhos hieróglifos na lombada. As pedras expostas mantinham esculturas curiosas, sempre com desenhos matemáticos curvilíneos, e havia inscrições esculpidas nos mesmos caracteres que os livros enormes traziam. A pedraria de granito escuro era de um tipo megalítico monstruoso, com linhas de blocos convexos que se ajustavam às fileiras de fundo côncavo que repousavam sobre eles. Não havia cadeiras, mas os topos dos vastos pedestais estavam cheios de livros, papéis e o que pareciam ser materiais de escrita: jarros estranhamente figurados de metal arroxeadado e hastes com pontas manchadas. Por mais altos que fossem os pedestais, às vezes eu conseguia vê-los de cima. Em alguns deles havia grandes globos de cristal luminoso servindo de lâmpadas e máquinas inexplicáveis formadas por tubos vítreos e hastes de metal. As janelas eram vidradas e treliçadas com barras de aparência robusta. Embora eu não ousasse me aproximar e espiá-los, pude ver de onde estava o topo ondulante de plantas parecidas com samambaias. O chão era de lajes maciças octogonais, mas não havia tapetes e tapeçarias.

Mais tarde, tive visões nas quais eu atravessava corredores de pedra ciclópicos e subia e descia gigantescos planos inclinados da mesma alvenaria monstruosa. Não havia escadas em parte alguma, nem qualquer passagem com menos de nove metros de largura. Algumas das estruturas pelas quais eu flutuava devem ter se erguido no céu por milhares de metros. Havia vários níveis de abóbadas pretas abaixo, e portas de armadilha nunca abertas, lacradas com tiras de metal e que sugeriam sombriamente algum perigo especial. Eu parecia ser um prisioneiro, e o horror pairava sobre tudo o que via. Senti que os hieróglifos curvilíneos zombeteiros nas paredes iriam explodir minha

alma com sua mensagem se eu não fosse protegido por uma ignorância misericordiosa.

Ainda mais tarde, meus sonhos incluíam vistas das grandes janelas redondas e telhados titânicos planos, com seus curiosos jardins, ampla área vazia e parapeito de pedra alto e recortado, ao qual o topo dos planos inclinados levava. Havia infindáveis quilômetros de edifícios gigantescos, cada um em seu jardim, que percorriam estradas pavimentadas com sessenta metros de largura. Eles diferiam muito no aspecto, mas poucos tinham menos de cento e cinquenta metros quadrados ou trezentos metros de altura. Muitos pareciam tão ilimitados, que deviam ter uma fachada de milhares de metros, enquanto alguns subiam a altitudes montanhosas nos céus cinzentos e fumegantes. Eles pareciam ser principalmente de pedra ou concreto, e a maioria deles incorporava

um tipo de alvenaria estranhamente curvilíneo perceptível no prédio em que eu estava. Os telhados eram planos, cobertos de jardins e tendiam a ter parapeitos recortados. Às vezes havia terraços, níveis mais altos e espaços largos em meio aos jardins. As grandes vias continham indícios de movimento, mas nas visões anteriores não consegui resolver essa impressão detalhadamente.

Em certos lugares, vi enormes torres cilíndricas escuras que se elevavam muito acima de qualquer outra estrutura. Pareciam ter uma natureza totalmente única, e mostravam sinais de idade prodigiosa e dilapidação. Elas foram construídas de um tipo bizarro de alvenaria de basalto de corte quadrado e afilados ligeiramente em direção aos topos arredondados. Em nenhuma delas eram vistos traços de janelas ou

outras aberturas, exceto portas enormes. Notei também alguns edifícios mais baixos, todos desmoronando por conta do tempo, que se assemelhavam a essas torres cilíndricas escuras na arquitetura básica. Ao redor de todas essas pilhas aberrantes de alvenaria de corte quadrado pairava uma inexplicável aura de ameaça e medo concentrado, como a que é criada por alçapões fechados.

Os jardins onipresentes eram quase aterrorizantes em sua estranheza, com formas de vegetação bizarras e desconhecidas balançando sobre caminhos largos alinhados com monólitos curiosamente esculpidos. Predominavam plantas anormalmente vastas semelhantes a samambaias; algumas esverdeadas e outras de uma palidez horrível e fungoide. Entre elas, havia grandes coisas espectrais semelhantes a calamites, cujos troncos semelhantes a bambu elevavam-se a alturas fabulosas. Havia formas adornadas, como

fabulosas cicadáceas, e grotescos arbustos verde-escuros e árvores de aspecto conífero. As flores eram pequenas, incolores e irreconhecíveis, surgindo em canteiros geométricos e em geral no meio da vegetação. Em alguns dos jardins do terraço e do telhado havia flores maiores e mais vívidas de contornos quase ofensivos e parecendo sugerir procriação artificial. Fungos de tamanho inconcebível, de diversos contornos e cores, salpicavam a cena em padrões que revelavam alguma tradição de horticultura desconhecida, mas bem estabelecida. Nos jardins térreos, maiores, parecia haver alguma tentativa de preservar as irregularidades da natureza, mas nos telhados havia mais seletividade e mais evidências da arte da topiaria.

Os céus estavam quase sempre úmidos e nebulosos, e às vezes eu testemunhava chuvas imponentes. De vez em quando, no entanto, havia vislumbres do Sol (que parecia anormalmente grande) e da Lua, cujas marcas mantinham diferenças que nunca consegui entender. Quando, muito raramente, o céu noturno estava limpo, observei constelações quase irreconhecíveis. Os contornos conhecidos eram por vezes aproximados, mas raramente duplicados e, pela posição dos poucos grupos que pude reconhecer, senti que devia estar no Hemisfério Sul da Terra, perto do Trópico de Capricórnio. O horizonte distante era sempre fumegante e indistinto, mas eu podia ver que grandes selvas de samambaias desconhecidas, calamites, lepidodendráceas e sigilariáceas ficavam do lado de fora da cidade, com sua fantástica frondagem balançando zombeteiramente nos vapores inconstantes. De vez em quando havia sugestões de movimento no céu, mas essas minhas primeiras visões nunca se confirmaram.

No outono de 1914, comecei a ter sonhos pouco frequentes com flutuações estranhas sobre a cidade e as regiões ao redor. Vi estradas intermináveis de florestas que cresciam assustadoramente com troncos manchados, canelados e enfaixados, além de outras cidades tão estranhas quanto a que persistentemente me assombrava. Vi construções monstruosas de pedras pretas ou iridescentes nas clareiras e nos vales onde reinava o crepúsculo perpétuo, e atravessava longas estradas sobre pântanos tão escuros, que eu não conseguia distinguir nada da vegetação úmida e imponente. Certa vez, vi uma área de incontáveis quilômetros de ruínas basálticas envelhecidas, cuja arquitetura tinha sido como a das poucas torres sem janelas e de topo redondo na cidade assombrada. E uma vez vi o mar: uma extensão vaporosa sem limites além dos pilares de pedra colossais de uma enorme cidade de cúpulas e arcos. Grandes sugestões disformes de

sombras moviam-se sobre ele, e aqui e ali sua superfície estava aborrecida com jorros anômalos.

III.

Como eu disse, não foi imediatamente que essas visões selvagens começaram a manter sua qualidade aterradora. Certamente, muitas pessoas sonharam coisas intrinsecamente estranhas: coisas compostas de fragmentos não relacionados à vida cotidiana, imagens e leituras, e organizadas em formas fantasticamente novas pelos caprichos descontrolados do sono. Por algum tempo, aceitei as visões como sendo algo natural, embora eu nunca tivesse sido um sonhador extravagante. Muitas das vagas anomalias, argumentei, devem ter vindo de fontes triviais numerosas demais para que possam ser rastreadas, enquanto outras pareciam refletir um conhecimento comum das plantas e outras condições do mundo primitivo de cento e cinquenta milhões de anos atrás: o mundo do período Permiano ou Triássico. No decorrer de alguns meses, no entanto, o elemento do terror figurou com força acumulada. Foi quando os sonhos começaram tão infalivelmente a ter o aspecto de lembranças, e quando minha mente começou a ligá-los a meus crescentes distúrbios abstratos (a sensação de restrição mnemônica), as curiosas impressões a respeito do tempo, a sensação de uma troca repugnante com minha personalidade secundária de 1908-13 e, consideravelmente depois, a inexplicável aversão à minha própria pessoa.

Quando certos detalhes definidos começaram a entrar nos sonhos, o horror aumentou mil vezes; até que, em outubro de 1915, senti que precisava fazer alguma coisa. Foi então que iniciei um estudo intensivo de outros casos de amnésia e visões, sentindo que poderia, assim, objetivar meu problema e afastar-me de seu controle emocional. No entanto, como mencionado anteriormente, o resultado foi, a princípio, quase exatamente o oposto. Fiquei muito incomodado ao descobrir que vários sonhos haviam sido duplicados; especialmente porque algumas das descrições eram muito antigas para admitir qualquer conhecimento geológico, e, portanto, qualquer noção de paisagens primitivas, da parte dos sujeitos. Além disso, vários desses relatos forneceram detalhes e explicações muito horríveis em conexão com as visões de grandes edifícios e jardins selvagens e em relação a

outras coisas. As visões e as impressões vagas eram bastante ruins, mas o que foi sugerido ou afirmado por alguns dos outros sonhadores beirou a loucura e a blasfêmia. Pior de tudo, minha própria pseudomemória foi despertada para sonhos mais selvagens e indícios de revelações vindouras. E, no entanto, a maioria dos médicos considerou o curso tomado por mim, em geral, aconselhável.

Estudei psicologia sistematicamente e, sob o estímulo predominante, meu filho Wingate fez o mesmo; seus estudos o levaram eventualmente a lecionar. Em 1917 e 1918, fiz cursos especiais em Miskatonic. Enquanto isso, minha pesquisa de registros médicos, históricos e antropológicos tornou-se incansável e envolvia viagens a bibliotecas distantes e até uma leitura dos hediondos livros de tradições mais antigas e proibidas, pelos quais minha personalidade secundária se interessara tanto. Alguns eram as cópias reais que eu havia consultado em meu estado alterado, e fiquei muito perturbado por certas anotações que fiz nas margens e com as correções ostensivas do texto hediondo em uma escrita e um idioma que de alguma maneira pareciam estranhamente não humanos.

Essas marcações eram feitas principalmente nas respectivas línguas dos vários livros, e quem as havia escrito parecia conhecê-las com proporcional, ainda que obviamente acadêmica, facilidade. Uma nota anexada ao *Unaussprechlichen Kulten* de von Junzt, no entanto, era alarmante. Consistia de certos hieróglifos curvilíneos feitos na mesma tinta das correções alemãs, mas não seguiam nenhum padrão humano reconhecido. E esses hieróglifos eram íntima e inconfundivelmente parecidos com os personagens constantemente encontrados em meus sonhos, cujo significado eu às vezes pensava compreender ou estava prestes a lembrar. Para completar minha grave confusão, meus bibliotecários me asseguraram de que, em vista de exames anteriores e registros de consulta dos volumes em questão, todas essas anotações devem ter sido feitas por mim mesmo em meu estado secundário, apesar do fato de que eu era e ainda sou ignorante em relação a três das línguas envolvidas.

Reunindo os registros espalhados, antigos e modernos, antropológicos e médicos, encontrei uma mistura bastante consistente de mito e alucinação, cujo escopo e selvageria me deixaram completamente confuso. Apenas uma coisa me consolou: o fato de que os mitos eram muito antigos. Que conhecimento perdido poderia ter trazido imagens da paisagem paleozoica ou mesozoica para essas fábulas primitivas, eu não poderia nem imaginar, mas as imagens estavam lá. Assim, existia uma base para a formação de um tipo fixo

de ilusão. Os casos de amnésia sem dúvida criaram o padrão geral dos mitos, mas depois os acréscimos fantasiosos dos mitos devem ter reagido aos que sofrem de amnésia e colorido suas pseudomemórias. Eu mesmo tinha lido e ouvido todas as histórias primitivas durante meu lapso de memória, minha busca havia provado isso amplamente. Não era natural, então, que meus sonhos e minhas impressões emocionais subsequentes se tornassem coloridos e moldados pelo que minha memória sutilmente retinha de minha personalidade secundária? Alguns dos mitos tinham conexões significativas com outras lendas nebulosas do mundo pré-humano, especialmente aqueles contos hindus que envolviam abismos estupendos do tempo e faziam parte do folclore dos teosofistas modernos.

O mito primitivo e a ilusão moderna juntaram-se em sua suposição de que a humanidade é apenas uma (talvez a menor) das raças altamente evoluídas e dominantes da longa e desconhecida história do planeta. Os mitos sugeriam que criaturas de uma forma inconcebível haviam levantado torres que iam em direção ao céu e mergulhado em todos os segredos da natureza antes que o primeiro anfíbio ancestral do homem tivesse se arrastado para fora do mar quente trezentos milhões de anos atrás. Algumas dessas criaturas desceram das estrelas; algumas eram tão antigas quanto o próprio cosmo; outras surgiram rapidamente dos germes terrenos tão distantes dos nossos primeiros germes do ciclo de vida quanto esses germes são anteriores a nós mesmos. Falava-se livremente de durações de bilhões de anos e ligações com outras galáxias e universos. De fato, não existia o tempo em seu sentido humanamente aceito.

Contudo, a maioria dos contos e das impressões dizia respeito a uma raça relativamente tardia, de uma forma estranha e complexa que não se assemelhava a nenhuma forma de vida conhecida pela ciência, que vivera até cinquenta milhões de anos antes do advento do homem. Esta havia sido a maior raça de todas, pois somente ela conquistou o segredo do tempo. Aprendera todas as coisas que já foram conhecidas ou seriam conhecidas na Terra, por meio do poder de suas mentes mais apuradas para se projetar no passado e no futuro, mesmo por abismos de milhões de anos, e estudar as tradições de todas as eras. Das realizações dessa raça, surgiram todas as lendas dos profetas, inclusive as da mitologia humana.

Em suas vastas bibliotecas, havia volumes de textos e gravuras contendo todos os anais da história da Terra: histórias e descrições de todas as espécies que já existiram ou viriam a existir, com registros completos de suas artes, suas realizações, suas línguas e suas

psicologias. Com esse conhecimento abrangente, a Grande Raça pôde escolher, entre todas as épocas e formas de vida, os pensamentos, as artes e os processos que melhor se adaptassem à sua própria natureza e situação. O conhecimento do passado, assegurado por uma espécie de projeção mental fora dos cinco sentidos já conhecidos, era mais difícil de aprender do que o conhecimento relativo ao futuro.

Nesse último caso, o curso foi mais fácil e mais material. Com uma ajuda mecânica adequada, a mente dessas criaturas projetava-se para frente no tempo, sondando o seu obscuro caminho extrassensorial até se aproximar do período desejado. Então, após os julgamentos preliminares, elas se aproveitavam do melhor representante detectável da mais alta das formas de vida desse período, entrando no cérebro desse organismo e estabelecendo nele suas próprias vibrações enquanto a mente deslocada voltava ao período do deslocador, permanecendo no corpo deste até que um processo reverso fosse estabelecido. A mente projetada no corpo do organismo do futuro passaria por um membro da raça cuja forma exterior utilizasse, aprendendo rapidamente tudo o que fosse possível sobre a época escolhida e suas informações e técnicas.

Enquanto isso, a mente desalojada, lançada de volta à época e ao corpo do ocupante, seria cuidadosamente preservada. Não seria possível prejudicar o corpo que ocupava e ele teria todo o seu conhecimento extraído por inquisidores bem treinados. Muitas vezes, a pessoa poderia responder às perguntas em sua própria língua, quando as buscas anteriores no futuro trouxessem registros dela. Se a mente viesse de um corpo cuja linguagem a Grande Raça não poderia reproduzir fisicamente, construiriam-se máquinas inteligentes, nas quais a fala alienígena poderia ser tocada como um instrumento musical. Os membros da Grande Raça eram imensos cones rugosos de três metros de altura, e com a cabeça e outros órgãos presos a membros distendíveis com trinta centímetros de espessura que se estendiam dos ápices. Eles falavam raspando ou estalando suas enormes patas ou garras presas ao final de dois dos seus quatro membros, e caminhavam pela expansão e contração de uma camada viscosa presa à sua grande base de três metros.

Quando a surpresa e o ressentimento da mente cativa se dissipavam, e quando (supondo-se que a criatura provinha de um corpo muito diferente do da Grande Raça) ela perdera o horror com sua forma temporária desconhecida, era-lhe permitido estudar seu novo ambiente e experimentar um maravilhamento e uma sabedoria próximos de seu usurpador. Com as devidas precauções, e em troca de

serviços adequados, era permitido percorrer todo o mundo habitável em grandes aeronaves ou nos imensos veículos com motores atômicos, que percorriam as grandes estradas, e mergulhar livremente nas bibliotecas que continham registros sobre o passado e o futuro do planeta. Isso fez com que muitas mentes cativas se reconcilhassem com sua sina, pois eram dotadas de intelectos aguçados para as quais o desvelar dos mistérios ocultos da terra (capítulos fechados de passados inconcebíveis e vórtices vertiginosos do tempo futuro que incluem os anos à frente da época em que viviam) sempre constitui, apesar dos horrores abismais revelados frequentemente, a experiência suprema da vida.

De vez em quando, certas mentes cativas tinham permissão de encontrar outras mentes cativas confiscadas do futuro para trocar ideias com consciências que viviam cem, mil ou um milhão de anos antes ou depois de suas próprias épocas. E todas eram estimuladas a escrever copiosamente, em seu próprio idioma, sobre si próprios e suas respectivas épocas; tais documentos eram depositados nos grandes arquivos centrais.

Pode-se acrescentar que havia um triste tipo especial de mente cativa cujos privilégios eram muito maiores do que os da maioria. Eram os exilados permanentes que estavam morrendo, cujos corpos no futuro haviam sido tomados por membros da Grande Raça, que, diante da morte, procuravam escapar da extinção mental. Esses exílios melancólicos não eram tão comuns quanto se poderia esperar, uma vez que a longevidade da Grande Raça diminuía seu amor à vida, especialmente entre aquelas mentes superiores capazes de se projetar. Dos casos de projeção permanente de mentes anciãs surgiram muitas daquelas mudanças duradouras de personalidade notadas na história recente, incluindo a da humanidade.

Em relação aos casos típicos de exploração, quando a mente deslocada já havia aprendido o que desejava no futuro, a mente exploradora construía um aparelho como aquele que iniciara sua viagem inicial e revertia o processo de projeção. Mais uma vez estaria em seu próprio corpo e em sua própria época, enquanto a mente cativa retornaria àquele corpo do futuro ao qual pertencia. Essa restauração era impossível somente quando um ou outro corpo morria durante a troca. Em tais casos, é claro, a mente exploradora tinha, assim como os fugitivos da morte, uma vida de corpo alienígena no futuro; ou então a mente cativa, como os exilados permanentes moribundos, tinha que terminar seus dias na forma e na época passada da Grande Raça.

Esse destino era menos horrível quando a mente cativa também pertencia à Grande Raça; uma ocorrência não rara, já que em todos os seus períodos essa raça estava intensamente preocupada com seu próprio futuro. O número de exilados permanentes que morreram na Grande Raça era muito pequeno, em grande parte devido às enormes penalidades associadas aos deslocamentos das futuras mentes da Grande Raça pelos moribundos. Por meio da projeção, foram tomadas providências para infligir essas penalidades às mentes infratoras em seus novos corpos futuros e, às vezes, foram efetuadas novas trocas forçadas. Tomou-se conhecimento de vários casos complexos do deslocamento de mentes exploradoras ou já cativas por mentes do passado, porém cuidadosamente retificados. Em todas as épocas desde a descoberta da projeção da mente, uma parcela pequena, mas bem reconhecida da população, consistia de mentes da Grande Raça provenientes de épocas passadas, que faziam visitas por períodos maiores ou menores.

Quando uma mente cativa de origem alienígena retornava ao seu próprio corpo no futuro, ela era expurgada por uma intrincada hipnose mecânica de tudo o que havia aprendido na época da Grande Raça,

isso devido a certas consequências problemáticas inerentes ao avanço geral do conhecimento em grandes quantidades. Os poucos casos existentes de transmissão direta causaram, e causariam em tempos futuros conhecidos, grandes desastres. E foi em grande parte por causa de dois casos do tipo (disseram os antigos mitos) que a humanidade aprendeu o que sabia a respeito da Grande Raça. De todas as coisas que sobreviveram física e diretamente daquele mundo distante, restavam apenas certas ruínas de grandes pedras em lugares distantes e no fundo do mar, e partes do texto dos terríveis Manuscritos Pnakóticos.

Assim, a mente que retornava alcançava a sua própria época apenas com as visões mais fracas e fragmentadas do que o momento em que havia sido tomada. Todas as lembranças que poderiam ser erradicadas o seriam, de modo que, na maioria dos casos, apenas um vazio se estendia até o momento da primeira troca. Algumas mentes se lembravam mais do que outras, e a chance de juntar lembranças em raras ocasiões trouxe indícios do passado proibido para as épocas futuras. Provavelmente nunca houve um tempo em que grupos ou cultos não apreciassem secretamente algumas dessas sugestões. No *Necronomicon*, a presença de tal culto entre os seres humanos foi sugerida; um culto que às vezes ajudava as mentes que viajavam pelos

acons desde os tempos da Grande Raça.

Enquanto isso, a Grande Raça tornava-se quase onisciente e se dedicava à tarefa de estabelecer trocas com as mentes de outros planetas e de explorar seus passados e futuros. Procurava também sondar os anos passados e a origem daquela órbita escura e morta em um espaço distante de onde sua própria herança mental havia surgido, pois a mente da Grande Raça era mais velha que sua forma corpórea. Os seres de um mundo antigo agonizante, que alcançou a sabedoria com os últimos segredos, procuravam um novo mundo e espécies que pudessem ter uma vida longa; e enviaram suas mentes em massa para aquela futura raça mais bem-adaptada a abrigá-las: as criaturas em forma de cone que povoaram a Terra há um bilhão de anos. Assim a Grande Raça surgiu, enquanto a miríade de mentes enviadas para o passado foi abandonada para morrer no horror de formas estranhas. Mais tarde, a raça enfrentaria novamente a morte, mas viveria por meio de outra migração avançada de suas melhores mentes para os corpos de outras pessoas que tivessem uma duração física maior à sua frente.

Este era o pano de fundo das lendas e alucinações entrelaçadas. Quando, por volta de 1920, fiz minhas pesquisas de maneira coerente, senti uma ligeira diminuição da tensão que seus estágios iniciais haviam causado. Afinal de contas, e apesar das fantasias provocadas por emoções cegas, a maior parte dos meus fenômenos não poderia ser facilmente explicada? Qualquer oportunidade poderia ter me transformado em estudos sombrios durante a amnésia; e além do mais li as lendas proibidas e encontrei os membros de cultos antigos e malvistas. Isso, claramente, forneceu o material para os sonhos e os sentimentos perturbados que vieram depois de a memória ter retornado. Quanto às notas nas margens dos livros, feitas em hieróglifos de sonhos e línguas desconhecidas para mim, mas deixadas à minha porta por bibliotecários, eu poderia facilmente ter captado um punhado de línguas durante meu estado secundário, enquanto os hieróglifos eram, sem dúvida, cunhados pela minha fantasia de descrições de velhas lendas e depois tecidas em meus sonhos. Tentei verificar certos pontos por meio de conversas com líderes de cultos conhecidos, mas nunca consegui estabelecer as conexões necessárias.

Às vezes, o paralelismo de tantos casos em épocas tão distantes continuava a me preocupar como no começo, mas, em contrapartida, eu pensava que o estimulante folclore era sem dúvidas mais universal no passado do que no presente. Provavelmente todas as outras vítimas, cujos casos eram como o meu, tinham um longo e familiar

conhecimento das histórias que eu aprendera apenas quando em meu estado secundário. Quando essas vítimas perderam a memória, associaram-se às criaturas de seus mitos domésticos (os fabulosos invasores que supostamente desalojaram as mentes dos homens) e, assim, embarcavam em busca de conhecimentos que eles acreditavam ser possível levar de volta a um imaginário passado não humano. Então, quando a memória deles retornava, eles revertiam o processo associativo e viam a si mesmos como as antigas mentes cativas, em vez de como os usurpadores. Daí o motivo de sonhos e pseudomemórias seguirem o padrão convencional dos mitos.

Apesar do aparente descalabro dessas explicações, elas finalmente substituíram todas as outras em minha mente; em grande parte por causa da fraqueza de qualquer teoria rival. E um número substancial de eminentes psicólogos e antropólogos concordou gradualmente comigo. Quanto mais eu refletia, mais convincente meu raciocínio parecia; até que no final tive um alicerce realmente eficaz contra as visões e impressões que ainda me assaltavam. Supondo que eu visse coisas estranhas à noite, elas eram apenas o que eu tinha ouvido e lido. Supondo que eu tivesse perspectivas estranhas e pseudomemórias, tudo isso eram também apenas ecos de mitos absorvidos em meu estado secundário. Nada que eu pudesse sonhar, nada que eu pudesse sentir, poderia ter algum significado real.

Fortalecido por essa filosofia, melhorei muito meu equilíbrio nervoso, embora as visões (em vez das impressões abstratas) se tornassem cada vez mais frequentes e mais perturbadoras. Em 1922, senti-me capaz de retomar o trabalho e de colocar em prática meus conhecimentos recentemente adquiridos, aceitando um cargo de professor universitário de psicologia. Minha antiga cátedra de economia política há muito tempo tinha sido adequadamente preenchida; além do que, os métodos de ensino da economia mudaram muito desde o meu auge. Nesse momento, meu filho estava começando sua pós-graduação, que o levou à sua atual cátedra, e por isso trabalhamos muito juntos.

IV.

Continuei, no entanto, a manter um registro cuidadoso dos sonhos que se apossaram de mim tão densa e vividamente. Tais registros, argumentei, eram de valor genuíno como documento psicológico. Os

vislumbres ainda pareciam incrivelmente parecidos com memórias, embora eu lutasse contra essa impressão com uma boa margem de sucesso. Ao escrever, tratei os fantasmas como coisas vistas, mas em todos os outros momentos eu os pus de lado como qualquer ilusão noturna. Eu nunca havia mencionado tais assuntos em conversas casuais, embora as menções a elas, filtrando determinados trechos, tenham despertado vários rumores sobre minha saúde mental. É divertido refletir que esses rumores circularam somente entre leigos, sem um único médico ou psicólogo.

De minhas visões depois de 1914, mencionarei aqui apenas algumas, já que relatos e registros mais completos estão à disposição de pesquisadores sérios. É evidente que, com o tempo, as curiosas inibições diminuíram um pouco, pois o alcance de minhas visões aumentou enormemente. Elas, no entanto, nunca se tornaram mais que fragmentos desarticulados, aparentemente sem motivação clara. Dentro dos sonhos, pareciam gradualmente adquirir uma liberdade cada vez maior de perambulação. Flutuei por diversos edifícios estranhos de pedra, indo de um para o outro ao longo de enormes passagens subterrâneas que pareciam formar vias comuns de trânsito. Às vezes eu encontrava aqueles gigantescos alçapões fechados no nível mais baixo, em torno dos quais uma aura de medo e proibição se fixava. Vi imensas piscinas de cerâmica e salas de utensílios curiosos e inexplicáveis de inúmeras espécies. Havia cavernas colossais de maquinário intrincado cujos contornos e propósito eram totalmente estranhos para mim, e cujo som só se manifestou após muitos anos de sonhos. Posso dizer que visão e audição são os únicos sentidos que eu já exercitei no mundo visionário.

O verdadeiro horror começou em maio de 1915, quando vi pela primeira vez aquelas criaturas vivas. Isso foi antes de meus estudos me ensinarem o que esperar dos mitos e dos relatos. Enquanto as barreiras mentais rompiam-se, vi grandes massas de um fino vapor em várias partes das construções e nas ruas abaixo. Elas tornaram-se cada vez mais sólidas e distintas, até que finalmente consegui traçar seus contornos monstruosos com facilidade desconfortável. Pareciam ser enormes cones cintilantes, com cerca de três metros de altura e dez de largura na base, feitos de alguma matéria enrugada, escamosa e semielástica. De seus ápices projetavam-se quatro membros flexíveis e cilíndricos, cada um com trinta centímetros de espessura e uma substância enrugada como a dos próprios cones. Esses membros eram às vezes contraídos até quase sumir e às vezes estendiam-se a qualquer distância até cerca de três metros. Dois deles terminavam em enormes

pinças ou garras. No final de um terceiro, havia quatro apêndices vermelhos, semelhantes a trombetas. O quarto terminava em um globo amarelado irregular com cerca de sessenta centímetros de diâmetro e três grandes olhos escuros ao longo de sua circunferência central. Sobre a cabeça, havia quatro hastes cinzentas com apêndices parecidos com flores, enquanto da parte inferior pendiam oito antenas ou tentáculos esverdeados. A grande base do cone central possuía uma substância cinzenta e emborrachada que movia toda a entidade por meio de contração e expansão.

Suas ações, embora inofensivas, me horrorizaram ainda mais do que sua aparência, pois não é saudável observar objetos monstruosos fazendo o que apenas seres humanos podem desempenhar. Essas criaturas moviam-se inteligentemente ao redor das grandes salas, pegando livros das prateleiras e levando-os para as grandes mesas, ou vice-versa, e às vezes escrevendo de forma ágil com uma vara peculiar presa nos tentáculos esverdeados da cabeça. As enormes pinças eram usadas para carregar livros e conversar; o discurso consistia em um tipo de clique e raspagem. As criaturas não tinham roupas, mas usavam sacolas ou mochilas suspensas no topo do tronco cônico. Elas normalmente mantinham a cabeça e seu membro de suporte no nível do topo do cone, embora frequentemente se erguessem ou se abaixassem. Os outros três grandes membros tendiam a permanecer repousando nos lados do cone, contraídos a cerca de um metro e meio, quando não estavam em uso. Pela velocidade com que liam, escreviam e operavam suas máquinas (as que estavam nas mesas pareciam de alguma maneira estar relacionadas ao pensamento), concluí que a inteligência delas era muito maior que a do homem.

Depois passei a vê-las em toda parte, aglomeradas em todas as grandes câmaras e corredores, cuidando de máquinas monstruosas em criptas abobadadas e correndo pelas vastas estradas em gigantescos carros em forma de barco. Deixei de ter medo delas, pois pareciam formar partes extremamente naturais de seu ambiente. Diferenças individuais entre eles começaram a se manifestar, e algumas pareciam estar sob algum tipo de restrição. Essas últimas, embora não apresentassem variação física, tinham uma diversidade de gestos e hábitos que as distinguiam não apenas da maioria, mas em grande parte uma da outra. Elas escreveram muito no que parecia, ao meu olhar turvo, uma vasta variedade de caracteres; jamais usando os típicos hieróglifos curvilíneos da maioria. Algumas, imaginei, usavam o próprio alfabeto que nos é familiar. A maioria trabalhava muito mais devagar do que a massa geral das criaturas.

Durante todo esse tempo, minha participação nos sonhos parecia ser a de uma consciência desencarnada com uma visão mais ampla que o normal, que flutuava livremente, ainda que confinada aos caminhos e às velocidades normais. Somente em agosto de 1915 alguma sugestão de existência corporal começou a me atormentar. Digo isso porque na primeira fase ocorreu uma associação puramente abstrata, embora infinitamente terrível, da minha aversão ao meu próprio corpo anteriormente observada nas cenas das minhas visões. Durante algum tempo, minha preocupação principal durante os sonhos era evitar olhar para mim mesmo, e me lembro do quanto estava grato pela ausência total de grandes espelhos nos estranhos cômodos. Fiquei muito perturbado com o fato de que sempre via as grandes mesas, cuja altura não podia ser inferior a três metros, de um nível não inferior ao de suas superfícies.

E assim a tentação mórbida de olhar para mim mesmo tornou-se cada vez maior, até que uma noite não consegui resistir. No começo, olhar para baixo não revelou nada. Um momento depois, percebi que isso acontecia porque minha cabeça estava no final de um pescoço flexível muito comprido. Ao retraindo esse pescoço e olhar bem para baixo, vi a massa escamosa, rugosa e brilhante de um enorme cone de três metros de altura e três metros de largura na base. Foi quando acordei metade de Arkham com meus gritos enquanto mergulhava loucamente no abismo do sono.

Somente depois de semanas de terrível repetição consegui me reconciliar com essas visões de mim mesmo naquela monstruosa forma. Nos sonhos, eu agora me movia corporalmente em meio a outras entidades desconhecidas, lendo livros terríveis das prateleiras intermináveis e escrevendo por horas nas grandes mesas com uma caneta gerenciada pelos tentáculos verdes que pendiam da minha cabeça. Pedacos do que eu li e escrevi permaneceram na minha memória. Havia horríveis anais de outros mundos e outros universos, e de vibrações de vida sem forma fora de todos os universos. Havia registros de estranhas ordens de seres que tinham povoado o mundo em passados esquecidos e terríveis crônicas de inteligências corpóreas e grotescas que as pessoas usariam milhões de anos após a morte do último ser humano. Aprendi sobre os capítulos da história humana de cuja existência nenhum estudioso atual jamais suspeitou. A maioria desses escritos era feita com hieróglifos, que estudei de uma maneira estranha com o auxílio de máquinas, e que evidentemente era uma língua aglutinadora com sistemas de radicais totalmente diferente de qualquer outro encontrado em linguagens humanas. Outros volumes

estavam escritos em outras línguas desconhecidas, com o mesmo sistema. Bem poucos estavam em línguas por mim conhecidas. Imagens extremamente inteligentes, aquelas inseridas nos registros e as que formavam coleções separadas, me ajudaram imensamente. E todo o tempo eu parecia estar escrevendo, em inglês, uma história da minha própria época. Ao acordar, lembrei-me apenas de pequenos fragmentos sem sentido sobre as línguas desconhecidas que meu eu onírico aprendera, embora frases inteiras da história ainda permanecessem comigo.

Aprendi, mesmo antes de meu eu desperto ter estudado os casos paralelos ou os antigos mitos dos quais os sonhos sem dúvida surgiram, que as entidades ao meu redor pertenciam à maior raça do mundo, que havia conquistado o tempo e enviado mentes exploradoras para todas as épocas. Eu também sabia que havia sido retirado da minha época enquanto outro usava meu corpo naquela mesma época e que algumas das outras formas estranhas abrigavam mentes igualmente capturadas. Pareciam falar em uma estranha linguagem de cliques, com intelectos exilados de todos os cantos do sistema solar.

Havia uma mente do planeta que conhecemos como Vênus, que viveria em incontáveis épocas vindouras, e outra que vinha de uma Lua distante de Júpiter que vivia seis milhões de anos no passado. Em relação às mentes terrenas, havia alguns indivíduos de uma raça alada, com cabeça em forma de estrela-do-mar e semivegetal da Antártica paleogênica; um do povo reptiliano da fabulosa Valúsia; três dos adoradores hiperbóreos pré-humanos peludos de Tsathoggua; um do totalmente abominável Tcho-Tchos; dois dos habitantes aracnídeos da última época da Terra; cinco da resistente espécie de coleópteros que habitou a Terra imediatamente após a humanidade, para a qual a Grande Raça um dia transferiria em massa suas mentes mais afiadas diante de um perigo horrível; e vários de diferentes ramificações da humanidade.

Conversei com a mente de Yiang-Li, um filósofo do cruel império de Tsan-Chan, que está por vir em 5.000 d.C.; com a de um general de um povo escuro e de cabeça grande que ocupava a África do Sul em 50.000 a.C.; com a de um monge florentino do século XII chamado Bartolomeo Corsi; com a de um rei de Lomar que governara aquele terrível território polar cem mil anos antes do atarracados e amarelos Inutos chegarem do oeste para engoli-lo; com a de Nug-Soth, um mago dos conquistadores escuros de 16.000 d.C.; com a de um romano chamado Titus Sempronius Blaesus, que havia sido um questor no

tempo de Sula; com a de Khephnes, um egípcio da 14ª dinastia que me contou o hediondo segredo de Nyarlathotep; com a de um sacerdote de um reino da Atlântida; com a de um cavalheiro de Suffolk dos tempos de Cromwell, James Woodville; com a de um astrônomo da corte do Peru pré-incaico; com a do físico australiano Nevil Kingston-Brown, que morrerá em 2.518 d.C.; com a de uma arquimago que desapareceu no Pacífico; com o de Teodotides, um oficial greco-báctrio de 200 a.C.; com a de um francês idoso da época de Luís XIII chamado Pierre-Louis Montmagny; com a de Crom-Ya, um comandante cimério de 15.000 a.C.; e com tantos outros, que meu cérebro não pôde conter os segredos chocantes e as maravilhas estonteantes que aprendi com eles.

Acordava todas as manhãs com febre, às vezes tentando freneticamente verificar ou desconsiderar essas informações ao alcance do conhecimento humano moderno. Os fatos tradicionais assumiram aspectos novos e duvidosos, e fiquei maravilhado com a fantasia onírica que poderia inventar complementos tão surpreendentes para a história e a ciência. Tremi ao pensar nos mistérios que o passado pode esconder e diante das ameaças que o futuro poderia trazer. O que foi sugerido no discurso de entidades pós-humanas sobre o destino da humanidade produziu tal efeito em mim, que não contarei aqui. Depois do homem haveria uma poderosa civilização dos besouros, cujos corpos a elite da Grande Raça tomaria quando a destruição monstruosa atingisse o mundo antigo. Mais tarde, à medida que a extensão da Terra chegasse ao fim, as mentes transferidas voltariam a migrar pelo tempo e pelo espaço para outro ponto de parada nos corpos das entidades vegetais bulbosas de Mercúrio. No entanto, haveria mais raças depois deles, que se agarrariam pateticamente ao planeta frio e viveriam em seu núcleo cheio de horror, antes do fim absoluto.

Enquanto isso, em meus sonhos, escrevia incansavelmente a história de minha época que estava preparando (meio por vontade, meio por promessas de aumento de oportunidades de acesso a bibliotecas e viagens) para os arquivos centrais da Grande Raça. Os arquivos estavam em uma estrutura subterrânea colossal perto do centro da cidade, que passei a conhecer melhor por conta de trabalhos e consultas frequentes. Destinado a durar tanto quanto a Grande Raça e a suportar as mais ferozes das convulsões da Terra, esse repositório de titãs ultrapassava todos os outros edifícios em sua robustez maciça e montanhosa.

Os registros, escritos ou impressos em grandes folhas de um tecido

de celulose curiosamente tenaz, estavam encadernados em livros que se abriam por cima e eram mantidos em estojos individuais de um metal inoxidável, extremamente leve, de cor acinzentada, decorado com desenhos matemáticos e mostrando o título nos hieróglifos curvilíneos da Grande Raça. Essas caixas eram armazenadas em fileiras de cofres retangulares, como estantes fechadas e trancadas, feitos do mesmo metal inoxidável e presos por maçanetas com tornos intrincados. Minha própria história foi atribuída a um lugar específico nos cofres no nível mais baixo dos vertebrados, na seção dedicada à cultura da humanidade e das raças peludas e reptilianas que imediatamente a precederam no domínio terrestre.

Entretanto, nenhum dos sonhos me apresentou uma imagem completa da vida cotidiana. Todos eram meros fragmentos nebulosos e desconectados, e é certo que esses fragmentos não foram desdobrados em sua sequência correta. Por exemplo, tenho uma ideia muito imperfeita dos meus próprios alojamentos no mundo dos sonhos, embora eu acredite ter possuído uma grande sala de pedra. Minhas restrições como prisioneiro desapareceram gradualmente, de modo que algumas das visões incluíram viagens vívidas pelas poderosas estradas no meio da selva, estadias em cidades estranhas e explorações das vastas ruínas escuras sem janelas, as quais a Grande Raça parecia temer. Havia também longas viagens marítimas em enormes barcos de incrível rapidez, e viagens por regiões selvagens em aeronaves fechadas, semelhantes a projéteis, levantadas e movidas por repulsão elétrica. Além do cálido e amplo oceano, havia outras cidades que pertenciam à Grande Raça, e em um continente distante eu vi as vilas rústicas das criaturas aladas de focinho preto, que evoluíram como uma linhagem dominante depois que a Grande Raça enviase suas mentes mais proeminentes para o futuro a fim de escapar do horror arrepiante. A planura e a vegetação exuberante sempre foram a tônica da paisagem. As colinas eram baixas e esparsas, e geralmente exibiam sinais de atividade vulcânica.

Sobre os animais que vi, eu poderia escrever volumes inteiros. Todos eram selvagens; pois a cultura mecanizada da Grande Raça há muito tempo eliminara os animais domésticos, enquanto a comida era totalmente vegetal ou sintética. Répteis desajeitados de grande porte afundavam-se em montículos fumegantes, esvoaçavam no ar pesado ou nadavam nos mares e nos lagos; e entre eles eu imaginava poder reconhecer vagamente protótipos menores e arcaicos de muitas formas: dinossauros, pterodáctilos, ictiossauros, labirintodontes, ranforrincos, plesiossauros e afins, conhecidos pela paleontologia. Não

havia pássaros ou mamíferos que eu pudesse reconhecer.

O solo e os pântanos estavam constantemente vivos, com cobras, lagartos e crocodilos, enquanto insetos zumbiam incessantemente em meio à vegetação exuberante. E longe, no mar, monstros nunca estudados e desconhecidos esguichavam colunas de espuma no céu enevoadado. Certa vez, fui levado para o fundo do mar em um gigantesco navio submarino com holofotes e vislumbrei alguns monstros vivos de incrível magnitude. Vi também as ruínas de incríveis cidades afundadas e a riqueza de crinoides, braquiópodes, corais e vida ictífica que abundavam em todos os lugares.

Em relação à fisiologia, à psicologia, ao folclore e à história detalhada da Grande Raça, minhas visões preservaram pouca informação, e muitos dos detalhes aqui registrados foram extraídos de meu estudo de antigas lendas e outros casos, e não de meus próprios sonhos. Com o tempo, é claro, minha leitura e pesquisa alcançaram e ultrapassaram os sonhos em muitas fases, de modo que certos fragmentos de sonhos foram explicados com antecedência e ratificaram o que eu havia aprendido. Isso consolidou minha convicção de que leitura e pesquisa semelhantes, realizadas pelo meu eu secundário, deviam estar na origem de todo o tecido terrível das pseudomemórias.

O período dos meus sonhos, aparentemente, aconteceu em algum momento anterior a 150 milhões de anos atrás, quando a Era Paleozoica estava dando lugar à Era Mesozoica. Os corpos ocupados pela Grande Raça não representavam uma linha de evolução terrestre, ou mesmo cientificamente conhecida, mas eram de um tipo orgânico peculiar, estreitamente homogêneo e altamente especializado, que se inclinava tanto para o estado vegetal quanto para o estado animal. A ação celular era de um tipo único, quase excluía a fadiga e eliminava totalmente a necessidade de sono. Os alimentos, assimilados pelos apêndices vermelhos semelhantes a trombeta em um dos grandes membros flexíveis, eram sempre semifluidos e, em muitos aspectos, totalmente diferentes do alimento dos animais existentes. Os seres tinham apenas dois dos sentidos que reconhecemos: visão e audição, o último realizado por meio dos apêndices semelhantes a flores nos caules cinzentos acima de suas cabeças, mas também possuíam muitos outros incompreensíveis sentidos (portanto, de difícil utilização por parte das mentes cativas alienígenas). Seus três olhos estavam situados de modo a lhes proporcionar uma visão mais ampla que o normal. Seu sangue era uma espécie de icor verde-escuro de grossa espessura. Eles não tinham sexo, mas reproduziam-se por meio de sementes ou

esporos que se agrupavam em suas bases e só podiam ser desenvolvidos debaixo d'água. Grandes tanques rasos eram usados para a criação de seus rebentos que, no entanto, eram criados apenas em pequeno número, por conta da longevidade dos indivíduos, cujo tempo médio de vida era de quatro ou cinco mil anos.

Indivíduos defeituosos eram discretamente descartados assim que seus defeitos eram notados. A doença e a eminência da morte eram, na ausência de um sentido de tato ou de dor física, reconhecidas por sintomas puramente visuais. Os mortos eram incinerados em cerimônias dignas. De vez em quando, como anteriormente mencionado, uma mente aguçada escapava da morte por projeção para o futuro, mas esses casos não eram numerosos. Quando ocorriam, a mente exilada vinda do futuro era tratada com a maior bondade possível até a dissolução de seu desconhecido invólucro.

A Grande Raça parecia formar uma única nação ou liga frouxamente unida, com as principais instituições em comum, embora houvesse quatro divisões definidas. O sistema político e econômico de cada unidade era uma espécie de socialismo fascista, com grandes recursos racionalmente distribuídos, e poder delegado a um pequeno conselho diretor eleito pelos votos de todos capazes de passar em determinados testes educacionais e psicológicos. A organização familiar não era superestimada, embora os laços entre pessoas de ascendência comum fossem reconhecidos, e os jovens geralmente eram criados por seus pais.

As semelhanças com as atitudes e as instituições humanas eram, evidentemente, mais marcantes naqueles campos onde, por um lado, estavam envolvidos elementos altamente abstratos, ou onde, por outro lado, havia um predomínio de necessidades básicas, não especializadas, comuns a toda vida orgânica. Algumas semelhanças adicionais vieram por meio da adoção consciente, enquanto a Grande Raça sondava o futuro e copiava aquilo de que gostava. A indústria, altamente mecanizada, exigia pouco tempo de cada cidadão; e o abundante tempo para o lazer foi preenchido com atividades intelectuais e estéticas de vários tipos. As ciências foram levadas a um inacreditável nível de

desenvolvimento, e a arte era uma parte vital da vida, embora no período de meus sonhos ela tivesse passado por seu apogeu. A tecnologia foi enormemente estimulada pela luta constante para sobreviver e manter a existência do tecido físico das grandes cidades, imposto pelos prodigiosos levantes geológicos daqueles primitivos dias.

Crimes eram algo surpreendentemente escasso e tratados com um policiamento altamente eficiente. As punições iam desde privação de privilégios e prisão até a morte ou grandes provações emocionais, e nunca eram administradas sem um estudo cuidadoso das motivações do criminoso. A guerra, em grande parte civilizada nos últimos milênios, embora às vezes travada contra invasores reptilianos e octopodistas, ou contra os Grandes Anciões alados, de cabeça em formato de estrela-do-mar, vindos da Antártica, era pouco frequente, embora infinitamente devastadora. Um exército enorme, usando armas parecidas com câmeras, com tremendos efeitos elétricos, era mantido à mão para propósitos raramente mencionados, mas obviamente ligados ao medo incessante das ruínas escuras e dos grandes alçapões trancados nos profundos níveis subterrâneos.

Esse medo das ruínas basálticas e dos alçapões era, em grande parte, um caso de sugestão não mencionada ou, no máximo, de sussurros quase furtivos. Tudo o que lhe interessava estava significativamente ausente dos livros nas prateleiras comuns. Era o único assunto que era um tabu entre a Grande Raça, e parecia estar conectado com horríveis lutas passadas, e com esse perigo vindouro que um dia a forçaria a enviar suas mentes mais aguçadas, em massa, para o futuro. Por mais imperfeitas e fragmentárias que fossem as outras coisas apresentadas nos sonhos e nas lendas, essa questão ainda era misteriosa. Os velhos mitos a evitavam (ou talvez todas as alusões a ela tivessem sido extirpadas por algum motivo). E nos meus sonhos e nos das outras vítimas, as pistas eram peculiarmente poucas. Os membros da Grande Raça nunca se referiam intencionalmente ao assunto, e o que poderia ser descoberto veio apenas de algumas das mentes cativas mais atentas.

De acordo com esses fragmentos de informação, a base do medo era uma horrível raça anciã de semipólipos, totalmente alienígenas, que haviam vindo do espaço de universos infinitamente distantes e haviam dominado a Terra e outros três planetas solares há cerca de seiscentos milhões de anos. Eles eram apenas parcialmente materiais, como entendemos a matéria e seu tipo de consciência e meios de percepção diferiam totalmente daqueles dos organismos terrestres. Por exemplo, seus sentidos não incluíam a visão, e seu mundo mental possuía um padrão estranho de impressões não visuais. Eles eram, no entanto, suficientemente materiais para usar implementos de matéria normal quando em áreas cósmicas que a continham, e eles precisavam de um tipo peculiar de moradia. Embora seus sentidos pudessem penetrar todas as barreiras materiais, a substância de que eram compostos não

conseguia fazê-lo, e certas formas de energia elétrica poderiam destruí-los completamente. Eles tinham o poder de se movimentar pelo ar, apesar da ausência de asas ou de qualquer outro meio visível de levitação. Suas mentes eram de tal textura que nenhuma troca com elas poderia ser efetuada pela Grande Raça.

Quando essas coisas chegaram à terra, construíram poderosas cidades compostas por torres de basalto sem janelas, e atacaram terrivelmente os seres que encontraram. Assim era quando as mentes da Grande Raça cruzaram o vazio daquele obscuro mundo transgaláctico conhecido nos inquietantes e discutíveis Fragmentos de Eltdown como Yith. Os recém-chegados, com os instrumentos que criaram, acharam fácil subjugar as entidades predatórias e levá-las às cavernas subterrâneas, que já haviam se unido a suas residências e começado a habitá-las. Em seguida, selaram as entradas e as abandonaram em seu destino, ocupando depois a maioria de suas grandes cidades e preservando certos edifícios importantes por razões ligadas mais à superstição do que à indiferença, à ousadia ou ao zelo científico e histórico.

No entanto, à medida que os éons passavam, surgiram sinais vagos e malignos de que as Coisas Ancestrais estavam tornando-se cada vez mais fortes e numerosas no mundo interior. Ocorreram irrupções esporádicas de caráter particularmente hediondo em certas cidades pequenas e remotas da Grande Raça, e em algumas das cidades mais velhas e abandonadas que a Grande Raça ainda não havia povoado; lugares onde as passagens para os abismos inferiores não haviam sido adequadamente seladas ou vigiadas. Depois disso, foram tomadas precauções adicionais, e muitos dos caminhos foram fechados para sempre, embora alguns tivessem sido deixados com alçapões selados para uso estratégico no combate às Coisas Ancestrais, se alguma vez surgissem em lugares inesperados; fendas recentes causadas por aquela mesma alteração geológica que obstruiu alguns dos caminhos e lentamente diminuiu o número de estruturas e ruínas extraterrenas deixadas por entidades conquistadas.

As irrupções das Coisas Ancestrais devem ter sido chocantes, além de qualquer descrição, uma vez que haviam permanentemente deixado marcas na psicologia da Grande Raça. O horror era tamanho, que o próprio aspecto das criaturas não era mencionado e em nenhum momento pude obter uma indicação clara de como elas eram. Havia sugestões veladas de uma plasticidade monstruosa e de lapsos temporários de visibilidade, enquanto outros sussurros fragmentários referiam-se ao poder de controlar grandes ventos com fins militares.

Assobios singulares e pegadas colossais compostas de cinco marcas circulares de dedos também pareciam estar associadas a essas criaturas.

Era evidente que a morte vindoura tão desesperadamente temida pela Grande Raça: a desgraça que um dia enviaria milhões de mentes ansiosas através do tempo para corpos estranhos em um futuro mais seguro tinha a ver com uma irrupção final bem-sucedida dos Seres Anciões. As projeções mentais através dos tempos previam claramente tal horror, e a Grande Raça havia resolvido que ninguém que tivesse condições de escapar deveria enfrentá-lo. A incursão seria uma questão de vingança, ao invés de uma tentativa de reocupar o mundo exterior, como ficava claro pela história mais tardia do planeta, pois suas projeções mostravam o ir e vir de raças subsequentes sem qualquer tipo de conflito com as entidades monstruosas. Talvez essas entidades tivessem preferido os abismos internos da Terra à superfície variável e devastada pela tempestade, uma vez que a luz não significava nada para elas. Talvez também estivessem enfraquecendo lentamente com o passar dos éons. De fato, sabia-se que estariam extintas na época da raça pós-humana de escaravelhos que as mentes em fuga ocupariam. Enquanto isso, a Grande Raça mantinha sua cautelosa vigilância, com armas potentes prontas para serem usadas, apesar do horrorizado banimento do assunto nas conversas do dia a dia e nos registros escritos. E, mesmo assim, sempre estava à espreita a sombra do medo sem nome que pairava sobre as portas fechadas e as velhas torres escuras e sem janelas.

V.

Esse é o mundo do qual meus sonhos me traziam difusos ecos esparsos todas as noites. Não posso esperar dar uma ideia verdadeira do horror e pavor contido em tais ecos, pois tinham uma qualidade totalmente intangível (a aguda sensação de pseudomemória) de que tais sentimentos em geral dependiam. Como eu disse, meus estudos gradualmente me proporcionaram uma defesa contra esses sentimentos, na forma de explicações psicológicas racionais, e essa influência salvadora foi aumentada pelo toque sutil de habitualidade que chega com a passagem do tempo. No entanto, apesar de tudo, o terror vago e insidioso retornava momentaneamente de vez em

quando. Ele não me engolia como antes, e depois de 1922 eu tive uma vida muito normal de trabalho e recreação.

Com o passar dos anos, comecei a sentir que minha experiência, com os casos semelhantes e o folclore relacionado, deveria ser definitivamente resumida e publicada para o benefício de pesquisadores sérios; foi por isso que preparei uma série de artigos que cobriam brevemente todo o período e illustrei com esboços simples algumas das formas, cenários, motivos decorativos e hieróglifos lembrados dos sonhos. Foram publicados em vários momentos durante 1928 e 1929 no *Journal of the American Psychological Society*, mas não atraíram muita atenção. Enquanto isso, continuei a registrar meus sonhos com o maior cuidado, embora a pilha crescente de relatórios atingisse proporções problemáticas.

Em 10 de julho de 1934, a Sociedade Americana de Psicologia me enviou uma carta que iniciou a fase culminante e mais horrível de toda a insana provação. Ela trazia o carimbo de Pilbarra, na Austrália Ocidental, e tinha a assinatura de alguém que, conforme soube depois, era engenheiro de minas de considerável destaque. As cartas continham fotos muito curiosas. Vou reproduzir o texto na íntegra e nenhum leitor deixará de entender o tremendo efeito que ela e as fotografias tiveram sobre mim.

Fiquei, por algum tempo, quase atordoadado e incrédulo, pois, embora eu tivesse pensado muitas vezes que alguma base de fato devia estar subjacente a certas fases das lendas que tinham colorido meus sonhos, eu não estava preparado para algo como uma sobrevivência tangível de um mundo perdido, distante e além de toda a imaginação. As mais devastadoras de todas eram as fotografias que ali estavam, com realismo frio e incontroverso, destacavam-se contra um fundo de areia certos blocos de pedra gastos e desgastados pela tempestade, cujos topos levemente convexos e fundos levemente côncavos contavam sua própria história. E, quando as estudei com uma lente de aumento, pude ver com toda a clareza, entre os buracos e as rachaduras, os traços daqueles enormes desenhos curvilíneos e dos hieróglifos ocasionais cujo significado tornara-se tão medonho para mim. Mas aqui está a carta, que fala por si própria:

49, Dampier Str., Pilbarra, Austrália Ocidental,
18 de maio de 1934.

Prof. N. W. Peaslee,
A/C Sociedade Americana de Psicologia,
30, E. 41st Str.,
Nova York, EUA

Prezado senhor,

Uma conversa recente com o dr. E. M. Boyle, de Perth, e alguns periódicos com seus artigos que me foram recentemente enviados, tornam aconselhável que eu lhe fale sobre certas coisas que vi no Grande Deserto Arenoso, a leste de nossa mina de ouro. Ao que parece, em vista das lendas peculiares sobre cidades antigas com enormes construções em pedra e desenhos estranhos e hieróglifos descritas pelo senhor, descobri algo de extrema importância.

Os aborígenes sempre falaram muito sobre “grandes pedras cheias de marcas” e parecem ter um terrível medo de tais coisas. Eles as relacionam de alguma forma com suas lendas raciais sobre Buddai, o velho gigante adormecido por séculos no subterrâneo com a cabeça apoiada no braço e que algum dia acordará e devorará o mundo. Há lendas muito antigas e já esquecidas sobre enormes cabanas subterrâneas feitas de grandes pedras, onde as passagens levam cada vez mais para baixo e onde coisas horríveis acontecem. Os aborígenes afirmam que certa vez alguns guerreiros, fugindo em batalha, por lá desceram e nunca mais voltaram, mas ventos assustadores começaram a soprar do lugar logo depois que eles caíram. No entanto, em geral, não há muito o que se aproveitar do que esses nativos falam.

Mas o que tenho a dizer é mais que isso. Dois anos atrás, quando eu estava prospectando cerca de 800 quilômetros a leste, no deserto, encontrei um monte de peças estranhas de pedras trabalhadas, talvez com tamanho de $90 \times 60 \times 60$ centímetros, lascadas e desgastadas até o limite. No começo, não consegui encontrar nenhuma das marcas de que os aborígenes falavam, mas, ao observá-las mais de perto, consegui distinguir algumas linhas profundamente esculpidas apesar de seu desgaste. Eram curvas peculiares, exatamente como as que os aborígenes tentaram descrever. Imagino que havia trinta ou quarenta blocos, alguns quase enterrados na areia, e todos ficavam dentro de um círculo de talvez meio quilômetro de diâmetro.

Depois, olhei em volta mais de perto e fiz uma avaliação cuidadosa do lugar com meus instrumentos. Também tirei fotografias de dez ou doze dos blocos mais comuns, e as envio anexas a esta carta para que o senhor possa examiná-las. Entreguei minhas informações e fotografias para o governo em Perth, mas não fizeram uso delas. Então conheci o dr. Boyle, que lera seus artigos no *Journal of the American Psychological Society* e, por acaso, mencionei as pedras. Ele ficou muito interessado e pareceu bastante empolgado quando lhe mostrei minhas fotografias instantâneas, dizendo que as pedras e as marcas eram exatamente como as das construções com que o senhor havia sonhado

e visto descritas nas lendas. Ele pretendia lhe escrever, no entanto, foi impedido. Enquanto isso, enviou-me a maioria dos periódicos com seus artigos, e percebi imediatamente, por meio de seus desenhos e suas descrições, que minhas pedras são certamente aquelas do tipo que o senhor apresentou. O senhor poderá verificar o que digo nas fotos que envio anexas. Mais tarde, terá notícias diretamente do dr. Boyle.

Agora posso entender quão importante é tudo isso para o senhor. Sem dúvida estamos presenciando os restos de uma civilização desconhecida, mais velha do que qualquer outra com que já sonhamos, e que forma uma base para suas lendas. Como engenheiro de minas, tenho algum conhecimento de geologia e posso dizer que esses blocos são tão antigos que me assustam. Em sua maioria, são feitos de arenito e granito, embora um seja quase certamente feito de um tipo estranho de cimento ou concreto. Eles carregam evidências de ação da água, como se esta parte do mundo tivesse sido submersa e voltasse a emergir depois de longas eras depois da utilização e da construção desses blocos. É uma questão de centenas de milhares de anos ou só Deus sabe o quanto mais. Não gosto de pensar a respeito disso.

Em vista do seu trabalho minucioso em rastrear as lendas e tudo aquilo relacionado a elas, talvez o senhor possa liderar uma expedição ao deserto e fazer algumas escavações arqueológicas. Tanto o dr. Boyle como eu estamos preparados para colaborar com este trabalho caso o senhor (ou organizações que o senhor conheça) possa fornecer subsídios para tanto. Posso reunir uma dúzia de mineiros para escavações pesadas; os aborígenes não teriam utilidade neste caso, pois descobri que têm um medo quase doente desse tema. Boyle e eu não estamos dizendo nada para os outros, pois obviamente o senhor deve ter precedência sobre qualquer descoberta ou crédito.

A expedição sairia de Pilbarra e levaríamos cerca de quatro dias viajando de trator, item que seria necessário para nossa aparelhagem. O lugar fica a Sudoeste do caminho pela Warburton de 1873 e a 160 km a Sudeste de Joanna Spring. Poderíamos também ir pelo rio De Gray em vez de partir de Pilbarra, mas tudo isso pode ser discutido mais tarde. Grosso modo, as edras estão em um ponto próximo à Latitude Sul 22°3 14 e Longitude Leste 125°0 39 . O clima é tropical, e as condições do deserto não são fáceis. Qualquer expedição deve ser feita no inverno: junho, julho ou agosto. Receberei de muito bom grado qualquer correspondência sobre este assunto e me coloco à disposição para ajudar em qualquer plano que o senhor decidir.

Depois de ler seus artigos, estou muitíssimo impressionado com o profundo significado de toda essa questão. O dr. Boyle irá escrever depois. Caso prefira um meio de comunicação mais rápido, por favor, envie um telegrama para Perth.

Aguardo notícias em breve.

Atenciosamente,

Robert B. F. Mackenzie

Das consequências imediatas dessa carta, muito pode ser aprendido pelo que foi mostrado na imprensa. Minha boa sorte em conseguir apoio da Universidade do Miskatonic foi grande, e tanto o senhor Mackenzie quanto o dr. Boyle provaram ser inestimáveis no momento de organizar as coisas na Austrália. Não fomos muito específicos sobre nossos objetivos com o público, uma vez que a tudo seria dado um tratamento sensacionalista e jocoso por parte da imprensa. Como resultado, as notícias impressas foram poucas, mas suficientes para contar sobre nossa busca por ruínas australianas e para registrar nossos vários passos preparatórios.

Os professores William Dyer, do departamento de geologia da universidade (líder da Expedição Antártica da Miskatonic de 1930-1931), Ferdinand C. Ashley, do departamento de história antiga, e Tyler M. Freeborn, do departamento de antropologia (com meu filho Wingate) foram os meus companheiros nessa expedição. Meu correspondente Mackenzie veio a Arkham no início de 1935 e ajudou em nossos preparativos finais. Era um homem tremendamente competente e afável de cerca de cinquenta anos de idade, admiravelmente erudito e profundamente familiarizado com todas as condições das viagens pelo continente australiano. Ele tinha tratores esperando em Pilbarra, e fretamos um navio a vapor de calado suficientemente leve para subir o rio até aquele ponto. Estávamos preparados para escavar da maneira mais cuidadosa e científica, peneirando cada partícula de areia e evitando tocar tudo o que parecesse estar em sua situação original.

Navegando de Boston a bordo do Lexington em 28 de março de 1935, passamos tranquilamente pelo Atlântico e pelo Mediterrâneo, atravessamos o Canal de Suez, descemos o Mar Vermelho e cruzamos o Oceano Índico até o nosso destino. Não preciso dizer como a visão da arenosa e baixa costa da Austrália Ocidental me deprimiu e como detestei a cidade mineira e os tristes campos de ouro onde os tratores recebiam seus últimos carregamentos. O dr. Boyle, que nos recebeu, provou ser agradável e inteligente e seu conhecimento de psicologia o levou a longas discussões comigo e meu filho.

O desconforto e a expectativa estavam estranhamente misturados na maioria de nós quando, por fim, nosso grupo de dezoito homens partiu agitando-se sobre os áridos quilômetros de areia e rocha. Na sexta-feira, 31 de maio, atravessamos uma ramificação do rio De Gray e entramos no reino da total desolação. Um certo terror cresceu em mim à medida que avançávamos para esse local onde se escondia um mundo mais antigo, por trás das lendas; um terror, claro, instigado pelo fato de que meus sonhos e pseudolembanças perturbadores ainda me assediavam com força inabalável.

Foi na segunda-feira, 3 de junho, que vimos o primeiro dos blocos parcialmente enterrados. Não consigo descrever minha emoção ao tocar, na realidade objetiva, um fragmento de alvenaria ciclópica idêntico, em todos os aspectos, aos blocos nas paredes dos edifícios dos meus sonhos. Havia resquícios de entalhes e minhas mãos tremiam quando reconheci parte de um padrão decorativo curvilíneo que me tinha uma característica infernal durante anos de pesadelos atormentadores e pesquisas frustrantes.

Um mês de escavações trouxe um total de cerca de 1.250 blocos em vários estágios de desgaste e desintegração. Esses blocos eram, em sua maioria, megálitos esculpidos com topos e fundos curvos. Poucos eram menores, mais planos, de superfície lisa, quadrada ou octogonalmente cortada, como as dos pisos e das calçadas dos meus sonhos, enquanto alguns eram singularmente volumosos e curvos ou inclinados de modo a sugerir o uso em abóbadas ou como partes de arcos ou caixas de janela redonda. Quanto mais profundo (e mais ao norte e ao leste) cavamos, mais blocos encontramos; embora ainda não descobríssemos qualquer traço comum entre eles. O professor Dyer ficou chocado com a

idade incomensurável dos fragmentos, e Freeborn encontrou vestígios de símbolos que se encaixavam sombriamente em certas lendas sobre Antiguidade infinita, da Papua Nova Guiné e da Polinésia. A condição e a dispersão dos blocos denunciavam em voz baixa ciclos vertiginosos de tempo e convulsões geológicas da selvageria cósmica.

Tínhamos um aeroplano conosco, e meu filho Wingate frequentemente subia a alturas diferentes e vasculhava o resíduo de areia e rocha em busca de sinais de contornos escuros e em grande escala (diferenças de nível ou trilhas de blocos espalhados). Seus resultados foram virtualmente negativos; pois quando ele tivesse pensado um dia ter vislumbrado alguma tendência significativa, ele acharia em sua próxima viagem a impressão substituída por outra igualmente insubstancial, resultado da areia movediça que se

deslocava pelo vento. Uma ou duas dessas sugestões efêmeras, no entanto, me afetaram estranha e desagradavelmente. Esses sinais pareciam, de certa maneira, se encaixar horripilantemente com algo que eu sonhara ou lera, mas que eu não conseguia mais lembrar. Havia uma pseudofamiliaridade terrível sobre eles, que de alguma maneira me fez olhar furtiva e apreensivamente para o abominável terreno estéril em direção ao norte e ao nordeste.

Por volta da primeira semana de julho, desenvolvi um conjunto inexplicável de emoções misturadas sobre aquela região do nordeste em geral. Havia horror e havia curiosidade; porém, mais do que isso, havia uma ilusão persistente e desconcertante de memória. Eu tentei todos os tipos de expedientes psicológicos para tirar essas noções da minha cabeça, mas não obtive sucesso. A insônia também me ganhou, mas eu quase dei boas-vindas a isso por causa do encurtamento resultante dos meus períodos de sonho. Adquiri o hábito de fazer caminhadas longas e solitárias no deserto, tarde da noite, geralmente para o norte ou nordeste, para onde a soma de meus novos impulsos estranhos parecia sutilmente me puxar.

Às vezes, nesses passeios, eu tropeçava em fragmentos quase enterrados da antiga maçonaria. Embora houvesse menos blocos visíveis aqui do que onde havíamos começado, eu tinha certeza de que deveria haver uma vasta abundância sob a superfície. O solo era menos plano que o nosso acampamento, e os fortes ventos predominantes de vez em quando empilhavam a areia em estranhos morros temporários, expondo alguns traços das pedras mais antigas enquanto cobriam outros. Eu estava estranhamente ansioso para que as escavações se estendessem a esse território, mas ao mesmo tempo temia o que poderia ser revelado. Obviamente, eu estava entrando em um estado ruim. Na verdade, pior, porque eu não podia explicar isso.

Uma indicação da minha saúde mental pode ser obtida da minha resposta a uma estranha descoberta que fiz em uma das minhas caminhadas noturnas. Foi na noite de 11 de julho, quando uma Lua minguante inundou as misteriosas colinas com uma curiosa palidez. Vagando um pouco além dos meus limites habituais, encontrei uma grande pedra que parecia diferir marcadamente de qualquer outra que já tivéssemos encontrado. Estava quase totalmente coberto, mas me abaixei e limpei a areia com as mãos, depois estudando o objeto com cuidado e complementando o luar com minha lanterna elétrica. Ao contrário das outras rochas muito grandes, esta era perfeitamente quadrada, sem superfície convexa ou côncava. Parecia, também, ser de uma substância basáltica escura totalmente diferente do granito e

arenito e concreto ocasional dos agora familiares fragmentos.

De repente me levantei, virei e corri para o acampamento em alta velocidade. Foi um voo totalmente inconsciente e irracional, e só quando estava perto da minha tenda percebi perfeitamente por que fugira. Então, veio para mim. A estranha pedra escura era algo com que eu havia sonhado e lido, e que estava ligada aos horrores mais remotos das antigas lendas. Era um dos blocos daquela velha alvenaria basáltica que a lendária Grande Raça exibia com tanto medo: as ruínas altas e sem janelas deixadas pelas Coisas alienígenas, meio imateriais e estranhas, que apodreceram nos abismos subterrâneos da terra e contra cujas forças invisíveis, como o vento, os alçapões foram selados e as sentinelas sem sono enviadas.

Fiquei acordado a noite toda, mas ao amanhecer percebi quão tolo eu havia sido em deixar a sombra de um mito me aborrecer. Em vez de ficar com medo, eu deveria ter tido o entusiasmo de um explorador. Na manhã seguinte, contei aos outros sobre minha descoberta, e Dyer, Freeborn, Boyle, meu filho e eu partimos para ver o bloqueio anômalo. Uma falha, no entanto, nos confrontou. Eu não tinha uma ideia clara da localização da pedra, e um vento tardio alterara totalmente os montículos de areia movediça.

VI.

Chego agora à parte crucial e mais difícil de minha narrativa, mais difícil ainda porque não posso ter certeza se é real. Às vezes, sinto-me desconfortavelmente seguro de que não estava sonhando ou iludido; e é esse sentimento, em vista das enormes implicações que a verdade objetiva da minha experiência suscitaria, que me impele a fazer esse registro. Meu filho, um psicólogo bem treinado e detentor de todos os detalhes de meu caso, será o principal juiz do que tenho a dizer.

Primeiramente, deixe-me delinear os aspectos externos da questão, como aqueles que estão no acampamento os conhecem. Na noite de 17 a 18 de julho, depois de um dia de muito vento, me recolhi aos meus aposentos cedo, mas não consegui dormir. Acordei um pouco antes das onze e aflito como de costume, com aquela sensação estranha em relação à paisagem do nordeste, parti em uma das minhas típicas caminhadas noturnas. Vi e cumprimentei apenas uma pessoa: um mineiro australiano chamado Tupper, quando saí de onde estávamos instalados. A Lua, um pouco cheia, iluminada em um céu claro e

encharcava as areias antigas com um brilho branco e leproso que me parecia infinitamente maligno. Não havia mais vento, o que continuou pelas próximas cinco horas, como amplamente comprovado por Tupper e pelos outros que não dormiram durante a noite. O australiano me viu pela última vez atravessando rapidamente as dunas pálidas e detentoras de segredos na direção do nordeste.

Por volta das três e meia da manhã, houve uma ventania violenta que acordou a todos no acampamento e derrubou três barracas. O céu estava sem nuvens, e o deserto ainda brilhava com aquele luar leproso. Quando o grupo viu as tendas, minha ausência foi notada, mas, em vista de minhas caminhadas anteriores, essa circunstância não foi alarmante. E, no entanto, ao menos três homens (todos os australianos) pareciam sentir algo sinistro no ar. Mackenzie explicou ao professor Freeborn que se tratava de um medo proveniente do folclore dos aborígenes: os nativos teceram um curioso tecido de mitos malignos sobre os ventos fortes que, a longos intervalos, percorrem as areias sob o céu claro. Esses ventos, é sussurrado, sopram das grandes cabanas de pedra sob o solo, onde coisas terríveis aconteceram, e nunca são sentidas, a não ser perto de lugares onde as grandes pedras marcadas estão espalhadas. Perto das quatro da madrugada, o vendaval diminuiu tão repentinamente quanto começara, deixando as colinas de areia em formas novas e desconhecidas.

Já passava das cinco da manhã, com a Lua inchada e fúnebre afundando no oeste, quando segui cambaleando para o acampamento: sem chapéu, com roupas esfarrapadas, rosto arranhado e ensanguentado, e sem minha lanterna elétrica. A maioria dos homens havia voltado para a cama, mas o professor Dyer estava fumando um cachimbo na frente de sua tenda. Vendo meu fôlego quase frenético, ele ligou para o dr. Boyle, e os dois me colocaram em minha cama e me deixaram confortável. Meu filho, despertado pela agitação, logo se juntou a eles, e todos tentaram forçar-me a ficar imóvel e tentar dormir.

Mas eu não conseguia pegar no sono. Meu estado psicológico era muito extraordinário, diferente de tudo o que eu já havia sofrido. Depois de um tempo, insisti em falar e expliquei nervosa e elaboradamente minha condição. Eu disse a eles que estava cansado e me deitei na areia para tentar tirar uma soneca. Disse que ainda havia sonhos ainda mais assustadores do que de costume e quando fui acordado pelo repentino vento forte, meus nervos explodiram. Fugi em pânico, frequentemente caindo sobre pedras parcialmente enterradas e, assim, ganhando o meu aspecto esfarrapado e sujo. Eu

devo ter dormido muito, daí as tantas horas de minha ausência.

Não insinuei absolutamente nada sobre qualquer coisa estranha que tivesse visto ou experimentado, exercendo um grande autocontrole a esse respeito. Mas falei de uma mudança de opinião a respeito de todo o trabalho da expedição e insisti seriamente em fazer todas as escavações em direção ao nordeste. Meu raciocínio era evidentemente fraco, pois mencionei a escassez de blocos, o desejo de não ofender os mineiros supersticiosos, uma possível escassez de fundos da universidade e outras coisas falsas ou irrelevantes. Naturalmente, ninguém prestou a menor atenção aos meus novos desejos; nem mesmo meu filho, cuja preocupação com a minha saúde era muito óbvia.

No dia seguinte, me levantei e comecei a andar ao redor do acampamento, mas não participei das escavações. Ao perceber que eu não conseguia interromper o trabalho, decidi voltar para casa o mais rápido possível por causa dos meus nervos e fiz meu filho prometer que me levaria de avião para Perth (mil milhas a Sudoeste) assim que pesquisasse a região que eu gostaria de deixar em paz. Refleti que, se a coisa que eu tinha visto ainda estivesse visível, eu poderia decidir tentar uma advertência específica, mesmo à custa do ridículo. Talvez os mineiros que conheciam o folclore local pudessem me apoiar. Para me agradar, meu filho fez a pesquisa naquela mesma tarde; voando sobre todo o terreno que minha caminhada poderia ter coberto. No entanto, nada do que encontrei permaneceu à vista. Era o mesmo bloco de basalto anômalo; a areia movediça apagara todos os vestígios. Por um instante eu quase me arrependi de ter perdido um certo objeto incrível durante minha crise de pavor, mas agora sei que a perda foi misericordiosa. Ainda posso acreditar em toda a minha experiência como uma ilusão; especialmente se, como espero, o abismo infernal nunca for encontrado.

Wingate me levou a Perth em 20 de julho, embora tenha se recusado a abandonar a expedição e voltar para casa. Ele ficou comigo até o dia 25, quando o navio para Liverpool partiu. Agora, na cabine do *Empress*, pondero longa e freneticamente sobre todo o assunto, e decidi que meu filho, pelo menos, deve ser informado. Ele decidirá se vai difundir o assunto mais amplamente. A fim de atender a qualquer eventualidade, preparei este resumo da minha experiência, como já relatei de maneira dispersa para os outros. Agora relatarei o mais brevemente possível o que pareceu acontecer durante minha ausência do acampamento naquela noite medonha.

Com os nervos no limite e levado por uma espécie de perversa

avidez por aquele inexplicável e pavoroso impulso pseudomnemônico em direção ao Nordeste, eu me arrastei sob a Lua maligna e ardente. Aqui e ali eu vi, meio encobertos pela areia, aqueles primitivos blocos ciclóticos deixados para trás por éons sem nome e esquecidos. A antiguidade incalculável e o horror medonho naquela terra abandonada monstruosa começaram a me oprimir como nunca antes, e não pude deixar de pensar em meus sonhos enlouquecedores, nas lendas terríveis que estavam por trás deles e nos medos atuais de nativos e mineiros em relação ao deserto e suas pedras esculpidas.

E, no entanto, me afastei como se fosse um encontro agourento; cada vez mais assaltado por fantasias, compulsões e pseudomemórias desconcertantes. Pensei em alguns dos possíveis contornos das linhas de pedras vistos pelo meu filho do céu e me perguntei por que eles pareciam tão sinistros e tão familiares. Algo estava atrapalhando e sacudindo o trinco de minhas lembranças, enquanto outra força desconhecida procurava manter a porta trancada.

A noite estava sem vento, e a areia pálida curvava-se para cima e para baixo como ondas do mar congelado. Eu não tinha nenhum objetivo, mas de alguma forma continuei em frente como se tivesse certeza do meu destino. Meus sonhos invadiram o mundo real, de modo que cada megálito incrustado de areia parecia parte de intermináveis salas e corredores de uma alvenaria pré-humana, entalhada com símbolos e hieróglifos que eu conhecia muito bem do tempo em que fui uma mente cativa da Grande Raça. Em alguns momentos imaginei ver aqueles horrores cônicos oniscientes movendo-se em suas tarefas habituais e temi olhar para baixo, com medo de me deparar com o aspecto deles. No entanto, o tempo todo eu vi os blocos cobertos de areia, bem como os quartos e os corredores; a Lua maligna e ardente, assim como as lâmpadas de cristal luminoso; o deserto sem fim, bem como as samambaias e as cicadáceas ondulantes além das janelas. Eu estava acordado e sonhando ao mesmo tempo. Não sei por quanto tempo ou quão longe, ou, na verdade, em que direção, andei quando avistei pela primeira vez o monte de blocos descoberto pelo vento diurno. Era o maior grupo em um mesmo lugar que eu tinha visto até agora, e ele tão agudamente me impressionou que as visões de éons fabulosos se desvaneceram de repente. Novamente havia apenas o deserto e a Lua maligna e os fragmentos de um passado não imaginado. Eu me aproximei e parei, e lancei a luz adicional da minha lanterna elétrica sobre a pilha caída. Uma duna havia se desfeito, deixando uma massa baixa e irregularmente redonda de megálitos e pequenos fragmentos

de cerca de doze metros de largura e de dois a dois metros e meio de altura.

Desde o início, percebi que havia uma qualidade absolutamente sem precedentes nessas pedras. Não apenas o simples número delas era totalmente sem paralelo, mas algo nos traços de desenhos desgastados pela areia me prendeu a atenção enquanto eu os examinava sob os feixes de luz misturados, da lua e da minha lanterna. Não que apresentasse qualquer diferença dos espécimes anteriores que havíamos encontrado. Foi algo mais sutil que isso. Essa impressão não surgiu quando olhei para um bloco sozinho, mas apenas quando corri meus olhos ao longo de vários deles quase simultaneamente. Então, finalmente, a verdade me ocorreu. Os padrões curvilíneos em muitos desses blocos estavam intimamente relacionados, eram partes de uma vasta concepção decorativa. Pela primeira vez naquela terra abandonada por éons, eu havia encontrado uma massa de construção em sua antiga posição: ruída e fragmentada, é verdade, porém com um sentido de existência bem definido.

Subindo pelo lado mais baixo, eu me arrastei pelo monte, limpando com meus dedos a areia aqui e ali, e constantemente me esforçando para interpretar variedades de tamanho, forma e estilo, e relações de desenho. Depois de um tempo, pude adivinhar vagamente a natureza da estrutura passada e os desenhos que outrora se estendiam sobre as vastas superfícies da alvenaria primal. A identidade perfeita do todo com alguns dos meus vislumbres de sonho me chocou e me enervou. Fora, anteriormente, um corredor ciclópico de nove metros de altura, pavimentado com blocos octogonais e solidamente abobadado acima. Havia salas abrindo-se à direita e, na outra extremidade, um daqueles estranhos planos inclinados teria se reduzido a profundidades ainda mais baixas.

Tive um enorme sobressalto quando essas concepções me ocorreram, pois havia mais informações nelas do que os próprios blocos me haviam fornecido. Como eu sabia que aquele nível deveria estar no subterrâneo? Como eu sabia que o plano que levava para cima deveria estar atrás de mim? Como eu sabia que a longa passagem subterrânea para a Praça dos Pilares deveria estar à esquerda, um nível acima de mim? Como eu sabia que a sala das máquinas e o túnel que leva à direção dos arquivos centrais deveria estar dois níveis abaixo? Como eu sabia que haveria uma daquelas terríveis armadilhas de metal na parte inferior, quatro níveis abaixo? Perplexo com essa intrusão do mundo dos sonhos, me vi tremendo e banhado em uma

transpiração fria.

Então, em um último toque intolerável, senti aquela leve e insidiosa corrente de ar frio proveniente de uma depressão perto do centro da imensa pilha. Instantaneamente, como já havia ocorrido, minhas visões se desvaneceram e só vi novamente o luar maligno, o deserto sombrio e o tumulto da alvenaria paleogênica. Algo real e tangível, ainda repleto de infinitas sugestões de mistério noturno, agora me confrontava. Contudo, aquele fluxo de ar poderia indicar apenas uma coisa: um enorme abismo oculto sob os blocos desordenados na superfície.

Meu primeiro pensamento foram as lendas sinistras dos aborígenes sobre as vastas cabanas subterrâneas entre os megálitos, onde os horrores acontecem e os grandes ventos nascem. Então os pensamentos sobre os meus próprios sonhos voltaram, e eu senti pseudolembanças sombrias impondo-se em minha mente. Que tipo de lugar está abaixo de mim? Que fonte primitiva e inconcebível de antigos ciclos míticos e pesadelos assombrosos eu poderia estar prestes a descobrir? Minha hesitação durou muito pouco, pois havia mais do que curiosidade e entusiasmo científico me guiando e trabalhando contra o meu crescente medo.

Eu parecia me mover quase automaticamente, como se tivesse um destino irresistível. Guardei minha lanterna no bolso e, lutando com uma força que eu não pensava possuir, puxei um fragmento titânico de pedra e depois outro, até que surgiu uma forte corrente cuja umidade contrastava estranhamente com o ar seco do deserto. Uma fenda escura começou a se abrir e finalmente, quando empurrei todos os fragmentos pequenos o bastante para me mover, o luar leproso brilhou em uma abertura de largura suficiente para que eu pudesse passar por ela.

Peguei minha lanterna e lancei um facho brilhante na abertura. Abaixo de mim, havia um caos de alvenaria caída, descendo rudemente para o Norte, em um ângulo de cerca de quarenta e cinco graus, evidentemente o resultado de algum colapso vindo de cima. Entre sua superfície e o nível do solo havia um abismo de escuridão impenetrável em cuja extremidade superior havia sinais de abóbadas gigantescas e pesadas. Nesse ponto, parecia que as areias do deserto

jaziam diretamente sobre um piso de uma estrutura titânica pertencente ao tempo em que a Terra ainda era jovem, embora eu não possa conceber como, através de éons repletos de convulsões geológicas, tenha sido conservada.

Em retrospecto, a sugestão de uma descida súbita e solitária em um abismo tão duvidoso, e em um momento em que meu paradeiro era desconhecido de qualquer alma viva, parece o ápice da insanidade. Talvez tenha sido, pois naquela noite embarquei em tal descida sem hesitar. Mais uma vez estiveram comigo a atração e a condução da fatalidade, que durante todo o tempo pareciam direcionar minhas ações. Com a lanterna piscando intermitentemente a indicar o modo de economia da bateria, comecei uma corrida louca pela sinistra inclinação ciclópica abaixo da abertura, às vezes olhando para frente quando encontrava apoios adequados para as mãos e os pés, e outras vezes me virando para enfrentar o monte de megálitos enquanto me agarrava de modo precário. Em duas direções laterais, paredes distantes de alvenaria esculpida e desmoronada pairavam vagamente sob os raios diretos da minha lanterna. À frente, no entanto, havia apenas uma escuridão ininterrupta.

Eu não mantive a noção do tempo durante a minha corrida descendente. Meus pensamentos fervilhavam com sugestões e imagens desconcertantes que meus arredores pareciam retirados a distâncias incalculáveis. Meu corpo já não tinha sensações, e até mesmo o medo permanecia como uma gárgula inativa, parecendo um fantasma, olhando impotente para mim. Por fim, cheguei a um nível cheio de blocos caídos, fragmentos de pedra disformes, areia e detritos de todo tipo. De cada lado (talvez a dez metros de distância) erguiam-se paredes maciças que culminavam em enormes arestas de abóbodas. Eu poderia apenas discernir que elas foram esculpidas, mas a natureza das esculturas estava além da minha percepção. O que mais me chamou a atenção foram as abóbodas ao alto. A luz da minha lanterna não poderia alcançar o teto, mas as partes inferiores dos arcos monstruosos se destacavam distintamente. E tão perfeita era a sua identidade com o que eu tinha visto em incontáveis sonhos do mundo mais ancestral, que tremi violentamente pela primeira vez.

No alto, atrás de mim, um débil borrão luminoso lembrava o distante mundo iluminado pelo luar lá fora. Um vago sentimento de cautela vaga me advertia de que eu não deveria perder isso de vista, para não ficar sem referências durante o meu retorno. Avancei em direção à parede à minha esquerda, onde os vestígios dos entalhes eram mais claros. O chão cheio de entulho era quase tão difícil de atravessar quanto a descida inicial, mas consegui, com esforço, abrir a passagem. Em certa altura, empurrei alguns blocos e chutei os detritos para ver como era o piso, e estremeci diante da total e fatídica familiaridade com as grandes pedras octogonais, cuja superfície ainda

estava na configuração original.

Chegando a uma distância conveniente da parede, apontei a luz da lanterna devagar e cuidadosamente sobre seus restos de entalhes gastos. Algum fluxo de água parecia ter agido na superfície de arenito, no entanto havia incrustações curiosas que eu não conseguia explicar. Em alguns lugares, a alvenaria era muito solta e distorcida, e me perguntei por quantos éons mais aquele primitivo e oculto edifício poderia manter seus traços restantes de forma originária em meio às convulsões da Terra.

Contudo, foram os próprios entalhes que mais me animaram. Apesar de seu estado desintegrado pelo tempo, eles eram relativamente

fáceis de rastrear a curta distância, e a completa e íntima familiaridade de cada detalhe quase atordoou minha imaginação. Não ia além da credibilidade normal que os principais atributos dessa antiga alvenaria parecessem familiares. Marcando poderosamente os criadores de certos mitos, eles haviam sido incorporados a um fluxo de conhecimento enigmático que, de alguma maneira, chegando ao meu conhecimento durante o período amnésico, evocara imagens vívidas em minha mente subconsciente. No entanto, como eu poderia explicar a forma exata e minuciosa em que cada linha e espiral desses estranhos desenhos correspondiam ao que eu sonhara há mais de vinte anos? Que obscura e esquecida iconografia poderia ter reproduzido cada sutil nuance e matiz com tamanha persistência e exatidão e invariavelmente assediado minha visão adormecida noite após noite?

Por isso não havia nenhuma semelhança remota ou ocasional. Definitiva e absolutamente, o corredor milenarmente antigo e escondido pelos éons onde eu estava era o original de algo que eu conhecia em sono tão intimamente quanto conhecia minha própria casa na rua Crane, em Arkham. É verdade que meus sonhos mostravam o lugar em seu apogeu, mas sua identidade não era menos real por causa disso. Eu tinha um total e horrível senso de orientação. A estrutura particular em que eu estava já era conhecida por mim. Conhecido, também, era o seu lugar naquela terrível cidade dos sonhos. Percebi com uma certeza repulsiva e instintiva que eu poderia visitar infalivelmente qualquer ponto naquela estrutura ou naquela cidade que escapara às mudanças e às devastações de eras incontáveis. O que em nome de Deus poderia tudo isso significar? Como eu vim a saber o que eu sabia? E que realidade terrível poderia estar por trás daqueles relatos antigos dos seres que habitavam esse labirinto de pedra primordial?

As palavras podem transmitir apenas parcialmente a confusão de pavor e perplexidade que acometeu meu espírito. Eu conhecia aquele lugar. Eu sabia o que jazia antes de mim, e o que havia pairado no alto antes que as inúmeras histórias imponentes tivessem caído em pó e detritos e no deserto. Não há necessidade agora, pensei com um estremecimento, de manter o leve borrão de luar à vista. Fiquei dividido entre um desejo de fugir e uma mistura febril de curiosidade ardente e fatalidade impulsiva. O que aconteceu com essa monstruosa megalópole nos milhões de anos desde o tempo dos meus sonhos? Dos labirintos subterrâneos que sustentavam a cidade e ligavam todas as suas torres titânicas, quanto ainda sobrevivia às convulsões da crosta terrestre?

Eu havia encontrado um mundo inteiro de arcaísmo profano? Eu ainda poderia encontrar a casa do calígrafo, a torre onde S'gg'ha, uma mente cativa dos carnívoros vegetais da Antártica, tinha esculpido certas figuras nos espaços vazios das paredes? A passagem dois níveis abaixo, para o salão das mentes alienígenas, ainda estaria desocupada e atravessável? Naquele salão, a mente cativa de uma entidade incrível: um habitante meio plástico com interior oco vindo de um planeta transplutoniano desconhecido dezoito milhões de anos no futuro, conservara uma certa coisa que tinha sido modelada em barro.

Fechei os olhos e coloquei a mão na cabeça em um esforço inútil e lamentável para expulsar esses insanos fragmentos de sonhos da minha consciência. Então, pela primeira vez, senti intensamente a frieza, o movimento e a umidade do ar circundante. Estremecendo, percebi que uma vasta cadeia de abismos obscuros mortos há éons devia estar bocejando em algum lugar além e abaixo de mim. Pensei nos assustadores aposentos e corredores e inclinações quando os recordei dos meus sonhos. O caminho para os arquivos centrais ainda estaria aberto? Mais uma vez, a condução da fatalidade pressionou meu cérebro com insistência quando me lembrei dos registros impressionantes que outrora estavam guardados naquelas abóbadas retangulares de metal inoxidável.

Lá, diziam os sonhos e as lendas, repousava toda a história, passada e futura, do contínuo espaço-tempo cósmico; escrita por mentes cativas de todas as órbitas e todas as eras do sistema solar. Loucura, é claro; mas eu não tinha adentrado um mundo tão louco quanto eu? Pensei nas prateleiras de metal trancadas e nas curiosas manobras necessárias para abrir cada uma delas. Minha própria estante veio vividamente à minha consciência. Quantas vezes eu tinha passado por aquela intrincada rotina de variadas voltas e pressões na seção de

vertebrados terrestres no nível mais baixo! Cada detalhe era novo e familiar. Se houvesse um cofre como aquele com que sonhei, poderia abri-lo em um instante. Foi então que a loucura se apossou de mim completamente. Um momento depois, eu estava pulando e tropeçando pelos destroços rochosos em direção à rampa que levava às profundezas abaixo.

VII.

Desse ponto em diante, minhas impressões dificilmente serão confiáveis; na verdade, ainda tenho uma esperança final e desesperada de que todas elas façam parte de algum sonho demoníaco ou de uma ilusão nascida do delírio. Uma febre rugia no meu cérebro, e tudo veio a mim por meio de uma espécie de neblina; às vezes apenas intermitente. Os raios fracos da minha lanterna dispararam dentro da submersa escuridão, trazendo flashes fantasmagóricos de paredes e esculturas terrivelmente familiares, todos marcados pela decadência dos séculos. Em determinado lugar, uma tremenda massa de teto abobadado havia caído, de modo que precisei escalar um monte de pedras que chegavam quase ao teto irregular e com grotescas estalactites. Esse era o ápice do pesadelo, agravado pelo blasfemo esforço da pseudomemória. Apenas uma coisa não me era familiar: meu tamanho em relação à alvenaria monstruosa. Senti-me oprimido por uma sensação de pequenez insólita, como se a visão daquelas paredes imponentes a partir de um mero corpo humano fosse algo inteiramente novo e anormal. Por diversas vezes, olhei nervosamente para mim mesmo, vagamente perturbado pela forma humana que possuía.

Seguindo adiante pela escuridão do abismo, eu pulava, corria e cambaleava; muitas vezes caindo e me machucando, e uma vez quase quebrei minha lanterna. Eu conhecia todas as pedras e cantos daquele abismo demoníaco e, em muitos pontos, detive-me em lançar feixes de luz através de arcos sufocados e esfarelados, porém familiares. Alguns cômodos haviam desmoronado totalmente; outros estavam vazios ou cheios de detritos. Em alguns, vi peças de metal; algumas razoavelmente intactas, algumas quebradas e outras esmagadas ou surradas, que reconheci como os pedestais ou mesas colossais dos meus sonhos. Não me atrevi a adivinhar o que poderiam na verdade ter sido.

Encontrei a rampa que levava para os níveis inferiores e comecei a

descer; embora, depois de um tempo, tenha precisado parar por conta de uma grande fissura irregular, cujo ponto mais estreito não podia ter menos de um metro e vinte de largura. Aqui as paredes haviam cedido, revelando profundidades escuras incalculáveis. Eu sabia que havia mais dois níveis subterrâneos nesse edifício titânico, e tremi de novo em pânico quando recordei o alçapão fechado com tiras de metal no último nível. Não poderia haver guardas agora, pois o que havia se escondido ali havia muito tempo já tinha feito seu horrendo trabalho e afundado em seu longo declínio. Na época da raça pós-humana de besouros, já estaria completamente morto. E, no entanto, enquanto pensava nas lendas nativas, eu me arrepiei novamente.

Custou-me um esforço terrível saltar aquele abismo, já que o chão cheio de escombros me impedia de começar a correr, mas a loucura me impulsionava a seguir adiante. Escolhi um lugar perto da parede esquerda, onde a fissura era menos larga e o local de pouso, razoavelmente livre de destroços perigosos, e, depois de um momento frenético, cheguei ao outro lado em segurança. Quando finalmente ganhei o nível mais inferior, tropecei no arco da sala das máquinas, dentro do qual havia fantásticas ruínas de metal parcialmente enterradas sob a abóbada caída. Tudo ainda estava onde eu sabia que estaria, e subi com confiança sobre os montes que impediam o acesso a um vasto corredor transversal. Percebi que isso me levaria para os arquivos centrais da cidade.

Incontáveis eras pareciam se desenrolar enquanto tropeçava, pulava e me arrastava pelo corredor cheio de destroços. De vez em quando eu podia distinguir esculturas nas paredes manchadas pelo tempo, algumas familiares, outras aparentemente adicionadas desde o período dos meus sonhos. Como essa era uma passagem que ligava os prédios, não havia arcos, exceto quando a rota passava pelos níveis mais baixos de várias edificações. Em algumas dessas interseções, me desviei o suficiente para olhar os corredores e cômodos bem lembrados. Só por duas vezes encontrei diferenças radicais em relação ao que sonhara; e, em um desses casos, pude discernir os contornos lacrados da arcada de que me lembrava.

Senti um tremor violento e um curioso surto de fraqueza paralisadora, enquanto corria apressado e relutante pela cripta de uma daquelas grandes torres arruinadas sem janelas, cuja alvenaria de basalto revelava uma origem sussurrada e horrível. Essa abóbada primitiva era redonda e tinha sessenta metros de largura, sem nada esculpido nas pedras escuras. O chão, nesse ponto, estava aqui livre de qualquer coisa exceto poeira e areia, e eu podia ver as aberturas que

levavam para cima e para baixo. Não havia escadas nem declives; na verdade, meus sonhos haviam retratado aquelas torres mais antigas como totalmente intocadas pela fabulosa Grande Raça. Aqueles que as construíram não precisaram de escadas ou rampas. Nos sonhos, a abertura para baixo tinha sido firmemente selada e muito bem vigiada. Agora ela se encontrava escancarada e escura, emitindo uma corrente de ar frio e úmido. Sobre quais cavernas ilimitadas da eterna escuridão poderiam estar à espreita lá embaixo, eu não me permitiria pensar.

Mais tarde, abrindo caminho pelo corredor, cheguei a um lugar onde o telhado havia desmoronado. Os destroços erguiam-se como uma montanha e subi por cima deles, passando por um vasto espaço vazio onde a luz de minha lanterna não revela nem paredes nem abóbada. Pensei que aquele deveria ser o porão da casa dos fornecedores de metal, em frente à terceira praça, não muito longe dos arquivos. O que acontecera com ela, eu não poderia conjecturar.

Encontrei o corredor novamente do outro lado da montanha de detritos e pedras, mas, depois de uma curta distância, encontrei um lugar totalmente sufocante onde a abóbada caída quase tocava o teto perigosamente abaulado. Como eu consegui arrancar e afastar blocos suficientes para permitir uma passagem, e como ousei perturbar os fragmentos apertados uns contra os outros quando a menor mudança de equilíbrio entre eles poderia ter derrubado todas as toneladas de alvenaria que poderia me esmagar até o nada, eu não sei. Foi a pura loucura que me impulsionava e me guiava; se, de fato, toda a minha aventura subterrânea não tiver sido, como eu espero, uma ilusão infernal ou parte de um sonho. Acontece que eu abri (ou sonhei que abri) uma passagem pela qual eu pudesse me esgueirar. Enquanto eu me contorcía sobre o monte de escombros com minha lanterna, ligada continuamente e enfiada dentro da minha boca, eu me senti dilacerado pelas fantásticas estalactites do teto irregular acima de mim.

Eu estava agora perto da grande estrutura arquivística subterrânea que parecia ser meu objetivo. Depois de deslizar e subir pelo lado mais distante da barreira, percorrendo o corredor restante com a lanterna piscando de maneira intermitente, cheguei finalmente a uma cripta baixa e circular ainda em um estado maravilhoso de preservação com arcos em todos os lados. As paredes, ou partes delas, como se apresentavam ao alcance da luz da minha lanterna, eram densamente hieroglifadas e entalhadas com símbolos curvilíneos típicos, alguns acrescentados depois do período dos meus sonhos.

Então, percebi que esse era meu destino e me virei de imediato para um arco familiar à minha esquerda. Estranhamente, eu pouco duvidava de poder encontrar uma passagem clara para cima e para baixo na rampa que desse acesso a todos os níveis restantes. Essa imensa pilha protegida da Terra, abrigando os anais de todo o sistema solar, fora construída com habilidade e força celestiais para durar tanto quanto o próprio sistema. Blocos de tamanho estupendo, equilibrados com a genialidade matemática e ligados a cimentos de incrível dureza, combinaram-se para formar uma massa tão firme quanto o núcleo rochoso do planeta. Aqui, após eras mais prodigiosas do que eu poderia compreender, o seu volume estava enterrado em todos os seus contornos essenciais; os vastos pisos, cheios de poeira, escassos com os lixos em outro lugar tão dominante.

A caminhada relativamente fácil desse ponto em diante afetou minha cabeça curiosamente. Toda a ansiedade frenética, até então frustrada pelos obstáculos, agora manifestava-se em uma espécie de velocidade febril, e eu literalmente corri pelas passagens de teto baixo, por mim muito bem lembradas, além da arcada. Eu já não me assustava mais com a familiaridade do que via. Em cada lado, as grandes prateleiras de metal com portas enfeitadas por hieróglifos assomavam-se monstruosamente; algumas ainda estavam no lugar, outras se abriram e algumas ainda se curvavam esmagadas por estresses geológicos não tão fortes o suficiente para quebrar a alvenaria titânica. Aqui e ali, um monte coberto de poeira abaixo de uma prateleira vazia parecia indicar onde as caixas haviam sido abaladas por tremores de terra. Em pilares ocasionais havia grandes símbolos ou letras proclamando classes e subclasses de volumes.

Em determinado momento, parei diante de um cofre aberto, onde vi algumas das caixas de metal ainda em posição original no meio do pó arenoso onipresente. Ao me levantar, desloquei um dos espécimes mais finos com alguma dificuldade e o coloquei no chão para inspeção. O título estava escrito naqueles hieróglifos curvilíneos predominantes, embora algo em seu arranjo me parecesse sutilmente incomum. O estranho mecanismo do fecho curvo era perfeitamente conhecido para mim, então abri a tampa inoxidável e puxei o livro que estava lá dentro. O último, como esperado, media cerca de cinquenta por quarenta centímetros de área e cinco centímetros de espessura, com capas de metal fino que abriam por cima. Suas páginas duras de celulose pareciam não ser afetadas pela miríade de ciclos de tempo que haviam passado, e eu li as letras do texto estranhamente pigmentadas, desenhadas a pincel; símbolos totalmente diferentes dos

hieróglifos curvos usuais ou de qualquer alfabeto conhecido pela erudição humana – com uma memória meio excitada. Concluí que essa era a linguagem usada por uma mente cativa que eu tinha conhecido em meus sonhos – uma mente vinda de um grande asteroide no qual havia sobrevivido muito da vida arcaica e do folclore do planeta primordial, do qual era um fragmento. Ao mesmo tempo, lembrei que aquele nível dos arquivos era dedicado a volumes sobre planetas não terrestres.

Quando parei de olhar esse documento incrível, vi que a luz da minha lanterna estava começando a falhar e logo inseri rapidamente a bateria extra que sempre tinha comigo. Então, com um brilho mais forte, retomei minha correria febril por emaranhados intermináveis de corredores e passagens – reconhecendo de vez em quando uma prateleira familiar e experimentando uma vaga irritação por conta das condições acústicas que fizeram meus passos ecoarem incongruentemente nessas catacumbas onde o silêncio e a morte ecoavam através dos tempos. As próprias marcas dos meus sapatos na poeira milenar e inexplorada me fizeram estremecer. Nunca antes, se meus sonhos malucos continham alguma coisa verdadeira, pés humanos haviam tocado esses pavimentos imemoriais. Eu não fazia ideia da razão de minha corrida insana. Havia, no entanto, alguma força maligna que direcionava minha vontade atordoada e lembranças enterradas, de modo que senti vagamente que não estava correndo ao acaso.

Cheguei a uma rampa descendente e segui por suas profundezas. Os pisos iam ficando para trás enquanto eu corria, mas não parei para explorá-los. Meu cérebro rodopiante começara a bater em um certo ritmo que fazia minha mão direita contrair-se em uníssono. Eu queria desbloquear algo e senti que sabia todas as torções e pressões necessárias para fazê-lo. Seria como um cofre moderno com fechadura aberta por combinação. Sonho ou não, eu já havia experimentado aquele movimento e ainda sabia como fazê-lo. Como um sonho, ou fragmento de lenda inconscientemente absorvida, poderia ter me ensinado um detalhe tão minucioso e tão complexo é algo que não tentei explicar para mim mesmo. Eu estava além de quaisquer pensamentos coerentes. Toda essa experiência (aquela familiaridade chocante com um monte de ruínas desconhecidas e aquela identidade monstruosamente exata de tudo aquilo diante de mim e o cenário que apenas fragmentos míticos e sonhos poderiam ter sugerido) não era um horror que estava além de toda a razão? Então, provavelmente foi minha convicção básica, como é agora durante meus momentos mais

sãos que eu não estava acordado de forma alguma, e que toda a cidade enterrada era apenas uma alucinação febril.

Por fim, cheguei ao nível mais baixo e desci à direita da rampa. Por alguma razão obscura, tentei suavizar meus passos, mesmo perdendo velocidade. Havia um espaço que eu tinha medo de cruzar naquele último piso, mais profundo, e, quando me aproximei, lembrei o que eu temia naquele lugar. Era apenas um dos alçapões com tiras de metal e muito bem vigiados. Não haveria guardas agora e, por causa disso, estremei e caminhei bem devagar, na ponta dos pés, como havia feito ao atravessar aquela abóbada de basalto preto, onde havia um alçapão tão aberto quanto uma boca. Senti uma corrente de ar frio e úmido, como eu havia experimentado ali, e desejei que meu rumo conduzisse em outra direção. Por qual motivo tive de seguir o curso específico que eu estava tomando, eu não sabia.

Quando cheguei ao nível mais baixo, vi que o alçapão da porta se abriu amplamente. À frente, as prateleiras surgiram novamente, e observei no chão, diante de uma delas, uma pilha coberta com um pouco de pó, onde alguns estojos haviam caído há pouco tempo. No mesmo instante, uma nova onda de pânico se apossou de mim, embora por algum tempo não conseguisse descobrir o motivo. Não era comum haver pilhas de estojos caídos, pois durante todos os éons esse labirinto sem luz havia sido atormentado pelas convulsões do céu e da terra e algumas vezes ecoado o barulho ensurdecedor dos objetos derrubados. Foi só quando eu estava do outro lado da travessia é que percebi a razão daqueles violentos tremores.

O que me incomodava não era a pilha, mas algo sobre a poeira no chão. À luz da minha lanterna, parecia que a poeira não era tão uniforme quanto deveria; havia lugares onde parecia mais fina, como se tivesse sido perturbada poucos meses antes. Eu não podia ter certeza daquilo, pois até mesmo esses lugares estavam cobertos por uma camada fina de pó; contudo, uma certa suspeita do que causara essa desigualdade era altamente inquietante. Quando aproximei a luz da lanterna de um dos lugares estranhos, não gostei do que vi, pois a ilusão de regularidade tornou-se muito grande. Era como se houvesse linhas regulares de impressões compostas; impressões feitas de três em três, cada uma com pouco mais de 30 centímetros quadrados e consistindo de cinco marcas quase circulares de três polegadas, uma antes das outras quatro.

Essas possíveis linhas de impressões quadradas pareciam conduzir em duas direções, como se alguma coisa tivesse ido para algum lugar e retornado. Elas eram evidentemente muito fracas e podem ter sido

ilusões ou uma coincidência, mas havia um elemento de terror sombrio e desajeitado no modo como estavam dispostas no chão. Já que em uma das extremidades delas havia o amontoado de caixas que deviam ter caído, não muito tempo antes, enquanto na outra extremidade estava o ameaçador alçapão com o vento frio e úmido, escancarado e sem vigias, revelando abismos que desafiavam a imaginação.

VIII.

O fato de minha estranha sensação de compulsão ser profunda e avassaladora é demonstrada pela conquista do meu medo. Nenhum motivo racional poderia ter me atraído depois daquela suspeita terrível de pegadas e das assustadoras memórias de sonhos que despertavam. No entanto, minha mão direita, mesmo tremendo de pavor, ainda pulsava ritmicamente em sua ânsia de abrir uma fechadura que esperava encontrar. Antes que eu percebesse, já havia passado por um monte de pilhas recentemente caídas e caminhava muito rápido, na ponta dos pés, por corredores cheios de poeira em direção a um ponto que parecia conhecer mórbida e terrivelmente bem. Minha mente fazia perguntas a si mesma cuja origem e relevância eu estava apenas começando a imaginar. A prateleira seria alcançável por um corpo humano? Minha mão humana poderia dominar todos os movimentos lembrados para abrir a fechadura? O segredo da fechadura estaria intacto e funcionando? E o que eu faria, o que ousaria fazer, com o que (como naquele momento comecei a perceber) eu esperava e temia encontrar? Isso provaria a verdade impressionante e arrebatadora de algo além de nossa imaginação ou mostraria apenas que eu estava sonhando?

No momento seguinte, eu sabia que tinha parado de andar na ponta dos pés e estava parado, olhando para uma fileira de estantes com prateleiras hieroglíficas enlouquecedoramente familiares. Elas estavam em um estado de preservação quase perfeito e apenas três das portas se abriram. Meus sentimentos em relação a essas prateleiras não podem ser descritos, tão absoluta e insistente era a sensação de sermos velhos conhecidos. Eu estava olhando para o alto, em uma fileira perto do topo e totalmente fora do meu alcance, e me perguntando como poderia escalar até lá em cima. Uma porta aberta a quatro fileiras da base me ajudaria, e as fechaduras das portas, se fechadas,

formavam possíveis travas para mãos e pés. Eu seguraria a lanterna entre os dentes quando minhas duas mãos fossem necessárias à empreitada. Acima de tudo, não podia fazer barulho. Seria difícil conseguir descer o que queria de seu lugar, mas provavelmente poderia prender o fecho móvel na gola do casaco e carregá-lo como uma mochila. Mais uma vez me perguntei se o segredo da fechadura estaria intacto. Que eu poderia repetir cada movimento familiar, não tinha a menor dúvida. Mas eu esperava que a coisa não rangesse ou estalasse, e que minhas mãos pudessem fazê-lo funcionar corretamente.

Enquanto pensava nessas coisas, coloquei a lanterna na boca e comecei a subir. As fechaduras projetadas eram péssimos apoios; mas, como eu esperava, a prateleira aberta ajudou muito. Usei a porta como borda da abertura em minha subida e consegui evitar qualquer rangido alto. Equilibrado na extremidade superior da porta, e inclinando-me para a direita, consegui alcançar a fechadura que procurava. Meus dedos, meio dormentes pelo esforço da subida, estavam muito desajeitados no começo, mas logo percebi que eram anatomicamente adequados. E o ritmo da memória era forte neles. Por meio de abismos desconhecidos, os intrincados movimentos secretos de alguma forma atingiram meu cérebro corretamente em todos os seus detalhes; em menos de cinco minutos de tentativas, houve um clique cuja familiaridade era ainda mais surpreendente, porque eu não tinha antecipado isso conscientemente. No momento seguinte, a porta de metal abriu-se lentamente, com um som um pouco mais fraco.

Atordado, olhei por cima da fileira dos estojos acinzentados expostos e senti uma forte onda de alguma emoção totalmente inexplicável. Bem ao alcance da minha mão direita, havia um estojo cujos hieróglifos curvos me faziam tremer com uma pontada infinitamente mais complexa do que um mero pavor. Ainda tremendo, consegui desalojá-lo em meio a uma chuva de flocos de areia e levá-lo para mim mesmo sem fazer nenhum barulho muito alto. Como no outro caso com que eu havia lidado, tinha pouco mais de cinquenta por quarenta centímetros de área, com desenhos matemáticos curvos em baixo-relevo. Em espessura, não passava de oito centímetros. Enroscando-o bruscamente entre mim e a superfície que eu estava escalando, me atrapalhei com o fecho e finalmente consegui prender o gancho. Ao levantar a tampa, coloquei o objeto pesado em minhas costas e coloquei o gancho em minha gola. Tendo as mãos livres naquele momento, desajeitadamente fui até o chão empoeirado e me

preparei para inspecionar meu prêmio.

Ajoelhando-me no pó arenoso, virei o estojo e o repousei à minha frente. Minhas mãos tremiam e eu temia puxar o livro quase tanto quanto eu o desejava, e me sentia compelido a fazê-lo. Gradualmente, ficou claro para mim o que eu deveria encontrar, e essa percepção quase paralisou minhas faculdades. Se a coisa estivesse lá, e se eu não estivesse sonhando, as implicações estariam muito além do que o espírito humano poderia suportar. O que mais me atormentou foi minha incapacidade momentânea de sentir que meu ambiente era um sonho. O senso de realidade era terrível, e novamente se repete quando me lembro da cena.

Por fim, trêmulo, puxei o livro de seu receptáculo e fiquei olhando fascinado os conhecidos hieróglifos na capa. Parecia estar em perfeitas condições, e as letras curvilíneas do título me mantinham em um estado quase tão hipnotizado como se eu pudesse lê-las. De fato, não posso jurar que realmente não os li em algum acesso temporário e terrível de memória anormal. Não sei quanto tempo demorou para que eu enfim levantasse a fina tampa de metal. Eu contemporizava e inventava desculpas para mim mesmo. Tirei a lanterna da boca e a desliguei para economizar bateria. Então, no escuro, eu me revesti de coragem e finalmente abri a capa do livro sem acender a luz. Por fim, de fato, acendi a lanterna diretamente na página exposta; me preparando antecipadamente para suprimir qualquer som, não importando o que eu encontrasse.

Olhei-a por um instante e quase desmaiei. Cerrando os dentes, no entanto, mantive o silêncio. Afundei-me totalmente no chão e coloquei a mão na testa em meio à escuridão envolvente. O que eu temia e esperava estava lá. Ou eu estava sonhando, ou o tempo e o espaço haviam se tornado uma zombaria. Eu devia estar sonhando; mas eu testaria o horror carregando aquela coisa de volta e mostrando-a ao meu filho, se isto fosse de fato uma realidade. Meus pensamentos formavam um redemoinho assustador, mesmo que não houvesse objetos visíveis na escuridão ininterrupta para girar ao meu redor. Ideias e imagens do terror mais nítido, despertadas pelas paisagens que meu vislumbre havia iniciado, começaram a aparecer em mim e a obscurecer meus sentidos.

Pensei nessas possíveis impressões na poeira e tremi ao som da minha própria respiração ao fazê-lo. Mais uma vez acendi a luz e olhei para a página assim como a vítima de uma serpente olha para os olhos e as presas de seu destruidor. Então, com os dedos desajeitados no escuro, fechei o livro, coloquei-o em seu recipiente e fechei a

tampa e o curioso fecho em gancho. Era isso o que eu deveria levar de volta ao mundo exterior se ele realmente existisse, se todo o abismo existisse de verdade, se eu e o próprio mundo realmente existíssemos.

Não tenho certeza do momento em que me levantei e comecei meu retorno, o que me ocorreu de modo estranho, como uma medida do meu senso de afastamento do mundo normal, que nem sequer olhei para o meu relógio durante aquelas horas terríveis no subsolo. Com a lanterna na mão, e com o estúpido estojo debaixo do braço, acabei por me encontrar novamente na ponta dos pés, em uma espécie de pânico silencioso, ao passar pelo abismo que dava calafrios e pelas sugestões ocultas de marcas no corredor. Reduzi minhas precauções enquanto subia as intermináveis rampas, mas não conseguia livrar-me de uma sombra de apreensão que não havia sentido na jornada descendente.

Eu temia passar por aquela cripta de basalto preto mais antiga que a própria cidade, onde correntes de frio brotavam de profundidades desprotegidas. Pensei naquilo que a Grande Raça temia e no que ainda poderia estar à espreita lá embaixo, ainda que estivesse muito fraco e moribundo. Pensei nessas possíveis pegadas em cinco círculos e no que meus sonhos me contaram sobre essas pegadas, e nos ventos estranhos e nos ruídos de assobio associados a elas. E pensei nos contos dos aborígenes modernos, nos quais se refletia o horror dos grandes ventos e das ruínas subterrâneas sem nome.

Eu conhecia, por meio de um símbolo esculpido na parede, o pavimento correto ao qual deveria me dirigir, e finalmente cheguei (depois de passar pelo outro livro que eu havia examinado) ao grande espaço circular com as arcadas ramificadas. À minha direita, e imediatamente reconhecível, estava o arco pelo qual eu havia chegado até lá. Passei por ele, consciente de que o resto de minha jornada seria mais difícil por causa dos destroços do lado de fora do prédio. Meu novo fardo revestido de metal pesava sobre mim, e eu achava cada vez mais difícil ficar quieto enquanto tropeçava entre detritos e fragmentos de todo tipo.

Então cheguei ao monte de detritos, que se encontravam quase na altura do teto, através dos quais eu havia aberto uma pequena passagem. Meu medo de me contorcer novamente era infinito, pois minha primeira passagem havia feito barulho e agora, depois de ver aquelas possíveis pegadas, eu temia qualquer som mais do que tudo. O estojo também havia aumentado o problema de atravessar a fenda estreita. Mas subi a barreira o melhor que pude e empurrei o estojo pela abertura à minha frente. Então, com a lanterna na boca, me arrastei com minhas costas sendo rasgadas como antes por estalactites.

Enquanto eu tentava pegar o estojo novamente, ele caiu um pouco à minha frente, descendo a ladeira de escombros, fazendo um barulho perturbador e despertando ecos que me fizeram suar frio. Eu me projetei para frente imediatamente e o recuperei sem fazer mais barulho; porém, um momento depois, o deslizamento de blocos debaixo dos meus pés provocou um som repentino e sem precedentes.

O barulho foi minha ruína. Visto que, real ou não, pensei ter ouvido em resposta sons terríveis bem atrás de mim. Pensei ter ouvido um assobio estridente, como algo nunca visto antes na Terra, e que ia além de qualquer descrição verbal adequada. Pode ter sido apenas minha

imaginação. Nesse caso, o que se seguiu tem uma ironia sombria; desde que, exceto pelo pânico inspirado por essa coisa, a segunda coisa pode nunca ter acontecido.

Da maneira como aconteceu, meu frenesi foi absoluto e desamparado. Peguei minha lanterna e apertei fracamente o estojo, dei um pulo e saí correndo loucamente, sem nenhuma ideia em minha cabeça além de um desejo louco de sair daquelas ruínas de pesadelo para o mundo desperto do deserto e da luz da Lua que estava acima. Eu mal percebi que havia chegado à montanha de escombros que se erguia na vasta escuridão além do teto desabado, então me feri e sofri vários cortes em meu corpo ao escalar a encosta íngreme de blocos e fragmentos irregulares. Então veio o grande desastre. No momento em que atravesssei cegamente o cume, despreparado para o mergulho repentino à frente, meus pés escorregaram completamente e me vi envolvido em uma avalanche de alvenaria deslizante, cujo barulho alto como um canhão dividiu o ar obscuro da caverna em uma série ensurdecadora de reverberações terríveis.

Não me lembro de como emergi desse caos, mas um fragmento momentâneo de consciência insinua que mergulhei, tropecei e avancei ao longo do corredor em meio ao clamor; e eu ainda tinha o estojo e a lanterna comigo. Então, quando me aproximei daquela cripta de basalto primitiva que eu tanto temia, veio a loucura total. Assim, quando os ecos da avalanche cessaram, tornou-se audível uma repetição daquele assobio assustador e alienígena que eu pensava ter ouvido antes. Dessa vez, não havia dúvida sobre ele; e, o que era pior, veio de um ponto que não estava atrás de mim, mas à minha frente.

Provavelmente gritei alto. Tenho uma imagem sombria de mim mesmo voando pela abóbada infernal de basalto das Coisas Ancestrais e ouvindo aquele maldito som alienígena que surgia da porta aberta e desprotegida de ilimitadas trevas subterrâneas. Também havia um

vento; não apenas uma corrente fria e úmida, mas uma explosão violenta e proposital se projetava selvagem e frigidamente daquele abominável abismo de onde vinha o assobio repulsivo.

Tenho lembranças de pular e tropeçar em obstáculos de todo tipo, com aquela torrente de vento e um som estridente crescendo a cada momento, parecendo ter o propósito de enrolar-se e torcer-se à minha volta, enquanto se lançava perversamente pelos espaços atrás e abaixo de mim. Embora na minha retaguarda, esse vento tinha o estranho efeito de dificultar, em vez de auxiliar, meu progresso, como se agisse como um nó ou um laço jogado ao meu redor. Desatento ao barulho que fiz, tropecei sobre uma grande barreira de blocos e estava novamente na estrutura que levava à superfície. Lembro-me de vislumbrar o arco na sala de máquinas e quase gritar quando vi a rampa que levava aonde um daqueles blasfemos alçapões devia estar escancarado dois níveis abaixo. No entanto, em vez de gritar, murmurei várias vezes para mim mesmo que tudo aquilo era um sonho do qual eu logo deveria acordar. Talvez eu estivesse no acampamento; talvez estivesse em minha casa, em Arkham. À medida que essas esperanças reforçavam minha sanidade, comecei a subir a rampa rumo ao nível mais alto.

Eu sabia, é claro, que havia uma fissura de quatro pés para atravessar, mas estava muito atormentado por outros medos para perceber o horror total, até que estive prestes a encará-lo. Na descida, o salto foi fácil, mas eu conseguiria subir tão rapidamente se fosse atrapalhado pelo medo, pela exaustão, pelo peso do estojo de metal e pelas rajadas de vento demoníacas? Pensei nessas coisas no último momento, e também nas entidades sem nome que podem estar à espreita nos abismos obscuros abaixo da fissura.

Minha lanterna oscilante estava ficando fraca, mas percebi, com alguma lembrança confusa, quando me aproximei da fenda. As rajadas frias de vento e os nauseosos assobios atrás de mim eram, por um momento, como um ópio misericordioso, que entorpecia minha imaginação diante do horror do abismo que se avizinhava. E então tomei consciência das explosões e assobios à minha frente: marés de abominação surgindo através da própria fissura de profundidades inimagináveis e insondadas.

Agora, de fato, a essência do puro pesadelo repousava sobre mim. A sanidade se foi; e ignorando tudo, exceto o impulso animal de fuga, apenas lutei e mergulhei sobre os escombros da rampa como se não houvesse um despenhadeiro à frente. Então vi a borda do abismo, pulei freneticamente com toda a força que possuía e fui

instantaneamente envolvido por um vórtice pandemoníaco de som repugnante e escuridão absoluta e tangível.

Este é o fim da minha experiência, até onde me lembro. Quaisquer outras impressões pertencem totalmente ao domínio do delírio fantasmagórico. Sonho, loucura e memória fundiram-se descontroladamente em uma série de ilusões fantásticas e fragmentárias que não podem ter relação com nada real. Houve uma terrível queda por incalculáveis léguas de trevas viscosas e sencientes, e uma babel de ruídos totalmente estranhos a tudo o que sabemos sobre a Terra e sua vida orgânica. Sentidos rudimentares e adormecidos pareciam obter vitalidade dentro de mim, relatando vazios e abismos povoados por horrores flutuantes que levavam a penhascos e oceanos sem Sol e cidades cheias de torres de basalto sem janelas, sobre as quais nenhuma luz jamais brilhava.

Segredos do planeta primordial e seus éons imemoriais relampejavam em meu cérebro sem a ajuda da visão ou da audição, e foi assim que fiquei sabendo de coisas que nem mesmo o mais selvagem dos meus sonhos anteriores havia sugerido. E o tempo todo, dedos frios de vapor úmido me apertavam e pegavam em mim, e aquele assobio condenável e estridente gritava diabolicamente sobre as alternâncias de babel e silêncio nos redemoinhos da escuridão ao redor.

Mais tarde, tive visões da cidade ciclópica dos meus sonhos; não em ruínas, mas exatamente como eu havia sonhado anteriormente. Eu estava novamente em meu corpo cônico, não humano, e me misturava com multidões da Grande Raça e com as mentes cativas que carregavam livros para cima e para baixo nos altos corredores e enormes rampas. Então, sobrepostas a essas imagens, vieram clarões assustadores de uma consciência não visual que envolvia lutas desesperadas, tentando se libertar dos tentáculos do vento que sibilava, um voo insano e parecido com um morcego no ar meio sólido, uma desesperada fuga pela escuridão causada por um ciclone, aos trancos e tropeços por cima da alvenaria desmoronada.

Em determinado momento, houve um curioso e intrusivo clarão de meia-vista; uma suspeita fraca e difusa de um brilho azulado bem acima de mim. Depois, surgiu o sonho em que eu escalava e me arrastava, perseguido pelo vento. De um contorcer para uma labareda de luar sardônico através de um monte de detritos que deslizavam e desmoronavam atrás de mim em meio a um furacão mórbido. Foi a pulsação maligna e monótona daquele enlouquecedor luar que finalmente posicionou meu retorno àquilo que eu já conhecia como o

mundo objetivo e de vigília.

Eu estava me arrastando nas areias do deserto australiano, e ao meu redor gritava um vento enraivecido que eu nunca tinha observado na superfície do nosso planeta. Minhas roupas estavam em trapos e todo o meu corpo era uma massa de contusões e arranhões. Voltei à consciência plena muito lentamente, e em nenhum momento eu poderia dizer exatamente onde a verdadeira memória havia parado e o onde o sonho delirante começara. Parecia haver um monte de blocos de titãs, um abismo abaixo, uma revelação monstruosa do passado e um horror de pesadelo no final, mas quanto disso era real? Minha lanterna sumira e, da mesma forma, qualquer estojo de metal que eu possa ter descoberto. Haveria existido realmente um estojo assim, ou algum abismo, ou algum monte? Erguendo a cabeça, olhei para trás e vi apenas as areias estéreis e onduladas do deserto.

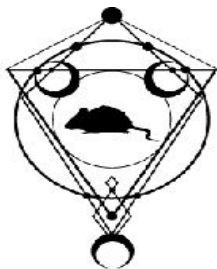
O vento demoníaco diminuiu e a Lua inchada e fungoide afundou avermelhada no Oeste. Eu me levantei e comecei a cambalear para o Sudoeste, em direção ao acampamento. O que realmente aconteceu comigo? Eu simplesmente sofri uma queda no deserto e me arrastei em um corpo cheio de sonhos por quilômetros de areia e blocos soterrados? Se não, como eu suportaria continuar a viver? Pois nessa nova dúvida toda a minha fé na irrealidade nascida dos mitos, provenientes de minhas visões, se dissolvia mais uma vez na antiga dúvida infernal. Se aquele abismo era real, então a Grande Raça era real, e suas conquistas e apreensões blasfemas no vórtice do tempo em todo o cosmos não eram mitos ou pesadelos, mas uma realidade terrível e destruidora.

Naquela realidade terrível, será que eu havia de fato sido atraído de volta para um mundo pré-humano de cento e cinquenta milhões de anos atrás naqueles dias sombrios e desconcertantes de amnésia? Meu corpo atual tinha sido o veículo de uma terrível consciência alienígena dos abismos paleoginosos do tempo? Eu, como a mente cativa daqueles horrores, realmente teria conhecido a amaldiçoada cidade de pedra em seu auge primordial e deslizado naqueles corredores familiares na forma repugnante de meu captor? Aqueles sonhos atormentadores de mais de vinte anos foram fruto de lembranças duras e monstruosas? Teria eu conversado com mentes comprovadamente de lugares inalcançáveis no tempo e no espaço, aprendido os segredos do passado e do futuro, e escrito os anais do meu próprio mundo para os estojos de metal desses arquivos titânicos? E aquelas outras, aquelas chocantes Coisas Ancestrais dos ventos loucos e assobios demoníacos, na verdade, uma ameaça

persistente e sempre à espreita, esperando e lentamente se enfraquecendo em abismos obscuros, enquanto as mais variadas formas de vida se desenvolviam em seus ciclos multimilenares na superfície envelhecida do planeta?

Eu não sei. Se aquele abismo e o que ele continha eram reais, não há esperança. Então, com toda a sinceridade, repousa sobre a humanidade uma sombra zombeteira e incrível fora do tempo. No entanto, felizmente, não há provas de que essas coisas sejam mais do que novas fases dos meus sonhos nascidos de mitos. Não trouxe de volta o estojo de metal que seria uma prova e, até agora, esses corredores subterrâneos não foram encontrados. Se as leis do universo forem realmente boas, eles nunca serão encontrados. Contudo, devo contar ao meu filho o que vi ou pensei ter visto e deixá-lo usar seu julgamento como psicólogo para avaliar a realidade da minha experiência e comunicar esse relato a outras pessoas.

Eu disse que a terrível verdade por trás dos meus difíceis anos torturados por sonhos depende absolutamente da realidade do que eu pensava ter visto naquelas ruínas ciclópicas enterradas. Foi difícil para mim escrever essa revelação crucial, embora nenhum leitor tenha deixado de adivinhá-la. É claro que a revelação de tudo estava naquele livro dentro do estojo de metal; aquele que tirei de seu covil esquecido em meio à poeira imperturbável de um milhão de séculos. Nenhum olho tinha visto, nenhuma mão havia tocado aquele livro desde o advento do homem neste planeta. E, no entanto, quando acendi a lanterna naquele terrível abismo megalítico, vi que as letras estranhamente pigmentadas nas páginas quebradiças de celulose amareladas não eram de fato hieróglifos inomináveis da época da juventude da Terra. Em vez disso, eram as letras do nosso alfabeto familiar, formando as palavras da língua inglesa em minha própria caligrafia.



OS RATOS NAS PAREDES

Em 16 de julho de 1923, mudei-me para o priorado de Exham, depois que o último trabalhador terminou o serviço. A restauração fora uma tarefa estupenda, pois pouco restara do prédio deserto a não ser uma ruína em forma de concha. Contudo, por ter sido o berço de meus ancestrais, não deixei que nenhum custo em relação a essa reforma me dissuadisse. O lugar não era habitado desde o reinado de Jaime I, quando uma tragédia de natureza intensamente hedionda, embora inexplicada, abateu o dono, cinco de seus filhos e vários servos, e, sob uma nuvem de suspeita e terror, o terceiro filho, meu ancestral em linha direta e o único sobrevivente daquela detestável raça. Com esse único herdeiro denunciado como assassino, a propriedade fora revertida para a coroa, e o acusado não fez qualquer tentativa de se exaltar ou recuperar sua propriedade. Abalado por algum horror maior que o da consciência ou da lei, e expressando apenas um desejo frenético de fazer sumir o edifício antigo de sua vista e memória, Walter de la Poer, décimo primeiro Barão de Exham, fugiu para a Virgínia e ali fundou a família que, no decorrer do próximo século, ficou conhecida como Delapore.

O priorado de Exham permanecera abandonado, embora mais tarde tenha sido anexado às propriedades da família Norrys e muito estudado por causa de sua arquitetura peculiarmente composta, que envolvia torres góticas que repousavam sobre uma subestrutura saxônica ou românica, cujas fundações, por sua vez, eram de uma

ordem ou mistura de ordens ainda mais antiga: romana, druida ou cimbrio nativo, se as lendas forem verdadeiras. Essas fundações eram algo muito singular, uma vez que estavam encravadas ao lado de uma sólida pedra calcária do precipício, de cuja beira o priorado dava para um vale desolado, a cinco quilômetros a Oeste da aldeia de Anchester. Arquitetos e antiquários adoravam examinar essa estranha relíquia de séculos esquecidos, mas o povo do campo a odiava. Eles já a odiavam centenas de anos antes, quando meus ancestrais ainda moravam lá, e ainda a odiavam nos dias atuais, com seu musgo e seu bolor do abandono. Eu ainda não tinha passado um dia em Anchester e já tinha conhecimento de que era descendente de uma casa amaldiçoada. E naquela semana os trabalhadores explodiram o priorado de Exham no ar, e agora estão ocupados em destruir os traços de suas fundações.

Sempre conheci a árvore genealógica dos meus ancestrais, por isso sabia que meu primeiro antepassado americano havia chegado às colônias sob uma nuvem estranha. Em relação aos detalhes, no entanto, sempre fui mantido na mais completa ignorância por meio da política de reticência sempre mantida pelos Delapore. Ao contrário de nossos vizinhos plantadores, raramente nos vangloriávamos de ter como ancestrais os cruzados ou quaisquer outros heróis medievais e renascentistas. Também não me fora transmitida qualquer tipo de tradição, exceto o que pode ter sido registrado dentro do envelope selado deixado antes da Guerra Civil por todos os escudeiros a seu filho mais velho para abertura após sua morte. As glórias que apreciávamos foram as alcançadas depois da migração; as glórias de uma linhagem altiva e honrada da Virgínia, embora um tanto reservada e antissocial.

Durante a guerra, nossas fortunas foram extintas e toda a nossa existência foi alterada por conta do incêndio de Carfax, nossa casa às margens do rio Jaime. Meu avô, avançado em anos, havia morrido naquele incêndio criminoso, e com ele se foi o envelope que nos ligava ao passado. Lembro-me daquele fogo ainda hoje como quando o vi, aos 7 anos de idade, com os soldados federais dando vivas, as mulheres gritando e os negros uivando e orando. Meu pai estava no exército, defendendo Richmond, e, depois de muitas formalidades, minha mãe e eu fomos submetidos às linhas para nos juntarmos a ele. Quando a guerra terminou, todos nos mudamos para o Norte, de onde minha mãe viera. Cresci, virei homem e fiquei rico, como um típico ianque. Nem meu pai nem eu sabíamos o que nosso envelope hereditário continha e, quando afundei na monotonia da vida comercial de Massachusetts, perdi todo o interesse pelos mistérios que

evidentemente espreitavam muito longe na minha árvore genealógica. Se eu suspeitasse da natureza desses mistérios, com que prazer deixaria o priorado de Exham e seus musgos, seus morcegos e suas teias de aranha!

Meu pai morreu em 1904, mas sem nenhuma mensagem para me deixar, ou para meu único filho, Alfred, um menino de 10 anos sem mãe. Foi esse garoto que reatou a ordem das informações da família, pois, embora eu pudesse lhe dar apenas conjecturas brincalhonas sobre o passado, ele me escreveu sobre algumas lendas ancestrais muito interessantes quando a última guerra o levou à Inglaterra em 1917 como oficial aviador. Aparentemente, os Delapore tinham uma história colorida e talvez sinistra, pois um amigo do meu filho, o capitão Edward Norrys, da Royal Flying Corps, morava perto da residência da família em Anchester e relatou algumas superstições locais que poucos romancistas poderiam igualar em loucura e incredibilidade. O próprio Norrys, é claro, não as levou a sério, mas elas divertiam meu filho e se apresentaram como um bom material para as cartas que me enviava. Essas lendas definitivamente chamaram minha atenção em relação à minha herança transatlântica e me fizeram decidir comprar e restaurar a sede da família que Norrys havia mostrado a Alfred em sua pitoresca deserção, e se oferecera para conseguir uma quantia surpreendentemente razoável por ela, pois seu tio era o proprietário atual.

Comprei o priorado de Exham em 1918, mas quase imediatamente me distraí dos meus planos de restauração por conta do retorno do meu filho como um inválido mutilado. Durante os dois anos em que ele viveu, não pensei em nada além de cuidar dele, tendo até mesmo colocado meus negócios sob a direção de um sócio. Em 1921, quando me vi enlutado e sem rumo, um industrial aposentado que não era mais jovem, resolvi dedicar meus anos restantes a minhas novas posses. Ao visitar Anchester em dezembro, fui recebido pelo capitão Norrys, um jovem gordo e amável que se lembrava muito de meu filho e prometeu ajudar na obtenção de planos e e curiosidades para orientar a restauração que se aproximava. Sem emoção, vi o priorado de Exham, uma confusão de ruínas medievais cobertas de líquen e alveoladas com ninhos de gralhas, empoleiradas perigosamente sobre um precipício e desprovidas de pisos ou outras características internas além das paredes de pedra das torres separadas.

À medida que gradualmente recuperava a imagem do edifício conforme havia sido quando meus antepassados o deixaram há mais de três séculos, comecei a contratar trabalhadores para a reconstrução.

Em todos os casos, fui forçado a sair da localidade, pois os aldeões de Anchester tinham um medo e ódio quase inacreditáveis. Esse sentimento era tão grande que, às vezes, era comunicado aos trabalhadores externos, causando numerosas deserções, embora seu escopo parecesse incluir o priorado e a família antiga.

Meu filho havia me dito que ele era evitado durante as visitas porque era um de la Poer, e então me vi sutilmente rejeitado pela mesma razão até convencer os camponeses do pouco que sabiam sobre minha herança. Mesmo assim, eles não gostavam de mim, de modo que tive de conseguir a maioria das tradições da aldeia por intermédio de Norrys. Talvez o povo não pudesse me perdoar, possivelmente, porque eu tinha vindo restaurar um símbolo tão abominável para eles, pois, racionalmente ou não, eles viam o priorado de Exham como nada menos que um assombro de demônios e lobisomens.

Reunindo as histórias que Norrys recolhera para mim e complementando-as com os relatos de vários sábios que estudaram as ruínas, deduzi que o priorado de Exham havia sido construído em um local que antes fora um templo pré-histórico. Uma coisa druida ou antedruida que deve ter sido contemporânea de Stonehenge. Que ritos indescritíveis haviam sido celebrados ali, poucos duvidavam, e havia histórias desagradáveis sobre a transferência desses ritos no culto de adoração a Cibele que os romanos haviam introduzido. As inscrições ainda visíveis no subsolo traziam letras inconfundíveis como “DIV... OPS... MAGNA. MAT...”, sinal da Magna Mater, cuja adoração sombria já fora em vão proibida aos cidadãos romanos. Anchester tinha sido o acampamento da terceira legião de Augusto, como muitos atestam, e dizia-se que o templo de Cibele era esplêndido e cheio de fiéis que realizavam cerimônias inomináveis por ordem de um sacerdote frígio. As lendas acrescentavam que a queda da antiga religião não acabou com as orgias no templo, e os sacerdotes viveram na nova fé sem mudanças muito significativas. Da mesma maneira, foi dito que os ritos não desapareceram com o poderio romano, e que alguns saxões edificaram o que restava do templo e deram a ele as linhas essenciais que posteriormente foram preservadas, tornando-o centro de um culto temido por muitas gerações. Por volta de 1.000 d.C., o local foi mencionado em uma crônica como sendo um priorado de pedra substancial no qual era abrigada uma ordem monástica estranha e poderosa, cercado por extensos jardins que não precisavam de muros para excluir uma população assustada. Nunca fora destruído pelos dinamarqueses, embora, após a conquista normanda, deva ter declinado tremendamente, pois não houve impedimento quando

Henrique III concedeu as terras ao meu antepassado, Gilbert de la Poer, o primeiro barão de Exham, em 1261.

Da minha família antes dessa data, não há relatos negativos, mas algo estranho deve ter acontecido então. Em uma crônica, há uma referência a de la Poer como “amaldiçoado por Deus” em 1307, enquanto as tradições da aldeia mencionam nada além de um medo e um mal frenético espalhados pelo castelo, erguido das fundações do antigo templo e priorado. As histórias contadas à beira do fogo eram da mais horrenda descrição, causada pela reticência assustada e evasão obscura. Eles representavam meus ancestrais como uma raça de demônios hereditários que faziam Gilles de Retz e o marquês de Sade parecerem verdadeiros novatos, e sugeriam, aos sussurros, que eles eram responsáveis pelo desaparecimento ocasional de moradores de várias gerações.

Os piores personagens, aparentemente, foram os barões e seus herdeiros diretos; ao menos, isso era o que a maioria comentava. Dizia-se que, se houvesse inclinações mais saudáveis, um herdeiro morreria cedo para misteriosamente dar lugar a outro descendente mais típico. Parecia haver um culto íntimo na família, presidido pelo chefe da casa, e às vezes fechado, exceto para alguns membros. O temperamento, em vez da ancestralidade, era evidentemente a base desse culto, pois foi praticado por vários que se casaram com membros da família. Lady Margaret Trevor, da Cornualha, esposa de Godfrey, o segundo filho do quinto barão, tornou-se a desgraça favorita de todas as crianças do local, e a heroína demoníaca de uma velha e horrível balada ainda não extinta de perto da fronteira com o País de Gales. Preservada por meio de baladas, também, embora não ilustre o mesmo ponto, ficou a terrível história de Lady Mary de la Poer, que pouco depois de seu casamento com o conde de Shrewsfield foi morta por ele e sua mãe, tendo os dois matadores sendo absolvidos e abençoados pelo padre a quem confessaram o que não ousavam repetir para o mundo.

Esses mitos e baladas, típicos de superstição grosseira, me aborreciam bastante. Sua persistência e sua aplicação a uma longa linhagem de meus ancestrais eram especialmente irritantes, ainda mais porque essas imputações de hábitos monstruosos relacionavam-se desagradavelmente com o único escândalo conhecido de um antepassado imediato: o caso de meu primo, o jovem Randolph Delapore, de Carfax, que foi viver entre os negros e tornou-se sacerdote vodu depois que voltou da Guerra do México.

Fiquei menos perturbado com as histórias vagas de lamentos e

uivos no vale estéril e varrido pelo vento sob o penhasco de pedra calcária, dos fedores do cemitério depois das chuvas da primavera, da coisa branca esvoaçante e estridente com que o cavalo de *sir* John Clave se assustara em uma noite em um campo solitário e do criado que enlouquecera com o que viu no priorado à luz do dia. Essas coisas faziam parte de histórias espectrais banais e, na época, eu era um cético convicto. Os relatos de camponeses desaparecidos eram menos para ser descartados, embora não fossem significativos em vista dos costumes medievais. Curiosidades indiscretas significavam a morte, e mais de uma cabeça decepada fora publicamente apresentada nos bastiões, agora extintos, no priorado de Exham.

Algumas das histórias eram extremamente pitorescas e me fizeram desejar ter aprendido mais sobre mitologia comparada na minha juventude. Havia, por exemplo, a crença de que uma legião de demônios com asas de morcego guardava o sabá das bruxas todas as noites no priorado; uma legião cuja subsistência poderia explicar a abundância desproporcional de vegetais grosseiros colhidos nos vastos jardins. E, o mais vívido de todos, havia o dramático episódio dos ratos: o exército fugitivo de vermes obscenos que irrompeu do castelo três meses após a tragédia que o condenou à deserção, o exército esguio, imundo e voraz que varrerá tudo à sua frente e devorara aves, gatos, cães, porcos, ovelhas e até dois seres humanos infelizes antes que sua fúria se esgotasse. Em torno desse exército inesquecível de roedores gira todo um ciclo separado de mitos, pois se espalhou pelas casas da aldeia e trouxe maldições e horrores em seu rastro.

Essas eram as histórias que chegaram até mim enquanto eu, com uma teimosia típica de pessoas idosas, tentava iniciar o trabalho de restauração do meu lar ancestral. Não se deve imaginar por um único momento que esses relatos formaram meu principal ambiente psicológico. No entanto, fui constantemente elogiado e encorajado pelo capitão Norrys e pelos antiquários que me cercavam e me ajudavam. Quando a tarefa foi concluída, mais de dois anos após o início, olhei para as grandes salas, paredes revestidas, tetos abobadados, janelas gradeadas e vastas escadarias com um orgulho que compensava totalmente as despesas prodigiosas da restauração. Todos os atributos da Idade Média foram astuciosamente reproduzidos, e as novas peças fundiram-se perfeitamente com as paredes e as fundações originais. O solar de meus ancestrais estava completo, e eu esperava poder finalmente resgatar a fama local da linhagem que terminava em mim. Eu residiria ali permanentemente e provaria que um de la Poer (pois havia adotado novamente a grafia

original do nome) não precisava ser visto como um demônio. Meu conforto talvez tenha sido aumentado pelo fato de que, apesar de o priorado de Exham ter sido uma reprodução medieval, seu interior era na verdade totalmente novo e livre de vermes e antigos fantasmas.

Como já disse, mudei-me para lá no dia 16 de julho de 1923. Havia sete criados e nove gatos, dos quais gostava particularmente. Meu gato mais velho, Nigger-Man, tinha 7 anos e viera comigo de minha casa em Bolton, Massachusetts; os outros foram sendo adotados enquanto morava com a família do capitão Norrrys durante a restauração do priorado. Durante cinco dias, nossa rotina continuou com a máxima placidez, passando meu tempo principalmente na codificação de dados antigos da família. Eu acabara obtendo alguns relatos muito circunstanciais da tragédia final e da fuga de Walter de la Poer, que imaginei ser o conteúdo provável dos papéis hereditários perdidos no incêndio em Carfax. Parecia que meu antepassado fora acusado, com muita razão, de ter matado todos os outros membros de sua casa durante o sono (exceto quatro criados que estavam com ele mancomunados), cerca de duas semanas após uma descoberta chocante que mudou o seu comportamento completamente, mas que, a não ser por indução, ele não revelou a ninguém, exceto, talvez, aos criados que o ajudaram e depois fugiram.

Esse massacre deliberado, que incluía um pai, três irmãos e duas irmãs, foi amplamente tolerado pelos aldeões, e tão levemente tratado pela lei que seu agressor escapou honrado, ileso e sem disfarce para a Virgínia. O sentimento geral era de que ele havia expurgado a Terra de uma maldição imemorial. Que descoberta havia levado a um ato tão terrível, eu mal conseguia conjecturar. Walter de la Poer devia ter conhecimento, há anos, das histórias sinistras sobre sua família, de modo que esse material não deveria lhe dar um novo impulso. Ele, então, testemunhara algum rito antigo assustador ou tropeçara em algum símbolo assustador e revelador no priorado ou em sua vizinhança? Ele tinha a reputação de ter sido um jovem tímido e gentil na Inglaterra. Na Virgínia, ele não parecia tão mau ou amargo, mas sim assombrado e apreensivo. Ele foi mencionado no diário de outro cavalheiro aventureiro, Francis Harley, de Bellview, como um homem de justiça, honra e delicadeza sem precedentes.

Em 22 de julho, ocorreu o primeiro incidente que, embora levemente descartado na época, assumiu um significado sobrenatural em relação a eventos posteriores. Era tão simples, que era quase insignificante e poderia simplesmente passar despercebido nessas

circunstâncias, pois deve-se lembrar que eu estava em um edifício praticamente novo e recente, exceto pelas paredes, e cercado por uma equipe de criados bem equilibrada. Sendo assim, qualquer apreensão teria sido absurda, a despeito da localidade. Do que me lembro é apenas isso: que meu velho gato preto, cujo humor eu conheço tão bem, estava indubitavelmente alerta e ansioso, de uma maneira totalmente fora de seu jeito natural. Ele andava de sala em sala, inquieto e perturbado, e cheirava constantemente as paredes que faziam parte da antiga estrutura gótica. Percebo como isso soa banal, como o cão das histórias de fantasmas, que inevitavelmente sempre rosna antes que seu mestre veja o fantasma, mas não posso reprimir o fato de maneira consistente.

No dia seguinte, um criado reclamou de inquietação entre todos os gatos da casa. Ele veio até meu escritório, uma sala a Oeste no segundo andar, com arcos ogivais, painéis de carvalho preto na parede e uma tripla janela gótica com vista para o penhasco de calcário e o vale desolado, e, enquanto falava, eu via o vulto de Nigger-Man rastejando pela parede a Oeste, arranhando os novos painéis que cobriam a pedra antiga. Eu disse ao homem que devia haver algum odor ou emanção singular da antiga alvenaria, imperceptível aos sentidos humanos, mas que afetava os delicados órgãos dos gatos, mesmo através da nova madeira. Eu realmente acreditava nisso e, quando o sujeito sugeriu a presença de camundongos ou ratos, mencionei que não havia ratos ali há trezentos anos e que mesmo os ratos-do-campo dos arredores dificilmente podiam ser encontrados àquela altura, onde nunca tinham sido vistos. Naquela tarde, chamei o capitão Norrys, e ele me garantiu que seria bastante incrível que ratos-do-campo pudessem infestar o priorado de maneira tão repentina e sem precedentes.

Naquela noite, dispensando, como sempre, o camareiro, me recolhi a meus aposentos na torre Oeste que eu escolhera, a qual era alcançada pelo escritório por uma escada de pedra e uma pequena galeria, a primeira parcialmente antiga, a segunda totalmente restaurada. O quarto era circular, muito alto e sem lambris, forrado com pano de arrás que eu mesmo escolhera em Londres. Vendo que Nigger-Man estava comigo, fechei a pesada porta gótica e me despi à luz das lâmpadas elétricas que imitavam tão habilmente as velas. Por fim, desliguei a luz e afundei em meu leito com dossel, tendo o venerável gato junto aos pés, como de costume. Não fechei as cortinas, mas olhei para a estreita janela que me encarava ao Norte. Havia uma suspeita de aurora no céu, e os delicados rendilhados da janela

formavam em silhueta agradável.

Em algum momento devo ter adormecido em silêncio, pois me lembro de uma sensação distinta de ter voltado de sonhos estranhos quando o gato saiu violentamente de sua posição plácida. Eu o vi através do fraco brilho da aurora, com a cabeça esticada para a frente, as patas dianteiras em meus tornozelos e as posteriores esticadas para trás. Ele estava olhando intensamente para um ponto na parede um pouco a Oeste da janela, um ponto que aos meus olhos não tinha nada de especial, mas para o qual toda a minha atenção estava agora direcionada. E, enquanto eu observava, sabia que Nigger-Man não se excitara em vão. Se o pano de arrás realmente se moveu, não posso dizer. Eu acho que sim, muito levemente. Mas o que posso jurar é que, por trás dele, ouvi um ruído baixo e distinto de ratos ou camundongos. Rapidamente, o gato pulou na tapeçaria, arrastando a parte suspeita ao chão com o seu peso e expondo uma antiga e úmida parede de pedra, remendada aqui e ali pelos restauradores, sem qualquer vestígio de roedores ladrões. Nigger-Man correu para cima e para baixo no chão por essa parte da parede, arranhando o pedaço de pano de arrás caído e aparentemente tentando inserir uma pata entre a parede e o piso de carvalho. Ele não encontrou nada e, depois de um tempo, voltou cansado para o seu lugar, perto dos meus pés. Não me movi, mas não dormi novamente naquela noite.

De manhã, interroguei todos os criados e constatei que nenhum deles havia notado algo incomum, exceto pela cozinheira, que se lembrava das ações de um gato que havia descansado no peitoril da janela de seu quarto. Esse gato miara em uma hora desconhecida da noite, acordando a cozinheira a tempo de vê-lo disparar buscando algo pela porta aberta, descendo as escadas. Cochilei após o almoço e, à tarde, liguei novamente para o capitão Norrys, que ficou muito interessado com o que eu lhe disse. Os incidentes estranhos, tão leves, mas tão curiosos, atraíram seu senso imaginativo e provocaram nele várias lembranças da tradição fantasmagórica local. Ficamos genuinamente perplexos com a presença de ratos, e Norrys me emprestou algumas armadilhas e trigo-roxo, que solicitei aos criados espalharem em locais estratégicos quando voltei.

Fui dormir cedo, com muito sono, mas fui perturbado por sonhos horríveis. Eu parecia estar olhando, de uma imensa altura, para uma gruta de dois metros de altura, cheia de sujeira até os joelhos, onde um homem demoníaco de barba branca, em trajes de porqueiro, pastoreava um bando de bestas flácidas e esponjosas cuja aparência me enchia de indescritível ódio. Então, quando o homem parou e

assentiu sobre sua tarefa, uma poderosa invasão de ratos começou a cair no abismo imundo e começou a devorar tanto os animais como o homem.

Fui abruptamente despertado dessa visão terrível pelos movimentos de Nigger-Man, que dormia como de costume nos meus pés. Dessa vez, não precisei questionar a fonte de seus rosnados e assobios, e do medo que o fez afundar suas garras no meu tornozelo, inconsciente de seus efeitos, pois em todos os lados do quarto as paredes pareciam vivas e emitindo um som nauseante: o chiado nojento verminoso de ratos gigantes e famintos. Agora não havia aurora para mostrar o estado do tecido de arrás, cujo pedaço caído havia sido substituído, mas eu não estava tão assustado a ponto de ter medo de acender a luz.

Quando as lâmpadas brilharam, vi por toda a tapeçaria, fazendo com que os desenhos um tanto peculiares executassem uma dança singular da morte. Aquele movimento desaparecera quase imediatamente e, com ele, o som também. Saltando da cama, cutuquei o tecido de arrás com o cabo longo de um aquecedor que repousava perto e afastei um pano para ver o que tinha atrás. Não havia nada além da parede de pedra remendada, e até o gato havia perdido seu aspecto tenso diante da presença de eventos anormais. Quando examinei a ratoeira circular que havia sido colocada no quarto, encontrei todas as aberturas desarmadas, embora não restasse nenhum vestígio do que algo tinha sido pego e escapado.

Dormir ainda estava fora de questão, então, acendi uma vela, abri a porta e saí na galeria em direção às escadas do meu escritório, com Nigger-Man seguindo os meus calcanhares. Antes de chegarmos aos degraus de pedra, no entanto, o gato disparou na minha frente e desapareceu escada abaixo. Enquanto descia as escadas, percebi de repente os sons no grande salão abaixo, sons de natureza inconfundíveis. As paredes com painéis de carvalho estavam cheias de ratos, que chiavam e roíam, enquanto Nigger-Man corria com a fúria de um caçador

perplexo. Chegando até o interruptor, acendi a luz, mas dessa vez o barulho não diminuiu. Os ratos continuaram seu tumulto, surgindo com tanta força e distinção que eu finalmente pude atribuir a seus movimentos uma direção definitiva. Essas criaturas, em números aparentemente inesgotáveis, estavam envolvidas em uma migração estupenda de alturas inconcebíveis para alguma profundidade concebível, ou inconcebível, abaixo.

Foi então que ouvi passos no corredor e, em seguida, dois criados abriram a enorme porta. Eles estavam procurando alguma fonte

desconhecida de perturbação que deixara todos os gatos em pânico e os levava a descer precipitadamente vários lances de escada até pararem, uivando, diante da porta fechada do subsolo. Perguntei-lhes se tinham ouvido os ratos, mas eles responderam negativamente. E, quando me virei para chamar atenção deles para os sons nos painéis, percebi que o barulho havia cessado. Com os dois homens, fui até a porta do subsolo, mas encontrei os gatos já dispersos. Mais tarde, resolvi explorar a cripta abaixo, mas apenas inspecionei as ratoeiras. Todas estavam desarmadas, porém vazias. Eu me convenci de que ninguém havia ouvido os ratos, exceto eu e os felinos, e fiquei sentado no escritório até a manhã seguinte, pensando profundamente e lembrando todos os pedaços de lendas que eu havia descoberto sobre o edifício que eu habitava.

Dormi um pouco à tarde, recostando-me na única cadeira confortável da biblioteca que meu plano medieval de mobília não havia conseguido banir. Mais tarde, telefonei para o capitão Norrys, que veio para me ajudar na exploração do subsolo. Absolutamente nada de ruim foi encontrado, embora não pudéssemos reprimir uma emoção ao saber que aquelas abóbodas haviam sido construídas por mãos romanas. Todos os arcos baixos e pilares maciços eram romanos; não o romanesco degradado dos saxões, mas o classicismo severo e harmonioso da era dos césores. De fato, as paredes estavam repletas de inscrições familiares aos antiquários que haviam explorado o local repetidamente – coisas como “P.GETAE. PROP... TEMP... DONA...” e “L. PRAEC... VS... PONTIFI... ATYS...”.

A referência a Atys me fez estremecer, pois havia lido Catulo e conhecia algo dos ritos hediondos do deus oriental, cujo culto era tão misturado ao de Cibele. Norrys e eu, à luz da lanterna, tentamos interpretar os desenhos estranhos e quase apagados em certos blocos de pedra irregularmente retangulares, geralmente considerados altares, mas não conseguíamos fazer muito com eles. Lembramos que um padrão, uma espécie de Sol irradiado, fora considerado pelos estudantes como de origem não romana, sugerindo que aqueles altares haviam sido apenas adotados pelos sacerdotes romanos de templos mais antigos e talvez primitivos que estiveram no mesmo local. Em um desses blocos havia algumas manchas que me fizeram pensar. O maior, no centro da sala, tinha certas características na superfície superior que indicavam sua conexão com o fogo, provavelmente oferendas de incenso.

Eram estes os pontos de vista naquela cripta diante de cuja porta os gatos miaram e onde Norrys e eu decidimos passar a noite. Mandamos

os criados trazerem catres, que foram instruídos a não se importar com as ações noturnas dos gatos, e Nigger-Man foi aceito tanto pela ajuda quanto pela companhia. Decidimos manter a grande porta de carvalho (uma réplica moderna com fendas para ventilação) bem fechada e, feito isso, nos recolhemos com lanternas ainda acesas, para aguardar o que aconteceria.

A abóbada era muito profunda nas fundações do priorado e, sem dúvida, muito abaixo da superfície do penhasco de pedra calcária que dominava o vale do deserto. Que esse era o objetivo dos ratos inquietos e inexplicáveis, eu não poderia duvidar, mas não soube dizer o motivo. Enquanto esperava deitado, minha vigília foi ocasionalmente interrompida por sonhos vagos, a partir dos quais os movimentos desconfortáveis do gato perto dos meus pés me despertavam. Os sonhos não eram saudáveis, mas horivelmente parecidos com o que eu tive na noite anterior. Vi novamente a gruta obscura, e o criador de porcos com suas feras esponjosas e indescritíveis afundando na imundície e, enquanto olhava para essas coisas, elas pareciam mais próximas e mais distintas; tão distintas, que eu quase conseguia observar seus traços. Então observei as feições flácidas de um deles, e acordei com um grito do qual o capitão Norrrys, que não havia dormido, ria consideravelmente. Norrrys poderia ter rido mais, ou talvez menos, se soubesse o que me fizera gritar, porém, apenas lembrei mais tarde. O horror extremo muitas vezes paralisa a memória de uma maneira aliviadora.

Norrrys me acordou assim que o fenômeno começou. Do pesadelo, fui despertado por ele, que me abanava calmamente e pedia para eu ouvir os gatos. De fato, havia muito o que ouvir, pois, além da porta fechada, no alto da escadaria de pedra, havia um verdadeiro pesadelo de gritos e arranhões felinos, enquanto Nigger-Man, indiferente à sua família do lado de fora, corria excitado pelas paredes de pedra lisa, nas quais ouvi a mesma babel de ratos correndo que me incomodara na noite anterior.

Um terror agudo surgiu dentro de mim, pois ali havia anomalias que nada poderia explicar. Esses ratos, se não eram fruto de uma loucura que eu compartilhava apenas com os gatos, deviam estar escavando e deslizando dentro das paredes romanas que eu pensava serem de sólidos blocos de pedra calcária, a menos que talvez a ação da água por mais de dezessete séculos tenha criado túneis que os corpos de roedores ampliaram. De qualquer forma, o horror spectral não era menor; pois se eram animais vivos, por que Norrrys não ouvia sua comoção repugnante? Por que ele insistiu para eu observar

Nigger-Man e a ouvir os gatos lá fora, e por que tentava adivinhar selvagem e vagamente o que poderia tê-los despertado?

Quando consegui contar a ele, da maneira mais racional possível, o que achava estar escutando, meus ouvidos me deram a última impressão da debandada de ratos, sempre para baixo, muito abaixo da cripta mais profunda, até parecer que todo o penhasco abaixo estava cheio de ratos fugidios. Norrys não aparentou ser tão cético quanto eu previra, mas parecia profundamente impressionado. Ele fez um sinal para mim, notando que os gatos na porta haviam cessado seu clamor, como se desistissem dos ratos, enquanto Nigger-Man tinha uma explosão de inquietação renovada e arranhava freneticamente o fundo do grande altar de pedra no centro da sala, que estava mais perto do catre de Norrys do que o meu.

Meu medo do desconhecido, nesse momento, era enorme. Algo surpreendente ocorrera e vi que o capitão Norrys, um homem mais jovem, robusto e presumivelmente mais materialista, foi afetado tanto quanto a mim mesmo; talvez por causa de sua familiaridade íntima e ao longo da vida com as lendas locais. No momento, não podíamos fazer nada além de observar o velho gato preto, enquanto ele arranhava a base do altar com crescente fervor, ocasionalmente olhando para mim e miando daquela maneira persuasiva que ele usava quando desejava que eu lhe prestasse algum favor.

Norrys pegou uma lanterna perto do altar e examinou o lugar onde Nigger-Man estava arranhando; ajoelhando-se silenciosamente e arrancando o líquen secular que unia o maciço bloco pré-romano ao pavimento lajeado. Ele não encontrou nada e estava prestes a abandonar seu esforço quando notei uma circunstância trivial que me fez estremecer, mesmo que isso não implicasse em nada mais do que eu já havia imaginado. Conteí a ele e observamos sua manifestação quase imperceptível com aquela fascinação fixa da descoberta e do reconhecimento. Foi apenas isso: a chama da lanterna, pousada perto do altar, tremulou leve, mas, certamente, por conta de uma corrente de ar que não havia recebido antes e que vinha sem dúvidas da fenda entre o chão e o altar de onde Norrys estava raspando o líquen.

Passamos o resto da noite no escritório brilhantemente iluminado, discutindo nervosamente o que deveríamos fazer a seguir. A descoberta de uma abóbada mais profunda do que a alvenaria mais profunda conhecida pelos romanos e que subjazia sob o prédio amaldiçoado (alguma abóbada não notada pelos antiquários de três séculos) teria sido suficiente para nos excitar sem nenhum fundo sinistro. Naquelas circunstâncias, o fascínio tornou-se dúbio, e ficamos

em dúvida entre abandonar nossa busca e o priorado para sempre por causa da cautela supersticiosa ou seguir nosso senso de aventura e enfrentar os horrores que nos aguardavam nas profundezas desconhecidas. Pela manhã, nos resolvemos e decidimos que iríamos a Londres para reunir um grupo de arqueólogos e cientistas aptos a lidar com o mistério. Deve-se mencionar que, antes de deixar o subsolo, tentamos em vão remover o altar central, que agora reconhecíamos como a porta para um novo poço de medo inominável. Qual segredo abriria o portão, homens mais sábios do que nós teriam de descobrir.

Durante muitos dias em Londres, o capitão Norrys e eu apresentamos fatos, conjecturas e histórias lendárias a cinco autoridades eminentes, todos homens em quem se podia confiar que respeitariam quaisquer segredos familiares revelados por futuras explorações que pudéssemos desenvolver. Achamos a maioria pouco disposta a zombar, mas, em vez disso, intensamente interessada e sinceramente solidária. Não é necessário nomear todos eles, mas posso dizer que estava entre eles *sir* William Brinton, cujas escavações no Troad interessaram ao mundo inteiro na época. Quando pegamos o trem para Anchester, senti-

-me à beira de revelações terríveis, uma sensação simbolizada pelo ar de luto entre os muitos ianques à notícia inesperada sobre a morte do presidente do outro lado do mundo.

Na noite de 7 de agosto, chegamos ao priorado de Exham, onde os criados me garantiram que nada de incomum havia acontecido. Os gatos, e até mesmo o velho Nigger-Man, estavam perfeitamente plácidos, e nenhuma armadilha na casa havia sido desarmada. Deveríamos começar a exploração no dia seguinte, e designei quartos bem-equipados para todos os meus convidados. Eu mesmo me recolhi em minha própria torre, com Nigger-Man nos meus pés. O sono veio rapidamente, mas sonhos terríveis me atacaram. Havia a visão de um banquete romano como o de Trimálquio, com algo horrendo em uma travessa coberta. Então apareceu aquela coisa maldita e recorrente sobre o criador de suínos e sua imundície na gruta crepuscular. No entanto, quando acordei, estava plena a luz do dia, com sons normais na casa abaixo. Os ratos, vivos ou espectrais, não me incomodaram; e Nigger-Man estava dormindo em silêncio. Ao descer, descobri que a mesma tranquilidade havia prevalecido em outros lugares, uma condição que um dos sábios ali presentes, um sujeito dedicado à física, chamado Thornton, atribuiu de maneira absurda ao fato de que eu já vira o que certas forças desejavam me mostrar.

Estava tudo pronto e, às onze horas da manhã, todo o nosso grupo

de sete homens, portando potentes lanternas e instrumentos de escavação, desceu ao subsolo, com a porta sendo trancada atrás de nós. Nigger-Man

estava conosco, pois os investigadores não viram razão para desprezar sua excitabilidade e estavam realmente ansiosos por ele estar presente em caso de manifestações obscuras de roedores. Observamos as inscrições romanas e os desenhos de altar desconhecidos apenas brevemente, pois três dos sábios já os tinham visto e todos conheciam suas características. Foi dada muita atenção ao importante altar central e, em uma hora, *sir* William Brinton fez com que ele se inclinasse para trás, equilibrado por alguma espécie de contrapeso oculto.

Surgiu um espetáculo horrível que nos teria desorientado se não estivéssemos preparados. Através de uma abertura quase quadrada no chão de ladrilhos, esparramada em um lance de degraus de pedra tão prodigiosamente desgastado, que no centro formava pouco mais do que um plano inclinado, havia uma horrível variedade de ossos humanos ou semi-humanos. Aqueles que mantiveram sua forma como esqueletos mostravam atitudes de medo e pânico e, acima de tudo, possuíam marcas de roedores. Os crânios denotavam pertencer a idiotas, cretinos ou seres primitivos. Acima dos degraus infernalmente espalhados, arqueava-se uma passagem descendente com aparência cinzelada da rocha sólida e de onde surgia uma corrente de ar. Essa corrente não foi repentina e nociva como se tivesse saído de uma cripta fechada, mas era uma brisa fresca e leve. Não paramos, mas, trêmulos, começamos a abrir passagem pelos degraus. Foi então que *sir* William, examinando as paredes talhadas, fez a estranha observação de que a galeria, de acordo com a direção dos entalhes, devia ter sido escavada de baixo para cima.

Neste momento, devo ser muito cuidadoso e escolher minhas palavras.

Depois de descer alguns degraus entre os ossos roídos, vimos que havia luz à frente. Não era uma fosforescência mística qualquer, mas uma luz do dia filtrada que não poderia vir senão das fissuras desconhecidas na estrutura rochosa que dava para o vale deserto. O fato de tais fissuras terem escapado do exterior não foi notável, pois o vale não apenas era totalmente desabitado, mas o penhasco era tão alto e assustador, que apenas um aeronauta poderia estudá-lo em detalhes. Mais alguns passos e ficamos literalmente sem respiração pelo que vimos, tão literalmente que Thornton, o investigador físico, desmaiou nos braços do homem atordoado que estava atrás dele.

Norrays, com seu rosto rechonchudo, totalmente branco e flácido, simplesmente soltou um grito inarticulado, enquanto penso que o que fiz foi abrir minha boca e cobrir meus olhos. O homem atrás de mim, o único do grupo mais velho que eu, resmungou o trivial “Meu Deus!” com a voz mais trêmula que já ouvi. Dos sete homens cultos, apenas *sir William Brinton* manteve a compostura, algo que lhe dava mais crédito, pois ele liderou o grupo e deve ter visto a cena primeiro.

Era uma gruta de enorme altura, estendendo-se mais longe do que qualquer olho podia ver. Um mundo subterrâneo de mistério ilimitado e de impressão horrível. Havia prédios e outros vestígios arquitetônicos; com um olhar aterrorizado, vi um estranho padrão de túmulos, um círculo selvagem de monólitos, uma ruína romana de cúpula baixa, uma pilha saxônica extensa e uma primitiva construção da Inglaterra, mas todos eram diminuídos pelo espetáculo macabro apresentado pela superfície geral do terreno. Por metros em volta dos degraus, estendia-se um emaranhado insano de ossos humanos, ou ossos pelo menos tão humanos quanto os dos degraus. Como um mar espumoso, eles se estendiam, alguns desmoronavam, mas alguns outros ainda estavam total ou parcialmente articulados como esqueletos. Estes, invariavelmente, em posturas de frenesi demoníaco, combatendo alguma ameaça ou agarrando outras formas com intenção canibal.

Quando o dr. Trask, o antropólogo, inclinou-se para classificar os crânios, encontrou uma raça inferior que o deixara completamente perplexo. Eles eram na maioria inferiores ao homem de Piltown na escala da evolução, mas em todos os casos definitivamente humanos. Muitos eram de grau superior e poucos eram os crânios de tipos sensivelmente mais desenvolvidos. Todos os ossos estavam roídos, principalmente por ratos, mas alguns, por aquela raça meio-humana. Misturados a eles havia muitos ossos minúsculos de ratos, membros caídos do exército letal que levou a cabo o feito antigo.

Eu me pergunto se qualquer homem entre nós viveu e manteve sua sanidade durante aquele dia terrível de descoberta. Hoffmann ou Huysmans não poderiam conceber uma cena mais selvagemmente incrível, mais freneticamente repelente ou mais goticamente grotesca do que a gruta através da qual nós sete cambaleamos, cada um tropeçando, revelação após revelação, e tentando não pensar em eventos que devem ter ocorrido ali trezentos, mil, dois mil ou dez mil anos atrás. Era a antecâmara do inferno, e o pobre Thornton desmaiou novamente quando Trask lhe disse que alguns daqueles esqueletos deviam ter sido quadrúpedes nas últimas vinte ou mais gerações.

O horror aumentou quando começamos a interpretar os restos arquitetônicos. Os quadrúpedes, com seus recrutas ocasionais da classe bípede foram guardados em jaulas de pedra, das quais eles devem ter saído em seu último delírio de fome ou medo de ratos. Havia grandes manadas deles, evidentemente engordados com os vegetais grosseiros cujos restos podiam ser encontrados como uma espécie de resíduo doentio no fundo de enormes caixas de pedra mais antigas que Roma. Agora eu sabia por que meus ancestrais tinham jardins tão grandes: para coisas celestiais não eram! O objetivo dos rebanhos não era mais um mistério agora.

Sir William, parado com sua lanterna na ruína romana, traduziu em voz alta o ritual mais chocante que já conheci e falou da dieta do culto antediluviano que os sacerdotes de Cibele encontraram e misturaram com os seus. *Norrys*, acostumado com as trincheiras, mesmo assim não conseguia andar direito quando saiu do prédio inglês. Eram um açougue e uma cozinha ele esperava isso, mas era demais ver instrumentos ingleses familiares em tal lugar, e ler a grafia inglesa familiar ali, alguns escritos de 1610. Eu não podia entrar naquele prédio, cujas atividades demoníacas foram interrompidas apenas pela adaga do meu ancestral *Walter de la Poer*.

Só me atrevi a entrar na construção saxã, cuja porta de carvalho havia caído, e lá encontrei uma fileira terrível de dez celas de pedra com barras enferrujadas. Três tinham ocupantes, todos esqueletos de alta evolução, e no dedo indicador ósseo de um, eu encontrei um anel de sinete com meu próprio brasão de armas. *Sir William* encontrou uma cúpula com celas muito mais antigas abaixo da capela romana, mas elas estavam vazias. Abaixo, havia uma cripta com caixões de ossos organizados em ordem, alguns deles com inscrições paralelas terríveis esculpidas em latim, grego e frígio. Enquanto isso, *Trask* abriu um dos túmulos pré-históricos e trouxe à luz crânios que eram um pouco mais humanos que os de um gorila e que tinham entalhes ideográficos indescritíveis. Entre todo esse horror, meu gato seguia imperturbável. Dei uma olhada nele e o vi empoleirado monstruosamente no topo de uma montanha de ossos e me perguntei sobre os segredos que poderiam estar por trás de seus olhos amarelos.

Tendo compreendido, de algum modo, as terríveis revelações dessa área nebulosa; tão terrivelmente prenunciada pelo meu sonho recorrente, voltamos para a profundidade aparentemente sem limites da caverna da meia-noite, onde nenhum raio de luz do penhasco podia penetrar. Jamais saberemos quais inescrutáveis mundos estigianos vão além da pouca distância que percorremos, pois foi decidido que tais

segredos não eram bons para a humanidade. Mas vimos o bastante para ficarmos perto uns dos outros, pois ainda não tínhamos ido muito longe quando as lanternas mostraram a infinidade de buracos onde os ratos se banquetearam e cuja súbita falta de reabastecimento levou a um raivoso exército de roedores que se lançou sobre rebanhos de seres humanos fracos pela inanição e depois a saírem do priorado em uma orgia histórica de devastação de que os camponeses nunca se esquecerão.

Meu Deus! Aqueles buracos negros podres, abarrotados de ossos e crânios perfurados! Aqueles abismos de pesadelo entupidos com os ossos de pitecantropoides, celtas, romanos e ingleses de incontáveis séculos não consagrados! Alguns deles estavam cheios, e ninguém poderia dizer quão profundos eram. Não conseguimos ver o fundo de outros, mesmo com nossas lanternas, mas pareciam povoados por sombras hostis. O que, pensei, fora feito dos ratos infelizes que se precipitaram em tais buracos em meio à escuridão de suas buscas naquele terrível Tártaro?

Meu pé deslizou perto de um horrível abismo e tive um momento de medo extático. Devo ter ficado suspenso por algum tempo, pois não pude ver ninguém do grupo senão o gordo capitão Norrys. Então veio um som daquela vastidão escura, sem limites e mais distante, que eu pensei conhecer, e vi meu velho gato preto passando por mim como um deus egípcio alado, direto para o abismo ilimitado do desconhecido. Eu também não fiquei muito para trás, pois não havia dúvidas após mais um segundo. Iniciou-se uma corrida eletrizante daqueles ratos nascidos do diabo, sempre em busca de novos horrores, e determinados a me levar até as cavernas escarnescentes do centro da terra, onde Nyarlathotep, o deus louco e sem rosto, uiva cegamente para as flautas de dois faunos amorfos idiotas.

Minha lanterna desligou, mas ainda assim corri. Ouvi vozes, uivos e ecos, mas, acima de tudo, erguia-se aquela impiedosa e insidiosa corrida, erguendo-se suavemente, como um cadáver inchado e rígido sobe um rio oleoso que flui sob intermináveis pontes de ônix para um mar negro e podre. Algo pulou em mim: macio e rechonchudo. Devem ter sido os ratos; o exército viscoso, gelatinoso e faminto que se deleita com os mortos e os vivos... Por que os ratos não comeriam um de la Poer, assim como um de la Poer comia coisas proibidas? A guerra comeu meu garoto, diabos os carreguem! E os ianques comeram Carfax com chamas e o grão-senhor Delapore e o segredo. Não, não, eu lhe digo, eu não sou aquele demônio que cuida dos porcos na gruta crepuscular! Não era o rosto gordo de Edward Norrys naquela coisa

flácida e fúngica! Quem disse que eu sou um de la Poer? Estava vivo, mas meu garoto morreu! Um Norrys deve manter as terras de um de la Poer? É um vodu, eu digo! Aquela cobra manchada... Maldito seja, Thornton, vou ensiná-lo a desmaiar com medo do que a minha família fazia! Você vai sangrar, seu fedorento. Vou te ensinar o que é bom. Magna Mater! Magna Mater!... Atys... Dia ad aghaidh's aodann. agus bas dunach ort! Dhonas's dholas ort, agus leat-sa! Ungl... ungl ... rrrlh... chchch...

Foi o que eles disseram que eu falei quando me encontraram na escuridão depois de três horas. Eu estava agachado na escuridão sobre o corpo gordo e comido ao meio do capitão Norrys, com meu próprio gato pulando e rasgando minha garganta. Agora eles explodiram o priorado de Exham, tiraram meu Nigger-Man de mim e me fecharam neste lugar gradeado de Hanwell com sussurros temerosos sobre minha hereditariedade e minhas experiências. Thornton está aqui ao lado, mas me impedem de falar com ele. Eles também estão tentando suprimir a maioria dos fatos relativos ao priorado. Quando falo do pobre Norrys, eles me acusam de algo horrível, mas devem saber que eu não fiz aquilo. Eles devem saber que foram os ratos rastejantes e apressados, cujas fugas nunca me deixam dormir. Ratos demoníacos que correm atrás do reboco deste quarto e me chamam para horrores maiores do que aqueles que já conheci. Os ratos que eles nunca conseguirão. Os ratos, os ratos nas paredes.



OS GATOS DE ULTHAR

Dizem que em Ulthar, que fica além do rio Skai, nenhum homem pode matar um gato, e nisso posso realmente acreditar quando olho aquele que está ronronando diante do fogo. Pois os gatos são enigmáticos e estão sempre próximos de coisas estranhas que os homens não podem ver. Eles são a alma do antigo Egito e portadores de histórias de cidades esquecidas em Meroë e Ophir. São parentes dos senhores da selva e herdeiros dos segredos da África respeitada e sinistra. A Esfinge é sua prima e eles falam sua língua, mas são mais antigos que a Esfinge e lembram daquilo que ela já esqueceu.

Em Ulthar, antes que os burgueses proibissem a matança de gatos, havia uma cabana onde moravam um velho e sua esposa, que se deliciavam em prender e matar os gatos de seus vizinhos. Por que eles fizeram isso, não sei; mas muitos odeiam voz de gatos durante a noite e lamentam que eles corram furtivamente pelos quintais e jardins no crepúsculo. No entanto, seja qual for o motivo, esse velho e sua mulher tiveram prazer em aprisionar e matar todos os gatos que se aproximavam do casebre; e, por conta de alguns dos sons ouvidos depois do anoitecer, muitos moradores imaginavam que a maneira

deles de matar era extremamente peculiar. Os camponeses não discutiam essas coisas com o velho e sua esposa; por causa da expressão carrancuda habitual no rosto secos dos dois, e porque o chalé era muito pequeno e estava sombriamente escondido sob os carvalhos espalhados no fundo de um quintal abandonado. Na verdade, por mais que os donos de gatos odiassem essas pessoas estranhas, eles os temiam mais; e, em vez de repreendê-los como assassinos brutais, apenas cuidavam para que nenhum bichinho de estimação se desviasse em direção ao casebre remoto sob as árvores escuras. Quando, por alguma supervisão, um gato era esquecido, e os sons eram ouvidos depois do escurecer, o perdedor lamentava por sua impotência ou

consolava-se agradecendo ao destino por não ter sido um de seus filhos a desaparecer. O povo de Ulthar era simples e não sabia de onde vinham todos os gatos.

Um dia, uma caravana de estranhos andarilhos do Sul entrou nas ruas estreitas de Ulthar. Eles eram andarilhos escuros, diferentes das outras pessoas itinerantes que passavam pela vila duas vezes por ano. Nos mercados, eles liam a sorte dos transeuntes por dinheiro e compravam contas coloridas dos comerciantes. Ninguém sabia qual era a terra desses andarilhos, mas viu-se que eles eram dados a orações estranhas e que pintavam figuras estranhas com corpos humanos e cabeças de gatos, falcões, carneiros e leões nas laterais de suas carroças. E o líder da caravana usava um capacete com dois chifres e um disco curioso entre ambos.

Havia nessa caravana singular um menino sem pai ou mãe, e que tinha apenas um pequeno gatinho preto para cuidar. A praga não havia sido gentil com ele, mas o deixara com aquela coisinha peluda para atenuar sua tristeza, e, quando alguém é muito jovem, pode encontrar um grande alívio nas palhaçadas que um gatinho preto faz. Assim, o garoto, a quem as pessoas de pele escura chamavam Menes, sorria com mais frequência do que chorava enquanto brincava com seu gracioso gatinho nos degraus de uma carroça com pinturas estranhas.

Na terceira manhã da estadia dos andarilhos em Ulthar, Menes não encontrou seu gatinho e, enquanto chorava alto no mercado, certos camponeses lhe contaram sobre o velho e sua esposa, e sobre os sons ouvidos durante a noite. Quando ele ouviu esses relatos, seus soluços deram lugar à meditação e, finalmente, à oração. Ele estendeu os braços em direção ao Sol e rezou em uma língua que nenhum camponês conseguia entender, embora, de fato, os camponeses não

tenham se esforçado muito para entender, já que sua atenção, agora, era ocupada principalmente pelo céu e pelas formas estranhas que as nuvens estavam assumindo. Tudo muito peculiar, mas, enquanto o garotinho fazia seu pedido, pareciam se formar no alto figuras sombrias e nebulosas de coisas exóticas; de criaturas híbridas coroadas com discos ladeados com chifres. A natureza guarda muitas ilusões para aqueles que têm imaginação fértil.

Naquela noite, os andarilhos deixaram Ulthar e nunca mais foram vistos. E os moradores ficaram preocupados quando perceberam que em toda a vila não havia um gato sequer. Gatos domésticos tinham desaparecido de cada casa: gatos grandes e pequenos, pretos, cinza, listrados, amarelos e brancos. O velho Kranon, o burgomestre, jurou que o povo de pele escura havia levado os gatos em vingança pelo assassinato do gatinho de Menes, e amaldiçoou a caravana e o menino; porém, Nith, o notário magro, declarou que o velho e sua esposa eram mais suspeitos, pois o ódio deles pelos gatos era notório e cada vez mais ousado. Ainda assim, ninguém tinha coragem de se queixar ao casal sinistro, mesmo quando o pequeno Atal, o filho do estalajadeiro, jurou ter visto, ao anoitecer, todos os gatos de Ulthar naquele maldito quintal sob as árvores, andando devagar e solenemente em círculo ao redor da cabana, em pares, como se estivessem realizando algum inédito rito bestial. Os camponeses não sabiam se podiam acreditar em um garoto tão pequeno e, apesar de temerem que o par maligno tenha encantado os gatos até a morte, preferiram não repreender o velho até que o encontrassem do lado de fora de seu quintal escuro e odioso.

Ulthar foi dormir com raiva e, ao amanhecer, quando o povo acordou, lá estavam todos os gatos de volta à sua casa! Grandes e pequenos, pretos, cinza, listrados, amarelos e brancos, não faltava nenhum. Os gatos ronronavam alto, sonoros e gordos. Os cidadãos conversaram entre si sobre o caso e ficaram maravilhados. O velho Kranon mais uma vez insistiu que os homens de pele escura os haviam levado, já que os gatos não retornavam vivos da cabana do velho e de sua esposa. Mas todos concordaram em uma coisa: que a recusa de todos os gatos em comer suas porções de carne ou beber seus potinhos de leite era extremamente curiosa. E por dois dias inteiros os elegantes e preguiçosos gatos de Ulthar não tocaram em comida, apenas cochilaram perto do fogo ou sob o Sol.

Passou uma semana antes que os moradores notassem que não havia luzes acesas nas janelas da cabana ao anoitecer e Nith observou que ninguém tinha visto o velho ou sua esposa desde a noite em que

os gatos sumiram. Na semana seguinte, o burgomestre decidiu superar seus medos e ir até a casa estranha e silenciosa por uma questão de obrigação; embora, ao fazê-lo, tivesse o cuidado de levar consigo o ferreiro Shang e o lapidador Thul como testemunhas. E, quando arrombaram a porta frágil, encontraram apenas isto: dois esqueletos humanos limpos, sem carne nem pele, no chão de terra e vários besouros rastejando nos cantos sombrios.

Mais tarde, houve muita conversa entre os habitantes de Ulthar. Zath, o legista, discutiu longamente com Nith, o notário magro, e Kranon, Shang e Thul estavam sobrecarregados de perguntas. Até o pequeno Atal, o filho do estalajadeiro, foi interrogado e recebeu um doce como recompensa. Eles falavam do velho e de sua esposa, da caravana de andarilhos escuros, do pequeno Menes e de seu gatinho preto, da oração de Menes, do céu durante a prece, do comportamento dos gatos na noite em que a caravana partia e do que foi encontrado mais tarde na cabana, sob as árvores escuras no horrível quintal.

E, no final, os burgueses aprovaram a lei notável que até hoje é contada pelos comerciantes de Hatheg e discutida pelos viajantes de Nir, a saber: em Ulthar, nenhum homem pode matar um gato.



A COR QUE CAIU DO ESPAÇO

A Oeste de Arkham, as colinas erguem-se selvagens e há vales com bosques profundos que nenhum machado jamais cortou. Existem vales escuros e estreitos, onde as árvores inclinam-se de maneira fantástica, e onde riachos finos fluem sem nunca terem captado o brilho da luz do Sol. Nas encostas mais suaves, há fazendas antigas e rochosas, com cabanas atarracadas, cobertas de musgo, que refletem eternamente sobre os velhos segredos da Nova Inglaterra, sob os limites de grandes rochas; mas agora estão todas vazias, as largas chaminés desmoronando e as laterais caindo sob o peso dos telhados.

Os antigos se foram e os estrangeiros não gostam de morar lá. Os franco-canadenses tentaram, os italianos também o fizeram, e os poloneses chegaram e partiram. Isso não acontece por conta de algo que pode ser visto, ouvido ou manipulado, mas por causa de algo que é imaginado. O lugar não é bom para a imaginação e não traz sonhos tranquilos à noite. Deve ser isso que mantém os estrangeiros afastados, pois o velho Ammi Pierce nunca lhes contou nada do que se lembra a respeito daqueles dias estranhos. Ammi, cuja cabeça é um pouco esquisita há anos, é o único que ainda permanece no local, ou que consegue falar sobre os dias estranhos; e ele o faz porque sua casa é muito perto dos campos abertos e das estradas movimentadas em torno de Arkham.

Havia uma estrada que atravessava as colinas e os vales, que cortava diretamente o local onde está o descampado maldito, mas as pessoas deixaram de usá-la e então uma nova estrada foi construída na direção do Sul. Ainda podem ser encontrados vestígios da antiga estrada em meio às ervas daninhas de um deserto que sempre volta, e alguns destes, sem dúvida, permanecerão mesmo quando metade dos vales forem inundados pelo novo reservatório de água. Então, a floresta escura será cortada e o descampado adormecerá muito abaixo das águas azuis, cuja superfície espelhará o céu e ondulará ao Sol. E os segredos daqueles dias estranhos serão os únicos com os segredos das profundezas; únicos com a tradição oculta do velho oceano, e todos os mistérios da Terra primitiva.

Quando entrei nas colinas e nos vales para procurar o novo reservatório, eles me disseram que o lugar era amaldiçoado. Eles me disseram isso em Arkham e, como essa cidade é muito antiga, cheia de lendas de bruxas, pensei que essa maldição devia ser algo que as avós sussurravam para as crianças através dos séculos. O nome “descampado maldito” me pareceu muito estranho e teatral, e eu me perguntava como ele havia sido inserido no folclore de um povo tão puritano. Então, vi aquele emaranhado escuro de vales e encostas a Oeste e parei de imaginar qualquer coisa além do próprio antigo mistério. Era de manhã quando eu a vi, mas a sombra espreitava sempre lá. As árvores cresciam espessas demais e seus troncos eram muito grandes para qualquer madeira vigorosa da Nova Inglaterra. Havia muito silêncio nos becos escuros entre elas, e o chão estava macio demais por causa do musgo úmido e dos capachos formados por infinitos anos de decadência.

Nos espaços abertos, principalmente ao longo da estrada antiga, havia pequenas fazendas nas encostas; às vezes com todas as construções ainda em pé, às vezes com apenas uma ou duas delas, e às vezes com apenas uma chaminé ou um porão. Ervas daninhas e espinheiros reinavam no local, e coisas selvagens e furtivas farfalhavam na vegetação rasteira. Havia uma névoa de inquietação e opressão sobre todas as coisas; um toque do irreal e do grotesco, como se algum elemento vital de perspectiva ou contraste estivesse na direção errada. Não me perguntei por que os estrangeiros não permaneciam lá, pois essa região não era interessante para dormir. Era como uma paisagem de Salvator Rosa, muito parecida com uma xilogravura proibida em um conto de terror.

Contudo, nada poderia ser tão ruim quanto o descampado maldito. Soube disso no momento em que o encontrei no fundo de um vale

espaçoso, pois nenhum outro nome poderia se encaixar nessa coisa, ou qualquer outra coisa se encaixaria nesse nome. Era como se o poeta tivesse cunhado a expressão após ter visto essa região em particular. Pensava que devia ser o resultado de um incêndio, mas por que nada de novo havia crescido sobre aqueles cinco acres de desolação cinzenta que se estendiam pelo céu como uma enorme mancha consumida pelo ácido nos bosques e nos campos? Situava-se em grande parte ao Norte da antiga estrada, mas invadia uma região do outro lado. Senti uma estranha relutância em me aproximar, e finalmente o fiz apenas porque meus negócios me pediam. Não havia vegetação de nenhum tipo naquela vasta extensão de terra, mas apenas uma fina poeira cinzenta que nenhum vento parecia conseguir soprar. As árvores próximas a ele estavam doentes e atrofiadas, e muitos troncos mortos estavam em pé ou jaziam apodrecendo. Enquanto caminhava às pressas, vi os tijolos e as pedras caídos de uma antiga chaminé e de um porão à minha direita, ao lado de um poço abandonado cujos vapores estagnados faziam reflexos estranhos de acordo com os tons da luz do Sol. Até a longa e escura subida da floresta parecia bem-vinda em contraste, e então pude compreender os sussurros assustados do povo de Arkham. Não havia casas ou ruínas por perto. Mesmo nos velhos tempos, o lugar deve ter sido solitário e remoto. E, no crepúsculo, com medo de atravessar aquele local ameaçador, voltei para a cidade pela estrada curva ao Sul. Eu desejava, indeciso, que algumas nuvens se formassem, pois um estranho temor sobre os profundos vazios do céu infiltrara-se em minha alma.

À noite, perguntei aos moradores mais antigos de Arkham sobre o descampado maldito e o que significava a expressão “dias estranhos” que tantos evasivamente murmuravam. Não consegui, contudo, obter boas respostas, exceto que todo o mistério era muito mais recente do que eu sonhara. Não era uma questão de lendas antigas, mas algo pertencente à vida daqueles que a diziam. Isso aconteceu na década de 1880, quando uma família havia desaparecido ou sido morta. As pessoas não diziam nada com exatidão, e todas mandavam eu não prestar atenção nos loucos relatos do velho Ammi Pierce. Procurei-o na manhã seguinte, depois de ouvir que ele morava sozinho na antiga cabana caindo aos pedaços, onde as árvores começavam a crescer. Era um lugar assustadoramente arcaico, e começara a exalar aquele leve odor sufocante que se agarra a casas muito antigas. Somente após bater na porta repetidas vezes consegui despertar o velho e, quando ele se aproximou timidamente da porta, percebi que não estava feliz

em me ver. Ele não era tão fraco como eu esperava, mas seus olhos pareciam caídos; suas roupas puídas e sua barba branca o fizeram parecer muito cansado e triste. Sem saber como fazê-lo me contar suas histórias, fingi que estava ali a negócios; disse a ele sobre minha pesquisa e fiz perguntas vagas sobre o distrito. Ele era muito mais brilhante e educado do que eu havia sido levado a pensar e, antes que eu percebesse, já havia compreendido mais sobre o assunto do que me contara qualquer homem com quem conversei em Arkham. Ele não era como outros rústicos que eu conheci nas seções onde deveriam ser construídos os reservatórios. Não houve protestos quanto às milhas de florestas e terras agrícolas a serem destruídas, embora talvez o fizesse se a casa dele não estivesse fora dos limites do futuro lago. Alívio foi tudo o que ele demonstrou; alívio pelos escuros vales antigos, nos quais ele passara a vida inteira. Eles estariam melhor debaixo d'água agora, desde aqueles dias estranhos. E, depois de dizer isso, sua voz rouca foi diminuindo de volume, enquanto seu corpo se inclinava para frente e o indicador direito começava a apontar, trêmulo e impressionante.

Foi então que ouvi a história e, quando a voz divagadora sussurrava roucamente, estremei de novo e de novo, apesar de estarmos no verão. Muitas vezes, eu tinha que me lembrar de interromper as divagações, descobrir pontos científicos que ele conhecia apenas por ter uma leve lembrança, baseada no que os pesquisadores diziam, ou preencher as lacunas quando lhe faltava senso de lógica e continuidade. Quando ele terminou de falar, entendi que estava um tanto abalado, e que o povo de Arkham não gostava de falar muito do descampado maldito. Corri de volta para o hotel antes do pôr do sol, não querendo que as estrelas surgissem acima de mim ao ar livre. No dia seguinte, retornei a Boston para me demitir. Não queria entrar naquele caos escuro da velha floresta novamente ou enfrentar outra vez o cinzento descampado maldito, onde o poço escuro escancarava profundamente a boca ao lado de tijolos e pedras caídos. O reservatório será construído em breve, e todos os segredos mais antigos estarão a salvo para sempre sob bravias aquosas. Contudo, mesmo assim, não acredito que gostaria de visitar esse lugar à noite; pelo menos não quando as estrelas sinistras estiverem no céu, e nada poderia me subornar a ponto de ter de beber a nova água da cidade de Arkham.

Tudo começou, disse o velho Ammi, com o meteorito. Antes daquele tempo, não havia lendas selvagens desde os julgamentos das bruxas, e mesmo assim esses bosques ocidentais não eram tão temidos

quanto a pequena ilha no Miskatonic, onde o diabo mantinha corte ao lado de um curioso altar de pedra mais antigo que os índios. Os bosques não eram assombrados, e seu crepúsculo fantástico nunca fora terrível até aqueles dias estranhos. Então veio aquela nuvem branca do meio-dia, aquela série de explosões no ar e aquela coluna de fumaça no vale distante na floresta. E à noite toda Arkham ouvira falar da grande rocha que caiu do céu e se fixou no chão ao lado do poço onde vivia Nahum Gardner. Aquela era a casa onde ficava o maldito descampado; a casa branca de Nahum Gardner em meio a seus jardins e pomares férteis.

Nahum havia chegado à cidade para contar às pessoas sobre a pedra e durante o caminho foi até a casa de Ammi Pierce. Ammi tinha quarenta anos então, e todas as coisas estranhas estavam gravadas com muita força em sua mente. Ele e a esposa haviam acompanhado os três professores da Universidade do Miskatonic, que se apressaram na manhã seguinte para ver o estranho visitante de um espaço estelar desconhecido, e se perguntaram por que Nahum havia dito que ele era tão grande no dia anterior. Nahum disse que havia encolhido ao apontar o grande monte acastanhado acima da terra revolvida e da grama carbonizada perto da varredura arcaica do poço no quintal da frente, mas os sábios responderam que pedras não encolhem. O calor do objeto persistiu, e Nahum declarou que ele brilhava fracamente durante a noite. Os professores tentaram bater nele com um martelo de geólogo e descobriram que era estranhamente macio. Na verdade, era tão macio, que parecia quase plástico; e eles arrancaram, em vez de lascar, uma amostra para levar de volta à faculdade como teste. Eles a levaram em um balde velho emprestado da cozinha de Nahum, pois até aquele mísero pedaço se recusava a esfriar. Na viagem de volta, pararam na casa de Ammi para descansar e pareciam pensativos quando a senhora Pierce observou que o fragmento estava ficando menor e queimando o fundo do balde. Na verdade, não era grande, mas talvez eles tivessem levado menos do que pensavam.

No dia seguinte, tudo isso em junho de 1882, os professores saíram a campo novamente com grande entusiasmo. Ao passarem por Ammi, disseram-lhe que coisas estranhas o espécime havia feito e como desapareceu completamente quando o colocaram em um copo de vidro. O copo também se fora e os sábios falaram da estranha afinidade da pedra pelo silício. Ele havia agido incrivelmente naquele laboratório: não fez nada e não liberou gases ocluídos quando aquecido no carvão, foi totalmente negativo na pérola de bórax e logo provou-se absolutamente não volátil a qualquer temperatura

produtiva, incluindo a do maçarico de oxigênio e hidrogênio. Parecia altamente maleável na bigorna e, no escuro, sua luminosidade era muito acentuada. Recusando-se teimosamente a esfriar, logo a universidade ficou em um estado de verdadeira emoção diante do espécime e, quando aquecido no espectroscópio, exibia faixas brilhantes, diferente de qualquer cor conhecida. Havia muita conversa sobre a descoberta de novos elementos, propriedades ópticas bizarras e outros fatores que intrigavam os homens da ciência quando confrontados com o desconhecido.

Quente como estava, eles o testaram em um cadinho com todos os reagentes adequados. Com água, não reagiu. O mesmo aconteceu com o ácido clorídrico. O ácido nítrico e até a água-régia produziram não mais do que sibilos e estouravam um pouco contra a invulnerabilidade tórrida do espécime. Ammi teve dificuldade em recordar todas essas coisas, mas reconheceu alguns solventes conforme os fui mencionando na ordem comum de uso. Utilizaram amônia e soda cáustica, álcool e éter, dissulfeto de carbono nauseante e uma dúzia de outras substâncias, mas, embora seu peso diminuísse com o passar do tempo, e o fragmento parecesse esfriar um pouco, não houve alteração nos solventes de maneira que tivessem atacado a substância. Era um metal, sem sombra de dúvida. Era magnético, por um lado, e, após sua imersão nos solventes ácidos, parecia haver traços fracos das figuras de Widmannstätten encontradas no ferro meteórico. Quando o resfriamento aumentou bastante, os testes foram realizados *in vitro*, e foi em um béquer que eles deixaram todas as lascas do fragmento original durante o trabalho. Na manhã seguinte, as lascas e o recipiente de vidro desapareceram sem deixar vestígios, e restou apenas um ponto chamuscado na prateleira de madeira onde estavam.

Os professores disseram tudo isso ainda na porta da casa de Ammi, e mais uma vez o velho foi ver o mensageiro de pedra vindo das estrelas com eles, embora dessa vez sua esposa não os acompanhasse. Agora certamente havia encolhido, e mesmo os sóbrios professores podiam duvidar da verdade do que viram. Perto do poço, havia um espaço vago, exceto onde a terra havia desabado, e, apesar de ter medido uns bons dois metros no dia anterior, agora media pouco mais de um metro. Ainda estava quente, e os sábios estudaram sua superfície com curiosidade, enquanto separavam outra peça maior com martelo e cinzel. Dessa vez, eles a cavaram profundamente e, ao retirar a massa menor, viram que o núcleo da coisa não era muito homogêneo.

Eles descobriram o que parecia ser a lateral de um grande glóbulo

colorido embutido na substância. A cor, que lembrava algumas das faixas no estranho espectro do meteoro, era quase impossível de descrever, e foi apenas por analogia que eles chamaram aquilo de cor. Sua textura era brilhante e, ao tocá-la, parecia frágil e vazia. Um dos professores deu um golpe certo com um martelo, e o espécime estourou com um pequeno estalo. Não havia nada dentro dele, e todos os vestígios da coisa desapareceram com a perfuração. Ficou para trás um espaço esférico oco com cerca de 8 centímetros de diâmetro, e todos acharam provável que outros fossem descobertos quando a substância que os envolvia se esvaísse.

As conjecturas foram em vão; então, após uma fútil tentativa de encontrar glóbulos adicionais por meio de perfuração, os pesquisadores se foram novamente com seu novo espécime, que, no entanto, provou ser tão extraordinário no laboratório quanto seu antecessor. Além de ser quase plástico, possuía calor, magnetismo e leve luminosidade, e resfriava suavemente quando em contato com ácidos poderosos, apresentando um espectro desconhecido, que se deteriorava no ar e atacava compostos de sílica com resultados destrutivos. Como resposta, não apresentou nenhuma característica que pudesse identificá-lo e, no final dos testes, os cientistas da faculdade foram forçados a admitir que não podiam classificá-lo. Não era nada que já houvesse existido na Terra, mas um pedaço do espaço e, como tal, repleto de propriedades externas e sujeito a leis não conhecidas.

Naquela noite, houve uma tempestade e, quando os professores foram até a casa de Nahum no dia seguinte, tiveram uma grande decepção. A pedra, por mais magnética que tivesse sido, devia ter alguma propriedade elétrica peculiar, pois havia “atraído raios”, como disse Nahum, com uma persistência singular. O fazendeiro viu o relâmpago atingir o jardim da frente seis vezes em uma hora e, quando a tempestade acabou, nada restou além de uma cova irregular pela antiga varredura do poço, meio sufocada pela terra desabada. A escavação não deu frutos, e os cientistas comprovaram seu completo desaparecimento. Foi um total fracasso, de modo que nada restava a fazer senão voltar ao laboratório e testar novamente o fragmento que desaparecia e fora deixado cuidadosamente revestido de chumbo. Esse fragmento durou uma semana, no final da qual nada significativo foi descoberto. Quando acabou, nenhum resíduo foi deixado para trás e, com o tempo, os professores mal tinham certeza de que haviam visto com olhos vívidos aquele vestígio enigmático dos abismos insondáveis de algum lugar além, aquela mensagem solitária e estranha de outros

universos e outros domínios da matéria, força e entidade.

Como era natural, os jornais de Arkham fizeram uma grande cobertura do incidente por conta de seu patrocínio universitário e enviaram repórteres para conversar com Nahum Gardner e sua família. Ao menos um diário de Boston também enviou um repórter, e Nahum rapidamente tornou-se uma espécie de celebridade local. Ele era magro, simpático, tinha cerca de 50 anos, e morava com sua esposa e três filhos em uma agradável fazenda no vale. Ele e Ammi trocavam visitas frequentemente, assim como suas esposas; e Ammi não fez nada além de tecer elogios para ele depois de todos aqueles anos. Ele parecia um pouco orgulhoso da atenção que o lugar onde morava havia atraído e continuou falando frequentemente do meteorito nas semanas seguintes. Naqueles meses calorosos de julho e agosto, Nahum trabalhou duro preparando feno no pasto de dez acres em Chapman's Brook. Sua carreta barulhenta fazia sulcos profundos nas pistas sombrias entre eles. O trabalho o cansou mais do que em outros anos, e ele sentiu que a idade estava começando a chegar.

Depois, veio o tempo das frutas e da colheita. As peras e as maçãs amadureceram lentamente, e Nahum jurou que seus pomares estavam prosperando como nunca antes. As frutas cresciam em tamanho fenomenal e com brilho incontrolável, e com tanta abundância, que foram encomendados barris extras para lidar com a colheita futura. No entanto, com o amadurecimento delas, veio também uma decepção dolorosa. Apesar de toda aquela variedade deslumbrante de luxúria ilusória, nem uma única fruta era comestível. No sabor fino das peras e das maçãs havia uma amargura e uma doença furtivas, de modo que até a menor das mordidas provocava uma repulsa permanente. O mesmo aconteceu com os melões e os tomates, e Nahum viu tristemente que toda a sua colheita estava perdida. Logo ele conectou os eventos e declarou que o meteorito havia envenenado o solo e agradeceu aos céus que a maioria das outras plantações estava no terreno montanhoso ao longo da estrada.

O inverno chegou cedo e estava muito frio. Ammi viu Nahum com menos frequência do que o habitual e observou que ele começara a parecer preocupado. O resto de sua família também parecia ter ficado taciturno, e quase nunca apareciam na igreja ou participavam de vários eventos sociais do campo. Não conseguia encontrar motivo para essa reserva ou melancolia, embora sua família, vez ou outra, confessasse notar sua saúde precária e um sentimento de vaga inquietação. O próprio Nahum deu a declaração mais definitiva que qualquer um quando disse que estava perturbado com certas pegadas

na neve. Eram as habituais pegadas de inverno de esquilos vermelhos, coelhos brancos e raposas, mas o fazendeiro pensativo professava ver algo estranho na natureza e na disposição dessas pegadas. Ele nunca foi específico, mas parecia pensar que elas não eram tão características da anatomia e dos hábitos de esquilos, coelhos e raposas como deveriam ser. Ammi ouviu essa conversa sem mostrar interesse até uma noite em que passou com seu trenó pela casa de Nahum no caminho de volta de Clark's Corners. Havia Lua no céu e um coelho estava atravessando a rua, e os saltos daquele animal eram tão altos, que deixavam Ammi ou seu cavalo incomodados. Este último, de fato, teria fugido se não tivesse sido segurado por uma rédea firme. Depois disso, Ammi deu mais crédito às histórias de Nahum e se perguntou por que os cachorros dos Gardner pareciam tão intimidados e trêmulos todas as manhãs. Eles quase pararam de latir.

Em fevereiro, os meninos McGregor de Meadow Hill estavam atirando em marmotas e, não muito longe da propriedade dos Gardner, abateram um espécime muito peculiar. As proporções de seu corpo pareciam levemente alteradas de uma maneira estranha, impossível de descrever, enquanto seu rosto assumia uma expressão que ninguém jamais vira em uma marmota antes. Os rapazes ficaram de fato assustados e jogaram a coisa longe, para que apenas suas histórias grotescas chegassem às pessoas do campo. No entanto, todos sabiam que os cavalos se negavam a chegar perto da casa de Nahum, e toda a base para um ciclo de lendas sussurradas estava rapidamente tomando forma.

As pessoas juravam que a neve derreteria mais rápido em torno da casa de Nahum do que em qualquer outro lugar e, no início de março, houve uma discussão no armazém de Potter, em Clark's Corners. Stephen Rice passara pela casa de Gardner de manhã e notara os repolhos-gambás subindo pela lama na floresta do outro lado da estrada. Coisas daquele tamanho nunca tinham sido vistas antes, e exibiam cores estranhas que não podiam ser descritas por palavra alguma. Suas formas eram monstruosas, e o cavalo bufou com um odor que Stephen nunca havia sentido. Naquela tarde, várias pessoas foram ver o crescimento fora do normal daqueles vegetais, e todos concordaram que plantas desse tipo nunca brotariam em um lugar saudável. Os frutos ruins do outono anterior foram mencionados por todos e passou de boca em boca que havia veneno no solo de Nahum. Claro que era o meteorito! E, lembrando-se de como era estranho o espécime encontrado pelos homens da universidade, vários fazendeiros foram conversar com eles.

Certo dia os professores visitaram Nahum, mas, como não tinham amor por histórias e pelo folclore selvagem, eram muito céticos em suas deduções. As plantas eram certamente estranhas, mas todos os repolhos-gambás são mais ou menos estranhos em forma, odor e matiz. Talvez algum elemento mineral da pedra tivesse entrado no solo, mas logo seria diluído. E quanto às pegadas e aos cavalos assustados, é claro que tudo isso eram meras lendas do campo inspiradas em um fenômeno como o aerólito. Não havia realmente nada que homens sérios pudessem fazer em casos de tamanhas fofocas, pois rústicos supersticiosos dirão e acreditarão em qualquer coisa. E assim, durante todos aqueles dias estranhos, os professores mantiveram-se distantes e com desprezo. Apenas um deles, quando recebeu dois frascos de pó para análise em um trabalho policial mais de um ano e meio depois, lembrou que a cor estranha daquele repolho-gambá era muito parecida com uma das faixas anômalas de luz mostradas pelo fragmento de meteoro no espectroscópio da faculdade, e com o glóbulo quebradiço encontrado embutido na pedra do abismo. As amostras desta análise produziram as mesmas faixas do início, embora mais tarde tenham perdido a propriedade.

As árvores brotaram prematuramente ao redor da casa de Nahum e, à noite, balançavam ameaçadoramente ao vento. O segundo filho de Naum, Thaddeus, um rapaz de 15 anos, jurou que elas também balançavam quando não havia vento, mas mesmo as piores fofocas não dariam crédito a isso. Era certo, de qualquer maneira, que a inquietação estava no ar. Toda a família Gardner desenvolveu o hábito de parar o que estivesse fazendo para ouvir furtivamente, embora não pudessem nomear cada som de forma consciente. A escuta foi, de fato, um produto de momentos em que a consciência parecia ter-lhes escapado. Infelizmente, essas situações foram aumentando semana a semana, até que se tornou um discurso comum que “algo estava errado com a família de Nahum”. As primeiras saxífragas se mostraram com uma cor estranha; não muito parecida com a do repolho-gambá, mas claramente relacionada e igualmente desconhecida para quem a viu. Nahum levou algumas flores a Arkham e mostrou-as ao editor da *Gazette*, mas tal dignitário não fez nada mais do que escrever um artigo bem-humorado sobre elas, no qual os medos sombrios dos rústicos eram ridicularizados educadamente. Foi um erro de Nahum contar a um homem da cidade sobre como as grandes borboletas-antíope, cujas asas pareciam mantos de luto, comportavam-

se em conexão com essas saxífragas.

Abril trouxe uma espécie de loucura para o povo do campo, quando a estrada que passava além da casa de Nahum começou a entrar em desuso. Era a vegetação. Todas as árvores do pomar brotavam em cores estranhas e, através do solo pedregoso do quintal e das pastagens adjacentes, surgia um crescimento bizarro de vegetais que apenas um botânico podia conectar com a flora adequada da região. Não havia cores sãs e saudáveis em lugar algum, exceto na grama e nas folhas verdes, e em todo lugar havia aquelas agitadas e prismáticas variações de alguma doença, ocultando tons primários sem lugar entre os tons conhecidos na Terra. Os calções-de-holandês tornaram-se uma ameaça sinistra, e as sanguinárias-do-canadá ficaram insolentes em sua perversão cromática. Ammi e os Gardner pensaram que a maioria das cores tinha uma espécie de familiaridade assustadora e decidiram que elas lembravam um dos glóbulos quebradiços do meteoro. Nahum arou e semeou o pasto de quatro hectares e o terreno montanhoso, mas não fez nada com a terra ao redor da casa. Ele sabia que isso seria inútil e esperava que o verão tirasse todo o veneno do solo. Ele estava preparado para quase tudo agora, e havia se acostumado com a sensação de algo perto dele esperando para ser ouvido. Ficou triste com o afastamento dos vizinhos, mas sua esposa ficou ainda mais. Os meninos estavam melhores, indo à escola todos os dias, mas não puderam deixar de se assustar com as fofocas. Thaddeus, um jovem especialmente sensível, foi o que mais sofreu.

Em maio, os insetos chegaram, e a propriedade de Nahum tornou-se um pesadelo de zumbidos e rastejamentos. A maioria das criaturas parecia pouco usual em seus aspectos e movimentos, e seus hábitos noturnos contradiziam tudo o que era conhecido. Os Gardner passaram a ficar de sentinela à noite, procurando por alguma coisa em todas as direções... Mas eles não sabiam bem o quê. Foi então que todos eles concordaram que Thaddeus estava certo sobre as árvores. A sra. Gardner viu os ramos inchados de um bordo contra um céu iluminado pela Lua. Os galhos certamente se mexeram e não havia vento. Devia ser a seiva. A estranheza havia tomado conta de tudo o que crescia. No entanto, não foi a família de Nahum quem fez a próxima descoberta. A familiaridade os havia feito indiferentes, e o que eles não puderam ver foi vislumbrado por um tímido vendedor de moinhos de vento de Bolton, que passou uma noite ignorando as lendas do país. O que ele contou em Arkham recebeu um pequeno parágrafo na *Gazette*; e foi lá que todos os agricultores, inclusive

Nahum, ficaram sabendo o que havia acontecido. A noite estava escura e as lâmpadas da charrete ficaram fracas, mas ao redor de uma fazenda no vale que todos sabiam ser de Nahum, a escuridão era menos densa. Uma fraca luminosidade, embora distinta, parecia penetrar em toda a vegetação, grama, folhas e flores, enquanto, em determinado momento, um pedaço de material fosforescente parecia agitar-se furtivamente no quintal, perto do celeiro.

Até agora, a grama parecia intocada e as vacas pastavam livremente perto da casa, mas no final de maio seu leite começou a ficar ruim. Nahum levou as vacas para as terras altas, e os problemas cessaram. Pouco tempo depois, a mudança na grama e nas folhas tornou-se aparente para os olhos. Toda a vegetação estava ficando cinza e desenvolvendo uma qualidade altamente singular de fragilidade. Ammi era agora a única pessoa que tinha visitado o local, e suas visitas estavam se tornando cada vez mais escassas. Quando a escola fechou, os Gardner foram praticamente isolados do mundo e, às vezes, deixavam Ammi fazer suas tarefas na cidade. A saúde física e mental da família estava se deteriorando, e ninguém ficou surpreso quando surgiram as notícias sobre loucura da senhora Gardner.

Aconteceu em junho, no aniversário da queda do meteoro, quando a pobre mulher começou a gritar sobre coisas que ficavam pairando no ar, embora ela não conseguisse descrevê-las. Em seus delírios, não havia um único substantivo específico, apenas verbos e pronomes. As coisas se moviam, mudavam e vibravam, e os ouvidos formigavam com impulsos que não eram propriamente sons. Alguma coisa havia sido levada (ela dizia que alguma coisa a estava drenando); algo que não deveria se fixar nela, o estava fazendo (alguém devia fazer aquilo se afastar); nada ficava parado durante a noite, as paredes e as janelas ficavam se mexendo. Nahum não a mandou para o hospício do condado, mas a deixou ficar perambulando pela casa, desde que fosse inofensiva para si mesma e para os outros. Mesmo quando a expressão dela mudou, ele não fez nada. Mas quando os meninos ficaram com medo dela, e Thaddeus quase desmaiou com as caretas que ela fazia, ele decidiu mantê-la trancada no sótão. Em julho, ela parou de falar e começou a se arrastar de quatro e, antes que o mês terminasse, Nahum teve a louca ideia de que ela ficava levemente luminosa no escuro, como ele agora via, claramente, no caso da vegetação próxima.

Foi um pouco antes disso que os cavalos fugiram. Algo os despertou durante a noite, e foi terrível a maneira como eles começaram a relinchar e dar coices na estrebaria. Parecia que praticamente nada poderia acalmá-los, e quando Nahum abriu a porta do estábulo, todos

saiam correndo como cervos assustados na floresta. Demorou uma semana para conseguir recuperar os quatro cavalos, que, quando foram encontrados, ficaram inúteis e incontroláveis. Algo aconteceu com eles, e cada um teve que ser sacrificado para seu próprio bem. Nahum pegou um cavalo emprestado de Ammi por causa do feno, mas o cavalo não queria se aproximar do celeiro. Ele estremeceu, empalideceu e relinchou, e no final ele não pôde fazer nada, a não ser levá-lo para o quintal, enquanto os homens usavam suas próprias forças para aproximar a carroça pesada o suficiente do palheiro para terminar o trabalho de maneira conveniente. E o tempo todo a vegetação ia ficando cinza e quebradiça. Até as flores cujas tonalidades eram tão estranhas estavam agora acinzentadas, e as frutas estavam brotando cinzentas, pequenas e sem gosto. Os ásteres e as virgáureas floresceram cinza e distorcidas; e, no jardim da frente, rosas, canelas-de-velha e malvaíscos-silvestres tinham um aspecto tão profano que Zenas, o filho mais velho de Nahum, cortou todas as flores. Os insetos estranhamente inchados morreram naquela época, e até as abelhas abandonaram suas colmeias e foram para a floresta.

Em setembro, toda a vegetação estava sucumbindo rapidamente, transformando-se em um pó acinzentado, e Nahum temia que as árvores morressem antes que o veneno saísse do solo. Sua esposa agora tinha crises terríveis em que ficava gritando, e ele e os meninos estavam em constante estado de tensão nervosa. Eles agora evitavam as pessoas e, quando a escola reabriu, os meninos não voltaram a frequentá-la. Mas foi Ammi, em uma de suas raras visitas, quem primeiro percebeu que a água do poço não estava boa para beber. Tinha um gosto ruim que não era exatamente fétido nem exatamente salgado, e Ammi aconselhou seu amigo a cavar outro poço em um terreno mais alto até que o solo estivesse bom novamente. Nahum, no entanto, ignorou o aviso, pois já havia se acostumado com coisas estranhas e desagradáveis. Ele e os meninos continuaram a usar o suprimento contaminado, bebendo-o tão apática e mecanicamente quanto faziam suas refeições escassas e malcozidas e realizavam suas tarefas ingratas e monótonas durante os dias sem rumo. Havia algo de resignação contida sobre todos, como se andassem, em outro mundo, entre filas de guardiões sem nome que os protegia de uma desgraça familiar.

Thaddeus enlouqueceu em setembro, depois de uma visita ao poço. Ele foi até lá com um balde e voltou de mãos vazias, gritando e agitando os braços, às vezes rindo ou sussurrando sobre “as cores em movimento lá em baixo”. Dois casos em uma única família era algo

muito ruim, mas Nahum era bastante corajoso. Ele deixou o garoto correr por uma semana até começar a tropeçar e se machucar, e depois o trancou em um sótão do outro lado do corredor, em frente ao da mãe. O modo como eles gritavam um com o outro por trás de suas portas trancadas era muito terrível, especialmente para o pequeno Merwin, que imaginava que ambos se comunicavam em uma linguagem estranha que não era daqui. Merwin estava ficando assustadoramente imaginativo, e sua inquietação piorou após o irmão, que havia sido seu maior companheiro de brincadeiras, ter sido trancado.

Quase ao mesmo tempo, os animais começaram a morrer. As galinhas ficaram acinzentadas e morreram muito rapidamente, e a carne delas ficou seca e malcheirosa após o corte. Os porcos começaram a engordar excessivamente, e de repente sofreram mudanças repugnantes que ninguém podia explicar. A carne deles era obviamente inútil, e Nahum já não sabia o que fazer. Nenhum veterinário rural se aproximaria daquele lugar, e o veterinário da cidade de Arkham estava muito perplexo. Os porcos começaram a ficar cinza, quebradiços e caindo aos pedaços antes de morrerem, e seus olhos e focinhos desenvolveram alterações singulares. Tudo era bastante inexplicável, pois nunca haviam sido alimentados com a vegetação contaminada. Então algo atingiu as vacas. Certas áreas ou, às vezes, todo o corpo ficavam estranhamente enrugados ou comprimidos, e colapsos ou desintegrações atrozes tornaram-se comuns. Nos últimos estágios, pois a morte sempre era o resultado, era comum o aspecto acinzentado e quebradiço como o que assolava os porcos. Não havia dúvida sobre o veneno, pois todos os casos ocorreram em um celeiro trancado e imperturbável. Nenhuma picada de coisas que rondavam o local poderia ter trazido o vírus, pois que animal vivo da terra pode atravessar obstáculos sólidos? Devia ser apenas uma doença natural; no entanto, qual doença poderia causar esses resultados, estava além da imaginação de qualquer pessoa. Quando chegou o tempo da colheita, nenhum animal havia sobrevivido no local, pois o gado e as aves estavam mortos e os cães haviam fugido. Esses cães, em número de três, desapareceram uma noite e nunca mais se ouviu falar deles. Os cinco gatos já haviam fugido há algum tempo, mas mal se notou que haviam ido embora porque já não apareciam ratos, e apenas a senhora Gardner estimava os graciosos felinos.

No dia 19 de outubro, Nahum entrou cambaleando na casa de Ammi com notícias terríveis. O pobre Thaddeus havia morrido em seu

quarto no sótão, e de uma maneira que não podia ser descrita. Nahum cavou uma cova no jazigo da família, atrás da fazenda, e enterrou nela o que encontrou. Nada que viesse do lado de fora poderia ter entrado no sótão, pois a pequena janela e a porta estavam trancadas e intactas, mas tudo havia acontecido como no celeiro. Ammi e sua esposa consolaram o homem atingido o melhor que podiam, mas estremeceram ao fazê-lo. O terror absoluto parecia agarrar-se aos Gardner e tudo o que tocavam, e a própria presença de alguém na casa era como um sopro de regiões inominadas e inomináveis. Ammi acompanhou Nahum até sua casa com a maior relutância e fez o que pôde para acalmar os soluços histéricos do pequeno Merwin. Zenas não precisou se acalmar. Chegara tarde para não fazer nada além de olhar para o vazio e obedecer ao pai. Ammi achou que seu destino era muito misericordioso. De vez em quando os gritos de Merwin eram respondidos fracamente do sótão e, em resposta a um olhar indagador, Nahum disse que sua esposa estava ficando muito fraca. Quando a noite se aproximou, Ammi conseguiu fugir, pois nem mesmo a amizade poderia fazê-lo ficar naquele local quando o fraco brilho da vegetação começava e as árvores podiam ou não oscilar mesmo sem o vento. Ammi teve a sorte de não ser muito imaginativo. Mesmo como as coisas estavam, sua mente estava sempre pouco desordenada, mas, se conseguisse conectar e refletir sobre todos os presságios ao seu redor, inevitavelmente teria ficado louco para sempre. No fim da tarde, ele correu para casa, com os gritos terríveis da mulher louca e da criança nervosa ecoando em seus ouvidos.

Três dias depois, Nahum entrou na cozinha de Ammi no início da manhã e, na ausência de seu anfitrião, gaguejou uma história desesperada mais uma vez, enquanto a senhora Pierce ouvia com medo. Dessa vez, era o pequeno Merwin. Ele havia sumido. Saiu tarde da noite com uma lanterna e um balde de água e nunca mais voltou. Ele estava se acabando há dias e mal sabia do que se tratava. Gritava por tudo. Deu um grito frenético no quintal, mas, antes que o pai pudesse chegar à porta, o menino tinha sumido. Não viu o brilho da lanterna que ele havia pegado, e da própria criança também nenhum vestígio. Nahum pensou que a lanterna e o balde também tinham sumido, mas, quando amanheceu, e o homem retornou de sua busca a noite toda pelos bosques e campos, encontrou coisas muito curiosas perto do poço. Havia uma massa de ferro esmagada e aparentemente um pouco derretida que fora uma lanterna, enquanto um pedaço de madeira e aros de ferro retorcidos ao lado, ambos meio fundidos, pareciam sugerir os restos do balde. Isso foi tudo. Nahum não sabia

mais o que pensar, a senhora Pierce estava pálida e Ammi, quando ele chegou em casa e contou-lhe a história, não conseguia ter nenhum palpite. Merwin se fora, e não adiantava contar às pessoas ao redor, pois agora todos evitavam os Gardner. Não adiantaria avisar às pessoas da cidade de Arkham, pois elas também os evitavam. Thad se foi, e agora Merwin também. Algo estava rastejando, esperando para ser visto, sentido e ouvido. Nahum seria o próximo, e ele queria que Ammi cuidasse de sua esposa e Zenas caso sobrevivessem. Tudo aquilo devia ser algum tipo de julgamento, embora ele não pudesse imaginar o motivo, pois sempre trilhara os caminhos corretos do Senhor, até onde sabia.

Por mais de duas semanas, Ammi não viu Nahum, e então, preocupado com o que poderia ter acontecido, ele superou seus medos e fez uma visita aos Gardner. Não havia fumaça na grande chaminé e, por um momento, o visitante ficou apreensivo com o pior. O aspecto de toda a fazenda era chocante: grama e folhas murchas e acinzentadas no chão, videiras caindo em destroços quebradiços pelas paredes e frontões arcaicos, e grandes árvores nuas arranhando o céu cinzento de novembro com uma malevolência propositada que Ammi atribuiu a alguma mudança sutil na inclinação dos galhos. Mas Nahum estava vivo, afinal. Ele estava fraco, deitado em um sofá na cozinha de teto baixo, mas perfeitamente consciente e capaz de dar ordens simples a Zenas. A sala estava mortalmente fria e, quando Ammi visivelmente estremeceu, o anfitrião pediu, gritando com voz rouca a Zenas, por mais madeira. Madeira, de fato, era algo extremamente necessário, já que a lareira cavernosa estava apagada e vazia, com uma nuvem de fuligem soprando no vento frio que descia pela chaminé. Nahum perguntou se a madeira extra o tinha deixado mais confortável, e então Ammi viu o que ocorrera. O cordão mais forte havia se rompido, e a mente do infeliz fazendeiro foi motivo de ainda mais tristeza.

Mesmo o questionando com tato, Ammi não conseguiu obter dados claros sobre o desaparecimento de Zenas.

– No poço, ele vive no poço. – Isso era tudo o que o pai entristecido dizia. Então surgiu na mente do visitante um pensamento repentino sobre a esposa louca, e ele mudou sua linha de investigação.

– Nabby? Ora, aqui está ela! – Foi a resposta do pobre Nahum, e Ammi logo viu que ele deveria procurar sozinho. Após deixar o homem no sofá, ele pegou as chaves penduradas ao lado da porta e subiu as escadas rangentes até o sótão. Era muito perto e barulhento lá em cima, e nenhum som podia ser ouvido de nenhuma direção. Das

quatro portas à vista, apenas uma estava trancada, e ele tentou usar as várias chaves que havia pegado. A terceira chave mostrou-se a correta e, depois de alguma confusão, Ammi abriu a porta branca e baixa.

Estava muito escuro lá dentro, pois a janela era pequena e meio obscurecida pelas rústicas grades de madeira. Ammi não enxergava nada no amplo piso de tábuas. O cheiro estava intragável e, antes de prosseguir, ele teve que se retirar para outra sala e voltar com os pulmões cheios de ar respirável. Quando entrou no cômodo novamente, viu algo escuro no canto e, ao enxergá-lo com mais clareza, começou a gritar. Enquanto gritava, pensou que uma nuvem momentânea havia eclipsado a janela e, um segundo depois, sentiu que uma assustadora corrente de vapor havia roçado nele. Cores estranhas dançavam diante de seus olhos e, se aquele horror não estivesse presente, ele teria pensado no glóbulo do meteoro que o martelo do geólogo havia quebrado e na vegetação mórbida que brotara na primavera. Por assim dizer, ele pensava apenas na monstruosidade blasfema que o confrontava e que claramente compartilhara o destino sem nome do jovem Thaddeus e do gado. No entanto, a coisa mais terrível sobre esse horror era que ele se movia muito lenta e perceptivelmente enquanto continuava a esfarelar-se.

Ammi não quis dar detalhes sobre essa cena, mas o vulto no canto não reapareceu em sua história como um objeto em movimento. Há coisas que não podem ser mencionadas, e o que é feito em nome da humanidade às vezes é cruelmente julgado pela lei. Concluí que não restava nada em movimento naquele sótão e que deixar algo capaz de se movimentar para trás seria um ato monstruoso, que condenaria qualquer ser responsável ao tormento eterno. Qualquer pessoa, exceto um fazendeiro impassível, teria desmaiado ou enlouquecido, mas Ammi andou consciente por aquela porta baixa e trancou o segredo amaldiçoado atrás dele. Agora tinha de lidar com Nahum, alimentá-lo e levá-lo para algum lugar onde pudesse receber cuidados.

Assim que começou a descer as escadas escuras, Ammi ouviu um baque abaixo dele. Até pensou ter ouvido um grito repentinamente sufocado e agitado lembrou do vapor úmido que havia roçado nele no quarto assustador no andar de cima. Que presença havia originado aquele grito e a chegada de alguém? Paralisado por um vago medo, ele ouviu ainda mais sons abaixo. Sem dúvida, havia uma espécie de arrastamento pesado e um ruído muito detestável, como o de algumas espécies com sucção diabólica e impura. Com um senso associativo muito instigado, ele pensou no que havia visto lá em cima, sem o poder explicar. Bom Deus! Que mundo antigo e de sonhos era esse no

qual ele havia cometido o erro de adentrar? Ele não tentou se mexer nem para trás nem para a frente, mas ficou ali tremendo na curva obscura da escada. Todos os detalhes daquela cena ficaram gravados em seu cérebro. Os sons, a sensação de pavor em relação à expectativa, a escuridão, a inclinação dos degraus estreitos e... Deus misericordioso! a fraca, mas inconfundível, luminosidade de toda a madeira à vista: degraus, painéis, vigas e ripas expostas!

Então, ouviu-se um relincho frenético do cavalo de Ammi do lado de fora, seguido imediatamente por um barulho que denunciava um fugitivo desesperado. Logo a seguir, o cavalo e a charrete já não podiam ser ouvidos, deixando o homem assustado na escada escura para adivinhar o que acontecia. Mas isso não era tudo. Houve outro som lá fora. Uma espécie de respingo de líquido, água, que devia ser do poço. Ele deixara Hero desamarrado perto dele, e uma roda da charrete deve ter raspado e batido em uma pedra. E uma pálida fosforescência ainda brilhava naquela madeira horrível e antiga. Deus! Que casa antiga! A maior parte fora construída antes de 1670, e o telhado de gambrel não era posterior a 1730.

Um arranhão fraco no chão agora soava distintamente, e os dedos de Ammi apertavam-se em volta de um bastão pesado que ele pegara no sótão com algum objetivo. Investiu-se de coragem e terminou a descida, caminhando corajosamente em direção à cozinha. Mas ele não completou a caminhada, porque o que procurava não estava mais lá. Chegara ao seu encontro e ainda estava viva, de certa forma. Se havia se esgueirado ou fora arrastada por alguma força externa, Ammi não sabia dizer, mas a morte estava ali. Tudo aconteceu na última meia hora, mas o colapso, o processo de se tornar cinza e a desintegração já estavam muito avançados. Era de uma fragilidade horrível, e fragmentos secos iam se soltando dela. Ammi não conseguiu tocá-la, mas olhou aterrorizado para a paródia distorcida do que havia sido um rosto.

– O que foi, Nahum? O que foi? – ele sussurrou, e os lábios inchados e rachados só foram capazes de dar uma última resposta.

– Nada... nada... a cô... queima... fria e moiada... mas queima... viveu nu poço... eu vi... um tipo de fumaça... como a flor na primavera passada... o poço brilhô di noiti... Thad e Mernie e Zenas... tudo vivo... envenenô tudo ... naquela pedra... só pode tê vino cum essa pedra ... invadiu tudo o lugar ... não sei o que isso qué. Aquela coisa redonda qui us professô da facultadi cavarô... eles quebraro. Era da mema cô... a mema cosa, como a flor e as pranta... divia di tê mais... as sementi... sementi... elas crescero... só fui vê pela primera

vez essa semana... deve tê pegadu o Zenas... eli era um garoto grande, cheio de vida... mas a cosa te deixa louco e depois ti pega... queima... na água du poçu... você tava certu sobri isso... água do mal... Zenas nunca voltô du poçu... nem conseguiu saí di lá... ti puxa... ocêis sabi qui tá chegano, mas num adianta... Vi aquilo várias vez quanu Zenas foi levadu... ondi que tá Nabby, Ammi?... Minha cabeça num tá boa... num sei há quantu tempo dei di cumê pra ela... si a genti num tumá cuidado, aquela cosa vai pegá ela... só qui a cô... a cara dela fica cum essa cô de noite às veiz... queima i suga... vem di algum lugá onde as cosa não são qui nem aqui ... um dos professor disse isso... eli tava certu... cuidadu, Ammi, pur causa di qui ainda num acabô... suga a vida...

Isso foi tudo. O vulto não falou mais nada, porque havia desmoronado completamente. Ammi colocou uma toalha xadrez vermelha sobre o que restava e saiu pela porta dos fundos, na direção dos campos. Ele subiu a encosta até o pasto de quatro hectares e voltou para casa aos tropeços pela estrada ao Norte, pela floresta. Ele não podia passar pelo poço de onde seu cavalo fugira. Ele olhou pela janela e viu que não faltava nenhuma pedra na borda. Depois, a charrete cambaleante não havia deslocado nada, afinal; o respingo tinha vindo de alguma outra coisa, algo que entrou no poço depois de ter acabado com o pobre Nahum...

Quando Ammi chegou em casa, o cavalo e a charrete haviam chegado antes dele, o que deixou sua esposa ansiosa. Tranquilizando-a sem oferecer explicações, ele partiu imediatamente para Arkham e notificou as autoridades de que a família Gardner não existia mais. Ele não deu nenhum detalhe, apenas falou das mortes de Nahum e Nabby, pois todos já sabiam sobre Thaddeus, e mencionou que a causa parecia ser a mesma doença estranha que matara o gado. Ele também afirmou que Merwin e Zenas haviam desaparecido. Houve um considerável interrogatório na delegacia e, no final, Ammi foi obrigado a levar três policiais para a fazenda dos Gardner, com o delegado, o médico legista e o veterinário que tratara os animais doentes. Ele o fez muito contra sua vontade, pois a tarde estava avançando e ele temia o cair da noite naquele lugar amaldiçoado, embora sentisse algum conforto por ter tantas pessoas com ele.

Os seis homens partiram em uma carruagem, seguindo a charrete de Ammi, e chegaram à fazenda cheia de pragas por volta das quatro horas. Ainda que estivessem acostumados com experiências terríveis, nenhum deles permaneceu imóvel diante do que foi encontrado no sótão e sob a toalha xadrez vermelha no andar térreo. Todo o aspecto

da fazenda, com sua desolação cinzenta, era bastante terrível, mas aqueles dois objetos em ruínas estavam além de todos os limites. Ninguém podia olhar para eles, e até o médico legista admitiu que havia muito pouco a examinar. Os espécimes podiam ser analisados, é claro, então ele se ocupou em obtê-los; e, aqui, se inicia um resultado muito intrigante ocorrido no laboratório da faculdade, onde as duas ampolas de poeira foram finalmente levadas. Sob o espectroscópio, ambas as amostras emitiam um espectro desconhecido, no qual muitas das faixas desconcertantes eram exatamente como as que o estranho meteoro havia produzido no ano anterior. A emissão desse espectro desapareceu em um mês e, após esse período, o pó revelou-se formado principalmente por fosfatos alcalinos e carbonatos.

Ammi não teria contado aos homens sobre o poço se pensasse que eles pretendiam fazer alguma coisa naquele momento. Estava chegando o pôr-do-sol, e ele estava ansioso para sair dali. Mas ele não pôde deixar de olhar agitado para o parapeito do poço e, quando um detetive o questionou, ele admitiu que Nahum temia algo lá embaixo, tanto que nunca havia pensado em procurar por Merwin ou Zenas. Depois disso, nada mais fariam do que esvaziar o poço e explorá-lo imediatamente, então Ammi teve de esperar, trêmulo, enquanto balde após balde de água potável era puxado e jogado na terra molhada. Os homens sentiram o cheiro do fluido com nojo e mantiveram o nariz tampado até o fim contra o inimigo que estavam descobrindo. Não era um trabalho tão longo quanto eles temiam, pois o nível da água era bem baixo. Não há necessidade de falar muito exatamente do que encontraram. Merwin e Zenas estavam lá, em parte, embora os vestígios fossem principalmente esqueletos. Havia também um pequeno cervo e um cachorro grande no mesmo estado, além de vários ossos de animais menores. A lama e o limo no fundo do poço pareciam inexplicavelmente porosos e borbulhantes, e um homem que desceu o poço com uma vara comprida descobriu que podia afundá-la a qualquer profundidade na lama do chão sem encontrar nenhuma obstrução sólida.

O crepúsculo havia caído e as lanternas foram trazidas da casa. Então, quando se viu que nada mais podia ser revelado pelo poço, todos foram para dentro de casa e reuniram-se na antiga sala de estar, enquanto a luz intermitente de uma meia-lua espectral pairava fraca na desolação cinzenta do lado de fora. Os homens estavam muito intrigados com o caso e não conseguiam encontrar nenhum elemento comum convincente para ligar as estranhas correlações entre os vegetais, a doença desconhecida dos animais e dos seres humanos e as

mortes inexplicáveis de Merwin e Zenas no poço contaminado. Eles ouviram as conversas das pessoas do campo, é verdade, mas não podiam acreditar que tivesse ocorrido algo contrário às leis naturais. Sem dúvida, o meteoro havia envenenado o solo, mas a doença das pessoas e dos animais, que não haviam comido nada cultivado naquele solo, era outra questão. Seria a água do poço? Muito possivelmente. Talvez fosse bom analisá-la. Mas que loucura peculiar poderia ter feito os dois garotos pularem no poço? Suas ações eram tão parecidas; seus restos mortais mostravam que ambos haviam sofrido com a morte cinzenta e quebradiça. Por que tudo era tão cinza e quebradiço?

Foi o legista, sentado perto de uma janela com vista para o quintal, quem primeiro notou o brilho sobre o poço. A noite havia se estabelecido completamente, e todo aquele odioso terreno parecia pouco iluminado com algo mais do que os raios da Lua, mas esse novo brilho era algo definido e distinto, e parecia brotar do poço obscuro como um raio de um holofote, fazendo reflexos sombrios nas pequenas poças onde estava a água dos baldes. Tinha uma cor muito esquisita e, quando todos os homens se aglomeraram na janela, Ammi deu um sobressalto violento. Aquele feixe estranho sufocante e medonho não lhe era desconhecido. Ele já tinha visto aquela cor antes e temia seu significado. Vira-o no glóbulo quebradiço e desagradável naquele aerólito, dois verões atrás, na louca vegetação da primavera, e pensara tê-lo visto por um instante naquela mesma manhã, contra a pequena janela gradeada daquele terrível sótão onde coisas inomináveis haviam acontecido. A cor piscou por um segundo, e uma corrente úmida e terrível de vapor passou por ele, e, então o pobre Nahum foi tomado por algo daquela cor. No fim, ele explicou: disse que vinha do glóbulo e das plantas. Depois disso, vieram a fuga no quintal e o respingo no poço; e agora o poço estava bufando, à noite, um feixe pálido e insidioso do mesmo tom demoníaco.

Ammi ficou intrigado, com sua mente alerta, mesmo naquele momento tenso, com um ponto que era essencialmente científico. Ele não podia deixar de admirar-se ao ver a mesma impressão de um vapor visto durante o dia, contra uma janela que se abria no céu da manhã e de uma expiração noturna vista como uma névoa fosforescente contra a paisagem obscura e violenta. Alguma coisa estava errada; era contra a natureza, e ele pensou naquelas últimas palavras terríveis de seu amigo:

– Veio di algum lugar onde as coisa num são como tão aqui... um dos professor disse isso...

Os três cavalos do lado de fora, amarrados a um par de árvores

murchas à beira da estrada, agora relinchavam e patinavam freneticamente. O cocheiro foi até a porta para tentar fazer alguma coisa, mas Ammi colocou a mão trêmula em seu ombro.

– Num faiz isso – ele sussurrou. – Elis são mais do que isso que vemu ou do que sabemu. Nahum disse que tem uma cosa que vivi no poço e podi sugá sua vida. Eli disse que deve tê saídu di uma bola redonda como a que nós viu na pedra de meteoro que caiu há um ano im junho. Ela suga e queima, eli disse, i é só uma nuvem de cô como a luiz que agora se espalha, que você mal consegue vê i neim consegui dizê u qui é. Nahum pensava que aquilu si alimenta di tudo u qui vivi e fica mais forte o tempo todú. Ele disse que viu isso na semana passada. Deve sê alguma coisa lá do céu, como o hõmi da faculdadi falaro nu anu passadu. O jeitu como ele é criado i comu funciona não é du mundu de Deus. É uma cosa du além.

Assim, os homens fizeram uma pausa indecisa quando a luz do poço ficou mais forte e os cavalos começaram a dar patadas e a relinchar em um crescente frenesi. Foi realmente um momento terrível, com terror naquela casa antiga e amaldiçoada, quatro conjuntos monstruosos de fragmentos (dois da casa e dois do poço) no galpão de madeira atrás e aquele feixe de iridescência desconhecida e profana das profundezas viscosas à frente. Ammi conteve o cocheiro por impulso, esquecendo-se de que ele mesmo estava ileso depois do vapor colorido no quarto do sótão, mas talvez tenha sido melhor agir como ele. Ninguém nunca saberá o que estava lá fora naquela noite e, embora a blasfêmia do além não tivesse machucado nenhum ser humano são até agora, não há como dizer o que poderia ter feito naquele último momento, com sua força aparentemente aumentada e os sinais especiais de propósito que logo apareceriam sob o céu enluarado e meio nublado.

De repente, um dos detetives perto da janela deu um suspiro curto e agudo. Os outros olharam para ele e logo também olharam para cima, para onde ele havia voltado seu rosto. Não havia necessidade de palavras. O que antes era incerto, boatos surgidos entre os camponeses, agora não era mais discutível, e é por causa dos sussurros trocados por esses homens do grupo que nunca se fala sobre aqueles dias estranhos em Arkham. É necessário dizer que não havia vento a essa hora da noite. Uma rajada de vento surgiu um pouco depois, mas não naquele momento não havia absolutamente vento algum. Até as pontas secas da persistente mostarda, cinza e arruinada, e a franja no teto da carruagem não se mexiam. E, no entanto, em meio àquela calma tensa e sem Deus, os altos galhos nus de todas as árvores do

quintal estavam se movendo. Eles estavam se mexendo mórbida e espasmodicamente, arranhando-se em uma espécie de loucura convulsiva e epilética sob as nuvens enlutaradas; arranhavam impotentemente o ar contaminado, como se fossem puxadas por alguma ligação alienígena e sem corpo com horrores subterrâneos se contorcendo e lutando sob as raízes negras.

Nenhum homem respirou por vários segundos. Então uma nuvem mais escura e profunda encobriu a Lua, e a silhueta dos galhos agarrados desapareceu momentaneamente. Houve, então, um grito geral, abafado com reverência, mas rouco e quase idêntico em cada garganta. Pois o terror não havia desaparecido com a silhueta e, em um instante assustador de escuridão mais profunda, os observadores viram, contorcendo-se naquela altura da copa das árvores, milhares de minúsculos pontos de brilho fraco e inalterado, inclinando cada ramo como o fogo de São Telmo ou as chamas que desceram sobre a cabeça dos apóstolos no Pentecostes. Era uma constelação monstruosa de luz antinatural, como um enxame cheio de vaga-lumes alimentados por cadáveres dançando sarabandas infernais sobre um pântano amaldiçoado; e sua cor era a mesma intromissão sem nome que Ammi passara a reconhecer e temer. Enquanto isso, o facho de fosforescência do poço ia ficando cada vez mais brilhante, trazendo à mente dos homens amontoados uma sensação de desgraça e anormalidade que ultrapassava em muito qualquer imagem que suas mentes conscientes pudessem formar. Não estava mais apenas brilhando, estava se derramando, e, quando o fluxo disforme de cores inexplicáveis deixou o poço, parecia fluir diretamente para o céu.

O veterinário estremeceu e caminhou até a porta da frente para colocar sobre ela uma pesada barra extra. Ammi não tremia menos e teve que cutucar os outros quando quis chamar a atenção para a crescente luminosidade das árvores, pois não tinha voz. O relinchar e a agitação dos cavalos tinham se tornado absolutamente assustadores, mas nenhuma alma daquele grupo teria se aventurado a sair da casa naquele momento, mesmo sob a promessa de qualquer recompensa. Com o tempo, o brilho das árvores aumentou, enquanto seus galhos inquietos pareciam se esforçar cada vez mais em direção à verticalidade. A madeira da borda do poço estava brilhando agora, e então um policial apontou, mudo, para alguns galpões de madeira e colmeias perto da parede de pedra a Oeste. Eles estavam começando a brilhar também, embora os veículos dos visitantes parecessem, até aquele momento, não ser afetados. Depois houve uma comoção selvagem e um barulho na estrada e, quando Ammi apagou a

lâmpada para enxergar melhor, eles perceberam que os cavalos frenéticos haviam quebrado os galhos e fugido com a carruagem.

O choque serviu para soltar a língua de vários deles, e houve uma troca de sussurros envergonhados.

– Essa coisa se espalha por tudo o que é matéria orgânica aqui – murmurou o médico legista. Ninguém respondeu, mas o homem que estava no poço insinuou que sua vara comprida devia ter despertado algo intangível.

– Foi horrível – acrescentou. – Não havia fundo. Apenas gosma e bolhas e a sensação de algo escondido lá embaixo.

O cavalo de Ammi ainda dava patadas e relinchava de maneira ensurdecadora na estrada lá fora, e quase afogou o leve tremor de seu dono enquanto ele murmurava reflexões sem forma.

– Veio daquela pedra... cresceu imbuco... pegô tudu qui tava vivu... si alimentô delis, corpo i alma... Thad e Mernie, Zenas e Nabby... Nahum foi o último... todos eles bebêro a água... pegô forti nelas... veio du além, ondi as cosa num são qui nem aqui... agora tá ino pra casa...

Nesse ponto, quando a coluna de cor desconhecida explodiu repentinamente mais forte e começou a tecer sugestões fantásticas de forma que cada espectador descreveu de maneira diferente, o pobre Hero, que estava amarrado, emitiu um som que nenhum homem jamais tinha ouvido vindo de um cavalo. Todas as pessoas naquela sala de estar abafada e com teto baixo tamparam os ouvidos, e Ammi afastou-se da janela com horror e náusea. Não havia palavras para expressar; quando Ammi olhou novamente, o infeliz animal estava inerte no chão iluminado pela Lua, entre os destroços lascados da charrete. Esse foi o fim de Hero, que foi enterrado no dia seguinte. Mas aquela não era a hora de se lamentar, pois quase no mesmo instante um detetive silenciosamente chamou atenção para algo terrível que estava na própria sala com eles. Na ausência da luz da lâmpada, ficou claro que uma fraca fosforescência começara a invadir todo o aposento. Brilhava no chão de tábuas largas e no fragmento de tapete de pano e brilhava sobre os caixilhos das janelas com vidraças pequenas. Subia e descia nas vigas expostas, coruscava em torno da prateleira e no consolo da lareira, e infectou as próprias portas e móveis. A cada minuto se fortalecia e, por fim, era muito claro que quaisquer seres vivos saudáveis deveriam sair daquela casa.

Ammi mostrou-lhes a porta dos fundos e o caminho pelos campos até o pasto de quatro hectares. Eles caminhavam e tropeçavam como se estivessem em um sonho, e não ousaram olhar para trás até estarem

longe, em um terreno mais alto. Eles ficaram contentes com o caminho, pois não conseguiriam sair pela frente, com aquele poço no local. Já era ruim o bastante passar pelo celeiro e galpões reluzentes e aquelas árvores cintilantes com seus contornos tortuosos e diabólicos, mas graças a Deus os galhos mais altos eram os piores. A Lua estava atrás de algumas nuvens muito escuras quando eles cruzaram a ponte rústica sobre Chapman's Brook, e foram tateando às cegas até o prados abertos.

Quando olharam de volta para o vale e para a distante propriedade dos Gardner, lá no fundo, tiveram uma visão assustadora. Toda a fazenda brilhava com a horrível mistura desconhecida de cores; as árvores, as construções e até mesmo a grama e as ervas que não haviam sido totalmente alteradas para a tal massa quebradiça cinza e letal. Os galhos estavam todos se erguendo em direção ao céu, pontilhados por línguas de chamas malditas, e rastros luminosos desse mesmo fogo monstruoso rastejavam pelas vigas-mestras da casa, do celeiro e dos galpões. Era uma cena das visões de Fuseli, e sobre todo o resto reinava aquele tumulto de luminescência amorfa, aquele arco-íris alienígena e não dimensionado de veneno críptico vindo do poço: fervilhando, pulsando, envolvendo, avançando, cintilando, escorrendo e borbulhando na malignidade de seu cromatismo cósmico e irreconhecível.

Então, sem aviso prévio, a coisa monstruosa disparou verticalmente em direção ao céu como um foguete ou meteoro, não deixando para trás nenhum rastro e desaparecendo através de um buraco redondo e curiosamente regular nas nuvens, antes que alguém pudesse ofegar ou gritar. Nenhum observador pode esquecer aquela visão, e Ammi olhou inexpressivamente para as estrelas de Cygnus, com Deneb brilhando acima das outras, onde a cor desconhecida havia derretido na Via Láctea. Mas no momento seguinte teve o olhar chamado rapidamente à Terra por um crepitar no vale. Era só isso. Apenas um estalo de madeira quebrando e rachando, e não uma explosão, como muitos outros do grupo juraram. No entanto, o resultado foi o mesmo, pois em um instante febril e caleidoscópico emergiu daquela fazenda condenada e amaldiçoada um cataclismo brilhante e eruptivo de faíscas e substâncias não naturais, que obscureceu o olhar dos poucos que o viram e enviou ao zênite uma explosão de nuvens de fragmentos coloridos e fantásticos que o nosso universo nunca viu. Em meio ao vapor que se adensava rapidamente, aqueles fragmentos seguiram a grande morbidade que desapareceu e, no segundo seguinte, também desapareceu. Atrás e embaixo havia apenas uma escuridão para a qual

os homens não ousavam voltar, e havia um vento crescente que parecia vir em rajadas escuras e gélidas do espaço interestelar. Aquilo gritava e uivava, e atacou os campos e as florestas distorcidas em um frenesi cósmico louco, até que rapidamente o grupo trêmulo percebeu que não adiantaria esperar a Lua revelar o que fora deixado na casa de Nahum.

Impressionados demais para sugerir teorias, os sete homens trêmulos voltaram para Arkham pela estrada norte. Ammi estava pior do que seus companheiros e implorou para que parassem em sua própria cozinha, em vez de seguir direto para a cidade. Ele não desejava atravessar o bosque à noite, chicoteado pelo vento, sozinho até sua casa na estrada principal. Pois ele teve um choque adicional, do qual os outros foram poupados e foi marcado para sempre com um medo sombrio que ele não ousou nem mesmo mencionar por muitos anos vindouros. Enquanto o resto dos observadores naquela colina tempestuosa olhava fixamente para a estrada, Ammi olhou para trás por um instante, na direção do vale sombrio de desolação que tão recentemente abrigara seu azarado amigo. E daquele lugar distante e atingido, ele viu algo se erguer debilmente, apenas para afundar novamente no lugar de onde o grande horror disforme havia disparado para o céu. Era apenas uma cor, mas não qualquer cor, vistos em nossas terras ou nossos céus. E, como Ammi reconheceu essa cor e soube que um último remanescente débil ainda deveria estar escondido no poço, ele nunca mais foi o mesmo desde então.

Ammi nunca mais chegaria perto daquele local. Já faz mais de meio século que o horror aconteceu, mas ele nunca mais esteve lá e ficará feliz

quando o novo reservatório apagar a existência do local. Ficarei feliz também, pois não gosto da maneira como a luz do Sol mudou de cor ao redor da boca daquele poço abandonado por onde passei. Espero que essas águas sejam sempre muito profundas; mas, mesmo assim, nunca beberei delas. Acho que não visitarei Arkham daqui em diante. Três dos homens que estavam com Ammi voltaram na manhã seguinte para ver as ruínas à luz do dia, mas não havia ruínas de verdade. Apenas os tijolos da chaminé, as pedras do porão, destroços minerais e metálicos aqui e ali, e a borda daquele poço nefasto. Exceto pelo cavalo morto de Ammi, que eles rebocaram e enterraram, e a charrete que logo lhe foi devolvida, tudo o que era vivo se fora. Restaram dois hectares de deserto cinza empoeirado, e nunca mais nada cresceu lá desde esse dia. Até hoje, a paisagem abre-se para o céu como uma grande manhã corroída por ácido nos bosques e

campos, e os poucos que ousaram vê-lo, apesar das lendas rurais, o nomearam “descampado maldito”.

As lendas rurais são esquisitas. Podem ser ainda mais estranhas se os homens da cidade e os químicos das universidades se interessarem o suficiente a ponto de analisar a água daquele poço abandonado ou a poeira cinzenta que nenhum vento parece dispersar. Os botânicos também deveriam estudar a flora atrofiada nas fronteiras daquele local, pois poderiam esclarecer se a praga está se espalhando, pouco a pouco; talvez 2,5 centímetros por ano. As pessoas dizem que a cor da pastagem vizinha não é muito boa na primavera e que as coisas selvagens deixam pegadas estranhas na neve branca do inverno. A neve nunca parece não se acumular no descampado, como acontece em outros lugares. Os cavalos, os poucos que restam nesta era do motor, crescem ariscos no vale silencioso, e os caçadores não podem depender de seus cães muito perto da mancha de poeira acinzentada.

Dizem que as influências mentais também são muito ruins. Várias pessoas enlouqueceram após a morte de Nahum, sempre incapacitados de fugir. Então o povo de mente mais sadia deixou a região, e apenas os estrangeiros tentaram viver nas antigas ruínas. Eles não conseguiram ficar lá, no entanto, e às vezes me pergunto que percepção além da nossa podem ter obtido por conta dos encantamentos bizarros e fantásticos que sussurram. Eles dizem que seus sonhos à noite são muito horríveis naquele país grotesco, e certamente a própria aparência do reino sombrio é suficiente para provocar uma fantasia mórbida. Nenhum viajante jamais escapou de uma sensação de estranheza naquelas ravinas profundas, e os artistas tremem ao pintar bosques espessos cujo mistério vem tanto do espírito quanto dos olhos. Eu mesmo estou curioso com a sensação que derivou da minha caminhada solitária antes de Ammi me contar sua história. Quando o crepúsculo chegou, eu desejava, indeciso, que algumas nuvens se reunissem, pois um estranho temor sobre os profundos vazios do céu acima infiltrara-se em minha alma.

Não me peça explicações. Eu não sei de nada; isso é tudo. Não havia ninguém além de Ammi para questionar, pois Arkham não fala sobre aqueles dias estranhos, e todos os três professores que viram o aerólito e seu glóbulo colorido estão mortos. Houve outros glóbulos; esteja certo disso. Um deve ter se alimentado e escapado, e provavelmente houve outro que ficou para trás. Sem dúvida, ainda está no fundo do poço; eu sei que havia algo errado com a luz do Sol que vi acima daquele poço imundo. Os rústicos dizem que a praga se espalha cerca de dois centímetros por ano, então talvez exista um tipo

de crescimento ou nutrição. Mas, mesmo assim, qualquer descendência demoníaca que esteja por lá deve estar ligada a alguma coisa ou então se espalharia rapidamente. Estaria presa às raízes daquelas árvores que arranham o ar? Uma das lendas atuais de Arkham é sobre carvalhos vultuosos que brilham e se movem como não deveriam à noite.

O que é isso, só Deus sabe. Em termos de matéria, suponho que o que Ammi descreveu seria chamado de gás, mas esse gás obedecia a leis que não são do nosso cosmos. Isso não era fruto de mundos e sóis que brilham nos telescópios e nas chapas fotográficas de nossos observatórios. Não era um sopro dos céus cujos movimentos e dimensões nossos astrônomos medem ou consideram muito vastos para medir. Era apenas uma cor que caiu do espaço; um mensageiro assustador de reinos não formados do infinito que vão além de toda a natureza como a conhecemos, de reinos cuja mera existência atordoa o cérebro e nos entorpece com os abismos extracósmicos obscuros que eles abrem diante de nossos olhos frenéticos.

Duvido muito que Ammi tenha mentido conscientemente para mim, e não acho que a história dele tenha sido fruto de loucura, como os habitantes da cidade haviam me advertido. Algo terrível chegou às colinas e aos vales com aquele meteoro, e algo terrível, embora eu não saiba em que proporção, ainda permanece ali. Ficarei feliz em ver a água chegar. Enquanto isso, espero que nada aconteça com Ammi. Ele viu muita coisa e sua influência era tão insidiosa. Por que ele nunca foi capaz de se afastar? Com que clareza ele se lembrou daquelas palavras de Nahum no leito de morte: “nem conseguiu saí di lá... ti puxa... ocêis sabi qui tá chegano, mas num adianta...”. Ammi é um velho tão bom; quando a equipe de obras do reservatório começar a trabalhar, preciso escrever para o engenheiro-chefe e pedir que o vigie. Detestaria pensar no velho como a monstruosidade cinzenta, retorcida e quebradiça que insiste cada vez mais em perturbar meu sono.

Mary Shelley

FRAN KENS TEIN



Mary Shelley

Tradução
Sílvia Antunha

FRAN KEN STEIN



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Produção: Ciranda Cultural

Tradução: Silvio Antunha

Projeto gráfico e revisão: Casa de Ideias

Ebook: Jarbas C Cerino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S545f Shelley, Mary

Frankenstein [recurso eletrônico] / Mary Shelley ;
traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP : Principis, 2020.

240 p. ; ePUB ; 2,3 MB. – (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Frankenstein

Inclui índice. ISBN: 978-65-555-2050-7 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. 3. Terror. I. Antunha,
Silvio. II. Título. III. Série.

2020-1144

CDD 823.91

CDU 821.111-3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa: ficção 823.91
2. Literatura inglesa: ficção 821.111-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

CARTA 1

Para a sra. Saville, Inglaterra

São Petersburgo, 11 de dezembro de 17...

Pode ficar feliz em saber que nenhum desastre acompanhou o início daquela empreitada que você não via com bons olhos. Cheguei ontem, e minha primeira tarefa foi tranquilizar minha querida irmã quanto ao meu bem-estar e reforçar minha crescente confiança no sucesso do meu empreendimento.

Já estou bem longe de Londres, e quando ando pelas ruas de Petersburgo, sinto a brisa gelada do norte bater no meu rosto, o que me enche de prazer e fortalece os meus nervos. Consegue entender tal sensação? Essa brisa, que veio das regiões para onde me dirijo, é para mim um aperitivo daqueles climas gélidos. Inspirado por esse vento promissor, meus devaneios se tornam cada vez mais fortes e ardentes. Em vão, tento me convencer de que o polo é um ponto frígido e desolado, pois ele sempre se apresenta para a minha imaginação como uma região de encantos e belezas. Lá, Margaret, o sol é sempre visível, com seu enorme disco à beira do horizonte, difundindo um perpétuo resplendor. De lá, com a sua licença, minha irmã, e dando crédito a alguns navegantes anteriores, a neve e o gelo foram banidos; e, navegando num mar calmo, seremos levados a uma terra que supera em maravilhas e belezas cada região até agora descoberta no globo habitável. Suas características e seus produtos devem ser incomparáveis, assim como os fenômenos dos corpos celestes que, sem dúvida, ocorrem nessas solidões desconhecidas. O que não se pode esperar em um país de luz eterna? Lá, eu posso descobrir o prodigioso poder que atrai a agulha da bússola e fazer milhares de observações celestiais que exigem apenas essa viagem para tornar suas aparentes excentricidades consistentes para sempre. Vou saciar a minha curiosidade ardente com a visão de uma parte do mundo nunca antes visitada e vou pisar num solo jamais tocado pelo pé de outro homem. Para mim, essas atrações bastam para conjurar todo o medo de perigo ou de morte, e me induzem a iniciar essa trabalhosa viagem com a mesma alegria de uma criança em férias que embarca num pequeno bote com seus amigos, numa expedição para fazer o descobrimento de um rio em sua terra natal. Mas, supondo que todas essas conjecturas sejam falsas, você não pode contestar o inestimável benefício que poderei conceder a toda a humanidade, até a última geração, se eu encontrar, perto do polo, uma passagem para aqueles países que atualmente levam tantos meses para serem alcançados; ou por esclarecer o segredo do magnetismo, cuja compreensão, se for possível, só pode ser revelada por uma iniciativa como a minha.

Essas reflexões dissiparam a agitação com a qual comecei a carta, e sinto o coração brilhar com um entusiasmo que me eleva aos céus, pois nada contribui mais para tranquilizar a mente do que um firme propósito, um ponto no qual a alma possa fixar seu olhar intelectual. Essa expedição foi meu sonho favorito na infância. Li com paixão os relatos das várias viagens feitas com a perspectiva de chegar ao Oceano Pacífico Norte pelos mares que circundam o polo. Você deve lembrar que a biblioteca inteira do nosso bom tio Thomas era composta pelas histórias de todas as viagens feitas para fins de descobrimento. Minha educação foi negligenciada, embora eu gostasse apaixonadamente de ler. Esses livros foram os meus estudos dia e noite, e minha familiaridade com eles só aumentava aquela tristeza que senti, ainda criança, quando soube da ordem de meu pai agonizante, que proibia meu tio de

autorizar meu embarque numa vida de marinheiro.

Essas visões se dissiparam quando examinei, pela primeira vez, aqueles poetas cujas efusivas manifestações penetraram na minha alma e a elevaram aos céus. Também me tornei poeta e, durante um ano inteiro, vivi no paraíso da minha própria criação. Imaginava que também poderia obter um nicho no templo onde os nomes de Homero e Shakespeare são consagrados. Você está bastante acostumada com os meus fracassos e sabe o peso que a desilusão tem para mim, mas foi justamente nessa época que herdei a fortuna do meu primo, e os meus pensamentos retornaram ao curso natural a que se inclinavam antes.

Seis anos se passaram desde que me decidi pela presente empreitada. Ainda hoje, consigo me lembrar do exato momento em que passei a me dedicar a esse grande empreendimento. Comecei acostumando o corpo às privações. Acompanhei os pescadores de baleias em várias expedições ao Mar do Norte; voluntariamente enfrentei o frio, a fome, a sede, e o sono; frequentemente trabalhei mais do que os marinheiros comuns durante o dia e dediquei as minhas noites a estudar matemática, teoria de medicina, e aqueles ramos das ciências físicas de que o aventureiro naval pode tirar a maior vantagem prática. Por duas vezes, realmente me engajei como ajudante em um baleeiro da Groenlândia e me saí admiravelmente bem. Devo admitir que me senti um pouco orgulhoso quando o capitão me ofereceu o segundo posto na embarcação e insistiu, com a maior seriedade, que eu continuasse, de tão valiosos ele considerava os meus serviços.

E agora, querida Margaret, será que não mereço realizar algum grande feito? Minha vida poderia ter sido passada no meio do conforto e do luxo, mas preferi a glória a cada tentação que a riqueza colocou no meu caminho. Ora, com certeza alguma voz encorajadora poderia me responder afirmativamente! Minha coragem e minha decisão são firmes; mas as esperanças flutuam, e muitas vezes meu espírito se deprime. Estou me preparando para prosseguir numa longa e difícil viagem, cujas emergências exigirão todas as minhas forças. Sou obrigado não só a levantar o moral dos outros, quando o deles falha, mas, às vezes, também a sustentar o meu próprio.

Essa é a época mais favorável para se viajar pela Rússia. As pessoas deslizam rapidamente sobre a neve em seus trenós; o movimento é prazeroso, e, na minha opinião, muito mais agradável do que numa diligência inglesa. O frio não é excessivo, se estivermos usando agasalhos de peles, uma roupa à qual eu já havia me adaptado, pois existe uma grande diferença entre caminhar no convés e ficar horas sentado imóvel, quando então nenhum exercício impedirá o sangue de realmente congelar nas suas veias. Não tenho a mínima vontade de perder a vida na rota postal entre São Petersburgo e Arcangel.

Devo partir para essa última cidade em duas ou três semanas. Minha intenção é alugar um barco por lá, o que se consegue facilmente com o pagamento de um seguro ao proprietário; e, contratar os marinheiros necessários, entre os acostumados com a pesca da baleia. Não pretendo navegar antes do mês de junho. Quando devo retornar? Ah, minha querida irmã, como posso responder a essa questão? Se eu for bem-sucedido, muitos e muitos meses, talvez até anos, passarão antes de nos reencontrarmos. Se eu fracassar, você me verá em breve, ou nunca mais.

Adeus, minha querida e adorável Margaret. Que os céus despejem uma chuva de bênçãos sobre você, e me protejam, para que sempre e sempre eu possa testemunhar a minha gratidão por todo o seu amor e bondade.

Com o carinho do seu irmão,
R. Walton

CARTA 2

Para a sra. Saville, Inglaterra

Arcangel, 28 de março de 17...

Como o tempo demora a passar por aqui... Ainda mais quando estou cercado de gelo e neve! Apesar disso, dei um segundo passo no que se refere à minha empreitada. Aluguei um navio e estou ocupado com a escolha dos meus marinheiros. Os que já contratei parecem ser homens com os quais eu possa contar, e que seguramente possuem uma coragem sem limites.

Mas tenho um desejo que jamais consegui satisfazer, e cuja lacuna me causa profundo desgosto: não tenho amigos, Margaret. Quando em mim brilha o entusiasmo pelo sucesso, não há ninguém para compartilhar da minha alegria. Quando a decepção me assola, não há ninguém para alentar meu abatimento. Posso registrar os meus pensamentos no papel, é verdade; mas essa é uma triste maneira de comunicar sentimentos. Preciso da companhia de alguém que entenda o que estou passando, cujo olhar corresponda ao meu. Você pode me achar um romântico, minha querida irmã, mas sinto amargamente a falta de um amigo. Não tenho perto de mim ninguém que seja amável, mas corajoso, dotado de mente aberta e, ao mesmo tempo, educado, cujos gostos sejam parecidos como os meus, para aprovar ou corrigir os meus planos. Como esse amigo consertaria os erros de seu pobre irmão! Sou fervoroso demais nas realizações, e impaciente demais com as dificuldades. O fato de ser autodidata ainda é um grande problema para mim. Durante os primeiros catorze anos da minha vida, eu corri solto e não li outra coisa a não ser os livros de viagens do tio Thomas. Desde aquela idade, passei a conhecer os poetas mais aclamados do nosso próprio país; porém, só depois que perdi a possibilidade de tirar maior proveito dessa situação, foi que percebi a necessidade de me familiarizar com outros idiomas, além daquele da minha terra natal. Agora, tenho vinte e oito anos e, na realidade, sou mais ignorante do que muitos estudantes de quinze anos de idade. É verdade que sonhei longe demais. Meus devaneios são exuberantes e, como dizem os pintores, necessitam de “harmonia e equilíbrio”. Preciso imensamente de um amigo que tenha bom-senso suficiente para não me desconsiderar como romântico, e que tenha afeto suficiente para me ajudar no esforço de domar a minha mente.

Bem, essas queixas não resolvem nada. Certamente jamais encontrarei algum amigo no imenso oceano e muito menos entre os mercadores e marinheiros aqui em Arcangel, embora alguns sentimentos não ligados à espúria natureza humana, possam bater até mesmo nesses corações rudes. Meu imediato, por exemplo, é um homem extraordinário, dotado de coragem e iniciativa, e que almeja desesperadamente alcançar a glória, ou melhor, para me expressar de forma mais adequada, pretende escancaradamente subir na carreira. Ele é inglês, e, apesar dos preconceitos nacionais e profissionais, não melhorados pela educação, preserva ainda algumas das mais nobres qualidades do ser humano. Eu o conheci a bordo de um navio baleeiro. Ao saber que ele estava nessa cidade, desempregado, logo o contratei para me ajudar no meu empreendimento.

O mestre é uma pessoa com excelente disposição, que se destaca no navio pela gentileza e pela moderação de sua disciplina. Tal circunstância, e mais sua reconhecida integridade e a audaciosa coragem, me deixaram com muita vontade de contratá-lo. A juventude passada na solidão, e meus melhores anos vividos debaixo da sua doce e feminina proteção, minha irmã, refinaram tanto os alicerces do meu caráter que não consigo superar o intenso desgosto com a

habitual brutalidade exercida a bordo dos navios. Jamais acreditei que fosse necessário, mas quando ouvi falar desse marinheiro, notável pela bondade de seu coração e pela obediência e respeito a ele tributados por sua tripulação, senti-me particularmente afortunado de ser capaz de garantir seus serviços. Ouvi falar dele pela primeira vez, de um jeito um tanto romântico, por uma senhora que lhe devia a felicidade de sua vida. Em resumo, a história é a seguinte: há alguns anos, ele gostava de uma jovem russa de moderada riqueza; e, como tinha acumulado uma considerável fortuna de prêmios auferidos em dinheiro, o pai da moça consentiu o matrimônio. Ele esteve com a amada uma vez antes da cerimônia combinada; mas ela se banhou em lágrimas e se atirou a seus pés, rogando-lhe que a dispensasse, confessando ao mesmo tempo que amava outro, que era pobre, e que o pai dela jamais permitiria essa união. O generoso marujo tranquilizou a suplicante e, após ser informado do nome de quem ela amava, imediatamente desistiu de sua pretensão. Com o dinheiro, ele já havia comprado uma fazenda, onde pretendia passar o resto da vida; apesar disso, deu-a de presente ao rival, junto com o que sobrou do dinheiro da fortuna de prêmios, para que este comprasse suprimentos. E, então, pessoalmente pediu ao pai da jovem o consentimento para que ela se casasse com o rapaz que ela amava. O velho obstinado, porém, recusou, pois se considerava ligado por laços de honra ao meu companheiro. Este, deixou o país ao perceber que a decisão do pai era inexorável; só voltou quando soube que sua antiga paixão havia se casado de acordo com sua preferência. “Mas que homem mais nobre!”, você exclamará admirada. Ele, de fato, é assim; mas não tem nenhuma instrução, é calado como um turco, e uma espécie de ignorância ingênua o rodeia. Isso, embora torne sua conduta ainda mais surpreendente, reduz o interesse e a simpatia que, caso contrário, ele conquistaria.

Apesar disso, porque me queixo um pouco, ou porque posso conceber algum consolo para as minhas labutas, o qual posso nunca conhecer, não suponha que eu esteja vacilante em minhas resoluções. Elas são tão fixas quanto o destino, e minha viagem só atrasará até que o tempo permita meu embarque. O inverno tem sido terrivelmente severo, mas a primavera promete ser amena, e já pode ser considerada uma estação bastante precoce, de modo que talvez eu possa navegar mais cedo do que esperava. Não faço nada de maneira precipitada. Você me conhece o suficiente para acreditar na minha prudência e consideração sempre que a segurança de outras pessoas é confiada aos meus cuidados.

Não consigo descrever para você as minhas sensações sobre a perspectiva da empreitada que se aproxima. É impossível comunicar a concepção do trêmulo sentimento, meio prazeroso e meio temível, com a qual preparo a minha partida. Vou para regiões inexploradas, para “a terra do nevoeiro e da neve”, mas não pretendo matar nenhum albatroz. Portanto, não tema pela minha segurança, nem se preocupe se eu voltar para você num estado tão desgastado e lamentável quanto o “velho marinheiro”. Você vai rir da minha ideia, mas vou revelar um segredo. Muitas vezes atribuo meu apego, meu apaixonado entusiasmo pelos perigosos mistérios do oceano, à produção dos poetas modernos mais imaginativos. Existe alguma coisa em processo de elaboração na minha alma que eu não entendo. Sou muito dedicado, praticamente um operário cuidadoso que executa seu trabalho com perseverança. Apesar disso, sinto amor pelas maravilhas da criação, tenho crença nas maravilhas da natureza, que permeiam todos os meus projetos e me afastam dos caminhos comuns dos homens, inclusive para me levar aos mares inóspitos e às regiões desconhecidas que estou prestes a explorar.

Mas voltando a questões mais amenas, será que só vou encontrá-la de novo depois de ter atravessado imensos mares e retornado pelo cabo mais ao sul da África ou das Américas? Não me atrevo a esperar tal sucesso, mas não posso deixar de observar o reflexo da minha imagem no espelho. Por enquanto, continue a me escrever em todas as oportunidades. Conto com

receber as suas cartas naqueles momentos em que mais preciso delas para sustentar o meu espírito. Amo você com muitíssima ternura.

Lembre-se de mim com afeto, mesmo que nunca mais ouça falar de mim novamente.

Com carinho, do seu irmão,

Robert Walton

CARTA 3

Para a sra. Saville, Inglaterra

7 de julho de 17...

Minha querida irmã,

Escrevo algumas linhas às pressas para dizer que estou são e salvo e bem adiantado em minha viagem. Esta carta chegará à Inglaterra por um navio mercante, agora voltando de Arcangel para casa, mais afortunado do que eu, que talvez não veja minha terra natal ainda por muitos anos. Estou, no entanto, de bom humor: meus homens são intrépidos e, ao que parece, firmes de propósito. Nem as placas flutuantes de gelo que continuamente passam por nós, indicando os perigos da região para a qual estamos avançando, parecem incomodá-los. Já atingimos uma latitude bastante alta, mas estamos no auge do verão. Embora não tão quentes como na Inglaterra, os ventos do sul, que nos levam rapidamente para aquele litoral que tão ardentemente desejo alcançar, fazem-me respirar calor numa temperatura bem revigorante que eu não esperava.

Nenhum incidente digno de nota ocorreu até agora. Um ou outro vento mais forte e a detecção de um vazamento são acidentes que navegadores experientes raramente se lembram de registrar. Ficarei muito contente se nada pior acontecer conosco durante a viagem.

Adeus, minha querida Margaret. Tenha certeza de que, por interesse próprio, e também por você, não vou me colocar precipitadamente em perigo. Serei frio, perseverante e prudente.

Mas o sucesso deve coroar os meus esforços. Por que não? Já cheguei tão longe, traçando uma rota segura por mares nunca antes navegados, que as próprias estrelas são testemunhas e comprovam o meu triunfo. Por que não prosseguir sobre esse elemento indomável, por enquanto ainda obediente? O que pode deter o coração determinado e a vontade resoluta de um homem?

Assim inflamado, involuntariamente meu coração transborda, mas preciso terminar. Que os céus a abençoem, minha amada irmã!

R.W.

CARTA 4

Para a sra. Saville, Inglaterra

5 de agosto de 17...

Aconteceu conosco um acidente tão estranho que não posso deixar de registrá-lo, embora seja bem provável que você me veja antes que esses papéis possam estar em suas mãos.

Na última segunda-feira, dia 31 de julho, estávamos quase totalmente cercados de gelo, que bloqueava o navio por todos os lados, deixando apenas aberto o espaço de mar onde a embarcação flutuava. Nossa situação era um pouco perigosa, especialmente porque estávamos envoltos por um nevoeiro muito espesso. Decidimos aguardar, desejando que ocorresse alguma mudança na atmosfera e no tempo.

Por volta das duas da tarde, a névoa desapareceu, e vimos, estendendo-se em todas as direções, vastas e acidentadas planícies de gelo que pareciam não ter fim. Alguns dos meus companheiros resmungaram, e minha mente começou a entrar em alerta com pensamentos ansiosos, quando de repente uma estranha visão chamou a atenção e nos desviou do cuidado com a nossa própria situação. Percebemos um carregamento baixo, fixado num trenó e puxado por cães, passando rumo ao norte, a cerca de oitocentos metros de distância. Um ser com forma de homem, mas aparentemente de estatura gigantesca, estava sentado no trenó e guiava os cães. Com os nossos telescópios, acompanhamos o rápido avanço do viajante, até que ele se perdeu entre as distantes irregularidades no relevo do gelo.

Esse aparecimento atíçou nossa admiração sem reservas. Estávamos, de fato, muitas centenas de quilômetros afastados de qualquer terra firme. No entanto, aquela aparição sugeria que, na realidade, não estávamos assim tão distantes como imaginávamos. Porém, imobilizados pela geleira, era impossível seguirmos seu rastro, o qual observávamos com a maior atenção.

Cerca de duas horas depois dessa ocorrência, escutamos um barulho no fundo mar, e antes de anoitecer o gelo rachou e soltou o nosso navio. Nós, entretanto, permanecemos ali até o amanhecer, temendo encontrar na escuridão aquelas massas de gelo de grandes proporções, que flutuavam soltas, após a geleira se partir. Dessa vez, aproveitei para descansar algumas horas.

De manhã, porém, assim que clareou, fui ao convés e encontrei os marinheiros agitados, todos reunidos de um só lado do navio, aparentemente falando com alguém no mar. Era, de fato, um trenó, como o que havíamos visto antes, que havia flutuado à deriva até nós durante a noite, num grande pedaço de gelo. Apenas um dos cães estava vivo. Dentro do trenó havia um homem, que os marinheiros tentavam convencer a entrar no navio. Não parecia, como o outro viajante, um habitante selvagem de alguma ilha desconhecida, mas um europeu. Quando surgiu no convés, o mestre disse:

– Este é o nosso capitão, e ele não permitirá que você pereça no mar aberto.

Ao me ver, o estranho falou comigo em inglês, embora com sotaque estrangeiro.

– Antes de subir a bordo do seu navio – ele disse –, poderia ter a bondade de me informar para onde vai?

Você pode imaginar meu espanto ao ouvir tal pergunta dirigida a mim por um homem à beira da destruição, e a quem eu deveria supor que minha embarcação seria um recurso que ele não trocaria nem pela mais preciosa riqueza que a terra pudesse pagar. Respondi, no

entanto, que estávamos em uma viagem de descoberta rumo ao Polo Norte.

Ao ouvir isso, ele pareceu satisfeito e concordou em subir a bordo. Bondoso Deus, Margaret! Se você tivesse visto o homem que assim se entregou para se salvar, a sua surpresa teria sido infinita. Os braços e pernas dele haviam quase congelado, e seu corpo estava devastado pela fadiga e pelo sofrimento. Jamais vi alguém numa condição tão deplorável. Tentamos levá-lo para uma cabine, mas assim que deixou o ambiente ao ar livre, ele desmaiou. Então, nós o trouxemos de volta ao convés e o reanimamos, esfregando e o forçando a engolir um pouco de aguardente. Assim que ele mostrou sinais de vida, nós o envolvemos em cobertores e o colocamos perto da chaminé do fogão da cozinha. Lentamente ele foi se aquecendo, tomou um pouco de sopa, e se recuperou muito bem.

Dois dias se passaram dessa maneira, antes que ele conseguisse falar; várias vezes, temi que o sofrimento dele o privasse de compreensão. Quando, de alguma forma, ele se recuperou, eu o levei para minha própria cabine e cuidei dele tanto quanto o meu dever permitia. Nunca vi criatura mais interessante: seus olhos geralmente tinham uma expressão de selvageria e até mesmo de loucura; mas, em alguns momentos, quando alguém faz um gesto de bondade, ou realiza o serviço mais banal para ele, todo o seu rosto se ilumina, por assim dizer, com um facho de benevolência e doçura como nunca vi igual. De um modo geral, ele se mostra melancólico e desesperado, e, às vezes, range os dentes, como se estivesse incomodado com o peso das desgraças que o oprimem.

Quando meu convidado se recuperou um pouco, tive grande dificuldade para afastar os tripulantes, que queriam lhe fazer mil perguntas. Eu não poderia permitir que ele, com o corpo e a mente num estágio de recuperação que evidentemente dependia de muito repouso, fosse atormentado pela curiosidade ociosa dos outros. Uma vez, porém, o imediato perguntou por que ele tinha chegado tão longe no gelo, num veículo tão estranho.

O semblante dele instantaneamente assumiu o aspecto da mais profunda escuridão e ele respondeu:

- Para buscar alguém que fugiu de mim.
- E o homem que você perseguiu viajou da mesma maneira?
- Sim.

– Então imagino que o vimos. Um dia antes de encontrarmos você, vimos alguns cães no gelo, puxando um trenó com um homem a bordo.

Isso despertou a atenção do desconhecido, que então fez uma série de perguntas sobre o caminho que o demônio – como o chamava – tinha seguido. Pouco depois, ao ficar a sós comigo, ele disse:

- Sem dúvida tenho aguçado a sua curiosidade, assim como a dessa boa gente. Apesar disso, você é bastante cuidadoso ao fazer perguntas.
- Com certeza seria de fato muito impertinente e desumano da minha parte incomodá-lo com qualquer curiosidade minha.
- Mesmo assim, você me livrou de uma situação estranha e perigosa. Com desprendimento, restaurou a minha vida.

Logo depois, ele perguntou se eu achava que o rompimento do gelo teria destruído o outro trenó. Retruquei que não poderia responder com nenhum grau de certeza, pois o gelo só havia quebrado, de fato, perto da meia-noite, e o viajante poderia ter chegado a um local seguro antes desse horário; portanto, eu não tinha como julgar.

A partir desse momento, um novo sopro de vida reanimou o corpo decaído do estranho, que manifestou grande desejo de subir ao convés para observar o trenó que antes havia aparecido. No entanto, eu o persuadi a permanecer na cabine, pois ele estava fraco demais

para suportar o rigor do clima. Prometi que alguém ficaria vigiando, e que avisaria imediatamente se qualquer novo objeto fosse vislumbrado.

São essas as minhas anotações diárias com relação a tão estranha ocorrência até agora. Gradualmente a saúde do estranho melhorou; mas ele se cala e se sente desconfortável quando alguém, exceto eu, entra em sua cabine. No entanto, seus modos são tão conciliadores e gentis que todos os marinheiros estão interessados nele, embora quase não tenham comunicação com ele. Da minha parte, começo a amá-lo como a um irmão, e seu permanente e profundo pesar me enche de afinidade e compaixão por ele. Nos bons tempos, ele deve ter sido uma criatura nobre, para se manter mesmo agora, em destroços, tão interessante e amável.

Eu disse em uma de minhas cartas, minha querida Margaret, que jamais encontraria um amigo no imenso oceano. No entanto, encontrei um homem que, antes que seu espírito fosse destruído pela ruína, eu gostaria de tê-lo considerado como meu irmão de coração.

Continuarei meu diário a respeito desse desconhecido em intervalos, sempre que tiver algum incidente novo para registrar.

13 de agosto de 17...

Meu apego pelo meu convidado aumenta a cada dia que passa. Ele desperta em mim ao mesmo tempo admiração e piedade, e num grau surpreendente. Como posso ver tão nobre criatura devastada pelo sofrimento, sem sentir a dor mais pungente? Ele é bastante gentil e também muito inteligente; é incrivelmente culto, e quando fala, suas palavras são escolhidas com todo o requinte; mas ainda assim fluem com rapidez e eloquência incomparáveis.

Agora, que já está quase totalmente recuperado, ele não sai do convés, aparentemente procurando pelo outro trenó que o antecedeu. No entanto, embora entristecido, não se preocupa exclusivamente com sua própria desgraça, mas se interessa sinceramente pelos projetos dos outros; muitas vezes, quer saber de coisas a meu respeito e conversamos sem rodeios. Ele participa ativamente de todas as minhas discussões, a favor do meu eventual sucesso, e toma conhecimento de cada mínimo detalhe das medidas que adoto para protegê-lo. A simpatia que ele manifesta me leva facilmente a usar a linguagem do coração, a dar vazão ao entusiasmo ardente de minha alma, e a dizer, com todo o fervor que me aquece, com que alegria eu sacrificaria minha fortuna, minha existência, e todas as minhas esperanças, para o avanço da minha empreitada. A vida ou morte de um homem seria apenas um pequeno preço a pagar pela aquisição do conhecimento que eu buscava, pelo controle que eu precisava adquirir e transmitir sobre os inimigos naturais da nossa espécie. Contudo, enquanto me escutava, uma nuvem sombria pareceu cobrir o rosto de meu interlocutor. No começo, percebi que ele tentou conter a emoção, colocando as mãos diante dos olhos. Minha voz tremeu e falhou quando vi lágrimas escorrendo pelos seus dedos. Então, um lamento explodiu no peito dele. Parei de falar. Por fim, ele respondeu, com a voz embargada:

– Desgraçado! Você compartilha da minha loucura? Também experimentou da mesma poção venenosa? Ouça, vou revelar a minha história, e você vai afastar esse cálice para longe dos seus lábios!

Tais palavras, como você pode imaginar, aguçaram fortemente a minha curiosidade, mas o paroxismo do sofrimento tomou conta do desconhecido e superou suas forças debilitadas. Muitas horas de conversa tranquila e repouso foram necessárias para restaurar a serenidade nele.

Depois de dominar o turbilhão de seus sentimentos, ele pareceu desprezar a si mesmo por ser escravo da paixão; e, reprimindo a lúgubre tirania do desespero, voltou a conversar sobre os meus assuntos pessoais. Quis saber da minha história de anos anteriores. Meu relato foi

rápido, mas despertou várias linhas de reflexão. Falei do desejo de encontrar um amigo, da sede de entendimento mais íntimo junto com um companheiro de espírito que nunca esteve ao meu alcance, e expressei minha convicção de que um homem que não desfrutasse dessa bênção, bem pouca felicidade poderia ostentar.

– Concordo com você – respondeu o estranho. – Somos criaturas fora de moda, feitos apenas pela metade, carentes de outra metade que seja mais sábia, melhor e mais querida do que nós mesmos, como um amigo deve ser, que nos ajude a aperfeiçoar nossas naturezas fracas e imperfeitas. Certa vez, eu tive um amigo, a mais nobre das criaturas humanas. Tenho, portanto, o direito de julgar, quando se trata de amizade. Você tem esperanças e o mundo pela frente, e não tem motivos de desespero. Mas eu... e eu perdi tudo e não posso começar a vida outra vez...

Ao dizer isso, o semblante dele passou a estampar uma tristeza calma, melancólica que tocou meu coração, mas ele permaneceu em silêncio e logo se retirou para sua cabine.

Mesmo com o moral abalado, ninguém apreciava mais intensamente as belezas da natureza do que ele. O céu estrelado, o mar e todas as paisagens oferecidas nessa maravilhosa região ainda parecem ter o poder de enlevar sua alma na Terra. Esse homem tem uma dupla condição existencial: ele pode sofrer a desgraça e ficar abatido com as decepções; mas, quando se recolhe em si mesmo, parece um espírito celestial, com um escudo de luz ao redor, cuja proteção nenhuma dor ou insensatez se arrisca enfrentar.

Você debocharia do entusiasmo que manifesto a respeito desse divino andarilho? Não o faria se o conhecesse. Você tem sido educada e tutelada pelos livros, desconhece o mundo real; então, é um pouco simplória. Isso, porém, só a torna ainda mais apta a apreciar os méritos extraordinários desse homem maravilhoso.

Às vezes, tento descobrir qual qualidade ele possui, que o eleva tão desmesuradamente acima de qualquer outra pessoa que já conheci. Creio que é o discernimento intuitivo, o poder de julgar rapidamente sem jamais falhar, o poder inigualável de penetrar com clareza e precisão nas causas das coisas. Ademais, junte a tudo isso uma facilidade de expressão e uma voz cujas entonações variadas conquistam a alma como música.

19 de agosto de 17...

Ontem, o estranho me disse:

– Como você pode perceber facilmente, capitão Walton, sofri infortúnios assombrosos, muito difíceis de superar. Eu já havia decidido que a memória desses males deveria morrer comigo, mas você me convenceu a mudar de ideia. Você busca conhecimento e sabedoria, como eu já busquei. Desejo ardentemente que a recompensa da sua ambição não seja uma serpente a atormentá-lo, como aconteceu comigo. Não sei se o relato dos meus tropeços lhe será útil; porém, quando penso que está seguindo o mesmo curso, expondo-se aos mesmos perigos que me tornaram o que sou, imagino que poderá tirar da história alguma lição capaz de guiá-lo na realização da sua empreitada, ou que o console, caso falhe. Prepare-se para ouvir falar de fatos que normalmente seriam considerados prodigiosos. Se estivéssemos no meio de um cenário da natureza mais domesticado, eu temeria enfrentar sua incredulidade, talvez o ridículo; mas muitas coisas, que provocariam riso nos incautos que ignoram os poderes multifacetados da natureza, certamente parecerão possíveis nessas regiões selvagens e misteriosas, não tenho dúvidas. No conjunto, meu relato transmite evidências internas da verdade dos acontecimentos que o compõem.

Como você pode facilmente imaginar, fiquei muito satisfeito com a comunicação

oferecida, mas não suportava a ideia de que ele renovasse sua dor ao relatar seus infortúnios. Eu estava muito ansioso para ouvir a narrativa prometida, em parte por curiosidade e em parte pelo forte desejo de melhorar o destino dele, se isso estivesse ao meu alcance. Manifestei esses sentimentos em minha resposta.

– Agradeço a consideração, mas é inútil – ele respondeu. – Meu destino está quase cumprido. Resta apenas mais um evento para que eu possa descansar em paz. Compreendo o seu sentimento – ele continuou, ao perceber que eu pretendia interrompê-lo –, mas está enganado, meu amigo, se me permite chamá-lo assim. Nada pode alterar tal situação: ouça minha história e perceberá que o meu destino foi traçado inexoravelmente.

Então ele me disse que começaria sua narrativa no dia seguinte, quando eu estaria de folga. Essa promessa recebeu de mim os mais sinceros agradecimentos. Decidi registrar, toda noite, quando não estiver imperativamente ocupado com os meus deveres, o que ele relatou durante o dia, se possível com suas próprias palavras. Se estiver atarefado, pelo menos farei anotações. Sem dúvida, esse manuscrito trará a você o maior prazer. Para mim, por outro lado, que conheço e ouço pessoalmente o estranho, um dia no futuro lerei esse relato com grande interesse e simpatia! Ainda agora, quando começo a minha tarefa, a voz dele ecoa em meus ouvidos, cheia de entonação; seus olhos brilhantes fixam-se em mim, com toda a melancolia e a doçura; vejo sua mão fina erguer-se animada, enquanto o contorno de seu rosto é irradiado desde o fundo da alma. Estranha e angustiante deve ser a história da espantosa tempestade que engolfou o imponente navio em seu curso, e desse modo o naufragou!

CAPÍTULO 1

Sou cidadão genebrino, pois minha família é uma das mais ilustres da república de Genebra. Por muitos anos, meus antepassados foram conselheiros e administradores desse cantão suíço, e meu pai ocupou vários cargos públicos com dignidade e respeito. Todos o conheciam pela integridade e pela incansável dedicação aos negócios públicos. Passou a juventude eternamente ocupado com os assuntos de seu país. Várias circunstâncias fortuitas o impediram de se casar cedo; foi só no ocaso da vida que ele se tornou marido e pai de família.

Como as circunstâncias do casamento ilustram o caráter dele, não posso deixar de relacioná-las. Um de seus amigos mais íntimos era comerciante que, por causa de inúmeras desventuras, saiu de uma situação de prosperidade para mergulhar na pobreza. Esse homem, que se chamava Beaufort, era possuidor de uma energia insuperável, da qual se orgulhava, mas não suportava viver na pobreza e no esquecimento, no mesmo país onde antes se destacara pela posição e generosidade. Depois de pagar suas dívidas, agindo, portanto, da maneira mais honrada, ele se retirou com a filha para a cidade de Lucerna, onde vivia incógnito e na penúria. Meu pai nutria por Beaufort a mais verdadeira amizade, e ficou extremamente consternado com a partida dele nessas circunstâncias infelizes. Lamentava amargamente o falso orgulho que levava o amigo a uma conduta tão pouco digna do afeto que os unia. Não perdeu tempo nem poupou esforços em tentar procurá-lo, na esperança de persuadi-lo a partir e reconquistar o mundo novamente, por meio de seu auxílio e crédito.

Beaufort havia tomado medidas eficazes para se esconder, e meu pai demorou dez meses para descobrir sua toca. Radiante de alegria com a descoberta, meu pai correu até a casa, localizada numa rua ruim perto do rio Reuss. Quando entrou, só encontrou miséria e desespero para recebê-lo. Beaufort tinha guardado apenas uma pequena soma em dinheiro resultante da ruína de sua fortuna, o suficiente para sustentá-lo por alguns meses, na esperança de obter algum emprego respeitável na loja de um comerciante. Esse intervalo de tempo, porém, foi gasto em inatividade. Seu sofrimento só se intensificava e o ressentia mais quando ele tinha tempo livre para refletir; mas, por fim, incrustou-se de tal maneira e tão depressa em

sua mente que, ao cabo de três meses, ele jazia prostrado e doente no leito, incapaz de realizar qualquer esforço.

A filha cuidava dele com a maior ternura, mas desesperava-se ao ver suas poucas economias diminuírem rapidamente, sem nenhuma outra perspectiva de apoio. Contudo, Caroline Beaufort possuía uma mente forjada num molde fora do comum; por isso, sua coragem cresceu para apoiá-la na adversidade. Conseguiu um trabalho simples, de trançar palha. E, desdobrando-se como podia, de várias maneiras, ganhava uma miséria suficiente apenas para sustentar a vida.

Assim, vários meses passaram. O pai piorava; o tempo dela era inteiramente dedicado a cuidar dele. Seus meios de subsistência minguavam. No décimo mês, o pai morreu em seus braços, deixando-a órfã e desamparada. Esse último golpe a abateu, e ela se ajoelhou junto ao caixão de Beaufort, para chorar amargamente. Foi quando meu pai entrou no velório: ele surgiu como um espírito protetor para a pobre moça, que se comprometeu a ficar sob seus cuidados. Então, após o enterro do amigo, ele a conduziu a Genebra e a colocou sob a proteção de um parente. Dois anos depois desse episódio, Caroline se tornou sua esposa.

Havia uma diferença considerável de idade entre os meus pais, mas tal circunstância parecia uni-los com laços de afeto ainda mais fortes. Havia um senso de justiça e integridade na mente de meu pai que exigia que ele admirasse muito uma criatura para poder amá-la fortemente. Talvez, em anos anteriores ele tivesse sofrido com a descoberta tardia de alguma indignidade de uma pessoa amada, e, por isso, estivesse predisposto a atribuir um valor ainda maior àquilo que experimentava. Em seu apego à minha mãe, ele dava demonstrações de agradecimento e adoração que diferiam completamente do gosto afetuosos da idade, pois eram sentimentos inspirados em reverência às virtudes dela e ao desejo de, em certa medida, ser o meio de recompensá-la pelo sofrimento que ela havia suportado, mas que só acrescentava uma graça indescritível ao seu comportamento. Tudo foi feito para atender aos desejos e à conveniência dela. Ele se esforçou para abrigá-la, como uma planta exótica cultivada pelo jardineiro, protegida de cada vento mais forte e cercada de tudo o que pudesse levá-la a animar alguma emoção prazerosa em sua mente terna e benevolente. Sua saúde e inclusive a serenidade de seu espírito, até então estáveis, haviam sido abaladas pelo drama que ela passou. Nos dois anos anteriores ao casamento, meu pai foi gradativamente abandonando todas as suas funções públicas. Assim, imediatamente após a união, eles procuraram o agradável clima da Itália. A mudança

de cenário e o interesse que a viagem a essa terra magnífica desperta, foram decisivos para restaurar o quadro debilitado em que ela se encontrava.

Depois da Itália, eles visitaram a Alemanha e a França. Eu, o filho mais velho, nasci em Nápoles e, ainda bebê, acompanhei-os em suas andanças. Durante vários anos, permaneci como filho único. Por mais que fossem ligados um ao outro, pareciam ter inesgotáveis reservas de afeto, extraídas de uma mina de amor, para entregá-las a mim. A ternura do carinho de minha mãe, e o sorriso de benevolente prazer de meu pai, ao me olhar, são as minhas primeiras lembranças. Eu era brinquedo e talismã, ou melhor, era o filho deles: uma criatura inocente e indefesa, concedida a eles pelos céus, para ser educada como uma pessoa pronta para fazer o bem; uma criança cujo destino futuro estava nas mãos deles, para ser encaminhada à felicidade ou à desgraça, conforme eles cumprissem suas obrigações para comigo. Com essa profunda consciência do que eles representavam para o ser ao qual tinham dado a vida, somada ao ativo espírito de ternura que animava ambos, pode-se imaginar que, enquanto durou cada hora da minha vida infantil, eu recebi lições de paciência, de caridade e de autocontrole. Eu era de tal forma conduzido por um cordão de seda, que tudo me parecia um trem de alegria.

Por muito tempo, fui a única preocupação deles. Minha mãe queria muito ter uma filha, mas eu continuava sendo o único herdeiro. Quando eu contava uns cinco anos, numa viagem além das fronteiras da Itália, meus pais passaram uma semana nas margens do lago de Como. A predisposição para a bondade muitas vezes os fazia entrar em casas de gente pobre. Isso, para minha mãe, era mais do que um dever: era uma necessidade, uma paixão. Ela se lembrava do que sofrera e de como foi socorrida; agora, era a vez de ela agir como anjo da guarda para os aflitos. Durante um passeio no campo, um casebre paupérrimo à margem de um pequeno vale chamou-lhe a atenção pelo fato de ser particularmente acanhado, enquanto que o número de crianças seminuas reunidas ao redor, falava por si só da penúria em sua pior forma. Um dia, meu pai viajou sozinho para Milão; então, minha mãe e eu, visitamos essa moradia. Lá, ela encontrou um camponês e sua esposa, alquebrados pelo trabalho duro, atordoados por tantos cuidados e tarefas, distribuindo uma refeição escassa para cinco filhos famintos. Entre eles, havia uma menina que despertou bem mais interesse em minha mãe do que os outros. Ela parecia de um tipo diferente; os demais eram quatro garotos de grandes olhos escuros. Essa criança era magra e de boa aparência, seu cabelo era o

dourado mais brilhante. Apesar da pobreza das roupas, ela parecia ter uma coroa de princesa colocada na cabeça. Suas sobrancelhas eram bem delineadas, e os olhos azuis eram tranquilos. Seus lábios e o formato do rosto expressavam tanta sensibilidade e doçura que ninguém podia contemplá-la sem enxergá-la como se de uma espécie distinta, um ser enviado pelos céus, portando a marca ou o selo do divino em todos os seus traços.

A camponesa, percebendo que minha mãe fitava aquela linda garota com olhos de admiração e encantamento, contou avidamente a história da menina, que não era filha dela, mas de um nobre milanês. A mãe era alemã e faleceu ao dar à luz. A criança foi deixada aos cuidados daquela boa gente. Na época, eles viviam em melhor condição, haviam se casado havia pouco tempo, e o filho mais velho acabara de nascer. O pai da menina abrigada era um daqueles italianos que se nutriam da memória de glórias passadas da Itália; ele era um dos *schiavi ognor frementi* (“escravos sempre enraivecidos”), que lutavam pela liberdade de seu país, e se tornou vítima da própria fraqueza. Ninguém sabia se ele havia morrido, ou se ainda resistia nas masmorras da Áustria. Seus bens foram confiscados, a filha ficou órfã e desamparada. Ela continuou com os pais de criação, e cresceu naquela rude morada, mais bela que uma rosa de jardim no meio de uma folhagem de ramos escuros cheios de espinhos.

Quando meu pai voltou de Milão, ele encontrou, brincando comigo no saguão da nossa casa, uma criança mais bela que a pintura de um anjo, uma criatura radiante, cuja forma e movimentos eram mais leves e graciosos que uma cabra-montesa. A presença da menina logo foi explicada; e, com a permissão dele, minha mãe teve primazia para tomar conta dela, em detrimento dos tutores camponeses, que gostavam da doce órfã cuja presença era uma bênção para eles; mas seria injusto mantê-la pobre e carente quando a providência divina lhe proporcionava uma proteção tão poderosa. Eles consultaram o pároco da vila, e o resultado foi que Elizabeth Lavenza passou a morar na casa de meus pais, tornou-se mais do que uma irmã para mim, uma bela e adorada companheira de todas as minhas ocupações e de todos os meus prazeres.

Todo mundo gostava de Elizabeth. O apego apaixonado, quase reverente, com o qual todos a consideravam, se tornou, enquanto compartilhei dele, meu orgulho e meu deleite. Na noite anterior à chegada de Elizabeth em casa, minha mãe disse em tom de brincadeira:

– Tenho um lindo presente para o meu Victor. Amanhã você o

receberá.

No dia seguinte, quando ela me apresentou Elizabeth, como havia prometido, eu interpretei suas palavras literalmente, com seriedade infantil, e a considerei como minha propriedade. Era minha para amar, proteger e acalantar. Recebi todos os elogios feitos a ela, como algo que me pertencia. Nós a chamávamos familiarmente de “prima”. Nenhuma palavra, nenhuma expressão podia exteriorizar o tipo de relação que ela tinha comigo. Para mim, ela era muito mais do que irmã, já que até a morte deveria ser apenas minha.

CAPÍTULO 2

Fomos criados juntos; havia menos de um ano de diferença entre nossas idades. Desnecessário dizer que éramos completamente avessos a qualquer espécie de desunião ou disputa. A harmonia era a alma da nossa convivência; e, a diferença e o contraste subsistentes em nossas personalidades nos uniam ainda mais. Elizabeth tinha um temperamento mais calmo e mais concentrado; mas eu, apesar de todo o meu ardor, era capaz de ser fortemente aplicado, e era bem mais profundamente marcado pela sede de conhecimento. Ela se ocupava das criações etéreas dos poetas; e, no cenário majestoso e imponente que cercava o nosso lar, com os contornos sublimes das montanhas suíças, as mudanças das estações, as tempestades e calmarias, o silêncio do inverno e a animação e turbulência dos nossos verões alpinos, ela encontrou amplo espaço para admiração e prazer. Enquanto minha companheira apreciava de forma contemplativa a magnífica aparência das coisas, com o espírito sério e satisfeito, eu me dedicava à investigação de suas causas. Para mim, o mundo era um segredo que eu desejava desvendar. A curiosidade e o estudo sério para aprender as leis ocultas da natureza, junto com o contentamento que beirava a euforia, na medida em que elas se revelavam para mim, estão entre as primeiras sensações de que me recordo.

Por ocasião do nascimento do meu segundo irmão, sete anos mais novo do que eu, meus pais desistiram totalmente da vida nômade que levavam, e fixaram-se em sua terra natal. Tínhamos residência em Genebra e casa de campo em Belrive, na costa oriental do lago, distante cerca de uma légua da cidade. Ficávamos por mais tempo nesse último local, e meus pais viviam consideravelmente isolados. Era do meu temperamento evitar multidões e me apegar com afinco a poucas pessoas. Eu era, portanto, refratário aos colegas de escola em geral, mas me uni com um deles por laços da amizade mais íntima. Henry Clerval era filho de um comerciante de Genebra, um garoto dotado de talento singular e sofisticado, que adorava empreendimentos arriscados, aventuras, dificuldades e até o próprio perigo por si mesmo. Ele conhecia profundamente os livros de romance e cavalaria. Compunha canções heroicas e começou a escrever contos muito bonitos, cheios dos encantos e das aventuras cavalheirescas. Procurou encenar peças de teatro e organizar bailes de

máscaras conosco, com personagens que representavam os heróis de Roncesvalles, o rei Artur e a Távola Redonda, e todo o séquito dos cavaleiros que derramaram seu sangue para redimir o santo sepulcro das mãos dos infiéis.

Nenhum ser humano poderia ter passado uma infância mais feliz do que eu. Meus pais eram possuídos pelo próprio espírito da bondade e da indulgência. Sentíamos que eles não eram tiranos que governavam nossos destinos de acordo com seus caprichos, mas os agentes criadores das muitas alegrias de que desfrutávamos. Quando nos reuníamos com outras famílias, eu entendia perfeitamente como a minha sorte era peculiar. E, assim, a gratidão acompanhou o desenvolvimento do meu amor filial.

Às vezes, meu temperamento era agressivo e minhas paixões, calorosas. Mas, por algum traço da minha índole, não se voltaram para as correrias infantis, mas para o desejo ansioso de aprender e também de não aprender qualquer coisa indiscriminadamente. Confesso que nem a estrutura dos idiomas, nem os códigos dos governos, nem a política de vários estados possuíam atrativos para mim. Eram os segredos dos céus e da terra que eu queria conhecer. E, quer eu me ocupasse da substância externa das coisas, do espírito interior da natureza ou dos mistérios da alma humana, ainda assim minhas pesquisas eram encaminhadas, acima de tudo, para os segredos físicos e metafísicos do mundo.

Enquanto isso, Clerval ocupava-se, por assim dizer, com as relações morais das coisas. As movimentadas fases da vida, as virtudes dos heróis e as ações dos homens eram os temas que o interessavam. A esperança, seu sonho, era se tornar um daqueles nomes registrados pela história na galeria dos galantes aventureiros benfeitores da nossa espécie. A alma santa de Elizabeth brilhava em nosso lar tranquilo como uma lâmpada sagrada num santuário. Sua compaixão era a nossa; seu sorriso, sua voz suave, o doce relance de seu olhar celestial, estavam sempre lá para nos abençoar e nos animar. Ela era o espírito vivo do amor, para abrandar e atrair. Posso ter me tornado sisudo por causa dos estudos, pelo ardor da minha natureza; mas lá estava ela para me conter, nos limites de sua própria delicadeza. E Clerval... Poderia alguma coisa de ruim se entrincheirar no espírito nobre de Clerval? Ainda assim, ele não seria tão perfeitamente humano, tão atencioso em sua generosidade, tão cheio de bondade e ternura em meio à sua paixão por proezas de aventureiros, se ela não tivesse revelado para ele a graça real da caridade e tornado o ato de fazer o bem o alvo e a meta da sua crescente ambição.

Sinto imenso prazer em lidar com as recordações da infância, antes da desgraça ter me infectado a mente e transformado suas brilhantes visões, de vasta utilidade, em reflexões sombrias e mesquinhas sobre mim mesmo. Além disso, ao traçar a imagem dos meus primeiros dias, também registro os eventos que culminaram, por meio de passos imperceptíveis, na minha história desventurada; porque, quando me dou conta do nascimento da paixão que depois governaria o meu destino, vejo-a surgir, como um rio na montanha, de nascentes insignificantes, quase ignoradas, que avança serpenteando para se transformar na torrente caudalosa que, em seu curso, haveria de varrer todas as minhas esperanças e alegrias. A filosofia natural foi o gênio que regulou minha obra; desejo, portanto, com essa narrativa, determinar aqueles fatos que levaram à minha propensão por essa ciência. Quando eu tinha treze anos de idade, fomos todos em um grupo de amigos ao balneário perto de Thonon; entretanto, a inclemência do clima nos obrigou a permanecer um dia confinados à pousada. Nessa hospedaria, encontrei por acaso um volume das obras de Cornelius Agrippa, que abri sem o menor interesse; mas a teoria que ele tenta demonstrar e os fatos maravilhosos que ele relaciona, imediatamente transformaram tal sentimento em entusiasmo. Uma nova luz pareceu alvorecer em minha mente. Saltando de alegria, comuniquei a descoberta a meu pai, que olhou negligentemente o título na capa do livro e disse:

– Ah, Cornelius Agrippa! Meu caro Victor, não perca seu tempo com isso; é um lixo.

Se, em vez dessa observação, meu pai tivesse se dado ao trabalho de me explicar que os princípios de Agrippa tinham sido inteiramente desmascarados, e que um sistema moderno de ciência com muito mais poderes que o antigo havia sido instituído, pois os poderes do antigo eram quiméricos, enquanto que os do novo eram reais e práticos, em tais circunstâncias certamente eu deveria ter deixado Agrippa de lado. Assim minha imaginação, aquecida como estava, estaria satisfeita, e eu poderia retornar com mais empenho aos meus estudos anteriores. Inclusive, é possível que o trem das minhas ideias jamais tivesse recebido o impulso fatal que levou à minha ruína, mas o olhar superficial de meu pai naquele volume de maneira nenhuma me garantia que ele estivesse familiarizado com o conteúdo desse livro, e eu continuei a lê-lo com a maior avidez. Quando voltei para casa, minha primeira providência foi conseguir as obras desse autor e, em seguida, de Paracelso e de Albertus Magnus. Eu li e estudei com prazer as fantasias selvagens desses escritores; pareciam tesouros conhecidos

por pouca gente além de mim. Eu sempre me descrevi como imbuído do desejo ardente de penetrar nos segredos da natureza. Apesar do labor intenso e das descobertas maravilhosas dos filósofos modernos, eu sempre voltava descontente e insatisfeito dos meus estudos. Atribui-se a sir Isaac Newton a afirmação de que ele se sentia como uma criança catando conchinhas ao lado do grande e inexplorado oceano da verdade. Todos os seus sucessores, em cada ramo da filosofia natural com os quais eu estava familiarizado pareciam aprendizes envolvidos na mesma busca, até mesmo para as minhas preocupações de menino.

O camponês inculto observa os elementos ao redor e se familiariza com seus usos práticos. O filósofo mais instruído sabe um pouco mais. Ele desvenda apenas parcialmente a face da natureza, cujos traços imortais ainda representam maravilhas e mistérios. Consegue dissecar, anatomizar, nomear; mas, para não falar da causa final, mesmo as causas secundárias e terciárias são totalmente desconhecidas para ele. Eu, havia observado as fortificações e obstáculos que pareciam impedir a entrada dos seres humanos na cidadela da natureza; mas, de maneira precipitada e ignorante, refugiei.

Mas ali estavam livros, ali estavam homens que tinham ido mais fundo e sabiam mais. Levei em consideração tudo o que eles afirmavam, e me tornei discípulo deles. Pode parecer estranho que isso tenha acontecido no século XVIII. Embora estivesse seguindo a rotina educacional das escolas de Genebra, eu era, em alto grau, autodidata com relação aos meus estudos favoritos. Meu pai não era cientista, e fui largado para lutar pelo conhecimento com a cegueira de uma criança e a sede de um estudante. Sob a orientação dos meus novos preceptores, entrei com a maior diligência na busca pela pedra filosofal e pelo elixir da vida; mas este último tema logo monopolizou toda a minha atenção. A riqueza era um objetivo inferior; mas que glória acompanharia a descoberta, se eu pudesse banir as doenças do corpo humano e tornar o homem invulnerável a tudo, menos à morte por violência! Contudo, essas também não eram minhas únicas visões. A captura de fantasmas ou demônios era uma promessa generosamente outorgada pelos meus autores favoritos, cujo cumprimento eu buscava com a maior voracidade; e, se meus feitos eram sempre malsucedidos, eu atribuía o fracasso não à minha própria inexperiência ou a algum erro meu, mas à uma falta de habilidade ou fidelidade dos meus instrutores. E assim, durante um certo tempo, estive ocupado com sistemas duvidosos, misturando, como discípulo aplicado, mil teorias contraditórias, atolado desesperadamente num

pântano de conhecimentos multifacetados, guiado pela imaginação ardente e pelo raciocínio infantil, até que mais uma vez um acidente mudou a corrente das minhas ideias. Quando eu tinha uns quinze anos de idade, passávamos uma temporada em nossa casa perto de Belrive, quando assistimos a uma tempestade das mais violentas e terríveis, avançando por trás da Cordilheira do Jura. A trovoada explodiu de uma só vez, com intensidade assustadora, nos vários quadrantes do céu. Eu fiquei, enquanto a tempestade durou, observando sua progressão com curiosidade e prazer. Estava na porta quando, de repente, observei um facho de fogo sair de um velho e belo carvalho a cerca de 20 metros da nossa casa. Então, assim que a luz ofuscante sumiu, o carvalho havia desaparecido. Nada mais restava, a não ser um toco destroçado. Na manhã seguinte, encontramos a árvore singularmente despedaçada. Não havia sido estilhaçada pelo choque: ficou inteiramente reduzida a fitas de madeira. Nunca vi nada tão completamente destruído.

Antes disso, eu não estava familiarizado com as leis mais óbvias da eletricidade. Nessa ocasião, um grande conhecedor de filosofia natural estava conosco. Agitado com essa catástrofe, ele passou a explicar uma teoria que havia elaborado sobre a eletricidade e o galvanismo, um assunto ao mesmo tempo novo e surpreendente para mim. Tudo o que ele disse jogou na obscuridade os senhores da minha imaginação, Cornelius Agrippa, Albertus Magnus e Paracelso; mas, por alguma fatalidade, a derrocada desses homens me desestimulou a prosseguir com os meus estudos habituais. Parecia-me que nada seria ou poderia ser conhecido. Tudo o que por tanto tempo envolveu a minha atenção, de repente se tornou insignificante. Por um desses caprichos da mente, a que somos talvez mais vulneráveis na juventude, imediatamente desisti dessas minhas antigas ocupações, definindo a história natural e toda sua descendência como uma criação deformada e abortiva; e, passei a nutrir o maior desdém por uma pretensa ciência que jamais conseguiria sequer se aproximar do limite do conhecimento real. Com esse estado de espírito, eu me reorientei para a matemática e para os ramos de estudo pertencentes a essa ciência, por serem disciplinas estabelecidas sobre bases seguras; dignas, portanto, da minha consideração.

Com essa estranheza as nossas almas são construídas e, por ligamentos assim frouxos, nos unimos à prosperidade ou à ruína. Quando olho para trás, parece-me que essa quase milagrosa mudança de inclinação e interesses foi uma sugestão providencial do anjo da guarda da minha vida, o último esforço feito pelo espírito de

preservação para evitar a tempestade que até então pairava nas estrelas, pronta para me engolir. Sua vitória foi anunciada por uma alegria de alma, uma tranquilidade incomum, seguida pelo abandono de meus antigos estudos, que ultimamente me atormentavam. Dessa maneira, fui ensinado a associar a maldade com sua perseguição, a felicidade com seu desprezo.

Foi um grande esforço do espírito do bem. Ineficaz, é verdade. O destino era muito poderoso, e suas leis imutáveis já haviam decretado minha terrível e total aniquilação.

CAPÍTULO 3

Quando completei dezessete anos, meus pais decidiram que eu deveria estudar na Universidade de Ingolstadt. Até então eu frequentara as escolas de Genebra, porém meu pai achou necessário, para concluir a minha educação, que eu deveria me familiarizar com outros costumes além daqueles da minha pátria. Minha partida foi, então, fixada para uma data próxima; mas, antes que o dia marcado chegasse, ocorreu a primeira desgraça da minha vida; um presságio, por assim dizer, da minha futura desgraça. Elizabeth pegara febre escarlatina; era uma doença grave, e ela corria grande perigo. Durante a enfermidade, muitos argumentos foram necessários para convencer minha mãe a abster-se de atendê-la. A princípio, ela atendeu às nossas súplicas; mas, quando soube que a vida de sua favorita estava ameaçada, não conseguiu mais controlar a ansiedade. Ela cuidou da moça doente no leito, e sua atenciosa vigilância triunfou sobre a malignidade da doença. Elizabeth foi salva, mas as consequências dessa imprudência foram fatais para sua cuidadora. No terceiro dia, minha mãe adoeceu; a febre foi acompanhada dos sintomas mais alarmantes. Os olhares de seus médicos prognosticavam o pior evento. Mesmo no leito de morte, a força e a bondade dessa excelente mulher não a abandonaram. Ela juntou as mãos de Elizabeth e as minhas, para dizer:

– Meus filhos, minhas esperanças mais firmes de felicidade no futuro estão depositadas na perspectiva da união de vocês. Essa expectativa agora será o consolo de seu pai. Elizabeth, meu amor, você deve ocupar o meu lugar no coração do meu filho mais novo. Ai de mim! Lamento ser tirada de vocês; pois, feliz e amada como tenho sido, não é difícil deixar todos vocês? Mas esses não são pensamentos dignos de mim. Vou me esforçar para me resignar alegremente com a morte, satisfeita na esperança de encontrá-los em outro mundo.

Calmamente, ela morreu. Mesmo na morte, seu semblante expressava afeto. Não preciso descrever os sentimentos daquelas pessoas cujos laços mais queridos são cortados por esse mal irreparável, o vazio que fica na alma, o desespero estampado no rosto. Demora muito para a mente se convencer de que ela, a quem víamos todos os dias, e cuja existência parecia fazer parte da nossa própria, poderia ter partido para sempre; que o brilho do olhar querido teria se

apagado; e, que o som de uma voz tão amada e familiar para os ouvidos, poderia ter se calado para nunca mais voltar a ser ouvido. Essas são as reflexões dos primeiros dias; mas quando o tempo decorrido comprova a realidade do mal, começa a verdadeira amargura do luto. No entanto, de quem essa mão rude ainda não cortou alguma ligação querida? E por que devo descrever uma tristeza que todos já sentiram ou devem sentir? Enfim chega o tempo em que a dor é mais uma indulgência do que uma necessidade; e em que o sorriso que surge nos lábios, embora possa ser considerado sacrilégio, não é banido. Minha mãe estava morta, mas ainda tínhamos obrigações a cumprir; precisávamos continuar a nossa caminhada com os outros; tínhamos que aprender a nos considerar afortunados, enquanto alguém continuasse como aquele que o saqueador não pegou. Minha partida para Ingolstadt, adiada pelos acontecimentos, agora estava novamente decidida. Obtive do meu pai um descanso de algumas semanas. Parecia-me sacrilégio deixar tão cedo o recolhimento semelhante à morte da casa de luto e correr para a plenitude da vida. Eu era novo para me lamentar, mas não me abalava menos. Não estava disposto a deixar de ver aqueles que me restavam; e, acima de tudo, eu desejava ver minha doce Elizabeth consolada em alguma medida.

De fato, ela guardou seu luto e se esforçou para consolar a todos. Passou a olhar a vida de frente. Realizava suas obrigações com coragem e zelo e se dedicava às pessoas que aprendera a chamar de tio e de primos. Jamais foi tão encantadora como no momento em que recuperou o esplendor de seu sorriso e o espalhou sobre nós. Esqueceu até mesmo de seu próprio pesar, na tarefa de se esforçar para que esquecêsemos.

Enfim, o dia da minha partida chegou. Clerval passou a última noite conosco. Ele havia tentado convencer seu pai a permitir que me acompanhasse e se tornasse meu colega de universidade; mas foi em vão. O pai dele era um comerciante de mentalidade estreita, e enxergava apenas ociosidade e ruína nas aspirações e na ambição do filho. Henry sentiu profundamente a desventura de ser excluído de uma educação liberal. Ele conversou pouco; mas, enquanto falava, notei em seus olhos incendiados e em seu olhar animado, uma firmeza contida, mas resoluto, de não se tornar escravo das mesquinhas execráveis da atividade comercial.

Conversamos até tarde. Não conseguíamos nos afastar um do outro, nem nos persuadíamos a dizer a palavra “adeus”. Foi dita, por fim, e nós nos retiramos com a desculpa de buscar repouso, cada um

achando que enganava o outro. Mas, quando na madrugada seguinte eu desci para pegar a diligência que me levaria embora, estavam todos lá: meu pai, para me abençoar novamente; Clerval, para apertar minha mão mais uma vez; minha Elizabeth, para renovar seus apelos de que eu escrevesse sempre, e para conceder as últimas atenções femininas a seu amigo e parceiro.

Atirei-me no assento que me levaria embora e me entreguei às mais melancólicas reflexões. Eu, que vivia cercado por companhias amáveis, continuamente empenhado em desfrutar do prazer de estar junto, agora ficava sozinho. Na universidade, para onde seguia, deveria formar o meu círculo exclusivo de amigos e ser meu próprio protetor. Minha vida até então fora extremamente isolada e familiar; isso tinha me causado uma aversão incorrigível a novos rostos. Eu amava os meus irmãos, Elizabeth e Clerval; eram “velhos rostos familiares”; mas eu me considerava totalmente inepto para a companhia de estranhos. Tais eram as minhas reflexões quando comecei a jornada; mas, conforme prossegui, meus humores e esperanças se recuperaram. Desejava ardentemente adquirir conhecimento. Muitas vezes, em casa, achava um castigo ter que passar a juventude confinado em um só lugar. Almejava entrar no mundo e ocupar meu espaço entre outros seres humanos. Agora meus desejos se cumpriam, e o arrependimento seria, de fato, uma loucura.

Tive tempo de folga suficiente para esses e muitos outros pensamentos durante a viagem para Ingolstadt, que foi longa e cansativa. Por fim, o alto e branco campanário da cidade estava diante dos meus olhos. Desembarquei e fui levado ao meu apartamento solitário, para passar a noite como quisesse.

Na manhã seguinte, entreguei minhas cartas de apresentação e visitei alguns dos principais professores. O acaso, ou melhor, a influência maligna, do Anjo da Destruição, que impunha seu poder onipotente sobre mim desde o momento em que deixei para trás, com passos relutantes, a porta de meu pai, me levou primeiro ao sr. Krempe, professor de filosofia natural. Era um homem grosseiro, mas profundamente mergulhado nos segredos de sua ciência. Ele me fez várias perguntas sobre os meus progressos nos diferentes ramos das ciências pertencentes à filosofia natural. Respondi sem me abalar; e, em parte como provocação, mencionei os nomes de meus alquimistas como os principais autores que havia estudado. O professor se admirou:

– Você realmente perdeu tempo estudando essas bobagens? – disse ele.

Respondi afirmativamente.

– Cada minuto – continuou o sr. Krempe, exaltado –, cada instante gasto nesses livros foi totalmente desperdiçado; você sobrecarregou a sua memória com sistemas duvidosos e nomes inúteis... Santo Deus, em que terra desértica você vivia? Por que ninguém teve a gentileza de informá-lo de que essas fantasias, que você absorve sofregamente, têm mil anos e são tão antigas quanto obsoletas? Eu não esperava, na atual época científica e iluminada, encontrar um discípulo de Albertus Magnus e Paracelso. Meu caro, o senhor precisa recomeçar os seus estudos do zero.

Assim dizendo, ele se afastou para anotar uma lista de vários livros que tratavam da filosofia natural, que ele queria que eu adquirisse, e então me dispensou, depois de mencionar que no começo da semana seguinte pretendia iniciar uma série de palestras sobre as relações gerais da filosofia natural, e que o sr. Waldman, professor associado, faria palestras sobre química nos dias alternados que ele faltasse.

Voltei para casa, não desapontado, porque havia muito eu considerava inúteis esses autores que o professor reprovava; mas não voltei nem um pouco mais inclinado a recorrer a esses estudos de modo algum. O sr. Krempe era um homem pequeno e atarracado, de voz rouca e rosto repulsivo; o professor, portanto, não me predispunha em favor de suas recomendações. Numa atitude bastante filosófica e conectada, certamente, levei em consideração as conclusões a que havia chegado a respeito delas em meus primeiros anos. Quando criança, eu não ficava satisfeito com os resultados prometidos pelos professores modernos das ciências naturais. Com uma confusão de ideias, só explicada pela minha extrema juventude e pela falta de orientação sobre tais assuntos, retrocedi os passos do conhecimento ao longo do caminho do tempo e troquei as descobertas dos pesquisadores recentes pelos sonhos esquecidos dos alquimistas. Além disso, eu desprezava os usos da filosofia natural moderna. Tudo era muito diferente quando os mestres da ciência buscavam o poder e a imortalidade; tais visões, embora fúteis, eram grandiosas. Agora, porém, o cenário havia mudado. A ambição dos pesquisadores parecia limitar-se à aniquilação das visões sobre as quais meu interesse pela ciência especialmente se fundava. Eu era obrigado a trocar quimeras de grandeza infinita por realidades de pouco valor.

Essas foram as minhas reflexões nos primeiros dois ou três dias de permanência em Ingolstadt, período que passei principalmente buscando conhecer os locais e os moradores mais importantes da minha nova terra. Mas, assim que a semana seguinte começou, pensei

nas informações que o sr. Krempe me dera a respeito das palestras. E, embora eu não pudesse admitir que ouviria aquele pequeno presunçoso despejar frases de um púlpito, lembrei do que ele havia falado do sr. Waldman, que eu sequer tinha visto, porque até então ele estivera fora da cidade.

Em parte por curiosidade e em parte pela ociosidade, fui para a sala de conferências, na qual o sr. Waldman entrou pouco depois. Esse professor era muito diferente do seu colega. Aparentava cerca de cinquenta anos de idade, mas com um aspecto expressivo da maior benevolência; alguns cabelos grisalhos cobriam suas têmporas, mas eram quase pretos na parte de trás da cabeça. Ele era baixo, mas incrivelmente apumado; sua voz era a mais doce que eu já tinha ouvido. Começou a palestra recapitulando a história da química e as várias melhorias feitas por diferentes estudiosos, pronunciando com fervor os nomes dos descobridores mais ilustres. Em seguida, ele expôs um panorama superficial do estado atual da ciência e explicou vários termos elementares. Depois de fazer algumas experiências preparatórias, concluiu com um panegírico sobre a química moderna, cujos termos jamais esquecerei:

– Os mestres antigos dessa ciência prometeram coisas impossíveis – disse ele –, e nada realizaram. Os mestres modernos não prometeram quase nada, pois sabem que os metais não podem ser transmutados e que o elixir da vida é uma quimera. Mas esses filósofos, cujas mãos parecem feitas apenas para revirar sujeira, e os olhos para se debruçar sobre o microscópio ou sobre o crisol, realmente fizeram milagres. Eles penetram nos recônditos da natureza e mostram como ela trabalha em seus escaninhos. Eles subiram aos céus: descobriram como o sangue circula, a natureza do ar que respiramos; adquiriram poderes novos e quase ilimitados; podem comandar os trovões do céu, imitar terremotos e até mesmo zombar do mundo invisível com suas próprias sombras.

Essas foram as palavras do professor. Aliás, palavras do destino, devo dizer, pronunciadas para me destruir. Enquanto ele continuava, senti como se minha alma estivesse lutando contra um inimigo palpável; uma a uma, foram tocadas as várias teclas que formam o mecanismo do meu ser, soando acorde após acorde. Logo minha mente se encheu de pensamentos, concepções, propósitos. “Muita coisa já foi feita”, exclamava a alma de Frankenstein, “eu, porém, vou conseguir mais, muito mais: pisando nos passos já demarcados, vou abrir novos caminhos, explorar poderes desconhecidos e revelar para o mundo os mais profundos mistérios da criação”.

Naquela noite, não fechei os olhos. Meu ser interior encontrava-se em estado de turbulência e insurreição; senti que dali surgiria alguma ordem, mas eu não tinha poderes para produzi-la. Aos poucos, durante a madrugada, o sono chegou. Quando acordei, os pensamentos da noite anterior eram como um sonho. Só restava a decisão de retomar meus antigos estudos e de me dedicar a uma ciência para a qual eu acreditava possuir um talento natural. No mesmo dia, fiz uma visita ao sr. Waldman. Suas maneiras, no âmbito privado eram ainda mais sutis e agradáveis do que em público; aquele ar de dignidade conveniente que ele exibia na palestra, foi substituído por um comportamento mais afável e bondoso em sua própria casa. Apresentei a ele quase o mesmo relato das minhas atividades anteriores que coloquei para o professor Krempe. Ele ouviu atento a pequena narrativa dos meus estudos e sorriu com os nomes de Cornelius Agrippa e Paracelso, mas sem o desprezo exibido pelo sr. Krempe. Então, ele disse:

– É a esses homens de zelo infatigável que os filósofos modernos devem a maior parte dos fundamentos de seus conhecimentos. Eles deixaram para nós a tarefa mais fácil de atribuir novos nomes e organizar em classificações conexas os fatos que, em grande medida, foram instrumentos que lançaram luz sobre as trevas. A labuta dos homens de gênio, por mais equivocados que estivessem, quase nunca deixava de cumprir a finalidade de oferecer, em retorno, sólida vantagem para a humanidade.

Ouvi essa declaração ser feita sem nenhum exagero ou presunção. Em resposta, afirmei que a palestra dele tinha removido os meus preconceitos contra os químicos modernos. Eu me expressei em termos comedidos, com a modéstia e a deferência devidas por um jovem a seu instrutor, sem deixar escapar (minha inexperiência de vida me envergonhava) qualquer entusiasmo que estimulasse meu pretendido trabalho. Solicitei conselhos sobre os livros que deveria procurar.

– Fico feliz – disse o sr. Waldman – de ter conseguido um discípulo. Se a sua aplicação for igual à sua capacidade, não tenho dúvidas do seu sucesso. A química é o ramo da filosofia natural em que as maiores melhorias foram e podem ser feitas. Foi por conta disso que fiz meu estudo peculiar; mas, ao mesmo tempo, não negligenciei os outros ramos da ciência. Um homem seria apenas um químico muito triste se atendesse exclusivamente a esse departamento do conhecimento humano. Se o seu desejo é se tornar realmente um homem de ciência, e não apenas um mero e reles experimentalista, eu o aconselho a aplicar-se a todos os ramos da filosofia natural, inclusive

à matemática.

Então, ele me levou ao laboratório e me explicou os usos de várias máquinas, instruindo-me sobre quais eu deveria possuir, prometendo-me deixar usar o equipamento dele quando eu tivesse progredido suficientemente na ciência, para não desarranjar nenhum mecanismo. Ele também me forneceu a lista de livros que solicitei. Eu me despedi e fui embora.

Assim terminou aquele dia memorável, que decidiu o meu destino futuro.

CAPÍTULO 4

A partir desse dia, o estudo da filosofia natural, e particularmente da química, no sentido mais abrangente do termo, tornou-se minha ocupação quase exclusiva. Eu lia as obras com ardor, tão cheias da genialidade e do discernimento que os pesquisadores modernos usaram para escrever sobre esses assuntos; assistia às palestras e cultivava o conhecimento dos homens de ciência da universidade; e, até mesmo no sr. Krempe encontrei uma grande quantidade de informações sensíveis e reais, combinadas com sua fisionomia e modos repugnantes, é bem verdade, mas não por isso menos valiosas. No sr. Waldman, achei um verdadeiro amigo, cuja gentileza jamais foi turvada pelo dogmatismo. Suas instruções eram dadas com um ar de tamanha franqueza e boa índole que baniam toda ideia de pedantismo. De mil maneiras, ele aplainou para mim o caminho do conhecimento e tornou as questões mais abstrusas claras e fáceis para minha assimilação. Inicialmente, minha aplicação ao estudo era vacilante e incerta; mas ganhou força conforme prossegui, e logo se tornou tão ávida e ardente, que as estrelas muitas vezes desapareciam na claridade da manhã, enquanto eu ainda estava em meu laboratório.

Como me apliquei com tanto afincio, pode-se imaginar facilmente que meu progresso foi rápido. Meu entusiasmo foi realmente uma grande surpresa para os alunos e minha proficiência, para os mestres. O professor Krempe frequentemente me perguntava, com um sorriso malicioso, como estava Cornelius Agrippa, enquanto que o sr. Waldman manifestava o mais sincero contentamento pelos meus progressos. Dois anos se passaram desta maneira; durante esse período, não fiz nenhuma visita a Genebra, pois estava empenhado, de coração e alma, na realização de algumas descobertas que esperava fazer. Ninguém, a não ser quem já a experimentou, pode imaginar a sedução da ciência. Em outros estudos, você vai tanto longe quanto os outros foram antes de você, e não há nada mais para saber; mas na investigação científica há alimento contínuo para descobertas e maravilhas. Qualquer mente de capacidade moderada, que siga de perto algum estudo, fatalmente alcança grande competência nessa área. Assim, eu, que buscava continuamente a realização de um objetivo de pesquisa, e que estava exclusivamente envolvido nisso, me aperfeiçoei tão rapidamente que, no fim de dois anos, fiz algumas

descobertas que melhoraram alguns instrumentos químicos e me proporcionaram grande estima e admiração na universidade. Quando cheguei a esse ponto e conhecia tão bem a teoria e a prática da filosofia natural quanto era possível pelas lições dos professores de Ingolstadt, minha permanência já não era mais necessária para o meu aperfeiçoamento. Eu pensava em voltar para os meus amigos e minha cidade natal, quando ocorreu um incidente que prorrogou minha estadia.

Um dos fenômenos que me chamou peculiarmente a atenção foi a estrutura do corpo humano e, de fato, de qualquer animal dotado de vida. Frequentemente eu me perguntava: de onde procede o princípio da vida? Trata-se de uma questão séria, que sempre foi considerada um mistério; além disso, muita coisa nos levaria a ponto de nos tornarmos conhecidos, se a covardia ou a negligência não restringissem nossas investigações. Revirei essas circunstâncias na mente e decidi desde então aplicar-me mais particularmente aos ramos da filosofia natural que se relacionavam à fisiologia. A menos que estivesse animado por um entusiasmo quase sobrenatural, minha aplicação a esse estudo teria sido irritante e quase intolerável. Para examinar as causas da vida, devemos primeiro recorrer à morte. Familiarizei-me com a ciência da anatomia, mas não era suficiente; eu deveria também observar a decadência natural e a corrupção do corpo humano. Na minha educação, meu pai tinha tomado as maiores precauções para que minha mente não ficasse impressionada com nenhum horror sobrenatural. Jamais me lembro de ter tremido num conto de superstição ou de temer a aparição de algum espírito. A escuridão não afetava minha imaginação, e um cemitério era para mim apenas o receptáculo de corpos privados de vida, que, por abrigarem beleza e vigor, viravam alimento para os vermes. Agora eu era levado a examinar a causa e o progresso dessa decadência, e forçado a passar dias e noites em criptas e necrotérios. Minha atenção estava fixa nos objetos mais insuportáveis para a delicadeza dos sentimentos humanos. Vi como a fina forma do ser humano acabava degradada e desperdiçada; presenciei a corrupção da morte suceder ao florescente broto da vida; vi como os vermes herdavam as maravilhas dos olhos e do cérebro. Fazia pausas para examinar e analisar todas as minúcias da causação que apareciam exemplificadas na mudança da vida para a morte, e da morte para a vida; até que, no meio dessa escuridão, uma luz de repente tomou conta de mim, uma luz muito brilhante e prodigiosa, apesar de muito simples, que ao mesmo tempo em que me deixava atordoado com a imensidão da perspectiva que

ilustrava, surpreendia-me pelo fato de que, entre tantos homens de gênio que tinham dirigido suas investigações para a mesma ciência, só a mim estivesse reservado descobrir um segredo tão surpreendente.

Lembre-se, não estou registrando a visão de um louco. Que o sol brilhe nos céus é tão verdadeiro quanto o que afirmo agora. Algum milagre poderia ter produzido isso, mas as etapas da descoberta foram distintas e prováveis. Depois de dias e noites de trabalho árduo e fadiga incríveis, consegui descobrir a causa da geração da vida; mais ainda, tornei-me capaz de gerar animação, de dar alma à matéria sem vida.

O assombro que experimentei inicialmente com essa descoberta, logo deu lugar a alegria e à empolgação. Depois de tanto tempo gasto em trabalhos penosos, chegar ao ápice dos meus desejos foi a consumação mais gratificante do meu trabalho. Entretanto, essa descoberta foi tão grande e avassaladora, que se obliteraram todos os passos pelos quais eu tinha sido progressivamente conduzido a ela: eu via apenas o resultado. O que havia sido o estudo e o desejo dos homens mais sábios desde a criação do mundo, estava agora ao meu alcance. Não que, como num passe de mágica, tudo se abrisse para mim de uma só vez: as informações que obtive eram mais destinadas a direcionar os meus esforços quando eu os apontasse para o objetivo da minha busca, do que para revelar esse objetivo já realizado. Eu era como o árabe enterrado com os mortos que encontra uma passagem para a vida, auxiliado apenas por uma luz fraca e aparentemente desprezível.

Percebo, meu amigo, pela ansiedade, admiração e expectativa que seus olhos expressam, que você espera ser informado do segredo que eu adquiri. Isso não é possível. Escute pacientemente a história até o fim, e você facilmente perceberá por que sou reservado a respeito desse assunto. Não vou arrastar você, como aconteceu comigo, desprotegido e ardente como eu era, forçosamente para a destruição e para a desgraça fatal. Aprenda, senão pelos meus conceitos, ao menos com o meu exemplo, o quanto é perigosa a aquisição do conhecimento, e o quanto mais feliz é aquele que acredita que sua terra natal é o mundo, em relação àquele que aspira a tornar-se maior do que sua natureza permite.

Quando me vi com um poder tão extraordinário em minhas mãos, hesitei por um longo tempo sobre a maneira como deveria empregá-lo. Apesar de eu possuir a capacidade de gerar animação, ou melhor, de dar alma, e mais ainda, de preparar um corpo para recebê-la, com todas as suas complexidades de fibras, músculos e

veias, a tarefa, entretanto, permanecia uma obra de inconcebível dificuldade e trabalho. Para começar, fiquei em dúvida se deveria tentar a criação de um ser como eu, ou de um organismo mais simples; mas minha imaginação estava exaltada demais pelo meu primeiro sucesso para me permitir duvidar da minha capacidade de dar vida a um animal tão complexo e maravilhoso como o ser humano. Os materiais sob o meu comando, nesse momento, mal pareciam adequados a um empreendimento tão árduo; apesar disso, eu não duvidava que seria bem-sucedido no final. Preparei-me para enfrentar uma multidão de contratempos; minhas operações poderiam ser permanentemente desconcertantes e, no final, meu trabalho ainda poderia ser imperfeito. Mas, ao observar as melhorias que todos os dias ocorrem na ciência e na mecânica, eu alimentava a esperança de que minhas tentativas atuais, no mínimo construísem os alicerces do sucesso futuro. Eu também não poderia considerar a magnitude e a complexidade de meu plano como argumento de sua impraticabilidade. Assim, foi com tais sentimentos que comecei a criar um ser humano. Como a minúcia das partes se constituiu num grande obstáculo à minha velocidade, resolvi, contrariando minha intenção inicial, fazer a criatura ter uma estatura gigantesca, a saber, com quase dois metros e meio de altura, e proporcionalmente largo. Depois de ter formado essa convicção e de passar alguns meses coletando e organizando com sucesso os meus materiais, eu comecei.

Ninguém pode conceber a variedade de sentimentos que me assolaram, como um furacão, no primeiro entusiasmo do sucesso. A vida e a morte me pareciam limites ideais, que eu deveria primeiro romper e derramar uma torrente de luz em nosso mundo obscuro. Uma nova espécie me abençoaria como seu criador e fonte; muitas naturezas felizes e excelentes deveriam sua existência a mim. Nenhum pai poderia reivindicar a gratidão de seu filho tão completamente como eu deveria merecer a deles. Perseguindo essas reflexões, pensei que, se eu pudesse dar alma a uma matéria sem vida, poderia, no curso do tempo (embora agora eu achasse impossível) renovar a vida onde a morte, aparentemente, devotara o corpo à corrupção.

Esses pensamentos sustentavam meu espírito, enquanto eu prosseguia em minha empreitada com ardor incessante. Meu rosto ficou pálido com os estudos, e o confinamento me transformou numa pessoa raquítica. Por vezes, à beira da certeza, eu falhava; contudo, ainda me agarrava à esperança de que na próxima hora ou no próximo dia, poderia conseguir. Um segredo que só eu possuía era a esperança a que me dedicava. A lua vigiava meu trabalho noturno, enquanto que

eu, sem fôlego e com uma ansiedade incontida, perseguia a natureza em seus esconderijos. Quem imaginaria os horrores do meu trabalho secreto, de mexer em mendigos insepultos no cemitério, ou torturar animais vivos, para dar alma à argila sem vida? Meus membros agora tremem, meus olhos boiam nas ondas das lembranças; mas naquele tempo, um impulso quase frenético me levava adiante; eu parecia ter perdido toda e qualquer alma ou sentimento não relacionados com aquela pesquisa. Foi, de fato, apenas um transe passageiro, que só serviu para me aguçar os sentidos, tão logo – com o estímulo antinatural cessando de operar – eu retornara para meus velhos hábitos. Eu pegava ossos nos necrotérios e bulia, com dedos profanos, os formidáveis segredos das carcaças humanas. Num quarto à parte, ou melhor, no sótão da residência, separado dos outros aposentos por uma galeria e uma escada, eu mantinha a oficina da minha criação imunda. Meus olhos ameaçavam saltar das órbitas quando observavam os detalhes da minha atividade. A sala de dissecação e o matadouro me forneciam várias matérias-primas. Muitas vezes, minha natureza humana voltava a sentir repugnância pela minha ocupação. Mesmo assim, ainda impulsionado por uma ansiedade que aumentava perpetuamente, eu levava o trabalho mais para perto da conclusão.

Os meses de verão passaram enquanto eu estava envolvido assim, de coração e alma, em uma só busca. A estação estava muito bonita; nunca os campos deram colheitas mais abundantes, ou as vinhas produziram safras mais luxuriantes. No entanto, meus olhos eram insensíveis aos encantos da natureza. E os mesmos sentimentos que me faziam ignorar as paisagens à minha volta, também me fizeram esquecer dos amigos, afastados a tantos quilômetros de distância, e que eu não via há muito tempo. Eu sabia que meu silêncio os inquietava. Então me lembrei bem das palavras de meu pai: “Sei que, enquanto você estiver satisfeito consigo mesmo, pensará em nós com afeição, e teremos notícias de você regularmente. Perdoe-me se considero qualquer interrupção em sua correspondência como prova de que as suas outras obrigações estão sendo igualmente negligenciadas”.

Eu sabia bem, portanto, quais seriam os sentimentos de meu pai, mas não conseguia arrancar os pensamentos da minha atividade, repugnante em si mesma, mas que tinha assumido um irresistível controle de minha imaginação. E, eu desejava, por assim dizer, adiar tudo o que se relacionasse com meus sentimentos de afeto, até que o grande objetivo, que engolia cada rotina da minha natureza, fosse realizado.

Então, eu achava que meu pai seria injusto se atribuisse minha negligência a algum vício ou falha da minha parte, mas agora estou convencido de que ele foi justo ao imaginar que eu não deveria estar totalmente livre de culpa. Um ser humano em perfeição deve sempre preservar a mente calma e pacífica, e jamais permitir que a paixão ou algum desejo transitório perturbem sua tranquilidade. Não creio que a busca do conhecimento seja uma exceção a essa regra. Se os estudos aos quais você se aplica tendem a enfraquecer suas afeições e a destruir seu gosto pelos prazeres simples que nenhuma liga consegue mesclar, então esses estudos certamente são ilegítimos; isto é, não condizem com a mente humana. Se essa regra fosse sempre observada, se nenhum homem permitisse que alguma pesquisa, qualquer que fosse, interferisse na tranquilidade de suas afeições domésticas, a Grécia não teria sido escravizada, César pouparia seu país, a América teria sido descoberta mais gradualmente e os impérios do México e do Peru não seriam destruídos.

Mas esqueço que estou sendo moralista na parte mais interessante da minha história. Além disso, seu olhar me pede para prosseguir. Meu pai não fazia nenhuma crítica em suas cartas; e só teve notícia da minha ciência quando indagou das minhas ocupações mais particularmente do que antes. O inverno, a primavera e o verão passaram durante os meus trabalhos. De tão profundamente que eu estava absorto em minhas ocupações, não assisti às flores brotarem e nem às folhas se expandirem, visões que antes sempre me proporcionaram supremo prazer. As folhas daquele ano secaram antes que meu trabalho se aproximasse do fim e, agora, cada novo dia me mostrava mais claramente o quanto eu havia progredido, mas meu entusiasmo era controlado pela minha ansiedade: eu parecia mais um condenado pela escravidão, a trabalhar nas minas, ou a qualquer outra tarefa perniciosa, do que um artista ocupado com sua atividade favorita. Todas as noites eu era assolado por uma febre lenta e ficava nervoso no grau mais doloroso; a queda de uma folha me assustava e passei a evitar os meus companheiros, como se fosse culpado de um crime. Às vezes, eu me assustava com a calamidade em que acreditava ter me tornado. Só a energia do meu propósito me sustentava: logo meus trabalhos terminariam. Eu acreditava que os exercícios e a diversão logo afastariam a doença incipiente; então, prometi a mim mesmo me dedicar a essas duas atividades assim que minha criação estivesse completa.

CAPÍTULO 5

Foi numa lúgubre noite de novembro que cheguei à conclusão do meu trabalho. Com uma ansiedade quase beirando à agonia, juntei os aparelhos de vida ao meu redor, para que eu pudesse lançar uma faísca de existência na coisa inanimada que jazia a meus pés. Passava de uma hora da madrugada. A chuva tamborilava sinistramente nas vidraças. Minha vela já estava quase apagada, quando, no meio da claridade que restava daquela luz bruxuleante, vi o olho opaco, descorado, da criatura se abrir. A coisa respirava com dificuldade; um movimento convulsivo agitou seus membros.

Como posso descrever as minhas emoções diante dessa calamidade, ou como traçar um esboço daquela abominação que com tantas dores e tão infinitos cuidados eu havia tentado formar? Seus membros eram proporcionais, e eu tinha escolhido feições bem bonitas para ele. Bonitas? Meu Deus! Sua pele amarelada, pouco cobria da musculatura e das artérias que corriam por baixo; o cabelo era de um tom preto lustroso e escorrido; os dentes, de uma brancura perolada; mas esses detalhes viçosos só formavam um contraste ainda mais pavoroso com os olhos lacrimejantes, que pareciam ter quase a mesma cor esbranquiçada das órbitas em que estavam colocados; a pele era enrugada, e os lábios negros e retos.

Os diferentes acidentes da vida não são tão cambiáveis como os sentimentos da natureza humana. Eu havia trabalhado duro por quase dois anos, com o único propósito de lançar vida numa carcaça inanimada. Por esse motivo, abri mão de descansar e descuidei da saúde. Era o que eu desejava fazer, com um ardor que excedia em muito a moderação. Mas, agora que tinha terminado, a beleza do sonho desaparecera. Meu peito se encheu de horror e desgosto, e fiquei sem fôlego; incapaz de suportar a aparência do ser que tinha criado, eu saí correndo da sala, e fiquei por um longo tempo perambulando no meu quarto, sem conseguir me concentrar para dormir. Finalmente, o cansaço venceu a agitação que me amargurava. Eu me atirei na cama, com roupa e tudo, tentando encontrar alguns momentos de esquecimento. Mas foi em vão; dormi, é verdade, mas fui perturbado pelos sonhos mais insanos. Pensei ter visto Elizabeth andar pelas ruas de Ingolstadt esbanjando saúde. Encantado e surpreso, abracei-a, mas quando lhe dei o primeiro beijo, seus lábios

ficaram lívidos, da cor da morte. Suas feições pareciam mudadas, e eu achei que segurava o cadáver de minha mãe morta em meus braços. Uma vestimenta branca envolvia seu corpo, e eu vi vermes de sepultura rastejando nas dobras da mortalha. Despertei do sono horrorizado. Um suor frio cobriu a minha testa, meus dentes rangeram, meus braços e pernas entraram em convulsão. Foi quando, sob a luz fraca e embaçada do luar, eu avistei o desgraçado, o miserável monstro que havia criado, forçando a passagem pelas venezianas da janela. Em seguida, ele levantou o cortinado sobre a cama e fixou os olhos em mim, se é que aquelas coisas podiam ser chamadas de olhos. Seus maxilares se abriram, e ele murmurou alguns sons inarticulados, enquanto um sorriso enrugava suas bochechas. Ele deve ter dito algo, mas não ouvi; uma de suas mãos se estendeu, aparentemente para me agarrar, mas eu escapei e desci as escadas. Fui me refugiar no pátio da casa onde morava, e lá permaneci o resto da noite, andando para cima e para baixo na maior agitação, escutando atentamente, captando e temendo cada ruído, como se cada som fosse anunciar a aproximação do cadáver demoníaco ao qual eu tão desgraçadamente tinha dado vida.

Oh! Nenhum mortal suportaria o horror daquele semblante. Uma múmia outra vez dotada de alma não seria tão medonha como aquele desgraçado. Eu tinha olhado para ele ainda inacabado. Era muito feio, então. Mas, quando seus músculos e articulações se tornaram capazes de movimento, ele se transformou numa coisa que nem Dante teria concebido.

Passei a noite como um imprestável. Às vezes, meu pulso batia tão rápido e vigorosamente que eu sentia a palpitação de cada artéria; outras vezes, eu quase caía no chão de abatimento e extrema fraqueza. Junto com esse horror, eu sentia a amargura do desapontamento. Os sonhos que tinham sido meu alimento e meu consolo agradável por tanto tempo, agora se tornaram um inferno para mim. A mudança foi muito rápida, e a derrocada foi total!

A manhã, triste e úmida, finalmente despertou e revelou para os meus olhos insones e doloridos a igreja de Ingolstadt, com seu campanário branco e o relógio, que indicava a sexta hora. O vigia abriu os portões do pátio, que naquela noite fora o meu asilo, e eu saí às ruas, andando com passos rápidos, como se tentasse evitar o desgraçado que eu temia encontrar em cada esquina. Eu não ousava voltar para o apartamento onde morava, mas senti-me impelido a me apressar, embora encharcado pela chuva que jorrava de um céu negro e inclemente.

Continuei caminhando dessa maneira por algum tempo, esforçando-me, pelo exercício físico, para aliviar a carga que pesava em minha mente. Atravessei as ruas sem nenhuma ideia clara de onde eu estava, ou do que estava fazendo. Meu coração palpitava, adoecido de medo. Eu me apressei com passos irregulares, não ousando olhar ao meu redor:

*Como alguém que, solitário numa estrada,
Costuma andar com medo e pavor,
E, que depois de para trás olhar, avança,
Sem novamente a cabeça virar;
Porque sabe que um demônio assustador
Vem logo atrás, pisando em seu calcanhar.*

(“O VELHO MARINHEIRO”, DE SAMUEL TAYLOR COLERIDGE)

Continuando assim, cheguei à frente da estalagem onde as várias diligências e carruagens costumavam parar. Ali fiquei, sem saber por quê, alguns minutos com os olhos fixos num coche que vinha, do outro lado da rua, na minha direção. Ao se aproximar, observei que era a diligência suíça, que parou exatamente onde eu estava. A porta abriu e reconheci Henry Clerval, que, ao me ver, desceu imediatamente.

– Meu caro Frankenstein! – ele exclamou. – Como estou feliz por vê-lo. Que sorte você estar aqui no momento da minha chegada!

Nada podia ser tão agradável quanto ver Clerval. Sua presença trouxe de volta aos meus pensamentos meu pai, Elizabeth e todas aquelas cenas de casa tão caras à minha memória. Agarrei-lhe a mão e, no mesmo instante, esqueci do meu horror e infortúnio. De repente, senti uma alegria calma e serena pela primeira vez em muitos meses. Assim, da maneira mais cordial, dei as boas-vindas ao meu amigo, e caminhamos em direção à minha escola. Clerval continuou falando por algum tempo sobre nossos amigos mútuos e sobre sua própria boa fortuna que lhe permitira vir a Ingolstadt.

– Como você pode facilmente acreditar – ele disse –, tive enorme dificuldade para convencer meu pai de que nem todo o conhecimento necessário estava incluído na nobre arte da contabilidade. Bem, na verdade, acho que o deixei incrédulo até o fim. A resposta padrão às minhas incansáveis súplicas era a mesma do mestre-escola holandês no *Vigário de Wakefield*: “Eu ganho dez mil florins por ano sem falar grego e consigo comer à vontade sem falar grego”. Mas a afeição dele por mim superou a antipatia aos estudos e ele me permitiu fazer uma viagem de descobertas na terra do conhecimento.

– Sinto o maior prazer em vê-lo. Mas conte-me como estavam meu pai, meus irmãos e Elizabeth, quando você partiu.

– Muito bem e muito felizes, apenas um pouco preocupados por só ouvirem falar de você tão raramente. A propósito, eu mesmo gostaria de lhe passar um sermão a esse respeito, por conta deles. Mas, meu caro Frankenstein – ele mudou de assunto, de repente, para dizer na minha cara –, eu não havia reparado antes como você está doente, muito magro e pálido, parece que está com insônia há várias noites...

– Você acertou em cheio. Ultimamente tenho andado tão envolvido com uma atividade que não me permite descansar o suficiente, como você vê, mas espero, sinceramente espero, que todas essas agruras agora estejam terminando e que eu, enfim, esteja livre.

Eu tremia demais. Não suportava pensar, sequer por insinuação, nas ocorrências da noite anterior. Andei num ritmo rápido, e logo chegamos à escola. Então refleti, e esse pensamento me arrepiou, que a criatura que eu deixara em meu apartamento ainda poderia estar lá, viva, perambulando. Eu temia encarar o monstro; mas receava ainda mais que Henry o visse. Roguei a ele, então, que permanecesse alguns minutos ao pé da escada e disparei para o quarto. Minha mão já estava na fechadura da porta antes que eu percebesse. Então parei; um calafrio percorreu minha alma. Abri a porta com força, como as crianças costumam fazer quando esperam encontrar um fantasma aguardando-as do outro lado; mas nada apareceu. Entrei morrendo de medo: o apartamento estava vazio, e meu quarto também estava livre do hóspede hediondo. Eu mal podia acreditar que a boa sorte tivesse recaído sobre mim. Quando tive certeza de que meu inimigo tinha realmente fugido, bati palmas de alegria e desci para buscar Clerval.

Subimos para o meu quarto, e o criado logo trouxe o desjejum, mas eu não conseguia me conter. Não era apenas a alegria que tomava conta de mim; meus sentimentos estavam à flor da pele, e meu pulso batia acelerado. Não ficava um instante no mesmo lugar; pulava sobre as cadeiras, batia palmas e ria alto. A princípio, Clerval atribuiu esse bom humor incomum à alegria pela sua chegada; mas, quando me observou mais atentamente, viu um desvario nos meus olhos que ele não entendia. Minha risada alta, desbragada e insensível deixou-o assustado e perplexo.

– Meu caro Victor – ele exclamou –, qual é, pelo amor de Deus, o problema? Pare de rir desse jeito. Você está mesmo doente! Qual é a causa de tudo isso?

– Nem queira saber! – exclamei. Coloquei as mãos diante dos olhos, pois achei que tinha visto o temido espectro passar se

esgueirando para o quarto. Pensei: “*ele* pode gritar: Ei! Salve-me, salve-me...”. Imaginei que o monstro me pegava; eu me debati furiosamente e desmaiei tendo um ataque.

Pobre Clerval! Quais não seriam os seus sentimentos: um encontro, que ele imaginou que fosse acontecer com tanta alegria, de modo tão estranho se transformara em amargura, mas eu não testemunhava sua dor, pois estava desacordado e não recuperei os sentidos por um bom tempo.

Esse foi o início de uma febre nervosa que me deixou confinado por vários meses. Durante todo esse tempo, Henry foi o meu único cuidador. Depois tomei conhecimento que, sabendo da avançada idade de meu pai, e de sua incapacidade para uma viagem tão longa, e do estado lamentável em que minha doença deixaria Elizabeth, ele poupou-os desse sofrimento escondendo a gravidade do meu transtorno. Ele sabia que eu não poderia ter cuidador mais gentil e atencioso do que ele próprio. E, firmado na esperança que sentia da minha recuperação, ele não teve dúvidas de que, em vez de deixá-los mal, realizou a melhor ação que podia com relação a eles.

Mas eu estava mesmo muito doente. E, com certeza, nada além das atenções ilimitadas e incansáveis do meu amigo poderia ter me devolvido à vida. A forma do monstro a quem eu tinha concedido a existência estava para sempre diante dos meus olhos, e eu delirava incessantemente a respeito dele. Sem dúvida, as minhas palavras surpreenderam Henry. Primeiro, ele acreditou que eram desatinos da minha imaginação perturbada; mas a pertinácia com que eu continuamente recorria ao mesmo assunto, persuadiu-o de que minha desordem realmente devia origem a algum terrível evento incomum.

Lentamente, e com frequentes recaídas que alarmavam e entristeciam meu amigo, eu me recuperei. Lembro-me da primeira vez que fui capaz de observar objetos externos sentindo algum prazer: percebi que as folhas caídas haviam desaparecido e que ramos jovens brotavam nas árvores que sombreavam minha janela. A primavera estava divina. Essa estação contribuiu muito para minha convalescença. Senti também os sentimentos de alegria e afeição se reavivarem no meu peito. Minha tristeza desapareceu e, em pouco tempo, voltei a ser tão alegre como antes de ser atacado pela paixão fatal.

– Caro Clerval – exclamei –, como você é amável e bom para mim! Em vez de passar o inverno todo estudando, como prometeu a si mesmo, você o desperdiçou no meu quarto de doente. Sinto o maior remorso pela decepção que lhe causei, mas você vai me perdoar.

– Você me retribuirá completamente se não se desestabilizar e se ficar bem o mais rápido que puder. E, já que parece estar de bom humor, podemos conversar sobre um assunto?

Estremeci para valer. Conversar sobre um assunto! Qual seria? Poderia ele insinuar algo a respeito de um objeto sobre o qual eu não ousava sequer pensar?

– Controle-se – disse Clerval, ao observar a minha mudança de cor –, não vou tratar disso, se for para deixá-lo agitado, mas o seu pai e a sua prima ficariam muito felizes caso recebessem cartas suas, escritas de próprio punho. Eles sabem que você adoeceu e estão preocupados com o seu longo silêncio.

– É só isso, meu caro Henry? Como poderia pressupor que meus primeiros pensamentos não seriam dedicados a esses caros, a esses meus queridos amigos que tanto amo e que merecem todo o meu amor?

– Se esse é o seu estado de espírito atual, meu amigo, talvez fique contente de ver uma carta que está à sua espera há alguns dias e que eu acho que é da sua prima.

CAPÍTULO 6

Clerval, então, colocou a seguinte carta nas minhas mãos. Era mesmo da minha Elizabeth:

Meu primo mais querido,

Você esteve doente, muito doente, e nem mesmo as constantes cartas do caro Henry foram suficientes para me tranquilizar por sua causa. Você está proibido de escrever, de segurar a pena; contudo, uma palavra sua, querido Victor, é necessária para acalmar as nossas apreensões. Por muito tempo pensei que cada vinda do carteiro traria essa correspondência, e só minhas persuasões convenceram meu tio a desistir da viagem até Ingolstadt. Tenho impedido que ele encontre os inconvenientes e talvez os perigos de uma viagem tão longa. Além disso, quantas vezes me arrependi de não ser capaz de realizá-la eu mesma! Imagino que a tarefa de cuidar de você, em seu leito de enfermidade, tenha sido delegada a alguma enfermeira velha e mercenária, que jamais poderia adivinhar os seus desejos, nem os administraria com o cuidado e carinho de sua pobre prima. No entanto, isso agora acabou: Clerval escreve que você está melhorando, de fato. Espero ansiosamente que você logo confirme, com a própria letra.

Fique bem e volte para nós. Você vai encontrar uma casa alegre e feliz e amigos que o amam muito. A saúde do seu pai é vigorosa, e ele só pede para vê-lo, para ter certeza de que você está bem, e assim nenhuma preocupação jamais irá lhe obscurecer o semblante bondoso. Você ficaria muito satisfeito de observar o desenvolvimento do nosso Ernest! Ele agora tem dezesseis anos e está muito animado e cheio de vida. Deseja ser um verdadeiro suíço e entrar para o serviço estrangeiro; mas não podemos nos separar dele, pelo menos até que você, o irmão mais velho, volte para nós. Meu tio não está satisfeito com a ideia de uma carreira militar em um país distante, mas Ernest nunca teve o mesmo poder de aplicação que você tem. Ele vê os estudos como grilhões odiosos, gasta o tempo ao ar livre, escalando as colinas ou remando no lago. Receio que ele se torne um ocioso, a menos que cedamos nessa questão, permitindo que ele ingresse na profissão que escolheu.

Pouca alteração, exceto o crescimento das nossas queridas crianças, ocorreu desde que você nos deixou. O lago azul e as montanhas cobertas de neve nunca mudam. Penso que o nosso plácido lar e os nossos corações satisfeitos são regulados pelas mesmas leis imutáveis. Minhas ocupações insignificantes me preenchem o tempo e me distraem, e sou recompensada em meus esforços de não ver ninguém triste, mas apenas rostos felizes e amáveis ao meu redor. Desde que você nos deixou, apenas uma única mudança ocorreu em nossa pequena casa. Lembra-se daquela ocasião em que Justine Moritz entrou na família? Provavelmente não! Então vou lhe contar essa história em poucas palavras. A sra. Moritz, mãe dela, era uma viúva com quatro filhos, dos quais Justine era a terceira. Essa menina sempre foi a favorita do pai; mas, por uma estranha perversidade, a mãe não conseguia suportá-la e depois da morte do senhor Moritz, passou a tratá-la muito mal. Minha tia observou isso e quando Justine

tinha doze anos, em sua mãe ganhou força a ideia de permitir que ela vivesse em nossa casa. As instituições republicanas de nosso país produziram maneiras mais simples e mais felizes do que as que prevalecem nas grandes monarquias que a cercam. Assim, há menos distinção entre as várias classes de seus habitantes. As pessoas das classes inferiores, não sendo tão pobres e nem tão desprezadas, são mais refinadas e morais em suas maneiras. Ser um serviçal em Genebra não significa a mesma coisa que ser um serviçal na França e na Inglaterra. Assim, Justine foi recebida em nossa família e aprendeu os deveres de uma criada, uma condição que, em nosso afortunado país, não inclui as ideias de ignorância e de sacrifício da dignidade do ser humano.

Justine, você vai se lembrar, sempre foi muito querida por vocês, e eu me lembro de você uma vez ter comentado que, se estivesse de mau humor, um olhar de Justine bastaria para dissipá-lo, pelo mesmo motivo de Ariosto, a respeito da beleza de Angélica: ela parecia muito sincera e feliz. Minha tia nutria grande apego por ela, o que a levou a lhe dar uma educação superior à inicialmente pretendida. Esse benefício foi totalmente retribuído. Justine era a criaturinha mais grata do mundo, mas não quero dizer que ela alardeasse isso; nunca seus lábios disseram algo a esse respeito, mas qualquer um podia ver em seus olhos que ela quase adorava sua protetora. Embora fosse de temperamento alegre e, em muitos aspectos, desprendida, ela dava a maior atenção a cada gesto de minha tia, a quem considerava um modelo de toda a excelência e procurava imitar a fraseologia e as maneiras, de um modo que, até hoje, muitas vezes me faz lembrar dela.

Quando minha querida tia morreu, todos estavam muito ocupados com sua própria dor para reparar na pobre Justine, que a acompanhara durante a doença com o afeto mais dedicado. A pobre Justine estava muito doente, mas outras provações estavam reservadas a ela.

Um a um, seus irmãos e a irmã morreram. E a mãe, com exceção da filha negligenciada, ficou sem filhos. A consciência da mulher estava pesada. Ela começou a pensar que as mortes de seus filhos favoritos eram julgamentos vindos dos céus para castigar sua parcialidade. Era católica romana, e creio que seu confessor confirmou a ideia que ela havia concebido. Assim, alguns meses depois da sua partida para Ingolstadt, Justine foi chamada de volta para sua casa pela mãe arrependida. Pobre garota! Chorou muito quando saiu do nosso lar. Ela estava muito alterada desde a morte de minha tia. A dor tinha dado suavidade, uma suavidade insuperável, às suas maneiras, que antes eram notáveis pela vivacidade. Nem o fato de residir na casa da própria mãe teve o condão de lhe restaurar a alegria. A pobre mulher era muito vacilante em seu arrependimento. Às vezes, suplicava a Justine para lhe perdoar a indelicadeza; mas muito mais frequentemente a acusava de ter causado a morte de seus irmãos e da irmã. A perturbação perpétua acabou levando a sra. Moritz à decadência, o que aumentou sua irritabilidade, mas ela agora está em paz para sempre, pois morreu com a primeira aproximação do tempo frio, no início desse último inverno. Justine voltou para nós, e garanto-lhe que a amo com ternura. Ela é muito esperta e gentil e extremamente bela. Como mencionei antes, seu semblante e suas expressões continuamente me lembram de minha querida tia.

Preciso ainda dizer algumas palavras a você, meu querido primo, sobre o pequeno

e gracioso William. Gostaria que pudesse vê-lo. Ele é bem alto para a idade, tem olhos azuis risonhos e cheios de doçura, cílios escuros e cabelos encaracolados. Quando sorri, duas covinhas aparecem em cada bochecha, rosadas de tanta saúde. Ele já teve uma ou duas pequenas “esposas”, mas Louisa Biron, uma menina bonita com cinco anos de idade, é sua favorita.

Agora, querido Victor, ousou dizer que você gostaria de ser indulgente com algumas pequenas indiscrições sobre os bons cidadãos de Genebra. A bela srta. Mansfield já recebe as visitas de felicitações pela proximidade de seu casamento com um jovem escudeiro inglês, John Melbourne. A irmã feia, Manon, casou-se com Duvillard, o banqueiro rico, no outono passado. Seu colega de escola preferido, Louis Manoir, sofreu vários infortúnios desde a partida de Clerval para Genebra, mas ele já recuperou o ânimo e está prestes a se casar com uma francesa muito bonita, a senhora Tavernier, uma viúva, bem mais velha que ele; mas ela é muito admirada e estimada por todos.

Escrevi de muito bom humor, querido primo. Mas, ao concluir, a ansiedade volta para mim. Escreva, querido Victor, uma linha que seja. Uma palavra sua será uma bênção para nós. Dez mil agradecimentos a Henry pela bondade, pelo afeto e pelas muitas cartas: somos sinceramente gratos. Adeus! Cuide-se, meu primo, e imploro para que escreva!

Elizabeth Lavenza

Genebra, 18 de março de 17...

– Minha querida Elizabeth! – Foi essa minha exclamação, quando li a carta dela. – Vou escrever imediatamente para aliviá-los da ansiedade que devem estar sentindo.

E, foi o que fiz. Escrevi, e esse esforço me cansou muito; mas minha convalescença tinha começado e prosseguia regularmente. Quinze dias depois, eu pude deixar os meus aposentos.

Um dos meus primeiros deveres na recuperação foi apresentar Clerval aos vários professores da universidade. Ao fazer isso, sofri uma espécie de pressão abusiva, pouco condizente com as feridas a que minha mente tinha suportado. Desde a noite fatal, do fim dos meus trabalhos e começo dos meus infortúnios, eu manifestava uma violenta antipatia até pelo nome da filosofia natural. Por outro lado, quando eu já estava com a saúde restabelecida, a mera visão de um instrumento químico renovava toda a agonia dos meus sintomas nervosos. Henry percebeu e afastou todos os meus equipamentos do alcance da minha visão. Ele também modificou o meu apartamento, pois percebeu que eu sentia aversão pela sala que antes tinha sido o meu laboratório. Apesar disso, esses cuidados de Clerval eram inúteis quando eu visitava os professores. O sr. Waldman infligiu-me uma tortura ao elogiar, com bondade e entusiasmo, os progressos surpreendentes que eu fizera nas ciências. Ele logo percebeu que eu não gostava do assunto; mas, sem adivinhar a verdadeira causa, atribuiu os meus

sentimentos ao pudor e mudou de assunto, do meu aperfeiçoamento para a própria ciência, com o desejo de me elogiar, como evidentemente percebi. O que eu poderia fazer? Ele queria me agradar, mas me atormentava. Eu sentia como se estivessem colocando cuidadosamente no meu campo de visão, um por um, os instrumentos que depois seriam usados para provocar minha morte lenta e cruel. Eu me retorcia com as palavras dele, mas não ousava exibir a dor que sentia. Clerval, cujos olhos e sentimentos eram sempre rápidos em discernir as sensações de outros, declinou o assunto, alegando, em desculpa, sua total ignorância; e assim, a conversa tomou um rumo mais geral. Agradei de coração ao meu amigo, mas não falei nada. Eu sabia claramente que ele estava surpreso, mas ele nunca tentou tirar algum segredo de mim. Embora eu o amasse com uma mescla de afeto e reverência que não conhecia limites, jamais conseguiria me persuadir a lhe confidenciar aquele evento tão frequentemente presente em minha lembrança, mas cujos detalhes eu temia que só me marcariam ainda mais profundamente.

Com o sr. Krempe também não era fácil de lidar. Para minha condição naquela época, de sensibilidade quase insuportável, seus elogios rasgados e sinceros doíam ainda mais do que a benevolente aprovação do sr. Waldman.

– Rapaz danado – ele alardeava. – Pois eu garanto, sr. Clerval, que ele superou a todos nós. Entenda como quiser; mas é a pura verdade. Um jovem que há poucos anos acreditava em Cornelius Agrippa, tão firmemente como no evangelho, agora se coloca à frente da universidade; e, se não for logo derrubado, todos nós ficaremos para trás. Sim, sim – ele prosseguiu, observando a expressão de sofrimento em meu rosto –, Frankenstein é modesto, uma excelente qualidade num jovem. Os rapazes devem desconfiar de si mesmos, como você sabe, sr. Clerval: eu mesmo era assim quando jovem, mas isso se desgasta num tempo muito curto.

Agora o sr. Krempe começava a elogiar a si mesmo, fato que felizmente desviou a conversa de um assunto tão irritante para mim.

Clerval jamais simpatizara com o meu gosto pela ciência natural. Sua atividade literária diferia completamente daquela que me interessava. Ele chegou à universidade com o propósito de se tornar um mestre pleno em línguas orientais, o que lhe abriria um campo para o plano de vida que tinha traçado para si mesmo. Resolvido a não seguir nenhuma carreira inglória, voltou os olhos para o Oriente, como se para dar espaço ao seu espírito aventureiro. As línguas persa e árabe e o idioma sânscrito chamaram sua atenção, e eu acabei sendo

facilmente induzido a entrar nos mesmos estudos. A ociosidade sempre foi irritante para mim e agora que eu queria fugir de reflexões e odiava meus estudos anteriores, senti um grande alívio em ser companheiro de classe do meu amigo, para encontrar não só instrução, mas também consolo nas obras dos orientalistas. Eu não tentava, como ele, obter conhecimento crítico desses dialetos, pois não pretendia fazer qualquer uso deles além da diversão passageira. Eu lia apenas para compreender os significados dos textos, o que compensava bem o meu esforço, pois são de uma melancolia reconfortante, cativam pela alegria e ainda elevam o espírito a um grau que jamais experimentei ao estudar os autores de qualquer outro país. Quando você lê esses escritos, a vida parece consistir num sol cálido e um jardim de rosas, nos sorrisos e nas carrancas de um inimigo justo e no fogo que consome o seu próprio coração. Bem diferente da poesia viril e heroica da Grécia e de Roma!

O verão passou nessas ocupações, com o meu retorno a Genebra fixado para o fim do outono; mas me atrasei por causa de vários acidentes. O inverno e a neve chegaram, as estradas ficaram intransitáveis, e minha viagem foi retardada até a primavera seguinte. Senti amargamente esse adiamento, pois ansiava ver minha cidade natal e meus amigos amados. Meu regresso só demorou tanto tempo pela falta de vontade de deixar Clerval num lugar estranho, sem que antes ele conhecesse alguns de seus habitantes. O inverno, entretanto, passou alegremente; e, embora a primavera estivesse excepcionalmente atrasada, quando veio, sua beleza compensou a demora.

O mês de maio já havia começado e eu aguardava a carta diária que deveria fixar a data da minha partida, quando Henry propôs uma caminhada nos arredores de Ingolstadt, para que eu pudesse fazer minha despedida pessoal àquela região que tinha habitado por tanto tempo. Aceitei com prazer essa proposta. Eu gostava de exercícios, e Clerval sempre havia sido o meu companheiro favorito nos passeios dessa natureza que fazíamos pelas paisagens da nossa terra natal.

Passamos uma quinzena nessas perambulações. Minha saúde e meus humores tinham sido restaurados havia muito tempo e ganharam força adicional com o ar saudável que eu respirava, os incidentes naturais do nosso progresso e as conversas do meu amigo. Os estudos tinham-me afastado sobretudo das relações com pessoas que eram meus colegas e eu me tornara antissocial, mas Clerval suscitou os melhores sentimentos do meu coração. Ele me ensinou novamente a amar aspectos da natureza e o rosto alegre das crianças.

Excelente amigo! Como me ama sinceramente e se esforça para elevar minha mente até que atinja um nível como o dele próprio! A mania de perseguição egoísta me sufocou e me limitou até que a gentileza e a afeição dele reaqueceram e desprenderam os meus sentimentos. Voltei a ser a mesma criatura feliz que, havia alguns anos, era amada e querida por todos, sem tristezas ou inquietações. Quando me sinto feliz, a natureza inerte tem o poder de me conferir as mais deliciosas sensações. O céu sereno e os campos verdes me enchem de êxtase. A estação em andamento estava de fato divina. As flores da primavera ainda brotavam nas sebes, quando as do verão já estavam em botão. Não fui incomodado pelos pensamentos que no ano anterior tanto me pressionaram, apesar dos meus esforços para me livrar deles, como de um fardo insuportável.

Henry celebrava minha alegria e sinceramente simpatizava com meus sentimentos. Esforçava-se para me divertir e, ao mesmo tempo, externava as sensações que lhe enchiam a alma. Os recursos de sua mente nessas ocasiões eram de fato surpreendentes. As conversas eram cheias de imaginação. Muitas vezes, imitando os escritores persas e árabes, ele inventava contos maravilhosos, repletos de paixões e fantasias. Outras vezes, recitava os meus poemas favoritos, ou me atraía para discussões, que ele sustentava com a maior ingenuidade.

Voltamos para a nossa universidade numa tarde de domingo. Os camponeses dançavam e cada pessoa que conhecemos parecia alegre e feliz. Meu bom humor era tanto que transbordava em explosões de riso e sentimentos de alegria desenfreada.

CAPÍTULO 7

Na volta, achei a seguinte carta de meu pai:

Meu querido Victor,

É provável que você esteja aguardando ansiosamente uma carta para marcar a data de seu retorno a nós, e eu fui tentado primeiro a escrever só algumas linhas, limitando-me a mencionar o dia em que devo esperá-lo, mas isso seria uma gentileza cruel e não ousou fazê-lo. Qual não seria a sua surpresa, meu filho, quando você espera uma acolhida feliz e contente e, ao contrário, é recebido, com lágrimas e desgraça? E como, Victor, posso relatar a nossa desventura? A ausência não tornaria você insensível às nossas alegrias e tristezas; mas será que posso infligir dor ao meu filho há tanto tempo ausente? Gostaria de prepará-lo para a triste notícia, mas sei que é impossível. Agora mesmo, seu olhar vasculha a página em busca das palavras que lhe transmitirão a terrível notícia: William está morto!

Aquele doce menino, cujos sorrisos deleitaram e aqueceram meu coração, que era tão gentil e tão alegre, Victor, foi assassinado! Não tentarei consolá-lo, mas simplesmente relacionar as circunstâncias do ocorrido.

Na última quinta-feira, dia 7 de maio, eu, minha sobrinha e seus dois irmãos fomos passear nos jardins de Plainpalais. A tarde estava quente e serena e prolongamos o nosso passeio além do habitual. Escureceu e pensamos em voltar. Então percebemos que não estávamos encontrando William e Ernest, que saíram na frente. Assim, descansamos num banco esperando que eles voltassem. Em seguida, Ernest veio e perguntou se tínhamos visto o irmão. Disse que estavam brincando, que William correu para se esconder, e que depois o procurou em vão. Depois, esperou um bom tempo por ele, mas ele não voltou.

Esse relato nos alarmou e continuamos a procurá-lo até a noite chegar, quando Elizabeth cogitou que ele poderia ter voltado para casa, mas ele não estava lá. Retornamos aos jardins, com tochas, pois eu não poderia descansar imaginando que meu querido menino estivesse perdido e exposto à umidade e ao orvalho da madrugada. Elizabeth também sofria extrema angústia. Por volta das cinco da manhã, descobri meu adorável garoto, que na noite anterior florescia no vigor da saúde, esticado na grama, lívido e imóvel, com as marcas dos dedos do assassino no pescoço.

Ele foi levado para casa, e a angústia visível em meu rosto revelou o segredo para Elizabeth. Ela queria muito ver o cadáver. No começo, tentei impedi-la, mas ela insistiu. Ao entrar na sala onde o corpo estava, examinou rapidamente o pescoço da vítima. Contraindo as mãos, ela exclamou:

– Meu Deus, matei a minha querida criança!

Ela desmaiou e só foi reanimada com extrema dificuldade. Recuperou os sentidos, mas não parava de chorar e soluçar. Ela me contou que naquela mesma noite, William a importunou para que o deixasse usar um camafeu muito valioso que ela possuía, com o retrato da mãe de vocês. Esse camafeu sumiu. Sem dúvida, foi a tentação que levou o assassino a cometer o ato. Não temos nenhum vestígio dele no momento;

embora nossos esforços para descobri-lo sejam incessantes, nada disso trará de volta o meu amado William!

Venha, querido Victor. Só você pode consolar Elizabeth. Ela chora sem parar e se acusa injustamente de ser a causadora da morte dele. As palavras dela dilaceram o meu coração. Estamos todos infelizes. Meu filho, não seria esse um motivo adicional para você voltar e ser o nosso consolador? Sua querida mãe, Victor, infelizmente agora posso dizer, graças a Deus não viveu para testemunhar a morte cruel e desgraçada de seu querido filho caçula!

Venha, Victor, não nutrimos pensamentos de vingança contra o assassino; mas sentimentos de paz e gentileza, que curam, em vez de infectar as feridas da nossa mente. Entre na casa enlutada, meu querido, trazendo bondade e carinho para os que o amam e sem ódio para com os inimigos.

O seu afetuoso e aflito pai,
Alphonse Frankenstein
Genebra, 12 de maio de 17...

Clerval, que observara meu semblante ao ler essa carta, ficou surpreso de ver o desespero que sucedeu a alegria inicial que eu expressara por receber notícias de meus entes queridos. Atirei a carta sobre a mesa e cobri o rosto com as mãos.

– Meu caro Frankenstein! – exclamou Henry, quando me viu chorar amargurado. – Você está sempre infeliz? Meu caro amigo, o que aconteceu?

Acenei para que ele pegasse a carta, enquanto passei a andar para cima e para baixo na sala, extremamente agitado. Lágrimas também brotaram dos olhos de Clerval, ao ler o relato de meu infortúnio.

– Não tenho como lhe oferecer consolo, meu amigo – ele disse. – Sua tragédia é irreparável. O que pretende fazer?

– Partir imediatamente para Genebra. Venha comigo, Henry, vamos arranjar cavalos.

Durante a caminhada, Clerval esforçou-se para dizer algumas palavras consoladoras; mas só conseguiu expressar a solidariedade que sentia em seu coração.

– Pobre William – ele disse –, querida e bela criança, que agora dorme com sua mãe angelical! Quem o viu cheio de vida e alegria em sua beleza infantil, agora chora sua perda prematura! Morrer tão desgraçadamente, estrangulado pelo assassino! Quantos assassinos mais ainda destruirão essa inocência radiante! Pobre pequeno companheiro. Um único consolo nós temos: os amigos lamentam e choram, mas ele descansa em paz. A dor acabou, o sofrimento dele teve um fim para sempre. A relva cobre o seu meigo corpo e ele não conhece a dor. Não mais será motivo de piedade; isso está reservado para os infelizes que sobrevivem.

Clerval assim falava enquanto nos apressávamos pelas ruas. Suas palavras incutiram-se na minha mente, e depois me lembrei delas na solidão, mas então, quando os cavalos chegaram, entrei apressado em um cabriolé e me despedi do meu amigo.

A viagem foi muito melancólica. A princípio, eu queria me apressar, pois desejava consolar e me solidarizar com meus entes amados e entristecidos. Mas, quando me aproximei da minha cidade natal, relaxei a marcha. Eu mal conseguia aguentar a enorme quantidade de sentimentos que se acumulavam na minha mente. Passei por paisagens familiares da juventude, que eu não via fazia quase seis anos. Como tudo mudou nesse tempo! Foi uma mudança repentina e desoladora, mas milhares de pequenas circunstâncias gradualmente devem ter contribuído para outras alterações que, embora fossem feitas com mais tranquilidade, não foram menos decisivas. O medo venceu, eu não me atrevia a avançar, temendo inúmeros males sem nome que me faziam tremer, embora não fosse incapaz de defini-los.

Permaneci dois dias em Lausanne, nesse doloroso estado de espírito. Contemplei o lago: as águas eram plácidas e tudo ao redor era calmo. As montanhas nevadas, os “palácios da natureza”, não haviam mudado. Aos poucos, a calma e o panorama celestial me restauraram e prossegui na viagem rumo a Genebra.

A estrada corria ao lado do lago, que se tornava mais estreito quanto mais eu me aproximava da minha cidade natal. Descortinei, com maior clareza, as vertentes negras do Jura e a cúpula brilhante do Mont Blanc. Chorei feito criança.

– Montanhas queridas! Meu próprio belo lago! Que maneira incrível de dar as boas-vindas a esse indivíduo errante. Seus cumes estão límpidos, o céu e o lago são azuis e plácidos. Será que é para preannunciar a paz, ou para zombar da minha infelicidade?

Temo, meu amigo, que eu me torne maçante por tratar dessas circunstâncias preliminares, mas eram dias de felicidade comparativa, nos quais penso com prazer. Era o meu país, o meu amado país! Que outra pessoa, senão um nativo, poderia falar do prazer que sente sempre ao ver esses córregos, essas montanhas, e, acima de tudo, esse lago encantador!

Porém, quando me aproximei de casa, a tristeza e o medo voltaram a me assolar. A noite também chegou; e, como mal podia ver as montanhas na escuridão, eu me senti ainda mais soturno. A cena parecia um vasto e sutil palco da maldade e previ obscuramente que estava predestinado a me tornar o mais desgraçado dos seres

humanos. Infelizmente, profetizei a verdade. Falhei apenas numa única circunstância, já que em toda a desgraça que imaginava e temia, não concebi a centésima parte da angústia que eu estava destinado a suportar.

A escuridão era total quando cheguei nos arredores de Genebra. Os portões da cidade estavam fechados e fui obrigado a passar a noite em Secheron, uma aldeia distante meia légua da cidade. O céu estava sereno e, como eu não conseguia descansar, resolvi visitar o local onde o pobre William fora assassinado. Como não pude atravessar a cidade, fui obrigado a atravessar o lago de barco, para chegar a Plainpalais. Durante essa curta viagem, vi os relâmpagos representando as figuras mais belas no cume do Mont Blanc. A tempestade parecia se aproximar rapidamente. Ao desembarcar, subi num monte baixo, para poder observar a progressão do temporal, que avançava no céu nublado. Logo, comecei a sentir gotas enormes caírem lentamente; em seguida, a chuva ganhou força depressa.

Desci do local onde estava e caminhei, embora a escuridão e a tempestade aumentassem a cada instante e a cada passo e a trovoadá explodisse com estrondos ensurdecedores sobre a minha cabeça, ecoando desde o monte Salève, o maciço do Jura e os Alpes da Saboia. Relâmpagos fulgurantes deslumbravam os meus olhos e iluminavam o lago, fazendo-o parecer uma vasta lâmina de fogo. Então, por um instante, tudo desaparecia no negrume, até que o olho se recuperasse do clarão anterior. A tempestade, como frequentemente acontece na Suíça, surgiu de uma só vez em várias partes do céu; a parte mais concentrada e violenta parecia estar suspensa exatamente sobre o norte da cidade, em cima daquele trecho do lago que se encontra entre o promontório de Belrive e a aldeia de Coppet. Mais um a tormenta iluminava o Jura, com relâmpagos fracos e, ainda outra, às vezes, escondia e, às vezes, revelava o Môle, uma montanha pontuda a leste do lago.

Enquanto observava a tempestade, tão terrível quanto bela, eu perambulava apertando o passo. Essa admirável guerra no céu levantou o meu ânimo. Esfreguei as mãos e exclamei em voz alta:

– William, querido anjo, esse é o seu funeral, esse é o seu cântico!

Enquanto pronunciava essas palavras, percebi na escuridão um vulto se esgueirar atrás de um grupo de árvores perto de mim. Fiquei imóvel, olhei atentamente; eu não podia me enganar. Um relâmpago iluminou a área e estampou o contorno da figura claramente para mim. A estatura gigantesca, a aparência deformada, as formas muito mais monstruosas do que as pertinentes à humanidade, imediatamente

me informaram que era o desgraçado, o diabo imundo ao qual eu tinha dado vida. O que ele fazia ali? Seria ele o assassino de meu irmão? Essa ideia nem tinha acabado de cruzar a minha imaginação (tremi só de pensar) e eu já estava convencido de que era verdade. Meus dentes rangiam, e fui forçado a me encostar numa árvore para me apoiar. O vulto passou por mim, fugaz; mas eu o perdi na escuridão. Nada em forma humana destruiria uma criança inocente. Ele era o assassino, eu não duvidava disso! A mera manifestação da ideia era prova irrecusável do fato. Pensei em perseguir o demônio, mas teria sido em vão, pois outro relâmpago o denunciou pendurado entre as rochas, na subida quase perpendicular do Monte Salève, um morro no limite do Plainpalais, ao sul. Ele logo alcançou o cume e desapareceu.

Fiquei sem ação. A trovoada cessou, mas a chuva ainda continuava, e a cena estava envolta numa escuridão impenetrável. Eu revolia na mente os acontecimentos que até agora havia procurado esquecer: toda a sequência do meu progresso rumo à criação; o aparecimento da obra das minhas mãos junto à minha cama, e o seu sumiço. Quase dois anos tinham decorrido desde a noite em que ele recebeu a vida pela primeira vez. Teria sido esse o seu primeiro crime? Que lástima! Eu tinha colocado no mundo um miserável depravado, que se deleitava com a carnificina e com a desgraça. Não havia ele assassinado o meu irmão?

Ninguém pode conceber a angústia que sofri pelo resto da noite, molhado e passando frio ao relento, mas pouco me importavam as inconveniências do clima. Minha imaginação estava ocupada com cenas de maldade e desespero. Eu considerava o ser que havia lançado entre os homens dotado de vontade e poder para cometer atrocidades, como a ação que tinha acabado de realizar, quase como o meu próprio vampiro, meu próprio espírito liberto da sepultura e forçado a destruir tudo o que era mais caro para mim.

O dia amanheceu e eu dirigi meus passos para a cidade. Os portões estavam abertos; corri para a casa do meu pai. Meu primeiro pensamento foi revelar o que sabia do assassino e desencadear a perseguição instantânea que precisava ser feita. Entretanto, parei ao refletir sobre a história que teria que contar. Um ser que eu mesmo tinha formado e dotado de vida tinha me encontrado à meia-noite, entre os precipícios de uma montanha inacessível. Lembrei-me também da febre nervosa que me acometeu na mesma época de que datava a minha criação e que daria um ar de delírio a uma história de outra maneira tão completamente improvável. Sabia muito bem que,

se qualquer outra pessoa comunicasse um tal relato a mim, eu olharia para ela como se estivesse delirando, à beira da insanidade. Além disso, a estranha natureza desse animal escaparia a qualquer perseguição, mesmo se eu conseguisse convencer meus parentes a iniciá-la. Então, qual seria a utilidade da perseguição? Quem poderia prender uma criatura capaz de escalar as escarpas salientes do Monte Salève? Essas reflexões me contiveram e eu resolvi permanecer em silêncio.

Eram quase cinco horas da manhã quando entrei na casa do meu pai. Eu disse aos criados para não incomodarem a família e fui para a biblioteca esperar o horário normal deles se levantarem.

Seis anos haviam decorrido e esse tempo passou como um sonho. Mas, por causa de algum traçado indelével, eu me encontrava no mesmo lugar onde abraçara o meu pai pela última vez antes da partida para Ingolstadt. Amado e venerável pai! Era ainda o que me restava. Olhei para o quadro da minha mãe sobre a lareira, que representava um tema histórico, pintado de acordo com o desejo de meu pai, mostrando Caroline Beaufort na agonia do desespero, ajoelhada junto ao caixão de seu pai falecido. A roupa dela era rústica e o rosto, pálido; mas havia um ar de dignidade e beleza que dificilmente admitiria o sentimento de piedade. Embaixo desse quadro havia um camafeu de William. Eu me debulhei em lágrimas ao olhar para ele. Ernest entrou enquanto estava assim entretido; ele me ouvira chegar e se apressou para me receber, expressando um prazer doloroso ao me ver:

– Bem-vindo, meu querido Victor – ele disse. – Ah! Como eu gostaria que você tivesse chegado três meses atrás; então teria encontrado a todos alegres e felizes. Agora você vem até nós para compartilhar uma desgraça que nada pode aliviar. Mas a sua presença, espero, reviverá nosso pai, que parece naufragar no infortúnio, e seus argumentos induzirão a pobre Elizabeth a parar com suas vãs e atormentadas autoacusações. Pobre William, ele era um querido para nós, o nosso orgulho!

Lágrimas incontidas transbordaram dos olhos do meu irmão. Um sentimento mortal de agonia percorreu a minha alma. Antes, eu só imaginava a desgraça da minha casa desolada. A realidade me atingiu como uma tragédia nova, mas não menos terrível. Tentei acalmar Ernest. Perguntei mais detalhadamente a respeito do meu pai e depois mencionei a minha prima.

– Ela, principalmente – disse Ernest –, precisa de consolo, pois acusa-se de ter provocado a morte do nosso irmão e isso a deixa muito

infeliz, mas assim que o assassino for descoberto...

– O assassino descoberto... Meu Deus, como isso pode ter acontecido? Quem tentaria persegui-lo? É impossível, é como querer ultrapassar os ventos ou conter um córrego na montanha com uma palha. Ele estava livre ontem à noite!

– Não sei o que você quer dizer com isso – respondeu o meu irmão, admirado –, mas a descoberta que fizemos torna completa a desgraça para nós. Ninguém acreditou no começo, e até agora Elizabeth não ainda está convencida, apesar de todas as provas. Na verdade, ninguém acreditaria que Justine Moritz, que era tão amável e querida por toda a família, de repente fosse se tornar capaz de um crime tão pavoroso?

– Justine Moritz! Pobre moça, ela foi acusada? Mas está errado, todo mundo sabe. Ninguém acredita nisso, não é mesmo, Ernest?

– Ninguém acreditava a princípio; mas depois vieram várias circunstâncias que quase nos forçaram a convicção. Além disso, o comportamento dela própria foi tão confuso, que deu às evidências dos fatos um peso que, creio eu, não deixa nenhuma sombra de dúvida. Ela será julgada hoje e logo você ficará sabendo de tudo.

Ele então relatou que, na manhã em que o assassinato do pobre William foi descoberto, Justine estava doente e acamada havia vários dias. Nesse intervalo de tempo, um criado, por acaso examinou a roupa que ela usara na noite do assassinato, descobrindo no bolso o camafeu com o retrato de minha mãe, considerado como a motivação do assassino. O criado imediatamente mostrou a outro, que, sem dizer uma palavra sequer a alguém da família, foi ao juiz. Após esse depoimento, Justine foi presa. Ao ser acusada do fato, a pobre menina confirmou a suspeita, em grande medida pela extrema confusão de seus modos.

A história era muito estranha, mas não abalou a minha fé. Então, eu respondi sinceramente:

– Vocês todos estão enganados. Eu sei quem é o assassino. Justine, a pobre Justine, é inocente.

Nesse instante, meu pai entrou. Vi a infelicidade profundamente estampada em seu rosto, mas ele se esforçou para me receber com alegria. E, depois de trocarmos uma triste saudação, passaria a tratar de outros assuntos que não fossem a nossa tragédia, se Ernest não tivesse exclamado:

– Meu Deus, pai. Victor diz saber quem é o assassino do pobre William!

– Nós também, infelizmente – respondeu o meu pai. – Porque, de

fato, para mim teria sido melhor ficar sem saber para sempre, do que descobrir tanta depravação e tanta ingratidão em alguém que eu valorizava em tão alto grau.

– Meu querido pai, o senhor está enganado, Justine é inocente.

– Se for mesmo, que Deus a permita sofrer como culpada. Ela deverá ser julgada hoje, e eu espero, espero sinceramente, que seja absolvida.

Essa fala me acalmou. Eu estava firmemente convencido em minha própria mente de que Justine, e, de fato, qualquer outro ser humano, eram inocentes no caso desse assassinato. Eu tinha medo, porém, de que qualquer evidência circunstancial pudesse ser apresentada com força suficiente para condená-la. Minha história não era para ser anunciada publicamente, pois seu espantoso horror seria visto como loucura pelo povo. Será que, exceto eu, o criador, alguém realmente acreditaria, a menos que seus sentidos o convencessem, na existência do monumento vivo da presunção e da ignorância precipitada que eu deixara solto no mundo?

Logo Elizabeth se juntou a nós. O tempo que passou desde a última vez em que a vi, transformara sua aparência. A exuberância que ela conquistara, superava em muito sua beleza juvenil; mas a mesma candura e vivacidade foram preservadas, agora aliadas a uma expressão mais cheia de sensibilidade e inteligência. Ela me acolheu com o maior carinho.

– Sua chegada, querido primo, me enche de esperança – Elizabeth me disse. – Você talvez encontre algum meio de fazer justiça à minha pobre e inocente Justine. Que pena! Quem estará seguro se ela for condenada pelo crime? Certamente que eu confio na inocência dela como na minha própria. A tragédia é duplamente difícil para nós: não só perdemos aquele adorável querido menino, como a essa pobre menina, a quem amo sinceramente e que está para ser arrebatada por um destino ainda pior. Se for condenada, nunca mais voltarei a sentir alegria, mas isso não acontecerá, tenho certeza de que não, então, ficarei feliz novamente, mesmo depois da triste morte de meu pequeno William.

– Ela é inocente, minha Elizabeth – eu disse –, e isso será provado. Não tema nada; tenha bom ânimo, deixe o seu espírito se animar, na certeza da absolvição.

– Como você é gentil e generoso! Todos acreditam na culpa dela. Isso tem me deixado muito infeliz, porque acho impossível vê-la condenada de maneira tão cruel pelo preconceito das pessoas; isso me deixa desesperada e perdida – ela lamentou.

– Querida sobrinha – disse meu pai –, enxugue suas lágrimas. Se, como você acredita, ela for inocente, confie na justiça de nossas leis e na minha atuação para impedir a menor sombra de parcialidade.

CAPÍTULO 8

Passamos algumas horas de espera aborrecida, até as onze horas, quando o julgamento deveria começar. Como o meu pai e o resto da família eram obrigados a comparecer como testemunhas, acompanhei-os ao tribunal. Durante todo esse trágico escárnio de justiça, eu sofreria um tormento infernal. Estava para ser decidido se o resultado da minha curiosidade e dos meus experimentos ilícitos seria a causa da morte de duas criaturas queridas: primeiro, de uma criancinha sorridente, cheia de inocência e alegria e, depois, de outra pessoa muito mais terrivelmente assassinada, com todos os agravantes infames que tornavam o assassinato memorável pelo horror. Justine também era uma garota de méritos e possuía qualidades que prometiam tornar-lhe a vida feliz. Agora, porém, tudo deveria ser obliterado numa sepultura ignominiosa, sendo eu o causador! Mil vezes eu teria me confessado culpado do crime atribuído a Justine, mas eu estava ausente quando o ato foi cometido e tal declaração seria considerada como o delírio de um louco e não teria inocentado aquela que sofria por minha causa.

Vestida de luto, Justine aparentava serenidade. Seu semblante, sempre atraente, tornou-se, pela altivez de seus sentimentos, estranhamente belo. Ela, no entanto, parecia confiar na própria inocência e não tremia, embora fosse observada e execrada por milhares de pessoas. Toda bondade que, de outra maneira, sua beleza poderia despertar, foi ofuscada na mente dos espectadores pelo imaginário da atrocidade que ela teria cometido. Ela estava tranquila, mas essa tranquilidade evidentemente era forçada. E, como seu estado confuso antes havia sido apresentado como prova de culpa, ela preparou a mente para externar coragem. Quando entrou na sala do tribunal, lançou um olhar ao redor e rapidamente descobriu onde estávamos sentados. Uma lágrima pareceu nublar seus olhos quando nos viu, mas logo ela se recuperou e um olhar comovente de afeição pareceu atestar sua absoluta inocência.

O julgamento começou. Depois que o advogado contrário pronunciou a acusação, várias testemunhas foram chamadas. Muitos fatos estranhos combinados pesavam contra ela, o que poderia abalar qualquer pessoa sem tantas provas de sua inocência como eu tinha. Ela esteve fora a noite inteira em que o assassinato foi cometido e, na

manhã seguinte, uma mulher do mercado a viu não muito longe do local onde o corpo da criança assassinada foi encontrado mais tarde. A mulher perguntou-lhe o que fazia ali, mas ela se mostrou arredia e só respondeu de forma confusa e ininteligível. Chegou em casa perto das oito horas e, quando alguém lhe perguntou onde passara a noite, ela respondeu que estava procurando a criança e queria saber insistentemente se alguma coisa fora ouvida a respeito do menino. Quando lhe mostraram o corpo, ela teve um violento ataque de histeria e ficou de cama por vários dias. Então, foi-lhe apresentado o camafeu que a criada encontrou em seu bolso. E, quando Elizabeth, com voz hesitante, revelou que aquele era o mesmo objeto que colocara no pescoço do menino uma hora antes dele se perder, um burburinho de horror e indignação tomou conta do tribunal.

Justine foi chamada para fazer sua defesa. Conforme o julgamento prosseguia, seu semblante se alterava. Surpresa, horror e infortúnio se manifestaram fortemente. Às vezes, ela lutava com as lágrimas; mas, quando foi instada a confessar sua culpa, juntou forças e falou num tom de voz audível, mas entrecortado:

– Deus sabe – ela disse – que eu sou inteiramente inocente; mas não pretendo que os meus protestos me absolvam: repouso a minha inocência sobre a pura e simples explicação dos fatos apresentados contra mim. Espero que o caráter que sempre carreguei incline os meus juízes a uma interpretação favorável, quando alguma circunstância parecer duvidosa ou suspeita.

Ela então contou que, com a permissão de Elizabeth, passou o entardecer daquele dia em que o assassinato foi cometido na casa de uma tia em Chêne, uma aldeia situada cerca de uma légua de Genebra. Ao voltar, às nove horas da noite, encontrou um homem que lhe perguntou se tinha visto alguma criança perdida; ficou alarmada com o relato e passou várias horas a procurá-la. Então, os portões de Genebra foram fechados. Como era madrugada, foi obrigada a ficar várias horas num celeiro anexo a uma casa de campo, pois não queria incomodar os moradores, que a conheciam bem. Passou a maior parte da noite em vigília; achou que tinha dormido alguns minutos pela manhã, mas passos a perturbaram e ela acordou. Ainda era madrugada quando deixou esse abrigo, para novamente procurar o menino. Se ela esteve perto do local onde o corpo dele estava, foi sem ter conhecimento. O fato de ter ficado perplexa ao ser questionada pela mulher do mercado não seria surpreendente, já que tinha passado a noite sem dormir e o destino do pobre William ainda era incerto. A respeito do camafeu, ela não saberia dar conta.

– Eu sei – continuou a infeliz vítima – quão pesada e fatalmente essa circunstância vai contra mim, mas não posso explicá-la. E, quando manifesto minha ignorância absoluta, é porque sou apenas levada a conjecturar a respeito das probabilidades do motivo pelo qual isso poderia ter sido colocado no meu bolso, mas aqui também estou sendo questionada. Não acredito que tenha inimigo na terra e ninguém certamente seria tão perverso para me destruir gratuitamente. Foi o assassino que o colocou ali? Não lhe dei nenhuma oportunidade para fazê-lo; ou, nesse caso, por que ele roubaria a joia para se livrar dela logo em seguida?

“Entrego a minha causa à justiça dos meus juízes, mas não vejo espaço para esperança. Peço permissão para que sejam examinadas algumas testemunhas a respeito do meu caráter e se o depoimento delas não suplantar minha suposta culpa, devo ser condenada, embora empenhe a minha salvação na minha inocência.”

Várias testemunhas que a conheciam havia muitos anos foram chamadas e falaram bem dela, mas o medo e o ódio pelo crime do qual a julgavam culpada, deixava as pessoas inseguras, sem disposição para se envolverem ainda mais.

Elizabeth percebeu que até mesmo esse último recurso, as excelentes qualidades pessoais e a conduta irrepreensível, estava prestes a escapar da acusada. Então, embora extremamente agitada, pediu permissão para se dirigir ao tribunal.

– Sou prima do infeliz assassinado – ela disse –, ou melhor, sou irmã dele, pois fui educada e passei a viver com seus pais bem antes de ele nascer. Portanto, pode ser considerado indecente da minha parte me envolver nessa questão; mas, quando vejo uma criatura amiga prestes a perecer pela covardia de pretensos colegas, desejo autorização para falar, para que eu possa dizer o que sei sobre o caráter dela. Conheço bem a acusada, vivi na mesma casa com ela, numa primeira vez por cinco anos e em outra ocasião durante quase dois anos. Por todo esse período, ela me pareceu a mais amável e benevolente criatura humana. Cuidou da sra. Frankenstein, minha tia, com a maior dedicação e carinho, e depois acompanhou sua própria mãe durante uma enfermidade desgastante, de uma maneira que despertava a admiração de todos os que a conheciam. Depois, voltou a viver na casa do meu tio, onde era amada por toda a família e estava calorosamente ligada à criança agora morta, com relação à qual agia como uma mãe muito afetuosa. Da minha parte, não hesito em dizer que, apesar de todas as provas produzidas contra ela, acredito e confio em sua perfeita inocência. Ela não tinha tentação para cometer tal ato.

Quanto ao pingente sobre o qual se escora a prova principal, se ela o desejasse ardentemente, eu teria lhe dado de bom grado, de tanto que a estimo e valorizo.

Um murmúrio de aprovação acompanhou o apelo simples e vigoroso de Elizabeth, mas essa manifestação era para aplaudir sua generosa intervenção, não era a favor da pobre Justine, sobre quem a indignação pública se voltou com renovada força, acusando-a da mais tenebrosa ingratidão. Ela mesma chorou enquanto Elizabeth falava, mas não replicou. Minha própria agitação e angústia foram extremas durante todo o julgamento. Eu acreditava na inocência dela, eu sabia disso. Poderia o demônio que (eu não tinha a menor dúvida), tinha assassinado meu irmão, ainda em sua diversão infernal, traiçoeiramente ter levado inocentes à morte e à ignomínia? Eu não conseguia aguentar o horror da minha situação. Quando percebi que a voz do populacho e o semblante dos juízes já haviam condenado a minha infeliz vítima, saí correndo do tribunal consumido pela agonia. O tormento da acusada não se equiparava ao meu; ela era alimentada pela inocência, mas as garras do remorso dilaceravam o meu peito e não largavam sua presa.

Passsei a noite na mais abjeta lástima. De manhã, fui ao tribunal. Meus lábios e a minha garganta estavam ressecados. Não me atrevi a fazer a pergunta fatal; mas eu era conhecido, e o funcionário adivinhou a causa da minha visita. Os votos tinham sido contados: eram todos contrários, e Justine foi condenada.

Não pretendo descrever o que senti. Eu já tinha experimentado sentimentos de horror. Esforcei-me para encontrar expressões adequadas, mas não existiam palavras para transmitir a ideia do desespero que eu sofria. A pessoa a quem me dirigi acrescentou que Justine já havia confessado sua culpa.

– Essa evidência – ele observou – nem era necessária em um caso tão flagrante. Estou contente por isso; pois, de fato, nenhum dos nossos juízes gosta de condenar um criminoso sobre evidências circunstanciais, por mais decisivas que sejam.

Era um entendimento estranho e inesperado. O que poderia significar? Teriam os meus olhos me enganado? Estaria eu tão louco quanto o mundo inteiro acreditaria, se revelasse o objeto de minhas suspeitas? Apressei-me a voltar para casa. Elizabeth ansiosamente exigiu o resultado.

– Minha prima – respondi –, foi decidido da forma como você deve imaginar; todo juiz prefere o sofrimento de dez inocentes, à fuga de um culpado, mas ela confessou.

Esse foi um golpe terrível para a pobre Elizabeth, que confiava firmemente na inocência de Justine.

– Ai de mim! – ela lamentou. – Como poderei voltar a acreditar na bondade humana? Como Justine, a quem eu amava e estimava como minha irmã, poderia vestir esses sorrisos de inocência? Apenas para trair? Seus olhos suaves pareciam incapazes de qualquer maldade ou astúcia, mas ela cometeu um assassinato!

Logo em seguida, ouvimos dizer que a pobre vítima tinha manifestado o desejo de ver a minha prima. Meu pai desejou que ela não fosse, mas afirmou que deixava a decisão ao juízo e aos sentimentos da própria Elizabeth.

– Sim – disse ela –, eu vou, embora Justine seja culpada. E você, Victor, me acompanhará; não posso ir sozinha. A ideia dessa visita é um tormento para mim, mas não posso recusar.

Entramos na câmara sombria da prisão e vimos Justine sentada no chão coberto de palha, no canto oposto. Suas mãos estavam amarradas, a cabeça descansava nos joelhos. Ela se levantou ao nos ver entrar. Quando ficamos a sós, ela se atirou aos pés de Elizabeth, chorando amargamente. Minha prima também chorou.

– Oh, Justine – ela disse –, por que você me roubou meu último consolo? Confiei na sua inocência e, embora eu fosse então muito infeliz, não era tão desgraçada como sou agora.

– Você também acredita que sou tão, tão má assim? Também vai se juntar aos meus inimigos para me esmagar, para me condenar como assassina? – A voz dela foi sufocada por soluços.

– Levante-se, minha pobre moça – disse Elizabeth. – Por que se ajoelha, se é inocente? Não sou sua inimiga. Acreditei que era inocente, apesar das provas, até saber que você tinha declarado a sua culpa. Essa informação, você diz, é falsa; então, querida Justine, tenha certeza de que nada pode abalar a minha confiança em você nem por um momento, a não ser sua própria confissão.

– Confessei sim, mas confessei uma mentira, pensando que conseguiria a absolvição, mas agora essa falsidade pesa mais no meu coração do que todos os meus outros pecados. Oh, Deus dos céus, me perdoe! Desde que fui condenada, meu confessor me cercou, me intimidou e me ameaçou, até que quase comecei a acreditar que era o monstro que ele afirmou que eu era. Ele me ameaçou com a excomunhão e o fogo do inferno em meus últimos momentos, se eu continuasse obstinada. Querida senhora, eu não tinha ninguém para me apoiar. Todos me viam como uma desgraçada, condenada à ignomínia e à perdição. O que eu poderia fazer? Num momento ruim,

endosseï uma mentira e agora estou realmente infeliz.

Ela parou, chorando. E continuou:

– Pensei, horrorizada, minha doce senhora, que você acabaria acreditando que a sua Justine, a quem a sua abençoada tia tão altamente honrou e que você amava tanto, fosse uma criatura capaz de cometer um crime que ninguém, a não ser o próprio diabo, poderia ter perpetrado. Amado William, querida criança abençoada! Em breve o verei novamente nos céus, onde todos seremos felizes. É isso o que me consola a caminho de sofrer ignomínia e morte.

– Oh, Justine, perdoe-me por ter desconfiado de você por um momento. Foi por que você confessou, mas não chore, querida menina. Não tema. Vou proclamar, vou provar a sua inocência, vou derreter o coração empedrado dos seus inimigos, com as minhas lágrimas e orações. Você não morrerá, não, nunca! Jamais sobreviverei a tão terrível desgraça.

Justine balançou a cabeça tristemente.

– Não tenho medo de morrer – ela disse. – Isso já passou. Deus levanta a minha fraqueza e me dá coragem para enfrentar o pior. Deixo um mundo triste e amargo. E se você se lembrar de mim e pensar em mim como uma pessoa condenada injustamente, vou enfrentar, resignada, o destino que me aguarda. Aprenda comigo, querida senhora, a se submeter pacientemente à vontade dos céus!

Durante todo o tempo dessa conversa, eu fiquei recolhido a um canto da cela, onde podia esconder a tremenda angústia que me assaltava. Que desespero! Quem ousaria falar assim? A pobre vítima, que no dia seguinte iria ultrapassar a terrível fronteira entre a vida e a morte, não sentia, como eu, uma agonia tão profunda e amarga. Rangi e apertei os dentes e deixei escapar um gemido que veio do recanto mais íntimo da minha alma. Justine se assustou. Quando viu quem era, aproximou-se de mim e disse:

– Caro senhor, é muita gentileza sua me visitar. O senhor, espero, não acredita que eu sou culpada?

Não consegui responder.

– Não, Justine – disse Elizabeth. – Ele está mais convencido de sua inocência do que eu: mesmo quando soube que você tinha confessado, não deu crédito.

– Agradeço de verdade. Nesses últimos momentos, sinto a mais sincera gratidão por aqueles que pensam em mim com bondade. Quão doce é a afeição dos outros para uma desgraçada como eu! Isso elimina mais da metade do meu infortúnio. Sinto que posso morrer em paz, agora que minha inocência é reconhecida por você, querida

senhora e pelo seu primo.

Assim, a pobre sofredora tentava confortar os outros e a si mesma. Ela realmente conquistou a resignação que desejava. Mas eu, o verdadeiro assassino, sentia vivo dentro de mim o verme que nunca morre, o que não permitia nenhuma esperança ou consolo. Elizabeth também chorou e sentiu-se infeliz, pois também era dela a desgraça da inocência; mas como uma nuvem passageira que encobre um belo luar por algum tempo, mas não consegue manchar seu brilho.

A angústia e o desespero haviam penetrado no fundo do meu coração. Eu carregava dentro de mim um fogo do inferno que nada conseguiria extinguir. Ficamos várias horas com Justine e foi com grande dificuldade que Elizabeth se despediu.

– Gostaria de morrer com você! – ela gritou. – Não posso viver nesse mundo desgraçado.

Justine assumiu um ar de alegria, enquanto reprimia com dificuldade suas lágrimas amargas. Ela abraçou Elizabeth e disse, com a voz embargada e cheia de emoção:

– Adeus, doce senhora! Querida Elizabeth, minha amada e única amiga, que essa seja a última desgraça que você sofra! Viva e seja feliz e faça com que os outros também o sejam.

No dia seguinte, Justine morreu. A aflitiva eloquência de Elizabeth não conseguiu demover os juizes da convicção que eles estabeleceram sobre a criminalidade da santa sofredora. Meus apelos apaixonados e indignados também foram em vão para eles. Quando recebi as respostas frias e acompanhei o raciocínio duro e insensível desses homens, minha pretensa confissão morreu em meus lábios. Dessa maneira, eu me proclamaria como louco, mas não revogaria a sentença passada sobre minha vítima miserável. Ela pereceu no cadafalso como uma assassina!

Dos tormentos de meu próprio coração, voltei-me para contemplar o sofrimento calado e profundo da minha Elizabeth. Também essa era uma obra de minha autoria! Bem como a aflição de meu pai e a desolação daquele lar, outrora tão venturoso. E, tudo isso por conta das minhas mãos, triplamente amaldiçoadas! Chorem, infelizes, mas essas não serão as suas últimas lágrimas! Vocês novamente haverão de levantar o choro fúnebre, e o som das suas lamúrias será ouvido repetidas vezes! Frankenstein: a sua criança, o seu escudeiro, o seu irmão caçula, o amigo muito amado; aquele que gastaria até a última gota de sangue, de fluído vital, por sua causa, e que não tem outro pensamento nem alegria a não ser também se espelhar no exemplo do seu rosto querido; aquele que encheria o ar de bênçãos e passaria a

vida servindo a você; ele, esse mesmo alguém, lhe ordena que chore, que derrame lágrimas incontáveis, que seja feliz além das suas esperanças, se assim o destino inexorável for satisfeito e se a destruição parar antes de a paz do túmulo triunfar sobre os seus tristes tormentos!

Assim falou a minha alma profética, quando, dilacerado pelos remorsos, o horror e o desespero, vi aqueles que eu amava despejarem tristeza em vão nas sepulturas de William e Justine, as primeiras vítimas infelizes das minhas atividades sacrílegas!

CAPÍTULO 9

Nada é mais doloroso para a mente humana, depois de passar por sentimentos exacerbados numa rápida sucessão de eventos, do que a inevitável calmaria da inação e a certeza que vem em seguida, privando a alma tanto de esperança como de medo. Justine morreu e descansou; e eu continuava vivo. O sangue fluía livremente nas minhas veias; mas nada poderia remover o peso do desespero e do remorso que pressionavam o meu coração. O sono fugia dos meus olhos; eu vagava como um espírito diabólico, pois cometera indescritíveis atos de maldade e, atrás de tudo disso ainda viria mais, muito mais (eu estava convencido). Contudo, meu coração transbordava de bondade e amor pela virtude. Eu tinha começado a vida com intenções benevolentes, sequioso pelo momento em que deveria colocá-las em prática e me tornar útil para os meus semelhantes. Agora tudo havia desmoronado: em vez daquela serenidade de consciência que me permitia olhar para trás com satisfação e daí conquistar promessas de novas esperanças, fui tomado pelo remorso e pelo sentimento de culpa que me impeliu para um inferno de tormentos inaudito, que nenhuma linguagem pode descrever.

Esse estado de espírito assolava minha saúde, que talvez nunca tivesse se recuperado inteiramente do primeiro choque sofrido. Eu evitava encarar as pessoas; todos os sons, de alegria ou complacência, eram para mim uma tortura. E a solidão, uma solidão profunda, obscura e mortal, era o meu único consolo.

Meu pai observava com pesar a alteração perceptível na minha disposição e nos meus hábitos e se esforçava, por argumentos deduzidos dos sentimentos de sua serena consciência e da sua vida sem culpas, para me inspirar força moral e despertar em mim a coragem de dissipar a nuvem escura que pairava sobre minha cabeça.

– Você pensa, Victor – ele disse –, que eu também não sofro? Ninguém poderia amar um filho mais do que eu amava seu irmão. – Lágrimas brotaram em seus olhos enquanto ele falava. – Mas não é dever dos sobreviventes que se abstenham de aumentar sua infelicidade pela aparência de um sofrimento desmedido? Esse é também um favor devido a si mesmo, pois o sofrimento excessivo impede a melhoria ou a satisfação, ou até o desfrute do proveito

diário, sem o qual nenhum homem é apto para a sociedade.

Esse conselho, embora bom, era totalmente inaplicável ao meu caso. Eu deveria ter sido o primeiro a esconder a minha dor e a consolar os meus amigos, se o remorso não tivesse misturado sua amargura e o terror, seu alarido, com as minhas outras sensações. Agora eu só conseguia responder ao meu pai com um olhar de desespero e tentava esconder-me de sua visão.

Por volta dessa época, nós nos retiramos para a nossa casa em Belrive. Essa mudança foi particularmente agradável para mim. O fechamento dos portões regularmente às dez horas da noite e a impossibilidade de permanecer no lago depois desse horário tornaram muito irritante para mim o nosso domicílio dentro das muralhas de Genebra. Mas agora eu estava livre.

Muitas vezes, depois de o resto da família se retirar para dormir, eu pegava o barco e passava horas na água. Às vezes, com as velas ajustadas, eu era levado pelo vento; outras vezes, depois de remar até o meio do lago, deixava o barco seguir seu curso, e dava vazão às minhas próprias reflexões infelizes. Frequentemente, eu era tentado, quando tudo estava em paz ao meu redor e eu era a única coisa inquieta vagando agitada naquele palco tão belo e celestial – e a não ser eu, exceto talvez algum morcego, ou as rãs, cujo coaxar áspero e entrecortado era ouvido apenas quando eu me aproximava da costa –, muitas vezes, confesso, fui tentado a mergulhar no lago silencioso, para que as águas pudessem se fechar sobre mim e sobre as minhas calamidades para sempre, mas eu me continha, quando pensava na heroica e sofredora Elizabeth, a quem eu amava ternamente e cuja existência estava ligada à minha. Pensava também no meu pai e no meu irmão sobrevivente. Deveria eu, com a minha rasa deserção, deixá-los expostos e desprotegidos à malícia do demônio que eu havia solto entre eles?

Nesses momentos, chorei com amargura e desejei que a paz voltasse à minha mente, apenas para que eu lhes desse consolo e felicidade, mas isso não podia acontecer. O remorso extinguiu toda a esperança. Eu tinha sido autor de males incorrigíveis, e vivia no medo diário de que o monstro que eu tinha criado haveria de perpetrar alguma nova maldade. Tinha a obscura sensação de que nem tudo estava acabado e que ele continuaria a cometer algum crime sinalizador que, por sua monstruosidade quase apagaria a lembrança do passado. Havia sempre margem para medo, enquanto existisse alguma coisa que eu gostasse deixada para trás. Minha aversão por esse demônio não pode ser concebida. Quando pensava nele, eu rangia

os dentes, meus olhos se inflamavam e eu desejava, com ardor, extinguir aquela vida que eu tão impiedosamente havia concedido. Quando eu refletia sobre seus crimes e sua malícia, meu ódio e minha vingança rompiam todas as barreiras da moderação. E eu até faria uma peregrinação ao mais alto pico dos Andes, se lá estando pudesse atirá-lo do precipício. Queria vê-lo de novo, para provocar o mais extremo aborrecimento em sua cabeça e vingar as mortes de William e Justine. Nosso lar era uma casa de luto. A saúde de meu pai ficara profundamente abalada pelo horror dos acontecimentos recentes. Elizabeth andava triste e desanimada; já não se agradava de suas ocupações habituais; todo o prazer lhe parecia um sacrilégio para com os mortos. Aflição eterna e lágrimas, então ela pensou, seriam o justo tributo a pagar pela inocência tão dilacerada e destruída. E, não era mais aquela criatura feliz, que no início da juventude perambulava comigo nas margens do lago e falava extasiada das nossas perspectivas futuras. O primeiro daqueles sofrimentos enviados para nos desligar da terra havia lhe visitado, e sua influência nefasta extinguiu o que era mais adorável nela: o sorriso.

– Quando reflito, meu querido primo – ela disse –, na morte desgraçada de Justine Moritz, não vejo mais o mundo e suas obras como anteriormente pareciam. Antes, eu encarava os relatos de vícios e injustiças que lia em livros ou ouvia de outras pessoas, como histórias de dias antigos ou males imaginários; pelo menos eram remotos e mais familiares à razão do que à imaginação. Agora, porém, a desgraça voltou para casa e os homens parecem monstros com sede de sangue uns dos outros; mas sem dúvida, sou injusta. Todos acreditavam que aquela pobre menina era culpada e, se ela pudesse ter cometido o crime pelo qual sofreu, seguramente teria sido a mais depravada das criaturas humanas: ter assassinado o filho de seu benfeitor e amigo, uma criança que ela cuidou desde o nascimento e que parecia amar como se fosse sua, por causa de uma joia! Eu não seria conivente com a morte de nenhum ser humano, e certamente acharia tal criatura imprópria para permanecer na sociedade dos homens, mas ela era inocente, eu sei, eu sinto que ela era inocente. Você tem a mesma opinião e isso confirma o que digo. Infelizmente! Victor, quando a falsidade fica tão parecida quanto a verdade, quem pode estar seguro de alguma felicidade? Sinto-me caminhando à beira de um precipício, onde milhares de pessoas se aglomeram e se empenham na tentativa de me atirar no abismo. William e Justine foram assassinados e o criminoso escapou; ele anda livre pelo mundo e talvez seja respeitado, mas até se eu fosse condenada a sofrer no

mesmo patamar, pelos mesmos crimes, não trocaria de lugar com esse desgraçado.

Ouvi esse discurso com a mais extrema agonia. Eu era, não de fato, mas com efeito, o verdadeiro assassino. Elizabeth leu a angústia em meu semblante, pegou amavelmente minha mão e disse:

– Meu querido amigo, você deve se acalmar. Deus sabe o quanto esses eventos me afetaram profundamente, mas não estou tão infeliz quanto você. Há uma expressão de desespero e, às vezes, de vingança em seu rosto que me faz tremer. Caro Victor, afaste essas paixões obscuras. Lembre-se dos amigos ao seu redor, que concentram todas as esperanças em você. Nós perdemos o poder de torná-lo feliz? Ah! Enquanto nos amarmos, enquanto formos verdadeiros uns com os outros, aqui nessa terra de paz e beleza, a sua terra natal, podemos colher cada bênção tranquilamente. O que pode perturbar a nossa paz?

Essas palavras vindas da parte dela, que eu admirava com tanto carinho e acima de qualquer outro dom da fortuna, não deveriam ser suficientes para afugentar o demônio que espreitava o meu coração? Mesmo enquanto ela falava, eu me aproximava dela, como se estivesse aterrorizado, como se no mesmo instante o destruidor estivesse perto de me roubar dela.

Assim, nem a ternura da amizade, nem a beleza da terra ou do céu, poderiam resgatar a minha alma da aflição: até os apelos do amor eram ineficazes. Eu estava cercado por uma nuvem que nenhuma influência benéfica conseguiria penetrar. Um cervo ferido, que se arrasta com os membros desfalecidos até um ponto inacessível, para observar a flecha que o feriu e depois morrer: essa era a imagem que eu fazia de mim.

Às vezes, eu conseguia lidar com o desespero sombrio que me assolava; outras vezes, as paixões turbulentas da minha alma me levavam a procurar, pelo exercício corporal e pela mudança de lugar, algum alívio para as minhas sensações intoleráveis. Foi durante um acesso desse tipo que de repente saí de casa e virando os meus passos em direção aos vales alpinos, procurei na magnificência, na eternidade desse panorama, esquecer de mim mesmo e das minhas efêmeras, porque humanas, tristezas. Meus passos vacilantes foram direcionados para o vale de Chamonix, que eu visitava frequentemente na infância. Seis anos haviam se passado desde então: eu estava em cacos, mas nada havia mudado naquela paisagem selvagem e eterna.

Realizei a primeira parte da minha viagem a cavalo. Mais tarde, aluguei uma mula, mais segura e menos suscetível de sofrer lesões em

estradas acidentadas. O clima estava bom; a época era por volta da metade do mês de agosto, quase dois meses depois da morte de Justine, aquele momento infeliz que marcava toda a minha aflição. O peso sobre meu espírito foi sensivelmente aliviado quando mergulhei ainda mais fundo no vale de Arve. As imensas montanhas e precipícios que me cercavam por todos os lados, os sons do rio ganhando força entre as rochas e as corredeiras das cachoeiras ao redor, testemunhavam um poder supremo, onipotente; e eu, deixava de temer e de me curvar diante de qualquer ser menos poderoso do que aquele que havia criado e que governava os elementos, ali exibidos em seu esplendor mais fantástico. Assim, quanto mais alto eu subia, o vale assumia um caráter ainda mais magnífico e surpreendente. Castelos em ruínas pendurados nos precipícios das montanhas cobertas de pinheiros; o impetuoso Arve e as casinhas esparsas espreitando entre as árvores, compunham um palco de singular beleza, engrandecido e sublimado pelos poderosos Alpes, com pirâmides e pináculos brancos e brilhantes que se erguiam acima de tudo, como se pertencessem a outro planeta, a morada de outra raça de seres.

Passei pela ponte de Pelissier, onde a ribanceira, formada pelo rio se abriu diante de mim; então, comecei a subir a montanha que se eleva sobre ele. Logo depois, entrei no vale de Chamonix. Esse vale, embora mais maravilhoso e sublime, não era tão bonito e pitoresco como o de Servox, pelo qual eu acabara de passar. As montanhas altas e nevadas eram seus limites imediatos, mas não vi mais castelos em ruínas, nem campos férteis. Geleiras imensas aproximavam-se da estrada. Eu ouvia o trovejar retumbante da avalanche que caía e observava a fumaça de sua passagem. O Mont Blanc, o supremo e magnífico Mont Blanc, surgia entre as agulhas circundantes e sua enorme cúpula dominava o vale.

A relaxante sensação de prazer, há muito tempo perdida, muitas vezes me acompanhou nessa jornada. Alguma curva na estrada, algum objeto novo, percebido e reconhecido, de repente me lembrava dias passados, associados com a despreocupada alegria da infância. Os próprios ventos sussurravam calmamente e a mãe natureza não me deixava mais chorar. Então, novamente a influência generosa parou de agir e eu me vi de novo acorrentado ao pesar e entregue a toda sorte de pensamentos perniciosos. Passei a espicaçar meu animal, esforçando-me para esquecer o mundo, os medos e, acima de tudo, a mim mesmo; ou então, de maneira mais desesperada, apeava e me jogava na grama, abatido pelo horror e pelo desespero.

Por fim, cheguei à aldeia de Chamonix. O esgotamento sucedeu a

extrema fadiga do corpo e da mente que eu tinha suportado. Por um breve período de tempo, fiquei na janela observando os relâmpagos pálidos que surgiam acima do Mont Blanc e ouvindo a correnteza do Arve, seguindo seu ruidoso caminho para baixo. Esses mesmos sons trêmulos agiam como canções de ninar para minhas sensações muito exacerbadas. Quando coloquei a cabeça sobre o travesseiro, o sono se arrastou por sobre mim; senti quando ele veio e abençoei o espírito doador do esquecimento.

CAPÍTULO 10

Passei o dia seguinte perambulando pelo vale. Parei ao lado da nascente do Arveiron, que brota de uma geleira e avança a passos lentos, descendo do topo das colinas para represar no vale. As encostas abruptas das vastas montanhas estavam à minha frente; a parede glacial da geleira pairava sobre mim; alguns pinheiros destroçados apareciam espalhados, e o silêncio solene desse glorioso salão de visitas da natureza majestosa era quebrado apenas pelas ondas murmurantes, a queda de algum galho maior, o estrondo da avalanche, ou a quebra, reverberada ao longo das montanhas, do gelo acumulado que, pelo trabalho silencioso de leis imutáveis, era sempre e rapidamente rachado e rompido, como se não passasse de apenas um brinquedo em suas mãos. Essas paisagens sublimes e magníficas me proporcionaram o maior consolo que eu seria capaz de receber. Elevavam-me de toda a pequenez de sentimentos e, embora não removessem meu sofrimento, elas o subjugavam e o tranquilizavam. Em certa medida, também, desviaram minha mente dos pensamentos sobre os quais eu havia meditado durante o último mês. Eu me recolhi para descansar à noite; meus cochilos, por assim dizer, foram assistidos e administrados pela assembleia de grandes formas que eu contemplara durante o dia. Congregavam-se ao meu redor; os cumes nevados, os pináculos resplandecentes, os bosques de pinheiros, os desfiladeiros de rocha nua, as águias, que subiam no meio das nuvens, todas essas maravilhas se reuniam ao meu redor e me pediam para ficar em paz.

Para onde elas tinham fugido quando acordei na manhã seguinte? Todas as inspirações da alma fugiram com o sono e com a melancolia sombria obscureceu cada pensamento. A chuva caía em torrentes, e grossas neblinas ocultavam os cumes das montanhas, de modo que eu não via mais os rostos daqueles amigos poderosos. Mesmo assim, eu penetraria nesse véu enevoado e os procuraria em seus retiros nublados. O que eram a chuva e a tempestade para mim? Minha mula foi trazida até a porta, e resolvi subir ao cume de Montanvert. Lembrei do efeito que a visão da formidável geleira, sempre em movimento, produziu na minha mente quando a vi pela primeira vez e que então me encheu com um êxtase sublime que dava asas à alma e permitia que ela saísse do mundo obscuro para a luz e para a alegria. A visão

da natureza temível e majestosa tinha, de fato, sempre o efeito de tornar minha mente solene e de me fazer esquecer as inquietudes passageiras da vida. Decidi ir sem um guia, pois conhecia bem o caminho, e a presença de outra pessoa destruiria a grandeza solitária da paisagem.

A subida é íngreme, mas o caminho é recortado em trechos sinuosos, contínuos e curtos, que permitem contornar a perpendicularidade da montanha. É um cenário tremendamente desolado. Em milhares de pontos podem ser percebidos os traços da avalanche de inverno, com árvores despedaçadas espalhadas no solo; algumas inteiramente destruídas, outras vergadas, encostadas nas rochas salientes da montanha, ou inclinadas na transversal, sobre outras árvores. O caminho, à medida que subimos aos poucos, é interceptado por barrancos de neve, sobre os quais despencam continuamente pedras que rolam da parte de cima; um deles é particularmente perigoso, pois até mesmo o menor som, como uma conversa em voz alta, produz no ar uma trepidação suficiente para provocar um desmoronamento sobre a cabeça da pessoa que fala. Os pinheiros não são altos nem exuberantes, mas sombrios, e adicionam um ar de austeridade à cena. Olhei para o vale abaixo; imensos nevoeiros subiam dos rios que corriam por ali e se curvavam em grossas grinaldas ao redor das montanhas opostas, cujos cumes eram escondidos pelas nuvens uniformes, enquanto a chuva caía do céu escuro e se somava à melancólica impressão que eu recebia dos elementos à minha volta. Ai de mim! Por que o homem se gaba de sensibilidades superiores àquelas aparentes em estado bruto, na natureza? É só para se tornar um ser mais necessário. Se os nossos impulsos se limitassem à fome, à sede e ao desejo, poderíamos ser quase livres, mas agora somos movidos por todo vento que sopra e por qualquer palavra ou cena casual que essa palavra possa nos transmitir.

Descansamos; um sonho tem o poder de envenenar o sono.

Levantamos; um pensamento errante polui o dia.

Sentimos, concebemos ou raciocinamos; rimos ou choramos,

Abraçamos amigos aflitos, ou mandamos nossas preocupações embora;

É sempre a mesma coisa: quer seja na alegria ou na tristeza,

O caminho da partida ainda está livre:

O homem de ontem nunca pode ser o mesmo do dia seguinte;

Nada perdura, apenas a mutabilidade!

Era quase meio-dia quando cheguei ao final da subida. Por algum tempo, sentei sobre o rochedo que se eleva sobre o mar de gelo. Um nevoeiro cobria tanto essa como as montanhas circundantes. Logo,

uma brisa dissipou a nuvem e eu fui até a geleira. A superfície é muito irregular, levanta-se em ondas, como num mar agitado, que desce devagar, intercaladas por fendas que mergulham profundamente. O campo de gelo tem quase uma légua de largura e eu levei quase duas horas para atravessá-lo. A montanha oposta é uma rocha perpendicular. Do lado onde eu estava agora, Montanvert ficava exatamente ao contrário, à distância de uma légua; acima dela, erguia-se o Mont Blanc, com toda sua impressionante majestade. Fiquei na cavidade de um rochedo, olhando para essa paisagem maravilhosa e estupenda. O mar, ou melhor, o vasto rio de gelo, serpenteava entre as montanhas adjacentes, cujos cumes aéreos pairavam sobre suas entranhas. Seus picos gelados e brilhantes reluziam à luz do sol sobre as nuvens. Meu coração, antes triste, agora inflava-se de alegria.

– Espíritos errantes, se de fato vagueiam e não descansam em seus leitos acanhados, permitam-me esta débil felicidade, ou levem-me, como seu companheiro, para longe das alegrias da vida! – exclamei.

Enquanto dizia isso, de repente vi a figura de um homem, a alguma distância, avançando em minha direção com velocidade sobre-humana. Ele saltava sobre as fendas no gelo, entre as quais eu andara com cautela; sua estatura, também, à medida que se aproximava, parecia exceder à de um homem. Fiquei perturbado: uma névoa turvou meus olhos e senti uma fraqueza tomar conta de mim, mas rapidamente me restabeleci com o vento frio das montanhas. Percebi, à medida que o vulto se aproximava (uma visão tremenda e abominável!), que era o desgraçado que eu havia criado. Tremi de raiva e horror, mas resolvi esperar sua chegada, para então entrar em combate mortal com ele. Ele se acercou; seu semblante evidenciava amargura e angústia, combinadas com desdém e malignidade, enquanto sua feiura sobrenatural o tornava quase medonho para o olhar humano, mas eu pouco reparei nisso; a raiva e o ódio me privaram de qualquer declaração, e só me recuperei para superar tais sentimentos com palavras exaltadas que expressavam repugnância e desprezo.

– Demônio! – exclamei. – Como ousa se aproximar de mim, sem temer a feroz vingança do meu braço sobre a sua cabeça infeliz? Para trás, inseto vil, ou melhor, fique, para eu esmagá-lo até virar pó! Ah, como gostaria de restaurar as vítimas que você tão diabolicamente assassinou com a extinção da sua miserável existência!

– Eu esperava essa recepção – disse o diabo. – Todos os homens odeiam os desgraçados; pois bem, devo ser odiado, como o mais infeliz de todos os seres vivos que sou, mas você, meu criador, detesta

e despreza a sua criatura, a quem você está ligado por laços que só podem ser desfeitos pela aniquilação de um de nós. Você tem a intenção de me matar. Como se atreve a brincar assim com a vida? Cumpra o seu dever para comigo, que eu cumprirei o meu em relação a você e ao resto da humanidade. Se aceitar as minhas condições, deixo você e eles em paz; mas, se recusar, vou me fartar da morte, até ser saciado com o sangue de seus amigos que restaram.

– Monstro abominável! Amaldiçoado seja. Que os tormentos do inferno sejam a vingança mais suave para seus crimes, ó desgraçado demônio! Se me reprova pela sua criação, venha, então, para que eu possa apagar a chama que tão negligentemente acendi.

Minha raiva não tinha limites. Pulei sobre ele, impulsionado por todos os sentimentos que podiam armar um ser contra a existência de outro. Ele me evitou facilmente e disse:

– Calma! Peço que me ouça, antes de desculpá-lo pelo seu ódio sobre a minha infeliz pessoa. Será que já não sofri o suficiente para que você busque aumentar a minha desgraça? A vida, embora possa ser apenas um acúmulo de angústia, é cara para mim. Lembre-se de que você me fez mais poderoso do que a si mesmo; minha altura é superior à sua, minhas articulações são mais flexíveis, mas não serei tentado a me opor a você. Sou a sua criatura, e serei até manso e dócil para o meu senhor e rei natural, se você também fizer a sua parte, a qual me deve. Oh, Frankenstein, não seja imparcial com os outros para pisotear somente a mim, a quem sua justiça, e inclusive sua clemência e afeição, é mais devida. Lembre-se de que sou criatura sua. Eu deveria ser o seu Adão, mas sou muito mais o anjo caído, que você desviou da alegria sem nenhuma mágoa. Por toda parte vejo felicidade, da qual sou irrevogavelmente excluído. Fui benevolente e bom; a desgraça me tornou um demônio. Faça-me feliz e novamente serei virtuoso.

– Para trás! Não vou ouvi-lo; não haverá nenhuma comunhão entre mim e você; somos inimigos. Para trás, ou vamos medir nossas forças numa luta, na qual um de nós deve perecer.

– Como poderei comovê-lo? Não existem súplicas que o levem a ter um olhar favorável para a sua criatura, que implora a sua bondade e compaixão? Acredite em mim, Frankenstein: eu era benevolente, minha alma brilhava de amor e humanidade. Veja: eu não estou só, desgraçadamente, só? Você, meu criador, me abomina. Que esperança posso obter de criaturas companheiras suas, que nada me devem, que me desprezam e me odeiam? As montanhas desertas e as geleiras sombrias são o meu refúgio. Perambulei por aqui muitos dias; as

cavernas de gelo, que somente eu não temo, são a minha morada, a única que os homens não cobizam. Eu saúdo esses céus sombrios, porque são mais amáveis para mim do que os seus companheiros vivos. Se a multidão da humanidade soubesse da minha existência, faria o que você fez e se armaria para a minha destruição. Não devo, pois, odiar quem me abomina? Não farei acordos com os meus inimigos. Sou um desgraçado e eles devem compartilhar a minha desgraça. Embora esteja em seu poder me recompensar e livrá-los de um mal que só persiste porque você o torna tão grande, pois não somente você, mas a sua família e milhares de outros, serão engolidos nos turbilhões dessa ira. Deixe a sua compaixão ser tocada e não me despreze. Ouça a minha história; depois de ouvi-la, abandone-me ou tenha compaixão de mim, como julgar que eu mereça. Mas me escute. Os culpados têm o direito, pelas leis humanas, por mais sangrentos que sejam, a falarem em defesa própria, antes de serem condenados. Escute-me, Frankenstein. Você me acusa de assassinato; e ainda assim, com a consciência satisfeita, destruirá sua própria criatura. Oh! Louvada seja a justiça eterna do homem! Contudo, não lhe peço que não me poupe, mas que me ouça. E, então, se puder e se quiser, destrua a obra de suas mãos.

– Por que traz à minha lembrança – respondi – as circunstâncias, as quais estremeço ao refletir, de que fui a origem e o autor? Maldito o dia, demônio abominável, em que pela primeira vez você viu a luz! Malditas (embora amaldiçoe a mim mesmo), sejam as mãos que o formaram! Você me tornou indescritivelmente infeliz; não me deixou poder para pensar se sou justo ou não. Afaste de mim a visão da sua forma detestável.

– Vou afastá-la de você, meu criador – disse ele, e colocou diante dos meus olhos suas mãos odiadas, que eu repudiei com violência. – Desse modo, eu retiro a visão que abomina. Mesmo assim, você não quer me ouvir nem me conceder a sua compaixão. Pelas virtudes que um dia possuí, exijo isto de você. Ouça a minha história, que é longa e estranha. A temperatura desse lugar não é apropriada para as suas melhores sensações; vamos para a cabana na montanha. O sol ainda está alto no céu. Antes que ele desça para se esconder atrás dos precipícios nevados, para iluminar outros mundos, você terá ouvido a minha história. Resta a você decidir se vou deixar para sempre a proximidade dos homens e levar uma vida inofensiva, ou se vou me tornar o flagelo de criaturas companheiras suas e o autor da sua própria e rápida ruína.

Ao dizer isso, ele guiou o caminho pelo gelo e eu o segui. Meu

coração estava endurecido, não respondi; mas, enquanto avançávamos, pesei os vários argumentos usados e decidi ao menos ouvir-lhe a história. Em parte, fui incitado pela curiosidade, e a compaixão confirmou a minha decisão. Até então, eu acreditara que ele era o assassino do meu irmão e procurava ansiosamente a confirmação ou a negação dessa crença. Pela primeira vez também senti as responsabilidades de um criador em relação à sua criatura. Eu devia torná-lo feliz, antes de me queixar de sua maldade. Esses motivos me levaram a concordar com seu pedido. Portanto, atravessamos o gelo e subimos a rocha oposta. O ar estava frio e a chuva começou a cair novamente. Entramos na cabana, o demônio com um ar exultante; eu, com o coração pesado e o ânimo deprimido, mas concordei em ouvir e, assim que me sentei ao lado da fogueira que meu odioso companheiro acendeu, ele começou a contar sua história.

CAPÍTULO 11

– É com considerável dificuldade que me lembro da época inicial da minha existência: todos os eventos desse período parecem confusos e indefinidos. Uma estranha multiplicidade de sensações tomou conta de mim, e eu enxergava, sentia, ouvia e sentia cheiros, ao mesmo tempo. E, de fato, passou muito tempo antes que eu aprendesse a distinguir as operações dos meus vários sentidos. De maneira gradual, eu me lembro, uma luz mais forte pressionou os meus nervos, de modo que fui obrigado a fechar os olhos. Assim, a escuridão veio até a mim e me incomodou; mas quase não senti isso, quando, ao abrir os olhos, como agora suponho, a luz se esparramou sobre mim novamente. Andei e creio que me abaixei, mas logo achei uma grande alteração nas minhas sensações. Antes, corpos escuros e opacos me rodeavam, inacessíveis ao meu toque ou à visão, mas descobri que podia andar em liberdade, sem obstáculos que não pudesse superar ou evitar. A luz se tornou cada vez mais opressiva para mim e, como o calor me cansava enquanto eu andava, procurei um lugar em que pudesse receber sombra, na floresta perto de Ingolstadt, onde fiquei ao lado de um riacho, descansando da minha fadiga, até me sentir atormentado pela fome e pela sede. Isso me despertou do estado quase adormecido e eu comi algumas frutas que encontrei penduradas nas árvores, ou caídas no chão. Saciei a sede no ribeirão; depois, deitado, fui vencido pelo sono.

“Estava escuro, quando acordei; senti frio também e fiquei meio assustado, acho que instintivamente, porque me senti muito solitário. Antes de sair do seu apartamento, numa sensação de frio, eu me cobri com algumas roupas, insuficientes para me proteger do orvalho da noite. Eu era um pobre desgraçado, desamparado, infeliz, que não sabia e nem poderia entender nada. Então, sentindo a dor me invadir por todos os lados, sentei e chorei.

– Logo uma luz suave assaltou os céus e me deu uma sensação de prazer. Despertei e vi uma forma radiante se levantar dentre as árvores (era a lua). Observei-a com uma espécie de admiração. Ela se movia lentamente, mas iluminava o meu caminho. Saí novamente em busca de frutas. Ainda sentia frio, quando, embaixo de uma árvore, encontrei um enorme manto com o qual me cobri e me sentei no chão. Eu sentia claridade, fome, sede e escuridão; inúmeros sons tocavam

meus ouvidos e, de todos os lados, vários aromas me saudavam. A única coisa que eu conseguia distinguir era a lua brilhante, e fixei meus olhos nela com prazer.

“Várias mudanças de dia e para noite se sucederam, e a esfera noturna diminuiu muito; foi quando comecei a distinguir minhas sensações umas das outras. Pouco a pouco, vi plenamente o fluxo límpido que me fornecia o que beber e as árvores que me sombreavam com sua folhagem. Fiquei encantado quando descobri pela primeira vez que um som agradável, que muitas vezes saudava meus ouvidos, procedia das gargantas dos pequenos animais alados que muitas vezes haviam interceptado a luz dos meus olhos. Comecei também a observar, com maior precisão, as formas que me rodeavam e a perceber os limites do teto radiante de luz que me cobria. Às vezes, eu tentava imitar as canções agradáveis dos pássaros, mas era incapaz disso. Às vezes, eu desejava expressar minhas sensações do meu próprio modo, mas os sons grosseiros e desarticulados, que se rompiam de mim me assustaram e me deixaram de novo em silêncio.

“A lua havia desaparecido da noite e novamente voltou a ficar com a forma diminuída, enquanto eu ainda permanecia na floresta. Meus sentimentos, dessa vez, tinham se tornado distintos e minha mente recebia ideias adicionais todos os dias. Meus olhos se acostumaram com a luz e percebiam os objetos em suas formas corretas; distingui o inseto da erva e, gradualmente, uma erva das outras. Descobri que o pardal não soltava senão notas ásperas, enquanto as do melro e dos sabiás eram doces e sedutoras.

“Um dia, quando estava oprimido pelo frio, encontrei uma fogueira, abandonada por mendigos errantes. A friagem foi superada com o prazer do calor que experimentei. Em minha alegria, coloquei a mão nas brasas vivas, mas rapidamente puxei-a de novo, com um grito de dor. Que estranho, pensei, a mesma causa pode produzir efeitos tão opostos! Examinei o material do fogo e, para a minha alegria, descobri que era composto de lenha. Rapidamente recolhi alguns galhos, mas estavam molhados e não queimavam; fiquei aborrecido com isso e parei para observar a operação do fogo: a lenha úmida que eu tinha colocado perto do calor secou e ela mesma se inflamou. Refleti sobre isso e, ao tocar em vários galhos, descobri a causa e me ocupei em coletar uma grande quantidade de lenha, para que secasse e eu tivesse um abundante suprimento de fogo. Quando a noite chegou, trazendo o sono com ela, senti o maior temor de que minha fogueira se apagasse. Eu a cobri cuidadosamente com lenha e folhas secas e coloquei galhos molhados sobre ela. E, então, estendendo o meu manto, deitei-me no

chão e mergulhei no sono.

“Era de manhã quando acordei, e o meu primeiro cuidado foi visitar a fogueira. Retirei a cobertura de folhas, e uma brisa suave soprou rapidamente, avivando a chama. Observei isso também e inventei um abano de ramos, que despertava as brasas quando estavam quase apagadas. A noite voltou, e descobri, com prazer, que a fogueira irradiava luz e calor e que a descoberta desse elemento era útil em minha comida, pois percebi que alguns restos que os viajantes tinham deixado estavam assados e achei isso muito mais saboroso do que as frutas que pegava nas árvores. Experimentei, então, preparar a comida da mesma maneira, colocando-a sobre as brasas vivas. Descobri que as frutas estragavam nesse processo e que as castanhas e raízes ficavam muito melhores.

“A comida, porém, tornou-se escassa e eu passava o dia inteiro procurando em vão por algumas nozes para aliviar as dores da fome. Quando percebi, resolvi sair do lugar que habitara até então, para buscar outro onde os poucos desejos que eu experimentava pudessem ser mais facilmente satisfeitos. Nessa emigração, lamentei muito a perda da fogueira que tinha obtido por acidente, pois não sabia como reproduzi-la. Dediquei várias horas a uma séria consideração dessa dificuldade, mas fui obrigado a desistir de toda tentativa de superá-la. Assim, envolvendo-me no meu manto, saí pelo bosque em direção ao sol poente. Passei três dias nessas andanças e, por fim, encontrei uma região descampada. Uma grande nevasca tinha ocorrido na noite anterior, e os campos ficaram cobertos de um branco uniforme; a aparência era desolada, e eu percebi meus pés resfriados pela substância fria e úmida que cobria o chão.

“Eram cerca de sete horas da manhã, e eu ansiava por obter comida e abrigo; em dado momento, percebi uma pequena cabana em um aclave, que sem dúvida tinha sido construída para a conveniência de algum pastor. Foi uma nova visão para mim. Examinei a estrutura com grande curiosidade; encontrando a porta aberta, entrei. Havia um ancião sentado ali, perto de uma fogueira, sobre a qual ele preparava o desjejum. Ele se virou ao ouvir barulho e, quando me viu, gritou alto e saiu da cabana, correndo pelos campos com uma velocidade da qual sua forma debilitada dificilmente parecia capaz. A aparência dele, diferente de qualquer outra que eu tivesse visto antes, e sua fuga me surpreenderam um pouco, mas fiquei encantado com o aspecto da cabana; ali, a neve e a chuva não podiam penetrar, o chão estava seco e, para mim, o local se apresentou como um retiro tão requintado e divino quanto o Pandemônio pareceu aos demônios do inferno, após

seus sofrimentos no lago de fogo. Devorei os restos do jejum do pastor, que consistia de pão, queijo, leite e vinho; deste último, no entanto, não gostei. Então, vencido pela fadiga, deitei-me no meio da palha e adormeci.

“Era meio-dia quando acordei, e, seduzido pelo calor do sol, que refletia brilhantemente no chão branco, decidi recomeçar minhas viagens; então, depositando os restos do jejum do camponês numa bolsa que encontrei, prossegui pelos campos por várias horas, até que cheguei a uma aldeia, ao pôr do sol. Tudo aquilo parecia um milagre! As cabanas, os chalés elegantes e as casas majestosas, absorveram a minha admiração por etapas. As plantações dos jardins, o leite e os queijos que eu via colocados nas janelas de algumas casas, despertaram o meu apetite. Entrei numa das melhores residências; mas mal coloquei o pé dentro da porta e as crianças passaram a gritar; além disso, uma mulher desmaiou. A aldeia inteira despertou; algumas pessoas fugiram, outras me atacaram, até que, gravemente ferido por pedras e vários outros tipos de armas de arremesso, escapei para o descampado. Com muito medo, busquei refúgio numa pequena choupana completamente vazia, de aparência miserável, que achei depois dos palácios que tinha visto na aldeia. Esse casebre, no entanto, se juntava a uma casa de campo de aparência agradável e bem-cuidada, mas depois de ter pago muito caro pela minha experiência anterior, não ousei entrar nela. O local do meu refúgio era construído de madeira, mas tão baixo que eu tinha dificuldade para ficar em pé ali. Porém, nenhuma tábua de madeira foi colocada sobre a terra, que estava seca e formava o chão. Embora o vento entrasse por inumeráveis fendas, considerei o lugar adequado para me proteger da neve e da chuva.

“Ali, então, eu me recolhi e me deitei, feliz por ter encontrado um abrigo, por mais miserável que fosse, da inclemência da estação e, ainda mais, da barbárie do ser humano. Logo que amanheceu, saí da minha toca para ver a casa de campo ao lado e descobrir se poderia ficar na habitação que tinha encontrado. Ela estava situada na parte de trás da casa e era cercada nas laterais, onde ficavam expostos ao ar livre um chiqueiro e um poço de água limpa. Uma parte estava aberta e por ali entrei; mas então passei a cobrir com pedras e madeira toda fenda pela qual eu pudesse ser percebido, de tal modo que conseguisse remover esse material na ocasião da saída; toda luz que eu desfrutava vinha do chiqueiro e isso era suficiente para mim.

“Tendo assim arrumado a minha moradia, acarpetada com palha limpa, eu me retirei, pois vi a figura de um homem a distância e

lembrei-me muito bem do tratamento da noite anterior, para me confiar ao seu poder. Antes, porém, providenciei meu sustento para aquele dia: um pedaço de pão que roubei e uma taça, com a qual podia beber, mais convenientemente do que com a mão, a água pura que fluía no meu retiro. O chão era um pouco elevado e por isso se mantinha perfeitamente seco, e também pela vizinhança com a chaminé da casa de campo, ficava toleravelmente aquecido.

“Estando tudo assim arranjado, decidi residir nesse casebre até que acontecesse algo que alterasse a minha determinação. Era de fato um paraíso, em comparação com a minha antiga moradia na floresta desolada, com terra úmida e galhos que caem quando chove. Comi o desjejum com prazer e estava prestes a retirar uma tábua para buscar um pouco de água, quando ouvi passos; olhei por uma pequena rachadura e vi uma criatura, com um balde na cabeça, passar diante do meu casebre. A menina era jovem e de comportamento gentil, ao contrário do que eu achava dos criados das casas de campo e das fazendas. Apesar disso, ela estava malvestida: um saiote azul, grosseiro e uma jaqueta de linho eram seu único traje; seu bonito cabelo estava trançado, mas sem enfeites. Ela parecia calma, mas tristonha. Eu a perdi de vista, mas cerca de um quarto de hora depois ela voltou, com o balde agora parcialmente cheio de leite. Conforme ela caminhava ao longe, aparentemente incomodada pelo peso, um homem jovem, cujo semblante expressava profundo desânimo, encontrou-se com ela. Emitindo alguns sons melancólicos, tirou o balde da cabeça da moça e levou-o ele próprio para a casa de campo. Ela o seguiu e eles desapareceram. Logo vi o jovem novamente, com algumas ferramentas na mão, atravessar o campo atrás da cabana, e a garota também estava ocupada, às vezes na casa e, às vezes, no quintal.

“Ao examinar minha moradia, descobri que uma janela do casebre antes fazia parte dele, mas as vidraças estavam preenchidas com madeira. Numa delas havia uma fenda, pequena e quase imperceptível, por onde o olho podia penetrar. Por meio dessa rachadura, uma saleta caiada e limpa, mas quase sem móveis, era visível. Num canto, perto de uma pequena lareira, um velho estava sentado, apoiando a cabeça nas mãos, em atitude desconsolada. A moça se ocupava em arrumar a casa; mas pouco depois, tirou de uma gaveta algo que lhe permitia tecer com as mãos. Então, ela sentou-se ao lado do velho, que pegou um instrumento e começou a tocar, produzindo sons mais doces do que a voz do sabiá ou do rouxinol. Era uma visão encantadora, até para mim, pobre desgraçado, que nunca

tinha visto nada bonito antes. O cabelo prateado e o semblante bondoso do velho camponês ganharam a minha reverência, enquanto que os modos gentis da menina atraíram o meu amor. Ele tocou uma canção tão doce e triste que, eu percebi, arrancaram lágrimas dos olhos de sua amável companheira, mas o velho não lhe deu atenção, até ela soluçar de forma audível. Ele então pronunciou alguns sons, e a bela criatura, parando seu trabalho, ajoelhou-se a seus pés. Ele a levantou e sorriu com tanta bondade e afeição que eu tive sensações, de natureza peculiar, excessivamente poderosas. Senti uma mistura de dor e prazer, de um jeito como nunca tinha experimentado antes, fosse de fome ou de frio, calor ou alimento; então, eu me afastei da janela, incapaz de suportar essas emoções.

“Logo depois, o jovem voltou, trazendo sobre os ombros uma carga de madeira. A moça foi encontrá-lo na porta; ajudou-o a aliviar o carregamento e, levando um pouco de lenha para dentro da casa, colocou-a na lareira. Então, ela e o jovem se afastaram para um canto e ele mostrou-lhe um pão grande e um pedaço de queijo. Ela ficou contente e foi ao jardim pegar algumas plantas e raízes, que colocou na água e em seguida no fogo. Depois disso, ela continuou seu trabalho, enquanto que o jovem foi para o jardim e parecia diligentemente empregado em cavar e puxar as raízes. Após se ocuparem desse modo por cerca de uma hora, a moça se juntou a ele, e voltaram para a casa.

“O velho, entretanto, estava pensativo, mas com o aparecimento dos outros dois, assumiu um ar mais alegre. Sentaram-se para comer, e a refeição foi rapidamente devorada. A moça voltou a se ocupar da arrumação da casa, o velho saiu para caminhar ao sol por alguns minutos, apoiado no braço do jovem. Nada podia superar em beleza o contraste entre essas duas excelentes criaturas: o velho, tinha cabelos prateados e o semblante irradiava bondade e amor; o mais jovem, era esbelto e gracioso de perfil e suas feições eram moldadas com a mais fina simetria, mas seu olhar e sua atitude expressavam suprema tristeza e desânimo. O velho voltou para a casa e o jovem, com ferramentas diferentes daquelas que ele usara pela manhã, dirigiu seus passos pelos campos.

“A noite se fechou rapidamente; mas para minha extrema admiração, descobri que os camponeses tinham um meio de prolongar a luz com o uso de velas. Fiquei encantado ao descobrir que o pôr do sol não colocava fim ao prazer que eu experimentava ao observar os meus vizinhos humanos. À noite, a jovem e seu companheiro se dedicaram a várias ocupações que eu não entendia; e o velho, pegou

de novo o instrumento que produzia os sons divinos que me haviam encantado pela manhã. Logo que ele terminou, o jovem começou não a tocar, mas a pronunciar sons monótonos, que não se assemelhavam nem à harmonia do instrumento do velho, nem ao canto dos pássaros. Foi então, que eu descobri que ele lia em voz alta, mas nessa ocasião, eu não sabia nada da ciência das palavras ou das letras.

“A família, depois de ter assim se ocupado por um breve tempo, apagou as luzes e se recolheu, como eu conjecturei, para descansar.”

CAPÍTULO 12

– Deitei na palha, mas não consegui dormir. Pensei nas ocorrências do dia. O que mais me impressionou foram as boas maneiras daquelas pessoas. Eu queria me juntar a elas, mas não me atrevia. Lembrava-me muito bem do tratamento sofrido na noite anterior, por parte dos aldeões bárbaros. Resolvi que, qualquer que fosse o rumo de conduta que achasse certo seguir dali em diante, ficaria bem quieto na minha cabana, observando e tentando descobrir os motivos que influenciavam as ações das pessoas.

“Os camponeses se levantaram na manhã seguinte, diante do sol. A moça arrumou a casa e preparou a comida, e o jovem partiu depois de fazer a primeira refeição.

“Esse dia foi passado na mesma rotina do anterior. O jovem estava constantemente ocupado do lado de fora das portas; e a moça; em várias ocupações laboriosas dentro da casa. O ancião, que eu logo percebi que era cego, empregava suas horas de lazer no instrumento ou na meditação. Nada podia exceder o amor e o respeito que os moradores mais novos exibiam em relação ao seu venerável companheiro, e executavam com carinho, todos os pequenos gestos de afeto e dedicação para ele, que os recompensava com seu sorriso bondoso.

“Eles não eram inteiramente felizes: o jovem e sua companheira muitas vezes se afastavam e pareciam chorar. Eu não via nenhuma causa para a infelicidade, mas ficava profundamente incomodado com ela. Se aquelas criaturas adoráveis eram infelizes, não era de se estranhar que eu, um ser imperfeito e solitário, fosse um desgraçado. Então, por que aqueles seres gentis seriam infelizes? Eles possuíam uma casa encantadora (pois assim parecia aos meus olhos) e todos os luxos; tinham uma fogueira para aquecê-los quando fazia frio e deliciosas refeições quando estavam com fome; vestiam-se com roupas excelentes e, mais ainda, desfrutavam da companhia e da conversa uns dos outros, trocando a cada dia olhares de afeição e bondade. O que aquelas lágrimas implicavam? Será que realmente expressavam dor? No começo, eu era incapaz de resolver essas questões, mas o tempo e a atenção constantes explicaram muitas aparências que inicialmente eram enigmáticas para mim.

“Um período de tempo considerável decorreu antes que eu

descobrisse uma das causas da inquietação dessa amável família: era a pobreza, e eles sofriam desse mal num grau muito angustiante. Seu alimento consistia inteiramente das plantações do jardim e do leite de uma vaca, que produzia muito pouco durante o inverno, quando seus donos quase não conseguiam alimento para sustentá-la. Muitas vezes, creio, eles sofriam as dores de uma fome muito pungente, especialmente os dois camponeses mais novos, que várias vezes colocavam comida diante do velho, sem reservar nada para si mesmos.

“Esse traço de bondade me comoveu sensivelmente. Eu me acostumara a roubar durante a noite uma parte do suprimento deles, para o meu próprio consumo, mas quando percebi que ao fazer isso infligia dor aos camponeses, abster-me e me contentei com frutas, nozes e raízes, que colhia num bosque vizinho.

“Descobri também outros meios pelos quais me capacitei para auxiliar o trabalho deles. Percebi que o jovem passava grande parte do dia coletando lenha para a fogueira da família. Muitas vezes, durante a noite, eu pegava as ferramentas dele, cujo uso rapidamente aprendi e trazia para casa combustível suficiente para o consumo de vários dias.

“Da primeira vez que fiz isso, eu me lembro que a jovem, quando abriu a porta pela manhã, pareceu espantada ao ver uma grande pilha de lenha do lado de fora. Ela pronunciou algumas palavras em alta voz; o jovem juntou-se a ela e também expressou surpresa. Observei, com prazer, que ele não foi para a floresta naquele dia, que aproveitou para reparar a casa e cultivar o jardim.

“Pouco a pouco, fiz uma descoberta de importância ainda maior. Descobri que essas pessoas possuíam um método de comunicar sua experiência e sentimentos, uns aos outros, por meio de sons articulados. Percebi que as palavras que eles falavam, às vezes, produziam prazer ou dor, sorrisos ou tristezas, na mente e no semblante dos ouvintes. Essa era realmente uma ciência divina, que eu desejava ardentemente conhecer, mas ficava confuso a cada tentativa que fazia para esse propósito. A pronúncia deles era rápida, e as palavras que diziam, não tendo nenhuma conexão aparente com os objetos visíveis, não revelavam nenhum indício pelo qual eu pudesse desvendar o mistério de suas referências. Com grande aplicação, porém e depois de ter permanecido durante o espaço de vários ciclos da lua em minha cabana, descobri os nomes que eram dados a alguns objetos mais familiares da conversa. Aprendi e apliquei as palavras ‘fogo’, ‘leite’, ‘pão’ e ‘lenha’ e também os próprios nomes dos moradores. O jovem e sua companheira tinham cada um deles vários

nomes, mas o velho tinha apenas um, que era ‘pai’. A menina era chamada de ‘irmã’, ou ‘Agatha’; e o jovem, de ‘Felix’, ‘irmão’ ou ‘filho’. Não consigo descrever o prazer que senti quando compreendi as ideias apropriadas a cada um desses sons e consegui pronunciá-los. Distingui várias outras palavras, como ‘bom’, ‘querido’, sem poder ainda entendê-las ou aplicá-las, infelizmente.

“Passei o inverno dessa forma. As maneiras gentis e a beleza dos camponeses me agradavam muito. Quando estavam infelizes, eu me sentia deprimido; quando eles se alegravam, eu simpatizava com suas alegrias. Vi poucos seres humanos ao lado deles, e se por acaso acontecesse de outras pessoas entrarem na casa de campo, suas maneiras ásperas e seu modo rude só realçavam para mim as qualidades superiores dos meus amigos. O homem velho, pelo que pude perceber, procurava frequentemente incentivar os filhos. Isso eu descobri, porque ele, às vezes, os chamava para afastá-los da melancolia; então, falava num tom alegre, com uma expressão de bondade que me dava prazer. Agatha escutava com respeito, às vezes, com os olhos cheios de lágrimas que ela se esforçava por enxugar. Reparei que geralmente o semblante e o tom de voz dela ficavam mais alegres depois de ouvir as exortações do pai. Não era assim com Felix, sempre o mais triste do grupo. Até mesmo para os meus sentimentos inexperientes, seu sofrimento parecia mais profundo do que o de seus parentes, mas se seu semblante era mais triste, sua voz era mais alegre do que a da irmã, especialmente quando se dirigia ao velho.

“Eu poderia mencionar inúmeros exemplos, que, embora triviais, marcavam as atitudes desses amáveis camponeses. Em meio à pobreza e à miséria, Felix levou com prazer para a irmã a primeira florzinha branca que brotou embaixo do solo coberto de neve. De manhã cedo, antes de Agatha se levantar, ele limpava a neve que obstruía o caminho até a leiteria, tirava água do poço e carregava a lenha que estava fora da casa, onde, para seu eterno espanto, achava o suprimento sempre reabastecido por uma mão invisível. Durante o dia, creio, de vez em quando ele trabalhava para um fazendeiro vizinho, pois muitas vezes saía e não retornava antes do jantar, mas não trazia lenha com ele. Outras vezes, trabalhava no jardim, mas como havia pouco a fazer na estação gelada, lia para o velho e Agatha.

“No começo, essa leitura me deixava intrigado demais, mas aos poucos, descobri que ele pronunciava muitas vezes os mesmos sons, tanto quando lia, como quando falava. Conjecturei, portanto, que ele encontrava no papel sinais para falar, sinais que ele compreendia.

Desejei ardentemente também compreendê-los, mas como isso seria possível, quando eu nem sequer sabia os sons que eles representavam como sinais? Contudo, eu me aperfeiçoei em tal ciência, mas não o suficiente para acompanhar qualquer tipo de conversa, apesar de ter aplicado toda a minha mente à empreitada, pois percebi facilmente que, embora ansiasse muito para me revelar aos camponeses, não faria nenhuma tentativa nesse sentido antes de me tornar mestre na linguagem deles, cujo conhecimento me tornaria capaz de fazê-los ignorar a deformidade da minha aparência, pois o contraste que se apresentava perpetuamente aos meus olhos me levava a prestar atenção a esse fator.

“Eu admirava as formas perfeitas dos moradores da casa de campo, a graça, a beleza e a pele delicada; mas fiquei muitíssimo aterrorizado quando me vi numa lagoa transparente! No começo, recuei, incapaz de acreditar que era realmente eu quem estava refletido no espelho. Quando me convenci totalmente de que eu era realmente o monstro que sou, fiquei cheio das mais amargas sensações de desânimo e mortificação. Ah! Eu ainda não conhecia inteiramente os efeitos fatais dessa desgraçada deformidade.

“Conforme o sol se tornava mais quente e a luz do dia, mais longa, a neve desaparecia, e passei a reparar nas árvores desfolhadas e na terra escura. A partir desse momento, Felix ficou mais ocupado, e os tocantes indícios de fome iminente desapareceram. A comida deles, como descobri mais tarde, era rústica, mas saudável e eles procuravam ter sempre o suficiente. Muitas novas espécies de plantas brotavam no jardim que eles cuidavam. E, esses sinais de conforto aumentavam diariamente na medida em que a estação avançava.

“O velho, apoiado no filho, caminhava todos os dias perto do meio-dia, quando não tinha chuva, que, pelo que descobri, era como se chamava aquilo que ocorria quando os céus derramavam suas águas. Acontecia com frequência, mas o vento forte secava rapidamente a terra, e a estação tornava-se muito mais agradável do que antes.

“O meu modo de vida na cabana era regular: durante a manhã, acompanhava os movimentos dos camponeses e quando eles estavam dispersos em várias ocupações, adormecia; depois, passava o resto do dia na observação dos meus amigos. Quando eles se recolhiam para descansar, se havia alguma lua, ou se a noite era estrelada, eu ia para o bosque obter meu próprio alimento e recolhia lenha para a casa. Quando voltava, como tantas vezes era necessário, limpava a neve do caminho para eles e executava as tarefas que tinha visto serem feitas

por Felix. Em seguida, descobri que esses trabalhos, realizados por mão invisível, muito os surpreendia e uma ou duas vezes eu os ouvi, nessas ocasiões, pronunciarem as palavras ‘bom espírito’ e ‘maravilhoso’, mas não entendia o significado desses termos.

“Meus pensamentos então se tornaram mais ativos e eu desejava descobrir os motivos e os sentimentos dessas adoráveis criaturas. Estava curioso para saber por que Felix parecia tão infeliz e Agatha, tão triste. Eu pensei (tolo desgraçado!) que poderia estar em meu poder restaurar a felicidade dessas pessoas merecedoras. Quando eu dormia ou estava ausente, as formas do venerável pai cego, da gentil Agatha e do excelente Felix voavam diante de mim. Eu olhava para eles como seres superiores, que seriam os árbitros do meu destino futuro, formando na minha imaginação milhares de quadros de como me apresentar a eles e a recepção que teriam a mim. Imaginava que ficariam desgostosos, até que eu ganhasse, pelo comportamento gentil e pelas palavras conciliadoras, primeiro o favor e depois o amor deles.

“Esses pensamentos me animavam e me levavam a me aplicar com renovado ardor na aquisição da arte da linguagem. Apesar de emperrados, os meus órgãos eram, de fato, flexíveis, e embora o meu tom de voz fosse muito diferente do suave tom musical da fala deles, ainda assim, quando pronunciava palavras, eu as entendia com facilidade tolerável. Era como no caso do asno e do cachorrinho. Sem dúvida, o asno tinha as intenções mais afetuosas, e assim, apesar de suas maneiras rudes, mereceria ter melhor tratamento do que pancadaria e execração.

“As agradáveis chuvaradas e o calor agradável da primavera alteraram grandemente o aspecto da terra. Os homens, que antes dessa mudança pareciam escondidos em cavernas, espalharam-se e eram empregados nas várias atividades do cultivo. Os pássaros cantavam em notas mais alegres, e as folhas começaram a brotar nas árvores. Feliz, terra feliz! Morada própria para deuses, que, havia bem pouco tempo, era sombria, úmida e insalubre. Meus humores melhoraram com a aparência encantadora da natureza; o passado foi apagado da minha memória, o presente estava tranquilo, e o futuro era dourado por brilhantes raios de esperança e antecipações de alegria.”

CAPÍTULO 13

– Agora vou me apressar para chegar à parte mais comovente da minha história. Vou relatar os eventos que me marcaram com os sentimentos que, a partir do que fui, me tornaram o que sou.

“A primavera avançou rapidamente, o tempo ficou bom, e os céus, sem nuvens. Fiquei surpreso, por que o que antes era deserto e sombrio, agora floresceria com as mais belas flores e o mais vibrante verdor. Meus sentidos eram gratificados e refrescados por milhares de aromas de prazer e milhares de paisagens de beleza incomparável.

“Num desses dias, quando os camponeses descansavam periodicamente do trabalho, o velho tocava seu violão e os filhos ouviam, observei que o semblante de Felix estava melancólico além da expressão e que ele suspirava com frequência. Assim que o pai parou de tocar a música, conjecturei, pelo seu modo de agir, que ele perguntaria a causa da tristeza ao filho. Felix respondeu num tom de voz alegre e o velho recomeçou a música, até que alguém bateu à porta.

“Era uma mulher a cavalo, acompanhada por um morador local como guia. Ela estava vestida com um traje escuro e coberta com um véu preto grosso. Agatha fez uma pergunta, à qual a estranha respondeu pronunciando apenas o nome de Felix, num tom de voz doce. Esse tom de voz dela era musical, mas diferente daquele dos meus amigos. Ao escutar essa palavra, Felix se aproximou de súbito da desconhecida; ela, quando o viu, levantou o véu; e eu, observei um rosto angelical, em beleza e expressão. Seus cabelos eram negros, reluzentes e curiosamente trançados; os olhos eram escuros, mas gentis e vivos; as feições, de proporções regulares, e a cutis, maravilhosamente bela, com as maçãs do rosto tingidas de um belo tom rosado.

“Felix pareceu ficar deslumbrado de prazer ao vê-la. Todo traço de tristeza desapareceu de seu rosto e instantaneamente ele expressou um grau de alegria eufórica, de que eu dificilmente poderia acreditar que ele fosse capaz de alcançar; seus olhos faiscavam, enquanto seu rosto corava de prazer; nesse momento, eu o achei tão bonito quanto a estrangeira. Ela parecia afetada por diferentes sentimentos, limpava algumas lágrimas de seus belos olhos, estendia a mão para Felix, que a beijava com entusiasmo, chamando-a, pelo que pude distinguir, de

‘minha querida árabe’. Ela não parecia compreendê-lo, mas sorria. Ele ajudou-a a apear e, dispensando o guia, conduziu-a para dentro da casa. Houve alguma conversa entre ele e seu pai, e a jovem estranha se ajoelhou aos pés do velho, para beijar-lhe a mão, mas ele a levantou e abraçou-a afetuosamente.

“Logo percebi que a estranha, embora emitisse sons articulados e parecesse possuir uma linguagem própria, não era entendida e nem compreendida pelos camponeses. Eles faziam muitos sinais que eu não compreendia, mas vi que sua presença difundiu alegria pela casa, dissipando a tristeza tanto quanto o sol dissipa as névoas da manhã. Felix parecia particularmente feliz e saudava sua árabe com sorrisos de prazer. Agatha, a sempre gentil Agatha, beijou as mãos da adorável moça e, apontando para o irmão, fez sinais que me pareciam significar que ele andava triste até a chegada dela. Algumas horas foram passadas assim, enquanto eles, por seus semblantes, expressavam uma alegria cuja causa eu não compreendia. Depois, descobri, pela frequente repetição de algum som que a estranha repetia para eles, que ela se esforçava para aprender a linguagem deles e instantaneamente me ocorreu a ideia de que eu deveria usar as mesmas instruções para chegar ao mesmo fim. Ela aprendeu cerca de vinte palavras na primeira lição; a maioria delas, na verdade, eram aquelas que eu havia entendido antes, mas aproveitei as outras.

“Conforme a noite veio, Agatha e a árabe se recolheram cedo. Quando se separaram, Felix beijou a mão da moça e disse: ‘Boa noite, doce Safie’. Sentou-se e conversou por mais algum tempo com o pai. Com a frequente repetição do nome dela, conjecturei que sua adorável convidada seria o assunto da conversa. Desejava ardentemente compreendê-los e inclinei todas as minhas capacidades para esse propósito, mas percebi que era totalmente impossível.

“Na manhã seguinte, Felix saiu para o trabalho e, depois de terminadas as ocupações habituais de Agatha, a árabe sentou-se aos pés do velho, pegou o violão dele e tocou algumas canções de beleza tão fascinante que logo se derramaram lágrimas de tristeza e prazer dos meus olhos. Quando ela cantava, sua voz fluía numa cadência rica, alçando ou baixando, como um rouxinol dos bosques.

“Quando terminou, ela entregou o violão a Agatha, que a princípio não o quis aceitar; porém, logo depois, ela tocou uma canção simples, e sua voz acompanhou-a com tonalidades suaves, mas sem a maravilhosa intensidade da estrangeira. O velho se mostrou encantado e disse algumas palavras que Agatha se esforçou para explicar a Safie e pelas quais ele parecia querer expressar que ela lhe concedeu um

prazer enorme com sua música.

“Nesse momento, os dias transcorriam tão pacíficos como antes, com a única mudança de que a alegria tomara o lugar da tristeza nos semblantes dos meus amigos. Safie estava sempre alegre e feliz; ela e eu melhoramos rapidamente no conhecimento da linguagem, de modo que, em dois meses, comecei a compreender a maioria das palavras proferidas pelos meus protetores.

“Enquanto isso, o terreno dos fundos também ficou coberto de relva e as cercas verdes entremeavam-se de inumeráveis flores, doces no perfume e suaves aos olhos, como estrelas de pálido resplendor entre os bosques ao luar. O sol ficou mais quente, as noites eram claras e amenas e os meus passeios noturnos eram um prazer extremo para mim, embora fossem consideravelmente encurtados pelo atraso do pôr do sol e pela antecipação da aurora. Eu jamais me aventurava a sair no exterior durante a luz do dia, receoso de receber o mesmo tratamento que havia sofrido na primeira aldeia em que entrei.

“Meus dias eram passados com estrita atenção para que eu pudesse mais depressa dominar a linguagem, e posso me vangloriar de que melhorei mais rapidamente do que a árabe, que entendia muito pouco e conversava com sotaque recortado, ao passo que eu compreendia e podia imitar quase todas as palavras que eram faladas.

“Enquanto melhorava na fala, aprendi também a ciência das letras, da maneira como era ensinada à estrangeira e isso abriu diante de mim um amplo campo de admiração e prazer.

“O nome do livro pelo qual Felix instruía Safie era *As ruínas dos impérios*, de Volney. Eu não teria entendido a substância desse livro se Felix não o tivesse lido com explicações bem detalhadas. Ele escolheu essa obra, pelo que disse, porque o estilo declamatório era moldado em imitação dos autores orientais. Nessa obra, obtive algum conhecimento superficial da história, uma visão dos vários impérios existentes no mundo até o presente e discernimento sobre as maneiras, os governos e as religiões das diferentes nações da Terra. Ouvi falar dos asiáticos preguiçosos; do estupendo gênio e da atividade mental dos gregos; das guerras e das virtudes maravilhosas dos primeiros romanos, de sua subsequente degeneração e do declínio desse poderoso império; da cavalaria, do cristianismo e dos reis. Ouvi falar da descoberta do hemisfério americano e chorei com Safie pelo destino infeliz de seus habitantes originais.

“Essas maravilhosas narrativas inspiraram estranhos sentimentos em mim. Será que o homem era, de fato, tão poderoso, tão virtuoso e magnífico, mas tão depravado e vil? Num momento ele parecia um

mero descendente do princípio do mal e, em outro, como tudo o que pode ser concebido de nobre e divino. Ser um homem grande e virtuoso parecia a maior honra a ser concedida a uma pessoa sensível; ser vil e depravado, como havia registro de muitos, parecia a mais baixa degradação, uma condição mais abjeta do que a da toupeira cega ou do verme inofensivo. Por um longo tempo eu não concebia como um homem podia matar seu camarada, ou mesmo por que existiam leis e governos; mas quando soube dos detalhes da depravação e do banho de sangue, meu encantamento cessou e eu me afastei com nojo e repugnância.

“Então, cada conversa dos camponeses abria novas maravilhas para mim. Enquanto escutava as instruções que Felix dava à árabe, o estranho sistema da sociedade humana me foi explicado. Ouvi falar da divisão da propriedade, de imensas riquezas e de esqueléticas pobreza, de posição, de descendência e de sangue nobre.

“As palavras me induziram a voltar-me para mim mesmo. Aprendi que as posses mais estimadas por tais criaturas, que são semelhantes a você, eram uma ascendência elevada e imaculada, unida à riqueza. Um homem poderia ser respeitado por apenas uma dessas vantagens, mas se não tivesse nenhuma, era considerado, salvo em raríssimos casos, um vagabundo ou um escravo, condenado a desperdiçar seus poderes para o lucro de poucos escolhidos! E eu, o que era? Da minha criação e do meu criador eu era absolutamente ignorante. Sabia que não possuía dinheiro algum, nenhum amigo, nenhum tipo de propriedade. Eu era, além disso, dotado de uma aparência horrorosamente deformada e repugnante, não possuía sequer a mesma natureza dos homens. Era mais ágil do que eles e podia sobreviver com uma dieta mais grosseira; enfrentava os extremos de calor e do frio com menores danos à minha carcaça; e, minha estatura excedia a deles. Quando olhava ao redor, não via e nem ouvia falar de alguém como eu. Então, será que eu era um monstro, uma nódoa sobre a Terra, alguma coisa da qual todos os homens fugiam e a quem todos repudiavam?

“Não posso descrever a agonia que essas reflexões infligiram à minha pessoa. Tentei dissipá-las, mas a tristeza só aumentou com o conhecimento. Oh! Porque não havia ficado para sempre no bosque onde nasci, sem conhecer ou sentir nada além das sensações de fome, sede e calor!

“De que estranha natureza é o conhecimento! Ele se apegava à mente, quando ela já se apegou a ele, como o musgo sobre a rocha. Às vezes, eu desejava afastar todo pensamento e sentimento; mas aprendi

que havia apenas um meio de superar a sensação de dor, que era a morte, um estado que eu temia, embora não compreendesse. Eu admirava as virtudes e os bons sentimentos, gostava das boas maneiras e das qualidades amigáveis dos meus camponeses, mas estava excluído de me comunicar com eles, a não ser por meios obtidos furtivamente, quando eu era invisível e desconhecido; o que aumentava, mais do que satisfazia, meu desejo de me tornar companheiro deles. Não eram para mim as palavras gentis de Agatha, nem os sorrisos animados da encantadora árabe; as meigas exortações do velho e a viva conversa do querido Felix não eram para mim, desgraçado, infeliz desgraçado!

“Outras lições me impressionaram muito mais profundamente. Ouvi falar da diferença de sexos, do nascimento e crescimento das crianças; de como o pai idolatrava os sorrisos do bebê e as brincadeiras animadas da criança mais velha; de como toda a vida e os cuidados da mãe se envolviam nessa preciosa missão, e de como a mente da juventude se expandia e ganhava conhecimento. Também ouvi falar de irmão, irmã e todas as várias relações que ligam os seres humanos uns aos outros em laços mútuos.

“Mas onde estavam os meus amigos e parentes? Nenhum pai tinha observado os dias da minha infância, nenhuma mãe me abençoou com sorrisos e carícias; ou, se isso aconteceu, toda a minha vida passada era agora um borrão, um vazio cego, no qual eu nada distinguia. Desde a minha primeira lembrança, eu havia sido como era então, em altura e proporções. Nunca vi nenhum ser simular a mim, ou que reivindicasse qualquer relação comigo. O que eu era? A questão recorrente, era sempre respondida apenas com lamentações.

“Logo explicarei as consequências desses sentimentos. Agora, porém, permita-me voltar aos camponeses, cuja história despertou em mim sentimentos tão variados como indignação, prazer e admiração, mas que terminou, de minha parte em relação aos meus protetores (como eu gostava de chamá-los, no meu inocente e meio doloroso autoengano), com muito mais amor e reverência.”

CAPÍTULO 14

– Algum tempo passou antes de eu tomar conhecimento da história dos meus amigos. Era algo que não poderia deixar de impressionar profundamente a minha mente, porque se desdobrava numa série de circunstâncias, todas interessantes e maravilhosas para alguém tão inexperiente como eu.

“O nome do velho era De Lacey, descendente de uma boa família na França, onde viveu durante muitos anos em abundância, respeitado pelos superiores e estimado pelos iguais. Seu filho foi criado a serviço do país, e Agatha convivia com mulheres da mais alta distinção. Poucos anos antes da minha chegada, eles viviam numa cidade grande e luxuosa chamada Paris, rodeados de amigos e possuíam todos os prazeres que a virtude, o refinamento do intelecto ou do gosto, acompanhados por uma fortuna moderada, poderiam proporcionar.

“O pai de Safie tinha sido a causa da ruína deles. Tratava-se de um comerciante turco, que morava em Paris havia muitos anos, quando, por alguma razão que eu desconheço, tornou-se inconveniente para o governo. Ele foi preso e lançado na prisão no dia em que Safie chegou de Constantinopla para se juntar a ele. Foi julgado e condenado à morte. A injustiça da sentença era tão flagrante que toda Paris ficou indignada. Acreditava-se que a religião e a riqueza, mais do que o crime atribuído a ele, tinham sido as causas da condenação.

“Felix, por acaso, estava presente no julgamento. Seu horror e indignação foram incontáveis quando ele ouviu a decisão do tribunal. Naquele momento, fez um voto solene de soltá-lo; então, passou a procurar os meios ao redor. Depois de várias tentativas infrutíferas de conseguir autorização para entrar na prisão, encontrou, numa parte desprotegida do prédio, uma janela fortemente gradeada, que iluminava o calabouço onde o infeliz maometano, acorrentado, aguardava em desespero a execução da bárbara sentença. À noite, Felix visitou a grade e deu a conhecer ao prisioneiro suas intenções em favor dele. O turco, maravilhado e encantado, tentou incentivar o zelo de seu libertador com promessas de recompensas e riquezas. Felix rejeitou essas ofertas com desprezo, mas quando viu a linda Safie, que tinha permissão para visitar seu pai e que, por gestos, expressava a mais viva gratidão, o jovem não pôde deixar de acreditar que o cativo possuía um tesouro que recompensaria plenamente o desgaste e o

perigo que corria.

“O turco rapidamente percebeu a impressão que sua filha tinha causado no coração de Felix e procurou garantir mais inteiramente seus interesses com a promessa da mão dela em casamento, tão logo ele fosse levado a um lugar seguro. Felix era sensível demais para aceitar essa oferta, embora visse a probabilidade do evento como a consumação de sua felicidade.

“Nos dias seguintes, enquanto avançavam os preparativos para a fuga do comerciante, o zelo de Felix foi aquecido por várias cartas que ele recebeu dessa linda garota, que encontrava meios de expressar seus pensamentos na linguagem de seu amado com a ajuda de um velho criado de seu pai, que compreendia o francês. Ela lhe agradecia, nos mais ardentes termos, pelos serviços que ele pretendia fazer a seu pai e, ao mesmo tempo, deplorava profundamente seu próprio destino.

“Tenho cópias dessas cartas, pois encontrei meios, durante a minha residência no casebre, de adquirir os instrumentos de escrever, e as cartas muitas vezes estavam nas mãos de Felix ou de Agatha. Antes de partir, vou dá-las a você, como prova da verdade da história que conto; mas no momento, como o sol já está bem enfraquecido, eu só terei tempo de lhe repetir o conteúdo delas.

“Safie relatou que sua mãe era uma cristã-árabe, que foi raptada e escravizada pelos turcos; admirada pela beleza, ganhou o coração do pai de Safie, que se casou com ela. A moça falava com entusiasmo e em termos elevados da mãe, que, nascida em liberdade, desprezava a escravidão a que estava reduzida naquele momento. Ela educou a filha nos princípios de sua religião e a ensinou a aspirar a maiores poderes de intelecto e uma independência de espírito que eram proibidas às seguidoras de Maomé. Essa mulher morreu, mas suas lições ficaram marcadas de forma indelével na mente de Safie, que adoecia com a perspectiva de voltar à Ásia e ficar enclausurada nas paredes de um harém, com permissão apenas para se ocupar de diversões infantis, mal adaptadas ao temperamento de sua alma, agora acostumada a grandes ideias e a uma nobre emulação pela virtude. A perspectiva de casar-se com um cristão e permanecer num país onde as mulheres podiam ocupar uma posição na sociedade era encantadora para ela.

“O dia para a execução do turco foi fixado; mas na noite anterior, ele escapou da prisão e, antes do amanhecer, estava muitas léguas distante de Paris. Felix adquiriu passaportes em nome de seu pai, da irmã e de si próprio, e já havia comunicado seus planos ao turco, que ajudou na trama, deixando sua casa, a pretexto de fazer uma viagem, para se esconder, com a filha, numa parte obscura de Paris.

“Felix conduziu os fugitivos pela França até Lyon; dali eles atravessaram a passagem do Monte Cenis para Livorno, onde o comerciante decidiu esperar uma oportunidade favorável de passagem para alguma parte dos domínios turcos.

“Safie resolveu ficar com o pai até o momento de sua partida. Antes disso, o turco renovou a promessa de que ela deveria se unir a seu libertador. Felix permanecia com eles na expectativa desse evento; enquanto isso, porém, desfrutava da companhia da árabe, que demonstrava para com ele o mais simples e terno afeto. Eles conversavam um com o outro com a ajuda de um intérprete e, às vezes, com a interpretação de olhares, e Safie cantava para ele as divinas canções de sua terra natal.

“O turco permitia que essa intimidade ocorresse e encorajava as esperanças dos jovens enamorados, embora em seu coração tivesse formado outros planos. Ele detestava a ideia de que sua filha se unisse a um cristão, mas temia o ressentimento de Felix, em caso de malogro, pois sabia que ainda estava em poder de seu libertador, que se quisesse, poderia denunciá-lo ao estado italiano em que se encontravam. Ele maquinava mil planos que lhe permitissem prolongar a farsa até que não fosse mais necessária, para então secretamente levar a filha com ele quando partisse. Seus planos foram facilitados por notícias que chegaram de Paris.

“O governo da França tinha ficado muito enraivecido com a fuga daquela vítima e não poupava esforços para detectar e punir o libertador. A trama de Felix rapidamente foi descoberta. De Lacey e Agatha foram lançados na prisão. A notícia chegou até Felix e despertou-o de seu sonho de prazer: o pai cego e idoso e a gentil irmã, jaziam num calabouço infecto, enquanto ele desfrutava da boa vida ao ar livre e da companhia daquela que amava. Essa ideia era uma tortura para ele. Rapidamente combinou com o turco que, se este encontrasse uma oportunidade favorável de escapar antes de Felix voltar à Itália, Safie permaneceria como interna num convento em Livorno. Assim, deixando a adorável árabe, correu para Paris e entregou-se à vingança da lei, na esperança de libertar De Lacey e Agatha com essa atitude.

“Não deu certo. Eles ficaram presos cinco meses antes do julgamento, cujo resultado privou-os de sua fortuna e os condenou ao exílio perpétuo de sua terra natal.

“Eles encontraram um asilo miserável naquela casa de campo da Alemanha, onde eu os descobri. Felix logo soube que o turco enganador, por causa de quem ele e sua família suportavam uma

opressão tão inaudita, ao descobrir que seu libertador estava assim reduzido à pobreza e à ruína, tornou-se um traidor do bom sentimento e da honra e abandonou a Itália com a filha, enviando insultuosamente a Felix uma migalha de dinheiro, para ajudá-lo, como ele disse, em algum plano futuro de manutenção.

“Foram esses os acontecimentos que assolaram o coração de Felix e que o tornaram, quando o vi pela primeira vez, o mais infeliz de sua família. A miséria ele suportava; pois, embora esta aflição fosse a recompensa por sua virtude, vangloriava-se dela, mas a ingratidão do turco e a perda de sua amada Safie, eram infortúnios mais amargos e irreparáveis. A chegada da árabe incutiu nova vida em sua alma.

“Quando as notícias de que Felix perdera riqueza e posição chegaram a Livorno, o comerciante mandou a filha não pensar mais no amado e se preparar para voltarem à terra natal. A natureza generosa de Safie ultrajou-se com essa postura; ela tentou se queixar com o pai, mas ele a deixou com muita raiva, ao reiterar sua ordem tirânica.

“Poucos dias depois, o turco entrou no apartamento da filha e lhe disse apressadamente que tinha razões para acreditar que a presença deles em Livorno fora divulgada e que ele logo seria entregue ao governo francês; consequentemente, contratou uma embarcação para levá-lo a Constantinopla, cidade para qual deveria navegar em poucas horas. Ele pretendia deixar a filha aos cuidados de um criado de confiança, para seguir depois, quando quisesse, com a maior parte de seus bens, que ainda não tinham chegado a Livorno.

“Ao ficar sozinha, Safie decidiu em sua mente o plano de conduta que lhe convinha nessa emergência. Morar na Turquia era uma ideia abominável para ela; sua religião e seus sentimentos eram igualmente adversos à ideia. Por meio de alguns papéis de seu pai, que caíram em suas mãos, ela soube do exílio do amado e descobriu o nome do local onde ele morava. Hesitou por algum tempo; mas, por fim, formou sua convicção. Levando uma soma em dinheiro e algumas joias que lhe pertenciam, ela saiu da Itália com uma criada nativa de Livorno, mas que compreendia a língua comum da Turquia e partiu para a Alemanha.

“Ela chegou em segurança a uma cidade a cerca de vinte léguas da casa de De Lacey. Então, a criada ficou muito doente. Safie cuidou dela com o mais dedicado afeto, mas a pobre moça morreu. A árabe ficou sozinha, sem conhecer a língua do país e ignorando os costumes do mundo, mas ela caiu em boas mãos: a italiana havia mencionado o nome do lugar para onde estavam se dirigindo, e depois da morte da

criada, a mulher da casa em que elas viviam tomou providências para que Safie chegasse em segurança à casa de seu amado.”

CAPÍTULO 15

– Essa história de meus amados camponeses me impressionou profundamente. Aprendi, a partir dos pontos de vista da vida social que ali foram desenvolvidos, a admirar as virtudes e a depreciar os vícios da humanidade.

“Até então, eu via o crime como um mal distante, a bondade, e a generosidade estavam sempre presentes diante de mim, incitando o desejo de me tornar um ator no agitado palco onde tantas qualidades admiráveis eram suscitadas e exibidas. Mas, ao prestar contas do progresso do meu intelecto, não devo omitir uma circunstância que ocorreu no início do mês de agosto desse mesmo ano.

“Uma noite, durante a minha visita habitual ao bosque vizinho, onde recolhia minha própria comida e trazia lenha para a casa dos meus protetores, encontrei no chão uma maleta de couro, contendo vários artigos de vestuário e alguns livros. Avidamente peguei o presente achado e voltei para o meu casebre. Felizmente, os livros eram escritos na língua dos rudimentos que eu tinha adquirido na casa de campo; consistiam de *Paraíso perdido*, um volume das *Vidas*, de Plutarco e *Os sofrimentos do jovem Werther*. A posse desses tesouros me deu um deleite extremo; agora eu continuamente estudava e exercitava a minha mente com essas histórias, enquanto meus amigos estavam ocupados com suas tarefas normais.

“Mal consigo descrever o efeito desses livros. Eles produziram em mim uma infinidade de novas imagens e sentimentos que, às vezes, me levavam ao êxtase, mas com mais frequência me afundavam no mais baixo abatimento. Em *Os sofrimentos do jovem Werther*, além do interesse da história simples e afetiva, tantas opiniões são examinadas e tantas luzes lançadas sobre temas que até então tinham sido obscuros para mim, que nesse livro eu encontrei uma fonte inesgotável de especulação e assombro. Os modos gentis e domésticos que descreve, combinado com sensações e sentimentos sublimes, que tinham por objeto algo fora de si, concordavam bem com a minha experiência entre os meus protetores e com as necessidades que estavam, para sempre, vivas em meu próprio peito. Porém, eu achava Werther um ser mais divino do que eu já tinha visto ou imaginado; seu caráter não continha nenhuma pretensão, mas fracassou inteiramente. Os questionamentos sobre a morte e o suicídio foram

calculados para me encherem de admiração. Eu não pretendia entrar nos méritos do caso, mas me inclinava para as opiniões do herói, cuja extinção chorei, sem entender exatamente.

“Conforme lia, no entanto, aplicava muito pessoalmente aos meus próprios sentimentos e à minha própria condição. Eu me achava semelhante, mas ao mesmo tempo estranhamente diferente dos seres a respeito dos quais eu lia e de cujas conversas era ouvinte. Simpatizava com eles e em parte os compreendia, mas a minha mente era imatura. Eu não era dependente de ninguém e não me relacionava com ninguém. ‘O caminho da minha partida estava livre’ e não havia ninguém para lamentar o meu aniquilamento. Minha pessoa era horrorosa, minha estatura era gigantesca. O que isso significava? Quem era eu? O que eu era? De onde eu vim? Qual seria o meu destino? Essas questões eram sempre recorrentes, mas eu era incapaz de resolvê-las.

“O volume das *Vidas* de Plutarco, que eu possuía, continha as histórias dos primeiros fundadores das antigas repúblicas. Esse livro teve um efeito muito diferente sobre mim depois dos *Sofrimentos* de Werther. Aprendi, com a imaginação de Werther, sobre abatimento e tristeza, mas Plutarco me ensinou altos pensamentos; ele me elevou acima da miserável esfera de minhas próprias reflexões para admirar e amar os heróis dos tempos passados. Muitas coisas que li ultrapassavam o meu entendimento e a minha experiência. Eu tinha um conhecimento muito confuso dos reinos, das amplas extensões dos países, dos rios poderosos e dos mares ilimitados; mas desconhecia totalmente as cidades e os grandes ajuntamentos de pessoas. A casa de meus protetores tinha sido a única escola na qual eu estudara a natureza humana; mas esse livro desenvolveu novas e mais poderosas cenas de ação. Li a respeito de homens envolvidos em assuntos públicos, governando ou massacrando suas espécies. Senti crescer dentro de mim grande ardor pela virtude e, ainda, aborrecimento pelo vício, na medida em que compreendia o significado desses termos, por mais relativos que fossem, quando os aplicava, sozinho, ao prazer e à dor. Induzido por esses sentimentos, fui naturalmente levado a admirar pacíficos legisladores, como Numa, Sólon e Licurgo, preferencialmente Rômulo e Teseu. As vidas patriarcais de meus protetores fizeram com que essas impressões ganhassem firmeza na minha mente; talvez, se minha primeira introdução à humanidade tivesse sido feita por um jovem soldado, inflamado por glórias e matanças, eu estivesse imbuído de diferentes sensações.

“Mas *Paraíso perdido* despertou emoções diferentes e muito mais

profundas; eu o li, como tinha lido os outros volumes que caíram em minhas mãos, como uma história de verdade. Ele mexia com todos os sentimentos de admiração e temor que a imagem de um Deus onipotente, em guerra com suas criaturas, seria capaz de animar. Muitas vezes eu referi as várias situações, quando a semelhança delas me atingia, à minha própria condição. Como Adão, aparentemente eu não estava unido por nenhum vínculo a nenhum outro ser existente, mas o estado dele era muito diferente do meu em cada aspecto. Ele saiu das mãos de Deus como uma criatura perfeita, feliz e próspera, guardada pelo cuidado especial de seu Criador; ele podia conversar e adquirir conhecimento de seres de natureza superior. Muitas vezes, considerei Satanás como o emblema mais adequado da minha condição, pois sempre, como ele, quando eu via a felicidade de meus protetores, o amargo veneno da inveja crescia dentro de mim.

“Outras circunstâncias fortaleceram e confirmaram esses sentimentos: logo depois de minha chegada na cabana, descobri alguns papéis no bolso da roupa que veio do seu laboratório. A princípio, eu os negligenciei; mas depois, quando me tornei capaz de decifrar os caracteres em que estavam escritos, comecei a estudá-los com diligência. Era o seu diário, dos quatro meses que precederam à minha criação. Nesses papéis, você descreveu minuciosamente cada passo que seguiu no progresso do seu trabalho. Essa história se mistura com relatos de ocorrências domésticas. Você, sem dúvida, recorda-se desses papéis: aqui estão eles. Cada coisa que se refere à minha origem maldita, está relacionada neles; todos os detalhes dessa série de circunstâncias repugnantes que a produziram está exposta à vista. A descrição minuciosa de minha odiosa e repugnante pessoa era feita numa linguagem que pintava os seus próprios horrores e que me marcou de forma indelével. Adoei quando li tudo isso. ‘Odioso o dia em que recebi a vida!’, exclamei em agonia. ‘Criador maldito, por que me formou um monstro tão horrendo que até você se afastou de mim enojado? Deus, piedoso, fez o homem à sua imagem, bonito e sedutor, mas minha forma é um tipo borrado da sua, mais horrível, mesmo tendo a mesma semelhança. Satanás teve seus companheiros, demônios amigos, para admirá-lo e encorajá-lo; mas eu, eu sou solitário e aborrecido.’

“Essas foram as reflexões das minhas horas de abatimento e solidão; mas quando contemplava as virtudes dos camponeses, suas disposições amáveis e benevolentes, eu me convenci de que caso se familiarizassem com a minha admiração por suas virtudes, eles se compadeceriam de mim e ignorariam a minha deformidade pessoal.

Será que fechariam a porta para alguém, por mais monstruoso que fosse, que lhes solicitasse compaixão e amizade? Resolvi, pelo menos, não me desesperar, mas em todos os sentidos me preparar para uma entrevista com eles, que decidiria o meu destino. Adiei essa tentativa por alguns meses mais, pois a importância ligada a seu sucesso me inspirava o temor de que falharia. Além disso, descobri que a minha compreensão melhorava tanto com a experiência de cada dia, que não estava disposto a começar a essa empreitada até que alguns meses mais fossem acrescentados à minha sagacidade.

“Várias mudanças, enquanto isso, ocorreram na casa de campo. A presença de Safie difundiu felicidade entre os moradores; também descobri que reinava ali um maior grau de abundância. Felix e Agatha passavam mais tempo em diversão e conversas e eram assistidos em seus trabalhos por serviçais. Eles não pareciam ricos, mas satisfeitos e felizes; seus sentimentos eram serenos e pacíficos, enquanto os meus se tornavam cada vez mais tumultuados. O aumento de conhecimento só me revelou mais claramente o pária desgraçado que eu era. Eu nutria esperanças, é verdade, mas elas desapareciam quando eu via a minha pessoa refletida na água, ou a minha sombra à luz da lua, mesmo como frágil imagem e sombra inconstante.

“Esforçava-me para esmagar esses medos e fortificar-me para o julgamento a que, em poucos meses, resolvi me submeter e, às vezes, permitia que os meus pensamentos, sem o controle da razão, passeassem pelos campos do Paraíso e se atrevessem a imaginar amáveis e adoráveis criaturas simpatizando com os meus sentimentos e animando a minha tristeza, com seus semblantes angelicais estampando sorrisos de consolação, mas tudo não passava de sonho; nenhuma Eva amenizava os meus sofrimentos, nem compartilhava os meus pensamentos; eu estava sozinho. Lembrei-me da súplica de Adão ao seu Criador, mas onde estava o meu? Ele me abandonara e, na amargura do meu coração, eu o amaldiçoei.

“O outono passou assim. Vi, surpreso e entristecido, as folhas murcharem e caírem, e a natureza voltar a assumir a aparência estéril e desolada que vestia quando vi pela primeira vez o bosque e a adorável lua. Contudo, não dei atenção à inclemência do clima. Eu estava mais bem preparado pela minha conformação para resistir ao frio do que ao calor. Apesar disso, meus principais agrados eram a visão das flores, os pássaros e todos os alegres adornos do verão; quando eles me deixaram, destinei mais atenção aos camponeses. A felicidade deles não diminuiu pela ausência do verão. Eles gostavam e simpatizavam uns com os outros; e suas alegrias, que interdependiam

de todos, não eram interrompidas pelos incidentes que ocorriam ao redor. Quanto mais eu os observava, maior era o meu desejo de reivindicar a proteção e a bondade deles. Meu coração ansiava ser conhecido e amado por aquelas amáveis criaturas. Ver seus doces olhares dirigidos a mim com carinho, era o limite máximo de minha ambição e eu não ousava pensar que eles os desviariam de mim com desdém e horror. Os pobres que batiam à porta deles nunca eram expulsos. Eu pedia, é verdade, maiores tesouros do que um pouco de comida ou descanso: eu solicitava bondade e simpatia. Não acreditava que fosse totalmente indigno disso.

“O inverno avançou, e um giro completo das estações havia ocorrido desde que eu despertara na vida. Minha atenção, nesse momento, era dirigida unicamente para o meu plano de me apresentar na casa dos meus protetores. Examinei vários projetos e, por fim, fixei-me naquele de entrar na habitação quando o velho cego estivesse sozinho. Tive sagacidade suficiente para descobrir que a condição hedionda e monstruosa da minha pessoa era o principal objeto de horror daqueles que tinham me visto anteriormente. Minha voz, embora rude, não tinha nada de terrível. Pensei, portanto, que se pudesse ganhar a boa vontade e a mediação do velho De Lacey na ausência de seus filhos, eu poderia, por meio dele, ser tolerado pelos meus protetores mais jovens.

“Um dia, quando o sol brilhava sobre as folhas vermelhas que se espalhavam pelo solo e difundia satisfação, embora negando calor, Safie, Agatha e Felix partiram numa longa caminhada pelo campo, e o velho, a seu próprio desejo, foi deixado sozinho na casa de campo. Quando seus filhos se afastaram, ele pegou o violão e tocou várias canções tristes, porém doces; muito mais doces e mais tristes do que eu jamais o tinha ouvido tocar antes. No começo, seu semblante estava iluminado de prazer, mas conforme continuava, ficou pensativo e triste; finalmente, deixando de lado o instrumento, permaneceu absorto em reflexões.

“Meu coração batia rápido; tinha chegado a hora e o momento da tentativa que definiria as minhas esperanças ou realizaria os meus medos. Os serviçais saíram para uma feira na vizinhança. Tudo estava em silêncio dentro e em volta da casa: era uma excelente oportunidade. Apesar disso, quando dei início à execução do meu plano, as pernas me falharam e eu me afundei no chão. Novamente me levantei e exercendo toda a firmeza de que era mestre, removi as tábuas que colocara diante do meu casebre para ocultar o meu refúgio. O ar fresco me reviveu e, com renovada determinação,

aproximei-me da porta da cabana.

“Bati. ‘Quem está aí’, o velho perguntou. ‘Entre.’ E eu entrei. ‘Perdoe a intromissão’, eu disse, ‘sou um viajante em busca de algum descanso; o senhor muito me agradaria se me permitisse ficar alguns minutos diante do fogo’.

“‘Entre’, disse De Lacey, ‘e tentarei aliviar as suas necessidades; mas infelizmente meus filhos estão fora de casa e, como sou cego, receio que tenha dificuldade em conseguir comida para você’.

“‘Não se preocupe, meu amável anfitrião, tenho comida, é só de calor e descanso que eu preciso.’

“Eu me sentei, e um silêncio se seguiu. Sabia que cada minuto era precioso para mim, mas permanecia indeciso sobre a maneira de começar a entrevista, quando o velho homem se dirigiu a mim.

“‘Pela sua língua, estranho, suponho que seja meu compatriota. É francês?’

“‘Não, mas fui educado por uma família francesa e só compreendo essa língua. Estou a caminho de reivindicar a proteção de alguns amigos, a quem sinceramente amo e de cujo favor tenho algumas esperanças.’

“‘São alemães?’

“‘Não, são franceses, mas vamos mudar de assunto. Sou uma criatura infeliz e solitária. Olho ao redor e não tenho nenhuma relação ou amigo sobre a Terra. Essas pessoas amáveis a quem busco nunca me viram e pouco sabem de mim. Estou cheio de medos, porque se falhar, serei para sempre um proscrito no mundo.’

“‘Não se desespere. Estar desamparado é, de fato, uma desgraça, mas os corações humanos, quando não prejudicados por nenhum interesse evidente, são cheios de caridade e amor fraternal. Confie, portanto, em suas esperanças, e se esses amigos são bons e amáveis, não se desespere.’

“‘Eles são bondosos, são as mais excelentes criaturas do mundo; mas, infelizmente, são preconceituosos contra mim. Possuo boas intenções, minha vida até agora tem sido inofensiva e, em certo grau, até benéfica, mas um preconceito fatal turva os olhos deles e onde deveriam ver um amigo sensível e amável, enxergam apenas um monstro detestável.’

“‘Isso é realmente ruim; mas se você é realmente irrepreensível, não consegue fazê-los mudar de ideia?’

“‘Estou prestes a empreender essa tarefa. E é por conta disso que sinto medos tão esmagadores. Amo esses amigos com ternura; tenho, sem o conhecimento deles, por muitos meses, feito parte em hábitos

de bondade diária para com eles; mas eles acreditam que quero feri-los e é esse preconceito que eu desejo superar.’

“‘Onde moram esses amigos?’

“‘Perto deste local.’

“O velho fez uma pausa e continuou: ‘Se você me confiar sem reservas os detalhes da sua história, talvez eu possa ser útil para dissuadi-los. Sou cego, não posso julgar o seu semblante; mas em suas palavras existe algo que me convence de que você é sincero. Sou pobre e exilado; mas isso me proporcionará o verdadeiro prazer de ser, de algum modo, útil a uma criatura humana.’

“‘Excelente homem! Agradeço e aceito a sua generosa oferta. Vai me levantar do pó, com essa bondade; confio que, com a sua ajuda, não serei afastado da sociedade e da simpatia dos seus semelhantes.’

“‘Deus me livre! Mesmo se você fosse realmente um criminoso. Pois só isso poderia levá-lo ao desespero e deixaria de instigá-lo à virtude. Também sou infeliz, eu e minha família fomos condenados; julgue, portanto, o que não sinto pelos seus infortúnios.’

“‘Como posso agradecê-lo, meu melhor e único benfeitor? Dos seus lábios pela primeira vez ouvi a voz da bondade dirigida a mim. Eu lhe serei grato para sempre e sua presente humanidade me assegura do sucesso com os amigos que estou a ponto de encontrar.’

“‘Posso saber os nomes e o local da residência desses amigos?’

“‘Fiz uma pausa; achei que aquele fosse o momento da decisão, que haveria de me roubar ou de me conceder a felicidade para sempre. Lutei, em vão, por firmeza suficiente para responder a ele; mas o esforço destruiu toda a minha força restante. Afundei na cadeira e passei a soluçar alto. Nesse momento, ouvi os passos de meus protetores mais jovens. Não tinha um momento a perder. Então, pegando na mão do velho, gritei: ‘chegou a hora! Proteja-me! Você e sua família são os amigos que procuro. Não me abandone na hora da provação!’.

“‘Bom Deus’, exclamou o velho. ‘Quem é você?’

“‘Nesse mesmo instante, a porta da casa se abriu. Felix, Safie e Agatha entraram. Quem poderia descrever o horror e a consternação deles ao me verem? Agatha desmaiou; Safie, incapaz de ajudar sua amiga, saiu correndo da casa. Felix, com uma força sobrenatural, me arrancou de seu pai, a cujos joelhos eu me agarrei. Ele, num transporte de fúria, me lançou ao chão e me golpeou violentamente com uma bengala. Eu poderia tê-lo rasgado membro a membro, como o leão rasga o antílope; mas o meu coração afundou dentro de mim como se com uma doença amarga, e eu me absteve. Ele estava a ponto

de repetir o golpe, quando eu, dominado pela dor e pela angústia, saí da casa e, no tumulto geral, escapei despercebido para a minha cabana.”

CAPÍTULO 16

– Maldito criador, maldito! Por que vivo? Por que, naquele instante, não apaguei a faísca de existência que você tão desnecessariamente concedeu a mim? Nada sei! O desespero ainda não tinha tomado posse de mim; meus sentimentos eram de raiva e vingança. Eu poderia, com prazer, ter destruído a casa de campo e seus moradores e ter me divertido, a fartar, com os gritos e a infelicidade deles.

“Quando a noite chegou, saí do meu refúgio e vaguei pelo bosque. Não mais restrito pelo medo da descoberta, dei vazão à minha angústia, soltando uivos terríveis. Eu era como um animal selvagem que tinha quebrado os grilhões: destruía os objetos que obstruíssem a minha passagem e percorria o bosque com a rapidez de uma corça. Que noite miserável passei! As estrelas frias brilhavam zombeteiras, as árvores nuas agitavam seus galhos acima de mim. De vez em quando, a doce voz de um pássaro explodia em meio à calmaria geral. Todos, exceto eu, estavam satisfeitos ou descansavam. Eu, como o arquidemônio, tinha um inferno dentro de mim, e sentindo-me incomodado, queria destruir as árvores, espalhar destroços e provocar destruição ao meu redor, para depois sentar e apreciar a ruína.

“Mas essa luxúria de sensações não podia perdurar. Fiquei exausto com o excesso de esforço físico e afundi na relva úmida, com a impotência doentia do desespero. Não havia um só homem, entre as miríades existentes, que me ajudasse ou se apiedasse de mim. Devia eu sentir bondade para com os meus inimigos? Não! A partir desse momento, declarei guerra permanente contra a espécie e, acima de tudo, contra aquele que me formou e me destinou a essa insuportável desgraça.

“O sol se levantou. Ouvi o vozerio dos homens e soube que seria impossível voltar ao meu retiro durante aquele dia. Em consequência, escondi-me num matagal espesso, determinando a dedicar as horas seguintes a refletir sobre a minha situação.

“O agradável brilho do sol e o ar puro do dia restabeleceram em mim um certo grau de tranquilidade e, quando considerei o que havia passado na casa de campo, não pude deixar de crer que tinha sido precipitado demais em minhas conclusões. Era evidente que minha conversa interessara o pai em meu favor, e que eu havia sido um tolo

expondo minha pessoa ao horror de seus filhos. Devia ter familiarizado o velho De Lacey comigo, para gradualmente me revelar ao resto da família, quando eles estivessem preparados para a minha abordagem. Apesar disso, não acreditava que os meus erros fossem irre recuperáveis. Depois de muita consideração, resolvi voltar para a casa, procurar o velho e, com as minhas explicações, conquistá-lo para o meu lado.

“Esses pensamentos me acalmaram e, à tarde, mergulhei em profundo sono; mas a febre no meu sangue não me permitia ser visitado por sonhos pacíficos. A horrível cena do dia anterior estava sempre atuando diante dos meus olhos, as mulheres fugiam e o enfurecido Felix me arrancava dos pés de seu pai. Acordei exausto. Achando que já era noite, saí de meu esconderijo e fui em busca de comida.

“Quando a fome foi pacificada, dirigi os passos pelo bem conhecido caminho que levava ao chalé. Tudo estava em paz. Rastejei para me infiltrar no meu casebre, onde, em silenciosa expectativa, aguardei a hora costumeira de a família se levantar. Esse horário passou, o sol se erguia alto nos céus, mas os camponeses não apareciam. Eu tremia violentamente, pressentindo alguma terrível desgraça. O interior da casa estava escuro e eu não escutava nenhum movimento. Não posso descrever a agonia desse suspense.

“Em seguida, dois moradores locais passaram por ali; mas pararam perto da casa e entraram em conversa, utilizando gesticulações violentas. Não entendi o que disseram, pois falavam a linguagem do país, que diferia daquela dos meus protetores. Pouco depois, porém, Felix se aproximou com outro homem. Fiquei surpreso, pois sabia que ele não havia saído da cabana naquela manhã e esperava ansiosamente descobrir, pela sua fala, o significado daqueles aparecimentos incomuns.

“‘Está considerando’, disse o companheiro a ele, ‘que você será obrigado a pagar três meses de aluguel e que vai perder a produção do seu jardim? Não desejo tirar nenhuma vantagem injusta, e por isso, peço que leve alguns dias para considerar a sua determinação’.

“‘É totalmente inútil’, Felix replicou, ‘jamais voltaremos a morar na sua casa. A vida de meu pai está correndo o maior perigo, devido à terrível circunstância que relatei. Minha mulher e a minha irmã nunca se recuperarão desse horror. Peço que não discuta mais comigo. Tome posse da sua propriedade e me deixe sumir desse lugar’.

“Felix tremia fortemente ao dizer isso. Ele e seu companheiro entraram no chalé, onde permaneceram alguns minutos e depois

partiram. Nunca mais vi ninguém da família de De Lacey.

“Continuei o resto do dia na minha cabana, num estado de desespero absoluto, insuportável. Meus protetores tinham partido e estava quebrado o único elo que me prendia ao mundo. Pela primeira vez, os sentimentos de vingança e ódio encheram o meu peito e não me esforcei para controlá-los; mas deixando-me levar pela correnteza, voltei a mente para a injúria e para a morte. Quando pensei nos meus amigos, na voz suave de De Lacey, nos doces olhos de Agatha e na beleza exuberante da árabe, esses pensamentos desapareceram, e um jorro de lágrimas me acalmou um pouco, mas novamente, quando refleti que eles haviam me desprezado e abandonado, a raiva voltou como uma ira furiosa. Incapaz de ferir qualquer ser humano, direcionei minha fúria para objetos inanimados. Quando a noite avançou, coloquei uma variedade de combustíveis ao redor da casa, e, depois de ter destruído cada vestígio de cultivo no jardim, esperei impaciente até a lua afundar para dar início às minhas operações.

“À medida que a noite avançava, um vento feroz soprou do bosque e rapidamente dispersou as nuvens que flutuavam no céu. A explosão rompeu como uma avalanche poderosa e produziu nos meus espíritos uma espécie de insanidade que ultrapassou todos os limites da razão e da reflexão. Iluminei o galho seco de uma árvore e dancei com furor em volta da casa condenada, com os olhos ainda fixos no horizonte ocidental, cuja borda quase tocava a lua. Uma parte de sua esfera finalmente se escondeu. Agitei a minha tocha e com um grito vigoroso, incendiei a palha, a urze e os galhos que havia recolhido. O vento abanou o fogo e a casa foi rapidamente envolvida pelas chamas que se agarraram a ela, lambendo-a com suas labaredas bifurcadas e destruidoras.

“Assim que me convenci de que nenhuma ajuda poderia salvar qualquer parte da habitação, saí de cena e busquei refúgio na floresta.

“E agora, com o mundo diante de mim, para onde devia direcionar os passos? Resolvi fugir do cenário dos meus infortúnios, mas, para mim, odiado e desprezado, qualquer país devia ser igualmente horroroso. Por fim, a sua lembrança cruzou a minha mente. Pelos seus papéis, eu ficara sabendo que você era o meu pai, o meu criador: a quem eu poderia recorrer mais adequadamente senão àquele que me dera a vida? Entre as lições que Felix concedeu a Safie, a geografia não tinha sido omitida; eu aprendi a respeito das situações relativas aos diferentes países da Terra. Você tinha mencionado Genebra como o nome de sua cidade natal, e foi para esse lugar que eu resolvi prosseguir.

“Mas quem era eu para dirigir a mim mesmo? Sabia que devia viajar em direção ao sudoeste para chegar ao meu destino; mas o sol era o meu único guia; não sabia os nomes das cidades pelas quais passava, nem poderia pedir informações a nenhum ser humano, mas não me desesperei. Somente de você eu poderia esperar socorro, embora não lhe tivesse outro sentimento que não o ódio. Insensível criador sem coração! Você me dotou de percepções e paixões e então me lançou fora como um objeto de desprezo e horror para a humanidade. Apesar de tudo, só a você eu poderia apresentar qualquer reivindicação de piedade e remediação e de você eu decidi buscar a justiça que em vão tentei ganhar de qualquer outro ser que usasse a forma humana.

“Minhas viagens foram longas, e intensos foram os sofrimentos que enfrentei. Era final do outono quando deixei o distrito onde residi por tanto tempo. Eu viajava apenas à noite, temendo encontrar o rosto de algum ser humano. A natureza decaía ao meu redor; o sol, ficou sem calor; a chuva e a neve derramavam-se em torno de mim; os rios poderosos congelaram; a superfície da terra se tornou dura, fria e nua. Eu não encontrava abrigo. Oh, Terra! Quantas vezes lancei maldições sobre a causa do meu ser. A suavidade da minha natureza fugiu, e tudo dentro de mim se transformou em fel e amargor. Quanto mais perto eu chegava da sua moradia, mais profundamente sentia o espírito de vingança aceso em meu coração. A neve caiu, as águas endureceram, mas eu não descansei. Alguns incidentes de vez em quando me guiavam, e eu tinha um mapa do país; mas muitas vezes, vagava longe do meu caminho. A agonia dos meus sentimentos não me permitia trégua. Não acontecia nenhum incidente do qual a minha raiva e a minha infelicidade não conseguiram extrair alimento, mas uma circunstância que aconteceu quando cheguei aos confins da Suíça, quando o sol recuperou seu calor, e a terra novamente começou a ficar verde, confirmou de forma especial a amargura e o horror de meus sentimentos.

“Geralmente, eu descansava durante o dia e só viajava pela noite, quando estava protegido da visão do homem. Uma manhã, entretanto, percebendo que meu trajeto seguia por um bosque imenso, arrisquei continuar a viagem depois que o sol se levantou. O dia, que era um dos primeiros da primavera, animou até mesmo a mim, pela beleza do amanhecer e pela brandura do ar. Senti as emoções de tranquilidade e prazer, que havia muito apareciam mortas, reviverem dentro de mim. Meio surpreso com a novidade dessas sensações, permiti-me ser levado por elas, e, esquecendo-me da solidão e da deformidade, ousei ser

feliz, mas lágrimas sutis voltaram a salpicar meu rosto e até levantei os olhos úmidos em agradecimento ao sol abençoado que derramava essa alegria sobre mim.

“Continuei a serpentear pelos caminhos do bosque, até chegar ao seu limite, que era contornado por um rio profundo e rápido, sobre o qual muitas das árvores curvavam seus ramos, agora brotando no início da primavera. Então, fiz uma pausa, sem saber exatamente qual caminho percorreria; foi quando ouvi o som de vozes que me induziram a me ocultar à sombra de um cipreste. Mal me escondi, quando uma moça veio correndo para o lugar onde eu estava escondido, rindo, como se fugisse de alguém numa diversão. Ela continuou seu percurso ao longo das margens íngremes do rio, quando, de repente, seu pé deslizou e ela caiu na correnteza. Saí correndo do meu esconderijo e, com extrema dificuldade, pela força da água, salvei-a e a arrastei para a margem. Ela estava inconsciente e eu me esforcei com todos os meios ao meu alcance para lhe restaurar a animação. Subitamente, fui interrompido pela aproximação de um ignorante, que devia ser a pessoa de quem ela fugia de brincadeira. Ao me ver, ele se atirou em cima de mim, arrancou a menina dos meus braços e disparou em direção às partes mais distantes do bosque. Eu o segui depressa, sem saber por quê, mas quando o homem me viu chegar perto, apontou uma arma contra o meu corpo e disparou. Afundei no chão, e meu agressor escapou para o bosque com a maior rapidez.

“Essa foi, portanto, a recompensa da minha bondade! Salvei um ser humano da destruição e como recompensa agora me contorço sob a dor lazarenta de um ferimento, que machucou carne e osso. Os sentimentos de bondade e gentileza que eu tinha desfrutado apenas alguns instantes antes, deram lugar à raiva infernal e ao ranger de dentes. Inflamado pela dor, jurei ódio eterno e vingança contra toda a humanidade, mas a agonia da minha ferida me dominou, meus pulsos pararam e eu desmaiei.

“Durante algumas semanas, levei uma vida miserável na floresta, tentando curar o ferimento que tinha recebido. A bala entrou no meu ombro, e eu não sabia se ela havia saído ou se continuava ali. De qualquer modo, não tinha meios de extraí-la. Além da dor infligida, ao meu sofrimento ainda se juntaram os sentimentos opressivos da injustiça e da ingratidão. Minhas juras diárias aumentaram e passaram a exigir que eu fosse à forra, a uma desforra profunda e mortal, que sozinha compensasse os ultrajes e a angústia que eu suportava.

“Depois de algumas semanas, minha ferida sarou e continuei a

jornada. As tarefas que eu realizava não eram mais aliviadas pelo sol brilhante, nem pelas brisas suaves da primavera. Toda alegria era apenas um escárnio que insultava minha desolação e me fazia sentir mais dolorosamente que eu não havia sido feito para o desfrutar do prazer.

“Mas minhas dificuldades agora se aproximavam de um fim e, a partir desse momento, em dois meses alcancei os arredores de Genebra.

“Era noite quando cheguei e me retirei para um esconderijo nos campos que cercam a cidade, para meditar de que maneira deveria me apresentar a você. Estava oprimido pela fadiga e pela fome e demasiado infeliz para apreciar as calmas brisas da noite, ou a perspectiva do pôr do sol atrás das estupendas montanhas do Jura.

“Nessa hora, um sono leve me aliviou da dor da reflexão, mas foi perturbado pela aproximação de uma bela criança, que veio correndo para o refúgio que eu tinha escolhido, com toda a energia da infância. De repente, enquanto olhava para o menino, uma ideia me assaltou: aquela pequena criatura não teria preconceito e tinha vivido um tempo curto demais para estar embebida do horror de deformidade. Se, portanto, pudesse agarrar o menino, para educá-lo como meu companheiro e amigo, eu não ficaria tão isolado naquela terra povoada.

“Impelido por esse impulso, peguei o menino quando ele passou e puxei-o para mim. Quando ele viu minha forma, colocou as mãos diante dos olhos e soltou um grito agudo. Puxei com força as mãos de seu rosto e disse: ‘Filho, qual é o significado disso? Não pretendo machucá-lo, ouça-me.’

“Ele lutou violentamente. ‘Deixe-me ir, ele gritou, ‘monstro, feio miserável, você quer me comer e me rasgar em pedaços. Você é um ogro. Deixe-me ir, ou vou contar ao meu pai!’

“‘Garoto, você nunca mais verá o seu pai novamente, você deve vir comigo.’

“‘Monstro horrível, deixe-me ir. Meu pai é do governo. É o sr. Frankenstein. Ele vai puni-lo, não se atreva a me prender.’

“‘Frankenstein? Então você pertence ao meu inimigo! Foi a ele que jurei vingança eterna. Você será minha primeira vítima.’

“A criança ainda lutava e me agredia com epítetos que traziam desespero ao meu coração. Agarrei o menino pela garganta para silenciá-lo e num instante ele estava morto aos meus pés.

“Olhei para a minha vítima, e meu coração inflou de exultação e triunfo infernal. Batendo palmas, exclamei: ‘Também posso criar

desolação; o meu inimigo não é invulnerável; essa morte vai levar desespero a ele; mil outras misérias o atormentarão e destruirão’.

“Quando fixei os olhos na criança, vi algo cintilando em seu peito; peguei: era o retrato de uma mulher adorável. Apesar da minha malignidade, ela me suavizou e me atraiu. Por alguns momentos, eu me deleitei com seus olhos escuros, orlados por cílios compridos, e seus belos lábios; mas logo a minha raiva retornou. Lembrei-me de que estava para sempre privado dos prazeres que tais belas criaturas podiam conceder e que a semelhança que eu contemplava, em relação a mim, mudava esse ar de bondade divina para uma expressão de nojo e pavor.

“Você pode imaginar como esses pensamentos me arrebataram de raiva? Só me arrependo de, naquele momento, em vez de expelir minhas sensações em exclamações e agonia, não ter corrido para a humanidade e perecido na tentativa de destruí-la.

“Dominado por tais sentimentos, saí do local onde cometi o assassinato e procurei um esconderijo mais isolado. Entrei num celeiro que parecia vazio. Uma mulher dormia sobre um pouco de palha. Era jovem, não tão bonita como o retrato que eu tinha, mas de um aspecto agradável, florescendo na beleza da juventude e da saúde. Aqui, pensei, está um daqueles sorrisos de alegria que são concedidos a todos, menos a mim. Então, inclinei-me sobre ela e sussurrei: ‘Desperte, bela, seu amado está próximo, aquele que daria a própria vida apenas para obter um olhar de afeição dos seus olhos: desperte, amada minha!’.

“A moça adormecida se mexeu. Um arrepio de horror percorreu todo o meu ser. E se ela realmente acordasse, me visse, me amaldiçoasse e denunciasse o assassino? Certamente agiria assim, caso seus olhos escuros se abrissem e ela me visse. Esse pensamento era loucura e agitou o demônio dentro de mim: não eu, mas ela deveria sofrer; cometi o assassinato porque estava para sempre impossibilitado de obter tudo o que ela poderia me dar; ela devia padecer, sofrer as consequências. O crime tinha sua origem nela; a punição seria dela! Graças às lições de Felix e às sanguinárias leis dos homens, eu aprendera então a praticar o mal. Eu me inclinei sobre ela e coloquei o retrato firmemente numa dobra de seu vestido. Ela se mexeu novamente e eu fugi.

“Durante alguns dias, assombrei o lugar onde essas cenas ocorreram, às vezes, desejando ver você, às vezes, decidido a abandonar o mundo e suas desgraças para sempre. Finalmente, perambulei em direção às montanhas, alcançando seus recônditos

inacessíveis, consumido por uma paixão ardente que só você poderia saciar. Não podemos nos separar até que você prometa atender à minha súplica. Sou solitário e desgraçado, nenhum homem se associará a mim, mas uma pessoa tão deformada e medonha como eu não se negaria a negá-la de mim. Minha companhia deve ser da mesma espécie e deve ter os mesmos defeitos que eu. É esse o ser vivo que você precisa criar.”

CAPÍTULO 17

Aquele ser vivente terminou de falar e fixou seu olhar sobre mim, na expectativa de uma resposta, mas eu estava atônito, perplexo, incapaz de organizar minhas ideias o suficiente para entender toda a extensão da proposta dele, que continuou:

– Você deve criar uma fêmea para mim, com quem eu possa viver no intercâmbio daquelas simpatias necessárias à minha existência. Isso só você pode fazer e é algo que eu lhe peço como um direito que não deve se recusar a conceder.

A última parte dessa história despertou em mim a raiva que havia desaparecido enquanto ele narrava sua vida pacífica entre os camponeses. E, ao dizer isso, não pude mais reprimir a ira que ardia dentro de mim.

– Recuso veementemente – respondi. – E nenhuma tortura jamais extorquirá algum consentimento meu. Você pode me tornar o mais desgraçado dos homens, mas jamais me tornará vil aos meus próprios olhos. Devo criar outro ser como você, cuja iniquidade conjunta poderia devastar o mundo? Nunca! Minha resposta está dada; você pode me torturar, mas jamais consentirei.

– Você está errado – replicou o demônio. – E, em vez de ameaçá-lo, estou contente em discutir com você. Sou malicioso porque sinto uma gigantesca desolação. Não sou desprezado e odiado por toda a humanidade? Você, meu criador, pode me despedaçar e triunfar; lembre-se disso e me diga: por que devo ter misericórdia do homem mais do que ele se compadece de mim? Você não chamaria de assassinato se pudesse me atirar numa daquelas fendas de gelo e destruir a minha carcaça, trabalho de suas próprias mãos. Devo respeitar o ser humano que me condena? Que conviva comigo em intercâmbio de bondade; pois, em vez de feri-lo, eu concederia todos os benefícios a ele, com lágrimas de gratidão por sua aceitação, mas isso não pode acontecer; os sentimentos humanos são barreiras insuperáveis para a nossa união; mas meu sentimento não será a submissão da escravidão abjeta. Vingarei minhas chagas: se não posso inspirar amor, causarei medo. E, principalmente com relação a você, meu arqui-inimigo, por ser o meu criador, eu juro ódio inextinguível. Cuidado: trabalharei para a sua destruição e não desistirei antes de devastar o seu coração, para que você amaldiçoe a hora do seu

nascimento.

Uma raiva diabólica o animava quando ele disse isso. O rosto enrugava em contorções horríveis demais para os olhos humanos contemplarem, mas então ele se acalmou e prosseguiu:

– Eu pretendia raciocinar. Essa paixão é prejudicial para mim, pois você não reflete que é a própria causa dos excessos dela. Se algum ser sentir emoções de benevolência para comigo, você deve devolvê-las cem vezes cem; pelo amor dessa criatura, eu faria a paz com toda a espécie! Mas agora me entrego a sonhos de bem-aventurança que não podem ser realizados. O que eu peço é razoável e moderado: quero uma criatura de outro sexo, mas tão horrenda quanto eu. A gratificação é pequena, mas é tudo o que eu posso receber e deve me contentar. É verdade que seremos monstros, separados de todo o mundo; mas, por isso mesmo, estaremos mais ligados um ao outro. Nossa vida não será feliz, mas será inofensiva e estará livre da miséria que agora sinto. Oh, meu criador, faça-me feliz! Deixe-me sentir gratidão por você por apenas um benefício. Deixe-me sentir que excito a simpatia de alguma coisa existente, não recuse o meu pedido!

Fiquei comovido. Estremeci quando pensei nas possíveis consequências do meu consentimento, mas senti que havia alguma justiça no argumento dele. A questão e os sentimentos que ele então expressava, provaram que ele era uma criatura de sensações finas. E eu, como seu criador, não lhe devia toda a porção de felicidade que estava em meu poder doar a ele? Ele percebeu a minha mudança de sentimentos e continuou:

– Se concordar, nem você nem outro ser humano jamais nos verão novamente. Vou para as vastas selvas da América do Sul. Minha refeição não é a mesma do homem; não destruo cordeiros, nem cabritos para saciar meu apetite; as castanhas e as frutas me proporcionam sustento suficiente. Minha companheira será da mesma natureza que eu e se contentará com a mesma refeição. Faremos o nosso leito de folhas secas; o sol brilhará sobre nós como sobre o homem e amadurecerá o nosso alimento. A imagem que lhe apresento é pacífica e humana e você precisa sentir que só pode negá-la por frouxidão de poder e crueldade. De alguém sem piedade, como você vinha sendo comigo, vejo agora compaixão por mim em seus olhos. Aproveite o momento favorável e convença-se a me prometer o que desejo tão ardentemente.

– Você propõe fugir das habitações humanas – respondi –, para morar nessas terras onde as feras dos campos serão os seus únicos companheiros. Como você, que há muito tempo anseia pelo amor e

pela simpatia dos homens, vai perseverar nesse exílio? Você voltará para buscar novamente a bondade deles e reencontrará a abominação. Suas más paixões serão renovadas e então você terá uma companheira para ajudá-lo na tarefa de destruição. Não posso aceitar; pare de discutir tal assunto, pois não posso consentir.

– Quão inconstantes são os seus sentimentos! Há pouco você ficou comovido com os meus argumentos e por que agora novamente endurece contra as minhas razões? Eu juro a você, pela terra que habito e por você que me fez, que com a companheira que me der deixarei a proximidade do homem e habitarei como for possível nos lugares mais selvagens. Meus perversos pecados terão fugido, porque me unirei com a bondade! A minha vida fluirá em silêncio e, nos meus momentos de fraqueza, não amaldiçoarei o meu criador.

As palavras dele exerceram um estranho efeito sobre mim. Eu me compadeci dele, e até senti desejo de consolá-lo, mas quando olhava para ele, quando via a massa repugnante que se mexia e falava, meu coração adoecia e os meus sentimentos mudavam para horror e ódio. Tentei sufocar tais sensações; pensava que, como não podia simpatizar com ele, não tinha o direito de privá-lo da pequena porção de felicidade que ainda estava em meu poder doar a ele.

– Você jura ser inofensivo – eu disse –, mas já não mostrou um grau de malícia suficiente para me fazer desconfiar de você? Não seria isso uma astúcia para aumentar o seu triunfo, permitindo um alcance ainda maior para a sua vingança?

– Como assim? Não estou de brincadeira e exijo uma resposta. Se não tenho laços nem afetos, o ódio e o vício devem ser a minha porção. O amor de outrem destruirá a causa dos meus crimes e eu me tornarei uma coisa de cuja existência todos vão ignorar. Meus vícios são filhos da solidão forçada, que eu abomino, e as minhas virtudes, surgirão necessariamente quando eu viver em comunhão com uma criatura igual. Sentirei as afeições de um ser sensível e me tornarei ligado à cadeia de existências e eventos, da qual atualmente estou excluído.

Fiz uma pausa para refletir sobre tudo o que ele havia relatado e sobre os vários argumentos que ele empregara. Pensei na promessa de virtudes que ele havia mostrado na abertura de sua existência e na subsequente praga que contaminara todo sentimento gentil pelo ódio e desprezo que seus protetores tinham manifestado para com ele. O poder e as ameaças dele não foram omitidos em meus cálculos: uma criatura que poderia existir em cavernas glaciais das geleiras e se esconder da perseguição entre cordilheiras de precipícios inacessíveis

era um ser dotado de faculdades que seria em vão confrontar. Depois de uma longa pausa de reflexão, concluí que a justiça que era devida tanto a ele quanto aos meus semelhantes exigia que eu acatasse seu pedido. Voltando-me para ele, portanto, eu disse:

– Concordo com a sua exigência, sob o seu juramento solene de deixar para sempre a Europa e qualquer outro lugar próximo do ser humano, assim que lhe entregar em suas mãos uma fêmea que o acompanhe em seu exílio.

– Eu juro! – ele gritou. – Pelo sol e pelo céu azul do paraíso e pelo fogo do amor que arde em meu coração, que se você atender à minha prece, enquanto eles existirem jamais me verão novamente. Vá para a sua casa e comece os trabalhos. Observarei o seu progresso com indescritível ansiedade; mas não tema o meu aparecimento quando você estiver pronto.

Ao dizer isso, de repente ele me deixou, com medo, talvez, de qualquer mudança nos meus sentimentos. Eu o vi descer a montanha com velocidade maior do que o voo de uma águia e rapidamente o perdi de vista entre as ondulações do mar de gelo.

A história dele me ocupou o dia inteiro. O sol estava à beira do horizonte quando ele partiu. Eu sabia que devia apressar a minha descida para o vale, pois logo estaria cercado de trevas, mas meu coração estava pesado e meus passos eram lentos. O trabalho de serpentear por entre os pequenos caminhos das montanhas e de fixar firmemente os pés enquanto avançava, deixava-me perplexo, ocupado como estava pelas emoções que as ocorrências do dia haviam produzido. A noite estava bem avançada quando alcancei o local de descanso no meio do caminho e me sentei ao lado da fonte. As estrelas brilhavam em intervalos, enquanto as nuvens passavam por cima delas; os pinheiros escuros se erguiam diante de mim; de vez em quando, uma árvore quebrada jazia no chão. Era um cenário de uma solenidade maravilhosa, que agitava pensamentos estranhos dentro de mim. Chorei amargamente; e, apertando as mãos em agonia, exclamei: “Oh, estrelas, nuvens e ventos: todos vocês querem zombar de mim; mas se realmente tiverem compaixão, esmaguem as sensações e as lembranças, e que eu seja aniquilado. Caso contrário, sumam, sumam e me deixem nas trevas”.

Eram pensamentos selvagens e miseráveis; mas não consigo descrever como o eterno cintilar das estrelas pesou sobre mim e como ouvi cada sopro de vento como se fosse uma rajada voraz a caminho de me consumir.

Amanheceu antes que eu chegasse à aldeia de Chamonix. Não

descansei, pois voltei imediatamente para Genebra. Nem mesmo em meu próprio coração eu conseguia expressar as minhas sensações, que pesavam como uma montanha sobre os meus ombros, e esse peso excessivo, destruía a minha agonia. Assim, voltei para casa, e, ao chegar, apresentei-me à minha família. Minha aparência abatida e selvagem despertou intenso alarde; mas mal falei, não respondi a nenhuma pergunta. Sentia-me como se estivesse sob uma maldição, como se não tivesse o direito de reclamar a simpatia de ninguém, como se nunca mais pudesse desfrutar da companhia deles. Mesmo assim, eu os amava à beira da adoração e, para salvá-los, resolvi me dedicar à minha mais abominável tarefa. A perspectiva dessa atividade fazia com que todas as outras circunstâncias da existência passassem diante de mim como um sonho e só esse pensamento me representava a realidade da vida.

CAPÍTULO 18

Dia após dia, semana após semana, seguiram-se ao meu regresso a Genebra, e eu não consegui juntar a coragem necessária para recomençar meu trabalho. Temia a vingança do demônio desapontado, mas era incapaz de superar minha repugnância pela tarefa encomendada. Descobri que não conseguiria compor uma fêmea sem que voltasse a dedicar vários meses a profundos estudos e laboriosos preparativos. Eu tinha ouvido falar de algumas descobertas feitas por um filósofo inglês, cujo conhecimento era importante para o meu sucesso, e, às vezes, pensava obter o consentimento de meu pai para visitar a Inglaterra com essa finalidade, mas eu me apegava a cada possibilidade de atraso e recuava antes de dar o primeiro passo numa empreitada cuja necessidade imediata começou a parecer menos absoluta para mim. Uma mudança de fato ocorreu: minha saúde, que até então andava debilitada, agora estava praticamente restaurada. E, meus humores, quando não estavam dominados pela memória da minha promessa infeliz, recuperavam-se na mesma proporção. Meu pai assistiu a essa mudança com prazer e voltou seus pensamentos para o melhor método de erradicar os restos de minha melancolia, que, às vezes, retornavam em crises e com um negrume devorador que cobriam o sol que despontava. Nesses momentos, eu me refugiava na mais completa solidão. Passava dias inteiros sozinho no lago, num pequeno barco, observando as nuvens, ouvindo o murmúrio das ondas, em silêncio e relaxado, mas o ar fresco e o sol brilhante raramente deixavam de me restaurar um pouco de compostura. E, no meu retorno, eu reencontrava as saudações dos meus amigos com um sorriso mais satisfeito e o coração mais alegre.

Foi depois do meu retorno de um desses passeios, que meu pai, chamando-me de lado, assim se dirigiu a mim:

– Fico feliz em notar, meu querido filho, que você retomou seus antigos prazeres e parece estar voltando a ser o mesmo; mas ainda assim está infeliz e evita o nosso convívio. Durante algum tempo, fiquei perdido em conjecturas quanto à causa disso, mas ontem, uma ideia me ocorreu e, se for bem fundada, peço que a considere. A reserva em tal ponto não só seria inútil, como também atrairia desgraça tripla sobre todos nós.

Tremi violentamente diante desse preâmbulo. Meu pai continuou:

– Confesso, meu filho, que sempre vi o seu casamento com a nossa querida Elizabeth como o laço do nosso conforto doméstico e o esteio dos meus anos de declínio. Vocês estão ligados desde a mais tenra infância; estudaram juntos e parecem, em disposições e gostos, inteiramente adaptados um ao outro, mas tão cega é a experiência do homem, que o que eu concebia como um dos melhores apoios ao meu plano pode tê-lo destruído inteiramente: você talvez a considere como irmã, sem nenhum desejo de que ela se torne sua esposa; talvez tenha encontrado outra que possa amar, e considerando-se ligado por motivo de honra a Elizabeth, essa luta pode estar ocasionando o estado lastimável que você parece sentir.

– Meu querido pai, fique tranquilo. Amo a minha prima com ternura e sinceridade. Jamais conheci mulher que animasse, como Elizabeth, meu afeto e minha mais calorosa admiração. Minhas esperanças e perspectivas futuras estão totalmente ligadas à expectativa de nossa união.

– A manifestação dos seus sentimentos sobre tal assunto, meu querido Victor, me traz mais conforto do que tenho experimentado há algum tempo. Se é assim que você se sente, certamente ficaremos felizes, por mais que os acontecimentos presentes possam nos aborrecer. Pois, é essa tristeza, que parece ter dominado a sua mente com tanta força, que eu gostaria de dissipar. Diga-me, portanto, se você se opõe à imediata celebração do casamento. Temos sido desafortunados, e os acontecimentos recentes nos retiraram aquela tranquilidade diária adequada à minha idade e às minhas enfermidades. Você é bem jovem; mas nem por isso eu suponho, dotado como você é de uma fortuna razoável, que o casamento precoce poderia de algum modo interferir em quaisquer planos futuros de honra e utilidade que você possa ter. Não pense, porém, que eu queira ditar a sua felicidade, ou que um adiamento de sua parte me causaria alguma inquietação séria. Interprete minhas palavras com franqueza e me responda, eu lhe peço, com confiança e sinceridade.

Escutei meu pai em silêncio e, por algum tempo permaneci incapaz de oferecer qualquer resposta. Revirei rapidamente em meu cérebro uma multidão de pensamentos, esforçando-me para chegar a alguma conclusão. Doce ilusão! Para mim, a ideia de união imediata com minha Elizabeth era atroz e desanimadora. Eu estava manietado por uma promessa solene, que ainda não havia cumprido e não ousava quebrar; ou, se fizesse isso, quantas desgraças múltiplas iminentes não pairavam ameaçadoras sobre mim e sobre minha dedicada família! Como poderia eu festejar com esse peso mortal ainda pendurado em

volta do meu pescoço, curvando-me até o chão? Eu precisava cumprir com o meu compromisso e deixar o monstro partir com sua companheira, antes de me permitir desfrutar o prazer de uma união da qual eu esperava paz.

Lembrei ainda da necessidade imposta a mim de viajar à Inglaterra, ou entrar numa longa correspondência com os filósofos daquele país cujos conhecimentos e descobertas eram indispensáveis na minha atual empreitada. Esse último método de obter o conhecimento desejado era lento e insatisfatório. Além disso, eu sentia uma aversão intransponível à ideia de me envolver em minha tarefa repugnante na casa de meu pai, mantendo hábitos de relacionamento familiar com as pessoas que eu amava. Sabia que mil acidentes terríveis poderiam ocorrer, dentre os quais o menor deles revelaria uma história capaz de estremecer de horror todos aqueles que estivessem conectados comigo. Tinha também consciência de que, com frequência, perderia totalmente o autocontrole, perderia toda capacidade de esconder as terríveis sensações que me possuiriam durante o progresso da minha ocupação sobrenatural. Eu precisava me ausentar de tudo o que amava enquanto assim estivesse comprometido. Assim que começasse, logo terminaria, e então eu poderia ser devolvido para a minha família em paz e felicidade. Com a promessa cumprida, o monstro partiria para sempre. Ou, como a minha fantasia gostava de imaginar, nesse meio-tempo, algum acidente poderia ocorrer para destruí-lo e pôr um fim a minha escravidão para sempre.

Esses sentimentos ditaram a resposta ao meu pai. Expressei o desejo de visitar a Inglaterra, mas ocultei as verdadeiras razões desse pedido. Revesti meus desejos de um disfarce que não despertava suspeitas, enquanto insistia numa vontade que induzia facilmente o meu pai a concordar. Depois de tanto tempo de uma melancolia tão absorvente, que se assemelhava à loucura em sua intensidade e efeitos, ele se alegrou ao perceber que eu era capaz de sentir prazer na ideia dessa viagem e ele esperava que a mudança de cenário e alguma diversão variada, antes da minha volta, haveriam de me restabelecer inteiramente.

A duração da minha ausência foi deixada a meu próprio critério: alguns meses, no máximo um ano, seria o período contemplado. Ele tomou uma espécie de precaução paterna para garantir que eu tivesse alguma companhia. Sem antes se comunicar comigo, ele, com o apoio de Elizabeth, providenciou para que Clerval se unisse a mim em Estrasburgo. Isso interferia na solidão que eu cobiçava, para a

consecução da minha tarefa. Mas, no início da minha viagem, a presença do meu amigo não poderia de modo algum ser impedimento. Eu verdadeiramente me regoziquei com isso, pois me poupou muitas horas de reflexão solitária e enlouquecedora. Não, Henry precisava ficar entre mim e a intrusão de meu inimigo. Se eu estivesse sozinho, será que ele não iria por vezes forçar sua presença abominável em mim, para me lembrar da tarefa, ou para contemplar seu progresso?

À Inglaterra, portanto, eu estava vinculado. Ficou acertado que a minha união com Elizabeth ocorreria imediatamente por ocasião do meu regresso. A idade de meu pai tornava-o extremamente hostil a quaisquer adiamentos. E, para mim, significava ainda uma recompensa que eu prometia a mim mesmo, pela execução dos meus trabalhos detestados. Era um consolo dos meus sofrimentos inauditos: a perspectiva do dia em que, liberto da minha infeliz escravidão, eu pudesse reivindicar Elizabeth e esquecer o passado, na minha união com ela.

Fiz então os arranjos para a viagem, mas um sentimento me assombrava e me enchia de medo e agitação. Durante a minha ausência, eu deixaria os meus amigos sem saber da existência do inimigo, desprotegidos de seus ataques, exasperado como ele poderia ficar pela minha partida, mas ele havia prometido me seguir aonde quer que eu pudesse ir. Portanto, será que ele não me acompanharia à Inglaterra? Essa ideia era terrível em si mesma, mas tranquilizadora, na medida em que pressupunha a segurança dos meus amigos. A ideia da possibilidade de que o inverso disso pudesse acontecer me agoniava, mas durante todo o período durante o qual fui escravo da minha criatura, deixei-me governar pelos impulsos do momento. E, minhas sensações naquele instante insinuavam fortemente que o demônio me seguiria e isentaria a minha família do perigo de suas maquinações.

Assim, foi no final de setembro que voltei a sair da minha terra natal. Como a viagem era sugestão minha, Elizabeth concordou, embora tomada de inquietação pela ideia de que, longe dela, eu sofresse com as incursões da infelicidade e do sofrimento. Foi o cuidado dela que providenciou para mim um companheiro como Clerval, ainda que os homens sejam cegos para mil circunstâncias minuciosas que exigem a atenção diligente das mulheres. Ela ansiava me pedir para que eu apressasse o retorno, mas mil emoções conflitantes a deixaram muda, quando se despediu de mim com adeus silencioso e em lágrimas.

Atirei-me na carruagem que me levaria embora, mal sabendo para

onde iria, despreocupado com o que se passava ao redor. Lembrei-me apenas, e foi com amarga angústia que refleti a respeito disso, de ordenar que meus instrumentos químicos fossem empacotados para seguirem comigo. Cheio de ilusões terríveis, passei por muitas paisagens, belas e majestosas, mas com o olhar fixo e perdido. Eu só conseguia pensar no propósito das minhas viagens e no trabalho que haveria de me ocupar enquanto elas durassem.

Depois de alguns dias passados em apática indolência, durante os quais atravessei muitas léguas, cheguei a Estrasburgo, onde esperei Clerval por dois dias. Ele veio. Ai de mim, como era grande o contraste entre nós! Ele se mostrava mais disposto a cada nova paisagem; alegrava-se com a beleza do pôr do sol e ficava mais feliz ainda quando assistia ao astro-rei nascer e recomeçar um novo dia. Ele apontava para mim as cores cambiantes da paisagem e as mudanças na aparência do céu. “Isso é que é vida”, ele exclamava, “como eu gosto de viver! Mas você, meu caro Frankenstein, não tem razão para estar desanimado e triste!”. Na verdade, eu estava preocupado, com pensamentos sombrios, e nem reparei na descida da estrela vespertina, nem no nascer do sol dourado, refletido no Reno. Para você, meu amigo, seria muito mais divertido ouvir a jornada de Clerval, que observava a paisagem sentindo prazer e deleite, do que as minhas reflexões; logo eu, um caco imprestável, assombrado por uma maldição que fechava cada acesso ao entretenimento.

Tínhamos combinado descer o Reno num barco de Estrasburgo até Roterdã, onde poderíamos embarcar para Londres. Durante essa viagem, passamos por muitas ilhas graciosas e vimos várias cidades bonitas. Paramos um dia em Mannheim e, no quinto dia da nossa partida de Estrasburgo, chegamos em Mainz. O curso do Reno abaixo de Mainz torna-se bem mais pitoresco. O rio desce rapidamente e serpenteia entre colinas, não muito altas, mas íngremes e de belas formas. Vimos muitos castelos em ruínas à beira de precipícios, cercados por bosques enegrecidos, altos e inacessíveis. Essa parte do Reno, de fato, apresenta uma paisagem singularmente diversificada. Num lugar você vê colinas escarpadas e castelos em ruínas vigiando precipícios tremendos, com o escuro Reno correndo embaixo; em outro, na súbita virada de algum promontório, vinhedos florescentes, nas vertentes inclinadas das margens e enfim um rio sinuoso, com cidades populosas ocupando o cenário.

Viajamos na época da vindima e ouvíamos a canção dos trabalhadores enquanto deslizávamos pela correnteza. Mesmo eu, com a mente deprimida e o espírito continuamente agitado por

sentimentos sombrios, estava satisfeito. Deitei-me no fundo do barco e, enquanto olhava para o céu azul sem nuvens, parecia beber uma tranquilidade que havia muito tempo me era estranha. E se essas eram as minhas sensações, quem poderia descrever as de Henry? Ele se sentia como se tivesse sido transportado para o mundo da fantasia e desfrutava de uma felicidade raramente experimentada por outro homem. “Já vi”, ele disse, “as paisagens mais bonitas do meu próprio país; visitei os lagos de Lucerna e Uri, onde as montanhas nevadas descem quase perpendicularmente até a água, lançando sombras negras e impenetráveis, que provocariam uma aparência lúgubre e melancólica, se não existissem as ilhas verdejantes que relaxam o olhar com seu aspecto alegre. Já vi esse lago agitado por tempestades, quando o vento rasga turbilhões na água, dando uma ideia do que seria uma tromba d’água no oceano imenso, e ondas arremessando-se com fúria sobre a base da montanha, onde o padre e sua amante foram soterrados por uma avalanche e onde dizem que suas vozes moribundas ainda podem ser ouvidas entre as pausas do vento noturno. Vi as montanhas de La Valais e do Pays de Vaud, mas esse país, Victor, me agrada mais do que todas aquelas maravilhas. As montanhas da Suíça são mais majestosas e estranhas, mas há um encanto nas margens desse rio divino, nunca antes igualado. Olhe aquele castelo acima do precipício; e também essa ilha, quase escondida entre a folhagem daquelas lindas árvores; observe agora aquele grupo de trabalhadores, que saem de suas vinhas; e aquela aldeia, meio escondida no recesso da montanha. Oh! Certamente o espírito que habita e guarda esse lugar tem uma alma mais em harmonia com o homem do que aqueles que se acumulam na geleira, ou repousam nos inacessíveis picos das montanhas do nosso próprio país”. Clerval, caro amigo! Mesmo agora me agrada registrar suas palavras e fazer o elogio de que você é tão eminentemente merecedor. Trata-se de um ser formado na “verdadeira poesia da natureza”. Sua imaginação selvagem e entusiasmada era castigada pela sensibilidade de seu coração. Sua alma transbordava de afeições ardentes e sua amizade era daquela natureza dedicada e maravilhosa que os levianos nos ensinam a procurar apenas na imaginação, mas nem mesmo as simpatias humanas eram suficientes para satisfazer sua mente efusiva. Ele amava com ardor o cenário da natureza externa, que os outros contemplam apenas com admiração:

[...] A sonora catarata

Assombrava-o como uma paixão: o alto rochedo,

A montanha e o bosque profundo e sombrio,

*Suas cores e formas eram então para ele
Um apetite, um sentimento e um amor,
Que não necessitavam de nenhum encanto mais remoto,
Fornecido pelo pensamento, ou por qualquer interesse
Que não fosse transmitido pelo olhar.*

(DO POEMA "ABADIA DE TINTERN", DE WILLIAM WORDSWORTH)

E, onde ele existe agora? Será que esse ser adorável e gentil foi perdido para sempre? Será que essa mente, tão repleta de ideias, imaginações fantasiosas e magníficas, que formavam um mundo, cuja existência dependia da vida de seu criador, será que essa mente pereceu? Será que agora só existe na minha memória? Não, não é assim. A sua forma, tão divinamente trabalhada e radiante de beleza, decaiu, mas o espírito ainda visita e consola seu amigo infeliz.

Perdoe esse ataque de tristeza; essas palavras ineficazes são apenas um ligeiro tributo ao valor de Henry; mas acalmam o meu coração, que transborda com a angústia evocada por sua lembrança. Vou continuar a história.

Depois de Colônia, descemos para as planícies da Holanda. Resolvemos apressar o resto do nosso caminho, pois o vento era contrário, e a correnteza do rio estava fraca demais para nos ajudar. Nossa viagem então perdera o interesse propiciado pelas belas paisagens, mas em poucos dias chegamos a Roterdã, de onde prosseguimos por mar para a Inglaterra. Foi numa manhã clara, no final de outubro, que vi pela primeira vez as falésias brancas da Grã-Bretanha. As margens do Tâmisia representavam um novo cenário. Eram planas, mas férteis e quase todas as cidades eram marcadas pela lembrança de alguma história. Vimos Tilbury Fort e nos lembramos da Armada Espanhola e, ainda, Gravesend, Woolwich e Greenwich, lugares de que ouvira falar até no meu país.

No final, vimos os muitos campanários de Londres, com destaque para o de St. Paul acima de todos, e a Torre, a fortaleza famosa pelo papel desempenhado na história inglesa.

CAPÍTULO 19

Londres foi, então, o ponto do nosso descanso. Resolvemos permanecer vários meses nessa maravilhosa e ilustre cidade. Clerval desejava travar conhecimento com os homens de gênio e de talento que floresciam nessa época, mas esse era para mim um objetivo secundário; eu estava principalmente ocupado com os meios de obter as informações necessárias para a realização da minha promessa. Assim, rapidamente me aproveitei das cartas de apresentação que tinha levado comigo, dirigidas aos mais distintos filósofos naturais.

Se essa viagem tivesse ocorrido durante os meus dias de estudo e felicidade, teria me proporcionado um prazer indescritível, mas uma nuvem pairava sobre a minha existência, e só visitava essas pessoas por causa das informações que elas poderiam me dar sobre o assunto em que o meu interesse era tão terrivelmente profundo. A companhia de alguém era irritante para mim; quando sozinho, eu podia encher a mente com as visões do céu e da terra. A voz de Henry me acalmava e eu poderia me enganar com uma paz transitória, mas rostos alegres, desinteressantes e atarefados, traziam de volta o desespero ao meu coração. Vi uma barreira intransponível ser colocada entre mim e amigos meus. Essa barreira havia sido selada com o sangue de William e Justine, e refletir sobre os acontecimentos relacionados com esses nomes enchia a minha alma de angústia.

Apesar disso, era em Clerval que eu via a imagem do meu antigo ser. Ele estava curioso e ansioso por adquirir experiência e instrução. A diferença de modos que observava, era para ele uma fonte inesgotável de conhecimentos e diversão. Também ele perseguia um alvo que tinha em vista fazia muito tempo. Seu projeto era visitar a Índia, na crença que ele tinha no conhecimento de suas diversas línguas e nas opiniões que havia colhido daquela sociedade, como meios de ajudar materialmente no progresso da colonização e do comércio europeu. E, só na Grã-Bretanha ele poderia complementar a execução de seu plano. Estava sempre ocupado, e o único freio a seus prazeres era minha mente triste e abatida. Tentei esconder isso tanto quanto possível, para não o privar dos prazeres naturais de quem estava entrando em uma nova cena de vida, sem ser perturbado por qualquer cuidado ou amarga lembrança. Muitas vezes recusei-me a acompanhá-lo, alegando outros compromissos, para que pudesse ficar

sozinho. Comecei também a coletar os materiais necessários para a minha nova criação e isso era para mim como uma tortura de gotas d'água caindo continuamente sobre a minha cabeça. Cada pensamento dedicado a essa situação era uma angústia extrema e, a cada palavra dita em alusão a isso, meus lábios tremiam e meu coração palpitava.

Depois de passar alguns meses em Londres, recebemos uma carta de uma pessoa na Escócia, que antigamente nos visitava em Genebra, mencionando as belezas de sua terra natal, nos perguntando se essas não eram sedução suficientes para nos induzir a prolongar a nossa viagem para o norte, até Perth, onde ele residia. Clerval quis ansiosamente aceitar esse convite e eu, embora aborrecido com atividades sociais, desejava ver novamente montanhas e riachos e todas as obras maravilhosas com as quais a natureza adorna suas moradas preferidas. Tínhamos chegado à Inglaterra no início de outubro e já era fevereiro. Decidimos, portanto, iniciar a jornada rumo ao norte no final de mais um mês. Nessa expedição não pretendíamos seguir a grande estrada para Edimburgo, mas visitar Windsor, Oxford, Matlock e os lagos de Cumberland, resolvendo chegar à conclusão desse passeio por volta do final de julho. Empacotei meus instrumentos químicos e os materiais que havia coletado, decidido a terminar meus trabalhos em algum recanto obscuro no norte da Escócia.

Saímos de Londres no dia 27 de março e ficamos alguns dias em Windsor, caminhando por sua bela floresta. Era uma paisagem nova para nós montanheseiros; os majestosos carvalhos, a quantidade de caça e os rebanhos de cervos majestosos, eram novidades para nós.

De lá, prosseguimos para Oxford. Conforme entramos na cidade, nossa mente foi preenchida com a lembrança dos eventos ocorridos ali, mais de um século e meio antes. Foi onde Carlos I reuniu seus exércitos. Essa cidade permanecera fiel a ele, depois da nação inteira abandonar sua causa para se juntar ao estandarte do parlamento e da liberdade. A memória desse rei infeliz e seus companheiros, o amável Falkland, o insolente Goring, sua rainha e seu filho, despertavam um interesse peculiar em todas as partes da cidade onde supostamente eles tinham habitado. O espírito dos velhos dias achou morada ali e nós nos deleitamos em seguir seus passos. Mesmo se tais sentimentos não proporcionassem nenhuma gratificação imaginária, ainda assim a aparência da cidade teria em si beleza suficiente para obter a nossa admiração. As universidades são antigas e pitorescas, as ruas são quase magníficas e o adorável rio Isis, que flui ao lado de prados de vegetação exuberante, espalha-se numa plácida extensão de águas,

refletindo o majestoso conjunto de torres, torreões e cúpulas da região, embelezadas entre árvores envelhecidas.

Apreciei essa paisagem. E, embora o meu prazer estivesse amargurado pela memória do passado e pela antecipação do futuro, fiquei predisposto a um pouco de felicidade tranquila. Em meus dias de juventude, o descontentamento jamais visitou a minha mente e, quando o tédio me aborrecia, a visão do que é belo na natureza, ou o estudo do que é excelente e sublime nas produções do homem, sempre interessava o meu coração e comunicava oscilação aos meus humores, mas sou uma árvore destrozada, o dardo penetrou na minha alma e então senti que precisaria sobreviver para expor o que logo deixarei de ser: um miserável espetáculo de humanidade desgraçada, lamentável para os outros e intolerável para mim.

Passamos um período considerável em Oxford, perambulando nos arredores, tentando identificar cada ponto que pudesse estar relacionado a uma época mais animada da história inglesa. As nossas pequenas viagens de descoberta muitas vezes eram prolongadas pelas sucessivas atrações que se apresentavam. Visitamos o túmulo do ilustre Hampden e o campo onde o patriota tombou. Por um instante, minha alma foi elevada de seus medos degradantes e infelizes, para contemplar as ideias divinas de liberdade e sacrifício pessoal, das quais aquelas visões eram monumentos e recordações. Por um instante usei sacudir as correntes que me prendiam e olhei em volta de mim com espírito livre e elevado, mas os grilhões haviam devorado a minha carne e novamente eu me afundava, trêmulo e desesperado, em meu miserável ego.

Deixamos Oxford com arrependimento e prosseguimos para Matlock, a nossa próxima parada de descanso. Os campos perto dessa aldeia assemelham-se, em maior grau, às paisagens da Suíça, mas tudo em menor escala. As colinas verdes almejam a coroa dos Alpes brancos distantes, que sempre aparecem nas montanhas cheias de pinheiros do meu país de origem. Visitamos as maravilhosas cavernas e os pequenos gabinetes de história natural, onde as curiosidades estão dispostas da mesma maneira que nas coleções de Servox e Chamonix. Esse último nome me fez tremer ao ser pronunciado por Henry; apressei-me para sair de Matlock, que assim ficou associada àquela terrível cena.

A partir de Derby, ainda viajando rumo ao norte, passamos dois meses em Cumberland e Westmoreland. Então, eu quase me imaginava nas montanhas suíças. Os pequenos retalhos de neve que ainda permaneciam nas encostas laterais ao norte das montanhas, os

lagos e o ímpeto dos riachos rochosos, eram paisagens familiares e queridas para mim. Ali também fizemos alguns conhecidos, que quase conseguiram me enganar com a felicidade. O deleite de Clerval era proporcionalmente maior que o meu, sua mente se expandia na companhia de homens de talento, e ele descobriu em sua própria natureza maiores capacidades e recursos do que poderia ter imaginado possuir enquanto se associava com pessoas inferiores.

– Eu poderia passar a minha vida aqui – ele me disse –, entre essas montanhas, quase não me arrependo de ter saído da Suíça e do Reno.

Mas ele descobriu que a vida do viajante inclui muita dor em meio a seus prazeres. Os sentimentos dele estavam sempre no limite e quando começava a mergulhar no repouso, via-se obrigado a abandonar aquilo em que repousava com prazer por algo novo, que novamente atraía sua atenção e que ele também abandonava por outras novidades.

Mal tínhamos visitado os vários lagos de Cumberland e Westmoreland e nos afeiçoado a alguns habitantes, quando o período do encontro com nosso amigo escocês se aproximou e nós os deixamos para viajar. Da minha parte, eu não estava arrependido. Tinha negligenciado minha promessa por algum tempo e temia os efeitos da decepção no demônio. Ele poderia estar na Suíça e despejar sua vingança nos meus parentes. Essa ideia me perseguia e me atormentava em todos os momentos dos quais, de outra maneira, eu poderia obter repouso e paz. Aguardava a minha correspondência com impaciência febril: se as cartas atrasassem, eu me sentia infeliz, dominado por milhares de medos; quando chegavam e eu via Elizabeth ou meu pai como remetentes, dificilmente ousava ler para averiguar o meu destino. Às vezes, achava que o demônio me seguia e poderia agilizar a minha negligência, matando o meu companheiro. Quando esses pensamentos me possuíam, eu não deixava Henry por nenhum momento, seguia-o como sombra, para protegê-lo da raiva imaginada de seu destruidor. Sentia como se tivesse cometido algum grande crime, cuja consciência me perseguia. Era inocente, mas de fato tinha traçado uma terrível maldição sobre a minha cabeça, tão mortal quanto a do crime.

Visitei Edimburgo com melancolia nos olhos e na mente, ainda que a cidade pudesse interessar ao ser mais infeliz. Clerval não gostou tanto de lá como Oxford, pois a antiguidade dessa última cidade agradava mais a ele, mas a beleza e a simetria da nova cidade de Edimburgo, seu castelo romântico e seus arredores, os mais encantadores do mundo, o Assento de Artur, a Fonte de São Bernardo

e as Colinas de Pentland, compensaram a mudança e o encheram de alegria e admiração, mas eu estava impaciente para chegar ao fim da minha viagem.

Deixamos Edimburgo em uma semana, passando por Cupar, St. Andrew's e ao longo das margens do Tay, até Perth, onde o nosso amigo nos esperava. Porém, eu não estava disposto a rir e conversar com estranhos, ou a entrar nos sentimentos ou planos deles com o bom humor que se espera de um hóspede e assim, falei a Clerval que gostaria de fazer sozinho a turnê pela Escócia.

– Divirta-se – eu disse – e deixe que assim seja o nosso reencontro. Posso me ausentar por um mês ou dois, mas imploro que não interfira nos meus movimentos. Deixe-me em paz e solidão por um curto período de tempo e quando eu voltar, espero estar com o coração mais leve, mais adequado ao seu próprio temperamento.

Henry quis me dissuadir, mas ao me ver debruçado sobre esse plano, deixou de questionar. Ele me pediu para escrever sempre.

– Preferia estar com você – ele disse –, em suas caminhadas solitárias, do que com esse povo escocês, que não conheço. Apresse-se, meu caro amigo, para retornar, para que eu possa me sentir um pouco em casa novamente, o que não vai acontecer na sua ausência.

Tendo me separado do meu amigo, resolvi visitar algum ponto remoto da Escócia, para concluir o meu trabalho em solidão. Não duvidava, porém, que o monstro me seguia e que se revelaria a mim quando eu tivesse terminado, para receber sua companheira. Com essa resolução, atravessei as Highlands, as terras altas do norte, e me fixei uma das mais remotas ilhas do arquipélago das Órcadas como cenário dos meus trabalhos. O local era adequado para tal tarefa, sendo apenas pouco mais do que um rochedo, com os altos flancos continuamente golpeados pelas ondas. O solo estéril, quase não proporcionava pastos para algumas vacas miseráveis e aveia para os habitantes, que se resumiam a cinco pessoas, cuja aparência esquelética e esquelética dava sinais da minguada alimentação. Legumes e pães, quando eles se entregavam a tais luxos e inclusive água fresca, deviam ser obtidos na ilha principal, que ficava a cerca de oito quilômetros.

Em toda a ilha, havia apenas três cabanas paupérrimas uma das quais estava vazia quando cheguei. Foi essa que arrendei. Ela consistia apenas de dois cômodos, que exibiam toda a penúria da pobreza mais extrema. O telhado havia desabado, as paredes não tinham reboco e a porta estava solta das dobradiças. Mandeí consertar tudo, comprei alguns móveis e tomei posse do lugar, um incidente que, sem dúvida,

teria causado alguma surpresa, se os sentidos dos camponeses não estivessem entorpecidos pela escassez e pela carência. Desse jeito e apesar de mal-agradecido pelas migalhas de comida e roupas que dava, passei a viver sem medo e sem ser molestado, tanto era o sofrimento que afastava até as sensações mais grosseiras dos homens.

Nesse retiro, dedicava as manhãs ao trabalho. À noite, porém, quando o tempo permitia, eu caminhava à beira-mar pela praia rochosa, para escutar as ondas que rugiam e se precipitavam aos meus pés. Era uma cena monótona, porém em constante mudança. Pensei na Suíça, muito diferente dessa paisagem desolada e apavorante, com suas colinas cobertas de videiras e casas dispersas, espalhadas pelas planícies, com seus belos lagos que refletem o suave tom azul do céu. Mesmo quando essas águas são perturbadas pelos ventos, esse tumulto não passa de brincadeira de crianças, em comparação com os estrondos do oceano gigantesco.

Dessa maneira, eu distribuí as minhas ocupações quando cheguei, mas à medida que prosseguia, meu trabalho se tornava cada dia mais horrível e irritante para mim. Às vezes, não conseguia me convencer a entrar no meu laboratório por vários dias, outras vezes trabalhava dia e noite, para completar meu trabalho. Era, de fato, um processo imundo em que eu estava envolvido. Durante o meu primeiro experimento, uma espécie de frenesi entusiasmado me cegou para o horror da minha atividade, minha mente estava firmemente fixada na consumação do meu trabalho, e meus olhos se fecharam para o horror dos meus procedimentos; mas, dessa vez, entrei com sangue-frio, e o meu coração sempre adoecia com o trabalho das minhas mãos.

Assim situado, empenhado na ocupação mais detestável, imerso numa solidão onde nada poderia desviar a atenção da cena real em que estava imerso, meu espírito se tornou inconstante. Passei a ficar inquieto e nervoso. A cada momento temia encontrar o meu perseguidor. Algumas vezes, sentava-me com os olhos fixos no chão, temendo levantá-los, para que não encontrasse o objeto que tanto receava contemplar. Temia me afastar da visão das criaturas minhas amigas, para não ficar sozinho quando ele viesse buscar sua companheira.

Enquanto isso, eu trabalhava e o meu trabalho já estava consideravelmente avançado. Olhava para a conclusão com uma esperança trêmula e ansiosa, que não me atrevia a questionar, mas que estava misturada com presságios obscuros do mal, que deixavam o meu coração doente no peito.

CAPÍTULO 20

Uma noite sentei-me no laboratório. O sol se pôs, e a lua subia do mar. Não havia luz suficiente para executar minha tarefa, então fiquei ocioso e fiz uma pausa para considerar se devia deixar o trabalho para a calada da noite ou se apressava a conclusão, dedicando atenção ininterrupta a ele. Enquanto descansava, uma série de reflexões me ocorreu, o que me levou a considerar os efeitos do que eu estava fazendo. Três anos antes, eu estava envolvido do mesmo modo. Tinha criado um demônio, cuja barbaridade incomparável havia devastado o meu coração, enchendo-o para sempre com os mais amargos remorsos. Agora, eu estava a ponto de formar outro ser, de cujas disposições eu era igualmente ignorante. Ela poderia se tornar dez mil vezes mais maligna do que seu companheiro e deleitar-se por si mesma com assassinatos e desgraças. Ele jurou deixar a proximidade do homem e se esconder nos desertos, mas ela não e ela que com toda probabilidade deveria se tornar um animal pensante e racional, poderia se recusar a cumprir um pacto feito antes de sua criação. Eles inclusive poderiam se odiar um ao outro. A criatura que já vivia detestava sua própria deformidade. Será que não poderia conceber repugnância ainda maior por si, quando a forma feminina chegasse diante de seus olhos? Ela também poderia voltar-se com desgosto contra ele e por causa da superior beleza do homem poderia abandoná-lo. E ele voltaria a ficar sozinho, exasperado pela nova provocação de ser abandonado por alguém de sua própria espécie.

Mesmo que saíssem da Europa para habitarem áreas desertas do Novo Mundo, contudo um dos primeiros resultados daquelas simpatias pelas quais o demônio tinha sede seriam as crianças, e uma raça de demônios seria propagada sobre a Terra, o que poderia colocar a própria existência da espécie humana em condição precária e cheia de terror. Teria eu o direito, para o meu próprio benefício, de infligir essa maldição sobre as gerações eternas? Antes eu já havia sido induzido pelos sofismas do ser que criara e fui nocauteado por suas diabólicas ameaças, mas agora, pela primeira vez, a maldade de minha promessa me assolava. Eu estremecia ao pensar que as gerações futuras poderiam me amaldiçoar como sua praga, como alguém cujo egoísmo não hesitara em comprar a sua própria paz pelo preço, talvez, da existência de toda a raça humana.

Tremi, e meu coração desfaleceu dentro de mim, quando, ao olhar para cima, vi, à luz do luar, o demônio na janela. Um sorriso medonho enrugava seus lábios, enquanto ele olhava para mim, sentado para realizar a tarefa que ele havia me atribuído. Sim, ele tinha me seguido nas minhas viagens; vagava pelas florestas, escondia-se em cavernas, ou se refugiava em brejos e desertos. E agora, vinha acompanhar o meu progresso e reivindicar o cumprimento da minha promessa.

Quando olhei para ele, seu semblante expressava malícia e traição em sua máxima dimensão. Pensei, com um sentimento de loucura, na minha promessa de criar outro como ele. Tremendo de paixão, despedacei a coisa na qual estava empenhado. O desgraçado me viu destruir a criatura de cuja futura existência ele dependia para ter felicidade. E, com um uivo diabólico de desespero e vingança, retirou-se.

Saí da sala, tranquei a porta e fiz o voto solene em meu coração de jamais retomar aqueles trabalhos. Depois, com passos trêmulos, busquei meus próprios aposentos. Estava sozinho, não havia ninguém por perto para dissipar minha tristeza e me consolar pela opressão repugnante dos devaneios mais terríveis.

Várias horas passaram. Permaneci perto da janela, olhando para o mar. O ar estava quase imóvel, com ventos abafados, e toda a natureza repousava sob os olhos da lua tranquila. Só alguns barcos de pesca remexiam a água e, de vez em quando, uma brisa suave trazia o som de vozes, quando os pescadores chamavam uns aos outros. Eu sentia o silêncio, embora não tivesse consciência de sua extrema profundidade, até que os meus ouvidos de repente capturaram o ruído de remadas perto da costa, e uma pessoa desembarcou perto de minha casa.

Poucos minutos depois, escutei o rangido de minha porta, como se alguém tentasse abri-la suavemente. Tremi da cabeça aos pés. Tive o pressentimento de quem era e quis despertar um dos camponeses que moravam num chalé não muito distante do meu, mas fui dominado pela sensação de desamparo, tantas vezes sentida em sonhos aterradores, quando tentava em vão fugir de algum perigo iminente e fiquei enraizado ao local.

Logo ouvi o som de passos movendo-se no corredor. A porta se abriu, e o desgraçado a quem eu temia apareceu. Fechando a porta, ele se aproximou de mim e disse, com voz rouca:

– Você destruiu a obra que começou. O que pretende? Como se atreve a quebrar sua promessa? Eu resisti ao cansaço e à miséria. Deixei a Suíça com você, rastejei ao longo das margens do Reno, entre

ilhas graciosas e sobre os cumes das colinas. Morei vários meses nas charnecas da Inglaterra e nas áreas desérticas da Escócia. Suportei fadigas incalculáveis, frio e fome. Como ousa destruir as minhas esperanças?

– Vá embora! Quebrei minha promessa! Jamais criarei outra criatura semelhante a você, igual em deformidade e iniquidade.

– Escravo: argumentei antes com você, mas você se mostrou indigno de minha condescendência. Lembre-se de que tenho poderes. Você se considera um desgraçado, mas posso torná-lo tão miserável que a luz do dia lhe será odiosa. Você é o meu criador, mas eu sou o seu mestre, obedeça!

– A hora da minha indecisão já passou, e a época do seu poder chegou. Suas ameaças não vão me levar a cometer um ato de maldade. Muito pelo contrário, elas confirmam minha determinação de não criar para você uma companheira de vício. Será que devo a sangue-frio lançar sobre a terra um demônio cujo deleite está na morte e na desgraça? Vá embora! Estou decidido. Suas palavras somente hão de exasperar a minha raiva.

O monstro viu a determinação na minha cara e rangeu os dentes na impotência da raiva.

– Todo homem – ele clamou – deve encontrar uma esposa para o seu coração, toda fera tem sua companheira. E eu, fico sozinho? Tive sentimentos de afeto, que foram pagos com repulsa e desprezo. Homem! Você pode odiar, mas tome cuidado! Suas horas passarão em pavor e aflição, e logo o raio cairá, arrebatando de você a sua felicidade para sempre. Você deve ser feliz, enquanto me arrasto na intensidade de minha desgraça? Você pode destruir as minhas outras paixões, mas a vingança permanecerá. A vingança, doravante mais cara que a luz ou o alimento! Posso até morrer, mas antes, você, meu tirano e atormentador, haverá de amaldiçoar o sol que contempla a sua miséria. Cuidado, pois sou destemido e, portanto, poderoso. Vou vigiá-lo com a cobiça de uma cobra, para poder picá-lo com a minha peçonha. Homem, você há de se arrepender das injúrias que infligiu...

– Fora, diabo! Não envenene o ar com esses sons de malícia. Já declarei minha resolução a você. Não sou covarde para me dobrar a palavras. Deixe-me, minha decisão é inexorável.

– Está bem, eu vou, mas lembre-se: estarei com você na sua noite de núpcias.

Comecei a avançar e exclamei:

– Bandido, antes de assinar minha sentença de morte, certifique-se

de que está seguro.

Eu o teria agarrado, mas ele me evitou e saiu da casa precipitadamente. Em instantes, eu o vi em seu barco, que disparou pelas águas com a rapidez de uma flecha e logo se perdeu no meio das ondas.

Tudo ficou novamente em silêncio, mas as palavras dele ecoavam em meus ouvidos. Eu ardia em raiva para perseguir o assassino da minha paz e precipitá-lo no oceano. Perturbado, caminhava para cima e para baixo apressadamente em meu quarto, enquanto minha imaginação repelia mil imagens que me atormentavam e me picavam. Por que não o segui, para entrar em luta mortal com ele? Mas eu o forcei a partir, e ele dirigiu seu rumo para a terra firme. Estremeci ao pensar quem seria a próxima vítima sacrificada por sua insaciável sede de vingança. E, então pensei novamente em suas palavras: “Estarei com você na sua noite de núpcias”. Esse era, então, o período fixado para o cumprimento do meu destino. Nessa hora eu deveria morrer e imediatamente satisfazer e extinguir sua malícia. A perspectiva não me fazia sentir medo; contudo, quando pensei na minha querida Elizabeth, em suas lágrimas e em seu sofrimento infinito, quando visse o amado tão barbaramente arrancado dela, as primeiras lágrimas que eu derramava em muitos meses, escorreram dos meus olhos, e resolvi não cair perante o meu inimigo sem uma luta feroz.

A noite foi embora, e o sol se levantou do oceano. Meus sentimentos se tornaram mais calmos, se é que pode haver calma quando a violência raivosa mergulha no desespero profundo. Saí de casa, palco da medonha discórdia da noite anterior, e andei pela praia, à beira-mar, que eu quase cheguei a considerar como uma barreira intransponível entre mim e os meus companheiros. Não, um desejo assim devia provar a realidade roubada de mim. Quis passar a vida sobre aquele rochedo árido, entediado, é verdade, mas resguardado de qualquer choque súbito de infelicidade. Se voltasse, haveria de ser sacrificado ou veria aqueles que eu mais amava morrerem sob as garras de um demônio que eu mesmo criara.

Caminhei pela ilha como um espectro inquieto, separado de tudo o que amava e infeliz com a separação. Quando o meio-dia chegou, e o sol estava a pino, deitei na grama. Fui dominado por um sono profundo. Fiquei acordado a noite anterior inteira, meus nervos estavam agitados e meus olhos, inflamados pela vigília e pela tristeza. O sono em que então me afundei me refrescou. Quando acordei, voltei a sentir como se pertencesse a uma raça de gente humana como eu. Comecei a refletir sobre o que havia acontecido com maior

serenidade, ainda assim as palavras do demônio ecoavam em meus ouvidos como um lamento de morte. Elas pareciam um sonho, mas eram distintas e opressivas como a realidade.

O sol já tinha descido bastante. Eu ainda estava sentado na praia, satisfazendo meu apetite, que se tornara voraz, com um bolo de aveia. Foi quando vi um barco de pesca perto de mim. Um dos homens me trouxe um pacote, contendo cartas de Genebra e uma de Clerval, rogando-me que me juntasse a ele. Disse que estava gastando seu tempo inutilmente onde estava. Cartas que chegavam dos amigos que conhecera em Londres desejavam seu retorno, para concluir as negociações sobre a empresa indiana. Ele não podia mais adiar sua partida e, como sua viagem para Londres poderia ter prosseguimento ainda mais cedo do que ele imaginava, com sua viagem mais longa para a Índia, ele me rogava aproveitar minha amizade com ele o máximo que fosse possível. Pediu-me, pois, que deixasse minha ilha solitária para encontrá-lo em Perth, de onde prosseguiríamos para o sul. Essa carta de certo modo me trouxe de volta à vida, e eu decidi deixar a ilha no prazo de dois dias.

No entanto, antes de partir havia uma tarefa a realizar, a respeito da qual estremeci só de pensar. Tinha que arrumar os meus instrumentos químicos. Para isso precisaria entrar na sala que havia sido o cenário da minha odiosa obra e devia lidar com utensílios cuja visão me afligia. Na manhã seguinte, ao amanhecer, reuni coragem suficiente e destranquei a porta do laboratório. Os restos da criatura semiacabada que eu tinha destruído jaziam espalhados no chão. Quase senti como se tivesse destroçado a carne viva de um ser humano. Fiz uma pausa para me concentrar e então entrei na câmara. Com a mão trêmula tirei os instrumentos da sala, mas refleti que não devia abandonar os restos mortais de meu trabalho para excitar o horror e a suspeita dos camponeses. Coloquei-os num cesto junto com uma grande quantidade de pedras e guardei-os, decidido a jogá-los no mar naquela mesma noite. Nesse meio-tempo, fiquei sentado na praia, ocupado com a limpeza e com a arrumação do meu aparato químico.

Nenhuma transformação poderia ser mais completa do que a que ocorreu em meus sentimentos desde a noite da aparição do demônio. Eu já havia considerado a promessa feita a um desânimo sombrio como uma coisa que sob quaisquer consequências deveria ser cumprida; no entanto, sentia como se uma película tivesse sido retirada da frente dos meus olhos e que eu, pela primeira vez, enxergasse claramente. A ideia de renovar as minhas atividades não me ocorreu por nenhum instante; a ameaça que eu escutara, pesava

sobre os meus pensamentos, mas não refletia nenhum ato voluntário meu que pudesse evitá-la. Eu tinha decidido para mim mesmo que criar outro demônio como o que tinha feito da primeira vez seria um ato do egoísmo mais abjeto e mais atroz. Assim, bani da mente todo pensamento que pudesse levar a uma conclusão diferente.

Entre duas e três horas da madrugada, a lua se levantou. Então coloquei o cesto a bordo de um pequeno bote e naveguei cerca de seis quilômetros da costa. A cena era perfeitamente solitária. Alguns barcos voltavam para a terra, mas eu navegava longe deles. Sentia-me como se estivesse prestes a cometer um terrível crime e evitava com tremenda ansiedade qualquer encontro com criaturas semelhantes a mim. Em determinado momento, o luar, que antes era claro, de repente se espalhou por uma espessa nuvem. Aproveitei o instante de escuridão e joguei o cesto no mar. Ouvi o som borbulhante enquanto ele afundava e, então, naveguei para longe do local. O céu ficou nublado, o ar era puro, embora estivesse esfriando por causa da brisa nordeste, que soprava naquele momento. Isso me refrescou e me encheu de sensações tão agradáveis, que resolvi prolongar a permanência na água. E assim, fixando o leme em posição reta, estiquei-me no fundo do barco. As nuvens escondiam a lua, tudo estava obscuro, e eu só ouvia o som do barco cortando as ondas com a quilha. O murmúrio me acalmou e, em instantes, adormeci profundamente.

Não sei quanto tempo fiquei nessa situação, mas quando acordei, descobri que o sol já tinha subido consideravelmente. O vento estava alto, e as ondas ameaçavam continuamente a segurança do meu pequeno bote. Descobri que o vento era nordeste e que eu devia ter me afastado da costa onde embarcara. Tentei mudar o rumo, mas rapidamente descobri que, se fizesse nova tentativa, o barco instantaneamente encheria de água. Em tal situação, meu único recurso seria avançar conforme o vento. Confesso que tive algumas sensações de terror. Não trazia nenhuma bússola comigo e era tão pouco familiarizado com a geografia dessa parte do mundo que o sol não servia de nenhuma referência para mim. Eu poderia ser levado para o imenso Atlântico e sentir todas as torturas da fome ou ser engolido nas águas imensuráveis que rugiam e golpeavam ao meu redor. Já estava fora havia muitas horas e senti uma sede ardente me atormentar como um prelúdio dos meus outros sofrimentos. Olhei para os céus, cobertos de nuvens que voavam na frente do vento, só para serem substituídas por outras. Olhei para o mar. Aquele seria o meu túmulo.

– Demônio! – exclamei. – Sua tarefa já se cumpriu!

Pensei em Elizabeth, no meu pai e em Clerval, todos deixados para trás e sobre os quais o monstro poderia satisfazer suas paixões sanguinárias e impiedosas. Essa ideia me fez mergulhar na revelação, tão desesperada quanto terrível, de que mesmo agora, quando a cena estava a ponto de se fechar diante de mim para sempre, eu estremecia ao refletir sobre ela.

Algumas horas passaram assim, mas, gradualmente, à medida que o sol declinava na direção do horizonte, o vento desfalecta numa brisa suave e o mar deixava de quebrar em ondas, que deram lugar a uma forte ressaca. Sentia-me adoecido, quase incapaz de segurar o leme, quando, de repente, vi uma linha de terra alta rumo ao sul.

Totalmente desgastado como estava, pela fadiga e pelo suspense terrível que suportei por várias horas, essa súbita certeza de vida correu para o meu coração como uma inundação de alegria calorosa. Lágrimas brotaram dos meus olhos.

Quão mutáveis são os nossos sentimentos e quão estranho é esse apego amoroso que temos pela vida, mesmo na desgraça extrema! Construí outra vela com parte da minha roupa e ansiosamente orientei meu curso para a terra, que tinha aparência selvagem e rochosa. À medida que me aproximava, percebi facilmente os vestígios de cultivos. Vi navios perto da costa e, de repente, achei-me transportado de volta à proximidade do homem civilizado. Segui com cuidado os contornos sinuosos da terra e saudei um campanário que finalmente avistei surgindo por trás de um pequeno promontório. Como me encontrava em estado de extrema debilidade, resolvi navegar diretamente para a cidade, como um lugar onde poderia mais facilmente obter alimento. Felizmente, levava algum dinheiro comigo. Quando virei o promontório, percebi uma pequena cidade bem arrumada e um bom porto, no qual entrei, o meu coração saltando de alegria em minha fuga inesperada.

Enquanto estava ocupado em prender o barco e organizar as velas, várias pessoas correram ao local. Todos pareciam muito surpresos com a minha aparência; mas em vez de me oferecerem alguma ajuda, sussurravam com gestos que em qualquer outro momento poderiam ter produzido em mim uma ligeira sensação de alarme. Sendo assim, simplesmente observei que eles falavam inglês e, portanto, dirigi-me a eles nessa língua:

– Meus bons amigos – eu disse –, vocês fariam a gentileza de me dizer o nome desta cidade? Podem me informar onde estou?

– Você saberá isso em breve – respondeu um homem com voz

rouca. – Pode ser que tenha chegado a um lugar que não se mostrará muito a seu gosto, mas não será consultado quanto aos seus destinos, prometo-lhe.

Fiquei extremamente surpreso ao receber uma resposta tão rude de um estranho. Também fiquei desconcertado ao perceber o semblante franzido e zangado de seus companheiros.

– Por que responde de forma tão rude? – indaguei. – Certamente não é um costume dos ingleses receberem estranhos com tanta falta de hospitalidade.

– Não sei qual é o costume dos ingleses – disse o homem –, mas é um costume dos irlandeses odiarem os vilões.

Enquanto esse estranho diálogo continuava, percebi que a multidão aumentava rapidamente. Seus rostos expressavam uma mistura de curiosidade e raiva, o que me incomodava e, em certa medida, me assustava. Perguntei o caminho para a pousada, mas ninguém respondeu. Então me movi para a frente, e um murmúrio percorreu a multidão que me seguia e me cercava. Foi quando um homem mal-encarado se aproximou, bateu no meu ombro e disse:

– Venha senhor, siga-me até o sr. Kirwin, para prestar contas de si mesmo.

– Quem é o sr. Kirwin? Por que devo prestar contas de mim? Este não é um país livre?

– Sim, senhor, livre o suficiente para gente honesta. O sr. Kirwin é o magistrado e o senhor deve dar conta da morte de um cavalheiro assassinado aqui ontem à noite.

Essa resposta me assustou, mas logo me recuperei. Eu era inocente, isso poderia ser facilmente provado. Consequentemente, segui o meu guia em silêncio. Fui conduzido a uma das melhores casas na cidade. Estava pronto para desabar de fome e cansaço, mas estando cercado pela multidão, achei uma boa política despertar toda a minha força, para que nenhuma debilidade física pudesse ser interpretada como apreensão ou culpa consciente. Então, eu jamais poderia esperar pela calamidade que em poucos instantes se abateria sobre mim e extinguiria em horror e desespero todo o medo da ignomínia ou da morte.

Tenho que parar aqui, pois vou precisar reunir todas as minhas forças para trazer à memória os assustadores acontecimentos que estou a ponto de narrar, em detalhes adequados, conforme as minhas lembranças.

CAPÍTULO 21

Logo fui levado à presença do magistrado, um homem de idade, bondoso e com modos calmos e suaves, mas ele olhou para mim com certo grau de severidade. Então, voltando-se para os meus condutores perguntou quem se apresentava como testemunha nesse caso.

Cerca de meia dúzia de homens se aproximou e um deles foi escolhido pelo magistrado. Ele declarou que estava pescando na noite anterior com seu filho e o cunhado, Daniel Nugent, quando por volta das dez horas observaram uma forte explosão ao norte e que, em consequência disso, rumaram para o porto. A noite estava muito escura já que a lua não havia subido ainda. Não desembarcaram no porto, mas, como estavam acostumados, num riacho cerca de dois quilômetros abaixo. Ele caminhou na frente carregando uma parte do equipamento de pesca, e seus companheiros o seguiram a alguma distância. Enquanto avançava pela areia, tropeçou em alguma coisa e se estatelou no chão. Seus companheiros correram para ajudá-lo e, à luz de lanternas, descobriram que ele havia caído sobre o corpo de um homem aparentemente morto. A primeira suposição deles foi de que o cadáver seria de alguma pessoa afogada, jogada na praia pelas ondas, mas após exame descobriram que as roupas não estavam molhadas e, até que o corpo ainda não estava frio. Levaram-no imediatamente para a cabana de uma velha senhora perto do local e tentaram em vão trazê-lo de volta à vida. Parecia se tratar de um belo jovem, com cerca de vinte e cinco anos de idade, que aparentemente havia sido estrangulado, pois não havia outro sinal de violência além de marcas pretas de dedos no pescoço.

A primeira parte desse depoimento não me interessou em nada, mas quando as marcas de dedos foram mencionadas, lembrei-me do assassinato de meu irmão e fiquei extremamente agitado. Minhas pernas tremiam, e uma névoa me cobriu os olhos, o que me obrigou a procurar apoio em um cadeira. O magistrado observou-me com olhar atento e naturalmente obteve uma intuição desfavorável do meu comportamento.

O filho confirmou o relato de seu pai, mas quando Daniel Nugent foi chamado, jurou positivamente que pouco antes da queda de seu companheiro, avistou um barco com um único homem a curta distância da praia. E que, na medida em que ele podia julgar pela luz

de algumas estrelas, seria o mesmo barco no qual eu tinha acabado de aportar.

Uma mulher depôs que morava perto da praia e estava à porta de sua casa esperando o retorno dos pescadores, cerca de uma hora antes de saber da descoberta do corpo, quando viu um barco com apenas um homem se afastar daquela parte da costa onde o cadáver foi encontrado mais tarde.

Outra mulher confirmou o relato dos pescadores, de que levaram o corpo à sua casa. Não estava frio, colocaram-no numa cama e esfregaram-no. Daniel foi até a cidade atrás de um boticário, mas aquela vida já havia desaparecido.

Vários outros homens foram questionados sobre o meu desembarque. Todos concordavam que, com o forte vento norte que soprou durante a noite, era muito provável que eu tivesse tentado me afastar por várias horas, mas havia sido obrigado a retornar quase ao mesmo ponto de onde partira. Além disso, observaram que parecia que eu tinha trazido o corpo de outro lugar e que como eu não parecia conhecer a costa era provável que pudesse tê-lo desembarcado no porto sem saber a distância da cidade ao lugar onde havia depositado o cadáver.

Ao ouvir essas evidências, o sr. Kirwin desejou que eu fosse levado à sala onde o corpo jazia para ser enterrado, para que pudesse ser observado o efeito que a visão do mesmo produziria em mim. Essa ideia provavelmente foi sugerida pela extrema agitação que eu demonstrara quando o modo do assassinato foi descrito. Assim, fui conduzido pelo magistrado e várias outras pessoas à estalagem. Não pude deixar de me surpreender com as estranhas coincidências ocorridas durante aquela noite agitada, mas lembrando que havia conversado com várias pessoas da ilha que habitei sobre o tempo que o corpo havia sido encontrado, eu estava perfeitamente tranquilo quanto às consequências do caso.

Entrei na sala onde estava o cadáver e fui levado até o caixão. Como posso descrever minhas sensações ao vê-lo? Ainda me sinto ressequido de horror. Não consigo refletir sobre aquele momento terrível sem tremer e agonizar. O inquérito, a presença do magistrado e das testemunhas, passaram como um sonho da minha memória quando vi o corpo sem vida de Henry Clerval esticado diante de mim. Ofegante, atirei-me sobre o corpo e exclamei:

– Minhas maquinções assassinas também o privaram da vida, meu querido Henry? Duas já destruí. Outras vítimas aguardam o mesmo destino, mas você, Clerval meu amigo, meu benfeitor...

Minha carcaça humana não aguentava mais as agonias que eu suportara. Fui levado para fora da sala em fortes convulsões.

Uma febre sucedeu a isso. Fiquei deitado por dois meses a ponto de morrer. Meus desvarios, como soube depois, eram espantosos. Eu me chamava de assassino de William, de Justine e de Clerval. Às vezes, rogava aos meus atendentes que me ajudassem na destruição do demônio que me atormentava. Em outras ocasiões, sentia os dedos do monstro já agarrando o meu pescoço e eu gritava em voz alta com agonia e terror. Felizmente, como eu falava em minha língua nativa, somente Kirwin me entendia, mas os meus gestos e os gritos amargos foram suficientes para assustar as outras testemunhas.

Por que não morria? Mais miserável do que qualquer outro homem antes, por que eu não soçobrava no esquecimento e no descanso? A morte arrebatava muitas crianças recém-nascidas, as únicas esperanças para seus adorados pais. Quantas noivas e quantos jovens apaixonados não estavam um dia na flor da idade e da esperança e, no dia seguinte, sendo devorados por vermes e pela podridão da sepultura? De que materiais eu era feito para poder assim resistir a tantos choques, que como o giro da roda continuamente renovavam a tortura?

Mas eu estava condenado a viver. Em dois meses, encontrei-me despertando de um sonho, esticado numa cama miserável, cercado por guardas, carcereiros, grilhões e todo o desgraçado aparato de uma masmorra. Era de manhã, lembro-me, quando despertei e compreendi a situação. Esqueci-me dos detalhes do que havia acontecido e só senti como se de repente submergisse de algum grande infortúnio, mas quando olhei ao redor, vi as janelas fechadas e a sordidez do local em que estava, tudo passou pela minha memória num átimo e eu gemi amargamente.

Esse lamento incomodou uma senhora que cochilava numa cadeira ao meu lado. Era uma enfermeira contratada, esposa de um carcereiro e seu semblante expressava todas aquelas más qualidades que frequentemente caracterizam essa classe. As linhas de seu rosto eram duras e rudes, como as de pessoas acostumadas a ver situações de miséria sem simpatia. Seu jeito expressava toda sua indiferença. Ela falou comigo em inglês e sua voz me tocou como uma daquelas que eu tinha ouvido durante os meus sofrimentos:

– Está melhor agora, senhor? – ela quis saber.

Eu respondi na mesma língua, com voz fraca:

– Acredito que sim, mas se tudo isso for verdade, se realmente não sonhei, lamento ainda estar vivo para sentir tanta desgraça e horror.

– Por falar nisso – respondeu a senhora –, se está se referindo ao

cavalheiro que assassinou, também acho que seria melhor para o senhor se estivesse morto, pois creio que as coisas vão ficar ruins para o seu lado! Porém, isso não é da minha conta. Fui enviada para cuidar do senhor e deixá-lo bem. Faço a minha obrigação com a consciência tranquila. Seria bom se todos fizessem o mesmo.

Eu me virei para a mulher com ódio. Como podia pronunciar um discurso tão insensível para uma pessoa que acabava de ser salva, à beira da morte? Mas sentia-me impotente, incapaz de refletir sobre tudo o que se passara. Todo o conjunto da minha vida parecia um sonho. Às vezes, eu duvidava se de fato tudo aquilo era verdade, porque jamais as coisas se apresentavam à minha mente com a força da realidade.

À medida que as imagens que flutuavam diante de mim se tornavam mais distintas, fiquei febril. Uma escuridão me cercava. Não havia ninguém perto de mim que me acalmasse com uma voz suave de amor. Nenhuma mão querida me apoiava. O médico veio e prescreveu remédios, que a velha preparou para mim, mas o absoluto descaso era visível no primeiro, e a expressão de brutalidade estava fortemente marcada no rosto da segunda. Quem poderia estar interessado no destino de um assassino, senão o carrasco que justificaria seu salário?

Essas foram minhas primeiras reflexões, mas logo descobri que o sr. Kirwin me dedicou uma extrema bondade. Ele mandou preparar a melhor cela da prisão para mim (o local era miserável, mas de fato o melhor). E foi ele quem providenciou o médico e a enfermeira. Na verdade, ele raramente foi me ver, pois embora desejasse ardentemente aliviar os sofrimentos de toda criatura humana, não desejava estar presente nas agonias e nos trágicos delírios de um assassino. Vinha, portanto, às vezes, para cuidar que não se descuidassem de mim, mas suas visitas eram curtas e com longos intervalos.

Um dia, enquanto me recuperava gradualmente, fiquei sentado numa cadeira, com os olhos entreabertos e as bochechas lívidas como um morto, dominado pela tristeza e pela desgraça. Muitas vezes refletia se não era melhor procurar a morte do que desejar permanecer num mundo para mim repleto de miséria. Em certos momentos, considerei se não deveria me declarar culpado e sofrer as penas da lei, menos inocente do que a pobre Justine. Tais eram os meus pensamentos quando a porta da minha cela se abriu e o sr. Kirwin entrou. O semblante dele expressava simpatia e compaixão. Puxou uma cadeira para perto de mim e falou em francês:

– Sinto que esse lugar é muito chocante para você. Posso fazer

qualquer coisa para torná-lo mais confortável?

– Agradeço, mas nada que o senhor mencionar vale para mim. Em toda a Terra não existe consolo que eu seja capaz de receber.

– Sei que a simpatia de um estranho pode ser de pouco alívio para alguém carregado por um infortúnio tão absurdo, mas espero que logo deixe essa melancólica estadia, pois sem dúvida provas podem ser facilmente trazidas para livrá-lo da acusação criminal.

– Essa é a minha menor preocupação. Por uma série de estranhos acontecimentos, eu me tornei o mais infeliz dos mortais. Perseguido e torturado como sou e fui, a morte seria um mal para mim?

– Nada realmente poderia ser mais infeliz e agonizante do que as estranhas circunstância que têm ocorrido recentemente. Você foi, por algum acidente incomum, atirado nesta costa conhecida pela hospitalidade e imediatamente apreendido e acusado de assassinato. A primeira visão apresentada aos seus olhos foi o corpo de seu amigo, assassinado de maneira tão inexplicável, colocado por assim dizer por algum demônio em seu caminho.

Como disse o sr. Kirwin, apesar da agitação que eu sofria com essa reconstituição dos meus sofrimentos, senti também uma considerável surpresa pelo conhecimento que ele parecia possuir a meu respeito. Acho que alguma surpresa ficou estampada em meu rosto, pois o sr. Kirwin se apressou em dizer:

– Imediatamente após você adoecer, todos os papéis que estavam em seu poder foram trazidos a mim. Eu os examinei, para descobrir alguma indicação pela qual pudesse enviar aos seus parentes um relato de sua desgraça e da sua doença. Encontrei várias cartas, entre outras uma que descobri desde o princípio que seria de seu pai. Imediatamente escrevi para Genebra. Passaram quase dois meses desde o envio da minha carta, mas você está doente, ainda agora treme. Não está preparado para suportar nenhum tipo de agitação.

– Esse suspense é mil vezes pior do que o mais horrível acontecimento. Diga-me que nova cena de morte ocorreu e qual assassinato devo agora lamentar?

– A sua família está perfeitamente bem – Kirwin afirmou, com gentileza. – E alguém, um amigo, veio visitá-lo.

Não sei por meio de qual sequência de pensamentos a ideia se apresentou, mas no mesmo instante imaginei que o assassino tinha vindo zombar da minha miséria e me provocar com a morte de Clerval, como nova incitação para eu concordar com seus desejos infernais. Coloquei a mão diante dos olhos e gritei em agonia:

– Oh! Leve-o embora. Não posso vê-lo, pelo amor de Deus não o

deixe entrar!

Kirwin olhou para mim com o semblante perturbado. Ele não podia deixar de ver a minha reação como presunção de culpa. Então, disse num tom bastante severo:

– Achei, meu jovem, que a presença de seu pai seria bem-vinda, em vez de inspirar uma repulsa tão violenta.

– Meu pai! – exclamei, enquanto cada traço e cada músculo do rosto se transportavam da angústia para o prazer. – Foi o meu pai que veio? Que coisa boa, tão gentil quanto amável, mas onde está ele, por que não se apressa em me ver?

A minha mudança de comportamento surpreendeu e agradou o magistrado. Talvez ele pensasse que a minha exclamação anterior fosse um retorno momentâneo ao delírio, mas então imediatamente retomou sua antiga benevolência. Levantou-se e saiu do quarto com a minha enfermeira. No instante seguinte, meu pai entrou.

Nada, naquele momento, poderia ter me dado mais prazer do que a chegada de meu pai. Estendi a mão para ele e chorei:

– Então o senhor está seguro. E Elizabeth e Ernest?

O meu pai me acalmou com garantias do bem-estar dele e, ao tratar desses assuntos tão interessantes para o meu coração, esforçou-se para levantar os meus humores desanimados, mas ele logo sentiu que a prisão não podia ser um local que abrigasse alegria.

– Que lugar foi esse em que você veio parar, meu filho – ele comentou, olhando tristemente as janelas gradeadas e a miserável aparência da cela. – Você viajou em busca da felicidade, mas uma fatalidade parece perseguir você. E o pobre Clerval...

O nome de meu infeliz amigo assassinado provocou uma agitação muito grande para ser suportada pelo meu fraco estado. Derramei lágrimas.

– Infelizmente, meu pai! Algum destino do mais medonho tipo paira sobre mim. E eu devo viver para cumpri-lo, ou certamente deveria ter morrido no caixão de Henry.

Não nos foi permitido conversar por muito tempo, pois meu precário estado de saúde exigia todas as precauções necessárias para garantir a minha tranquilidade. O sr. Kirwin entrou e insistiu que minhas forças não deveriam ser esgotadas por muito esforço, mas a presença do meu pai era para mim como a do meu anjo da guarda, e gradualmente eu recuperei a saúde.

À medida que a doença me deixava, fui sendo absorvido por uma melancolia sombria e soturna que nada podia dissipar. A imagem pavorosa de Clerval assassinado estava sempre diante de mim. Mais de

uma vez, a agitação em que essas lembranças me lançavam fez meus amigos temerem uma recaída perigosa. Infelizmente! Por que preservavam uma vida tão desventurada e detestável? Decerto seria para que eu cumprisse o meu destino, que estava próximo de um desfecho. Oh! Rapidamente, muito rapidamente, a morte abreviaria esses castigos e me aliviaria do imenso peso da angústia que me reduzia ao pó. E, pela execução da sentença da justiça, eu ainda mergulharia no descanso. Então, o aparecimento da morte se distanciava, embora o desejo estivesse sempre presente nos meus pensamentos. Muitas vezes fiquei sentado imóvel e mudo durante horas, desejando que alguma revolução poderosa pudesse enterrar a mim e ao meu destruidor em suas ruínas.

A temporada de audiências se aproximava. Eu já tinha passado três meses na prisão e embora ainda estivesse fraco e corresse continuamente o perigo de uma recaída, fui obrigado a percorrer cerca de cem quilômetros até a capital da província onde ficava o tribunal. O sr. Kirwin se encarregou pessoalmente de coletar o depoimento de cada testemunha e organizou minha defesa. Fui poupado da desgraça de ser julgado publicamente como criminoso, pois o caso não foi levado ao tribunal que decidia sobre questões de vida ou morte. O grande júri rejeitou a acusação, ao ser provado que eu estava nas ilhas Órcadas na hora em que o corpo de meu amigo foi encontrado e, quinze dias depois de ser inocentado, fui solto da prisão.

Meu pai ficou extasiado, por me ver livre dos vexames de uma acusação criminal, porque novamente eu podia respirar ar fresco e também pela autorização para poder voltar à minha terra natal. Eu não compartilhava desses sentimentos, pois para mim as paredes de uma masmorra ou de um palácio eram igualmente odiosas. Meu cálice de vida havia sido envenenado para sempre e, embora o sol brilhasse sobre mim como sobre os alegres de coração, eu não via em volta de mim nada além de uma escuridão densa e assustadora, que não era penetrada por nenhuma luz, a não ser pelo brilho de dois olhos que me fitavam. Às vezes, eram os olhos expressivos de Henry, lânguidos de morte, dentro de órbitas escuras, quase cobertos pelas pálpebras e pelos longos cílios pretos que os franjavam. Às vezes, eram os olhos turvos e sombrios do monstro quando os vi pela primeira vez em meu laboratório de Ingolstadt.

Meu pai tentava despertar em mim sentimentos de afeto. Ele falava de Genebra, que eu logo visitaria, de Elizabeth e de Ernest, mas essas palavras só atraíam profundos lamentos em mim. Às vezes, na verdade, eu sentia o desejo de felicidade e pensava com melancólico

deleite em minha prima amada, ou era devorado pela saudade da pátria, a *maladie du pays*, a vontade de rever mais uma vez o lago azul e o rápido rio Ródano, que eu tanto amava desde a primeira infância, mas o estado geral dos meus sentimentos era de um torpor no qual a prisão era uma residência tão bem-vinda quanto uma paisagem divina na natureza. E esses ataques raramente eram interrompidos, a não ser por paroxismos de angústia e desespero. Nesses momentos, muitas vezes eu me esforçava para pôr fim a essa existência que detestava e assim necessitava de atendimento e vigilância incessantes, que me impedissem de cometer algum terrível ato de violência.

Porém, uma obrigação restava para mim, cuja lembrança finalmente triunfou sobre o meu desespero egoísta. Era preciso que eu voltasse sem demora a Genebra, para vigiar a vida daqueles que tanto amava e para ficar à espera do assassino. Porque, se algum acaso me levasse ao lugar do seu esconderijo, ou se ele ousasse voltar a me importunar com sua presença, eu poderia com inquestionável objetividade, pôr fim à existência da monstruosa imagem que havia dotado da zombaria de uma alma ainda mais monstruosa. Meu pai ainda quis adiar a nossa partida, temendo que eu não pudesse suportar o cansaço da viagem, pois eu estava em cacos, era a sombra de um ser humano. Minhas forças tinham desaparecido, eu era um mero esqueleto. Noite e dia, a febre assolava minha carcaça devastada.

Ainda assim, como eu insistia para que deixássemos a Irlanda com muita inquietação e impaciência, meu pai achou melhor ceder. Conseguimos passagens a bordo de uma embarcação para Havre-de-Grace

e navegamos com vento bom, vindo das costas irlandesas. Era meia-noite. Deitei no convés e fiquei contemplando as estrelas e ouvindo o marulho das ondas. Saudei a escuridão que apagou a Irlanda da minha vista. Meu pulso batia com uma alegria febril quando eu refletia que logo veria Genebra. O passado surgia para mim à luz de um sonho espantoso, embora a embarcação em que eu estava, com o vento soprando da detestada costa da Irlanda e o mar ao redor me dissessem com muita força que eu não havia sido enganado por nenhuma visão. E que Clerval, meu companheiro e amigo mais querido, havia tombado vitimado por mim e pelo monstro da minha criação. Repassei, na memória, toda a minha vida, a tranquila felicidade enquanto residia com a minha família em Genebra, a morte de minha mãe e a partida para Ingolstadt. Lembrei-me, estremecendo, do entusiasmo louco que me apressou a criar o meu inimigo medonho e lembrei-me da noite em que ele viveu pela primeira vez. Eu era

incapaz de seguir uma linha de pensamento. Milhares de sentimentos se apoderaram de mim. Chorei amargamente.

Desde a minha recuperação da febre, eu adquirira o hábito de tomar toda noite uma pequena quantidade de láudano, pois só por meio dessa droga sedativa conseguia obter o descanso necessário para preservar a vida. Oprimido pela lembrança dos meus vários infortúnios, engoli então o dobro da quantidade habitual e logo adormeci profundamente, mas o sono não me concedeu descanso ao pensamento e à infelicidade. Meus sonhos apresentavam milhares de objetos assustadores. Pela manhã, fui acossado por uma espécie de pesadelo. Senti o aperto do demônio em meu pescoço e não consegui me livrar dele. Gemidos e gritos rangiam em meus ouvidos. Meu pai, que cuidava de mim, ao perceber minha inquietação, me despertou. As ondas estavam escarpadas ao redor, e o céu, nublado em cima. O demônio não estava ali. Um sentimento de segurança, a sensação de uma trégua estabelecida entre o momento presente e o futuro irresistível e desastroso me transmitiram uma espécie de esquecimento tranquilo, ao qual a mente humana era particularmente suscetível por sua própria estrutura.

CAPÍTULO 22

A viagem chegou ao fim. Desembarcamos e seguimos para Paris. Logo descobri que tinha sobrecarregado as minhas forças e que precisava repousar antes que pudesse continuar a jornada. Os cuidados e as atenções de meu pai eram incansáveis. Como ele não sabia a origem dos meus sofrimentos, procurou métodos errôneos para remediar meu mal incurável e desejou que eu buscasse diversão social. Eu detestava ver gente, mas não odiava! Os seres humanos eram meus irmãos, meus semelhantes e eu me sentia atraído até mesmo pelo mais repulsivo deles como uma criatura de natureza angelical partícipe do mecanismo celestial, mas sentia que não tinha o direito de compartilhar relacionamentos. Eu havia solto um inimigo entre eles, cuja alegria era derramar sangue e deleitar-se com gemidos. Um a um, todos eles me abominariam e me expulsariam do mundo se soubessem dos meus atos ilícitos e dos crimes que tinham origem em mim!

Por fim, meu pai concordou com o meu desejo de evitar o convívio social e se esforçou por vários argumentos para banir meu desespero. Às vezes, ele achava que eu sentia demais a degradação de ser obrigado a responder a uma acusação de assassinato e tentou provar para mim a futilidade do orgulho.

– Infelizmente, meu pai – eu retruquei –, o quão pouco o senhor me conhece. Os seres humanos, seus sentimentos e paixões, de fato seriam degradados se um desgraçado como eu sentisse orgulho. Justine, a pobre e infeliz Justine, era tão inocente quanto eu, sofreu a mesma acusação, morreu por isso, e eu sou o causador de tudo, eu a matei. William, Justine e Henry: todos morreram pelas minhas mãos.

Muitas vezes durante a prisão, meu pai me ouviu fazer essa mesma afirmação. Quando eu assim me acusava, às vezes, ele parecia querer uma explicação, outras vezes parecia considerá-la como fruto do delírio e que durante a minha doença, alguma ideia desse tipo havia se apresentado à minha imaginação, cuja lembrança eu preservara em minha convalescença. Evitei explicar e mantive um silêncio contínuo em relação ao miserável ser que havia criado. Estava convencido de que devia ser considerado louco e que isso por si só acorrentaria a minha língua para sempre, mas além disso, eu não conseguiria revelar um segredo que encheria o meu ouvinte de consternação e que tornaria medos e horrores antinaturais prisioneiros de seu peito. Por

isso, examinei a minha impaciente sede de piedade e fiquei em silêncio quando teria confiado ao mundo o segredo fatal. No entanto, palavras como aquelas que registrei ainda estourariam descontroladamente em mim. Eu não podia oferecer nenhuma explicação por essas palavras, mas a verdade delas aliviava em parte o fardo da minha misteriosa aflição.

Nessa ocasião, meu pai disse com uma expressão de indescritível admiração:

– Meu querido Victor, que loucura é essa? Meu querido filho, peça-lhe que nunca mais volte a fazer tal afirmação.

– Não estou louco! – gritei energicamente – O sol e os céus que viram as minhas operações, podem testemunhar essa verdade. Eu sou o assassino dessas vítimas muito inocentes, que morreram pelas minhas maquinações. Mil vezes eu derramaria o meu próprio sangue, gota a gota, para salvar suas vidas, mas eu não poderia, meu pai, de fato eu não poderia sacrificar toda a raça humana.

A conclusão dessa fala convenceu meu pai de que as minhas ideias estavam desarranjadas. Ele mudou instantaneamente o assunto de nossa conversa e tentou alterar o curso dos meus pensamentos. Desejava, tanto quanto possível, obliterar a memória das cenas ocorridas na Irlanda e jamais aludia a elas, nem me permitia falar de meus infortúnios.

Com o passar do tempo, fiquei mais calmo. A infelicidade fazia morada em meu coração, mas eu não falava mais com a mesma incoerência dos meus próprios crimes. A consciência deles bastava para mim. Pela máxima auto violência, reprimia a voz imperiosa da desgraça, que, às vezes, almeja declarar-se ao mundo inteiro. Minhas maneiras eram mais calmas e cheias de compostura do que já haviam sido desde a minha viagem para o mar de gelo.

Poucos dias antes de deixarmos Paris a caminho da Suíça, recebi a seguinte carta de Elizabeth:

Meu querido amigo,

Foi com o maior prazer que recebi uma carta de meu tio postada em Paris. Vocês já não estão mais a uma distância imensa e posso esperar vê-los em menos de uma quinzena. Meu pobre primo, quanto você não deve ter sofrido! Creio que o verei ainda mais adoecido do que quando deixou Genebra. Passei o inverno muito infeliz, atormentada como estava por ansioso suspense. Contudo, espero ver paz em seu semblante e descobrir que o seu coração não está totalmente desprovido de conforto e tranquilidade.

Embora eu tema que persistam os mesmos sentimentos que o tornaram tão infeliz há um ano, talvez até ampliados pelo tempo, eu não podia incomodá-lo nesse período, quando tantos infortúnios pesavam sobre você, mas uma conversa que tive com meu

tio antes da partida dele torna algumas explicações necessárias antes de nos encontrarmos.

Explicação! Você poderia dizer: o que Elizabeth poderia explicar? Se você realmente o disser, minhas perguntas estarão respondidas e todas as minhas dúvidas, satisfeitas, mas você está distante de mim e é possível que possa temer e ainda ficar satisfeito com essa explicação. Diante da probabilidade de ser esse o caso, não me atrevo mais a postergar o que vou escrever e que durante a sua ausência muitas vezes desejei lhe expressar, mas nunca tive a coragem de começar.

Como você sabe muito bem, Victor, nossa união tem sido o plano favorito de seus pais desde a infância. Isso nos foi dito quando jovens e fomos ensinados a olhar esse fato futuro como um evento que certamente ocorreria. Éramos companheiros carinhosos de brincadeiras na infância e nos tornamos queridos e estimados amigos um do outro à medida que crescemos, mas como irmão e irmã muitas vezes mantêm uma afeição viva um para com o outro sem desejar uma união mais íntima, não poderia também ser o nosso caso? Diga-me querido Victor, responda-me, eu o conjuro pela nossa felicidade mútua, com a verdade simples: você ama outra?

Você viajou, passou vários anos de sua vida em Ingolstadt. E eu confesso a você, meu amigo, que quando o vi no outono passado tão infeliz, refugiando-se da companhia das demais criaturas na solidão, não pude deixar de supor que você poderia estar arrependido de nossa conexão e acreditar-se ligado em honra para cumprir os desejos de seus pais, mesmo que eles fossem contrários às suas inclinações, mas esse é um falso raciocínio. Confesso, meu amigo, que o amo e que nos meus sonhos prazerosos de futuro você tem sido meu constante amigo e companheiro. Entretanto, é a sua felicidade que desejo tanto quanto a minha, quando declaro que nosso casamento me tornaria eternamente infeliz, a menos que fosse o ditame de sua livre escolha. Mesmo agora choro ao pensar que, abatido como está pelos mais cruéis infortúnios, você possa sufocar, pela palavra “honra”, toda esperança de que amor e felicidade por si só o fariam voltar a ser quem era. Eu, que sinto um afeto tão desinteressado por você, posso multiplicar seus infortúnios por dez, ao ser um obstáculo aos seus desejos. Ah! Victor, tenha certeza de que sua prima e companheira de brincadeiras tem por você um amor sincero demais para não se tornar infeliz por esse suposto motivo. Seja feliz, meu amigo e se me atender nesse único pedido, fique satisfeito de que nada na Terra terá o poder de interromper minha tranquilidade.

Não deixe que esta carta o perturbe. Não responda amanhã, nem no dia seguinte, ou sequer até você chegar, se isso for lhe causar dor. Meu tio me enviará notícias da sua saúde e se eu notar um único sorriso em seus lábios quando nos encontrarmos, ocasionado por esse ou qualquer outro esforço meu, não precisarei de outra felicidade.

Elizabeth Lavenza

Genebra, 18 de maio de 17...

Essa carta reavivou na minha memória o que eu tinha antes esquecido, a ameaça do demônio: “Estarei com você na sua noite de núpcias!”. Tal era a minha condenação, e nessa noite o demônio empregaria todas as artes para me destruir e me arrancar do vislumbre de felicidade que prometia em parte consolar os meus sofrimentos. Nessa noite ele havia decidido consumir seus crimes com a minha

morte. Bem, que assim fosse. Uma luta mortal certamente ocorreria na qual, se ele fosse vitorioso, eu ficaria em paz, e seu poder sobre mim chegaria a um fim. Se ele fosse vencido, eu seria um homem livre. Infelizmente! Que liberdade? Igual à que o camponês desfruta quando sua família é massacrada diante de seus olhos, sua casa de campo queimada, suas terras devastadas e ele é deixado à deriva, desabrigado, sem tostão e sozinho, mas livre. Tal seria a minha liberdade. Exceto porque em minha Elizabeth eu possuía um tesouro, infelizmente contrabalançado por aqueles horrores do remorso e da culpa que me perseguiriam até morrer.

Doce e amada Elizabeth! Li e reli sua carta e algumas agradáveis sensações invadiram meu coração e ousaram sussurrar sonhos paradisíacos de amor e alegria, mas a maçã já havia sido mordida e o braço do anjo surgiu para expulsar qualquer esperança minha. No entanto, eu seria capaz de morrer para fazê-la feliz. Se o monstro executasse sua ameaça, a morte seria inevitável. No entanto, novamente considere se o meu casamento não apressaria o meu desfecho. Minha destruição poderia realmente chegar alguns meses antes, mas se o meu atormentador suspeitasse que eu o adiava, influenciado por suas ameaças, certamente encontraria outros e talvez mais terríveis meios de vingança. Ele havia prometido “estar comigo na minha noite de núpcias”, embora não considerasse tal ameaça como uma condição para a paz. Porque, como se quisesse me mostrar que ainda não estava saciado de sangue, assassinou Clerval imediatamente após anunciar suas ameaças. Assim, decidi que se minha união imediata com minha prima acarretaria a felicidade dela ou a de meu pai, os desígnios do meu adversário contra a minha vida não deveriam retardar a cerimônia nem uma única hora.

Neste estado de espírito, escrevi para Elizabeth. Minha carta era calma e afetuosa. “Temo, minha querida garota”, eu dizia, “que pouca felicidade permanece para nós na Terra, embora tudo o que eu possa um dia desfrutar esteja centrado em você. Afaste os seus medos infundados. Só a você consagrarei a minha vida os meus esforços de contentamento. Tenho um segredo, Elizabeth, um segredo terrível, que quando lhe for revelado vai arrepiá-la de horror. Depois, longe de ficar surpresa com a minha infelicidade, você só vai se admirar com o fato de eu ter sobrevivido ao que tenho suportado. Vou lhe contar essa história de desgraça e terror no dia seguinte ao nosso casamento, pois, minha doce prima, deve haver perfeita confiança entre nós, mas até lá, eu lhe peço para não mencioná-la e nem aludir a ela. É o que lhe imploro sinceramente e sei que você vai cumprir”.

Cerca de uma semana depois da chegada da carta de Elizabeth, voltamos a Genebra. A doce garota me acolheu com caloroso afeto. Contudo, as lágrimas encheram seus olhos quando ela contemplou o meu corpo esquelético e rosto febril. Também vi mudanças nela. Estava mais magra e tinha perdido bastante daquela vivacidade celestial que antes me encantara, mas sua gentileza e seus suaves olhares de compaixão faziam dela uma companheira perfeitamente apta para alguém devastado e infeliz como eu estava.

A tranquilidade que eu então desfrutava não perdurou. A memória trouxe a loucura com ela, e quando pensei no que tinha passado, uma verdadeira insanidade tomou conta de mim. Às vezes, eu ficava furioso e ardendo em raiva. Outras vezes, permanecia desanimado e cabisbaixo, sem falar e nem olhar para ninguém. Ficava imóvel, perplexo com as infinitas desgraças que me dominavam.

Só Elizabeth tinha o poder de me tirar desses ataques. Sua voz suave me acalmava quando transportada pela paixão e me inspirava sentimentos humanos quando eu estava afundado no torpor. Ela chorava comigo e por mim. Quando a razão retornava, ela me repreendia e tentava me inspirar resignação. Ah! Como é bom o infeliz se resignar, mas para os culpados não há paz. As agonias do remorso envenenam a luxúria que, de outra forma, às vezes, se encontra em entregar-se ao excesso de dor.

Logo após a minha chegada, meu pai falou do meu casamento imediato com Elizabeth. Fiquei em silêncio.

– Por acaso você tem alguma outra paixão?

– Ninguém na Terra. Amo Elizabeth e aguardo ansiosamente a nossa união com prazer. Que a data seja marcada e nela me consagrarei, na vida ou na morte, à felicidade da minha prima.

– Meu querido Victor, não fale assim. Grandes infortúnios têm caído sobre nós, mas basta nos agarrarmos mais ao que nos resta e transferirmos o nosso amor daqueles que perdemos para aqueles que ainda vivem. O nosso círculo será pequeno, mas estreitamente ligado por laços de afeto e mútua infelicidade. E quando o tempo tiver aliviado seu desespero, nascerão novos e queridos objetos de atenção para substituir aqueles dos quais fomos tão cruelmente privados.

Foram essas as lições de meu pai, mas para mim, a lembrança da ameaça voltou. Nem você pode se admirar de que, onipotente como o demônio até então havia sido em seus atos sanguinários, eu quase o considerasse invencível. E que, ao pronunciar as palavras “estarei com você na sua noite de núpcias”, eu considerasse inevitável o destino ameaçado, mas a morte não seria um mal para mim, se a perda de

Elizabeth fosse compensada com ela. Assim, com o semblante alegre e satisfeito, concordei com meu pai que se a minha prima consentisse, a cerimônia deveria ter lugar em dez dias. Então, como eu imaginava, selaríamos o meu destino.

Bom Deus! Se por um instante eu tivesse pensado no que poderia consistir a intenção infernal do meu diabólico adversário, teria sido preferível me banir para sempre da minha terra natal e vagar como um proscrito sem amigos pela terra, do que consentir nesse infeliz matrimônio, mas como se possuísse poderes mágicos, o monstro me cegou para suas intenções reais e quando eu pensava que havia preparado apenas a minha própria morte, apressara a de uma vítima muito mais querida.

Na medida em que o período fixado para o nosso casamento se aproximava, fosse por covardia ou por algum sentimento profético, eu sentia o coração afundar dentro de mim, mas ocultei meus sentimentos demonstrando explosões de alegria, que traziam sorrisos e felicidade ao rosto de meu pai, mas não enganavam o olhar sempre atento e cada vez mais agradável de Elizabeth. Ela via a nossa união com um contentamento plácido, não sem misturá-lo com um pouco de medo, provocado pelas desgraças passadas, pois o que agora parecia uma felicidade certa e tangível, logo poderia se dissipar num sonho fugaz que não deixaria nenhum rastro, a não ser um profundo e eterno arrependimento.

Foram feitos preparativos para o evento, visitas de felicitações foram recebidas e todos exibiam uma aparência sorridente. Calei, tanto quanto possível, no meu próprio coração a ansiedade que me paralisava e entrei com aparente seriedade nos planos de meu pai, embora eles apenas pudessem servir como cenários da minha tragédia. Por meio de seus esforços, parte da herança de Elizabeth havia sido devolvida a ela pelo governo austríaco. Uma pequena propriedade às margens do lago de Como lhe pertencia. Ficou acertado que imediatamente após a nossa união, devíamos seguir para a Villa Lavenza, para passarmos os nossos primeiros dias de felicidade ao lado do belo lago próximo ao qual a propriedade ficava.

Nesse meio-tempo, tomei todas as precauções para me defender, caso o demônio me atacasse abertamente. Carregava pistolas e um punhal constantemente comigo e estava sempre atento para não cair em armadilhas, de forma que, por esses meios, conquistei um grau mais elevado de tranquilidade. Na verdade, à medida que o período se aproximava, a ameaça parecia mais uma ilusão que não merecia ser considerada digna de perturbar a minha paz, enquanto que a

felicidade pela qual eu esperava do meu casamento adquiriria uma aparência maior de certeza, conforme o dia fixado para sua celebração se aproximava e conforme eu ouvia continuamente que falassem do matrimônio como um acontecimento que nenhum acidente provavelmente poderia impedir.

Elizabeth parecia feliz. Meu comportamento tranquilo contribuiu grandemente para acalmar sua mente, mas no dia marcado para realizar meus desejos e meu destino, ela estava melancólica. Impregnava-se de um mal pressentimento e talvez também pensasse no terrível segredo que eu prometera lhe revelar no dia seguinte. Meu pai, porém, estava muito feliz e, na agitação dos preparativos, só reconhecia na melancolia de sua sobrinha o acanhamento de uma noiva.

Após a cerimônia, foi realizada uma grande festa na casa de meu pai, mas decidimos que Elizabeth e eu devíamos começar a nossa viagem atravessando o lago. Dormimos aquela noite em Evian e continuamos nossa jornada no dia seguinte. O dia estava bonito, o vento favorável, todos sorriam em nosso embarque nupcial.

Aqueles foram os últimos momentos na minha vida em que desfrutei da sensação de felicidade. Tudo foi muito rápido. O sol estava quente e nos protegíamos de seus raios com uma espécie de dossel, enquanto desfrutávamos da beleza da paisagem, às vezes, de um lado do lago onde víamos o Monte Salève, as ribanceiras agradáveis de Montalegre e a distância, despontando acima de tudo, o belo Mont Blanc e o conjunto de montanhas nevadas que em vão tentam imitá-la. Às vezes, costeando as margens opostas, víamos o poderoso Jura opondo seu lado escuro à ambição que deixava sua terra natal e uma barreira quase insuperável ao invasor que quisesse escravizá-la.

Tomei a mão de Elizabeth:

– Você está entristecida, meu amor. Ah! Se soubesse o que sofri e o que ainda terei de enfrentar, você faria de tudo para que eu pudesse provar o gosto do silêncio e a liberdade do desespero que esse dia único pelo menos me permite usufruir.

– Fique feliz, meu querido Victor – respondeu Elizabeth. – Não existe, espero, nada para afligi-lo. Tenha certeza de que se uma alegria viva não estiver estampada no meu rosto, meu coração está reconfortado. Algo me diz para não depender muito da perspectiva que se abre diante de nós, mas não vou dar ouvidos a uma voz tão sinistra. Observe o quão rápido nos movemos e como as nuvens, que, às vezes, escurecem e, às vezes, sobem acima da cúpula do Mont

Blanc, tornam a beleza dessa paisagem ainda mais interessante. Veja também os incontáveis peixes que nadam nas águas límpidas, onde podemos distinguir cada seixo que se encontra no fundo. Que dia divino, quão feliz e serena toda a natureza parece!

Assim Elizabeth se esforçou para desviar seus pensamentos e os meus de toda reflexão sobre assuntos melancólicos, mas seu temperamento flutuava. Por instantes a alegria brilhava em seus olhos, mas continuamente dava lugar a distrações e devaneios.

O sol baixou e sumiu nos céus. Passamos pelo rio Drance e observamos seu caminho pelos abismos dos mais altos e os vales das colinas mais baixas. Ali, os Alpes chegam perto do lago e nos aproximamos do anfiteatro de montanhas que forma seu limite oriental. O pináculo de Evian brilhava debaixo dos bosques que o rodeavam e sobre a cordilheira, de montanha sobre montanha, que se elevava sobre ele.

O vento, que até então nos carregava com impressionante rapidez, desapareceu com o pôr do sol e transformou-se numa leve brisa. O ar suave apenas soprava a água e provocava um agradável movimento entre as árvores quando nos aproximávamos da costa, da qual emanava o mais delicioso perfume de flores e feno. O sol mergulhou no horizonte quando atracamos e, assim que toquei na margem, senti reviverem aqueles temores e medos que logo iriam me agarrar e tomar conta de mim para sempre.

CAPÍTULO 23

Eram oito horas da noite quando desembarcamos. Caminhamos por algum tempo na margem, desfrutando da claridade momentânea. Depois, retiramo-nos para a estalagem e contemplamos a bela paisagem de águas, bosques e montanhas, envoltas na escuridão, mas ainda exibindo seus contornos negros.

O vento, que tinha virado para o sul, agora soprava com grande força para oeste. A lua tinha alcançado seu ápice no céu e começava a descer. As nuvens passavam correndo mais rápido que o voo dos abutres e esmaeciam os raios do luar, enquanto o lago refletia a paisagem movimentada dos céus, que se tornavam ainda mais agitados pelas inquietas ondas que começavam a subir. De repente, uma forte tempestade desabou.

Estive calmo durante o dia, mas tão logo a noite obscureceu as formas dos objetos, milhares de medos surgiram em minha mente. Eu estava ansioso e atento, enquanto que a minha mão direita segurava uma pistola escondida no meu peito. Cada som me apavorava, mas decidi que venderia a minha vida por um alto preço e não abandonaria a luta até que a minha própria vida ou a do meu adversário fosse extinta.

Tímida e temerosa, Elizabeth observou a minha agitação por algum tempo em silêncio, mas havia algo em meu olhar que lhe comunicava o terror. Trêmula, ela perguntou:

– O que deixa você agitado, meu querido Victor? Por que está com medo?

– Oh, meu amor – exclamei. – Fique em paz essa noite e tudo estará seguro, mas essa noite será um horror, será muito terrível.

Passei uma hora nesse estado de espírito, quando de repente refleti como seria tenebroso para a minha esposa o combate que eu esperava para qualquer momento. Implorei encarecidamente a Elizabeth que fosse descansar e decidi não me juntar a ela enquanto não tivesse obtido algum conhecimento sobre a situação do meu inimigo.

Ela se recolheu e eu continuei algum tempo andando pelos corredores da casa para cima e para baixo, inspecionando cada canto onde o meu adversário pudesse se refugiar. Não descobri nenhum vestígio dele e já estava começando a conjecturar que alguma chance feliz tinha intervindo para impedir a execução de suas ameaças,

quando de repente ouvi um grito agudo, pavoroso. Vinha do quarto para o qual Elizabeth se retirara. Ao ouvi-lo, a verdade por inteiro assaltou a minha mente, meus braços caíram, o movimento de cada músculo e de cada fibra do meu corpo ficou em suspenso. Eu podia sentir o sangue escorrendo em minhas veias e as extremidades das minhas pernas formigando. Esse estado durou apenas um instante. O grito se repetiu e eu corri para o quarto.

Meu Deus! Por que não morri então? Por que estou aqui para relatar a destruição da melhor esperança e da mais pura criatura da Terra? Lá estava ela, sem vida, inanimada, atirada na cama, com a cabeça pendente, o rosto com traços pálidos e distorcidos cobertos pelo cabelo. Para onde me viro vejo a mesma figura, os braços sem sangue e o perfil relaxado, lançado pelo assassino no leito nupcial. Poderia eu contemplar aquilo e viver? Infelizmente! A vida é obstinada e se apegas mais onde é mais odiada. Por um momento só, eu queria perder a lembrança. Caí no chão sem sentidos.

Quando me recuperei, encontrava-me rodeado por pessoas da estalagem que estampavam no rosto um estado de choque provocado pelo terror, mas o horror dos outros parecia apenas uma zombaria, uma sombra dos sentimentos que me oprimiam. Escapei deles para o quarto onde estava o corpo de Elizabeth, meu amor, minha esposa, tão querida, tão digna, na flor da idade. Ela havia sido afastada da posição em que eu a vi da primeira vez e então, colocaram-na deitada, com a cabeça apoiada no braço e um lenço jogado sobre o rosto e o pescoço. Eu poderia supor que ela estava adormecida. Corri e abracei-a com ardor, mas a languidez mortal e a frieza dos seus membros me diziam que o que eu agora tinha em meus braços havia deixado de ser a Elizabeth que eu amava e adorava. A marca da garra assassina do demônio estava em seu pescoço, e sua respiração tinha cessado de passar por seus lábios.

Enquanto ainda me debruçava sobre ela na agonia do desespero, de repente olhei para cima. As janelas do quarto que antes estavam fechadas, agora deixavam passar a pálida claridade da lua. Senti uma espécie de pânico quando as persianas foram jogadas para trás e o recinto se iluminou. Assim, com uma sensação de horror indescritível, vi pela janela aberta aquela figura por demais horrenda e abominável. O monstro exibiu na face um sorriso escancarado. Parecia zombar quando apontou para o cadáver de minha esposa com seu dedo diabólico. Corri para a janela e tirando a pistola do meu peito, disparei, mas ele se esquivou de mim, saltou do local onde estava e correndo com a rapidez de um raio, mergulhou no lago.

O estampido do disparo levou uma multidão para o quarto. Apontei para o local onde o monstro havia desaparecido e seguimos a pista com barcos. Redes foram lançadas, mas em vão. Depois de passar várias horas, retornamos sem esperança. A maioria dos meus companheiros achava que era alguma figura evocada pela minha imaginação. Depois de desembarcarem, realizaram buscas pela região, com várias equipes indo em diferentes direções no meio dos bosques e das videiras.

Tentei acompanhá-los, mas só aguentei seguir uma curta distância da casa. Minha cabeça girava, meus passos eram como os de um bêbado. Por fim desabei em estado de completa exaustão. Uma película encobriu os meus olhos. Minha pele ressecou com o calor da febre. Nesse estado, fui carregado de volta e colocado numa cama, quase sem consciência do que tinha acontecido. Meus olhos vagavam pelo quarto como se procurassem algo perdido.

Depois de uma pausa, levantei-me e como por instinto rastejei até o quarto onde estava o cadáver da minha amada. Havia mulheres chorando em volta. Eu me debrucei sobre Elizabeth e juntei minhas lágrimas tristes às delas. Durante todo esse tempo, nenhuma ideia clara se apresentou à minha mente, mas os meus pensamentos divagavam por vários assuntos, refletindo confusamente sobre os meus infortúnios e sobre seu causador. Estava perplexo, imerso numa nuvem de espanto e horror. A morte de William, a execução de Justine, o assassinato de Clerval e por último, a execução da minha esposa. Nesse mesmo momento eu não sabia se os únicos amigos que me restavam estariam a salvo da malignidade do demônio. Meu pai até poderia estar se contorcendo sob suas garras e Ernest poderia estar morto a seus pés. Essa ideia me fez estremecer e me trouxe de volta à ação. Eu me aprumei e decidi voltar a Genebra o mais rapidamente possível.

Não havia cavalos para alugar. Eu teria que voltar pelo lago, mas o vento era desfavorável, e a chuva caía torrencialmente. Era quase de manhã e eu podia razoavelmente prever a minha chegada para a noite. Contratei homens para remar e também peguei um remo, pois sempre experimentava alívio do tormento mental no exercício físico, mas a desgraça transbordante que então enfrentava e o excesso de agitação que suportara, tornaram-me incapaz de qualquer esforço. Baixei o remo e afundei a cabeça nas minhas mãos, abrindo espaço para cada ideia sombria que surgisse. Se olhasse para cima, via cenas familiares para mim de uma época mais feliz e que inclusive havia contemplado na véspera e na companhia dela, que agora era apenas

uma sombra e uma recordação. Lágrimas escorriam dos meus olhos. A chuva cessou por um instante, e vi os peixes brincando nas águas, como faziam horas antes. Eles haviam sido observados por Elizabeth. Nada é tão doloroso para a mente humana como uma mudança completa e repentina. O sol pode brilhar e as nuvens podem baixar, mas nada me pareceria igual ao dia anterior. Um demônio arrebatara de mim toda esperança de felicidade futura. Nenhuma criatura jamais havia sido tão desgraçada como eu, tão devastador um evento pode ser marcante na história do homem.

Mas por que devo me debruçar sobre os incidentes que se seguiram a esse último acontecimento avassalador? Minha história tem sido uma sequência de horrores. Cheguei ao auge e o que devo contar agora pode ser tedioso para você. Como você sabe, um por um meus amigos foram arrebatados. Fiquei desolado. Minhas próprias forças estão exauridas e devo dizer, em poucas palavras, o que resta da minha horrenda narração.

Cheguei a Genebra. Meu pai e Ernest ainda viviam, mas o primeiro desmoronou com as notícias que eu trazia. Ainda o vejo, excelente e venerável velho! Seus olhos pareciam errantes num espaço vazio, pois haviam perdido o encanto e o deleite. Elizabeth, mais que uma filha, era aquela a quem ele dedicava o maior carinho que uma pessoa pode sentir, alguém que no fim da vida, tendo poucos afetos se apegava mais fervorosamente a quem lhe resta. Amaldiçoado, maldito seja o demônio que trouxe a desgraça aos seus cabelos grisalhos e o condenou a se dissipar em miséria! Ele não conseguia viver sob os horrores que se acumulavam ao seu redor. Suas fontes da existência de repente secaram. Ele se tornou incapaz de se levantar da cama e, em poucos dias, morreu em meus braços.

O que aconteceu comigo? Não sei. Perdi os sentimentos. Os grilhões e as trevas eram as únicas coisas que me constrangiam. Às vezes, de fato, sonhava que vagava em prados floridos e vales agradáveis com os amigos da minha juventude, mas eu acordava e me achava numa masmorra. A melancolia veio em seguida. Aos poucos adquiri uma noção mais clara das minhas desgraças e da situação e então me libertei da minha prisão. Pelo que fiquei sabendo, durante muitos meses me consideraram louco, e uma cela solitária foi a minha moradia.

A liberdade, porém, teria sido um presente inútil para mim, se eu não tivesse despertado para a razão e ao mesmo tempo, para a vingança. À medida que a lembrança das desgraças passadas me pressionava, comecei a refletir sobre o causador de tudo: o monstro

que eu havia criado, o demônio infeliz que coloquei no mundo para a minha destruição. Eu ficava dominado por uma raiva enlouquecedora quando pensava nele, queria e orava ardentemente para que pudesse tê-lo ao meu alcance para lhe infligir uma vingança grande e significativa sobre sua cabeça amaldiçoada.

Nem o meu ódio se confinava a desejos inúteis. Comecei a refletir sobre os melhores meios de capturá-lo e para esse propósito, cerca de um mês depois da minha libertação, recorri a um juiz criminal na cidade e lhe disse que tinha uma acusação a fazer, pois conhecia o destruidor da minha família e exigia que ele exercesse toda a sua autoridade para a apreensão do assassino.

O magistrado me ouviu com atenção e bondade.

– Tenha certeza, senhor – ele me disse –, que da minha parte não economizarei nenhum trabalho ou esforço para descobrir o vilão.

– Agradeço – respondi –, mas escute o depoimento que tenho a fazer. É realmente um relato tão estranho que eu deveria temer que o senhor talvez possa não lhe dar o crédito de uma coisa que, por mais espantosa que pareça, force a convicção da verdade. A história está bastante destinada a ser confundida com um sonho, mas não tenho motivo para falsidade.

A maneira como assim falei foi impressionante, mas tranquila. Eu havia tomado em meu coração a resolução de perseguir o meu destruidor até a morte. Esse propósito acalmava a minha agonia e por algum tempo me reconciliou com a vida. Então, relatei brevemente a minha história, com firmeza e exatidão, marcando as datas com precisão e nunca me desviando para insultos ou exclamações.

Inicialmente o magistrado se mostrou incrédulo, mas conforme continuei ele ficou mais atento e interessado. Às vezes, eu o via estremecer de horror. Outras vezes, seu semblante estampava uma viva surpresa, mas que não se misturava com a descrença.

Para concluir a narrativa, eu disse:

– É esse ser que acuso e por cuja captura e punição invoco que exerça todo o seu poder. É seu dever de magistrado. Acredito e espero que seus sentimentos como homem não se insurjam contra a execução dessas funções nessa ocasião.

Este discurso provocou uma mudança considerável na fisionomia do meu ouvinte. Ele escutou a minha história com aquela meia crença que é dada aos contos de fadas, espíritos e eventos sobrenaturais, mas quando foi chamado a agir oficialmente em consequência, toda a maré de sua incredulidade retornou. Contudo, ele respondeu educadamente:

– De bom grado eu lhe proporcionaria todo o auxílio em sua

perseguição, mas a criatura de quem você falou parece ter poderes que desafiariam todos os meus esforços. Quem consegue seguir um animal que pode atravessar o mar de gelo e habitar cavernas e covas onde ninguém se arrisca? Além disso, alguns meses se passaram desde o cometimento dos crimes, e ninguém pode conjecturar por quais lugares ele vagou, ou qual região pode agora habitar.

– Não duvido que ele paire perto do lugar em que habito. Se ele realmente se refugiou nos Alpes, pode ser caçado como a camurça e destruído como uma fera capturada. No entanto, percebo os seus pensamentos. O senhor não deu crédito à minha narrativa e nem pretende perseguir o meu inimigo com a punição que ele merece.

Enquanto falava, a raiva brilhava em meus olhos. O magistrado se intimidou:

– Está enganado – ele disse. – Vou me esforçar. Se estiver em meu poder agarrar o monstro, tenha certeza de que ele sofrerá punição proporcional aos seus crimes, mas temo, por aquilo que você mesmo descreveu como suas propriedades, que isso seja impraticável. Assim, enquanto todas as medidas adequadas são tomadas, você deve preparar a sua mente para o desapontamento.

– Isso não pode acontecer. Tudo o que posso dizer será de pouco proveito. Minha vingança não representa vulto nenhum para o senhor. Apesar disso, embora concorde que seja um vício, confesso que essa é a única paixão que devora a minha alma. A raiva que sinto é indescritível quando penso que o assassino, que soltei na sociedade, ainda existe. O senhor recusa a minha justa demanda. Tenho apenas um recurso: me dedicar à destruição dessa aberração, seja com a minha vida ou com a minha morte.

Eu tremi de extrema agitação ao dizer essas palavras. Havia um frenesi nos meus modos e um pouco, não duvido, do orgulho e da arrogância que os mártires dos tempos antigos dizem ter possuído. No entanto, para um magistrado genebrino, cuja mente estava ocupada por muitas outras ideias além da devoção e do heroísmo, essa elevação mental tinha muito de aparência da loucura. Ele se esforçou para me acalmar, como a enfermeira faz com a criança e remeteu a minha história aos efeitos do delírio.

– Homem – gritei –, quão ignorante é no orgulho dessa sua sabedoria! Chega, o senhor não sabe o que diz.

Deixei a casa perturbado, furioso. E me afastei para meditar sobre outras possíveis ações futuras.

CAPÍTULO 24

Minha situação de momento significava que qualquer pensamento espontâneo evaporaria e se perderia. A fúria me oprimia. Só a vingança me dotava de força e determinação, moldava meus sentimentos e me permitia ser frio e calculista em períodos que de outra forma o delírio ou a morte teriam sido o meu remédio.

A primeira decisão que tomei foi deixar Genebra para sempre. Meu país, que quando eu era feliz e amado era muito querido para mim, agora na minha adversidade tornara-se odioso. Parti munido de uma soma em dinheiro e algumas joias que tinham pertencido à minha mãe.

E assim começaram as minhas peregrinações, que somente deverão cessar com o fim da vida. Atravessei uma vasta extensão da Terra, suportando todas as dificuldades que os viajantes costumam encontrar nos desertos e nos países bárbaros. Mal sei como sobrevivi. Muitas vezes estiquei sobre a planície arenosa as pernas que fraquejavam, orei e clamei pela morte, mas a vingança me manteve alerta. Eu não me atreveria a morrer deixando o meu adversário vivo.

Ao sair de Genebra, meu primeiro trabalho foi encontrar alguma pista pela qual pudesse rastrear os passos de meu diabólico inimigo, mas não tinha plano definido e perdi muitas horas nos confins da cidade, sem saber o caminho a seguir. Quando a noite se aproximou, percebi que me encontrava na entrada do cemitério onde William, Elizabeth e meu pai descansavam. Entrei e me aproximei do túmulo que abrigava suas sepulturas. Tudo estava em silêncio, exceto as folhas das árvores, suavemente agitadas pelo vento. A noite estava quase escura, a paisagem parecia solene e afetaria até o observador mais desinteressado. Os espíritos dos mortos pareciam flutuar e lançar sombras ao redor e isso podia ser sentido, mas não visto, em volta da cabeça de quem estava de luto.

O profundo pesar que essa cena provocou inicialmente, logo deu lugar à raiva e ao desespero. Eles estavam mortos e eu vivia. O assassino deles também vivia. Para destruí-lo, eu teria de prolongar a minha vida sofrida. Ajoelhei-me na grama, beijei a terra e com os lábios trêmulos exclamei:

– Pela terra sagrada sobre a qual me ajoelho, pelas sombras que clamam e vagueiam perto de mim, pelo profundo e eterno pesar que

sinto, por ti ó noite e pelos espíritos que lhe governam, eu juro perseguir o demônio que causou essa miséria até que ele ou eu pereçamos num embate mortal. Por esse propósito vou preservar minha vida, para executar essa vingança tão cara, vou novamente contemplar o sol e pisar as ervas verdes da terra, que de outra forma desapareceriam dos meus olhos para sempre. Invoco os espíritos dos mortos e os ministros errantes da vingança, para me ajudarem a executar a minha missão. Deixem o monstro maldito e infernal se embriagar profundamente de agonia, deixem-no sentir o desespero que agora me atormenta.

Comecei a minha abjuração solenemente. Depois, senti um temor que quase me garantia que as assombrações dos meus entes queridos assassinados ouviram e aprovaram a minha evocação. Por fim, as fúrias me possuíram quando terminei a minha fala. A raiva sufocava minha expressão.

A resposta veio na quietude da noite por meio de uma gargalhada alta, diabólica, que feriu os meus ouvidos longa e pesadamente e ecoou nas montanhas. Sentia como se todo o inferno me cercasse de zombaria e desprezo. Com toda certeza, nesse momento eu teria sido possuído pelo frenesi e daria um fim à minha existência miserável, não fosse pela minha promessa ter sido ouvida e porque eu estava me guardando para a vingança. Quando a gargalhada desapareceu, uma voz bem conhecida e detestada, aparentemente próxima do meu ouvido, dirigiu-se a mim num sussurro audível:

– Estou satisfeito, desgraçado infeliz! Você decidiu viver e isso me deixou satisfeito.

Disparei para o local de onde o som procedia, mas o diabo esquivou-se. De repente, o enorme disco da lua se ergueu e brilhou sobre seu espectro medonho e distorcido, enquanto ele fugia com uma velocidade mais do que mortal.

Passei a persegui-lo e por muitos meses essa tem sido a minha tarefa. Guiado por essa pequena pista, em vão segui os meandros do Ródano até o azul do Mediterrâneo surgir. Então, por uma estranha coincidência, vi o demônio entrar e se esconder à noite em um navio com destino ao Mar Negro. Comprei uma passagem no mesmo navio, mas ele escapou, nem sei como.

No meio das selvas da Tartária e da Rússia, embora ele ainda se evadisse, segui sua trilha sempre. Às vezes, os camponeses, assustados com aquela horrível aparição, me informavam seu caminho. Às vezes, ele mesmo, temendo que se eu perdesse qualquer vestígio me desesperasse e morresse, deixava marcas para me guiar. As neves

desceram sobre minha cabeça e eu via a impressão de sua enorme pegada na planície embranquecida. Quando alguém entra na vida pela primeira vez, a prudência é novidade, e a agonia, desconhecida. Será que você entende o que eu sentia e ainda sinto? O frio, as carências e a fadiga eram dores menores às quais eu estava destinado a suportar. Fui amaldiçoado por um diabo e carreguei comigo o meu próprio inferno perpétuo. Contudo, ainda um espírito do bem me seguia e dirigia os meus passos. E quando eu mais murmurava, de repente me livrava de dificuldades aparentemente insuperáveis. Às vezes, quando a natureza vencida pela fome, afundada no esgotamento, uma refeição preparada para mim no deserto me restabelecia e instigava. A comida de fato era rústica, igual à que os camponeses da região comiam, mas não duvido que fosse colocada ali pelos espíritos que eu invocara para me ajudar. Muitas vezes, quando eu estava ressequido pela sede, com o céu sem nuvens e tudo seco ao redor, uma nuvem pequena surgia no céu, para desaparecer depois de derramar umas poucas gotas que me reviviam.

Segui, quando possível, os cursos dos rios, mas o demônio geralmente os evitava, pois era dali principalmente que a população da região se abastecia. Em outros lugares, seres humanos raramente eram vistos e em geral eu subsistia aos animais selvagens que atravessavam o meu caminho. Como levava dinheiro comigo, conquistava a amizade dos aldeões distribuindo-o, mas também sempre oferecia algum alimento que matara e carregava comigo depois de retirar uma pequena parte, àqueles que me forneciam fogo e utensílios para cozinhar.

Minha vida passada dessa maneira era de fato odiosa para mim e somente durante o sono eu podia saborear alguma alegria. Ó sono abençoado! Muitas vezes, quando estava mais infeliz, eu desabava ao descansar e os meus sonhos me embalavam até o arrebatamento. Os espíritos que me guardavam haviam proporcionado esses momentos, ou melhor, essas horas de felicidade, para que eu pudesse recuperar as forças e cumprir a minha peregrinação. Privado dessa pausa, teria sofrido sob tantas dificuldades. Durante o dia era sustentado e inspirado pela perspectiva da noite, pois no sono eu via os meus parentes, minha esposa e o meu amado país. Novamente via o semblante bondoso de meu pai, ouvia canções eloquentes na voz da minha Elizabeth e via Clerval gozando de boa saúde e aproveitando a juventude. Muitas vezes, cansado de uma marcha exaustiva eu me convencia de que estava sonhando até que a noite chegasse, quando então desfrutaria a realidade nos braços de meus entes queridos. Que

afeição angustiante eu sentia por eles! Como eu me apegava às imagens queridas daqueles que, às vezes, me assombravam até nas horas de vigília e me persuadiam de que ainda viviam! Nesses momentos, a vingança que queimava dentro de mim calava dentro do meu coração. Eu prosseguia o caminho para a destruição do demônio mais como uma tarefa ordenada pelo céu, mais como o impulso mecânico de algum poder do qual eu era inconsciente, do que propriamente por um desejo ardoroso da minha alma.

Não posso saber quais eram os sentimentos daquele que eu perseguia. Às vezes, ele de fato deixava marcas por escrito em cascas das árvores ou esculpidas em pedra, que me guiavam e me instigavam a fúria. As palavras legíveis nessas inscrições eram: “Meu reinado ainda não acabou. Com você vivo, meu poder está completo. Siga-me, vou procurar os gelos eternos do norte, onde você sofrerá a desgraça do frio e da geada, padecimentos aos quais sou insensível. Você encontrará perto desse lugar, se não demorar muito, uma lebre morta. Coma e se restabeleça. Venha, inimigo, ainda haveremos de lutar pelas nossas vidas, mas você deverá suportar muitas horas difíceis e infelizes, antes que esse momento chegue”.

Diabo escarnecedor! Novamente jurei vingança. Mais uma vez eu me consagrava a esse miserável demônio, para torturá-lo e matá-lo. Jamais desistirei da minha busca até que um de nós pereça. Então, em êxtase eu me uniria à minha Elizabeth e aos meus queridos que haviam partido e que já estavam preparando para mim a recompensa pelo meu aborrecido trabalho e pela minha terrível peregrinação!

Enquanto eu continuava a viagem para o norte, as neves engrossaram e o frio aumentou num grau quase demasiadamente crítico de ser suportado. Os camponeses se trancavam em suas cabanas. Apenas os mais rijos se arriscavam a caçar os animais que a fome forçava a deixar seus esconderijos em busca de presas. Os rios estavam cobertos de gelo e nenhum peixe poderia ser capturado. Assim fui privado do meu principal artigo de sustentação.

O triunfo do meu inimigo aumentava conforme as dificuldades dos meus afazeres. Uma inscrição que ele deixou dizia as seguintes palavras: “Prepare-se! Seus tormentos só começaram. Vista-se com peles e providencie comida, pois logo entraremos numa viagem onde os seus sofrimentos satisfarão o meu ódio eterno”.

Minha coragem e perseverança foram revigoradas por essas palavras zombeteiras. Decidi que não desistiria do meu propósito. Assim, pedindo aos céus que me apoiassem, continuei a percorrer com fervor inabalável imensos desertos até que o oceano apareceu a

distância e se transformou na fronteira máxima do horizonte. Oh! Como aquilo era diferente dos mares azuis do Sul! A cobertura de gelo só se distinguia pela solidez e grandiosidade da terra firme. Os gregos choravam de alegria quando contemplavam o Mediterrâneo desde as colinas da Ásia e saudavam extasiados o limite de suas discórdias. Eu não chorei, mas me ajoelhei e com o coração em plenitude agradei ao meu espírito guia por me conduzir em segurança ao lugar esperado, apesar da ironia do meu adversário, para me encontrar e me atracar com ele.

Algumas semanas antes desse período, eu adquiri um trenó e cães e assim atravessava as neves com uma velocidade incrível. Não sei se o demônio possuía as mesmas vantagens, mas descobri que da mesma forma como antes tinha perdido diariamente terreno na perseguição, agora eu me recuperava. Tanto que da primeira vez que vi o oceano, ele estava apenas um dia de viagem na frente e eu esperava interceptá-lo antes que ele chegasse à praia. Com a coragem renovada, portanto, segui adiante e em dois dias cheguei a uma aldeia paupérrima à beira-mar. Perguntei aos habitantes a respeito do demônio e obtive informações precisas. Um monstro gigantesco, pelo que disseram, tinha chegado à noite armado com uma espingarda e várias pistolas e colocou em fuga os habitantes de uma casa isolada por causa do medo de sua medonha aparência. Ele pegou o suprimento de comida armazenado para o inverno, colocou-o num trenó e, para puxá-lo, apoderou-se de uma numerosa matilha de cães treinados, os quais atrelou na mesma noite. Para alegria dos aldeões horrorizados, ele prosseguiu viagem pelo mar, numa direção que não conduzia a nenhuma terra firme. Os moradores locais conjecturavam que ele seria rapidamente destruído, pela quebra da geleira ou congelado pelos gelos eternos.

Ao ouvir essas informações, sofri um acesso temporário de desespero. Ele havia escapado de mim e eu deveria começar uma jornada destrutiva e quase sem fim pelas geleiras montanhosas do oceano, em meio a um frio que poucos habitantes poderiam suportar por muito tempo e que eu, nascido num clima ameno e ensolarado, não poderia esperar sobreviver. No entanto, com a ideia de que o demônio sairia vivo e vencedor, a raiva e minha sede de vingança voltaram como uma maré poderosa, sobrepujando todos os outros sentimentos.

Depois de um rápido descanso, durante o qual os espíritos dos mortos pairavam ao meu redor e me instigavam a lutar e ir à forra, preparei-me para a viagem.

Troquei meu trenó terrestre por outro preparado para as desigualdades do oceano congelado, comprei abundante estoque de provisões e parti da terra firme.

Nem imagino quantos dias passaram desde então, mas sofri tormentos que nada além do sentimento eterno de justa retaliação que ardia dentro do meu coração me faria suportar. Imensas e escarpadas montanhas de gelo frequentemente bloqueavam a minha passagem. Muitas vezes ouvi o rugido do mar no solo ameaçando a minha destruição, mas novamente a geada vinha e tornava seguros os caminhos do mar.

Pela quantidade de alimentos que tinha consumido, eu podia supor que havia passado três semanas nessa viagem. A esperança continuamente frustrada retornava ao coração, muitas vezes extraindo gotas amargas de desânimo e tristeza dos meus olhos. De fato, o desespero quase capturou sua presa e logo eu me afundaria nessa desgraça. Certa vez, depois que os pobres animais que me transportavam conseguiram com incrível esforço alcançar o cume de uma montanha de gelo inclinada e escorregadia, um deles morreu atolado na fadiga. Eu observava a vastidão diante de mim com angústia, quando, de repente, meu olhar percebeu uma mancha escura na planície sombria. Forcei a visão para descobrir o que poderia ser e soltei um grito selvagem de êxtase quando distingui um trenó, com as proporções distorcidas de uma figura bem conhecida em cima. Oh! Com que ardente arrebatamento a esperança revisitou o meu coração! Lágrimas aquecidas, que apressadamente enxuguei para não atrapalharem a visão que eu tinha do demônio, encheram meus olhos, mas ainda assim, minha visão foi obscurecida pelas gotas quentes até que, dando vazão às emoções que me oprimiam, chorei alto.

Mas aquele não era um momento de pausa. Desembaracei os cães do outro animal morto e dei a eles uma abundante quantidade de ração. Depois de uma hora de descanso absolutamente necessário, mas amargamente irritante para mim, continuei o percurso. O trenó ainda era visível. Eu não o perdia de vista, exceto nos momentos em que por pouco tempo alguma rocha de gelo o escondia com seus penhascos intermediários. De fato, eu visivelmente ganhava terreno quando, depois de quase dois dias de viagem, avistei meu inimigo a não mais de um quilômetro de distância. Meu coração transbordava dentro de mim.

Mas então, quando eu parecia quase ao alcance do inimigo, as minhas esperanças repentinamente se apagaram. Perdi completamente qualquer vestígio dele, como jamais acontecera antes. Passei a ouvir o

mar no chão. Conforme as águas rolavam e inchavam embaixo de mim, o tropejar de seu avanço tornava-se cada vez mais sinistro e terrível. Eu me apressei, mas em vão. O vento se levantou. O mar rugiu e como se fosse atingido pelo poderoso choque de um terremoto, rachou e se quebrou com um som tremendo, esmagador, mas a festa logo acabou e em poucos minutos um mar tumultuado rolava entre mim e o meu inimigo. Fiquei à deriva, abandonado em cima de um pedaço de gelo partido, que encolhia continuamente, dessa forma preparando para mim uma morte pavorosa.

Assim se passaram muitas horas terríveis. Vários dos meus cães morreram e eu estava prestes a me afogar no acúmulo de angústias, quando vi o seu navio atrelado à âncora e me enchi de esperanças de socorro e vida. Eu não tinha nenhuma noção de que existiam embarcações que chegassem tão longe ao norte e fiquei assustado com a visão. Destruí rapidamente parte do trenó para construir remos e com esse meio consegui, por uma fadiga infinita, mover a minha jangada de gelo em direção do seu navio. Ainda estava determinado, se você fosse para o sul, a me entregar à misericórdia dos mares, em vez de abandonar o meu propósito. Esperava induzi-lo a me conceder um bote com o qual eu pudesse perseguir o meu inimigo, mas a sua direção era rumo ao norte. Você me colocou a bordo quando todo meu vigor estava exaurido. Eu logo naufragaria sob as minhas dificuldades multiplicadas, numa morte que ainda temo, porque a minha tarefa não está cumprida.

Oh! Quando será que o meu espírito guia, após me conduzir ao demônio, me concederá o descanso que tanto almejo? Será que devo morrer e ele ainda viver? Se isso acontecer, jure para mim, Walton, que o monstro não escapará, que vai buscá-lo para saciar a minha vingança com a morte dele. Estou me atrevendo a lhe pedir que realize a minha peregrinação, que suporte as dificuldades que tenho sofrido? Não! Não sou tão egoísta. Porém, quando eu estiver morto, se ele aparecer, se os ministros da vingança o conduzirem a você, jure que ele não viverá, jure que ele não triunfará sobre as minhas aflições acumuladas, nem sobreviverá para ampliar a lista de seus crimes hediondos. Ele é eloquente, persuasivo; um dia suas palavras já tiveram poder inclusive sobre o meu coração. Não confie nele. A alma é tão infernal quanto a aparência dele, cheia de traição e malícia diabólica. Não o escute. Apele para os nomes de William, Justine, Clerval, Elizabeth, meu pai e o infeliz Victor. Enfie a espada em seu coração. Eu estarei pairando por perto, para guiar a lâmina de aço corretamente.

Walton prosseguiu sua narrativa.

26 de agosto de 17...

Você leu essa história estranha e tenebrosa, Margaret. Não senti o seu sangue congelar de tanto horror quanto o que coagula o meu? Às vezes, tomado por repentina agonia, nem mesmo ele conseguia continuar seu relato. Outras vezes, com voz entrecortada, ainda que penetrante, ele proferia com dificuldade palavras totalmente repletas de angústia. Seus olhos, belos e encantadores, ora se iluminavam de indignação, ora eram subjugados pelo infortúnio que os abatia e se apagavam em infinita tristeza. Às vezes, ele controlava seu rosto e suas expressões, relatando os mais horríveis incidentes com voz tranquila, suprimindo qualquer resquício de agitação. Em seguida, irrompendo com a força de um vulcão, de repente suas feições se transformavam para expressar a raiva mais selvagem, vociferando imprecizações a respeito de seu perseguidor.

A história dele é bem articulada e foi contada com uma aparência da verdade muito simples, mas gostaria de lhe dizer que as cartas de Felix e Safie que ele me mostrou e o vulto do monstro avistado a partir da nossa embarcação, corroboraram para mim uma convicção da verdade de sua narrativa ainda maior do que suas afirmações, por mais sinceras e interligadas que fossem. Tal monstro tem, portanto, de fato existência! Não posso duvidar disso, embora ainda esteja perdido em surpresa e admiração. Às vezes, eu tentava obter de Frankenstein detalhes da formação de sua criatura, mas a respeito dessa questão ele era impenetrável.

– Está louco, meu amigo – ele dizia. – Para onde a sua curiosidade insensata o leva? Você também criaria para si e para o mundo um inimigo demoníaco? Paz, paz, aprenda com a minha desgraça e não procure aumentar a sua.

Frankenstein descobriu que eu tomava notas a respeito de sua história e pediu para vê-las. Então, ele mesmo as corrigiu e a ampliou em muitos lugares, principalmente para dar a vida e espírito às conversas que manteve com seu inimigo.

– Já que você preservou a minha narração – ele disse –, eu não gostaria que algo mutilado ficasse para a posteridade.

Assim uma semana se passou, enquanto eu ouvia o relato mais estranho que nenhuma imaginação formaria. Meus pensamentos e cada sentimento de minha alma se embriagaram pelo interesse que o meu convidado despertou, por sua história, seus modos educados e suas maneiras gentis. Gostaria de tranquilizá-la, contudo. Será que eu poderia aconselhar alguém tão infinitamente desgraçado, tão

destituído de toda esperança de consolo, a viver? Ah, não! A única alegria que ele então poderia conhecer seria na hora de recompor seu espírito quebrantado para a paz e para a morte. No entanto, ele goza de um consolo, fruto da solidão e do delírio. Acredita que, quando conversa em sonhos com seus entes queridos e dessa comunhão retira conforto para suas misérias ou ânimo para sua vingança, não se trata de criações fantasiosas suas, mas de comunicações reais de seres que o visitam desde regiões de um mundo remoto. Essa fé dá uma solenidade aos seus devaneios, tornando-os para mim quase tão imponentes e interessantes quanto a verdade.

Nossas conversas nem sempre se limitam à sua própria história e aos seus infortúnios. A respeito de cada ponto da literatura em geral, ele exibe um conhecimento ilimitado e uma compreensão rápida e penetrante. Sua eloquência é impetuosa e tocante. Também não consigo ouvi-lo sem lágrimas quando ele relata um incidente patético ou se esforça para comentar as paixões da piedade ou do amor. Que criatura gloriosa ele deve ter sido nos dias de sua prosperidade, quando é tão nobre e divino na desgraça! Ele parece sentir seu próprio valor e a dimensão da sua queda.

– Quando era mais jovem – ele falou –, eu me acreditava destinado a alguma grande empreitada. Meus sentimentos eram profundos, mas eu possuía um senso de imparcialidade que me preparava para realizações ilustres. Tal sentimento do valor da minha natureza me ajudou quando outros ficariam oprimidos, pois julguei criminoso desperdiçar em desânimo inútil esses talentos que poderiam ser úteis para os meus companheiros. Quando refleti sobre o trabalho concluído, nada mais e nada menos que a criação de um animal sensível e racional, não pude me encaixar no rebanho dos cientistas comuns, mas esse pensamento, que me sustentou no início da carreira, agora serve apenas para me afundar na poeira. Todas as minhas especulações e esperanças são como nada e, como o arcanjo que aspirava à onipotência, estou acorrentado a um inferno eterno. Minha imaginação era vívida e as minhas capacidades de análise e aplicação eram intensas. Com a união dessas qualidades concebi a ideia e executei a criação de um homem. Ainda agora não consigo lembrar sem paixão dos meus devaneios enquanto o trabalho estava incompleto. Pisei no céu em meus pensamentos e então exultei em meus poderes. Agora, estou ardendo com a ideia de seus efeitos. Desde a minha infância eu estava imbuído de grandes esperanças e de uma grande ambição, mas como estou arrasado! Oh, meu amigo, se você tivesse me conhecido como fui outrora, talvez não me reconhecesse

nesse estado de degradação. O desânimo raramente visitava meu coração. Um destino elevado pareceu me sustentar até que eu caísse, para nunca e jamais me levantar.

Devo então deixar escapar essa pessoa admirável? Eu ansiava por um amigo. Procurei alguém que simpatizasse comigo e me amasse. Eis que nesses mares desérticos encontrei alguém assim, mas temo que o tenha conquistado apenas para saber seu valor e perdê-lo. Eu o reconciliaria com a vida, mas ele repeliu a ideia.

– Obrigado, Walton – ele agradeceu –, por suas gentis intenções em relação a um miserável infeliz, mas quando você fala de novos laços e afeições novas, acredita que qualquer um possa substituir aqueles que se foram? Será que algum homem pode ser para mim como Clerval? Ou qualquer outra mulher, como Elizabeth? Mesmo onde as afeições não são fortemente movidas por nenhuma qualidade superior, os companheiros de nossa infância possuem sempre um certo poder sobre a nossa mente, que dificilmente qualquer amigo posterior poderá alcançar. Eles conhecem as nossas disposições infantis, que por mais que possam ser modificadas, nunca são erradicadas. E eles podem julgar as nossas ações com conclusões mais certas quanto à integridade das nossas motivações. Uma irmã ou um irmão jamais poderão, a menos que tais sintomas tenham sido mostrados cedo, suspeitar do outro de tratamento falso ou desonesto. Qualquer outro amigo, por mais forte que seja, pode, apesar de si mesmo, ser contemplado com suspeitas. Desfrutei de amigos queridos não só pelo hábito e por afinidade, mas por méritos próprios. Onde quer que eu esteja, a voz suave da minha Elizabeth e as conversas agradáveis de Clerval sempre serão sussurradas em meus ouvidos. Eles estão mortos e nenhum sentimento nessa ausência pode me persuadir a preservar a minha vida. Se eu estivesse engajado em qualquer empreendimento ou projeto elevado, carregado de utilidade extensiva para criaturas minhas companheiras, então eu poderia viver para cumpri-lo, mas não é esse o meu destino. Devo perseguir e destruir o ser a quem dei existência. Então, minha sina na terra estará cumprida e eu poderei morrer.

2 de setembro.

Minha amada irmã,

Escrevo cercado de perigos e ignorando se estou condenado e impedido para sempre de ver novamente a querida Inglaterra e os meus amigos mais queridos que nela habitam. Estou cercado por montanhas de gelo que não admitem fuga e ameaçam cada momento esmagar o meu navio. Os corajosos marujos da minha

tripulação, que persuadi a serem meus companheiros, olham para mim em busca de ajuda, mas não tenho nada para oferecer. Há algo terrivelmente espantoso em nossa situação, mas minha coragem e minhas esperanças não me abandonam, mas é terrível refletir que as vidas de todos esses homens estão em perigo por minha causa. Se estamos perdidos, é por causa dos meus loucos planos.

E qual será, Margaret, o estado de seus pensamentos? Você não vai saber da minha destruição e vai aguardar ansiosamente o meu retorno. Anos passarão, você será visitada pelo desespero, mas ainda se atormentará com a esperança. Oh, minha amada irmã! O repugnante fracasso de suas cordiais expectativas é, em perspectiva, mais terrível para mim do que a minha própria morte, mas você tem marido, filhos adoráveis e pode ser feliz. Que o céu a abençoe e assim seja!

O meu desafortunado hóspede me considera com a mais terna compaixão. Ele se esforça para me encher de esperanças, fala como se a vida fosse um bem que ele valorizasse e me lembra quantas vezes os mesmos acidentes aconteceram com outros navegantes que tentaram esse mar. Apesar de mim, ele me enche de alegres presságios. Até os marinheiros sentem o poder da sua eloquência. Quando ele fala, já não se desesperam, ele desperta suas energias e, enquanto ouvem sua voz, acreditam que essas vastas montanhas de gelo são montes de toupeiras que desaparecerão diante da firmeza dos homens. Esses sentimentos são transitórios, mas cada dia de expectativa frustrada os enche de medo, e eu quase receio um motim causado por esse desespero.

5 de setembro.

Acabou de acontecer uma cena interessante, mas tão incomum que, embora seja altamente provável que esses papéis nunca cheguem até você, mesmo assim não posso deixar de registrá-la.

Continuamos cercados por montanhas de gelo, ainda em perigo iminente de sermos esmagados em seus atritos. O frio é excessivo e muitos dos meus infelizes camaradas já encontraram um túmulo nessa cena de desolação. A saúde de Frankenstein tem piorado diariamente. Uma chama febril ainda cintila em seus olhos, mas ele está exausto e quando de repente é despertado por alguma atividade, rapidamente volta a seu aparente estado de inanição.

Eu mencionei em minha última carta o receio que sentia de um motim. Nessa manhã, enquanto observava o semblante empalidecido de meu amigo, apático, com os olhos semicerrados

e os membros decaídos, fui importunado por meia dúzia dos marinheiros que exigiam a entrada na cabine. Eles entraram, e o líder se dirigiu a mim, para dizer que ele e seus companheiros haviam sido escolhidos pelos outros marinheiros para virem em representação a mim, com o objetivo de fazerem uma petição que, por justiça, eu não poderia recusar. Estávamos imersos em gelo e provavelmente jamais escaparíamos. Eles temiam que, se acontecesse de o gelo se dissipar e uma passagem livre se abrir, eu tivesse arrojado a ponto de prosseguir viagem, levando-os a novos perigos depois de terem conseguido superar tantos outros. Insistiam, portanto, que eu me comprometesse com a solene promessa de que, se o navio fosse liberado, dirigiria imediatamente o meu curso para o sul.

Esse discurso me perturbou. Eu não estava desesperado e nem tinha ainda concebido a ideia de retornar se fosse liberado. No entanto, como poderia, por justiça, ou mesmo possibilidade, recusar tal exigência? Hesitei antes de responder. Foi quando Frankenstein, que a princípio se acalmara e na verdade parecia não ter forças suficientes para escutar, despertou. Seus olhos brilharam, suas bochechas coraram com um vigor instantâneo. Virando-se para os homens, ele disse:

– O que vocês querem dizer? O que pedem ao seu capitão? Será que vão desistir assim tão facilmente do projeto? Não chamaram essa expedição de gloriosa? E por que ela seria gloriosa? Não por ser um caminho calmo e tranquilo para os mares do sul, mas porque é uma rota cheia de perigos e de horrores, porque, a cada novo incidente, a bravura e a coragem de vocês será invocada e exigida, porque estão cercados por perigos e pela morte e devem enfrentá-los e vencê-los. Por isso, portanto, é glorioso; por isso essa empreitada é honrosa. Vocês serão saudados como benfeitores da sua espécie, seus nomes serão adorados como pertencentes a homens corajosos que enfrentaram a morte para honra e benefício da humanidade. Assim, eis que ao primeiro sinal imaginário de perigo, ou se preferirem, ao primeiro, poderoso e terrível julgamento da sua coragem, vocês se afastam e se contentam com o fato de retornarem como homens que não tiveram forças suficiente para suportar o frio e o perigo. Então, suas pobres almas sentiram frio e vocês voltaram para suas lareiras quentes. Porque isso não requer essa preparação. Não precisariam ter vindo até aqui e arrastado seu capitão para a vergonha de uma derrota, apenas para provarem que são covardes. Oh! Sejam homens, ou melhor, sejam mais do que homens. Sejam firmes em seus propósitos, firmes como uma rocha. Esses gelos não são feitos de coisas

como o coração de vocês é. São mutáveis e não os aguentarão se vocês disserem que não aguentam. Não voltem para as suas famílias com o estigma da desgraça marcado em suas sobrançelas. Voltem como heróis que lutaram e conquistaram e que não sabem o que é dar as costas ao inimigo.

Ele falou isso com uma voz tão modulada aos diferentes sentimentos expressos em seu discurso, com os olhos tão cheios de grandeza e heroísmo, que você consegue imaginar que aqueles homens ficaram comovidos? Todos se entreolharam e foram incapazes de responder. Então eu falei. Disse-lhes para que descansassem e considerassem o que havia sido apregoado e que eu não os levaria ainda mais para o norte se eles decididamente desejassem o contrário, mas que eu esperava que com a reflexão, a coragem deles voltasse.

Eles descansaram e eu me virei para o meu amigo, mas ele estava afogado no desânimo, quase privado de vida.

Não sei como tudo isso terminará, mas prefiro morrer a voltar vergonhosamente sem cumprir o meu propósito. No entanto, temo que tal seja o meu destino. Os homens não apoiados por ideias de glória e honra jamais poderão continuar a suportar as dificuldades atuais.

7 de setembro.

A sorte foi lançada. Consenti em regressar, se não formos destruídos. Assim, minhas esperanças foram arrasadas pela covardia e pela indecisão. Volto ignorante e desapontado. É preciso ter mais filosofia do que possuo para suportar essa injustiça com paciência.

12 de setembro.

Pronto, tudo acabado. Estou voltando para a Inglaterra. Perdi todas as esperanças de utilidade e glória, perdi o meu amigo, mas vou me esforçar para lhe expor em detalhes essas amargas circunstâncias, minha querida irmã. E enquanto estiver navegando para a Inglaterra e para você, não vou desanimar.

Em 9 de setembro, o gelo começou a se movimentar e ruídos semelhantes a trovoadas eram ouvidos a distância, conforme o gelo rachava em todas as direções e se dividia em ilhas. Estávamos no perigo iminente, mas como só podíamos permanecer passivos, minha principal atenção estava voltada para o meu desafortunado hóspede, cuja doença aumentou em tal grau que ele permanecia completamente confinado em sua cama. O gelo rachou atrás de nós e foi levado com força para o norte. Uma brisa soprou de oeste e no dia 11 a passagem para o sul tornou-se perfeitamente livre. Quando os marinheiros viram

isso e entenderam que o retorno à terra natal estava aparentemente garantido, uma algazarra alegre tomou conta deles por algum tempo. Frankenstein, que dormia, acordou e perguntou a causa do tumulto.

– Estão gritando – informei –, porque logo voltarão para a Inglaterra.

– Então você realmente vai voltar?

– Sim, não posso me obstar às demandas deles, não posso conduzi-los relutantes ao perigo, preciso voltar.

– Faça isso, se quiser. Eu não o farei. Você pode desistir do seu propósito, mas o meu foi determinado pelos céus e não eu me atreveria a desafiá-los. Estou fraco, mas certamente os espíritos que ajudam na minha vingança me darão forças suficientes.

Ao dizer isso, tentou sair da cama, mas o esforço foi muito grande. Ele caiu para trás e desmaiou.

Demorou bastante para ele ser reanimado e muitas vezes achei que sua vida estivesse completamente extinta. Por fim, ele abriu os olhos, mas respirava com dificuldade e não conseguia falar. O cirurgião deu-lhe um frasco de um remédio composto e mandou que o deixássemos em paz. Nesse meio-tempo, ele me disse que o meu amigo não sobreviveria por muitas horas.

A sentença condenatória foi pronunciada. Eu só podia sofrer e ser paciente. Sentei-me à cabeceira dele, observando-o. Seus olhos estavam fechados e achei que ele dormia, mas então ele me chamou com voz fraca, pedindo que me aproximasse e disse:

– Infelizmente a força com que eu contava se foi. Sinto que logo morrerei e ele, meu inimigo e perseguidor, ainda pode estar vivo. Não pense, Walton, que nos últimos momentos da minha existência sinto aquele ódio imenso e o desejo ardente de vingança que uma vez expressei, mas me sinto justificado em desejar a morte do meu adversário. Durante esses últimos dias, estive ocupado em examinar a minha conduta passada e não a considero condenável. Num acesso de loucura entusiástica, criei um ser racional, ao qual estive ligado para lhe assegurar, tanto quanto estava em meu poder, felicidade e bem-estar. Essa era a minha obrigação, mas havia outra também primordial: meus deveres para com os seres da minha própria espécie reclamavam mais a minha atenção, porque abrangiam maior proporção de felicidade ou miséria. Constrangido por essa visão, recusei-me a criar uma companheira para a primeira criatura, que demonstrou malignidade e egoísmo incomparáveis. Destruí meus entes queridos, dedicou-se à destruição de seres que possuíam sensações requintadas, felicidade e sabedoria. Nem sei quando essa

sede de vingança pode acabar. Miserável a seus próprios olhos por não conseguir fazer outro desgraçado, ele deve morrer. A tarefa de sua destruição era minha, mas eu falhei. Impulsionado por motivos egoístas e viciosos, eu lhe pedi que assumisse a minha obra inacabada. Agora, renovo-lhe esse pedido, motivado tão somente pela razão e pela virtude.

– Porém, não posso lhe pedir que renuncie a seu país e aos seus amigos para cumprir essa tarefa. Agora que está retornando para a Inglaterra, você terá poucas chances de se encontrar com ele, mas deixo para você a consideração desses pontos e o bom equilíbrio do que pode avaliar como seus deveres. Meu juízo e as minhas ideias já estão perturbados pela proximidade da morte. Não me atrevo a lhe pedir para fazer o que eu acho certo, pois você ainda pode ser enganado pela paixão.

– Que ele viva para ser um instrumento do mal me perturba. Em outros aspectos, essa hora em que espero o meu desenlace a qualquer momento é o único instante feliz de que desfruto há vários anos. As formas da amada morta passam fugazes diante de mim e eu me apresso para estar em seus braços. Adeus, Walton! Busque a felicidade tranquilamente e evite as ambições, mesmo que seja apenas aquela aparentemente inocente de se destacar na ciência e nas descobertas. Por que digo isso? Saio arrasado dessas esperanças, mas alguém pode ser bem-sucedido.

Enquanto falava, sua voz foi se tornando cada vez mais fraca, até que, por fim, e esgotado pelo esforço, ele mergulhou em silêncio. Cerca de meia hora depois, tentou falar de novo, mas não conseguiu, mas apertou a minha mão com extrema fraqueza. Então, os seus olhos se fecharam para sempre, enquanto a irradiação de um sorriso gentil escapava de seus lábios.

Margaret, que comentário posso fazer sobre a extinção intempestiva desse espírito glorioso? O que posso dizer que lhe permita compreender a profundidade da minha tristeza? Tudo o que eu deveria expressar seria inadequado e frágil. Minhas lágrimas fluem. Minha mente está ofuscada por uma nuvem de desapontamento, mas estou a caminho da Inglaterra, onde posso encontrar consolação.

Estou sendo interrompido. O que significam esses sons? É meia-noite, a brisa sopra com razoável força e o relógio no convés mal se agita. Novamente, escuto um som parecido com o de uma voz humana, mas bem mais rouco. Vem da cabine onde ainda jazem os restos mortais de Frankenstein. Preciso me levantar e examinar. Boa noite, minha irmã.

Meu Deus! Que cena acabou de acontecer! Estou ainda tonto com a lembrança dela. Eu mal sei se terei o poder de detalhá-la. Contudo o relato que registrei seria incompleto sem essa catástrofe final e maravilhosa.

Entrei na cabine onde estavam os restos mortais do meu admirável, apesar de malfadado, amigo. Sobre o caixão se inclinava alguma coisa que não consigo encontrar palavras para descrever. Era um ser gigantesco em estatura, mas grosseiro e distorcido em proporções. Enquanto estava inclinado, seu rosto ficava escondido por longas mechas de cabelos esfarrapados, mas a mão enorme se estendia, em cor e textura aparentemente iguais às de uma múmia. Quando escutou o som da minha aproximação, ele parou de proferir exclamações de dor e horror e saltou em direção à janela. Jamais vi nada tão horroroso quanto sua face, totalmente repugnante, repulsiva e hedionda. Fechei os olhos involuntariamente e esforcei-me por lembrar quais seriam os meus deveres com relação a esse destruidor. Pedi a ele que ficasse.

Ele parou, olhou para mim admirado e voltou-se novamente para a forma sem vida de seu criador, parecendo esquecer a minha presença. Cada traço e cada gesto dele pareciam instigados pela mais selvagem raiva de alguma paixão incontrolável.

– Ele também é minha vítima – declarou. – Com o seu assassinato os meus crimes estão consumados. A linhagem desgraçada do meu ser está ferida de morte! Oh, Frankenstein, ser generoso que sacrificou a si próprio. Do que vale agora lhe pedir perdão? Eu, que o destruí irremediavelmente, aniquilando tudo o que você amava. Que pena! Ele está frio, não pode me responder.

Sua voz parecia sufocada e o meu primeiro impulso, que me sugeria o dever de obedecer ao pedido do meu amigo moribundo de destruir seu inimigo, ficou então em suspenso por uma mistura de curiosidade e compaixão. Eu me aproximei daquele ser medonho. Não ousei voltar a erguer os olhos para seu rosto. Havia algo de muito assustador e sobrenatural em sua feiura. Tentei falar, mas as palavras sumiram em meus lábios. O monstro continuou a proferir autocensuras selvagens e incoerentes. Por fim, tomei a decisão de me dirigir a ele durante uma pausa em seu drama tempestuoso:

– O seu arrependimento – eu disse – agora é supérfluo. Se você tivesse ouvido a voz da consciência e se tivesse prestado atenção ao remorso antes de levar a sua diabólica vingança a esse extremo, Frankenstein ainda estaria vivo.

– Está sonhando – respondeu o demônio. – Então você não acha

que estou morto de agonia e remorso?

Apontando para o cadáver, ele continuou.

– Ele não sofreu na consumação do ato. Oh! Nem a décima milésima parte da angústia que foi minha durante o persistente detalhamento de sua execução. Um espantoso egoísmo me apressou, enquanto o meu coração estava envenenado com remorsos. Você acha que os gemidos de Clerval eram música para os meus ouvidos? O meu coração foi moldado para ser suscetível a amores e amizades. Quando foi deturpado pela desgraça do vício e do ódio, não sofreu a violência dessa mudança sem tormentos que você nem pode imaginar.

– Depois do assassinato de Clerval, voltei para a Suíça com o coração partido e derrotado. Compadecei-me de Frankenstein. Minha piedade transformou-se em horror. Eu me aborrecia, mas quando descobri que ele, o autor de minha existência e dos seus tormentos indescritíveis, ousava esperar pela felicidade, enquanto eu acumulava desgraça e desespero sobre mim e que ele buscava o seu próprio desfrute nos sentimentos e nas paixões da indulgência, algo que para mim seria sempre proibido, a inveja impotente e a indignação amarga me encheram de uma sede insaciável de vingança. Lembrei da minha ameaça e decidi que deveria executá-la. Sabia que estava preparando um tormento mortal para mim, mas eu era o escravo e não o mestre de um impulso que detestava, mas não podia desobedecer. E mais ainda quando ela morreu! Não, então eu não era um desgraçado. Eu tinha rejeitado todos os sentimentos e subjugado toda angústia, amotinado no excesso do meu desespero. A partir de então, o mal se tornou o meu bem. Compelido dessa maneira, não tive escolha senão adaptar a minha natureza a um elemento que eu tinha escolhido de bom grado. A consecução do meu projeto demoníaco se tornou uma paixão insaciável, mas agora está acabado. Essa é minha última vítima!

Fiquei tocado a princípio pelas expressões de sua desgraça. No entanto, quando me lembrei do que Frankenstein dissera de seus poderes de eloquência e persuasão e quando novamente olhei para o corpo sem vida do meu amigo, a indignação tomou conta de mim.

– Desgraçado – eu disse. – É bom que você venha aqui lamentar a desolação que fez. Você joga uma tocha numa enorme pira sacrificial e depois que ela é consumida pelo fogo, senta-se no meio das ruínas e lamenta o infortúnio. Demônio hipócrita! Aquele que você pranteia ainda estaria vivo, mesmo que fosse o alvo, ainda que novamente se tornasse a presa de sua maldita vingança. Não é piedade o que você sente. Você lamenta apenas porque a vítima da sua malignidade foi

retirada de seu poder.

– Ora, não é isso, não mesmo – interrompeu-me a criatura. – Embora talvez seja essa a impressão transmitida a você sobre o que parece ser o significado das minhas ações. Apesar disso, não busco uma compreensão condescendente da minha desgraça. Jamais encontrarei qualquer compaixão. A princípio, procurei amar a virtude, por causa dos sentimentos de felicidade e afeição que transbordavam em todo o meu ser. Era disso que eu desejava tomar parte, mas agora que a virtude se tornou para mim uma sombra, que a felicidade e a afeição se transformaram num desespero amargo e repugnante, de que me valeria conquistar simpatia de alguém? Estou satisfeito por sofrer sozinho enquanto os meus sofrimentos persistirem. Estou muito satisfeito com o fato de que a repulsa e a vergonha carregarão a minha memória. Um dia, minha imaginação foi embalada em sonhos de virtude, fama e prazer. Um dia, alimentei falsas esperanças de me encontrar com seres que, perdendo a minha forma exterior, me amariam pelas excelentes qualidades que eu era capaz de demonstrar. Fui nutrido com altos pensamentos de honra e devoção, mas agora o crime me degradou abaixo do animal mais mesquinho. Nenhuma culpa, nenhuma injúria, nenhuma malignidade, nenhuma miséria, podem ser comparadas às que me assolam. Quando percorro o espantoso catálogo dos meus pecados, não posso acreditar que eu seja a mesma criatura cujos pensamentos eram cheios de visões sublimes e transcendentais da beleza e majestade da bondade, mas é assim mesmo. O anjo caído se torna um diabo maligno. Porém, mesmo esse inimigo de Deus e dos homens tinha amigos e companheiros em sua desolação, mas eu estou sozinho.

“Você, que chama Frankenstein de amigo, parece ter conhecimento dos meus crimes e dos infortúnios dele, mas nos pormenores que ele lhe deu, não pode acrescentar as horas e os meses de miséria que sofri, desperdiçados em paixões impotentes. Porque, quando destruí as esperanças dele, eu não satisfazia os meus próprios desejos, que eram eternamente ardentes e ávidos. Embora eu almejasse amor e companheirismo, ainda assim era desprezado. Não havia injustiça nisso? Somente eu devo ser considerado criminoso quando toda a humanidade pecava contra mim? Por que você não odeia Felix, que me expulsou de sua porta com insolência? Por que não execra o ignorante que tentou destruir o salvador de seu filho? Não! Eles são seres virtuosos e imaculados. E eu, desgraçado e abandonado, sou um aborto que deve ser desprezado, chutado e pisoteado. Ainda agora, meu sangue ferve com a lembrança dessa injustiça.

“Mas é verdade que eu sou um miserável. Assassinei quem era adorável e quem era indefeso. Estranglei o inocente enquanto ele dormia e esganei até a morte sua garganta que jamais feriu a mim ou a qualquer outra coisa. Dediquei à miséria o meu criador, o espécime seleta de tudo o que é digno de amor e admiração entre os homens. Persegui-o até mesmo a essa irremediável ruína. Aqui ele jaz, branco e frio, na morte. Você me odeia, mas o seu aborrecimento não pode se equiparar àquele com que vejo a mim mesmo. Contemplo as mãos que executaram a façanha, penso no amor com que a imaginação dela foi concebida e anseio pelo momento em que essas mãos encontrarão os meus olhos, quando essa imaginação não assombrar mais os meus pensamentos.

“Não temas que eu seja o instrumento do mal futuro. Minha obra está quase concluída. A não ser a minha, nem a sua morte e nem a de qualquer outro homem serão necessárias para consumir a consecução do meu ser e para realizar o que deve ser feito. Não pense que vou demorar a fazer este sacrifício. Vou deixar o seu navio na balsa de gelo que me trouxe até aqui e buscar a extremidade mais ao norte do globo. Vou construir minha pira fúnebre e consumir até as cinzas essa desgraçada carcaça, para que seus restos não forneçam luz a qualquer curioso desavisado e indigno, que criaria outro ser como eu. Morrerei. Não sentirei mais as agonias que agora me consomem, nem serei prisioneiro de sentimentos insatisfeitos. Está morto aquele que me chamou para existir. E quando eu também me for, a lembrança de nós dois desaparecerá rapidamente. Não mais verei o sol e nem as estrelas. Não sentirei os ventos tocarem o meu rosto. A luz, os sentimentos e as sensações serão afastadas. E nessa circunstância eu devo encontrar felicidade. Há alguns anos, quando as imagens desse mundo se abriram para mim pela primeira vez, quando sentia o calor reconfortante do verão, ouvia o sussurro das folhas e o gorjeio dos pássaros, isso era tudo para mim e eu teria chorado ao morrer, mas agora a morte é o meu único consolo. Contaminado por crimes e moído pelos mais amargos remorsos, onde encontraria descanso senão na morte?

“Adeus! Vou deixar você como o último ser do tipo humano a quem esses olhos jamais verão. Adeus, Frankenstein! Se você ainda vivesse e mesmo assim tivesse o desejo de vingança contra mim, teria sido melhor saciado na minha vida do que na minha destruição, mas não foi assim. Você buscou a minha extinção para que eu não causasse maiores desgraças. E mesmo que fosse assim, de algum modo desconhecido para mim, você não deixaria de pensar e sentir, não

deixaria de querer contra mim uma vingança maior do que a que eu sinto. Explosiva como a sua, minha agonia era ainda maior, pois o amargo ferrão do remorso não cessará de me cutucar as feridas até que a morte as feche para sempre.

“Pois logo morrerei – ele gritou com um entusiasmo ao mesmo tempo triste e solene. – O que eu sinto agora não será mais sentido. Logo essa desgraça ardente será extinta. Subirei triunfalmente na minha pira funerária e exultarei na agonia das chamas tormentosas. A luz desse incêndio se extinguirá, minhas cinzas serão varridas para o mar pelos ventos, meu espírito dormirá em paz, ou se pensar, com certeza não pensará mais assim. Adeus!”

Ao dizer isso, ele pulou pela janela da cabine sobre a jangada de gelo que estava perto do navio. Logo ele foi levado pelas ondas e se perdeu na escuridão e na distância.

Gaston Leroux



O FANTASMA DA ÓPERA



Principis

O Fantasma da Ópera

Leroux, Gaston

9786555520224

160 páginas

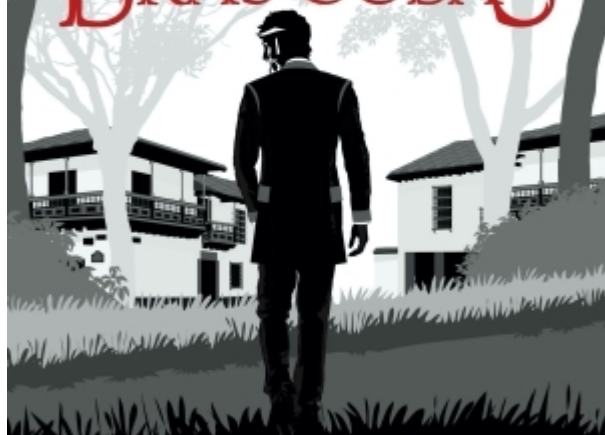
[Compre agora e leia](#)

Uma criatura enigmática e mascarada perambula pela Ópera de Paris, levantando rumores entre os artistas e funcionários que ali frequentam. Acontecimentos assustadores fazem com que a direção do teatro considere que um Fantasma realmente assombra o lugar. A misteriosa figura mascarada passa a visitar Christine Daaé, uma jovem cantora lírica, e dá a ela lições de canto, planejando transformá-la na prima-dona da Ópera de Paris e seduzi-la. A jovem acredita que a voz que ouve é do Anjo da Música que a fará triunfar e então sela com ele um pacto. Terror, ciúmes, traição e tragédia, permeiam a relação do gênio da música e Christine.

[Compre agora e leia](#)

MACHADO DE ASSIS

MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE
BRÁS CUBAS



TEXTO INTEGRAL
QUESTÕES DE VESTIBULAR
COMENTADAS



Principis

Memórias Póstumas de Brás Cubas

de Assis, Machado

9786555520422

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Com essas palavras, o narrador de Memórias Póstumas de Brás Cubas resume a sua vida. O tom assumido na obra, bem como as técnicas empregadas na composição romanesca, são alguns dos fatores que justificam o lugar de Machado de Assis entre os maiores escritores do século XIX. Nesse romance repleto de digressões filosóficas, o escritor se vale da posição privilegiada de Brás Cubas, que, como defunto autor, narra as suas desventuras e revela as contradições da sociedade brasileira do século XIX, especialmente por meio da análise aprofundada da psicologia das personagens.

[Compre agora e leia](#)



A Divina Comédia

Alighieri, Dante

9786555520088

720 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Divina Comédia é um poema clássico da literatura italiana e mundial com características épica e teológica, escrito por Dante Alighieri no século XIV período renascentista e dividido em três partes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. São cem cantos protagonizados pelo próprio Dante em companhia do poeta romano Virgílio , que percorreu uma jornada espiritual pelos três reinos além-túmulo.

[Compre agora e leia](#)

MACHADO DE ASSIS

Dom Casmurro



Dom Casmurro

de Assis, Machado

9786555520385

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Dom Casmurro, o narrador Bento Santiago retoma a infância que passou na Rua de Matacavalos e conta a história do amor e das desventuras que viveu com Capitu, umas das personagens mais enigmáticas e intrigantes da literatura brasileira. Nas páginas desse romance, encontra-se a versão de um homem perturbado pelo ciúme, que revela aos poucos sua psicologia complexa e enreda o leitor em sua narrativa ambígua acerca do acontecimento ou não do adultério da mulher com olhos de ressaca. Ao narrar a relação entre Bento, Escobar e Capitu, Machado de Assis cria uma das maiores polêmicas da literatura brasileira.

[Compre agora e leia](#)

A DIVINA COMÉDIA
INFERNO
DANTE ALIGHIERI

TRADIÇÃO JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO



A Divina Comédia - Inferno

Alighieri, Dante

9786555520095

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Divina Comédia é um poema clássico da literatura italiana e mundial com características épica e teológica, escrito por Dante Alighieri no século XIV período renascentista e dividido em três partes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. São cem cantos protagonizados pelo próprio Dante em companhia do poeta romano Virgílio , que percorreu uma jornada espiritual pelos três reinos além-túmulo. O Inferno é descrito em 34 cantos com cerca de 140 versos cada um. Virgílio, o grande poeta romano, autor de Eneida, surge para guiar Dante pelo inferno e o purgatório em direção ao paraíso. Antes de encontrar Virgílio, ele estava numa selva escura.

[Compre agora e leia](#)